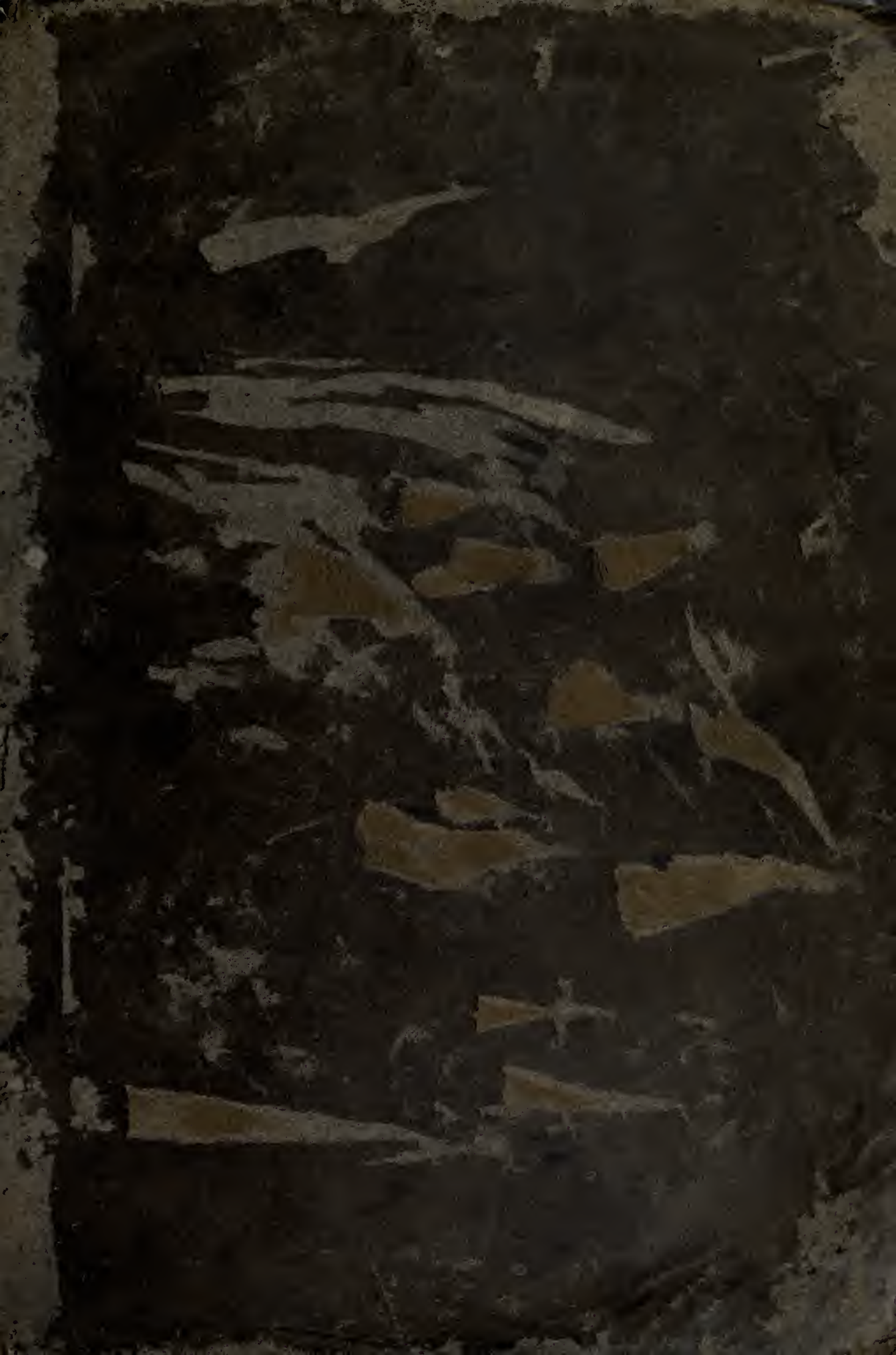


RB138, 680

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Dr. Antonio Gomes
Da Rocha Madahil

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SEBASTIÃO

DECIMOSEXTO REY DE PORTUGAL;

COMPOSTA

POR D. MANOEL DE MENEZES,

Chroniſta mòr do Reyno, e General da Armada Real, &c.

PRIMEIRA PARTE,

Que contém os ſucceſſos deſte Reyno, e Conquiſtas em ſua menoridade.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR.

LISBOA OCCIDENTAL,

NA OFFICINA FERREYRIANA.

M. DCC. XXX.

Com todas as licenças neceſſarias.

José Maria da Fonseca e Silva.

CERONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SEBASTIAO

DECIMOSEXTO REY DE PORTUGAL;

COMPOSTA

POR D. MANOEL DE MENEZES

Chronista mór do Reyno, e General da Armada Real, &c.

PRIMEIRA PARTE.

Que contém os successos deste Reyno, e Conquistas em sua menoridade.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREY

D. JOAO V.

NOSSO SENHOR.

LISBOA OCCIDENTAL

NA OFFICINA FERREYRIANA

SENHOR.

Os Reaes pès de Voſſa Mageſtade reverentemente proſtrado offereço a primeira Parte da Chronica do muito alto, e magnanimo Rey D. Se-

Sebaſtiaõ de ſaudoſa memoria, compoſta pelo Chroniſta mòr do Reyno D. Manoel de Menezes, a qual com incanſavel trabalho accreſcentey, pondo-a pela ordem Chronologica daquelles tempos, deſde o dia em que foy o ſeu felice, e deſejado naſcimento, atè empunhar o o Sceptro, que depois regeo. Nella verà Voſſa Mageſtade a variedade dos ſucceſſos, e o que obrou o valor naquelle ſeculo, com a lealdade dos Portuguezes; pois vendo elles ao Sereniſſimo Rey D. Sebaſtiaõ debaixo da tutela da Sereniſſima Rainha Dona Catharina ſua avò, que governava eſtes Reynos na ſua menoridade; e que pelas ſuas acçoens jà dava à conhecer o invencivel de ſeu coraçaõ, pois todo o ambito da terra ſeria pouco para conquiſtar: à ſua imitaçaõ ſe avantajaraõ todos ſeus Vaſſallos, fazendo reſpeitar o nome Portuguez nas quatro partes do Mundo, jà na paz obrando com o conſelho, jà na guerra cortando com a eſpada, e ainda nas partes mais remotas deſte Luſitano Império, introduzindo a palavra de Deos nos vaſtos Dominios, que Voſſa Mageſtade impera.

Neſte glorioſo governo, em que Voſſa Mageſtade domina nos coraçoens de ſeus leaes Vaſſallos, ſe vèm excedidas todas eſtas felicidades, aſſim na tranquilidade da paz, em que nos conſerva, como na recta Juſtiça, que nos adminiſtra, e na magnanimidade de ſeu generoſo animo faz todas as ſuas glorioſas acçoens eternizadas para toda a poſteridade, como jà deſde agora venera, reſpeita, e confeſſa todo o Univerſo.

Eſpero do Regio animo com que Voſſa Mageſtade ampara as letras, ſe digne de aceitar eſta Chronica debaixo da ſua Real protecçaõ, para que animado da ſua generoſa propençaõ poſſa dar à luz as mais Chronicas dos Reaes Predeceſſores de Voſſa Mageſtade. Guarde Deos a Real peſſoa de Voſſa Mageſtade muitos annos, &c.

MIGUEL LOPES FERREIRA.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES,

QUARTO CONDE DA ERICEIRA, DO CONCELHO de Sua Mageſtade, Sargento mór de Batalha dos ſeus Exercitos, Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Perpetuo Senhor da Villa da Ericeira, e Senhor de Anciaõ, oitavo Senhor da Caſa do Louriçal, Commendador das Commendas de Santa Chriſtina de Sarzedello, de S. Cypriano de Angueira, S. Martinho de Frazaõ, S. Payo de Fragoas, de S. Pedro de Elvas, e de S. Bartholomeu de Covilhãa todas na Ordem de Chriſto, Academico, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

MEU Senhor. Buſco a Voſſa Excellencia como a Oraculo deſte noſſo Hemisferio Luſitano, naõ para o conſultar, mas ſim para lhe pedir queira Voſſa Excellencia pôr na preſença de Sua Mageſtade a Primeira Parte da Chronica do Senhor Rey D. Sebaſtiaõ; porque conhecendo

todos a vastidaõ das Sciencias, com que Vossa Excellencia illustra este Reyno; que parece quiz a Providencia Divina vincular na pessoa de Vossa Excellencia todas estas perfeiçoens para o fazerem unico em todas as materias, prendas estas taõ relevantes com que a natureza ornou a pessoa de Vossa Excellencia, que desde a idade de sete annos já Vossa Excellencia fallava todas as linguas com tanta perfeiçaõ, e agilidade, como se fora nacional de cada huma. Se buscarmos o sangue que anima a Vossa Excellencia, o veremos todo Real derivado da illustrissima Familia dos Menezes, como he constante em todos os Genealogicos, desde o Conde D. Pedro, e em todos os Historiadores, e o que he mais nos titulos, e Privilegios que se conservaõ nos Reaes Archivos de Simancas em Castella, da Torre do Tombo em Portugal, e em outros dos mais acreditados, que a Casa de Vossa Excellencia se deriva de D. Pedro Bernardo de S. Fagundo, Rico Homem em terra de Campos, e Senhor de muitas terras, de que seu filho D. Tello Peres de Menezes, Senhor de Madrid, e de muitas Cidades, foy o primeiro que tomou este appellido, de que a Villa de Menezes he o Solar, e de que os Reys de Castella saõ Senhores, por herdarem esta sua Corte, e outras Provincias, como parentes mayores da Casa de Menezes, pelo casamento do Infante D. Affonso de Molina, irmaõ delRey S. Fernando o III. com Dona Mayor Affonso de Menezes herdeira da primeira linha desta grande Casa, e floreceo D. Pedro Bernardo, decimoquinto avô de Vossa Excellencia, pelos annos de 1050. em que confirmou muitos Privilegios. Muitos entendiaõ que D. Pedro Bernardo tinha a Varonia dos Telles, que já no anno de 700. tinhaõ por tronco a Senior Tello; porèm depois de D. Pedro de Brito Coutinho no Memorial da Casa de Tarouca mostrou D. Luiz de Salazar e Castro insigne Historiador, e Genealogico com todas as provas q̃ podem dar os Patronimicos tirados dos Privilegios originaes, que D. Pedro Bernardo descendia por Varonia delRey D. Fruella II. de Leaõ, que morreo no anno de 924. e da Rainha Dona Nunilo Ximena, filha de D. Sancho VI. Rey de Navarra; e deste Rey D. Fruella era quinto neto D. Pedro Bernardo. A ElRey D. Fruella deduzem a Varonia os melhores Genealogicos desde ElRey Theodoredo Rey dos Godos de Hespanha, que morreo no anno de 451. que dizem que descendia delRey Baltho, que floreceo 1331. annos antes da vinda de Christo. Era D. Fruella neto decimosetimo de Theodoredo, e contandose nesta fórma a Varonia de Vossa Excellencia, he trigesimonono neto com avôs conhecidos delRey Theodoredo. Se o referido D. Luiz de Salazar naõ tivera escrito em cinco volumes a Historia da Casa dos Menezes q̃ com impaciencia esperamos se imprima com os Privilegios originaes, que lhe servem de provas, muito pudera-mos dizer da grandeza desta Casa, só apontaremos que tres vezes os Reys de Castella, e Portugal buscaraõ filhas suas para Rainhas, descendendo por muitas linhas deste esclarecido tronco, e os Menezes por infinitas saõ descenden-

tes

tes deſtes, e outros Reys de quem Voſſa Excellencia ſe deriva, e o que he mais, de vinte e oito Santos, e Santas Canonizados, e Beatificados. Na Caſa de Voſſa Excellencia ſe conſerva a grandeza, ou com o titulo de Ricos Homens, ou com outros, naõ hvendo tempo algum, em que ſe naõ achem Grandes da Familia dos Menezes; porèm tendo havido na ſua Varonia trinta e ſeis titulos de Duques, Marquezes, e Condes em Portugal, e Caſtella, he Voſſa Excellencia o unico em toda Heſpanha dos q̃ conſervaõ o titulo, e grandeza com Varonia infallivel até D. Pedro Bernardo, e o primeiro Conde que ouve em Portugal na fórma em que hoje o ſaõ, foy D. Joaõ Affonſo Tello de Menezes, Conde de Barcellos, feito por ElRey D. Diniz no anno de 1298.

Muitos volumes me ſeriaõ neceſſarios para fazer memoria dos Varoens illuſtres em armas, e letras, em lugares politicos, e em virtudes, que tem havido neſta Caſa; ſó referirey a obſervaçaõ que em outro lugar imprimi, de que os ultimos parentes de Voſſa Excellencia, e aſcendentes ſeus tem eſcrito em diverſas materias cem volumes, e de que nem hum ſó aſcendente de Voſſa Excellencia deixou de ſervir na guerra com grande reputaçaõ, que em Voſſa Excellencia, e no Senhor Conde D. Luiz de Menezes ſeu filho, e nos Senhores Condes D. Luiz, e D. Fernando pay, e avó de Voſſa Excellencia temos viſto glorioſamente deſempenhada.

Sendo as Varonias illuſtres em todas as naçoens a mayor prova da Nobreza pois até nas letras Sagradas ſe referem ſó as ſucceſſoens de pay a filho, naõ he a Caſa de Voſſa Excellencia, ſó illuſtriſſima entre todas as de Heſpanha, como diz da dos Menezes D. Luiz de Salazar; porém he igual por todos os lados, nas eſclarecidas alianças, pois em ſeus netos de Voſſa Excellencia ſe enchem as arvores de coſtado de ſetimos avôs por todos os lados, que ſaõ as provas mais rigoroſas de Alemanha; as quaes faz em França entre muito poucas Familias a de Rohan dos Principes de Sobiſe herdeiros legitimos do Ducado de Bretanha, e que caſaraõ com Infantas de França, Navarra, e Eſcocia, e entraraõ na Caſa de Voſſa Excellencia com o mais ſangne illuſtre dos Excellentiſſimos Condes da Ribeira, e igualmente pelo caſamento de Voſſa Excellencia com a Excellentiſſima Senhora Condeſſa Dona Joanna Magdalena de Noronha, em quem ſe uniraõ todas as virtudes, e perfeiçoens às illuſtres Familias da Caſa de Sarzerdas, Sylva, e Linhares, e pela Excellentiſſima Senhora Condeſſa DonaJoanna de Menezes mãy de Voſſa Excellencia [e em tudo unica] a herança daCaſa da Ericeira, e duas vezes o ſangue dos Excellentiſſimos Condes de Atouguia, dos Saldanhas Senhores do Morgado de Oliveira, e até que a Caſa de VoſſaExcellencia ſe ſeparou em D. Fernando deMenezes da Caſa de Cantanhede ſe contaõ outros caſamentos igualmente illuſtres, ſendo o tanto os deſta Caſa, que em todos os trinta e nove aſcendentes de Voſſa Excellencia ſe conhecem as Familias de que deſcendem as Senhoras deſta grande Caſa.

Per-

Permittame a grandeza de Voſſa Excellencia, e a urbanidade de ſeu generoſo coraçaõ, que neſta Dedicatoria trate ſó, e com brevidade da ſua illuſtriſſima aſcendencia, e que devida por outros Livros as mais circunſtancias que tenho que ponderar nas muitas que concorrem na Excellentiſſima peſſoa de Voſſa Excellencia. Guarde Deos a Voſſa Excellencia muitos annos., &c.

B. ás mãos de Voſſa Excellencia.

Seu criado

MIGUEL LOPES FERREIRA.

PRO;

PROLOGO.

DEpois que mandey imprimir naõ ſem trabalho as ſeis primeiras Chronicas dos noſſos Reys, e acabey com a delRey D. Diniz, como já eſtava impreſſa a delRey D. Affonſo IV. que eſcreveo o Chroniſta mór Ruy de Pina, e que tambem hey de tornar a imprimir emendada, para continuar com a delRey D. Pedro I. e D. Fernando, a que ha de ſeguirſe a delRey D. Joaõ o I. que tambem corria jà impreſſa em dous volumes por Fernaõ Lopes, Authors de algumas das outras com o terceiro da Conquiſta de Ceuta, por Gomes Eannes de Azurara. Tenho jà approvadas as Chronicas delRey D. Duarte, D. Affonſo V. e a delRey D. Joaõ o II. do meſmo Ruy de Pina, a que ſe ſeguirà Garcia de Reſende com todas as ſuas Obras, reimprimindo a Chronica delRey D. Manoel de Damiaõ de Goes, e a delRey D. Joaõ o III. de Franciſco de Andrada. Todas eſtas Hiſtorias foraõ conferidas com as que exiſtem na Torre do Tombo, e com outros manuſcritos, emendandoſe tambem as impreſſas; e ſahindo à luz ao meſmo tempo muitas Relaçoens, Epitomes, e Deſcobrimentos pertencentes á Hiſtoria de Portugal.

Dey razaõ deſte grande intento por evitar á curioſidade publica o temor de que vendo imprimir a Chronica delRey D. Sebaſtiaõ, imaginaſſe, que eu me deſobrigava de atar o fio das outras Hiſtorias, que com eſta ſe interrompiaõ. Porèm como ainda q̃ ſaõ raras, e difficeis de achar as outras Chronicas, aſſim deſtes, como de outros Authores, correm a mayor parte impreſſas, entendi que ſeria mais agradavel antecipar as memorias deſte grande, infelice, e deſejado Rey em quanto naõ vemos as Memorias, que nos promette da ſua vida o Reverendo Abbade Diogo Barboſa Machado, que com mais ordem, elegancia, e averiguaçaõ deſempenhará a eleiçaõ, que fez de taõ digno Academico a Academia Real da Hiſtoria Portugueza, a quem ſe dirige todo o noſſo trabalho.

No titulo deſta Primeira Parte atribuo a D. Manoel de Menezes eſta Hiſtoria; e o fundamento que tive, foy dizer D. Franciſco Manoel,

e outros Authores, que este tão excellente no sangue, como no valor, e erudiçaõ, com q̃ acreditou os dous empregos tão distantes de General da Armada, e Chronista mór, escrevera em estylo seco esta Chronica, e participandome o Conde da Ericeira, a quem devo muitos dos documentos, de que as duas partes deste livro se illustraõ, hum volume, que achou na admiravel Livraria de Joseph de Faria, Secretario de Estado, e Guarda mòr da Torre do Tombo, com o titulo de *Historia Chronologica de Portugal*, sem nome de Author, naõ duvidey que fosse a de D. Manoel de Menezes, assim porque Joseph de Faria nos seus admiraveis, e verdadeiros Tratados Genealogios, allega muitas vezes este Author, e a Historia que escreveo da sua esclarecida Familia, como porque ainda que os Criticos arguaõ, que o estylo desta Historia naõ he taõ elevado como o de outras obras de D. Manoel de Menezes, concorda com a definiçaõ, que faz D. Francisco Manoel, que era seu contemporaneo, e se communicavaõ ambos, e sabia julgar muito bem de estylos, e sempre taõ grande nome, ainda que seja por conjectura, authoriza este titulo, e estimarey muito que me convençaõ, apparecendo o original, e naõ nego que introduzi pela mesma ordem Chronologica entre os capitulos daquelle livro todos os successos de que pude alcançar noticia pelos instrumentos manuscritos mais fidedignos, e pelos Authores impressos mais acreditados.

D. Francisco Manoel Epanaphoras p. 266.

De huns, e outros foraõ os principaes para ambos os volumes dous Tomos de papeis antigos, que juntou o Marquez de Castel-Rodrigo, e saõ parte dos doze, que o Conde da Ericeira conserva na sua Livraria, de donde tambem extrahi huns Annaes de Lisboa, desde o anno de 1565. atè o fim do anno de 1628. A chamada Chronica do Padre Amador Rebello, que he muito breve, a jornada de Africa de Jeronymo de Mendoça, e outras de varios Authores Castelhanos, e Italianos, hum dos Dialogos de Miguel Leitaõ de Andrada, de quem determino imprimir outra vez a Miscelanea; as Decadas de Diogo de Couto; as Asias de Manoel de Faria, a Historia do Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide, por Antonio Pinto Pereira, e outras Historias da India, impressas, e manuscritas. Para os successos de Africa, de mais das Relaçoens da batalha, me vali da breve Historia de Africa de Manoel de Faria, da Historia de Tangere, que elegantemente escreveo na lingua Portugueza o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes do Concelho de Estado; de huma Historia de Arzila, de que o Conde da Ericeira tem o original; da Historia do cerco de Mazagaõ de Pedro Gavy, e de outras Relaçoens do mesmo sitio; e para a America, e Ilhas, do Padre Simaõ de Vasconcellos, Gaspar Furtuoso, e outros Escritores, assim impressos, como manuscritos.

Algu-

Algumas vezes acharàs os ſucceſſos das Conquiſtas antepoſtos, e poſpoſtos huns aos outros, e aos de Europa, o q̃ fiz de propoſito, por naõ truncar as materias, que pela mayor parte vaõ reſumidas, e por iſſo ſe ajuntaraõ todos os ſucceſſos de cada governo, ou guerra continuada.

Comprehende eſta Primeira Parte deſde os ultimos tempos delRey D. Joaõ o III. de quem dou huma noticia preliminar, atè q̃ ElRey D. Sebaſtiaõ principiou a governar o Reyno, depois das regencias da Rainha Dona Catharina ſua avó, e do Infante Cardeal D. Henrique ſeu tio, em quem a Rainha tinha cedido o governo.

Na Segunda Parte, que ſe principia a imprimir ſe achará todo o governo delRey D. Sebaſtiaõ, livre jà das tutelas, atè a funeſta batalha de Africa, referindo depois della as triſtes conſequencias daquella fatalidade. Em outro volume ſe ha de ſeguir pelo meſmo methodo a Chronica do Cardeal Rey D. Henrique.

O tempo, em que ſe introduziraõ os tres Reys de Caſtella D. Filippe II. III. e IV. naõ tem Hiſtoriador particular em Portugal, e ainda que eu quizera formar deſtes ſeſſenta annos huma Hiſtoria, tirada da de Heſpanha, e outros Reynos, de muitos inſtrumentos originaes, das ultimas Decadas de Couto, e de Antonio Bocarro, e de algumas Relaçoens, naõ me atrevo a promettella ſe o deſejo dos curioſos me naõ animar com as ſuas inſtancias para que encadee eſta porçaõ de Hiſtoria, com as que tenho dado á luz, de que nunca me atrevi a chamar Author, ſenaõ Compilador do que os outros jà tinhaõ eſcrito.

A Hiſtoria delRey D. Joaõ o IV. Militar, e Politica corre com a aceitaçaõ que merece, nos dous volumes de *Portugal Reſtaurado*, que admiravelmente eſcreveo o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, grande na penna, e grande na eſpada, e igual na direcçaõ dos negocios politicos; porèm como o ſeu aſſumpto o naõ obrigava a eſcrever os ſucceſſos particulares da vida delRey, q̃ he tambemo aſſumpto das Chronicas, entendo que naõ ſerà deſagradavel a impreſſaõ dos dous Tomos, que compoz o Chroniſta môr Fr. Rafael de Jeſus, da Ordem de S. Bento, que contêm muitas noticias particulares, que ſe naõ achaõ no *Portugal Reſtaurado.*

Eſtes ſaõ (Leitor) os motivos, que tive para eſta numeroſa colecçaõ da Hiſtoria antiga de Portugal, que me naõ moveo o intereſſe, ſenaõ o zelo de ſervir a Patria, animado pela Auguſta, e generoſa protecçaõ delRey D. Joaõ o V. que felizmente nos governa, e he igualmente Grande em todas as qualidades, que conſtituem hum Principe perfeito.

Vale.

LICEN.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvaçaõ do M. R. P. Manoel Conſciencia da Congregaçaõ do Oratorio, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Eminencia li eſta Chronica do Sereniſſimo, e ſempre ſaudoſo Senhor Rey de Portugal D. Sebaſtiaõ, compoſta por D. Manoel de Menezes Chroniſta mór daquelles tempos, e a qual agora accreſcentada ſe pertende dar á eſtampa. Nada deſcobri neſte livro, q̃ lhe impida o ſer juſtiſſimo acrédor da publicaçaõ, que tanto lhe merece a qualidade do ſeu Author, e a utilidade do ſeu aſſumpto. O Author eſcreveo com eſtylo grave, claro, e ſyncero, ſem faltar ás noticias importantes, ſem divertirſe em digreſſoens importunas, nem ferir com palavras mordazes o que eſtranha, ou hyperbolizar com affectadas o que louva: tudo prerogativas muy proprias de Hiſtoriadores excellentes. A utilidade do aſſumpto he grandiſſima, e muy geral, por ſerem ſemelhantes livros nas Monarchias huns como gazophilacios, ou theſouros univerſaes, donde todas as peſſoas de qualquer ſorte, Reys, e Vaſſallos, podem tirar riquezas de doutrina ineſtimaveis. Nelles achaõ os Vaſſallos muy ſingulares Heroes da ſua Patria, que obrando com rara prudencia na paz, e prodigioſo valor na guerra, lhes deſpertaõ os brios, e com os exemplos precedentes ſervem de mudo magiſterio para lhes enſinar o bem, que devem ſeguir, e o mal, que devem evitar, como advertio Diodoro Siculo: *Sola Hiſtoria verbis res geſtas repræſentans omnem complectitur utilitatem: Hiſtorias legentibus oſtenditur præteritorum exemplis quid nobis agendum ſit, quid vè fugiendum.* Por onde diſcretamente diſſe Angelo Policiano, que nenhuma faculdade era mais proficua, que a Hiſtoria, a qual, como nella ſe abomina os maos, e elogiaõ os bons, aos primeiros reprime com o medo da deſhonra, e aos ſegundos anima com as eſperanças do louvor. Naõ he menor tambem a utilidade dos Monarchas, porque aqui lem as glorioſas acçoens dos ſeus Progenitores, tendo nelles, quantos troncos da ſua Real aſcendencia, outros tantos Exemplares da ſua imitaçaõ. Aqui podem aprender os dictames mais acertados para o governo; as direcçoens mais prudentes para a vida, os arbitrios mais uteis para o bem commum dos ſeus Povos, os modos mais proprios para a obſervancia das ſuas Leys, e os meyos mais efficazes para a conſervaçaõ dos ſeus Eſtados. Aqui vem as faltas, que devem emendar em ſi, e as virtudes que haõ de copiar dos outros, procurando purificarſe daquellas, e neſtas imitallos, quando naõ cheguem a excedellos. Em fim, por eſtes livros ſe capacitaõ de noticias importantiſſimas, que, ou peſſoalmente naõ podem averiguar, ou os validos, Miniſtros, e Conſelheiros ſe naõ atrevem a lhe dizer;

Diodor. Sicul. in Præm. lib. 1. Bibliot.

Angel. Polit. in Præfat. ad Sueton.

zer; por cuja cauſa aconſelhava Demetrio Phalareo a ElRey Ptolomeo Filadelfo, que juntaſſe, e leſſe Hiſtorias ſemelhantes, como refere o erudito Padre Bonarcio: *Demetrius Phalareus Ptolomæum Philadelphum monere ſolitus erat, ut ſibi codices compararet de Regno, eoſdemque revolvet, eo quod illa, de quibus amici, eo conſiliarii Reges non audent admonere, libris ſcriptis contineantur.* P. Bonart. in cap. 6. Eſther. n. 23.

De proveitos pois taõ relevantes he fecundiſſima a Chronica preſente, porque nella leràõ os Sereniſſimos Senhores Reys de Portugal as maravilhoſas virtudes, ſentenças, e proezas de hum Monarcha Luſitano, que o merecia, e havia ſer de todo o Mundo, ſe os grandes peccados do Reyno, e inſcrutaveis Juizos de Deos, lhe naõ atalharaõ Imperio taõ dilatado: e nella tem os Vaſſallos deſta Coroa taõ fortes deſpertadores nos eſtupendos prodigios de valentia, que na Aſia, na Africa, e na America obraraõ aquelles, entaõ verdadeiros Portuguezes, e ſempre Heroes de immortal memoria, os quaes, numerando as ſuas vitorias pelas batalhas, foraõ outros tantos Hercules no valor, e outros tantos Alexandres na generoſidade: confuſaõ muy ſenſivel, e deploravel para eſtes noſſos tempos, em que de Portugal, e dos Portuguezes ſe pòde affirmar, o que lá diſſe Eneas de Troya, e dos Troyanos, que elles, e a ſua gloria foraõ, mas já naõ eraõ:

—— —— *Fuimus Troes, fuit Ilium, & ingens*
Gloria Teucrorum. ——

Em nada offende o Author a rectidaõ dos bons coſtumes, os quaes antes ajuda a promover com os elogios, que lhes dá; e nada tem, ou havia de ter contra a noſſa Santa Fé hum Livro, cujos illuſtres Heroes com perpetuo, e incanſavel zelo procuraraõ ſempre em todo o Mundo exaltar a ſua verdade, propagar a ſua noticia, e defender a ſua pureza. Eſte he o meu parecer, Voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, e Congregaçaõ do Oratorio 19. de Novembro de 1727.

O Padre Manoel Conſciencia.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Boaventura de S. Giaõ, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Livro de que a petiçaõ trata, e nelle naõ achey couſa que ſe opponha á verdade de noſſa Santa Fè, e bons coſtumes. Lisboa Occidental, no Hoſpicio do Duque 16. de Dezembro de 1727.

Fr. Boaventura de S. Giaõ.

VIſta a informaçaõ, pódeſe imprimir a Chronica do Senhor Rey D. Sebaſtiaõ, compoſta por D. Manoel de Menezes, e depois de impreſſa tornarà para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 16. de Dezembro de 1727.

Fr. Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva.

DO ORDINARIO.

VIsta a informaçaõ, pódese imprimir a Chronica de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 1. de Março de 1728.

D. J. A.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

Approvaçaõ do Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, do Concelho de Sua Magestade, &c.

SENHOR.

VI por ordem de Vossa Magestade a Chronica delRey D. Sebastiaõ, que se atribue a D. Manoel de Menezes, e a conferi com hum manuscrito antigo, e fidedigno, que eu conservava com o titulo de Historia Chronologica de Portugal, e Miguel Lopes Ferreira, que a fez accrescentar, a reduzio a melhor ordem, e tirou de alguns Authores impressos, e manuscritos muitos dos successos que refere, e como os prodigios se toleraraõ sempre nas Historias, pela judiciosa reflexaõ que faz Tito Livio me naõ parece que se tirem desta o que a Critica moderna julga menos verosimil: porque a minha opiniaõ na impressaõ dos livros antigos he, que devem conservarse, naõ só com os defeitos da lingua do seculo em que foraõ escritos, e do estylo, e genio que acredita que saõ genuinos, mas até entendo, que se naõ deve emendar o que se averiguou depois que naõ era taõ verdadeiro; pois as memorias se haõ de conservar como foraõ, e naõ como se deseja que fossem, para que comparadas as noticias que corriaõ ha dous, ou tres seculos com as que hoje se admittem, e com monumentos que se descobriraõ nos Archivos se veja o progresso das tradiçoens, que ou se continuaõ, ou se interrompem, ou se fingem segundo o excesso da credulidade, e incredulidade, que saõ os defeitos que he preciso evitar nos que só desejaõ a verdade da Historia, resistindo á lisonja, e á vaidade, que com o especioso titulo da gloria da Patria servem mais de escurecella, q de illustralla, e assim succede na pintura, q se compõe para ser perfeita de claros, e escuros. Para a Academia Real da Historia he muito util q se imprimaõ as Historias antigas de que havia poucas copias manuscritas, e que se repitaõ as ediçoens das que tendo sido impressas, eraõ já muito raras; e entendo que Vossa Magestade deve premiar a quem faz esta colecçaõ, para que se anime, e outros com o seu exemplo em contribuir para a perfeiçaõ das Sciencias, e Artes, de que a Historia he huma das mais nobres faculdades, reconhecendo a posteridade com esta experiencia mais, que Vossa Magestade, naõ só lhe dá o exemplo das acçoens grandes do seu glorioso seculo, mas os exemplares dos passados. Lisboa Occidental 12. de Mayo de 1728.

Conde da Ericeira.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso naõ correrá. Lisboa Occidental 14. de Mayo de 1728.

Marquez Presidente. Pereira. Teixeira. Bonicho.

INDEX

INDEX

DOS CAPITULOS.

CAPIT. I. *Do caſamento do Principe D. Joaõ pay del Rey D. Sebaſtiaõ com a Infanta Dona Joanna filha do Emperador Carlos V. pag.* 1.

CAP. II. *De como a Princeza Dona Joanna partio para Portugal, e foy entregue na Raya, e do que ſe paſſou com iſto, p.*6.

CAP. III. *Do grande apparato com que a Princeza Dona Joanna foy conduzida a Lisboa, p.*11.

CAP. IV. *De como os Principes foraõ à Sè receber as Bençãos, e das grandes feſtas com que a Cidade de Lisboa applaudio o ſeu caſamento, p.* 16.

CAP. V. *De hum laſtimoſo, e horrivel caſo q̃ neſte tempo aconteceo no Paço na preſença del Rey pag.* 21.

CAP. VI. *Da morte do Principe D. Joaõ, e da cauſa della, p.*25.

CAP. VII. *Dos ſinaes prodigioſos, que precederaõ à morte do Principe, e naſcimento del Rey D. Sebaſtiaõ, e da grande ancia com que era pedido a Deos, p.*27.

CAP. VIII. *Do naſcimento del-Rey D. Sebaſtiaõ, e do grande prazer, e alegria, que cauſou, e Prociſſoens, que por iſſo ſe fizeraõ, p.* 29.

CAP. IX. *Do Bautiſmo do Principe, e como lhe foy poſto o nome de Sebaſtiaõ, e ſe deſcobrio à Princeza a morte de ſeu marido, e de ſuas exequias, p.* 32.

CAP. X. *De como à Princeza Dona Joanna voltou para Caſtella, p.* 34.

CAP. XI. *Da proſperidade dos Reynos de Portugal atè o tempo del Rey D. Joaõ III. e como depois foy deſcaindo, p.* 37.

CAP. XII. *Das deſpezas do Patrimonio Real em tempo del Rey D. Joaõ o III. p.* 39.

CAP. XIII. *Da morte do Infante D. Luiz, e de como El Rey D. Joaõ entendeo tambem que moria brevemente, p.* 41.

CAP.

CAP.XIV. *Da morte, e ſahimento delRey D. Joaõ o III. p.* 44.
CAP.XV. *Do Officio do enterramento delRey D. Joaõ o III. p.* 47.
CAP. XVI. *De como o governo do Reyno foy entregue à Rainha Dona Catharina, e porque razaõ, p.* 50.
CAP. XVII. *Do levantamento delRey D. Sebaſtiaõ, e ceremonias deſte auto, p.* 52.
CAP.XVIII. *Das ceremonias funeraes dos Eſcudos quebrados por ElRey D. Joaõ o III. p.* 57.
CAP.XIX. *De como a Rainha Dona Catharina governou o Reyno de Portugal, p.* 58.
CAP.XX. *Da criaçaõ delRey D. Sebaſtiaõ, e dos Meſtres, que o enſinaraõ, p.* 59.
CAP.XXI. *Em que ſe contèm hum exemplo delRey D. Pedro, que em Cortes apontaraõ, pedindoſe bom Ayo para ElRey D. Sebaſtiaõ, p.* 62.
CAP.XXII. *Em que ſe trata de quem foy D. Aleixo de Menezes, que ElRey D. Joaõ o III. fez Ayo do Principe D. Sebaſtiaõ ſeu neto, e dos filhos que teve, p.* 63.
CAP.XXIII. *Em que ſe proſegue a meſma materia de D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey, p.* 65.
CAP.XXIV. *Do que o Emperador Carlos V. diſſe em abono de D. Aleixo de Menezes, quando ſoube ſer eleito para Ayo del. Rey D. Sebaſtiaõ, e de como a Infanta Dona Maria ſe vio com a Rainha ſua mãy em Badajos, p.* 67.
CAP. XXV. *Em que ſe contém o parecer que D. Aleixo de Menezes deu ſobre quem ſe havia de dar por Meſtre a ElRey D. Sebaſtiaõ, p.* 70.
CAP.XXVI. *De como a Rainha Dona Catharina mandou viſitar o Emperador, e a Rainha de Hungria pela morte de ſua irmãa a Rainha Dona Leonor, p.* 72.
CAP. XXVII. *De como Lourenço Pires de Tavora foy por Embaixador a Roma, e dos negocios de ſua Embaixada, p.* 75.
CAP.XXVIII. *Em que ſe proſegue a meſma materia da Embaixada de Lourenço Pires de Tavora em Roma, p.* 81.
CAP. XXIX. *Do modo com que a ElRey ſe davaõ ás liçoens, e como hia a viſitar a Rainha, e aſſento que ſe dava a D. Aleixo de Menezes, p.* 86.
CAP. XXX. *Dos eſtudos delRey, e do muito que aproveitou nelles, pag.* 88.
CAP. XXXI. *Do que ElRey paſſou com hum Ermitaõ, p.* 90.
CAP.XXXII. *De como D. Conſtantino de Bragança foy por Viſo Rey à India, e dos ſucceſſos do ſeu governo, p.* 91.
CAP.XXXIII. *Dos mais ſucceſſos da India governandoa o meſmo D. Conſtantino, p.* 99.
CAP. XXXIV. *De como Franciſco*

cisco Barreto fez viagem para o Reyno, e de huma prodigiosa pedra que trouxe à Rainha Dona Catharina, p. 105.

CAP. XXXV. *Proseguemse os successos da India governandoa o mesmo D. Constantino, p. 107.*

CAP. XXXVI. *Do grande Imperio, ou Regiaõ de Cafraria de Monomotapa, e da primeira Missaõ de Prègadores Euangelicos, que entrou nelle, p. 112.*

CAP. XXXVII. *Prosegueſe o mesmo, dando conta dos Reys, e dos costumes dos Cafres, pag. 118.*

CAP. XXXVIII. *Da vida, e Missaõ do santo Padre Gonçalo da Sylveira, e dos trabalhos de seus companheiros, p. 128.*

CAP. XXXIX. *Do que aconteceo ao santo Padre Gonçalo da Sylveira em Monomotapa, e de como foy martyrizado, p. 135.*

CAP. XL. *Finaliza D. Constantino o seu governo da India, e volta para o Reyno; da-se noticia de como se houve com huma reliquia superstitiosa, e do mais que lhe aconteceo, p. 143.*

CAP. XLI. *De como governou a India D. Francisco Coutinho, Conde do Redondo, e dos notaveis successos de seu tempo, pag. 147.*

CAP. XLII. *Copia de duas cartas del Rey, e do Pontifice para o Arcebispo de Goa sobre a Christandade da India, p. 152.*

CAP. XLIII. *Em que se dà noticia dos successos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente se chama Brasil, p. 157.*

CAP. XLIV. *Em que se continua a mesma materia dos successos da Provincia de Santa Cruz, governandoa Mem de Sà, p. 163.*

CAP. XLV. *Descripçaõ desta Capitania, sua Costa, e Sertaõ, pag., 169.*

CAP. XLVI. *Prosegueſe a materia dos mesmos successos, particularmente dos da Capitania de S. Vicente, p. 170.*

CAP. XLVII. *De como a Rainha intentou renunciar o governo do Reyno, e naõ se lhe aceitou, p. 175.*

CAP. XLVIII. *De como a Rainha Regente enviou Embaixadores ao Concilio de Trento, e escreveo a alguns Cardeaes em nome del Rey, p. 180.*

CAP. XLIX. *Do cerco de Mazagaõ, e de suas primeiras gentes, pag. 183.*

CAP. L. *Do fundamento que o Xarife Muley Abdela teve para ir contra Mazagaõ, p. 184.*

CAP. LI. *Do que o Capitaõ mór Ruy de Sousa sentio do segredo do Xarife, e o que fez, p. 185.*

CAP. LII. *Do que se fez em Mazagaõ sobre hum aviso, que se deu, p. 185.*

CAP. LIII. *Da vinda de hum Cassis a Mazagaõ dissimuladamente, p. 186.*

CAP. LIV. *Do pregaõ q. o Xarife deitou contra Mazagaõ, p. 187.*

CAP. LV. *Como hum filho do Xarife foy eleito por Capitaõ mòr, e encomendado a ElRey de Dara, pag.* 188.

CAP. LVI. *De como o filho do Xarife chegou a Mazagaõ, e o Mouro Cassis fugio para os seus, pag.* 188.

CAP. LVII. *Do aviso, q̃ o Capitaõ mòr mandou a Lisboa, e do que a Rainha Regente fez, e dos primeiros que foraõ em soccorro, p.* 189.

CAP. LVIII. *Do recado que o filho do Xarife mandou a Ruy de Sousa, e de sua reposta, p.* 190.

CAP. LIX. *Do numero dos Mouros, que cercaraõ a Mazagaõ, e do que fizeraõ, p.* 190.

CAP. LX. *Do sitio de Mazagaõ, pag.* 193.

CAP. LXI. *De como os Mouros fizeraõ hum bastiaõ de terra, p.* 194.

CAP. LXII. *Do que os Mouros fizeraõ com huma feiticeira para derribar Mazagaõ, e da morte de muitos, e do seu muito trabalhar, p.* 195.

CAP. LXIII. *Do que sete Cavalleiros fizeraõ nos Mouros que estavaõ sobre Mazagaõ, p.* 196.

CAP. LXIV. *De como chegou a Mazagaõ o General Alvaro de Carvalho, e do que entaõ succedeo, p.* 197.

CAP. LXV. *Do que succedeo no Baluarte Santo Espirito, e sua repartiçaõ, p.* 199.

CAP. LXVI. *Repartiçaõ do mais muro de Mazagaõ, p.* 203.

CAP. LXVII. *Da gente que estava no Baluarte S. Sebastiaõ, e avante, p.* 203.

CAP. LXVIII. *Da gente que estava no Baluarte Santiago, e por diante, p.* 204.

CAP. LXIX. *Do amor que se tinhaõ os Portuguezes no cerco de Mazagaõ, p.* 205.

CAP. LXX. *Do que aconteceo em Mazagaõ no cerco a trinta de Março, p.* 209.

CAP. LXXI. *Do que aconteceo aos nove dias de Abril, p.* 210.

CAP. LXXII. *De huma grande bataria, que se deu a Mazagaõ, p.* 211.

CAP. LXXIII. *De algumas cousas que succederaõ no cerco de Mazagaõ, p.* 212.

CAP. LXXIV. *De alguns Fidalgos, q̃ vieraõ de soccorro a Mazagaõ, e do que mais succedeo, pag.* 213.

CAP. LXXV. *De como os Portuguezes abriraõ a mina em Mazagaõ, p.* 216.

CAP. LXXVI. *Do que a Rainha Dona Catharina determinou sobre o cerco de Mazagaõ, mandando alguns Fidalgos, p.* 219.

CAP. LXXVII. *De huma briga, que houve entre os nossos, e como se soube que os Mouros queriaõ combater outra vez a Fortaleza p.* 220.

CAP. LXXVIII. *Das devoçoens que se fizeraõ por Mazagaõ em todo Portugal, p.* 222.

CAP.

CAP. LXXIX. *Do primeiro assalto que os Mouros deraõ á Fortaleza, p. 222.*

CAP. LXXX. *Em que se prosegue a noticia do terrivel combate de Mazagaõ, p. 229.*

CAP. LXXXI. *Do mais que succedeo no cavalleiro em o assalto de Mazagaõ, p. 231.*

CAP. LXXXII. *De como os nossos pelejaraõ esforçadamente no cavalleiro, vendo hum Crucifixo arvorado no muro, p. 233.*

CAP. LXXXIII. *De como a Rainha mandava consolar aos que perdiaõ seus filhos, e parentes, p. 236.*

CAP. LXXXIV. *De alguns casos graciosos, que succederaõ acabado o primeiro combate, p. 237.*

CAP. LXXXV. *Das folias, que se fizeráõ na Fortaleza pela victoria do combate, e do mais em que logo se cuidou, p. 239.*

CAP. LXXXVI. *Do conselho que se teve se sahiriaõ a dar nos Mouros, e como naõ teve effeito, p. 240.*

CAP. LXXXVII. *De como os nossos sahiraõ outra vez de noite a ver o arrayal do inimigo, pag. 242.*

CAP. LXXXVIII. *Do que se fez em Mazagaõ, e de como se tomou hum lingua, p. 243.*

CAP. LXXXIX. *De hum enxame de abelhas, e de huma carta de hum Elche, que se deitou em Mazagaõ, p. 245.*

CAP. XC. *Do segundo combate, e assalto, que se deu a Mazagaõ, p. 246.*

CAP. XCI. *Dos Fidalgos, que foraõ queimados, e feridos neste combate, p. 248.*

CAP. XCII. *De como deraõ fogo á mina em Mazagaõ, p. 249.*

CAP. XCIII. *Do terror, que os Mouros tinhaõ do valor dos Christãos, e como elles appellidaraõ victoria, p. 250.*

CAP. XCIV. *Como os Religiosos de S. Francisco estiveraõ sempre com hum Crucifixo no muro, e ás mulheres eraõ companheiras nos trabalhos, p. 251.*

CAP. XCV. *De como os Mouros tornaraõ a proseguir a obra, e os Christãos a prepararse para outro combate, p. 252.*

CAP. XCVI. *De como os Mouros se partiraõ de Mazagaõ, pondo fogo ás suas estancias, p. 253.*

CAP. XCVII. *Dos que morreraõ no cerco de Mazagaõ, p. 253.*

CAP. XCVIII. *Do summario, e fim do cerco de Mazagaõ, p. 254.*

CAP. XCIX. *Do desafio que hum Mouro de Azamor fez a hum Cavalleiro de Mazagaõ, e se dá noticia de outros successos do General, p. 256.*

CAP. C. *De outras victorias q̃ em Mazagaõ se conseguiraõ, p. 264*

CAP. CI. *Do que aconteceo nas Ilhas de S. Jorge, e do Pico com a noticia de algumas particularidades desta segunda, p. 269.*

CAP.

CAP. CII. *Convoca a Rainha a Cortes, e renuncia o governo do Reyno, p.* 271.

CAP. CIII. *De huns apontamentos que os Povos propozeraõ, e pediraõ neſtas Cortes, p.* 277.

CAP. CIV. *De como o Cardeal Infante governou o Reyno, p.* 283.

CAP. CV. *Da inſtituiçaõ do Concelho de Eſtado, e dos aviſos que Lourenço Pires de Tavora deu ao Cardeal no principio do governo, p.* 284.

CAP. CVI. *Dos grandes trabalhos que aconteceraõ na Ilha de S. Miguel, e de hum diluvio de fogo, e agua, que nella houve, p.* 290.

CAP. CVII. *Em que ſe proſegue a meſma materia dos trabalhos da Ilha de S. Miguel, p.* 294.

CAP. CVIII. *Do ſubſidio Eccleſiaſtico, que o Papa concedeo a ElRey, e para que effeito, pag.* 296.

CAP. CIX. *Da queixa que ElRey fez a alguns Principes de Europa, e do q̃ reſultou della, p.* 299.

CAP. CX. *De como Lourenço Pires de Tavora foy por mandado do Cardeal governar a Praça de Tangere, e dos ſucceſſos da ſua viagem, e governo, p.* 302.

CAP. CXI. *De hum deſafio que o Alcaide de Arzila fez ao Capitaõ de Tangere, e de como naõ teve effeito por cauſa do meſmo Mouro, p.* 307.

CAP. CXII. *Em q̃ ſe proſeguem, e finalizaõ os ſucceſſos de Lourenço Pires de Tavora no ſeu governo de Tangere, p.* 312.

CAP. CXIII. *De huma pratica, que D. Aleixo de Menezes fez á Rainha Dona Catharina, e ao Cardeal Infante ſobre a creaçaõ del Rey, quando ſe lhe deu por Confeſſor o Padre Luiz Gonçalves da Camera ſeu Meſtre, pag.* 318.

CAP. CXIV. *De como governou a India Joaõ de Mendoça, e do q̃ em ſeu tempo ſuccedeo, p.* 324.

CAP. CXV. *Do Viſo Rey D. Antaõ de Noronha, e dos ſucceſſos da India em ſeu tempo, p.* 327.

CAP. CXVI. *Em que ſe proſegue a meſma materia, p.* 332.

CAP. CXVII. *Proſeguemſe os feitos da India ſendo Viſo Rey della D. Antaõ de Noronha, p.* 334.

CAP. CXVIII. *De duas cartas notaveis, que de Portugal, e Roma ſe eſcreveraõ ao Viſo Rey da India, e finaliza o ſeu governo, p.* 341.

CAP. CXIX. *Noticias do Patriarcha da Ethiopia, e de huma carta, que eſcreveo a ElRey D. Sebaſtiaõ, p.* 346.

CAP. CXX. *Succeſſos do Braſil, particularmente do Rio de Janeiro, p.* 348.

CAP. CXXI. *Proſegueſe a guerra do Rio de Janeiro, expulſaõ dos Francezes, e fundaçaõ daquella Cidade com o nome de S. Sebaſtiaõ, p.* 353.

CAP.

CAP. CXXII. *De outros ſucceſſos da guerra notaveis*, p. 358.

CAP. CXXIII. *Do caſamento da Senhora Dona Maria, e de como foy para Parma*, p. 361.

CAP. CXXIV. *Do eſtrago que Gaſpar Caldeira, Portuguez, veyo fazer com Francezes na Ilha da Madeira, e da Armada que foy contra elle*, p. 362.

CAP. CXXV. *Do q̃ ElRey paſſou com D. Aleixo ſobre lhe naõ conſentir, q̃ ſahiſſe fóra em hum cavallo mal domado*, p. 366.

CAP. CXXVI. *De outra pratica que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey no dia antes que ſe lhe entregaſſe o governo do Reyno*, p. 367.

CAP. CXXVII. *Traducçaõ de huns verſos Gregos, que a Rainha Dona Catharina uiandou a ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto no dia antes que tomaſſe o governo, com hum Memorial feito pela maõ delRey, do que determinava obſervar no governo do Reyno*, p. 371.

ERRATAS.

O primeiro numero he pagina, o segundo coluna, o terceiro linha.

PAg. 13. 2. 16. arco lege carro 33. 2. 13. *qui* l. *quod* 54. 2. 6. e a manter l. e os manter 62. 2. 13. tiravaõ que l. tiravaõ, he que 62. 2. 14. he, q̃ leg. q̃ 63. 2. 2. Reyno no l. Reyno. No 66. 2. 11. campanha l. campainha 82. 2. 17. eu l. seu 83. 2. 23. banqueaou l. banqueteou 86. 1. 13. Encommendatarios l. em Commendatarios 87. 2. 18. estarem l. estavaõ 89. 2. 21. concede l. concedesse 106. 1. 20. della l. delle ibi 2. 19. lhas l. lha 108. 1. 3. que a l. que o ibi 1. 12. revelou l. relvelou ibi 2. 36. barbaros com l. barbaros. Com 112. 2. 37. muita Africa l. muita parte de Africa 113. 1. 29. do l. de 116. 1. 26. juntas l. junto ibi 28. doentios l. doentias 122. 1. 27. instancia l. estancia ibi 2. 28. esse l. e se se 127. 1. 20. morte l. morto 145. 2. 2. e l. se 146. 1. 28. falta de l. falta por 147. 2. 37. toca l. tocar 149. 2. 4. naõ lhe l. naõ se lhe ibi 33. de o l. de a 161. 2. 34. precipio l. precipicio 168. 1. 4. nome das l. nome, e das 169. 2. 9. legos l. legoas 170. 1. 35. lagoas l. legoas 174. 1. 27. do l. e o 185. 1. 36. surça l. curça 189. 2. 2. Cavalleiros por entaõ foraõ l. Cavalleiros que por entaõ foraõ eraõ 201. 2. 32. qua l. porque 207. 2. 25. muita l. muito 215. 2. 15. principiavaõ l. principiaraõ 216. 1. 20. dizerem l. diziaõ 218. 1. 40. que na l. que estava na 233. 1. 11. vicios l. vivos ibi 2. 34. picaraõ l. picavaõ 235. 2. 37. chorara l. chorar 236. 1. 23. ou qual l. ou em qual 238. 2. 34. Mouros, que l. Mouros, e dizendo que 240. 1. 40. se achaõ l. que se achaõ ibi 2. 17. dia l. hum 241. 1. 33. e porque l. pelo que 242. 1. 23. do quanto l. do que 250. 1. 29. a que l. aqui 252. 1. 25. muros l. Mouros 257. 1. 13. da l. de 262. 1. 20. de cavallo, que estavaõ l. de cavallo. Acodio o Adail, e os que estavaõ 263. 1. 5. Outro l. Outeiro 289. 2. 24. *decubrir* l. *descubrir* 295. 1. 8. se l. e se ibi 37. hia consumindo l. se hia pondo 296. 1. 6. cinco l. seis 299. 1. 28. affectos l. effeitos ibi 2. 7. faziaõ l. fariaõ 303. 1. 21. fome l. fama 306. 2. 25. adquirido l. adquirida 308. 1. 23. e o despedio l. e os despedio ibi 28. *e pel* l. *e pelas* 309. 1. *vio* l. *via* ibi 5. *todo* l. *tudo* 310. 13. *Cidade* l. *Cide* 311. 14. *a entendia* l. *o entendia* 317. 2. 38. Capitaõ Joaõ l. Capitaõ. E Joaõ 327. 2. 13. entraraõ l. encontraraõ 330. 1. 17. princiado l. principiado 341. 1. 5. que governaraõ l. que as governaraõ 354. 1. 36. partia l. partio 356. 2. 9. vaõ l. se vaõ 357. 1. 5. entrexaçada l. entreçachada 366. 2. 12. e governar l. em quem havia de governar 367. 1. 23. seguio l. seguia. 369. 1. 39. *com que* l. *em que* 370. 2. 30. *meu o sangue* l. *o meu sangue*

Outros erros se acharaõ, que o curioso Leitor poderà emendar com mais facilidade.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E ESCLARECIDO PRINCIPE

DOM SEBASTIAÕ,

DECIMO SEXTO REY DE PORTUGAL.

PRIMEIRA PARTE.

Que conthem os ſucceſſos deſte Reyno, e Conquiſtas em ſua menoridade.

CAPITULO I.

Do Cazamento do Principe D. Joaõ, pay delRey D. Sebaſtiaõ, com a Infanta Dona Joanna filha do Emperador Carlos V.

SERENISSIMO Rey D. Joaõ III. foy filho do feliciſſimo Rey D. Manoel de glorioſa memoria, cazou com a Sereniſſima Rainha Dona Catharina, filha delRey D. Felippe de Caſtella, Archiduque de Auſtria, primeiro deſte nome, e da Rainha Dona Joanna, ſua mulher, e della teve muitos filhos, a ſaber: o Principe D. Affonſo, a Infanta Dona Maria, que foy Princeza de Caſtella, e mulher primeira delRey D. Felippe II. o Principe D. Manoel, o Principe D. Felippe, o Infante D. Diniz, o Infante D. Anto-

nio, a Infanta Dona Iſabel, a Infanta Dona Beatriz, e o Principe D. Joaõ, pay delRey D. Sebaſtiaõ, que naſceo na Cidade de Evora em
1537. 3. de Junho de mil quinhentos e trinta e ſette. E àlem deſtes teve ElRey D. Joaõ mais fóra de Matrimonio o Senhor D. Duarte, que foy Arcebiſpo de Braga, ſugeyto de grandes partes, e virtudes.

Mas como Deos tinha ordenado de caſtigar eſte Reyno com a attenuaçaõ da deſcendencia Real, e eſtava chegado o tempo muito antes profetizado, em q̃ eſte Reyno havia de paſſar a dominio eſtranho, ſugeitando-o por noſſos peccados ao de Caſtella, lhe aprouve, por ſua Divina Providencia, diſpór q̃ todos eſtes Principes morreſſem em vida dos Reys ſeus pays, com grande laſtima ſua, huns meninos, outros moços de pouca idade, dilatandoſe ſó a vida por mais alguns annos ao Principe D. Joaõ, o qual Deos deyxou para bordaõ de ſua velhice, em que eſtribaſſem ſuas eſperanças com algum alivio das deſconſolações de verem morrer tantos filhos, e de quem eſperavaõ ficaſſem ſucceſſores doReyno de Portugal: de cujas mortes ElRey, e a Rainha ſofriaõ as magoas, e feridas com animo Real, e varonil, e igual conſideraçaõ, e louvavaõ ao Senhor pelos ſecretos juizos de aſſim o ordenar, conformandoſe elles em tudo cõ a vontade Divina, a quem ſempre nas proſperidades, e trabalhos pretenderaõ muito agradar, e ſervir, como ſe vio em todo o proceſſo de ſua vida.

E como a herança dos Reynos de Portugal pendia ſómente daquella unica eſperança, que era o Principe D. Joaõ unico filho de pays já eſteriles, por ſua idade madura, temeroſos ElRey, e os povos de que eſta ſe acabaſſe na florente idade, como tenra flor, que ſe podia facilmente murchar, ſegundo já tinhaõ viſto em todos ſeus irmãos, ordenaraõ de o cazar tanto que chegaſſe à idade de quatorze annos, para que havendo filhos, ficaſſem os Reynos de Portugal mais providos de herdeiros, e ſe evitaſſem os temores, e receyos, que cada hora o ſalteavaõ. Pelo que ſe tratou o ſeu cazamento com a Infanta Dona Joanna, filha de Carlos V. Emperador de Alemanha, que juntamente era Rey de Heſpanha, e da Emperatriz Dona Iſabel, ſua mulher: no qual cazamento ſe falava deſde o anno, em que ſe ajuſtou o do Principe D. Felippe de Caſtella com a Infanta Dona Maria de Portugal, e querendo-ſe ultimamente concluir com eſte tratado, teve ElRey Cõcelho com os Infantes ſeus irmãos, e com os Duques, e mais Senhores Concelheiros, e aſſentada a fórma ſobre iſto, o mandou tratar com o Emperador, e ſe ajuſtou o dito contrato com grande contentamento, e goſto de hũa, e outra parte, ficando ſó eſperando chegaſſem os Principes à idade cõpetente, para haverem de conſum-

mar

mar o Matrimonio legitimamente, como diſpoem as Leys; porque o Emperador duvidava em mandar vir a filha para Portugal antes do Principe ſer de quatorze annos; mas entrando nelles no anno de mil
1550. quinhentos e ſincoenta, tempo, em que em Alemanha, onde entaõ aſſiſtia o dito Emperador, eſtava por Embayxador de Portugal Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo da Caſa delRey, e do ſeu Concelho, o qual deſejando muito ter a honra de Condutor da Princeza para eſte Reyno, avizou a ElRey ſer muito conveniente tratarſe já da concluzaõ, e vinda da Princeza, antes que o Principe D. Felippe voltaſſe da companhia do Emperador, ſeu pay para Caſtella, de que ſe tratava; porque eſtas materias haviaõ de ſer communicadas entre ambos, e ſeria couſa difficultoſa de ajuſtar, e de muita deſpeza de tempo, eſtando taõ apartados hum do outro, em terras taõ diſtantes.

ElRey, que o naõ deſejava menos lhe ordenou que puzeſſe todo o ſeu cuidado em concluir eſte negocio, e o trataſſe com grande empenho com o Emperador, e Principe, ſeu filho; o que elle fez; mas dilatouſe ainda a concluzaõ até o mez de Junho do anno ſeguinte de
1551. mil quinhentos ſincoenta e hum, em que o Principe fazia quatorze annos de idade, e voltando neſte tempo o dito Principe D. Felippe para Heſpanha trouxe ordem de ſeu pay para fazer a entrega da Princeza ſua irmãa. Partio tambem por poſta Lourenço Pires, e por França chegou a Touro, Cidade do Reyno de Leaõ, onde ella aſſiſtia, porque aſſim lho ordenou ElRey; e aqui lhe mandou a Commiſſaõ do Principe, ſeu filho para receber a Princeza em ſeu nome. Chegado Lourenço Pires à preſença da Princeza Dona Joanna, e feitos os cumprimentos ſegundo o uſo daquella idade, lhe deu conta dos cõtratos ajuſtados entre o Emperador, ſeu pay, e ElRey D. Joaõ, ſeu tio, e do ſeu cazamento com o Principe D. Joaõ, ſeu primo, o que ella muy bem ſabia, por ſer logo de tudo informada; e aſſim lhe diſſe mais como tinha ordem delRey, ſeu Senhor, e Procuraçaõ do Principe para a receber em ſeu nome: e ſe effeituou em 11. de Janeiro do anno ſeguinte de mil quinhentos 1552.
ſincoẽta e dous. A fórma do recebimento foy eſta. Mandou o Principe D. Felippe ao Condeſtable de Caſtella, e ao Duque de Najara levaſſem Lourenço Pires do ſeu apozento ao Paço, e elle o eſperou com a Princeza em huma ſalla acompanhados de muita Nobreza daquelles Reynos, todos veſtidos de galla; tanto que o dito Embayxador entrou por ella dentro levantouſe o Principe em pé, e ſahio fóra do eſtrado ſinco, ou ſeis paſſos a recebello, e o levou onde eſtava ſua irmãa, e alli, viſtas primeiro as Letras do Santo Padre de Roma, pelas quaes os diſpenſava no parenteſco, e as

Comiſſoens, que tinha delRey, e do Principe para eſte effeyto, e examinado tudo muito bem, ſe fez logo o acto com toda a ſolemnidade, çelebrandoſe, conforme as Conſtituições daquelle Reyno, pelo Biſpo de Oſma, D. Pedro da Coſta, Portuguez, que primeiro o foy da Cidade do Porto, e paſſou a Caſtella por Capellaõ mór da Princeza Dona Maria. Depois de feito o recebimento por palavras de preſente, ſe aſſentáraõ, e ſe começou hum ſaráo, em que dançáraõ todos os grandes, e a Princeza com huma Dama, ambas ricamẽte veſtidas, e toda aquella ſomana houve muitas feſtas, em que juſtou o Principe, e ſe dilatariaõ muito mais ſenaõ fora obrigado a acudir a Madrid, chamado de negocios graviſſimos. E logo a Noyva dalli por diante ſe chamou Princeza de Portugal, e começou logo a ſer tratada com muito mayor reſpeyto, e veneraçaõ de todos os Cortezãos de Caſtella, e de continuo era mandada viſitar pelo Principe de Portugal, ſeu Eſpoſo.

Tanto que ella aſſim foy recebida partio para Portugal por Embayxador hum fidalgo chamado Lopo Furtado de Mendoça, o qual trazia Commiſſaõ, e inteiros poderes para receber o Principe D. Joaõ em nome da dita Princeza Dona Joanna, e na Villa de Almeirim, onde entaõ a Corte aſſiſtia, deu ſua Embayxada a ElRey, ſendo recebido, e acompanhado de todos os Senhores Portuguezes até o Paço, e viſtas ſuas Provizoens, e poderes, que trazia, foy mandado apozentar por ſua Alteza muito nobremente. Logo que eſtas novas foraõ denunciadas pelo Reyno, como a Naçaõ Portugueza he taõ fiel, e verdadeira, amante dos ſeus Principes, começáraõ todos a apparelharſe para que no dia do Regio recebimento moſtraſſem exteriormente o goſto, que tinhaõ do prazer do ſeu Rey, e Senhor, e da paz, que por via do tal cazamento ſe firmava entre eſtes Reynos, e os de Caſtella, e aſſim depois de paſſados alguns dias, ſendo prezentes os Infantes, Duques, Condes, e mais Senhores de ſua Corte, todos veſtidos de requiſſimas gallas, foy o Embayxador conduzido da ſua pouzada ao Paço pelos Infantes Cardeal D. Henrique, e D. Luis, irmãos delRey D. Joaõ, e filhos delRey D. Manoel, acompanhando-os toda a Nobreza da Corte.

ElRey o ſahio a receber à ſalla, e feytos os cumprimentos, e ceremonias deſtas viſtas, e funções, alli pelo dito Cardeal Infante Arcebiſpo de Evora, foy recebido por palavras de preſente o Principe D. Joaõ, filho legitimo, e herdeyro, nos Reynos de Portugal delRey D. Joaõ III. e de ſua mulher a Rainha Dona Catharina, com o Embayxador de Caſtella, em nome, e com Procuraçaõ da Princeza Dona Joanna, ſua prima, filha legitima do Emperador Carlos V. e de ſua mulher a Emperatriz Dona Iſabel, tia do meſmo

Princi-

Principe, como irmãa delRey, ſeu pay; no qual dia ſe fizeraõ na meſma Villa de Almeirim, onde eſtavaõ, muitas feſtas, jogos, e regozijos, como a qualidade da funçaõ requeria, e pertencia à grandeza de tais Principes; e neſte dia comeo o Embayxador à meza com ElRey, e com o Principe, e Infantes Cardeal D. Henrique, e D. Luis, todos a huma meza, e houve ſaráo, no qual dançou ElRey, e a Rainha, Principe, e Infantes, com muita grandeza, perfeiçaõ, e alegria, e continuáraõ as feſtas em Almeirim por eſpaço de quinze dias. E por todo o Reyno ſe ſolennizou eſte cazamento do Principe cõ grande aplauzo, e principalmente a famoſa Cidade de Lisboa, que em tudo ſe avantaja a todas, onde houve oyto dias feſtivaes, nos quaes por ordem da Camera, que he muito generoſa, cada dia ſahiaõ com envenções novas.

Depois diſto teve ElRey Concelho acerca da eleyçaõ dos Conductores da Princeza, e foraõ eleytos D. Joaõ de Lancaſtre, primeiro Duque de Aveyro filho do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, Meſtre de Santiago, que foy filho baſtardo delRey D. Joaõ II. e D. Fr. Joaõ Soares, Biſpo de Coimbra, e Conde de Arganil, os quaes logo ſe começáraõ a preparar para o caminho. No mez de Março do anno
1552. ſeguinte de mil quinhentos ſincoenta e dous, voltou ElRey com ſua Corte para Lisboa, e ſe foy apozentar nos Paços de Enxabregas, e mandou fazer apozentos para o Principe, e Princeza, em que ſe pudeſſem muito bem agazalhar; e para iſſo ſe tomáraõ as cazas, que foraõ de Fernaõ d'Alvres, das quaes até os Paços ſe fez em muy breve tempo hum bom corredor, e hum nobre apozento. E por iſto, e porque ſe dilatou tanto a ultima reſoluçaõ, que ſe eſperava do Emperador para aſſento da caza da Princeza, que ſe paſſou a Primavera, e naõ querendo ElRey D. Joaõ arriſcar a ſua ſaude, caminhando nos calores do Eſtio, ſe dilatou a vinda da Princeza até o Outono ſeguinte, e aſſim ſe ſuſpendéraõ tambem os aviamẽtos dos ditos ſeus Conductores até novo aviſo, que lhe foy dado no principio do mez de Outubro, para que logo ſe puzeſſem promptos.

Em todo eſte tempo aſſiſtio Lourenço Pires com a Princeza em Touro; e porq̃ era Miniſtro muito fiel, e deſentereçado, podendo fazer prevençaõ de mercés para o diante, ſó ſignificou a ElRey, e pedio à Princeza que foſſe recebido em ſeu ſerviço D. Chriſtovaõ de Moura, ſeu ſobrinho, filho de ſua irmãa, que entaõ era mancebo de poucos annos: o qual indo depois com ella para Caſtella, paſſou: por induſtria da meſma Princeza, para o ſerviço de ſeu irmaõ Felippe II. ao qual ſervio taõ bem, que por ſeus merecimentos, ſubindo como por degráos, chegou a ſer Marquez de Caſtello Rodrigo. Tanto que o

Duque

Duque eſteve aparelhado ſe foy apreſentar a ElRey com todos os ſeus Eſcudeiros,e criados, ricamente veſtidos, e adornados, e vinhaõ com elle duzentos Cavalleiros de eſporas douradas,álem dos Pagens, e alabardeiros,ou ſoldados da guarda de ſua peſſoa, muitas azemalas com bagagens, e levava por deviza nos repoſteiros huma Serpente pintada com a cauda voltada ſobre a orelha, e a letra,q̃ dizia: *Ut non audiam*, que quer dizer: *Para naõ ouvir*. Naõ menos adornado veyo o Reverendo Biſpo D. Joaõ Soares, com grãde numero de Cavalleiros, nobremente ataviados,conforme o ſeu eſtado ; e a ſua diviza, q̃ trazia nos repoſteiros eraõ ſuas Armas , e a letra que, dizia: *Soli Deo honor, & gloria*, e quer dizer: *A honra, e gloria ſe dé ſomente a Deos*. E iſto com muitas trombetas , e charamelas, e outros inſtrumentos, e Cãtores para o effeito de taõ regia funçaõ, como convinha.

Neſte tempo que o Duque, e o Biſpo eſtavaõ promptos para partir em Lisboa tinha ElRey novas da Princeza quando determinava partir,e com eſta certeza partiraõ para Elvas eſtes dous Senhores,o Duque a 5. e o Biſpo a 7. de Novembro,cõ toda a ſua gente a eſperar a Princeza para a receberem na Raya dos dous Reynos, como eſtava aſſentado. Acompanháraõ aõ Duque ſeus irmãos D. Affonſo, e D. Luis de Lancaſtre, e outros muitos Cavalheiros,que quizeraõ fazer eſte obſequio a ElRey, para virem acompanhando a Princeza,ſua ſobrinha, e nora;aos quaes o Duque deu ſempre meza franca por todo o caminho, e na Raya grandes banquetes a todos em geral antes, e depois da entrega da Princeza , com tanta abundancia , e variedade de guizados , que bem moſtrou a generozidade, e grandeza de ſeu animo, e eſtado.

CAPITULO II.

De como a Princeza Dona Joanna partio para Portugal, e foy entregue na Raya, e do q̃ ſe paſſou com iſto.

REſoluta a vinda da Princeza Dona Joanna, e determinado o tempo mais cõveniente para ella, partio da Cidade Touro a 23. dias do mez de Outubro do meſmo anno de mil quinhentos ſincoenta e dous, acompanhada de Lourenço Pires de Tavora , Embayxador de Portugal , que por ordem delRey eſtava ainda aſſiſtindo com ella em ſua companhia , e ſerviço , e por D. Diogo Lopes Pacheco, Duque de Eſcalona, e o dito D. Pedro da Coſta, Biſpo de Oſma, os quaes ambos foraõ nomeados pelo Principe de Caſtella para acõpanharem a Princeza , e a entregarem na Raya de Portugal, como hé coſtume: vinhaõ mais em ſua companhia Luis Sarmento , que fazia officio de ſeu 1552.

Meſtre

Meſtre Salla, e havia de ficar fazendo o de Embayxador do Emperador, e Luis Vanegas, Apozentador mór de Caſtella, peſſoa de que ſe fazia muita confiança, a quem foy encarregado o apreſto, e aviamento de tudo o que era neceſſario para eſta jornada, e Gaſpar de Teve, Theſoureiro da Princeza, o qual com Luis Sarmento a tomavaõ nas taboas para ſe pòr a cavallo em quãto caminhou por Caſtella, e outros muitos Fidalgos, e Cavalheiros daquelle Reyno.

De Touro foy a Princeza a Tordezilhas deſpedirſe da Rainha Dona Joanna ſua avó, mãy do Emperador, e poſta a caminho por Salamanca, Placencia, e Alcantara, chegou a Badajós, onde ſe levantáraõ tamanhas duvidas ſobre a fórma da ſua entrega, que ſe puzeraõ em termos de haver nella diſgoſtos, e dilaçaõ; o que já no caminho tinha principiado, querendo o Duque de Eſcalona preceder a Lourenço Pires nos actos publicos, e nas entradas, e ſahidas dos Lugares, parecendo competirlhe (poſto que naõ trazia titulo de Embayxador) pela grandeza de ſua peſſoa, e por lhe vir entregue a Princeza, o que elle lhe naõ quiz conſentir, poſto que o Duque ſe chegou a valer da Princeza para cumprir o ſeu intento, precedendo ſempre o Tavora; pela authoridade de Embayxador de Portugal: do que o Duque vinha muy reſcentido, e agora ſe acreſcentou muito mais por cauza do que ſe ſegue.

Na Inſtrucçaõ, que o Duque de Aveiro levava ſobre a ordem de como ſe havia de fazer a entrega, lhe ordenava ElRey, que elle, e o Biſpo beijaſſem a maõ à Princeza a cavallo, ſegundo o coſtume deſte Reyno, e que a cavallo a recebeſſem da maõ do Duque de Eſcalona, o qual trazia por Inſtrucçaõ do Principe D. Felippe, que ſe guardaria no acto deſta entrega o meſmo, que ſe uzou no da Princeza Dona Maria, ſua mulher, e entendendo-ſe entre os Caſtelhanos, que nelle lhe beijáraõ a maõ a pé os Duques de Bragança, e Medina Sidonia, e que a pé a entregou o de Bragança, e a recebeo o de Medina; inſiſtio tanto o Duque de Eſcalona em naõ exceder couza alguma diſto, e penhorou-ſe tanto em palavras, que poz em contingencia de ſenaõ concluir o negocio, ſem ſe dar primeiro conta delle ao Principe de Caſtella, que neſte tempo eſtava em Monçaõ fazendo Cortes à Coroa de Aragaõ. E porque o que niſto ſe paſſou he differente do que ſe lé em algumas hiſtorias, e para memoria ponho aqui por extenſo eſte caſo.

Eſcreveo ElRey D. Joaõ a Lourenço Pires, que inſtruiſſe a Princeza do que havia de uzar naquella occaziaõ, para que, como menina, e ignorante do coſtume, naõ erraſſe as ceremonias, e lhe dizia o ſeguinte. *O Duque tanto, que chegar à viſta da Princeza ſe decerà em eſ-*

paço conveniente, para que a pè lhe poſſa hir beijar a maõ, e a Princeza depois de elle decido, lhe mandarà dizer por hum ſeu Pagem, que ahi eſtarà a pé, que ſe ponha a cavallo, e o dito Duque lhe hirà aſſim a cavallo beijar a maõ, e depois de o fazer ſe apartarâ da Princeza hum pouco a huma ilharga, ficando porèm mais adiante della que na ilharga, e a Princeza lhe mandarà cubrir a cabeça, e no dito lugar eſtarà até o tempo, em que o Duque de Eſcalona houver de fazer o auto da entrega; e ao tempo do Duque de Aveiro dizer, que pelo poder, que tem meu, e do Principe para receber a Princeza, tomarâ os ditos poderes da maõ de hum ſeu Secretario, e os moſtrarà, e depois os tornarà ao dito ſeu Secretario para elle os dar ao Notario, o qual Notario os ha de ler em publico, como requere, pela lembrança que traz do modo, que ſe ha de ter na dita entrega; e acabando o Duque de Aveiro de falar, e dando os poderes para ſe verem, o mandarà a Princeza cubrir, e feita a dita entrega, ao tempo de o Duque de Eſcalona haver de dar a redea ao Duque de Aveiro, vos arredareis vòs do lugar da ilharga da Princeza, para o dito Duque ficar depois da redea tomada, no dito lugar, e deſpedido o Duque de Eſcalona da Princeza, vos paſſareis vós ao lugar, em que eſtava o dito Duque de Eſcalona, e feito iſto abalarà a Princeza, e começarâ a caminhar. Ao Biſpo de Coimbra mandarà a Princeza cubrir primeiro, que aos irmãos do Duque de Aveiro, por quãto o Biſpo, por razaõ de ſua Dignidade os precede, e terà com elle a Princeza todo o bom modo de lhe fazer honra, e favor, e quando o mandar aſſentar mandarlhe ha dar almofada por hũ Repoſteiro de Camas. Eſte meſmo modo deve tambem ter, e guardar com os ditos irmãos do Duque de Aveiro, &c.

Dando Lourenço Pires diſto parte à Princeza, ella ſe reſcentio diſſo, por ver a diverſidade, que diſto hia, à ordem, que ſeu irmaõ tinha dado ao Duque, e eſcrito a ella, e parecialhe que a queriaõ tratar com menos authoridade, da que ſe uzou na entrega da dita Princeza, ſua cunhada, e com tudo movida de muitas razões, que Lourenço Pires lhe deu, ſe vinha já conformando com a ordem delRey, ſeu ſogro; mas o Duque as contrariou, naõ querendo de nenhuma ſorte apartarſe da ſua oppiniaõ, por mais que niſſo ſe trabalhou. Do que avizando Lourenço Pires a ElRey, elle lhe reſpondeo muy largamente, e entre muitas razões ao intento poz eſta concluencia: *Quanto ao beijar da maõ do Duque de Aveiro a cavallo, niſto póde haver differença, mas naõ parece razaõ, nem a Princeza deve querer q̃ ſe mude taõ antigo coſtume, e de tãto tempo guardado em autos paſſados, dos quaes hum foy o da Rainha, minha ſobre todas muito amada, e prezada mulher, e outro o da Rainha de Frãça, exemplos, que antes ſe deviaõ querer, que*

os de Princezas; quanto mais, que quando a Princeza, que Deos tem hia para Caſtella, rezaõ era que guardaſſe os coſtumes della; e quando a Princeza vem para Portugal, rezaõ parece, que guarde os coſtumes de cà: mayormente, quem deve pretender o amor dos naturaes: o qual ainda que ſeja taõ devido aos Principes, tambem o he a elles, conſervallos em ſeus fóros, e bons coſtumes, e mantellos em ſuas poſſes, &c.

Porém vendo o Duque de Aveiro, que o de Eſcalona ſenaõ queria apartar da ſua Inſtrucçaõ, nem fazer alteraçaõ alguma ſem avizar ao ſeu Principe, e ter delle primeiro ordem para iſſo, do que de nunhũa ſorte o poderaõ dobrar, receando mayores duvidas, e prejudiciaes demoras da entrega, attendendo mais ao goſto delRey, e Principe, e à cõveniencia deſte Reyno, de que elle era, e tinha taõ grande parte; quiz antes quebrar por ſi, e mandou dizer a Lourenço Pires, que poſto q̃ ElRey ordenava o contrario, elle queria ſahir de ſua Inſtrucçaõ, para q̃ a entrada da Princeza em Portugal ſenaõ dilataſſe mais, e lhe beijaria a maõ à pé. Deu elle logo parte diſto ao de Eſcalona, e como prudente, e ſagaz, para melhor negociar, fingio outros termos, dizendo, que Martim Correa (por quem eſtas materias ſe communicavaõ entre o Duque, e Lourenço Pires) era chegado com avizo do Duque de Aveyro, em que lhe dizia', que ſua determinaçaõ fora ſempre de beijar a maõ à Princeza a pé, ainda que ella o mandaſſe pòr a cavallo, o que elle tinha guardado em ſegredo para o manifeſtar naquella hora, e o deſcubria, antes por evitar as duvidas, que ſobre iſſo havia. Com eſtas, e outras muitas razões ſe foy o Duque convencendo, com muito trabalho de Lourenço Pires de Tavora, ſendo ajudado de Luis Vanegas, homem de mais propoſito, e talento, que o dito Duque, que ſummamente era deſconfiado.

Finalmente depois de muitos debates, e contendas, vencidas por Lourenço Pires todas as difficuldades, ſe fez a entrega da Princeza na Raya, ou Eſtremo dos Reynos de Portugal, e Caſtella, em quinta feira 25. de Novembro: o Duque de Aveiro ſe poz deſta banda de Portugal com muito bom conſerto, e ao tempo de abalar, foy com muito boa ordem, e ſe apeou com gravidade, e tanto que Lourenço Pires o vio apear ſe apeou tambem, e ſe foy a elle, e o acompanhou até chegar à Princeza, e com elle ſe tornou depois a pòr a cavallo; fez iſto fóra da Inſtrucçaõ, que tinha delRey, ditado ſó da ſua grande prudencia, ſem a communicar com o dito Duque, nem com outra alguma peſſoa, por lhe parecer, viſtas as couzas paſſadas, que convinha a autoridade do Reyno, e à do Duque, fazello elle aſſim. Tanto que a Princeza vio apear o Duque, lhe mandou a toda preſſa dizer, por hũ ſeu Pagem, que para iſſo eſtava apé,

que ſe tornaſſe a pór a cavallo, e aſſim veyo tambem Luis Vanegas muito depreſſa, que tambem eſtava a pé, bradando alto, que Sua Alteza lhe rogava ſe tornaſſe a pòr a cavallo, e dizendo que chegaſſem o cavallo ao Duque; mas elle aſſim a pé, continuou o paſſo atè beijar a maõ à Princeza, e feyto iſto tornou o dito Luis Vanegas a bradar que chegaſſe o cavallo ao Duque, e pela ſua grande authoridade o acompanhou até ſe pòr a cavallo, e proſeguioſe o auto da entrega, e entregue a Princeza, ao Duque de Aveiro, o de Eſcalona ſe apeou, e beijou a maõ da Princeza, e ſe deſpedio della a pè ſem ſe querer pòr a cavallo, como ella lhe ordenava, niſto mais que em outra algũa acçaõ ſua diſcreto. Depois, tendo já a Princeza dado alguns paſſos adiante com o Duque de Aveiro, chegou o Biſpo de Coimbra com os ſeus Clerigos, e lhe beijàraõ a maõ a cavallo, o que vendo o Duque de Eſcalona, ſe começou a queixar; ao que acudio a prudencia de Lourenço Pires, e o acomodou, acabando-ſe o auto com muita paz, e ſoccego.

Feita a entrega voltáraõ os Caſtelhanos para Badajoz, e a Princeza com os ſeus novos vaſſallos partio para a Cidade de Elvas, e dahi veyo a Eſtremoz, Evora, e Monte mòr o novo, onde o Principe obrigado do ſeu amor, a eſtava eſperando ſecretamente, e naõ taõ occulto, que naõ levaſſe comſigo ſincoenta de cavallo, e o Duque de Bragança o acompanhava, e o trazia a ſeu cargo: e alli naquella Villa foy viſto, e conhecido da Princeza, e de ſua companhia. De Monte mòr veyo a Landeira, e Palmella; fazendo as jornadas muito curtas, para que ſenaõ moleſtaſſe, e detendo-ſe alguns dias neſtes Lugares, ſendo em todos elles muito feſtejada. Em todos os quaes (por permiſſaõ delRey) mandou ſoltar os preſos, que o eſtavaõ por crimes leves, ou que naõ tinhaõ partes. De Palmella deſceo ao Barreyro, onde chegou na tarde de Sabbado 3. de Dezembro, e foy apozentada em humas cazas junto do rio Tejo, que commũmente ſe chama mar, pela miſtura, e ſemelhança, que com elle já tem neſta grande, e famoſa enceada, e ancoraçaõ da Cidade de Lisboa, as quaes cazas eſtavaõ para iſſo muito bem aparelhadas, e ornadas de ricas armações, e tudo o mais, como convinha para tal hoſpeda, e com ſua ponte, e eſcada para o mar toda ricamente pintada. E tanto que a Princeza alli chegou, logo foy mandada viſitar, aſſim da parte delRey, e Rainha, como do Principe, e Infantes, e alli ſe deteve até a ſegunda feira pela menhãa, que ElRey a foy buſcar; e logo a Cidade começou a dar moſtras da ſua grande alegria com luminarias, e fogos artificiaes.

CA-

CAPITULO III.

Do grande apparato com que a Princeza Dona Joanna foy conduſida a Lisboa.

NA ſegunda feira ſeguinte 5. de Dezembro do dito anno
1552. de mil quinhentos ſincoenta e dous partio ElRey D. Joaõ ás nove horas da menhãa para o Barreiro, onde a Princeza Dona Joanna, ſua nora, eſtava, e foy em hum fermoſo, e rico Bergantim, que por ſua grandeza, huns lhe chamavaõ Galiaõ, e outros Caravella, que para iſto eſtava muy bem preparado, cõ muitas bandeiras de ſeda, e todo toldado de borcado, e os bordos, e coſtados tudo cuberto do meſmo borcado, até o lume da agua, e as brandeiras eraõ brancas, e verdes, guarnecidas, e bordadas de fio de ouro, com muitos, matizes, e lavores, e com as Armas Reaes do Reyno, e hiaõ com ElRey o Infante D. Luis, ſeu irmaõ, e o Duque de Bragança, e outros muitos Senhores, e Fidalgos, muito ricamẽte veſtidos, com colares de ouro, e joyas de pedraria, e outras peſſas de muito valor, e todos muito viſtoſos, e ataviados. Eſte Bergantim Real, como era taõ grande, e hia todo cuberto de borcado, naõ levava vèlas, nem remeyros, nem os podia ter, mas era levado à toa por outras barcas, que hiaõ diante, cõ os patrões, e remeiros veſtidos de libré vermelha, e todos muito luſtroſos. E foraõ mais quatro Bergantins pequenos, ou bateis, dous delles com toldos de veludo carmezim, e o terceiro de amarello, e o quarto de verde com barras de borcado, e as grades douradas, os quaes mandou ElRey fazer para lá no Barreiro deſembarcar, e embarcar, porq̃ o em que hia, por ſua muita grandeza naõ podia chegar à terra, e nelles voltou ElRey com a Princeza, e os mais Senhores da ſua companhia, e Damas da Princeza, a embarcar todos no Bergantim Real.

E aſſim meſmo ſe tinhaõ mandado fazer, e eſtavaõ preparados, outros muitos bateis, ou Bergantins, por todos os Tribunaes, naçoens Eſtrangeiras, e officios da Cidade, para acompanharem a ElRey, e obſequiarem a Princeza, e eraõ todos formados com muitas galantarias, e invenções ſobre monſtros terreſtres, e marinhos, como cada hum melhor podia, e procurando todos avantajarſe huns aos outros, fingindo, Montes, Serras, Grifos, Salvagens, Cavallos marinhos, Serpentes, Leoens, Tigres, e outros animaes, e figuras muito galantes, que por ſer couza divertida particularizarey para eterna memoria de funçaõ taõ plauzivel. Eſtavaõ todos os Miniſtros, Tribunaleiros, Juizes dos officios, e todas as mais peſſoas, que haviaõ de hir nos bateis, eſperando que ElRey ſahiſſe do Paço, e tanto que ſe embarcou

abalháraõ todos, cubrindo o mar com taõ luzida frota, toda toldada de vèlas, e bandeiras, com muitos inſtrumentos, e ſuaviſſimas muſicas, couſa por certo muito viſtoſa, e alegre.

O batel da Camera da Cidade, foy ſempre, e veyo ao lado direito do Bergantim Real; hia toldado de ſeda branca, e preta, com a náo e Corvos de Saõ Vicente Martyr, pintados, que ſaõ as ſuas Armas, e os remeiros com librè da dita cor, e nelle hia o Preſidente, Vereadores, e mais Officiaes do Senado, e adiante hia o Meirinho da Cidade, em outro batel, com os ſeus homẽs, fazendo afaſtar as outras embarcações; e aſſim levavaõ mais outro batel atraz embandeirado de bandeiras de ſeda ricas, com as meſmas Armas, e nelle hiaõ muitos inſtrumentos de timbales, trombetas, e charamellas. Da parte eſquerda do Bergantim Real, hia hum batel da Caza da India, com o Feitor, e Officiaes della, toldado de ſeda branca, e amarella, e os remeiros veſtidos do meſmo theor, e na proa levava huma donzella, veſtida de ſeda, com huma Coroa de prata na cabeça, e na maõ huma Eſfera, poſta ſobre huma grande bola, figura do mundo, e com bandeiras de ſeda da meſma cor, e levava por Armas hum G. grande, de letra gotica, e dentro nelle hum I. e hum C. que queria dizer: *Comercio das partes de Guiné, e Indias.* Hia outro batel do Almazem, com toldo de ſeda branca, e azul, e remeiros da meſma libré, e em cada quina, ou remate do dito toldo, eſtava poſto hum homem, armado de armas brancas, tendo em huma maõ Eſcudos grandes, e na outra bandeiras, e levava na proa outro homem, armado das meſmas armas, com penachos na cabeça, e na maõ direita huma Eſfera. E hiaõ neſte batel alguns berços, que ſe diſparavaõ algumas vezes.

Hia outro batel da Alfandega, com toldo de ſeda amarela, e remeiros da meſma librè, muito bem embandeirado. Hia outro batel dos Contos com ſeu toldo de ſeda azul, e branca, com remeiros da meſma librè, e com bandeiras de ſeda muito viſtoſas. Lucas Giraldo, e ſua caza levou outro batel cõ toldo de ſeda, e os remeiros de librè amarella, e branca, com ſuas bandeiras do meſmo theor. Diogo Martins, e ſua caza levou outro batel cô toldo de ſeda amarella, branca, e azul, com remeiros do meſmo theor. Bento Rodrigues, e ſua caza levava outro batel, com toldo de ſeda azul, e branca, e os remeiros veſtidos da meſma librè. Diogo de Craſto, e ſua caza levava outro batel, da meſma maneira. Marco Antonio, e os refinadores dos Açucares, levavaõ outro batel, com toldo de ſeda da meſma cor, e remeiros com librè da meſma ſeda, e na volta lançáraõ muitos foguetes. Micer Bernárdo, levou outro batel da meſma maneira. Os

Bulga-

Bulgalezes levavaõ outro batel cõ toldo de ſeda, e remeiros de librè muito bem conſertados, e à vinda lançavaõ muitos foguetes. Os Mercadores de ſobrado, levavaõ outro batel, com toldo de borcado, e remeiros de muito rica librè, e com vèlas de ſeda. Os Mercadores de logeas ſahiraõ com hum batel muito bem conſertado, feito em figura de huma Serpente, com remeiros, vèlas, e bandeiras bem conſertados; na proa levava a Imagem de S. Chriſtovaõ muito agigantado com os pés na agua, e hum pinheiro nas mãos, dando moſtras de que paſſava o mar, e na poupa hum arco Iris, com os ſette Planetas, ricamente veſtidos de tella douro, e prata, e aſſim mais duas ſerras. Os Caixeiros, levavaõ hum batel muito rico, com ſeu toldo de ſeda, e remeiros de librè da meſma, e diante levava o Deos Mercurio, com huma bandeira na maõ. Os Corretores de cavallos levavaõ outro batel, conſertado muito bem, e dentro nelle, hia huma ſerra com dous Leões deitados lambendo as mãos, e duas Ninfas, com hum galante, que as defendia dos ditos Leões. Os Tabaliães das Notas, hiaõ com hum batel, e ſeu toldo de ſeda muito bem conſertado, e embandeirado. Os Tabaliães do Civel, e Crime, levavaõ outro batel, com toldo de ſeda branca, com ſuas bandeiras, e à volta lançavaõ foguetes.

Os Mercadores de Madeira, hiaõ em outro batel, feito em fórma de ſerra, cuberta de ribeiras de agua, e na proa levava Santiago a cavallo, e na poupa huma Torre, na qual hiaõ ſeis Mouros, e ſeis remeiros Chriſtãos, que os ditos Mouros tinhaõ cativos, e Santiago lhos tirou do poder, e cativou os ditos Mouros, e os Chriſtãos os levavaõ prezos com as mãos atadas, e cadeas de ferro ao peſcoço, e à volta lançavaõ muitos foguetes da dita Torre. Os Ourives da prata, levavão outro batel, muito bem conſertado, e armado, em fórma de hum arco triunfante, com rodas, que ſe moviaõ pela agua, e na proa hiaõ dous golfinhos grandes, ferozes, com fiſgas de prata na maõ, e em cima delles hum homem negro, bem veſtido à Mouriſca, tangendo huma trombeta, e repreſentava o Tritaõ, Deos marinho. Os Contratadores do trigo, hiaõ com outro batel com ſeu toldo azul, e vermelho, e remeiros da dita librè. Os do officio da Bandeira de S. Miguel, levavaõ hum batel muito bem conſertado com ſeu toldo de ſeda, e remeiros de librè rica, e na proa hiaõ dous Gigantes ferozes, cada hum com ſua maſſa na maõ, e na poupa hũa Giganta grande muſica.

Os da Bandeira de S. Jorge, levavaõ hum batel muy bem conſertado, formado a modo de ſerra bem feita, e hia na poupa huma Torre, com duas janellas, em que eſtava hum Rey, que ſe mudava de huma para a outra, e falava com

os

os Paſtores, que eſtavaõ deitados na meſma ſerra, e na outra velava huma ſua filha, a qual defendeo S. Jorge, e na proa hia a Imagem do dito Santo a cavallo armado, e diante delle, hia huma Serpe muito feroz, a qual eſtava com as garras levantadas contra o Santo, que lhe tinha a lança metida pela boca, e lançava a maõ à eſpada, para pelejar com ella, e à filha do dito Rey eſtava detraz do dito Santo, muito bem adornada. Os Fabricantes, e cortadores de carne, e pedreiros, levaraõ ſeus bateis muito bem conſertados.

Os Cerieiros hião com outro batel muy galante, em que formárão hum jardim de cera, e na proa levava huma arvore carregada de maçans, e o vão do batel todo cuberto de huma parreira com uvas ferraes, e ao redor muitos alegretes com cravos, e outras flores, e na poupa huma horta, com muitas arvores, com fruitas verdes, e maduras, tudo de cera, e tudo couſa bem viſtoſa. Os Correieiros, e Adargueiros, levavaõ outro batel muito bem conſertado, e embandeirado. Os Framengos fizerão outro batel com toldo de ſeda amarela, e com ſuas bandeiras da meſma, e remeiros da dita libré, e o dito batel feito em fórma de Elefante, e na proa levava hum Leão ferós, cõ hum eſtandarte na mão, e no meyo levava duas colmeas, cõ ſeus rotolos, que dizião: *Non plus ultra*, e junto do toldo hião dous homens feitos marinhos, ſobre os quaes hia poſta hũa Aguia Real grande, com as Armas do Emperador, e quando voltou lançava muitos foguetes.

A mayor parte deſtes bateis, ou Bergantins, levavão trombetas, charamellas, e outros inſtrumentos, e muſicas, com muitas galantarias de goſto. E os peſcadores de Alfama levavão ſeis Caravellas pintadas, e huma dellas levava duas bandeiras grandes, huma do Eſpirito Santo, e a outra de Deos Padre, e nella levavão huma dança, toda veſtida de libré preta, de pano muy fino, com ſuas cadeas, e colares de ouro, e gorras com medalhas, e pontas de ouro, e talabartes, e adagas douradas. Os Chincheiros, levavão ſuas barcas enramadas, e com bandeiras muito bem conſertadas. Os Peſcadores de Cataquefarás, levavão outras barcas, tambem pintadas, e muito bem conſertadas, com ſuas muſicas. Forão, e vierão outras muitas barcas, e bateis com gente muito luzida, que hia ver as feſtas com muitos Navios, e Caravellas, que andavão à vèla pelo mar diſparando artelharia à hida, e à volta delRey, e tambem de terra o ſalvárão com muitas bombardas.

Chegado ElRey às cazas, onde a Princeza eſtava, já ella o eſtava eſperando, com huma gravidade, e continencia, que lhe foy muito louvada, e chegando ElRey ao topo da eſcada, logo ella ſe lançou a ſeus pés com muita humildade. ElRey a levan-

a levantou, e abraçou, e lhe não quiz dar a mão a beijar, e se fizerão grandes cumprimentos de cortezias, e muitos Senhores, que acompanhavão a ElRey, lhe forão beijar a mão a ella. Assentouse ElRey, e a Princeza junto delle, em cadeiras forradas de seda parda, guarnecidas de veludo roxo, com muita pedraria, couza de muito preço, e riqueza.

No mesmo dia de tarde, tomou ElRey a Princeza pela mão, e descendo pela escada se meterão no batel menor, para embarcarem no rico Bergantim, que estava mais de largo, e o mesmo fez o Infante, Duques, e mais Senhores, e Damas da Princeza nos outros tres bateis, para se recolherem todos no dito Bergantim, que era muito grande; logo as musicas, e divertimentos das outras embarcaçoens começárão por todo o mar, e os navios a dar salvas, e assim vierão atè o Paço, com tanta alegria, e festas, quaes nunca se virão taes, no rio de Lisboa. A gente, que concorreo às prayas a ver, álem da que andava pelo mar embarcada, era tanta, que se affirma passar de cem mil pessoas.

Chegando ao Caes, que estava feito diante, e pegado nas varandas dos Paços da Ribeira, estando tudo muy bem armado de panos ricos, tomou sua Alteza a Princeza pela mão, e a levou até fóra, e à entrada das varandas estava o Principe esperando, e com elle o Cardeal Infante, seu tio, e alli se fizerão suas cortesias de parte a parte, como era devido, e a tal occazião pedia, e começàrão os Principes ambos a praticar, e entre outras palavras, perguntou o Principe à Princeza: *Que taes lhe pareceraõ os Paços de Monte mór?* E esta pergunta fez o Principe, porque se tinhaõ alli visto, e conhecido hum a outro. Ao que a Princeza respondeo: *Que muito bem, e que aquella Villa lhe parecera ser a melhor de todas quantas terras, tinha visto em Portugal.* A Rainha a abraçou, e o mesmo fizerão as Infantas Dona Maria, irmãa delRey D. João, e Dona Isabel, sua cunhada, e depois de feitos os cumprimentos, e suas cortesias, porque já era tarde para hirem à Sé, e porque a Princeza vinha enjoada, e molestada, feyto silencio, forão alli recebidos na salla grande do Paço por palavras de presente, pelo Cardeal, seu tio. E por ella vir assim molestada não houve saráo no Paço aquella noite; mas pela Cidade erão as festas, e jogos muy grandes, com muito fogo, e luminarias. E nesta noite, e na seguinte dormio a Princeza com a Rainha, e o Principe com ElRey, seu pay, porque queria ElRey, que elles fossem à Sé primeiro, que consummassem o Matrimonio, e ahi recebessẽ as Bençoas, como era costume, para o que se tinha a Cidade desvelado com preparos de muito custo, e estudada hũa douta Oração, em seu louvor, como logo se verá.

CA-

CAPITULO IV.

De como os Principes foraõ á Sé receber as bençoas, e das grãdes feſtas, com que a Cidade de Lisboa applaudio o ſeu cazamento.

NA Quarta feira logo ſeguinte 7. do mez de Dezembro do
1552. meſmo anno de mil quinhentos ſincoenta e dous, dia do grande Doutor Santo Ambroſio, e veſpera da Conceyção de Noſſa Senhora ordenou Sua Alteza de levar os Principes à Sé, para o que ſe juntou toda a Fidalguia pela menhãa no Paço. Cavalgou ElRey, e o Principe lhe deu o Eſtribo, e ao Principe o Infante D. Luis, e os Duques de Bragança, e de Aveiro, eraõ os das taboas da Princeza, e o ſeu Eſtribeiro mòr, eſte levava o cavallo pela redea, e poſtos em ordem a ſaber o Principe à maõ direita, e ElRey à mão eſquerda, e a Princeza no meyo, foraõ andando pelo Terreyro do Paço para as portas da Ribeira; eſtando toda a Nobreza poſta em ala formando rua, huns de huma parte, e outros da outra, como em Prociſſaõ, todos ricamente veſtidos com guarnição de ouro, e pedras precioſas, e grandes colares, e pompas, e pagens, e criados; e não ſómente elles, eos ſeus, mas os proprios cavallos, e mulas, tudo era ouro, couſa muito para ver, e admirar, e niſto ſe conhece muito o amor, fé, e lealdade, que a Nação Portugueza tem aos ſeus Reys, e Principes, e Senhores naturaes, pois pelo exterior applauzo ſe conjectura muy bem o animo interior. E cada dia deitavão novas galas, e differentes, e cada vez melhores à competencia. A companhárão mais a ſuas Altezas, os Embayxadores, que ſe achavão neſta Corte, o Nuncio de Sua Santidade, e outros muitos Biſpos, e Prelados, e as Damas, que a Princeza trouxe de Caſtella.

Eſtavão as Portas da Ribeira, que guiaõ para o Pelourinho velho, guarnecidas, e ricamente adornadas de lavores, e pinturas, por ordem da Camera da Cidade, e o arco reformado de madeira pintada com emprezas, e geroglificos, com muito ouro de huma, e outra parte, e no meyo eſtava a Imagem do Anjo Cuſtodio do Reyno, com as Armas de Portugal, e à mão direita eſtava a Imagem de S. Vicente Martyr, Padroeiro de Lisboa, e da outra parte, a de Santo Antonio, ſeu natural, com pinturas de peyxes, e de outras couſas muito galantes conforme a obra; e com targes, e letras em louvor de Suas Altezas, e no meyo eſtavaõ as Armas da Cidade.

Chegando Suas Altezas ao Pelourinho, onde eſtava a Cidade em corpo de Camera, e com ella D. Luis de Caſtro, Alcaide mòr da Cida-

Cidade, que alli tomou a redea do cavallo da Princeza, e a levou dalli por diante, e o Doutor Simaõ Carvalho, ſobindo-ſe em hum theatro, que para iſſo eſtava feito, e bem armado, orou em nome da Cidade, fazendo huma douta Pratica a Suas Altezas, em ſeu louvor, dando a ElRey as graças da merce, que lhe fazia de nella receber ſeus filhos: no fim da qual, logo os Vereadores, Eſcrivaõ da Camera, Procuradores, Juizes, Procuradores dos Miſteres, e outros Officiaes da Camera, e Cidadões, beijáraõ todos a maõ a ElRey, e aos Principes, a cada hum per ſi, como he cuſtume, conforme o ſeu Regimento. Depois diſto os quatro Vereadores, que entaõ ſerviaõ, a ſaber: Franciſco Correa, D. Duarte da Coſta, Manoel Corte Real, Chriſtovaõ Mendes de Carvalho, e tres Vereadores paſſados, a ſaber: D. Garcia Déça, Loppo de Britto, Joaõ Brandaõ, com Franciſco Dias, Chanceller da Cidade. Todos oito tamáraõ hum muito rico Palio de borcado forrado de ſetim cramezim, com as varas douradas, pegando cada hum delles em huma dellas, e Suas Altezas, ſe metéraõ debaixo delle, da meſma ſorte, que vinhaõ, e proſeguiraõ o ſeu caminho para a Sè, por eſta ordem.

Hia diante o Meirinho da Cidade, com outros officiaes de juſtiça, afaſtando a gente, que era infinita, ſeguiaõſe os inſtrumentos, trombetas, e charamelas delRey, logo a Fidalguia, os Duques, os Prelados, e os Infantes, e o Eſtoque delRey. Depois todos os Cidadões em álas de huma, e outra parte, a ſaber: os dous Procuradores, hiaõ junto do Palio, cada hum de ſua parte, e da direita hia Chriſtovaõ de Magalhães, Eſcrivaõ da Camera, e os Juizes do Civel, e diante delles os dos Orfaons, e os das Propriedades, e da outra parte eſquerda, hiaõ os Juizes do Crime, e diante delles os Officiaes, com todos os da Cidade, e Juiz do Terreiro, e Theſoureiro, e dahi para cima os outros Cidadões, todos com ſuas varas, repartidos tantos de huma parte, como da outra, em muito boa ordem, todos a pè com ſeus tabardos, e capuzes frizados, com grandes collares, e ricas cadeas, e pontas de ouro, todos deſcubertos, e alguns com grandes calvas, couſa muito para ver, de que ElRey recebia muito goſto, porque o elevavão, e interneciaõ muito eſtes extremos, e apparatos dos ſeus vaſſallos: e atraz de tudo hiaõ outros Officiaes de Juſtiça menores, para accomodarem as diſcenções, que houveſſe.

Deſta maneira chegáraõ à Sé, paſſando pela porta do ferro, que eſtava bem conſertada, e muito melhor o Portico da Sé, em cujo adorno, q̃ foy de muito cuſto, deſpendéraõ os Conegos mais de trezentos cruzados, quantidade grande para aquelle tempo; alli ſe viaõ as Armas do Reyno, e as das tres Ordẽs Militares, de que ElRey novamente era

Administrador, por concessaõ do Papa, a quem o tinha pedido, e disso lhe mandou suas Bullas, e assim havia outras cousas muito vistosas no dito Portal, tudo de algodaõ com lindo artificio. Chegando ás escadas se apeàraõ Suas Altezas, e os Duques descéraõ a Princeza, e as Damas não se apiáraõ, e esperàraõ cà fóra com muitos Senhores, que as acompanhavaõ; porque era tanta a gente dentro, e fóra, que se não podiaõ revolver, nem passar.

A' porta da dita Igreja os estavaõ esperando o Arcebispo D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, com os seus Conegos, e mais Clero della, e os levàraõ à Capella Mòr cantando o *Te Deũ laudamus*, e o de *Benedictus*, &c. e ouvindo Missa, que achàraõ jà principiada; e no fim della, recebéraõ os Principes as bençoas, que lhe deu o dito Arcebispo, havendo para tudo dispensaçaõ de Sua Santidade, que tinha dispensado no parentesco, concedendolhe tambem o Nuncio muitas Graças, e Indulgencias. Isto acabado voltàraõ a cavalgar, e vieraõ pelo mesmo caminho da rua da Padaria, Fancaria, e dahi pela rua nova dos ferros, e passáraõ pelo arco dos pregos, que estava muito bem consertado, e pintado com huma rica face de arco triunfal da parte da rua nova, que a Cidade mandou fazer, e todas as ruas por onde passáraõ, estavaõ muito bem armadas de panos de seda, e colchas da India, e outras drogas, e as colunas da rua nova todas cubertas de panos, e alcatifas novas muito ricas, e em muitas partes panos de tella de ouro, e borcado, de maneira, que tudo estava muito perfeitamente adornado; e assim chegàraõ Suas Altezas ao Paço com muitos vitros, festas, e prazeres, e contentamentos de todos.

Neste dia houve Banquete Real, e comeraõ com Suas Altezas, os Infantes Cardeal D. Henrique, e D. Luis, todos a huma meza, e à noite não houve saráo porque se ajuntàraõ os Noivos. No dia antecedente tinhaõ principiado as festas da Cidade por mar, e terra, que duràraõ por espaço de oito dias continuos. O Officio de S. Jorge fez por vezes hũa dança, ou exercicio de piques de homens muito bem ornados com seu pifaro, e tambor, com seu Capitaõ, e Sargentos. O Officio de S. Miguel fingio os Reys da India, e de Guinè, vestidos conforme o uzo da sua terra todos a cavallo, e diante com trombetas, timbales, charamellas, e o Embayxador com tres pagens a cavallo, que levavaõ presentes de barras de ouro, e prata, e pedras preciosas a Suas Altezas. E os Officios de S. Joseph, fingiraõ a historia de David, quando matou o Gigante Golias, com homens, e mulheres, que dançavaõ, e cantavaõ, dizendo toda a historia, a som dos instrumentos, que levavaõ. E os Capateiros fizeraõ a historia do Deos Cupido, com hum carro triunfante

de

de quatro cavallos, que o levavaõ, e nelle hia Hercules Tebano, e Dalmira, e Julio Cezar, e a Rainha do Egypto Cleopatra, e Alexandre Magno, Rey de Macedonia, e sua mulher Tabá, e Eneas Troyano, vencido de Crasto, e Orfeo, com huma viola tangendo, e cantando o Vilancico seguinte: *Vean todos mi tormento, y quien livre estâ de amor, lo serà de mi dolor.* E os Alfayates, fizeraõ doze Sereas com cabeleiras, e grinaldas de ouro, e quatro Cirnes, que bailavão ao som do tanger, e cantar das Sereas, e hum Rey Indio, com seus pagens ricamente vestidos: e a historia de Judith, levando a cabeça do General Olofernes, e mais huma dança de homens, e mulheres, com seus instrumentos, que tangiaõ, e ElRey Salamaõ, com a Rainha Sabà, festejando as Vodas dos nossos Principes, com seus presentes, que levavaõ, e muitos cantores, e tangedores. E os Corrieiros, e Adargeiros, fizeraõ o cazamento de Tobias o moço, com Sára, applicado ao Principe, em que entravão elles ambos, e alli o Arcanjo S. Rafael, e o Diabo, que matou o marido, e o sogro, e sogra de Tobias, e outras muitas figuras, que festejavão cantando, e tocando seus instrumentos.

E os Cortidores, fizeraõ a historia de Sansaõ: a saber, os Filisteos, que peitàraõ a Dalida para que lhe désse o segredo de sua força, a qual o deu à prizaõ, cortandolhe a guadelha, e elles lhe tiráraõ os olhos, e nisto feneceo com vitoria dos Filisteos, e todos traziaõ, ou formavaõ huma dança muito prefeita, com seus instrumentos, que tocavaõ. E os Fanqueiros, fizeraõ huma Serpente com sette cabeças, que significavão os sette peccados mortaes, e sahirão sette virtudes a contender com os ditos sette peccados, dizendo a cada hum delles contra quem peleijavão, tudo dançando ao som dos seus instrumentos, e a cada mudança diziaõ seus ditos, sentenças, e trovas. E os Tanoeiros, fizeraõ o juizo de Paris, Troyano: a saber, Mercurio, levando as tres Deosas ao Juizo de Paris, sobre a maçãa da discordia, e Paris da maneira, que a julgou a Venus, por ser mais fermosa, e sahirão sette figuras todas vestidas ao modo Romano, como a historia requeria, e trazião musica, e instrumentos, que tocavão. E os Vinhateiros, fizerão o triunfo do Deos Bacco, com huma dança de dezaseis homens, vestidos de libré rica, e a figura que reprezentava o dito Deos, no meyo lançando vinho, e os dançantes com suas garrafas delle, e seus instrumentos, com que tangião muy perfeitamente. E os Barqueiros fizeraõ huma dança de machados pintados, e elles vestidos de rica libré.

E os Tozadores, e Tintureiros, fizeraõ huma historia de sinco irmãos Gigantes em hũa Fortaleza, e della salteavão aos que passavaõ

pela eſtrada, e tendo o Rey da terra diſſo informaçaõ, lhe mandou Embayxada deſafiando-os à guerra, que ſahiſſem com elle a campo; o qual Rey levava o pendaõ de Chriſto, e com ſua ajuda venceo os ditos Gigantes, e ſe convertèrão à Fè, e fizeraõ Chriſtãos, e entregàraõ as chaves da dita Fortaleza ao Rey. Os Cordoeiros de linho, e eſparto, fizerão huma dança da hiſtoria de Hercules, quando lutou com o filho da terra, meyos veſtidos de ſeda, e o mais de outra librè, com ſeus inſtrumentos, que tocavão muito bem. Os Odreiros, e Pecheleiros, fizerão huma dança de bordoens dourados, como Romeiros, e levavaõ hum Urſo no meyo da dita dança, e huma Dama muy ricamente veſtida, com ſeus inſtrumentos. Os Almocreves, fizerão huma dança de arcos, e outra de eſpadas, veſtidos de librè muito bem conſertados. Os Atafoneiros, fizerão outra dança de machados, de ſeda muito bem conſertados, com ſeus inſtrumentos, que tocavaõ. Os Teceloens fizerão huma dança de certos ſegadores, veſtidos de librè com ſeus inſtrumentos. Os Eſteireiros fizerão a hiſtoria dos Patagois, que eraõ finco de huma parte, e da outra outros finco caçadores, e huma Donzela, q̃ os Patagois tinhaõ cativa, metida em humas brenhas, e indo por alli os caçadores caçando déraõ com ella, e peleijáraõ com os Patagois, e os vencéraõ, e a tiráraõ de ſeu poder, e tudo dançando muito bem ao ſom dos ſeus inſtrumentos.

As Medideiras do Terreiro do trigo, fizeraõ huma dança de mulheres, veſtidas de ſeda ricamente, com ſeus inſtrumentos. As Padeiras fizeraõ outra dança, com duas Pélas. As Regateiras do peyxe fizeraõ huma Pèla, e dançaſ de Siganas, e as da hortalica, outras de muitas maneiras por vezes. E as Regateiras da fruta, fizeraõ duas Pèlas, e dançaſ de Siganas, de toucas, e toalhas. Houve tambem varias folias: huma dos Peſcadores de Alfama, outra dos Peſcadores de Cataquefaràs, duas da Cidade veſtidos de librè branca, e preta, e outras do Termo, a ſaber, huma folia de Belem, e Oeiras, e outra de Bẽfica, e Carnide; outra do Lumiar, e Paço: outra de Friellas, Unhos, e Camarate: outra de Santo Antonio do Tojal: outra de Sacavem, e S. Joaõ da Talha. E aſſim outros feſtejos, que por abreviar deixo, divididos todos por ordem, cada huns em ſeu dia, no diſcurſo dos oito, que as feſtas duráraõ, como acima digo. E naõ ſó na Corte, mas em todo o Reyno havia muitas feſtas, com muita alegria, por amor deſte cazamento do Principe D. Joaõ, com taõ excellente Princeza, de quem eſperavaõ a ſegurança da ſuceſſaõ do Reyno de Portugal.

CA-

CAPITULO V.

De hum laſtimoſo, e horrivel caſo, que neſte tempo aconteceo no Paço, na preſença delRey.

ACabadas eſtas feſtas, com grande contentamẽto de Suas Altezas, e dos ſeus Vaſſallos, e povos do Reyno. Logo ao Domingo ſeguinte, onze dias do dito mez de Dezembro do meſmo anno de mil
1552. quinhentos ſincoenta e dous, ordenando-ſe outras muitas, e grandes feſtas, e havendo neſte dia banquete Real para todos eſtes Principes, como neſta vida não ha goſto perfeito, foy eſte muito aguado. Quiz ElRey ouvir Miſſa na ſalla, como muitas vezes fazia, e eſtando preſentes Suas Altezas, Reys, Principes, e Infantes, Duques, e toda a mais Fidalguia da ſua Corte, diſſe a Miſſa o Padre Juliaõ Soares, Capellaõ delRey, e aſſiſtio a ella hum maldito homem Ingles com taõ dannado coração, que tanto, que o Sacerdote levantou a Hoſtia conſagrada, com temerario atrevimento ſe chegou a elle, e lha arrebatou das mãos, e quebrou, e entornou o vinho do Calix, que ainda não eſtava conſagrado, e deu algumas punhadas no celebrante. Vendo iſto os preſentes, lançáraõ-ſe a elle alguns Senhores, principalmente o Duque de Bragança, que o quizera logo matar, ſe ElRey não diſſera, que o não mataſſem, para ſe ſaber delle quem o commovera a commetter taõ grande inſulto, e ſe vinhaõ alguns mais em ſua companhia.

Proſeguio o Sacerdote a Miſſa com grandiſſima perturbaçaõ, com as particulas, que ſe acháraõ, e preparou de novo o Calix, e o Conſagrou; houve grandiſſimo diſgoſto, e ſobreſalto em todos. ElRey triſte, e treſpaſſado com o ſucceſſo derramou muitas lagrimas de triſteza; comeo eſte dia ſó, e com grande pena, ſem genero de feſta alguma, e aſſim meſmo toda a Corte. Correo logo a fama do caſo, e quando o malaventurado herege dalli foy levado, houvera de ſer deſpedaçado pela gente, ſegundo eſtavaõ todos delle eſcandalizados pelo deſacato feito ao Diviniſſimo Sacramento, e ainda que foy entregue ao Regedor, não o podiaõ livrar do povo, porque lhe não ficou cabello, que lhe não arrepellaſſem, nem barba, que lhe naõ arrancaſſem da cabeça.

ElRey ſe encerrou de nojo, e tomou dò, e diſſe, que: *Prouvera a Deos noſſo Senhor, ſe fizeſſe antes a elle, ou ao Principe ſeu filho, aquella injuria, e que aquelle deſgoſto o acompanharia para ſempre em quanto viveſſe, pois ſe fizera a ſeu Deos, e Senhor, huma taõ grande afronta, e deſacato na ſua prezença, ſem elle o poder evitar primeiro que ſe fizeſſe, e que bem conhecia, que ſeus peccados o me-*

o merecião. E ſe recolheo chorando, não querendo q̃ lhe falaſſem, nem entraſſe peſſoa algũa onde elle eſtava, e aſſim foy, que dalli em diante viveo ſempre com eſta pena, e lhe abreviou a vida morrendo dalli a ſinco annos. E não era menor o diſgoſto, e ſentimento em todo o povo da Cidade, pois todos choravão de pena, que certo nunca ſe tal vio, por naõ poderem tolerar, que taõ grande afronta foſſe feita a Deos noſſo Senhor, ſem que alguma peſſoa o podeſſe entender, e atalhar antes que ſucedeſſe, e certo, que ſe Sua Alteza ao tal tempo não eſtivera na Cidade, pouco fora o que ſe fez na matança dos Judeos, na meſma Cidade, em tempo delRey D. Manoel, ſeu pay, para o que agora fariaõ não ſómente nos Judeos, pelo grande aborrecimento, que lhe tem, mas em toda a naçaõ Eſtrangeira, porque andava a gente taõ alvoraçada, e inflamada em zelo do amor Divino offendido, que não podiaõ ſupportar tal afronta feita a ſeu Deos, e Senhor, e em ſeu deſaggravo, todos houveraõ de paſſar à eſpada, ſe ElRey o não mandára atalhar.

Choravão os Clerigos, e Religioſos, ouvindo contar tal deſacato feito a ſeu Deos, dizendo: *Que para que era mais vida, ſenaõ morrer logo por honra, e amor do meſmo Senhor*. Eſta Fé, e puro affecto tem a Naçaõ Portugueza, que noſſo Senhor eſcolheo por ſeu zelo, e piedade, como mais fiel, lá deſde o ſeu principio, para ſeu ſanto ſerviço. E como ElRey D. Joaõ era Chriſtianiſſimo atalhou tudo, mandando juntamente a todos os Conventos, que expuzeſſem o Santiſſimo Sacramento, e fizeſſem Preces, e Prociſſoens de deſaggravo, com muita cera, e devoçaõ, para que noſſo Senhor applacaſſe a ſua ira, e não attendeſſe aos noſſos deſcuidos, e fraquezas, mas como pay de Miſericordia nos perdoaſſe, e trouxeſſe ao verdadeiro caminho da emenda, e arrependimento de noſſas culpas.

E porque o mal aventurado Herege naõ eſtiveſſe muito tempo ſem caſtigo da ſua inorme culpa, e pena, que merecia; logo no meſmo Domingo à tarde, mandou ElRey ao carcere, onde elle eſtava prezo, o Doutor Euſebio Homem, bom Letrado de boa fama, e reputação, e o Inquiſidor, para o inquirirem, e ſaberem delle quem o movera, ou porque cauza commettera feito taõ horrendo, e o convenceſſem, e obrigaſſem a reduzirſe ao gremio da Igreja, para que Deos lhe perdoaſſe, e mereceſſe ſer ſalvo. Aſſim o executáraõ, exortando-o a que ſe arrependeſſe, e confeſſaſſe a ſua culpa, que noſſo Senhor lhe perdoaria. E elle muito duro, e pertinaz em ſua tençaõ, não reſpondeo mais, ſenaõ: *Que nenhuma injuria fizera a noſſo Senhor, porque elle eſtava no Ceo*. Naõ reparando nas palavras, que Chriſto diſſe: *Ego vobiſcum ſum uſque ad conſumationem ſeculi*. E que ſó a ElRey fizera

deſa-

desacato, por ser em sua presença, de que a elle pedia perdaõ; e na mesma contumacia esteve até a segunda feira. E quando Sua Alteza soube que queria morrer infiel, e arrenegado, deu lugar ao Regedor, que executasse nelle a justiça, que sua crueldade merecia.

Como o delito pedia riguroso castigo, quiz o Regedor examinar se por ventura haveria alguns da sua oppiniaõ, e feita, que concorressem para o caso, e por mais perguntas, que lhe foraõ feitas, nenhuma cousa quis confessar, mais que ser elle só no tal caso; e à Segunda feira doze do dito mez de Dezembro, se ordenou huma fogueira de fronte dos Paços, onde Sua Alteza estava, porque visto elle naõ ter respeito ao Rey do Ceo, nem ao da terra, nem querer aproveitarse da misericordia, que se lhe offerecia taõ caritativamente, quis ElRey velo justiçar, ainda que he muito estranhado nos Principes assistir, e ver a execuçaõ das suas justiças, mas aqui pode mais em Sua Alteza o zelo da Fé, e amor a Deos afrontado, e odio à cegueira dos Hereges, como fiel Catholico Romano; e tambem, porque convinha, que já que senaõ podia executar o castigo aonde cõmettera o delito, se fizesse ao menos là perto, e à sua vista, para excramento. E neste dia ás quatro horas da tarde, o tirou a justiça da cadea do Limoeiro, e o trouxe arrastando em hum couro de boy, sem Misericordia, visto não ser Catholico, e o povo, que era infinito, o queria despedaçar a cada passo, e chegando ao Pelourinho da Ribeira, lhe cortàraõ as mãos, e daqui em hum instante foy levado ao lugar da fogueira, onde estavaõ milhares de rapazes com muitas pedras, e alli lhe tornàraõ a fazer novas perguntas, às quaes nunca quis responder, estando muito duro, e emperrado, à vista do que foy logo levantado, e prezo a hum mastro, para melhor ser visto de Suas Alteza, e tornandolhe a requerer com grande efficacia se arrependesse, que ainda Deos haveria misericordia delle, e naõ seria queimado vivo, não quis aceitar, nem responder, pelo que lhe foy posto o fogo, e lhe começáraõ à tirar muitas pedradas, e assim apedrejado, e queimado entregou o maldito herege a sua alma, e corpo aos demonios, para ser eternamente atormentado nos infernos.

E logo à Terça feira 13. do dito mez, dia de Santa Luzia, ordenou Sua Alteza, que se fizesse huma solenne Procissaõ de Preces, e desagravo do Senhor, mandando que todas as Confrarias do Santissimo Sacramento, viessem com suas Cruzes, e cirios juntarse a S. Domingos, donde a Procissaõ havia de sahir, e às oito horas da menhãa partio ElRey para là, com a Rainha, Principes, e Infantes, e toda a Fidalguia, e tanto que chegou mandou formar todas as Irmandades por ordem em alas, com toda a cera

aceza,

aceza, e tanto, que se formàraõ todas, revestido o Cardeal Infante tomou huma rica Custodia nas mãos, em que estava o Santissimo Sacramento; derramando muitas lagrimas, e todas as mais pessoas Reays, e Fidalguia, em que bem mostravaõ a grande pena, e sentimento, que os acompanhava pela injuria, e horrendo sacrilegio, que fora feito a Jesu Christo nosso Senhor. Pegáraõ nas varas do Palio, o Nuncio de Portugal, e o Arcebispo de Lisboa, e D. Jaymes, irmaõ do Duque de Aveiro, e ElRey logo detraz, e o Principe, e o Infante D. Luis, Rainha, Princeza, Infantas Dona Maria, e Dona Isabel, e toda a mais Fidalguia em muyto boa ordem.

Toda a gente da Procissaõ estava parada, cada hum com sua tocha aceza na maõ, porque era muita em extremo, sómente o Cardeal, que levava o Santissimo Sacramento, e o Palio, que o cubria, e Suas Altezas andavão, com a principal Nobreza. Esta Procissaõ sahio de S. Domingos, e andou à roda da Praça do Rocio, recolhendo-se no mesmo Mosteiro, onde exposto o Santissimo Sacramento no Altar se principiou a Missa, que foy rezada, e Prégou o Doutor Antonio Pinheiro, Chronista delRey, que depois foy Bispo de Miranda, e Leiria, e disse cousas maravilhosas, àcerca do Senhor Sacramentado, e de nossa Santa Fé, quam viva estava na geraçaõ Portugueza, mas que por nossos peccados merecíamos ser castigados, e que deviamos muito temer o açoute da Divina Justiça, que por este desacato se descarregaria sobre nós, com o qual Sermaõ se deteve, e gastou tres horas, deixando o povo mais aliviado. Mas ElRey como a sua pena era mais sensivel, sempre se vio ficar triste, e melancolico.

E a Irmandade da Santa Misericordia de Lisboa, ordenou logo outra Procissaõ muy devota, com perto de cem Disciplinantes, e sahio da sua Igreja de noite para commover mais à devoçaõ, que certo parecia a Procissaõ de Quinta feira de Endoenças. Nestes dias concedeo o Nuncio muitas graças a todos os Fieis, que confessados, e commungando rogassem a Deos nosso Senhor suspendesse a sua ira, e nos naõ castigasse por cauza de taõ execrando delito, e encomendava a todos o fizessem com muita devoçaõ, e cuidado, aproveitando-se das Indulgencias.

Correo a noticia deste insulto, nunca ouvido, por todo o Reyno, e das Procissoens, que nesta Cidade se faziaõ, pelo qual foraõ feitas na Villa de Santarem outras pela mesma fórma. Primeiramente ordenou a Misericordia huma muito devota, tanto que a nova chegou, e fez-se em huma madrugada com muita gente, e muy devotamente, e foraõ a S. Domingos, onde houve Sermaõ, que fez derramar muitas lagrimas aos ouvintes, reprehendendo

dendo o Prégador a pouca cautela, e cuidado, que ſe teve em evitar aquelle grave deſacato a Deos noſſo Senhor, diſcorrendo não ſer conveniente dizer Miſſa em Oratorios, ſenão em Templos conſagrados, e dedicados para o culto Divino.

E dahi a oito dias ſe ordenou outra Prociſſaõ muito mais ſolenne, com toda a Cleresía, e todo o povo, e concorreraõ todas as Confrarias, com ſuas Cruzes, e cirios, e levaraõ o Santiſſimo Sacramento pela Villa em Cuſtodia muy rica debaixo de hum fermoſo Palio, e foraõ a S. Domingos, onde tambem houve Sermaõ, e muitas Indulgencias concedidas pelo meſmo Nuncio a todos os Fieis, que confeſſados, e commungando veneraſſem o Divino Sacramento neſta acçaõ de deſaggravo, que ſe lhe fazia, rogando a Deos pelo aumento do culto Divino. Outras Prociſſoens de deſaggravo, ſe fizeraõ por todo o Reyno de Portugal, com muita piedade, e veneraçaõ, pedindo a Deos miſericordia, para que os não caſtigaſſe por cauza de taõ grande maldade, e afronta ſua.

CAPITULO VI.

Da morte do Principe D. Joaõ, e da cauſa della.

O Principe D. Joaõ como amaſſe a Princeza ſua mulher com huma brandura de coraçaõ, e ella lhe conreſpondeſſe cõ igual amor, aſſim pelo muito chegado parenteſco, que entre ambos havia, porque eraõ primos direitos, como filhos de irmãos, porque a Emperatriz Dona Iſabel, mãy da Princeza, era irmãa delRey D. Joaõ, pay do Principe, como pela afeiçaõ marital, a qual na florente idade, e nos tenros coraçõens mais ſe imprime, veyo a Princeza em breve tempo a dar moſtras de ſer prenhe, de cujos ſinais, todo o povo ſe encheo de gozo, e de alegres eſperanças, pelas conſolações dos Reys, e eſperanças do Reyno proveitoſas, que naquelle Matrimonio eſtavaõ todas poſtas; mas como os goſtos da preſente vida não tenhaõ firmes raizes, nem poſſaõ ſuſtentar os aballos das penalidades herdadas da mãy do peccado, não pudèraõ eſtes contentamentos premanecer muito tempo nos coraçoens dos homens, nem os Principes podem ter nelles algum direito, ou poſſe, por tanto tres mezes antes do parto da Princeza, ſobrevindo ao Principe D. Joaõ huma infermidade lenta, que ſe veyo a fazer mortal, não permitindo Deos que a virtude dos remedios aproveitaſſe, nem o mal ſe mitigaſſe, com ella acabou a vida mortal, em Terça feira dous de Janeiro de mil quinhentos ſincoenta e quatro, dezoito dias antes que a Princeza pariſſe, nas cazas de Alvaro Peres de Andrade, junto ao arco dos prégos, que tinhaõ porta por dentro para o Paço da Ribeira. 1554.

Chamavaõ os Medicos a eſta infirmidade do Principe : *Payxaõ habetica*, que era ſentir continuamente huma ſede inſaciavel, e diziaõ proceder da demaſiada communicaçaõ, e amor, com que ſe havia com a Princeza, ſua mulher; pelo que o primeiro remedio, que lhe applicáraõ, foy mandalo apartar della, mas elle perſeguido da ſede levantou-ſe huma menhãa da cama a beber agoa da chuva, que achou empoçada no pé de huma janella, por deſcuido dos que lhe aſſiſtiaõ, que entaõ o deixáraõ ſó, e ſendo muita, e choca, fezlhe muito mais mal, e logo empeyorou, e morreo no dia ſeguinte.

Mas como já pela morte do Principe, o amparo do Reyno de Portugal, e a ſucceſſaõ delle ficaſſe poſta nas eſperanças do parto da Princeza, porque o ſobreſalto de taõ intempeſtiva tormenta, com perigo da criança incluſa no ventre, não abalaſſe as entranhas da viuva pouco ditoſa, privada taõ cedo dos goſtos deſta vida, e dos Eſtados, e felicidades humanas, que já começſava a poſſuir, e do marido, que muito amava, cuidáraõ muito ElRey, e a Rainha de encubrirlhe a morte do Principe, até que pariſſe: os quaes com prudencia mais que humana, com moſtras de grandeza de animos Reays, diſſimulando a propria dor, taõ ſenſiva, e cruel, a viſitavão a miudo, com ſemblantes alegres, baſtantes para encubrir a triſteza penetrante de ſuas almas, dando com iſto avizo ao povo, que afaſtados donde a Princeza pudeſſe ouvir, ou ſentir algum rumor, ou turbaçaõ, fizeſſem ſeus prantos, e ſentimẽtos de lagrimas, e triſtezas, q̃ a dor immenſa de ſeus coraçõeſ, de nenhuma maneira podia temperar, por aquella grande perda, e riſco em que ficava o Reyno; e não era iſto ſó na Corte, mas em todo Portugal, porque a todos abrangia a perda. Foy o Principe levado a Belem com pouca pompa, por não fazer grande abalo na Corte, e ſepultado na Igreja do Real Moſteiro de S. Jeronymo, com os outros ſeus irmãos, e hoje ſe vé o ſeu ſepulcro dentro da grande Capella, que fórma o Cruzeiro, da parte da Epiſtola, onde ſe lé eſte Epitafio.

HIC PATITUR LETHI JOANNES VULNERA PRINCEPS,
ET PUER, ET PRINCEPS PRO'H DOLOR EMMANUEL!
JOANNES UNO MULTOS HEREDE RELIQUIT,
UNUS PROMULTIS NAMQUE SEBASTUS ERAT.

CA-

CAPITULO VII.

Dos ſinais prodigioſos, que precedéraõ à morte do Principe, e naſcimento delRey D. Sebaſtiaõ, e da grande ancia, com que era pedido a Deos.

PRecedéraõ à morte do Principe D. Joaõ, e ao naſcimento delRey D. Sebaſtiaõ, ſeu filho, muitos ſinais eſpantoſos, e triſtes anunciadores da ſua morte, e das deſgraças, que ſe ſeguiraõ a eſte Rey, e ao Reyno de Portugal. Quando o dito Principe ſe recebeo em Almeyrim, por procuraçaõ, da Princeza Dona Joanna, ſua mulher, deſde o primeiro dia, que principiáraõ as feſtas, que alli houve até o ultimo, que acabáraõ, apparecia em Lisboa no ar, quazi em ſima da Sè huma exalaçaõ de fogo em fórma, e grandeza de hum cofre meyo aberto, outros lhe chamàvão athaûde, ou ſepultura, porque com tudo iſto ſe parecia, e foy entaõ viſto com grande eſpanto; ſobre que ſe fizeraõ grandes juizos, e relaçoens, que ſe mandáraõ a Almeyrim, aonde eſtava a Corte, de que muitos interpretàraõ o breve tempo, que aquelles goſtos haviaõ de durar, e vir a parar em morte, e ſepultura, e com efeito aſſim ſuccedeo. Aquelle grave ſacrilegio, commettido pelo infame Herege, de que ſe trata acima, foy logo interpretado por anuncio de deſgraças para eſte Reyno. A noite antes de adoecer o Principe D. Joaõ, eſtando elle na cama dormindo, e a Princeza acordada, com hũa tocha, q̃ alumiava a caza, vio a meſma Princeza hũa mulher veſtida de luto, com mangas de pontas, e touca larga, q̃ pondoſe-lhe diante, deu hum trinco cõ os dedos, e logo hum aſopro para o ar, como quem lhe anunciava haviaõ de parar todas as ſuas eſperanças em vento, e deſapareceo deixando a Princeza com ſuſto, e grande temor.

Andando ella em veſperas de parir a levavaõ algumas noites a fazer exercicio à varanda da Péla; eſtando ahi aſſentada em huma das janellas, que alli havia na dita varanda com algumas Damas, entre as quaes era huma, Dona Leanor Manoel, Marqueza de Navarres, e a Princeza de Aſculy, Dona Eufrazia, e outras moças da Camera: eſtando alli todas viraõ ſubitamente ſair pela varanda delRey direitos ao Forte muitos homens veſtidos à Mouriſca de varias cores, com tochas acezas nas mãos, dando vozes: *Ly, ly, ly*, e chegando ſobre o mar parecia que ſe lançavaõ nelle. Cuidáraõ no principio, que ſeria alguma couſa, que ſe mandàra fazer de propoſito; mas mandando-o preguntar, e achando as portas fechadas ſe recolheraõ com algum temor. E dahi a poucos dias tornando a Princeza ao meſmo poſto, aſſentando-ſe em hũa das janellas,

que ficava na meſma varanda depois de haver feito algum exercicio ſe vio a meſma multidaõ de figuras de Mouros do meſmo traje, e vozes, e atemorizada ella, e as Damas ſe retiráraõ, e dando conta a ElRey, e à Rainha do que ſe havia viſto ficàraõ ſuſpenſos, e mandàraõ que ſe tiveſſe iſto em ſegredo.

Eſtas meſmas figuras tornou a Princeza a ver na ſua antecamara, de que não fazendo caſo, por cuidar, que era gente do Paço; mas vendoas entrar, e ſair, conhecendo, que eraõ fantaſmas, ſe aſſuſtou, e cahio deſmayada no regaço de hũa Dama, das que com ella eſtavaõ, ſem que nenhuma entaõ viſſe iſto. Outras noites ſentia, que lhe apagavaõ as luzes do ſeu quarto, ſem ver quem o fazia, e ainda em ſonhos a não deixavaõ livre eſtas infauſtas ſombras, e aſſim lhe acontecia muitas vezes eſpertar com temores, e ſobreſaltos. Foraõ tambem ouvidos no ár eſtrondos de guerra, e muitas noites ſobre o Palacio de Lisboa, ays, e ſuſpiros eſpantoſos. Sinais todos infauſtos, que traziaõ a gente atemorizada, e confuza, e de que facilmente ſe entendia pronoſticavaõ o pouco, que ſe lográraõ eſtes Principes, e os trabalhos, que ao diante ſe ſeguiraõ a eſte Reyno, originados pelo filho, que produziraõ.

Antes que a Princeza pariſſe ſabida pelo Reyno a morte do Principe D. Joaõ, ſeu marido, vendo que a ſucceſſaõ pendia ſómente daquelle parto, q̃ podia ſer falivel, e incerta, foraõ taõ grandes os ſobreſaltos q̃ todos tiveraõ, q̃ já muitos ſe julgavaõ entregues ao dominio de Caſtella (q̃ ſempre abominamos) pelos concertos ajuſtados, quando cazou a Princeza Dona Maria, com o Principe D. Felippe, que depois foy Rey ſegundo deſte nome em Caſtella, ſucceſſor de Carlos V. ſeu pay, o qual cazamento ſe celebrou no anno de mil quinhentos quarenta e tres, e os concertos eraõ: que falecendo ElRey, ſeu pay, ſem legitimo ſucceſſor varaõ, herdaſſem o Reyno de Portugal os filhos da dita Dona Maria ſua filha. Pela qual razaõ em todo aquelle entre meyo, que tardou o parto da Princeza Dona Joanna eſteve muy confuzo, e ſobreſaltado eſte Reyno, revolvẽdo ſe todo em agonia, recorrendo de todo o coraçaõ a Deos com muitos Sacrificios, Orações perẽnes de dia, e de noite, com muitos jejuns, eſmollas, e diſciplinas: naõ havendo outra couſa mais, que Prociſſões, e lagrimas, para que o Senhor lhe concedeſſe, e deſſe da Princeza filho varaõ, Principe, que herdaſſe o Reyno do avó, com que ficaſſe ſeguro, e livre da ſugeiçaõ de Caſtella, de que ſe temiaõ; porque poſto que a dita Princeza Dona Maria faleceo do primeiro parto, que teve, delle deixou o Principe D. Carlos, que ainda vivia, o qual o pay depois mandou matar, por entender delle lhe queria deſobedecer, por onde o dito pay veyo a ſer ſe-

nhor

nhor do que houvera de ser do filho.

A notavel Villa de Santarem, que em tudo se avantaja às outras, e ainda a muitas Cidades, fez algumas Procissoens muito solennes, e ultimamente mandando pedir licença ao Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos, de Menezes, para tirarem o Santo Milagre em Procissaõ, a fizeraõ em 14. de Janeiro, correndo toda a Villa, com taõ grande solennidade, que nella hia todo o Clero Secular, e Regular della, e seu Termo, e a Misericordia com muita Penitencia, o Cabido, o Senado, e toda a Nobreza, muitos descalços, e todos chorando muitas lagrimas, pedindo ao Senhor por misericordia, Principe herdeiro varaõ, e por fim voltáraõ à Caza do mesmo Senhor, onde prègou o Mestre Affonso Vigario de Santa Maria de Alcaçova, commovendo a todos à muitas lagrimas. E a Misericordia dalli por diante todos os dias fazia Procissaõ, indo a S. Domingos, S. Francisco, e a outros Mosteiros. E assim mesmo muitos meninos de noite guiados de alguns devotos homens de virtude faziaõ suas Procissoens, e Preces, cousa certamente muito piedosa.

E como estas Preces, e Orações se encomendavaõ a gente virtuosa, e Religiosos, succedeo que entre os de Santa Cruz de Coimbra havia hum muy reformado, que estando huma noite em oraçaõ, encomendando a Deos esta necessidade, lhe appareceo ElRey D. Affonso Henriques, sepultado naquella Caza, com S. Theotonio, primeiro Prior della, & S. Sebastiaõ, e lhe disse: *Que Deos por rogos delles todos tres sustendia a sua ira, e queria uzar ainda de sua misericordia com este Reyno, dandolhe hum Principe que o herdasse, o qual se chamaria Sebastiaõ por respeyto do Santo Martyr.* Com que o Religioso ficou consolado, e deu parte disto ao seu Prelado, o qual o mandou pór em memoria, e se conserva a lẽbrança.

No dia antes do em que a Princeza pario, foy a S. Domingos desta Cidade de Lisboa, huma mulher velha, e disse aos officiaes da Confraria de JESUS: *Que assentassem no livro por Confrade ao Principe D. Sebastiaõ, que assim se havia de chamar o que a Princeza parisse, que senaõ sabia que morte teria*, e dando hum real de prata de esmola o deixou sentado, e se foy sem se saber quem ella fosse.

CAPITULO VIII.

Do nascimento delRey D. Sebastiaõ, e do grande prazer, e alegria, que causou, e Procissoens, que por isso se fizeraõ.

ENtretida a Princeza, e naõ de todo enganada, por alguns indicios, que como discreta sentia, e repostas,

repoſtas, que lhe não quadravaõ às perguntas, que fazia àcerca do Principe, com animo prudente, e temperado, metida entre duvidas, e ſobreſaltos lhe deraõ as dores do parto à meya noite de dezanove para vinte de Janeiro de mil quinhentos ſincoenta e quatro, dia do Martyr S. Sebaſtiaõ. Tinha o Arcebiſpo dado por ordem, que tanto que à Princeza deſſem as dores, a qualquer hora que foſſe, avizaſſem do Paço a Sé para que tocaſſem logo o ſino grande, e a todo o Clero, e Religiões, que tanto que o ouviſſem ſe juntaſſem logo todos na Sé. Aſſim ſe executou; e quando o ſino da Sè deu o avizo, tocavaõ os Conventos a Matinas. Foraõ logo todos juntos aſſim de noite com ſuas Cruzes, e todo o outro Clero em muito boa ordem, e formada hũa doloroſa Prociſſaõ, caminhou da Sè para S. Domingos, rogando a Deos pelo bom ſuceſſo do parto da Princeza, dando o Senado velas a todos à ſua cuſta, e hum real de prata para huma Miſſa. Neſta Prociſſaõ hia hũa Senhora de joelhos, cuberta, e embuçada com hum roupaõ comprido, e ainda que diante lhe alumiavaõ com huma tocha naõ ſe conhecia quem era, e pela muita lama, que havia hia toda atolada atè a ſintura, dando immenſos ſuſpiros, miſturados com muitas lagrimas, que a todos movia a fazer o meſmo, e aſſim cantando as Ladainhas chegàraõ a S. Domingos, onde, porque hia alli a mayor parte da Cidade, houve dous Sermoens, hum na Igreja, e outro no Alpendre, que moveraõ a muitas lagrimas, pedindo todos a Deos déſſe filho varaõ da Princeza, como a unico remedio do povo Portuguez.

1554.

A'lem diſto naõ ficou Dona, nem Donzella, por nobres, recolhidas, e virtuoſas, que foſſem, as quaes com muitas lagrimas naõ ſahiſſem fóra de ſuas cazas, e andaſſem pelas Igrejas pedindo ao Senhor o remedio taõ deſejado, concorrendo com iſto infinita gente de todos os eſtados ao Terreiro do Paço com os olhos fitos nas varandas, e janellas Reays, com os ſentidos ſuſpenſos deſejavaõ ouvir a nova do que a Princeza paria, os quaes poſtos em grande ſilencio, ſem ſe ouvir rumor de taõ grande multidaõ, pela attençaõ de ſua eſperança; tendo jà rompido a menhãa, como voz vinda do Ceo, apparecéraõ nas janellas do Paço alguns Fidalgos, e Donas, os quaes com palavras mal pronunciadas interrompidas de alegria, denunciáraõ ao povo como tinhaõ Principe naſcido.

Tal foy o rumor, e alvoroço do contentamento ſubitamente naſcido em toda aquella multidaõ, antes emmudecida pela prompta attençaõ, que rompendo com lagrimas de alegria o ſilencio forçado, naõ ceſſavaõ de dar louvores a Deos por taõ grande merce. Desfeita de improvizo aquella companhia antes unida com hum ſó cuidado, diſ-

corria

corria cada hum pelas ruas da Cidade a dar novas aos auzentes, e mandar cartas pelos Correios a todo o Reyno, com que alentaſſem os animos deſcaidos do povo com o contentamento do novo Principe, herdeiro do Reyno de Portugal.

A eſte tempo voltando a Prociſſaõ de S. Domingos, para a Sé cantando as Ladainhas, pedindo aos Santos que os ajudaſſem; na entrada da rua dos Eſcudeiros ſe publicou ſer o Principe naſcido, a qual noticia deu hum mancebo, que vinha correndo do Terreiro do Paço para ganhar alviçaras; aonde logo mudando o tom, e letra, parando diante do Hoſpital Real, alevantáraõ o *Te Deum laudamus*, e outros Hymnos feſtivaes, com muita alegria, e com os coraçõeſ ſoltos, e já livres da incerteza do ſucceſſo, em que todos hiaõ ſuſpenſos, davaõ muitas graças, e louvores a Deos noſſo Senhor pelo beneficio recebido, derramando muitas lagrimas de gozo, e prazer. E daqui partiraõ para S. Vicente, com o Braço do Martyr S. Sebaſtiaõ, como era cuſtume todos os annos no ſeu dia, o qual foy trazido a eſta Corte do ſacco de Roma, em tempo do Papa Clemente VII. que o mandou o Emperador Carlos V. a ElRey D. Joaõ III. ſeu cunhado. Os Principes, e mais Senhores, que na Corte a eſte tempo eſtavaõ, perdida a gravidade de ſuas peſſoas, como homens livres da profunda triſteza, e da pouca eſperança de ſaude, correndo ſem compoſiçaõ alguma, a toda a preſſa, ſe foraõ ao Paço a ſaber a certeza da nova, e com alvoroço notorio ſe foraõ beijar a mão a ElRey, e à Rainha, os quaes conſolados em grande maneira por Deos lhe reſtituir benigna, e liberalmente em hum ſó neto a perda de tantos filhos, não podiaõ encubrir o contentamento, que diſſo ſentiaõ, com ſuave temperança da freſca dor do Principe D. Joaõ, poucos dias antes morto.

No Domingo ſeguinte ordenou a Cidade outra Prociſſaõ de Acçaõ de Graças a Deos noſſo Senhor, que foy a S. Domingos, onde houve dous Sermões, hum dentro na Igreja, e outro fóra no Adro, com muitas lagrimas de goſto, e logo outra à Sé, onde Prégou o Doutor Antonio Pinheiro, com grande eficacia, e talento, e durou o Sermaõ duas horas, e meya. O meſmo ſe fez por todo o Reyno, e a Villa de Santarem em tudo generoſa, tratou logo de dar graças a Deos, nas meſmas Igrejas, onde tinhaõ feito Preces, fazendo tres muito ſolennes Prociſſoens ao Santo Milagre, a Santa Maria do Monte, e a S. Domingos. Pelo que com muita razaõ podemos chamar a eſte Principe, filho de lagrimas, pois com tantas ſe alcançou, e tantas cuſtou o perdello.

CA-

CAPITULO IX.

Do Baptiſmo do Principe, e como lhe foy poſto o nome de Sebaſtiaõ, e ſe deſcobrio à Princeza a morte de ſeu marido, e de ſuas exequias.

CHegado o oitavo dia, depois do naſcimento do novo Principe, que eraõ 27. do dito mez de Janeiro, ſe deu ordem a que foſſe baptizado, e ſe ordenou, que o Baptiſmo ſe fizeſſe no Oratorio do Paço, e para aſſiſtirem naquelle acto foraõ chamados todos os Senhores de Titulo, e todas as peſſoas principaes, que entaõ eſtavaõ na Corte, e a todo outro genero de gente ſe fechou a porta, e ainda por cauza da preſſa, com que ſe fez, e inadvertencia, ou eſquecimento, que houve ficáraõ alguns Fidalgos principaes ſem ſerem chamados. Foraõ Padrinhos ElRey D. Joaõ, ſeu avó, e o Infante D. Luis ſeu tio, e Madrinha a Rainha Dona Catherina, ſua avò. As peças do Baptiſmo levaraõ Capellães fidalgos, as quaes eſtavaõ poſtas na Antecamara, ſobre huma meza, donde elles as tomáraõ vindo já o Principe no meyo da Sala, porque não ſahiraõ com ellas da caza de dentro, donde o Principe ſahio. Levou-o à pia Dona Joanna Deça, Camareira mòr da Rainha, e o Cardeal Infante D. Henrique, tio de ſeu pay, e irmaõ delRey D. Joaõ, o baptizou, pondolhe o nome de Sebaſtiaõ por reſpeito do Santo, em cujo dia elle naſcera, a quem já o povo Portuguez era muito obrigado com devoçaõ, por Deos ter levantado o cruel açoute da frequente peſte, que padeciaõ eſtes Reynos, com a vinda do ſeu Braço a elles. E por cauza deſte nome, que poſto lhe tinhaõ, lhe mandou depois o Papa Paulo IV. huma Setta, das que feriraõ o meſmo Santo Martyr, a qual elle quando depois chegou à idade de governar o Reyno tomou por Empreza, e por memoria do muito que a eſtimava, inſtituhio huma Ordem Militar com eſta inſignia, que não permaneceo depois que elle faltou, e foy elle não ſó o primeiro Rey deſte nome, mas a primeira peſſoa Real, que neſte Reyno o teve.

Depois do Baptiſmo do Principe, ſe deſcubrio à Princeza Dona Joanna, ſua mãy, a morte do Principe, ſeu marido, o que ella quaſi ſabia; mas diſſimulava, contemporizando com quem lhe guardava eſte ſegredo: entaõ ſe lhe armou de dò a ſua Camera, e ella o tomou reprimindo a ſua pena com grande fortaleza de animo, de que era dotada: quiz cortar os cabellos; mas ElRey lho não conſentio; e até entaõ ſenaõ tinhaõ feito ſinaes pelo Principe morto, por amor de que ella o naõ vieſſe a entender, e tomaſſe ſobreſalto, com riſco da criança,

ança, que no ventre trazia, e assim se dilatáraõ ainda alguns dias, até se segurar do aballo do parto, e entaõ se fizeraõ, com muito sentimento, dobrando-se os sinos tres dias.

No seguinte, que era Domingo 28. do dito mez de Janeiro, foy El-Rey dar graças a Deos à Sé, pelo nascimento do neto, acompanhado dos Infantes, seus irmãos, Duques, Condes, e mais Fidalguia da Corte, todos cubertos de dò, onde se mostrou muita, e muy profunda tristeza, assim no semblante delRey, como nas lagrimas, que todos derramavaõ, e depois de ouvir Missa, voltou direito para o Paço, e foy esta a primeira vez, que sahio fóra, depois da morte do Principe.

As Exequias do Principe se fizeraõ primeiramente na Villa de Santarem, muito solennes. Tanto que tiveraõ noticia do feliz parto da Princeza, mandou logo a Villa formar huma Eça de magestoza maquina, na Igreja dos Frades de S. Francisco, taõ alta que excedia ao Coro, e estava junto à Capella mòr, estribada sobre grandes colunas, com capiteis, que formavaõ arcos, tudo armado de veludo preto, com muitas tochas à roda, e em sima as Armas Reays, pintadas de ouro em hum pano preto, com hum Elmo, e huma grande folhagem, tudo de ouro, que lustrava muito bem, porém não estavaõ direitas, dando mostras de que não chegára a Reynar, e a Igreja toda bem armada de preto, e com seus degráos, e bancos para assentos. E na tarde de Domingo 4. de Fevereiro do mesmo anno, convocados todos os Clerigos, e Frades, cantáraõ Vesperas, e logo Matinas muito solennemente, e ao outro dia Segunda feira pela menhãa, se cantáraõ as Laudes, disse a Missa o Chantre, e dous Conegos de Alcaçova: Prégou Fr. Antonio de Almeida, da Ordem de S. Francisco, tomando por Tema: *Tetendit arcũ quasi inimicus, & occidit omne, quòd erat pulchrum visu.* Sobre as quaes palavras fundou o seu Sermaõ, e discorreo admiravelmente. Acabado o Sermaõ acendeo-se toda a cera, que se tinha dado a todos em Laudes, e chegando-se o Chantre, com os seus assistentes à Eça, entoou o Responso o Conego Niculao Affonso, bom musico, e o dito Chantre cantou a Oraçaõ, com tantas lagrimas, e soluços, que naõ podia proseguir, no que claramente mostrava o grãde sentimento, que pela morte do seu Principe tinha, cujo Capellaõ era, pois havia poucos dias, que tinha sahido da Capella de Sua Alteza.

No mez de Março seguinte, se fizeraõ outras Exequias muito mais solennes, por ordem delRey, no Real Mosteiro de Belem. Armou-se toda a Igreja de preto muito bem, formou-se no meyo della hum Coro de seis degráos de cada parte, para os Officiantes, o qual era muito comprido, e todo cuberto de dò. Na Capella mòr se levantou huma

ſumptuoſa Eça ſobre doze degráos cuberta de veludo preto, com' as Armas Reays em ſima, com hum vinco pelo meyo dos Caſtellos em final de naõ chegar a Reynar. A eſte ſahimento não aſſiſtio ElRey, nem os Infantes, por ſe acordar aſſim no Concelho, porque eſtava Sua Alteza ainda taõ triſte, que lhe poderia prejudicar à ſaude, vendo, e ouvindo o Officio, e tambem porque ainda não tivera nojo manifeſto, e por iſto ſe teve por eſcuzada a ſua aſſiſtencia.

Em huma Seſta feira à tarde, ſe juntáraõ no dito Moſteiro de Belem todos os Prelados do Reyno; a ſaber D. Fernando de Vaſconcellos de Menezes, Arcebiſpo de Lisboa, D. Joaõ Soares, Biſpo de Coimbra, e outros, e o Cabido da Sé de Lisboa, com todos os Capellães, de Sua Alteza, e todas as Communidades dos Conventos da Cidade. Juntos aſſim todos feito ſilencio principiáraõ as Veſperas, e acabadas cantáraõ logo Matinas, eſtando acezas trezentas tochas. As lições, foraõ repartidas neſta fórma: a primeira aos Franciſcanos, a ſegunda aos Dominicos, a terceira aos Carmelitas, a quarta aos Trinos, a quinta aos Jeronimos, a ſexta aos Eremitas de Santo Agoſtinho, a ſettima aos Loyos, a oitava ao Deaõ da Sé, a nona a D. Sancho. No outro dia muito cedo, ſe principiáraõ as Miſſas rezadas, para o que eſtavaõ feitos no clauſtro vinte e ſinco Altares, preparados com ſeus guizamẽtos, nos quaes com os da Igreja ſe differaõ muitas, e dahi as Laudes com grande ſolennidade: diſſe a Miſſa do Officio o Arcebiſpo de Lisboa, prégou D. Sancho por eſpaço de tres horas muito bem, chorando a eſpaços, quando a materia o pedia, com tanta efficacia, e diſcriçaõ, que admirava a todos, de quem recebeo muitos applauſos. Depois foraõ dadas tochas a todos os Biſpos, e Prelados: diſſe o Reſponſo Penha fiel, Capellaõ delRey, muito bem entoado, e o Arcebiſpo a Oraçaõ, e ſe concluhio o acto funebre com grande ſentimento em todos os aſſiſtentes.

CAPITULO X.

De como a Princeza Dona Joãna voltou para Caſtella.

SAbida a morte do Principe D. Joaõ, naõ ſómente em Caſtella, Reyno mais veſinho ao noſſo, mas em todos os outros da Europa, e ainda dos Mouros, foy logo Sua Alteza viſitado de todos os Reys, e Principes, por ſeus Embayxadores, dandolhe os pezames com ſuas cartas de crença, e conſolatorias aos quaes ElRey agradecia muy bem, e reſpondia, ſegundo a ſeus eſtados pretencia, e principalmente foy viſitado do Emperador Carlos V. ſeu cunhado, entre os quaes (paſſados os primeiros cumprimentos) foy tratado, que viſto ficar aſſim a Princeza viuva, voltaſſe para Caſtella.

Iſto

Iſto pedia o Emperador ao noſſo Rey D. Joaõ, à inſtancia do Principe D. Felippe, ſeu filho, que a queria deixar por Governadora dos Reynos de Heſpanha, em quanto hia a Inglaterra celebrar o ſeu ſegundo Matrimonio, com Dona Maria, Rainha do dito Reyno, para onde eſtava de caminho, e o meſmo Principe o pedia por ſi, com grande efficacia, mandando cá a Portugal, Luiz Vanegas, Apozentador mòr de Caſtella, a tratar iſto com ElRey, ſeu ſogro. E como iſto aſſim foy aſſentado, pedio ElRey ao Duque de Bragança, que ſe apparelhaſſe para hir com a Princeza a Caſtella. O Duque cheyo de pena, eſtava em Villa Viçoza, para onde ſe tinha retirado por morte do Principe, vindo ſómente aſſiſtir ao Baptiſmo do Principe menino, e às Exequias Reays do meſmo defunto em Belem; tendo eſte avizo aſſentou de a eſperar em Arrayolos, Villa ſua, atè onde ordenava ElRey, que a acompanhaſſe o Infante D. Luiz, ſeu irmaõ.

Aos 12. de Mayo deſte meſmo anno de mil quinhentos ſincoenta e quatro, eſtando toda a Corte alvoroçada com eſta partida da Princeza para Caſtella, ordenou ElRey, que toda a Nobreza, homens, e mulheres, a vieſſem viſitar, e beijarlhe a mão por deſpedida, naqual viſita eſtava ella aſſentada, toda cuberta, e embuçada no ſeu manto, ſem ver, nem ſer viſta de alguem, e aſſim lhe eſtavaõ dizendo os nomes, e Titulos, dos Senhores, ou Senhoras, que a viſitavaõ. E neſte meſmo dia à noite, que era Sabbado, partio a dita Princeza para os Paços de Enxobregas, acompanhando-a a Rainha Dona Catherina com poucas Damas, por mar, com huma ſó tocha aceza, com muita pena, e ſentimento. ElRey ficou no Paço com os Infantes, ſeus irmãos, e entre tanto hiaõ paſſando para Aldea Galega beſtas, e facto, e todas as couſas neceſſarias para a jornada da Princeza, e aſſim eſtavaõ tambem muitas barcas preparadas, e aos 15. do dito mez partio ElRey às 11. horas do dia para Enxobregas, cõ o Infante D. Luiz, e acompanhado de todos os Senhores da Corte, e feita pouca demora por atalhar mais lagrimas, tomou ElRey a Princeza pela maõ, e a levou a huma caravella, que para iſſo eſtava toda toldada de damaſco preto, com ſuas bandeiras ſemelhantes, e em muito breve eſpaço paſſaraõ à banda dalem, e depois de agaſalhada a Princeza na ſua pouzada, ſe deſpedio ElRey della, a qual ſentio tanto a ſua deſpedida, que lhe deu hum accidente, pelo que foy logo outra vez chamado ElRey, e tornou a eſtar, e deterſe com ella mais de huma hora, e moderando ſua pena, e ſaudade, a abraçou, e ſe deſpedio della, e daqui ſe foy ao apozẽto do Infante D. Luiz, onde eſteve hum grande eſpaço para com elle mitigar o grande ſentimento, que trazia, e tornou a

1554.

cavalgar, e foy dormir dahi huma legoa para a parte de Setubal, onde eſteve alguns dias.

Ao outro dia pela menhãa partio a Princeza ſeu caminho, recolhida em hũas andas pretas fechadas, muito triſte ſó ſem ver peſſoa algũa, acompanhando-a o Infante D. Luis, ſeu tio, com todos os Fidalgos de ſua Caza, e chegando a Arrayolos, a eſtava o Duque de Bragança D. Theodoſio eſperando meya legoa fóra da Villa, com toda a ſua gente, que eraõ mais de mil homens de cavallo, que o acompanhavaõ, todos com capuzes, e carapuças de luto, e eſtribeiras envernizadas, todos muito bem cavalgados, e preparados, conforme a occaſiaõ, e grandeza do Duque requeriaõ, e eſtavaõ poſtos em ala, de huma parte, e da outra da eſtrada, por onde a Princeza havia de paſſar, ainda que eraõ huns outeiros, e ladeiras. E como o Duque cuſtuma encontrando a ElRey no campo apearſe para lhe beijar a maõ, e ElRey o manda pòr a cavallo, e entaõ lhe dá a maõ a beijar, o Infante D. Luis, que conheceo o intento do Duque, e ſabia, que a Princeza naõ havia de querer uzar com elle daquella ceremonia, por hir fechada nas andas, e naõ ſe querer deſcubrir, lho mandou dizer: *E que tiveſſe ſua Senhoria por bem retirarſe para a Villa, e que iſto ficaſſe reſervado para quando a Princeza ſe apeaſſe, e quizeſſe recolher ao ſeu apozento.* O Duque o teve por bem, e obedeceo cõ grande generoſidade, e bom ſemblante, e deixando os ſeus para acompanharem a Princeza, e Infante até o apozento, ſe foy com ſeis Fidalgos de ſua caza eſperalla à porta delle, onde a Duqueza eſtava, com todas as ſuas Damas, e Ayas, para a acompanhar, e ſervir, e chegando a Princeza, foy recebida em hum quarto dos Paços do Duque, que lhe tinha prevenido, e muito bem adornado, e alli lhe beijou o Duque, e a Duqueza a maõ, e foy iſto em Sabbado 19. do dito mez, às 10. horas da menhãa.

E feita a entrega da Princeza ao Duque, logo o Infante ſe deſpedio, e partio da Villa, vindo gentar fóra a huma quinta, aonde o Duque lhe mandou muito comer para elle, e ſua gente, e para as cavalgaduras, e aos da Princeza deu banquete, e a toda a mais gente, que ſe achava na Villa, e com eſtar o mar taõ longe, arredado dalli tantas legoas, tinha o Duque prevenido, e mandado vir tanta quantidade de peixe a todo o cuſto, q̃ feito em varios guizados, e dado com abundancia ſobejou tanta quantidade, que todos os que queriaõ ſe carregavaõ delle, ſem que os do Duque o impediſſem, e os Caſtelhanos o levavaõ às cargas para Caſtella. E a meſma abundancia houve ao outro dia Domingo, q̃ a Princeza ſe deteve alli, em que ſe deu banquete de carne de toda a ſorte, e diverſidade de caças, vaca, carneiro, prezunto, &c. guizada de

muitas

muitas maneiras, com muito, e bom vinho, frutas, e doces, tudo taõ bom, e em tanta quantidade, que ſe admiràraõ muito os Caſtelhanos da grandeza do Duque, e o meſmo ſe obrou nos dias ſeguintes, até a Princeza ſer entregue em Caſtella, mandando o Duque prover tudo muito bem à ſua cuſta, em que diſpendeo mais de vinte mil cruzados, quantia grande para aquelle tempo! e foy muito louvado por eſta generoſidade de ſua peſſoa.

Ao outro dia Segunda feira 21. do dito mez de Mayo, partio a Princeza dalli, e foy dormir a Souzel, e à Terça feira foy a Arronches, e à Quarta feira 23. de Mayo às 10. horas da menhãa, foy pelo Duque de Bragança, que a acompanhava com toda a ſua gente, entregue na Raya dos dous Reynos Portugal, e Caſtella, aos Biſpos de Oſma, e Badajoz, e a D. Garcia de Toledo, ſeu Mordomo mòr, e dalli a leváraõ à Villa de Alcantara, onde a veyo eſperar o Principe D. Felippe, ſeu irmaõ, e dalli a acompanhou até a Corte de Valhadolid.

Em Caſtella fez obras muito famoſas; governou aquelles Reynos na auzencia de ſeu pay, o Emperador, e do Principe, ſeu irmaõ, com muita prudencia, e inteireza. Fundou o Religioſiſſimo Moſteiro *das Deſcalças de Madrid*, bem conhecido por eſte titulo, nas meſmas cazas, em que havia naſcido. Colocouſe o Altar mòr do dito Moſteiro no meſmo lugar, em que tinha ſido baptizada, e o Colateral do Evangelho dedicou a S. Joaõ Baptiſta, em cuja veſpera naſcéra, e de quem lhe deraõ o nome, e o da Epiſtola ao Martyr S. Sebaſtiaõ, por haver parido no ſeu dia felizmente a ſeu filho ElRey D. Sebaſtião, aonde ſe diz, que ſe faz todos os annos, commemoração por elle em dia dos Finados. E ao pé do dito Convento, fundou tambem huma Caza de Miſericordia, a imitaçaõ da que vio em Portugal, e aſſim foy ella naquelles Reynos, a Inſtituidora de taõ Santa Caridade, e naquelle Moſteiro eſtá ſepultada, onde viveo muito virtuoſa, e acabou ſantamente, como tudo ſe contarà mais largamente no Capitulo de ſua morte, que ſe poem na ſegunda parte, no anno de 1573. em que aconteceo.

CAPITULO XI.

Da proſperidade dos Reynos de Portugal, até o tempo del-Rey D. Joaõ III. e como depois foy deſcaindo.

NAõ eſtá a Providencia Divina taõ atada aos juizos humanos, nem limitada aos diſcurſos dos homens, que neceſſariamente páre nos termos deſejados de ſeus entendimentos, nem em os ſuceſſos, que elles traçaõ, pois nem nas mayores adverſidades lhe faltaõ remedios de

de melhorar em os tempos, nẽ em as ſummas proſperidades occaziões de grandes quedas; e parece que tem a natureza tayxados certos limites, até onde podem chegar as felicidades humanas, e naõ paſſar dahi, e depois decrepitar pouco a pouco, com moſtras de bem pouca conſtancia, até tornar a ſeu primeiro principio. Deſta variedade de tempos eſtaõ aſſás as Hiſtorias antigas cheyas de exemplos, que nos enſinaõ naõ eſperar do mundo couſa fixa, nem perpetua, pois de grandes Reynos, e Monarquias paſſadas não enxergamos já hoje ſenão hũas gaſtadas ruinas, e de poderoſos Monarcas ouvimos ainda freſcos infortunios.

Tinha o Reyno de Portugal com felices ſuceſſos, e heroicas virtudes dos bemaventurados Reys, ſeus antepaſſados (em tempo delRey D. Joaõ o III.) chegado ao cume da proſperidade, em grandeza de muitos Principes, opulencia de riquezas, com multidaõ de exclarecidos Capitães, os quaes com inſignes vitorias tinhaõ Africa cheya de temores, e Aſia poſta em eſpanto, pondo muitos Reys, e Reynos debayxo do Imperio dos ſeus Reys, com glorioſa noticia do nome Portuguez, conhecido até o fim, e limites da terra, e o que mais claro o fazia, era a quietaçaõ, e paz da Republica temporal, com admiraçaõ da temporal Juſtiça, e no Eſpiritual a ſolennidade do culto Divino, com exemplos de grandes ſantidades, e obras de muitos merecimentos de vida, para honra de Deos, e gloria das Almas.

Deſtes exercicios era eſtremadamente amigo, o bemaventurado Rey D. Joaõ, o qual com amor, e mercés obrigou a ſeus Vaſſallos a viverem de maneira, q̃ entre huns naõ houveſſe offenſas, nem em outros queixumes; com que ſe eſcuzava a ſeveridade da Juſtiça, para execução de malles, e caſtigos, antes como outro Numa Pompilio, occupado na inſtrucção de ſantos cuſtumes, ſolennidade do culto Divino, frequentaçaõ dos Sacramentos, reformaçaõ das Religiões Monaſticas, e na promulgaçaõ do Evangelho Sagrado entre a cega Gentilidade, das Indias Orientais, nunca faltou com favores, e ajudas aos que elle, para eſte miniſterio com muita prudencia, e maduro concelho, elegia com acezo fervor de dilatar a Fé Catholica entre os Barbaros, moradores debayxo do ſeu Cetro.

Mas por occulto Juizo de Deos, a que a razaõ humana não póde dar alcance, premittio elle, como eſta felicidade acabaſſe, começando a deſcer, como por degráos, até de todo vir a perder o reſplandor de ſua gloria com a Coroa, e nome dos Reys de Portugal, e já em vida do dito Rey ſe começou a conhecer eſta declinaçaõ, largando em Africa aos Mouros as Cidades de Cafim, Azamor, Alcacer, e Arzilla, com grande ſentimento de quantos ponderavaõ quanto tinhaõ

cuſta-

cuſtado á Conquiſtar, e ſuſtentar, e quaõ convenientes ellas eraõ, mas eſta perda ſe reconheceo muito mais depois á noſſa cuſta, e para noſſa deſgraça, podendo aquelles Lugares ſervir de azilo, e valhacouto quando alli ſe perdeo ElRey D. Sebaſtiaõ, e com elle o Reyno todo, paſſando ao Dominio de Caſtella por eſpaſſo de ſeſſenta annos, que foy a mayor declinaçaõ, a que podia chegar; mas foy Deos ſervido, que ſe reſtauraſſe, tornando a cobrar a ſua felicidade, com a liberdade antiga, ainda que com grande deminuiçaõ em ſuas conquiſtas, de que ſe aproveitàraõ os Hereges do Norte, com grande quebra da Religiaõ Chriſtãa, quando nos viraõ declinados por falta de forças, pela que tivemos de Reys naturaes.

CAPITULO XII.

Das deſpezas do Patrimonio Real em tempo delRey D. Joaõ o III.

ANtes que faleceſſe ElRey D. Joaõ o III. ſe fizeraõ contas de toda a deſpeza, que era feita nas conquiſtas deſtes Reynos, e em outras occaziões da Coroa, e honra della, e ſe achou por mayor, que no tempo do ſeu Reynado gaſtára o ſeguinte.

No anno de mil quinhentos e vinte e tres, na jornada da Rainha de França, Dona Leonor, terceira mulher, que tinha ſido delRey D. Manoel, nas arras do ſeu cazamento, e nas carretas de agua (para as quais ElRey lhe mandou dar dés mil cruzados) foraõ deſpendidos ſincoenta mil cruzados.

No anno de mil quinhentos e vinte tres, foy o Conde Almirante D. Vaſco da Gama, para a India, com groſſa Armada, em que levou dous mil e ſette centos homens, e nella ſe deſpenderaõ duzentos mil cruzados, álem do que ſe podia gaſtar com a Armada ordinaria.

No anno de mil quinhentos e vinte e oito, foy o cerco de Maluco, que cuſtou ſincoenta mil cruzados.

No anno de mil quinhẽtos trinta e tres, foy D. Pedro de Caſtelbranco à India, no mez de Outubro, com hum Galiaõ, e dous Navios redondos, e dés Caravellas, e levou oito centos homens, em que ſe deſpenderaõ cem mil cruzados.

No anno de mil quinhẽtos e trinta e oito, foy o dito D. Garcia por Viſo-Rey à India, com groſſa Armada, e levou quatro mil cento e ſincoenta homens; e àlem do q̃ ordinariamente ſe podia deſpender na Armada coſtumada, parece que ſe gaſtáraõ trezentos mil cruzados.

A Cidade de C,afim em Africa, foy cercada no anno de mil quinhentos trinta e nove, como ao diante ſe dirá.

No anno de mil quinhẽtos quarenta e dous, ſe desfez C,afim, e Azamor, e nos ſoccorros dos ditos Lugares, antes que ſe disfizeſſem, e

nas

nas Armadas, que para isso se fizeraõ, e nas obras de Mazagaõ, e satisfações, que se déraõ aos moradores, que foraõ dos ditos Lugares, se despenderaõ trezentos mil cruzados.

No anno de mil quinhentos quarenta e tres, cazou a Princeza Dona Maria, filha delRey D. Joaõ, com o Principe D. Felippe de Castella, e custou o cazamento quatro centos mil cruzados, e ella morreo de parto do Principe D. Carlos no anno de mil quinhentos quarenta e sinco, e o mesmo Principe D. Carlos, sendo já homem, foy morto por ordem de seu pay, por entender delle, que lhe queria ser desleal, e desobediente, no anno de mil quinhentos sessenta e oito.

Nos annos passados, que neste Reyno houve esterilidade de paõ, mandou ElRey D. Joaõ o III. comprar muita soma delle fóra do Reyno para se dar ao povo pelo que lhe custou, no que houve muita perda assim por se perderem alguns Navios, e outros hirem dar a outros Reynos, como por haver muita quebra no paõ, no qual, e no que se buscou nos ditos annos para os Lugares dálem mar, se gastáraõ passante de sincoenta mil cruzados.

O Brasil não rendeo de vinte annos tégora o q̃ custumava render, mas tem custado a defender, e povoar mais de oitenta mil cruzados. Mas no tempo, em que esta Chronica se imprime se acha muito differente, e taõ melhorado daquelle estado antigo, que he a mayor renda que tem hoje a Coroa de Portugal.

A Malageta naõ tem rendido do dito tempo a esta parte, a quinta parte do passado, e tem custado a defender, outros oitenta mil cruzados. E tirados desta soma duzẽtos e sincoenta mil cruzados de que os Povos fizeraõ serviço a ElRey, cento e sincoenta nas Cortes de Torres Novas, e cem nas que fizeraõ em Evora, se gastáraõ dous milhoens oito centos e dés mil cruzados. E muitas destas despezas se fizeraõ com dinheiro tomado a cambio; e álem disto cumprio ElRey o Testamento delRey D. Manoel, seu pay, e o da Rainha Dona Leonor, mulher delRey D. Joaõ o II. e o da Excellẽte Senhora Dona Joanna, Rainha de Castella, que cá viveo Freira de Santa Clara, pela causa, que se diz na Chronica delRey D. Affonso V. seu tio, e tambem pagou as legitimas aos Senhores Infantes seus irmãos, e deu Caza, e Estado ao Infante D. Luis, e ao Infante D. Fernando, e ao Infante D. Duarte. E porque a fazenda de Sua Alteza, não podia suprir todas estas despezas, e outras muitas, que não ponho aqui, se deviaõ entaõ em Flandes, e em Castella, hũ milhaõ nove centos e quarenta e seis mil cruzados, que corriaõ a cambio até se lhes pagar, como constou ao Concelho, por cartas do Feitor de Flandes, e do livro do dinheiro, q̃ havia de quatro annos.

O Xa-

O Xarife de Marrocos cercou a Cidade de C, afim, que lhe foy bem defendida, e depois voluntariamente largada contra razaõ, o que depois se houve por máo conselho; foy o cerco no anno de mil quinhentos e trinta e nove, e largouse no anno de mil quinhentos quarenta e dous, como fica dito.

CAPITULO XIII.

Da morte do Infante D. Luis, e de como ElRey D. Joaõ entendeo tambem que moria brevemente.

HUma firme coluna faltou a Portugal neste tempo, que muito o ajudava a governar, e manter, com os seus conselhos, e prudencia, era o Infante D. Luis, irmaõ delRey D. Joaõ o III. e filho segundo delRey D. Manoel, Principe muito excellente, e adornado de graves virtudes. Estando de assento na sua Villa de Salvaterra, que está situada em riba Tejo, junto do mesmo Rio, entre Santarem, e Lisboa, porém da outra parte dalém, onde gostava muito de assistir, e andava fazendo huns Paços, adoeceo de terçans dobres de muito má qualidade com grande febre, donde veyo para junto da Cidade, para tratar de sua saude, e apozentouse em huma Quinta, que foy do Conde de Linhares junto a S. Bento dos Loyos, que hoje chamaõ o Beato Antonio. Aqui lhe assistiraõ por mandado delRey, seu irmaõ, D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, e Pedro de Alcaçova Carneiro, Secretario delRey, e os melhores Fisicos da Corte, com grande cuidado, e vigilancia; mas não foy Deos servido, que os remedios da cura aproveitassem, querendo hir castigando os peccados doReyno, com a morte de taõ exclarecidos Principes, e assim aggravandose a doença, veyo a falecer em vinte sette de Novembro de mil quinhentos sincoenta e sinco, sendo de quarenta e nove annos, e nove mezes de idade; têdo primeiro recebido todos os Sacramẽtos deste tranze com summa devoçaõ, e piedade; e ao outro dia, que era Quinta feira, foy levado à Igreja do Mosteiro de Belem, acompanhado da Nobreza, dos Capellães delRey, e da Irmandade da Santa Misericordia, onde foy sepultado junto do Cardeal Infante D. Affonso, seu irmaõ. 1555.

Deste Sereniſſimo Infante, tem tratado os Chroniſtas Goes, e Andrada; mas ainda que digaõ delle muito, tudo he nada, para quem só de suas obras merecia huma Chronica, se houvera mais curiosidade nos seus contemporaneos, para nos deixarem eternizados feitos taõ dignos de memoria. Foy muy amado dos Portuguezes, porque elle os amava, e favorecia muito: não cessava de lhe alcançar favores, e izenções delRey, e só de si se descuidava, não solicitando al-

gum para ſua peſſoa: vagando algumas Commendas, que lhe eraõ devidas, e muito licito o pretendellas, como foraõ os Meſtrados das Ordens de Santiago, e de Aviz, por morte do Senhor D. Jorge, filho delRey D. Joaõ o II. e o não fez, antes aconſelhou a ElRey, ſeu irmaõ, que os uniſſe à Coroa, como unio para ſempre, nem ſe ſabe que pediſſe nunca mais que o Priorado do Crato, para ſeu filho o Senhor D. Antonio, ſendo muy pouco o que lhe ficou delRey, ſeu pay, para taõ grande peſſoa, como elle era, porém elle o governava com grande prudencia, de ſorte que lhe chegava para o governo de ſua caza, e para gallas, e feſtas, que os tempos, e occaziões pediaõ, quando havia cazamẽtos, ou outras funções Reays, ſem pedir ajudas de cuſto ao dito Rey, ſeu irmaõ, e com tudo iſto ainda fazia muitas eſmolas a cavalheiros pobres, e a outros muitos de menor eſfera.

Foy muito obediente a ElRey, ſeu irmaõ, e tevelhe tanto reſpeito, e ao Principe D. Joaõ, ſeu ſobrinho, que o veyo ElRey a reprehender de ſer niſſo demaſiado; ao que reſpondeo, que lhe convinha dar bom exemplo aos Cortezãos. Tratando-ſe no Concelho, que convinha ao bem do Reyno cazar a Infanta Dona Maria com elle, não veyo niſſo por entender em ElRey, que o naõ levava muito em goſto, e queria antes cazalla com o Principe de Caſtella, como o fez, e quando o Infante a vio cazada ſe alegrou muito, e fez muitas feſtas, por dar goſto a ElRey, ainda, que fora mais acertado cazalla ElRey com elle. Acompanhou ao Emperador Carlos V. ſeu cunhado na jornada de Tunes, onde ſe houve com raro valor, e adquerio grandes eſtimações do Emperador. Foy depois duas vezes a Caſtella a tratar, com o meſmo Emperador, graves negocios tocantes ao bem, paz, e utilidade deſtes Reynos, e Conquiſtas, e Comercios delles, e tudo conſeguio com grande felicidade.

Naõ ſe obrava couſa de importancia, em que ElRey o naõ conſultaſſe, e ſeguiſſe o ſeu parecer, como mais acertado, porque tudo obrava, e ditava com grande prudencia, e diſcriçaõ, e por iſſo ſentio muito a ſua morte, e chorou muito por elle, e aſſim meſmo toda a Fidalguia, e Povo, porque a todos fazia muitos bens, e os amava, e era de todos muito amado, e reſpeitado. Foy devotiſſimo dos Padres Capuchos Franciſcanos de N. Senhora da Arrabida, e os favoreceo muito em ſua vida, e por ſua morte lhe fez algũas deixas de couſas para o uſo, e governo dos Religioſos, e ſeus Cõventos, e dizia: *Que para Lisboa ſer o melhor de Heſpanha, e de Europa, naõ lhe faltava mais, q̃ ter dentro em ſeu diſtricto aos Padres da Arrabida.* Naõ teve o goſto de o ver em ſeus dias; mas cõſeguiraõ-no os ditos Padres depois, e fundáraõ o ſeu Cõvento de S. Pedro de Alcãtra

ra

no mais alto, e melhor ſitio della.

Teve hum filho, que foy o Senhor D. Antonio, bem conhecido em toda Europa, em Dona Violante Gomes, donzella muito fermoza, com quem ſe ſuſpeitou, que elle cazara, e o filho o quiz provar ao depois em ordẽ a habilitarſe para a herança do Reyno, mas julgou-ſelhe o contrario, o qual o Infante mandou criar no Moſteiro da Coſta, da Ordem de S. Jeronymo, donde veyo eſtudar no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra de Conegos de Santo Agoſtinho, e daqui foy para Evora, e lhe alcançou o Priorado do Crato, applicando-o ao eſtado Clerical, e por ſua morte o deixou recomendado ao Cardeal D. Henrique, ſeu irmaõ, o qual o fez tomar Ordens até Evangelho, com tençaõ de o chegar ao ſeu meſmo eſtado; mas elle deſcontente do tal eſtado, não quiz paſſar a Presbytero, antes pedio ao Summo Pontifice diſpenſa da obrigaçaõ das Ordens, que já tinha, e veſtio-ſe de ſecular; pelo que deſgoſtou muito o tio, e por aqui ſe lhe foy originando a ſua ruina, que adiante teve, oppondo-ſe à ſuceſſaõ do Reyno, por morte do meſmo tio, ſem forças, contra o formidavel poder delRey D. Felippe de Caſtella, com muito riſco ſeu, ſendolhe preciſo auzentarſe da ſua patria, e viver dos favores dos Reys de França, e Inglaterra. Foy muy douto mas; não ſe ſoube aproveitar das ſuas Letras, e foy muito amado dos Portuguezes, por amor do Infante ſeu pay, e tambem por ſer muy afavel, e generoſo, e ſe padeceraõ grandes trabalhos no Reyno, por amor delle.

Eſtando ElRey D. Joaõ doente, e trazendolhe alli, onde eſtava o Principe D. Sebaſtiaõ, ſeu neto, para ſe entreter, e divirtir com elle, que era menino de dous annos, ſucedeo pedir ElRey hum pucaro de agua, que lhe trouxeraõ com huns doces, dos quaes convidou o Principe, e dando a ElRey hum pucaro cuberto com ſua tapadoura, como era coſtume darem-ſe aos Reys de Portugal, trouxeraõ tambem agua para o Principe, em outro pucaro pequeno, e deſcuberto, e dandolha a não quiz beber, e chorou muito, para que lhe deſſem outro pucaro com tampa, como a ElRey, e ou foſſe, q̃ como menino lhe pareceſſe bem a tapadoura do pucaro, ou por outra razaõ, ElRey o interpretou por final de que morria cedo, porque tomando aquillo em máo agouro, ſe melancolizou muito, e ſe voltou na cama para a outra parte, dizendo: *Cedo quereis Reynar.* E com iſto mandou que levaſſem dalli o Principe, aſſentando comſigo, que viviria pouco, e começaria ſeu neto a Reynar naquella pequena idade, que a todos eſtes agouros abria caminho a grãde melancolia delRey, ſem baſtar, ou querer admitir o dizeremlhe, que o choro do Principe, fora por ver a tampa do pucaro, com galantaria, e não por querer o pucaro ta-

pado, como Rey, que em ſua innocencia não cabia conhecimento de tal couſa, ou tambem, que como menino apetecia aquellas couſas, que primeiro via, ſem mais reſpeitos, nem outra inteligencia, e com tudo foſſe, como foſſe ElRey ainda que melhorou deſta, que era queyxa leve veyo a morrer dahi a hum anno, cumprindo-ſe o que pronoſticou.

CAPITULO XIV.

Da morte, e ſahimento delRey D. Joaõ o III.

1557. AOs onze de Junho de mil quinhentos ſincoenta e ſete, Seſta feira em Lisboa nos Paços da Ribeira, adoeceo ElRey D. Joaõ o III. de huma dor accidental, que lhe veyo de huma apoplexia, e malencolia, e grande febre, e ſendo já às duas horas depois do meyo dia, foraõ juntos todos os Fiſicos, com o Fiſico mòr, e houve concelho ſe o ſangrariaõ, e por ElRey eſtar muito apertado do mal, mandou a Rainha chamar o Meſtre D. Fr. Gaſpar do Caſal, Biſpo de Leiria, ſeu Confeſſor, para que o confeçaſſe, e logo lhe foy trazido o Santiſſimo Sacramento, que tomou com muita devoçaõ, e foy mandado dar pregaõ por toda a Cidade, que ſe fechaſſem as tendas, e ceſſaſſem os officios, e ſe fizeſſem Prociſſões de Preces. Ficáraõ todos ſobreſaltados com eſta repentina noticia, porque naõ a havia de moleſtia delRey, antes cada dia o eſtavaõ vendo, e logo foy feita huma Prociſſaõ de todas as Ordens, e Clerizia, cantando a Ladainha, em que hiaõ muitos Fidalgos, e Dónas rogando a Deos pela vida, e ſaude delRey, a qual ſahio da Sé até S. Domingos, onde fez huma breve Prègaçaõ o Doutor Antonio Pinheiro, Biſpo que depois foy de Miranda, encomendando muito que rogaſſem a Deos déſſe ſaude a ElRey, e ſahiraõ depois das Ave Marias.

Neſte tempo eſtava ElRey muito atribulado, que o naõ deixava o mortal accidente, do qual a Rainha foy deſenganada pelos Fiſicos, que lhe diſceraõ: *Que ſe por graça de Deos naõ foſſe, que ſoubeſſe que ElRey perdia a vida, por ter já o mal na cabeça, de q̃ ninguem eſcapava.* A Rainha atribulada moſtrou entaõ grande animo, e ſe foy a ElRey dizẽdolhe: *Que ſe lembraſſe q̃ morria,* e moſtroulhe hũ Crucifixo, e diſſe: *q̃ ſe encomendaſſe a elle, e lhe naõ lẽbraſſe a vida deſte mundo, que era hum pouco de vento, e que ao outro dia ſeria ella com elle, e que nada lhe déſſe pena, nem cuidado, nem occupaſſe a memoria ſenaõ em Deos.* E outras palavras de muito eſforço, e muita prudencia, de tal ſorte, que os que eſtavaõ preſentes ſe admiráraõ do animo da Rainha, e logo ordenou que lhe foſſe trazida a Santa Unçaõ, que naõ tardou muito, e lhe foy dada; e como ElRey vio que a ſua doença era mortal co-

meçou

meçou a falar com a Rainha em couſas de ſua alma, pedindolhe: *Que regeſſe, e governaſſe eſte Reyno com muito amor, e ſem eſcandalo, e que ella com o Infante Cardeal D. Henrique, ſeu irmaõ, com dès do Concelho fizeſſem os deſpachos de mayor importancia.* E eſtando neſtas praticas com a Rainha lhe vieraõ ſuores de morte, de que logo ſe ſentio finar.

E foy chamado Jorge da Silva, homem Fidalgo, e virtuoſo ao qual diſſe ElRey, que o ajudaſſe a bem morrer, e diceſſe com elle o Credo, e eſtavaõ preſentes o Cardeal, ſeu irmaõ, e a Infanta Dona Maria, ſua irmãa, e a Infanta Dona Iſabel, mulher, que tinha ſido do Infante D. Duarte, e o Senhor D. Duarte, filho dos ditos Infantes, e o Meſtre D. Fr. Gaſpar do Caſal, Biſpo de Leyria ſeu Cõfeſſor, e Dónas, e peſſoas virtuoſas, e a Rainha cõ grãde esforço, e animo diſſimulando a ſua pena, tomou a maõ a todos na conſolaçaõ delRey, e cõ hũ Crucifixo na maõ, e hũa vella na outra ſe poz aſſentada na cama delRey, e falandolhe palavras, q̃ moviaõ a muita devoçaõ, e choro, lhe diſſe: *Que ſe conſollaſſe muito em N. Senhor, e confiaſſe em ſua Divina miſericordia, pois tinha recebido todos os Sacramentos, e que naõ olhaſſe para ella, nem para outrem, ſenaõ para o Senhor, que tinha diante de ſi, e o havia de hir ver na gloria, que iſſo lhe era mais neceſſario, e que lhe naõ dèſſe cuidado couſa alguma do mundo.* E tanto que ElRey começou a entrar em artigo de morte, ella lhe meteo a vella na maõ, e eſteve com elle dizendo o Credo, com os que com ella eſtavaõ, e o nome de JESUS, e tanto que ElRey eſpirou, que ſeria entre as onze, e as doze da meya noyte, a Rainha lhe ſechou os olhos, e apertou o queixo debaixo da barba, e o cubrio com o lençol, e ſe foy enſerrar no ſeu Oratorio.

Os que eſtavaõ na caza fizeraõ muito grande pranto, e as ditas Infantas, Dona Maria, e Dona Iſabel, e as Senhoras ſuas filhas ſe foraõ a poz a Rainha, onde fizeraõ ſeu pranto, e ſe diz que nelle as conſollava a Rainha. Os Fidalgos, que neſte tempo eſtavaõ no Paço, ſe ſahiraõ cada hum pelas ruas chorãdo, e ſe fizeraõ logo ſinais na Sé, e Freguiſias. E taõ ſubita foy a morte delRey, q̃ tinha hido à Miſericordia (da qual era Irmaõ) na Quarta feira antecedente, e nella ouvido Miſſa à viſta de todos, bem diſpoſto, e na Quinta feira tinha ſido viſto dos ſeus pelo Paço, e ainda na meſma Seſta feira, em que morreo, pelo que ninguem podia crer, que era falecido. E logo àquellas horas começou de concorrer muito povo ao Terreyro do Paço, todos chorando taõ grande perda. Eſteve acompanhado de peſſoas Religioſas, e Frades, que logo foraõ chamados, com muita cera aceſa, e lhe foy veſtido o habito da Ordem Militar de Noſſo Senhor JESU Chriſto, de que era Meſtre, e o Eſtoque, e

Eſcudo

Escudo de Cavalleiro, e foraõ chamados D. Theodosio, Duque de Bragança, e o Marquez de Villa Real, e outros Senhores, que estavaõ em suas terras, que sem dilaçaõ vieraõ à Corte.

E ao outro dia à tarde Sabbado doze de Junho, Vespera da Festa da Santissima Trindade, e de Santo Antonio de Lisboa, vieraõ todas as Communidades dos Conventos encommendallo por sua ordem, e feito isto se poz o corpo delRey em huma Eça de veludo preto, com huma Cruz de setim branco em sima, em duas mulas, que o levaraõ, e ao sahir do Paço era tanta a gente, que naõ cabia no Terreiro, e taõ grande a grita, e choro que senaõ ouvia outra cousa pelas janellas, e ruas, por onde hia, de tal sorte, que affirmaõ ouvirse na Villa de Almada, que está distante huma legoa, da parte dalém do Tejo, e foy levado ao Mosteiro de Belem, acõpanhado do Senhor D. Duarte, e do Senhor D. Antonio, e de D. Joaõ, primeiro Duque de Aveiro, e D. Constantino de Bragança, e do Conde de Vimiozo, e D. Fernando de Vascõcellos de Menezes, Arcebispo de Lisboa, e de outros Senhores, e Fidalgos, q̃ naõ cabiaõ pelo caminho, e hia o corpo delRey cercado de Moços da Camara, e da Capella delRey, e Reposteiros a pé gritando, e lamentando-se, que era cousa piedosa, as palavras, que diziaõ.

Acompanhou-o tambem a Irmandade da Sãta Misericordia, por elle o pedir assim, e foraõ todos os Irmaõs cõ suas vestes pretas, e suas tochas acesas com o seu Provedor, que entaõ era D. Affonso de Lancastre, filho do Senhor D. Jorge, e neto delRey D. Joaõ o II. Antes de entrarem em Belem sahiraõ os Frades em Communidade a recebelo fóra do Mosteiro, e do Lugar, com Cruz, e cera, chorando, e assim o leváraõ à Igreja do seu Mosteiro, e foy o dito corpo Real metido nas andas cá em Lisboa, e tirado dellas lá em Belem pelo Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e pelo Senhor D. Antonio, filho do Infante D. Luis, e pelo Duque de Aveyro, e D. Constantino de Bragança, e pelos Condes de Vimioso, e Castanheira, e outros Senhores, que cada hum por sua parte lançou maõ do cayxaõ, em que hia, o corpo, dentro nas andas, com toalhas, que para isso hiaõ apparelhadas, e o leváraõ até huma meza, que estava para isso ordenada, e cuberta de veludo preto, onde foy posto, e por ser tarde, e se naõ poder fazer logo outra cousa, se lhe cantou só hum Responso, e o Arcebispo a Oraçaõ, com tantas lagrimas, e suspiros em todos, que parecia estallarlhes o coraçaõ. E foy dalli tirado pelos mesmos Senhores, e metido na sepultura pelos Padres mais antigos, e dignos da Caza, a qual se lhe fez na Capella mòr, junto delRey D. Manoel seu pay, e se acha agora trasladado para hum rico, e soberbo Mausoleo de pedra de Jaspe,

pe, que está na mesma Capella mór em correspondencia de outro tal do dito Rey, D. Manoel seu pay, com este Epitafio.

PACE DOMI, BELLOQUE FORIS MODERAMINE MIRO
AUXIT JOANNES TERTIUS IMPERIUM.
DIVINA EXCOLUIT, REGNO IMPORTAVIT ATHENAS,
HIC TANDEM CITUS EST REX PATRIÆQUE PARENS.

Era ElRey D. Joaõ o III. quando faleceo de sincoenta e sinco annos, e quatro dias. Reynou trinta e sinco annos sinco mezes, e vinte e oito dias, começou a Reynar no mais pequeno dia do anno, que foy em 19. de Dezembro de mil quinhentos e vinte e hum, e morreo em o mayor (conforme a conta de entaõ) que foy aos 11. de Junho. Faleceo quando sua vida era mais necessaria ao Reyno, pelo grande desamparo, em que ficou em poder de hum Principe menino, e por outras muitas razões, e necessidades fazia muita falta a sua vida, e bem se foy experimentando.

CAPITULO XV.

Do Officio do enterramento delRey D. Joaõ o III.

NA tarde de quatorze do mesmo mez de Junho de mil e
1557. quinhentos sincoenta e sette, que era em huma Segunda feira, se ajuntou no Real Mosteiro de Belem, da Ordem de S. Jeronymo huma legoa de Lisboa, toda a Nobreza de Portugal, convem a saber, o Cardeal Infante, o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, o Senhor D. Antonio, filho do Infãte D. Luis, o Duque de Bragança D. Theodosio, e seu filho D. Joaõ, e seus irmaõs, e os Condes, e Senhores cõ a mais Fidalguia do Reyno, e nove Bispos destes Reynos, as Dignidades, e Conegos da Sé, e os Capellães delRey, com toda a mais Clerisia, e as Ordens de S. Francisco, S. Domingos, do Carmo, da Trindade, Eremitas de Santo Agostinho, de Santo Eloy, e Jeronymos, onde assim juntos na dita Igreja de Nossa Senhora de Belem, a acharaõ preparada com a fabrica, e Tumulo seguinte.

Das grades do Cruzeiro até a porta principal da dita Igreja estava feito hum Coro de quatro ordens de assentos além dos bancos, que estavaõ ao pé, que era a quinta ordem, com quatro portas, por onde entravaõ para elles, q estavaõ cubertos de preto, e assim mesmo todas as paredes té os principios da abobeda, e remate das paredes, e todos os esteyos, e colunas, assim do

corpo

corpo da Igreja, como do Coro, e no corpo do Cruzeiro de huma vara em alto, por diante do chaõ estava huma sumptuosa Eça de dezasete degraos em alto, com tres ordens de grades de redor della, guarnecidas de panno preto, e em sima de tudo huma tumba cuberta de velludo preto, com sua Cruz de damasco branco, e hum grande sobreceo de velludo, do qual pendia hũa grande bandeira de tafetá branco, com as Armas Reays, e de redor dellas o collar da Ordem do Thuzaõ, de que era Cavalleiro o dito Senhor Rey, que saõ humas pederneiras, e esclavoens de fuzis de ouro, e embayxo hum Cordeiro dependurado. Nas ditas tres ordens ao redor da Eça arderaõ nas Vesperas, e dia duzentas e vinte e oito tochas. A Capella mòr onde o dito Senhor jáz, estava toda tapizada de velludo preto, que seriaõ tres mil covados, e dizem q̃ havia de estar, e ficar para sempre pendurado na dita Capella. Estava o Tumulo em hum estrado alto de mais de tres palmos, cuberto de velludo, e huma Cruz à Cabeceira, com doze castiçais de prata, muito grandes, seis por banda com suas tochas ardendo, e ao pé huma caldeira de prata com agua benta, e hizope, onde as Ordens cada huma per si, cantou hum Responso.

Todos os Altares estavaõ guarnecidos de dò com castiçais de prata altos, e ao pé de cada Altar duas tochas ardendo em castiçais de madeira preta. Todas as sepulturas dos Reys, Principe, e Infantes, estavaõ cubertas de damasco preto, e no Coro, q̃ para este auto se fez, havia nesta tarde duas estantes huma para os Nocturnos, e outra para as Liçoens, cubertas de dó, e o Pulpito com Sobreceo de dó sómente, sem outro pãno, as Crastas de redor das paredes armadas de luto, e dizem que na armaçaõ de dó deste sahimento estavaõ doze mil cruzados de panno, e que passava a muito mais. Nestas Crastas havia vinte Altares armados, sinco em cada quadra, que para este auto foraõ levantados, cada hum com dous castiçais de prata altos, e ao pé do estrado huma alcatifa rica, e dous castiçais de madeira preta, com suas tochas, e no lado de cada Altar hum banco cuberto com hũa vara de ruaõ preto, e guizamento para as Missas; e porque esta Crasta naõ era ainda lageada a espadanáraõ.

O Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, começou as Horas em Pontifical, com seus assistentes, com ornamentos riquissimos de brocado roxado de preto, e por ordem de distribuiçaõ tocou a primeira Liçaõ aos Frades de S. Frãcisco, a segunda aos de S. Domingos, a terceira aos do Carmo, a quarta aos da Trindade, a quinta aos Eremitas de Santo Agostinho, e a sexta aos de Santo Eloy, a setima aos de S. Jeronymo, a oitava ao Cabido, e a nona à Capella delRey. Acabadas as Vesperas

peras deraõ de cear a todos os Miniſtros deſte auto Eccleſiaſtico, cõ ſua differença, ſegundo as peſſoas, e Dignidades de cada hum, no Refeitorio, e em outros apozentos, em abundancia, e para repouzarem. Terca feira duas horas depois da meya noite ſe começáraõ as Miſſas rezadas em todos os Altares aſſim das Craſtas, como da Igreja onde ſe diſſeraõ pela alma do defunto Rey, mil e duzentas Miſſas rezadas em trinta e ſinco Altares.

A's ſeis horas ſe começáraõ as Laudes, e às ſete a Miſſa mayor, que diſſe o Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando, e à roda em circulo da Eça ſe puzeraõ outras duzentas e vinte e oito tochas, e ao redor da cova doze tochas, em caſtiçais de prata. Prégou tres horas o Doutor Antonio Pinheiro, e tudo foy das grandezas, magnificencias, zelo da Fé, de Chriſto, e mercès, vitorias, e triunfos, que ElRey fez, e alcançou em ſua vida, e em ſua infermidade, e morte, como quem as tinha bem notadas, e ſabidas por ſer Chroniſta do meſmo Senhor Rey. A cabada a Miſſa, e Sermaõ acenderaõ de novo duzentas tochas novas, que ſe deraõ aos Capellães delRey, ao Cabido da Sé, e aos mais ſemilhantes, e chegando-ſe o Arcebiſpo à ſepultura, foy dito o Reſponſo, cõ muitas lagrimas, e ſoluços de toda aquella Congregaçaõ. Acabado eſte auto ſe deu de jantar a todos, os que o quizeraõ aceitar dos da noyte antes.

Na Cidade de Lisboa depois deſte ſahimento, ou Officio géral ſe fizeraõ outros muitos particulares, com muitas deſpezas de Eças, Altares, armações, e de cera, e Prégações, porque não ficou Igreja, Moſteiro, nem Ermida, em que ſe não, fizeſſem Exequias por ElRey D. Joaõ, e em muitas Igrejas ſe fizeraõ duas, tres, e quatro vezes pelas Confrarias dellas, ou por ſer irmaõ dellas, ou porque todas, e todos lhe viviaõ muito obrigados, e ſe affirma, que dos muros a dentro ſe fizeraõ mais de duzentos Officios de Exequias, com tanta ſolemnidade, como ſe cada hum delles foſſe o principal.

O Arcebiſpo de Lisboa fez por ſi hum Officio na ſua Sé, para o que convocou toda a Cleresia, que ſeriaõ paſſante de trezentos Clerigos, e a cada hum, que quiz dizer Miſſa pela alma do dito Senhor Rey, mandou dar quatro vintens, e aos que a naõ diſſeraõ meyo toſtaõ, que naquelle tempo eraõ eſmolas muy grandes; ardendo muita cera, e tochas de quatro pavios, e ſe dobraraõ todos os ſinos da Cidade das Veſperas até o dia, dizendo ſeu Reſponſo cada Clerigo, e nas Prégaçoens ſe tocavaõ levemente os louvores delRey por ſe ter feito por extenſo no ſahimento géral de Belem.

CAPITULO XVI.

De como o Governo do Reyno foy entregue à Rainha Dona Catharina, e porque razaõ.

DEpois da morte, e enterro delRey D. Joaõ o III. no dia seguinte, que foy Domingo da Santissima Trindade 13. de Junho, se ajuntáraõ os do Concelho, para tomarem acordo nas cousas tocantes ao governo do Reyno, e à paz, e soccego delle, e para isto melhor se fazer tratáraõ de saber se deixára ElRey Testamento, ou algũa lembrança, ou papel, em que fizesse alguma disposiçaõ, por onde elles se pudessem governar, e naõ se achou mais que hum papel sem ser assinado por ElRey, o qual era huma instrucçaõ, que deu o Chanceller mòr Gaspar de Carvalho, a qual ElRey lhe pedio, como conselho, se licitamẽte, sem ser cõtra Direito, e sem hir contra sua consciencia, poderia, por sua morte, deixar a Rainha por Governadora destes Reynos, em quanto o Principe naõ fosse de idade para poder tomar posse, e reger por si os ditos Reynos. Sobre isto era a instrucçaõ, que o dito Gaspar de Carvalho deu a ElRey, porém feita pela maõ do Secretario.

Achado este papel, e mandado chamar Gaspar de Carvalho, lhe deu o Cardeal o juramento dos Santos Evangelhos para que dicesse a verdade se lhe pedira ElRey aquelle parecer, e conselho, e se eraõ aquellas as razoens, e causas, que elle para isso lhe dera. O que tudo jurou o dito Chanceller mòr, dizendo: que verdade era; mas que aquella letra não era sua, que lhe parecia ser do Secretario. O mesmo Cardeal deu logo o juramento ao dito Secretario, que presente estava, o qual disse, que era verdade que ElRey lhe mãdára trasladar aquelle papel com tençaõ de o por por verba em seu Testamento, o qual andava cada dia para fazer, e veyo a morrer sem o pòr em execuçaõ. O que tudo isto se escreveo em fórma autentica para constar com clareza a todo o tempo da diligencia, que sobre o cazo foy feita.

Sabida assim a ultima vontade delRey, e vista a capacidade da Rainha, que era mulher varonil, sábia, e prudente, de quem se podia muito bem confiar o governo do Reyno, assentáraõ os do Concelho de lhe entregarem logo o governo do Reyno, e q̃ juntamẽte fosse tambem Tutora de seu neto o Principe D. Sebastiaõ, e que elle fosse logo acclamado por Rey. A qual determinaçaõ não quizeraõ executar sem primeiro darem parte disso à Camera da Cidade, como cabeça do Povo de todo o Reyno, mandando chamar os Procuradores, a quem mostráraõ o papel delRey, e as mais diligencias feytas, e acordo, que tinhaõ tomado, pedindolhe

seu

ſeu parecer, e voto para q̃ ſenaõ obraſſe couſa algũa contra os ſeus foros, e coſtumes, por parecer eſcuzado chamar para iſto a Cortes. Reſponderaõ elles, q̃ em cazo de tanta ſupoſiçaõ praticariaõ, e tomariaõ ſeu parecer, e dariaõ a repoſta; porque era neceſſario palpar a vontade do Povo, e ver ſe levavaõ em goſto aquella eleiçaõ, para que naõ ſucedeſſe o que lá ſe vio com a Rainha Dona Leonor, mulher delRey D. Duarte, que naõ conſentiraõ, que ella governaſſe por ſeu filho menino D. Affonſo o V. havendo no Reyno Infantes, Varoens com mayor ſufficiencia, viſto ſe não convocarem Cortes, como era conveniente, e que feita eſta diligencia voltariaõ.

Ao outro dia Segunda feira 14. do dito mez, ſe ajuntaraõ todos na Camera, Vereaçaõ, e cabeças do Povo, e os mais, que neſta materia tinhaõ voto, e lhe foy propoſta a de que ſe tratava, em expecial a determinaçaõ do Concelho, para o qual lhe pediaõ a elles ſua authoridade, ou confirmaçaõ, ſobre o que deſſem ſeus votos; houve muitos, e diverſos pareceres alegando cada hum as razoens, que melhor lhe pareciaõ, porém depois de bem praticada eſta materia ſe aſſentou, q̃ por quanto pelo q̃ ſe tinhaviſto, e examinado da vontade delRey ſer, que por ſua morte ficaſſe a Rainha por Governadora do Reyno, em quanto o Principe D. Sebaſtiaõ não foſſe de idade, para por ſi o poder fazer, e ſabida tambem a capacidade, que na Rainha havia para poder muito bem occupar aquelle cargo, e dar cumprimento aos encargos delle, por ſer mulher varonil, e ter dado diſſo boas moſtras em vida delRey, ſeu marido, ſe aſſentou, que eſtava bem feita a eleiçaõ da Rainha para Governadora, que approvavaõ, e davaõ ſeu voto, como tambem a Tutoria de ſeu neto, tendo-ſe por certo, que ninguem havia de curar delle melhor, nem tambem, como ella.

Aſſentado iſto ſe foy a Cidade ao Concelho, que em quanto as couſas não foraõ aſſentadas eſteve quaſi ſempre junto, e tanto que ſe ſoube a reſoluçaõ, que traziaõ, mandáraõ chamar todas as peſſoas, que para o auto da entrega do governo à Rainha, eraõ precizamente neceſſarias, aos quaes, juntos todos, ſe deu parte do para que eraõ chamados, e approvado por todos, ſe foraõ à Rainha, e a houveraõ por Governadora deſtes Reynos, e por tal lhe beijáraõ todos a maõ, a ſaber os Duques em nome de todos os Grandes; o Cardeal Infante por todo o Eſtado Eccleſiaſtico; os Védores da fazenda pela maſſa do Reyno; o Regedor pelas Juſtiças; a Cidade em nome de todos os Povos. E logo lhe deraõ todos as homenagens de lhe obedecerem em tudo, e por tudo em quanto governaſſe pelo Principe ſeu neto, até que elle foſſe de idade para o poder fazer por ſi, como couſa ſua. E a

Rainha jurou em hum Miſſal de os Reger em paz, e juſtiça, quanto lhe foſſe poſſivel, e noſſo Senhor lhe inſpiraſſe, como tambem de lhe guardar ſeus foros, e izençoens, ſegundo os uzos, e coſtumes de Portugal, e de tudo iſto ſe fez termo, e aſſento em hum Livro, que ella aſſignou no meſmo dia 14. de
1557. Junho do anno de mil quinhentos ſincoenta e ſete, em que eſte auto ſe obrou. Logo tambem ficou aſſentado, q̃ na Quarta feira ſeguinte, ſe fizeſſe o auto do ſolemne levantamento, e acclamaçaõ de Rey de Portugal do Principe D. Sebaſtiaõ, e ſe poz por obra, como ſe trata no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO XVII.

Do levantamento delRey D. Sebaſtiaõ, e ceremonias deſte auto.

DEterminado aſſim o dia, e diſpoſtas todas as couſas neceſſarias para o auto da acclamaçaõ, e levantamento do Principe D. Sebaſtiaõ, no dia de Quarta feira 16.
1557. de Junho de mil quinhentos ſincoenta e ſete, que era Veſpera da feſta do Corpo de Deos, de tarde pela huma hora concorreo ao Paço toda a Nobreza da Corte, e a Cidade em corpo de Camera, hindo todos juntos em boa ordem, ſem eſtrondo algum de inſtrumentos, por cauſa da morte delRey D. Joaõ; porém hiaõ ſem luto, e alguns veſtidos de feſta, e chegando às eſcadas dos Paços Reays ſe apeáraõ, e ſobindo foraõ ter a huma grande ſalla, q̃ ha nos ditos Paços da Ribeira, a qual eſtava muito bẽ armada de requiſſimos pannos de ouro, e ſeda, e no fim della eſtava hum theatro com hũ eſtrado grande levantado ſobre quatro degráos, por onde ſe ſobia para elle, o qual eſtava debaixo de hum tico docél de brocado, e ſobre eſte eſtrado eſtava huma cadeira cuberta com hum fermoſo panno do meſmo brocado, taõ grande, que do que cahia da cadeira, ſe cubria muita parte do eſtrado, e ao pé eſtava outra cadeira, com menos apparato, para o Cardeal Infante D. Henrique.

Chegada a hora competente entrou o Principe na ſalla, vindo por huma varanda, acompanhado de todos os Grandes de Portugal, e o trazia ao cólo D. Lopo Dalmeida, filho de D. Duarte Dalmeida, e junto cõ elle o Cardeal de ſorte, q̃ a muitos pareceo, que o trazia no colo, e vinha o Principe veſtido em hum pelote de Setim branco, com calças, e jubaõ roxado de ouro, com muita chaparia de botoens de ouro, e gorra de Setim branco, com medalha, e penacho nella, e huma opa do meſmo Setim, da qual lhe trazia a fralda o Marquez de Torres novas, filho primogenito do Duque de Aveiro, vindo diante delle todos os Reys de Armas de Portugal, Algarve, e India, com

ſuas

ſuas Cottas de Armas veſtidas, e todos os Porteiros com ſuas maſſas de prata nas mãos; e chegando ao theatro aſſentáraõ o Principe na cadeira, e o Cardeal ſe aſſentou na que lhe eſtava deſtinada, e como o Principe era de taõ pouca idade, vieraõ com elle a ſua ama, e ſua Aya, Dona Joanna Déça, que lhe aſſiſtiaõ na cadeira, huma de huma parte, e outra da outra, para o enterterem em quanto durava o auto.

Chegou logo Gaſpar de Sarria, que entaõ ſervia de Theſoureiro do Theſouro Real, com hum Cetro de ouro de tres palmos de comprido, e da groſſura de hum dedo, com ſua cabeça em cima, e beijando-o o entregou ao Camareiro mòr do Cardeal, e elle o deu ao Cardeal, o qual beijando-o o meteo na maõ a ElRey; mas como era taõ menino, ainda que o Cetro era por eſſe reſpeito mandado fazer pequeno, náõ o podia ſuſter, e o ajudava ſua Aya. Logo ſe levantou no meſmo theatro o Doutor Antonio Pinheiro, Prégador delRey D. Joaõ, ſeu Chroniſta, e ſeu valido, a quem tinha commettido o cargo de muitos negocios do Reyno, de grande qualidade, e pezo, e feito ſilencio na ſalla diſſe em voz alta o ſeguinte.

Noſſo Senhor houve por bem, e lhe aprouve de levar para ſi o muito alto, e muito poderoſo, e Catholico Rey D. Joaõ o 111. deſte nome, cujo falecimẽto todos devemos muito ſentir, por quaõ inteiramente ſempre regeo, e governou em ſeus dias eſtes Reinos, e Povos de Portugal, trabalhando em todas ſuas obras por ſe fazer de todos amado, e temido, e por ſua morte ficou por herdeiro, e direito ſucceſſor deſtes Reynos o muito alto, e muito poderoſo Principe D. Sebaſtiaõ, ſeu neto, filho do muito alto, e muito poderoſo Principe D. Joaõ, filho do ſobredito Senhor Rey, a quem os ditos Reynos por linha direita pretenciaõ, e agora eſtà prezente para o levantardes por voſſo Rey, e Senhor, e lhe dardes voſſas homenagens, para em tudo lhe ſerdes leaes, e fieis vaſſallos, e de ſua parte elle vos promete de em tudo vos mãter em juſtiça, paz, e verdade, quanto lhe for poſſivel, dandolhe noſſo Senhor vida, e ſaude, como o meſmo Senhor ſerà ſervido conceder por ſua bondade, e remedio noſſo, e no entanto, que elle por falta de idade naõ pòde governar, ordenou o meſmo Senhor Rey D. Joaõ, q̃ ſanta gloria haja, q̃ a Rainha ſua mulher, governaſſe por elle por entender, que o faria com muito boa ſatisfaçaõ, e inteireza; o que eſperamos da ſua grande prudencia, cuja eleiçaõ, como taõ acertada, tendes todos approvada.

Acabada a pratica, levantouſe o Secretario Pedro de Alcaçova Carneiro, e em voz, que bem foy ouvido, leo duas Procurações da Rainha, ambas feitas ao Cardeal, das quaes huma era para que elle por ella, e em ſeu nome pudeſſe dar, e jurar a homenagem a ſeu neto, ElRey D. Sebaſtiaõ; dando para iſſo

ao

ao Cardeal todo seu livre, e cumprido poder, e mandado especial, para por ella poder jurar a dita homenagem; ao que tudo se obrigava de cumprir, e manter sem falta alguma. A outra Procuraçaõ, era em que ella, como Tutora de seu neto, ElRey D. Sebastiaõ, dava poder ao dito Cardeal, para por ella, em nome do dito seu neto, poder tomar o juramento ao que os Reys saõ obrigados em tal cazo. As quaes Procuraçoens o dito Cardeal aceitou, e logo poz por obra, como adiante se verá.

Acabado isto estava prezente o Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos de Menezes, com hum Missal nas mãos, e huma Cruz em sima, e levantouse o Cardeal donde estava assentado, e com os giolhos ambos em terra, se poz diante do Arcebispo, e pondo as mãos ambas em sima do Missal, e Cruz, a primeira couza, que jurou foy a homenagem, que em nome da Rainha, como Governadora do Reyno devia, e fazia a ElRey D. Sebastiaõ, seu neto, e por aquelle juramento prometia de que tanto, que ElRey fosse de idade para poder governar por si o seu Reyno lhe faria entrega delle, sem a isso pòr duvida, nem embargo algum, e de em tudo durante o tempo lhe obedecer, como a seu Rey, e Senhor, e outras palavras, que no tal cazo se uzaõ. Feito este juramento, logo se seguio o outro pela outra Procuraçaõ da Rainha, em que lhe dava poder de jurar por ElRey, o que fez com a mesma solemnidade, que o primeiro, prometendo, e jurando por parte delRey ao Povo de em tudo lhes guardar justiça, e a manter em paz, e de os tratar com aquelle amor, que a tal povo se devia.

Feito isto se levantou o Cardeal, e se foy pòr de giolhos diante delRey, e lhe beijou a maõ, por parte da Rainha, como a seu Rey, e Senhor, e logo o Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, o qual tinha na maõ o Estoque delRey, como Condestavel, que era do Reyno de Portugal; o qual depois de jurar a homenagem, beijou a maõ a ElRey, e a poz elle beijou logo o Duque de Bragança D. Theodosio, e o de Barcellos, seu filho, e logo o Marquez de Villa Real, e o Marquez de Torres novas, o Conde de Vimioso, o da Castanheira, e o Baraõ de Alvito, e os irmãos do Duque de Aveiro D. Luis, e D. Affonso de Lancastro, e depois destes o Duque de Aveiro D. Joaõ; acçaõ, que lhe foy muito louvada, por se naõ encontrar com o Duque de Bragança, por evitar contendas. Beijou logo D. Affonso de Menezes, e outros grãdes deste Reyno, e naõ se consentio que lhe beijassem todos a maõ, por ElRey ser de taõ pouca idade, e estar afrontado da calma. Tornou o Cardeal a levantarse, e pondo-se de giolhos segunda vez diante delRey lhe beijou a mão por si, e como

mo Arcebiſpo de Evora, e apoz elle lha beijou o Senhor D. Antonio, Prior do Crato, filho do Infante D. Luis, e logo o Arcebiſpo de Lisboa D. Fernando de Vaſconcellos de Menezes, e o Biſpo D. Jayme de Lancaſtro, e outros, que ſe acháraõ na Corte. Acabando eſtes, ſe levantáraõ os principaes Cidadões, e por parte da Cidade, e de todos os mais Povos, como cabeça do Reyno, beijáraõ a maõ a ElRey, e lhe deraõ a homenagem, fazendo niſto as ceremonias, que em tal cazo ſe coſtumaõ.

Acabado o beijamaõ, eſtava junto delRey, D. Joaõ de Menezes, Capitaõ, que foy de Tangere, e Alferes mòr deſte Reyno, com a Bandeira Real nas mãos, e deſenrolandoa, e os Reys de Armas poſtos em ſua ordem, e veſtidos com ſua Cotta de Armas, ſe fez ſilencio na ſalla, e o Rey de Armas Portugal, diſſe em voz alta: *Ouvi, ouvi, ouvi,* e D. Joaõ tremolãdo a Bandeira, diſſe em voz bem entoada. *Real, Real, Real, pelo muito alto, e muito poderoſo Principe D. Sebaſtiaõ, noſſo Senhor, Rey de Portugal.* Ao que reſponderaõ todos os Reys de Armas, repetindo as meſmas palavras: *Real, Real, &c.* A iſto acodiraõ todos os inſtrumentos, que na ſalla havia de charamellas, trombetas, e timbales, e fizeraõ o ſeu eſtrondo, e armonia muy alegre, couſa muito para ver, e fazendo calar os inſtrumentos, deſceo o dito D. Joaõ de Menezes, Alferes mòr, hum degrão do theatro, e tornou a dizer as meſmas palavras: *Real, Real, &c.* o que tornou a ſer repetido pelos meſmos Reys de Armas, e applaudido pelos ditos inſtrumentos, e por todo o Povo, de q̃ eſtava cheyo o Terreiro do Paço. Depois diſto tomáraõ ElRey na fórma, em que o trouxeraõ, e o leváraõ á hum Oratorio do Paço, onde entrou o Cardeal com elle, e D. Lopo, e outros alguns dos Grãdes a fazer oraçaõ, e a dar graças a noſſo Senhor pela obra daquelle dia.

Neſte tempo, que ElRey entrou a fazer oraçaõ, ſe ſahiraõ os Cidadões, e cavalgáraõ, levando diante a ſua Bandeira da Cidade, a qual tinha de hũa parte as Armas Reays pintadas, e da outra as da Cidade, que he huma Nao com dous Corvos, em memoria do Navio, em que foy trasladado para ella o corpo do Martyr S. Vicente, ſeu Padroeiro. E era eſta Bandeira de damaſco branco, guarnecida toda à roda de franja de ouro, e huma barra do meſmo de cada parte, e a haſte dourada, a qual levava Sebaſtiaõ de Goes, a quẽ a Cidade rogou, q̃ quizeſſe ſer ſeu Alferes naquelle auto de tanta ſolemnidade, e elle o fez por muito boa ordem, e junto delle hia D. Luis de Caſtro, Alcaide mòr da Cidade, e D. Fernando de Almada, Capitaõ mòr, e poſtos todos a cavallo, eſperáraõ, que ElRey voltaſſe à varanda, que cahe ſobre o Terreiro, para dar de ſi moſtra ao Povo, como he uſo neſtes autos.

Aca-

Acabada a ſua oraçaõ, appareceo ElRey na varanda, hindo diante o dito D. Joaõ de Menezes com a ſua Bandeira Real nas mãos, acompanhando a ElRey toda a Nobreſa.

Tanto que foy viſto do Povo levantáraõ todos as vozes dizendo: *Viva, viva ElRey, noſſo Senhor D. Sebaſtiaõ.* E logo no mar começſáraõ a feſtejalo, diſparãdo muitos tiros de artelharia, que do Galiaõ grande S. Sebaſtiaõ ſe tiráraõ, e de outras Caravellas, que no porto eſtavaõ, que todas ſe embándeiráraõ de feſta neſte dia; mas acabado elle ſe lhe tiráraõ as Bandeiras para continuar o luto, e o dito D. Joaõ, Alferes lançou a Bandeira Real fóra da varanda, e tornou a dizer em voz alta: *Real, Real, &c.* e os Reys de Armas as repetiraõ, e o meſmo fez o Povo com grande alegria. Recolhido ElRey para dentro, aballou a Cidade levando diante trombetas, e timballes, acompanhada de muita, e nobre gente, e encaminhou-ſe pela Ribeira, pelas portas do Pelourinho velho, levando arvorada a ſua Bandeira, e defronte da Cazinha dos Almotacés, deu o dito Sebaſtiaõ de Goes o primeiro pregaõ dizendo: *Real, Real, Real pelo muito alto, e muito poderoſo, e excellente Principe D. Sebaſtiaõ, noſſo Senhor, Rey de Portugal.* A que acudiraõ todos os da companhia, e Povo repetindo as meſmas acclamações com muita alegria, tocando todos os inſtrumentos. Daqui entrou cõ a meſma ordem pelas portas da Ribeira, e na entrada da Rua nova, deu o ſegundo prégaõ da meſma ſorte, e aſſim meſmo foy reſpondido, repetindo todos o meſmo; e foraõ pela Rua nova, no meyo da qual ſe tornou a dizer o meſmo, e tambem no fim della, e daqui foraõ ao Rocio, e voltáraõ pela Rua das Arcas, e Correaria, dizendo em todas as ruas duas vezes: *Real, Real, &c.* repetindo todos as ditas acclamações com muita alegria; e chegando à Sé fizeraõ a ultima acclamaçaõ, com as meſmas palavras, tirando todos o barrete, e tocando os inſtrumentos, e alli ſe apiáraõ, e entráraõ dentro na Igreja a fazer oraçaõ, e foraõ pòr a Bandeira em hũa janella da Camera; e naõ foraõ à Torre da homenagem, como he uſo, por ſer jà tarde, e tambem por mandar a Rainha dizer, que era eſcuzado, que alli baſtava que a puzeſſem.

ElRey D. Sebaſtiaõ tinha, quando o levantáraõ por Rey, de idade, tres annos, quatro mezes, e vinte e ſete dias. E neſta tarde das duas horas até as quatro choveo tres pancadas de agua, muito groſſa, e dahi para a noyte fez muito bom tempo. E havendo muita falta de paõ, que tinha principiado a faltar havia dous mezes, com grande careſtia, e naõ apparecia já no Terreiro, ou Celeiro publico, genero algum de trigo, ou centeyo, e ſó vinha algumas vezes alguma cevada, e ſe algum trigo vinha de Caſtella ſe vendia a trezentos e vinte reis, e de

França

França por quatro centos reis, e centeyo por trezentos, e a cevada por duzentos reis, *preços todos para aquelle tempo exorbitantes, e hoje tão ordinarios.* E neſta tarde, eſtando jurando o Principe, entrárão doze navios de França carregados de paõ pela barra dentro, couſa, que ſe teve a bom final, e todo o Povo o tomou a muito boa eſtreya, e ventura do novo Rey. E logo abateo o preço, e ſe veyo a vender o trigo por duzentos, e ſincoenta reis, o centeyo a cento, e ſetenta reis, e a cevada por cem reis.

Ao outro dia, que era Quinta feira, dia da Feſta do Corpo de Deos, ordenou a Cidade a ſua Prociſſaõ, ſegundo o ſeu antigo coſtume, porém no diſcurſo della naõ houve danças, nem regozijos, como era uſo nos outros annos, e ſómente junto do Palio, onde levavaõ o Santiſſimo Sacramento hia toda a Capella delRey, com ſuas charamellas, e trombetas, que de quando, em quando tocavão alguns Motetes, e cantavão Pſalmos, e Hymnos em louvor do Divino Senhor Sacramentado, e aſſim chegáraõ ao Moſteiro de Saõ Domingos, onde a Prociſſaõ ſe recolheo, como havia alguns annos que ſe coſtumava.

CAPITULO XVIII.

Das Ceremonias funeraes dos Eſcudos quebrados por ElRey D. Joaõ o III.

AOs dezoito dias do mez de Junho, Sexta feira, deſte anno de mil e quinhentos e ſincoenta e ſete, depois do dia do Corpo de Deos, pela menhãa ſahiraõ todos os Officiaes da Juſtiça, e Cidadoens da Camera veſtidos de luto de panno preto, com os capellos nas cabeças, levando dous Juizes do Crime, e hum do Civel, cada hum ſeu Eſcudo, com o pavez preto ſem Armas, poſtos ſobre as cabeças ſuſtendo-os com as mãos, e logo Sebaſtião de Gões enſima de hum cavallo, todo cuberto de dò, que chegava ao chaõ, e arraſtava mais de vara e meya, e elle com grande capuz, que tambem arraſtava pelo chão, e atè ſinco covados de panno tudo preto, ao redor do peſcoço por Béca, o qual levava ao hombro huma haſtia preta com huma Bandeira de calhamaço tinta, e romba, que hia arraſtando duas varas pelo chaõ; e logo nos degráos da Sé ſe ſubio Diogo Lopes, que era o Juiz do Civel, com o Eſcudo, dizendo em alta, e triſte voz: *Oh povo Portuguez choray, e ſenti, com muita dor, e triſteſa a morte, e falecimento do voſſo bom Rey D. Joaõ* 1557.

III. deſte nome, lembraivos com quanto amor, e juſtiça governou eſtes Reynos trinta, e ſeis annos, que viveo, choray com muita dor, e triſteſa ſua morte.

E logo deu com o Eſcudo no chaõ quebrando-o em tres partes; logo os circunſtantes levantáraõ hum doloroſo brado com muitos, ſoluços, ays, e choros laſtimoſos. E caminhando muito devagar todos a pè, excepto, o Alferes, e Vereadores, que hiaõ a cavallo; levando varas pretas nas mãos, e alguns outros Officiaes, hindo junto do arco dos Barretes na Rua nova Joaõ Rodrigues da Arruda, que era hum dos Juizes do Crime, que trazia outro Eſcudo, ſubindo-ſe em ſima de hum banco, que ahi tinhaõ poſto para iſſo cuberto com hũ panno preto, em pé todo cuberto de dò, fez a meſma fala, e quebrou o tal Eſcudo, eſtando muita gente junta todos chorando em altos gritos, e aſſim foraõ tè o Rocio, donde o outro Juiz do Crime, poſto nos degráos da eſcada do Hoſpital, fez o meſmo, e quebrou o que levava, e dalli foraõ pela Praſſa da palha, á Rua das arcas tè a Sè, honde ſe fez hum ſahimento, com muita ſolennidade, por ordem da Camera, eſtando todos, os que alli hiaõ a elle; e todos eſtes oyto dias de doze de Junho tè dezanove, não ſe abrio tenda de official algum, nem nenhum officio mecanico trabalhou publicamente, e iſto de ſeu proprio motu, ſem nenhum conſtrangimento, que foy o mayor ſentimento, que ſe ſabe houveſſe neſte Reyno por morte de algum dos ſeus Reys, excepto de D. Joaõ I.

CAPITULO XIX.

De como a Rainha Dona Catharina, governou o Reyno de Portugal.

COmo a vontade delRey D. Joaõ era, que por ſua morte ficaſſe a Rainha Dona Catharina, ſua mulher por Tutora do Principe D. Sebaſtiaõ, ſeu neto, e Governadora do Reyno de Portugal, atè elle ſer de idade de vinte annos, tempo, em que poderia ter capacidade baſtante para poder reger por ſi o dito Reyno, de que elle ficava legitimo herdeiro, e aſſim o deyxou declarado nos apontamentos, que tinha para o ſeu teſtamento, o que foy ratificado, e approvado por todos os Grandes do Reyno, como fica contado aſſima no Capitulo 16. A Rainha vendo quam orfaõs ficavaõ os Reynos dePortugal por morte delRey, ſeu marido com hum ſó herdeiro, e eſſe menino de taõ pouca idade, aceitou a curadoria, e tutoria delle, e o governo dos ditos Reynos, mais por caridade de acudir á neceſſidade do Povo, que por interece, ou goſto proprio entre tantas magoas, como tinha padecido

nas

nas mortes de seus filhos, e principalmente na chaga fresca da morte do Principe D. Joaõ, que pouco tempo antes lhe estalàra diante de seus olhos, no principio de sua felicidade, e a da morte delRey, seu marido, muito mais fresca, e sensitiva; convocados assim todos os Senhores do Reyno, de cujo conselho se pudesse ajudar, principalmente do Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, irmão delRey defunto, e Arcebispo de Evora, que tomou por seu Coadjutor, pedindolhe, que a ajudasse a sopportar o grave pezo do governo, e negocios do Reyno, começou a governar com muita suavidade, e a tratar do bem commum, e geral dos seus Vassallos, sem faltar ponto assim na administraçaõ da Justiça, como nos apparatos da guerra de Africa, e Indias Orientaes, e outras Conquistas, Povoaçoens, e Comercios do Brasil, Guiné, e Ilhas; o que fazia com tanta, e taõ boa satisfaçaõ, prudencia, e esforço de animo, que fez ventagem a muitos Principes dezejosos de ganhar fama, e honra, como tudo se hirà vendo, nos graves sucessos de guerra do tempo do seu governo, em tudo bem succedida; naõ se mostrando avara nos premios, e no fazer de mercès aos Vassallos, dignos, e merecedores dellas, naõ se descuidando nunca de galardoar os serviços, e merecimentos dos dignos de prèmio. E igualmente concorria com a correspondencia de Embaixadas, aos Reys confederados, como em vida delRey, seu marido, cumprindo todas as obrigaçoens com summo cuidado.

CAPITULO XX.

Da criaçaõ delRey D. Sebastião, e dos Mestres, que o ensináraõ.

A Rainha Dona Catharina, e o Cardeal Infante D. Henrique, sobre os quaes estava estribaboo pezo do governo do Reyno, e criaçaõ do Rey menino, ao qual elles com grande zelo, e amor procuravaõ todo o bem de seus Reynos, principalmente as virtudes para merecimento da alma, e bons costumes, para ornamento da pessoa, e dignidade Real, ambos com o parecer dos principaes Senhores, do Reyno ordenàraõ quatro Sumilheres a ElRey a saber: D. Pedro de Menezes, D. Fernando Alvres de Noronha, D. Duarte de Almeida, e Febos Moniz, e para Ayo D. Aleixo de Menezes, por serem velhos, e sufficientes para o instruirem em toda a boa criaçaõ, e pulicia, e tratamento de seus Vassallos, e politica, que havia de usar com os Reys, e Principes dos outros Reynos: para cujo cargo ficou D. Aleixo nomeado por ElRey D. Joaõ, como logo se dirà, dando noticia da grande qua-

qualidade de ſua peſſoa.

E porque os Meſtres dos coſtumes da alma correſpondeſſem aos da doutrina da peſſoa, ordenáraõ no meſmo tempo darlhe por Confeſſor, o Padre Frey Luis de Montoya, varaõ douto, e ſanto, da Ordem dos Eremitas de Santo Agoſtinho, e Meſtre, que o enſinaſſe a ler, eſcrever, e Latim, com outras boas Artes, o Padre Luis Gonçalves da Camera, Religioſo da Companhia de Jeſus, o qual neſte tempo eſtava em Roma, donde foy chamado, por ſer nobre, virtuoſo, e douto em todas as Artes, e de grande erudicçaõ, e noticia das Hiſtorias, e Antiguidades humanas, e muy lido nos Annaes dos Reys antigos, de que podia tirar exemplos de muita doutrina para enſinar, e affeiçoar a ElRey a emprezas dignas do animo Real, e apartallo das tyrannias, e outros malles, que alguns Principes executáraõ com perda das almas, e infamia dos Eſtados, e da dignidade, e peſſoa Real. Tinha o Meſtre delRey por companheiros, o Padre Amador Rabello, e o Padre Gaſpar Mauricio, cõmũmente chamado, *o Padre Mauricio*, o qual foy nomeado por Meſtre dos Moços Fidalgos, e algumas vezes, por indiſpoſiçoens do Meſtre Luis Gonçalves, dava lição a ElRey.

Todos eſtes Padres eraõ da Companhia de Jeſus, e Portuguezes, e foy eſta eleyçaõ particular do Cardeal, que induzio a Rainha a vir niſſo, e procurallo, por ſer muito afeiçoado a eſta Religiaõ ajudándo a muito, e querendo por eſta via adiantala; e foy iſto feito contra o parecer de muitos, que entendiaõ naõ convinha dar a ElRey taes Meſtres, e ſer mais conveniente, que occupaſſe aquelle cargo hum Fidalgo Clerigo ſecular; e o Doutor Antonio Pinheiro, Biſpo que depois foy de Miranda, e Leiria, Prégador delRey D. Joaõ, homem de graviſſimo talento, ſe queixou muito de o naõ occuparem neſte cargo de Meſtre delRey, tendo-o ſido do Principe D. Joaõ, ſeu pay, e ſobre iſſo eſcreveo huma larga carta á Rainha Dona Catharina, onde diz, que he diſcredito da reputaçaõ de ſua peſſoa ver o mundo a pouca conta, que ſe fez delle neſte caſo, para o que elle tinha tanta inteligencia, e que ſe ficaria julgando erro em ſeu procedimento: do que a Rainha ficou ſentida, mas jà lhe naõ pode dar remedio; e aſſim o occupou em outros cargos honroſos, atè lhe negociar a Mitra de Biſpo de Miranda, donde o Cardeal ao diante o mudou para Leiria.

Chegando ElRey á idade competente, começou o Meſtre a entender no enſino, e doutrina delle, mas conſiderando como ElRey D. Joaõ foy algum tanto remiſſo, e diſcuidado da guerra, applicando todo o cuidado ás couſas do culto Divino, por onde a Milicia começou a esfriarſe, ſendo pouco favo-

recida,

recida, e chegou a largar aos Mouros as Fortalezas, que os Reys, seus antecessores tinhaõ conquistado em Africa com muito trabalho, e despeza de sua fazenda, as quaes eraõ C, afim, Azamor, Alcacere, Argel, e Arzila, e perdido por força de Armas o Cabo de Guè, o que os Povos, e Nobreza estranhavaõ muito murmurando disso; zelosos os Padres Mestre, e Mauricio da honra de Deos prostrada naquellas Cidades, da exaltaçaõ da Fé Catholica, e dos creditos, e accrescentamentos deste Reyno de Portugal, determinàraõ inclinar a ElRey D. Sebastião á guerra, e a restaurar estas quebras, exortando-o com palavras, e exemplos de Reys belicosos, que alcançáraõ insignes victorias, e conquistàraõ grandes Reynos, trazendolhe á memoria o esforço dos seus Ascẽdentes, do grande Rey D. Affonso Henriques, delRey D. Joaõ I. e as venturosas ouzadias dos Reys D. Affonso V. e D. Manoel, e nas materias de escrever, e Livros, em que lhe davaõ liçaõ o persuadiaõ ao exercicio Militar, e a altas emprezas de guerra.

ElRey, que de sua natural inclinaçaõ era esforçado, e magnanimo de coraçaõ, e espiritos altivos, hia com a idade bebendo esta doutrina, e logo começou a dar mostras de animo invencivel, perdendo o temor em todos, e quaes quer perigos. E como a Conquista deste Reyno, a qual com direito de Armas, e zelo de Religiaõ se póde emprehender, assim para alargar os lemites delle, como para se ampliar a Fé Catholica, seja a Provincia de Africa, vesinha, e inimiga, assim por odio antigo, como pela diversidade da crença, a principal guerra, que os Mestres mostravaõ a ElRey com o dedo era esta contra aquella Provincia, onde as nossas Armas tinhaõ ganhado grande reputaçaõ nos tempos passados, e de prezente se achavaõ com menos credito, por causa da quebra, e perda das Praças referidas.

ElRey como era moço de sobeja ousadia dezejoso de adquerir fama, e gloria com obras de esforço, concebeo tal odio aos infieis, que cada dia dezejava chegasse já o tempo, e occasiaõ de accommeter com armas aos inimigos da Fé, e executar nelles a ferocidade do seu animo, criado com grande zelo da exaltaçaõ da Fé Catholica, e augmentos dos seus Reynos. Taõ orgulhoso se mostrava ElRey no q̃ a doutrina dos Mestres, e sua natural inclinaçaõ o convidavaõ, que entrando em mayor idade, todo o seu exercicio, e gosto era falar na Arte Militar, e na Conquista de Africa, dando-se a todo o genero de cavallaria, montar bem, e ligeiro, correr touros, canas, justar, e tornear, e sahir á caça; exercicios, que todos conduzem, e ensayaõ para a guerra, no que se fez muy destro, levando ventagem

aos

aos Senhores, e Fidalgos de sua Corte, antigos, e exercitados.

CAPITULO XXI.

Em que se contem hum Exemplo delRey D. Pedro, que em Cortes apontàraõ, pedindo se bom Ayo para ElRey D. Sebastião.

QUando se tratava de eleger Ayo para ElRey D. Sebastião em Cortes, que entaõ houve, se fez hum apontamento sobre isso; e pedindo se lhe desse pessoa de muita concideraçaõ; porque na Criaçaõ dos Principes estava tudo, e apontando outros trouxeraõ hum exemplo delRey D. Pedro, falando sobre os privados, o qual he o seguinte.

Fazendo ElRey D. Pedro Conde de Barcellos a D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Irmaõ de Martim Affonso Tello, grande seu privado, com muy notavel solemnidade, alem de outros aparatos de festas, mandou lavrar seis centas arrobas de cera, e a noite antes do seu alevantamento arderaõ do Paço, que entaõ era o do Limoeiro, atè o Mosteiro de S. Domingos, onde velou as Armas, sinco mil tochas, mãdando ajuntar na Cidade, e vir do termo della sinco mil homẽs para pegarem nellas, e á porta do Mosteyro estavaõ armadas tendas, e grandes mantens, ou mesas de paõ, e tinas de vinho, e muitas carnes, e vacas guizadas para quantos queriaõ comer, e beber, e ElRey pessoalmente andava no Rocio dançando, e festejando o valido com menos authoridade de sua pessoa. Taõ grande cousa era entaõ o titulo de Conde, que por cousa rara era assim applaudida!

A consequencia, q̃ daqui tiravaõ que queriaõ tal pessoa por Ayo, he, q̃ retirasse a ElRey destas facilidades, estranhando-lhe qualquer acçaõ, que naõ só fosse, mas nem ainda parecesse indecente, e indecorosa à sua Real pessoa; desórte que creado assim com esta doutrina, fosse ao depois recatado em suas acçoens. Jà neste tempo o luxo, e vaydades dos homens tinhaõ apeçonhentado aquellas antigas lhanezas, e affabilidades, com que se tratavaõ os Reys antigos, e cõmunicavaõ com seus Vassallos, sem lhe servir de deslustre, ou desauthoridade de suas pessoas, como agora se cuydava desta acçaõ delRey D. Pedro; o que na verdade naõ foy; antes he por isto muyto louvado, e com esta brandura de animo curou muyta parte da ferocidade, e rigor com que se tinha portado em outras acçoens; mas como já estas acçoens eraõ estranhadas, he digno de louvor o pensamento prezente, pelo muyto bem apurado que queriaõ tal Rey para hum tal Reyno.

CA-

CAPITULO XXII.

Em que se trata de quem foy D. Aleixo de Menezes, que ElRey D. Joaõ III. fez Ayo do Principe D. Sebastiaõ seu neto, e dos filhos que teve.

DOm Aleyxo de Menezes foy filho de D. Pedro de Menezes, que ElRey D. Affonso o V. fez Conde de Cantanhede, por carta sua dada em Evora em 6. de Agosto de 1479. e de sua segunda mulher Dona Beatriz de Mello, filha do Chanceler Ruy Gomes de Alvarenga. Começou a servir em Africa de muy pouca idade, e com seu tio Dom Joaõ de Menezes se achou na tomada de Azamor no anno de 1513. Passou à India em companhia do Governador Lopo Soares de Alvarenga, onde começou a servir de Capitaõ mór de huma Esquadra de oito navios, com que correo a costa da Arabia. E quando no anno de 1517. foy o Governador buscar ao mar roxo a Armada do Soldaõ de Babilonia, foy elle por Capitaõ da nào Almiranta, e pelejou com os Mouros em Judá: e se achou na tomada de Zeyla na costa da Ethiopia nas portas do Estreyto, e de Calayate o mandou o Governador apresta as náos, que haviaõ de vir para o Reyno no anno de 1518. Foy a Malaca meter de posse daquella fortaleza a Affonso Lopes da Costa, onde pelejou com ElRey de Bintam, e lhe defendeo aquella Fortaleza, que tinha cercada, e lhe tomou o Forte de Muar, que tinha feyto sobre o rio, onde entre os mais despojos se ganhàraõ mais de setenta pessas de artilharia, e daqui aviou, e despedio para Maluco a D. Tristaõ Manoel, e se tornou para a India, onde o Governador o deyxou em seu lugar huma vez no anno de 1520. indo soccorrer a Fortaleza de Coulaõ, que a Rainha daquelle Reyno tinha muy apertada.

No anno seguinte, em outra occasiaõ despedindo-o de Comorim, onde o fora acompanhando com ElRey de Cambaya, e com o nome de General das galés, e navios de remos, o fez hir governar em seu nome: pelejou com Melique Az, e com grande nome se tornou ao Reyno, onde ElRey o mandou visitar, reformar, e prover as Fronteiras de Africa, onde estava por Capitaõ em Arzila D. Joaõ Coutinho, Conde de Redondo, seu primo. Em Azamor o Conde do Prado, que succedera a D. Joaõ Manoel, e em Tangere D. Alvaro de Abranches, que succedera a D. Duarte de Menezes. Tornando desta Commissaõ foy eleyto em Concelho por ViseRey da India, no que ElRey D. Joaõ

naõ

naõ cõveyo pelo querer para outras couſas de intima confiança, ſobre as quaes o mandou por Embayxador ao Emperador Carlos V. e depois no anno de 1542. aſſiſtio, e tratou dos negocios do Cazamento da Princeza Dona Maria com o Principe D. Felippe, e com ella foy a Caſtella por ſeu Mordomo mòr, onde aſſim do Emperador, como do Principe foy tido em grãde eſtima, e por voto, ou parecer de ambos foy eſcolhido por Padrinho do Principe D. Carlos, o qual em quanto viveo mandava vizitar todos os annos a D. Aleixo. Ficou por Teſtamenteiro da dita Princeza, a qual lhe deixou ſinco mil reales de renda nas Alcavalas de Sevilha, e levando-ſe o teſtamento ao Emperador lhe dobrou a quantia, e para effeito de peſſuirem eſtes dez mil reales habilitou ſeus filhos.

Quando morreo a Princeza recolhendo-ſe o Principe em hum Moſteiro, ficou D. Aleixo entregue de toda a ſua Caſa, e da peſſoa do Principe D. Carlos, que teve atè o entreguar em Valhadolid. Tornando a Portugal o quiz ElRey D. Joaõ fazer Ayo do Principe D. Joaõ, ſeu filho, o que elle naõ aceitou, deſculpando-ſe com a triſteza, e ſentimento da morte da Princeza, e por muitas inſtancias, que niſto teve de parentes, e amigos, naõ ſe lhe pode perſuadir outra couſa, e quando depois ſuccedeo a laſtimoſa morte deſte Principe, no principio de ſua idade, coſtumava dizer, que: *ſe morréra eſtando encarregado delle, ſe fora a hum dezerto, e vivera com o proprio deſgoſto, que ſeu tio D. Joaõ Manoel pela morte do Principe D. Affonſo filho delRey D. Joaõ o II. que morreo em Santarem, correndo com elle parelhas, da queda, que deu o cavallo.*

Aceitandolhe ElRey taõ piedoſa deſculpa, o fez Mordomo mòr da Rainha Dona Catharina, ſua mulher, o qual Officio ſervio atè á morte delRey D. Joaõ, que já o tinha deſignado para Ayo delRey D. Sebaſtiaõ, ſeu neto, e com eſta tençaõ fez ſua Aya a Dona Joanna Dèça de Menezes, ſua irmãa, mulher, q̃ fora de D. Bernardo Coutinho, ſeu primo cõ irmaõ, á qual entregou o Principe em naſcẽdo, e lhe deu doze Dònas viuvas, que haviaõ ſido mulheres de Fidalgos, e Cavalheiros, e honrados, para que eſtiveſſem debaixo da ſua obediencia, e aſſiſtiſſem ao ſerviço do Principe, álem de outras criadas inferiores, e deu ordem a D. Aleixo, que correſſe com a criaçaõ do Principe, e acudiſſe ao que importaſſe, e naquella fórma de teſtamento, que tinha mandado fazer o declarou por ſeu Ayo, acreſcentando, que em caſo, que a Rainha morreſſe, ficaſſe ElRey debaixo da criaçaõ dos dous irmaõs, e da tutela do Cardeal D. Henrique, atè ſer entregue do Reyno.

Em todo eſte tempo, que houve, atè a entrega do Reyno, teve cargo

go do Governo, peſſoa, e Caza delRey, cerrando, e abrindo portas, deſpindo-o, e veſtindo-o, e acompanhando-o em todo tempo, e lugar, e aſſentando-ſe em huma cadeira raza nas proprias cazas, em que ElRey eſtava, e cubrindo-ſe. Tinha ſuperintendencia nos Sumilheres, que ſerviaõ ás ſomanas, e ſobre todos os Officiaes da Caza delRey, e no dia em q̃ ElRey tomou entrega do governo, o acompanhou atè á Cadeira Real, que eſtava em hum eſtrado, e a ella eſteve encoſtado em pé, em quanto ſe fez a ceremonia da entrega dos Sellos, que ſendolhe entregues pelo Cardeal, ſeu tio, tanto que reſpondeo á Pratica, ſe voltou para D. Aleixo, e com muitas moſtras de amor, e obediencia lhos entregou, e elle os teve na maõ, em quanto duráraõ as mais ceremonias.

CAPITULO XXIII.

Em que ſe proſſegue a meſma materia de D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey.

FOy D. Aleixo de Menezes peſſoa de ſingular modeſtia, porque querendo ElRey D. Joaõ fazelo Conde de Val de Reys, aſſim por ſeus ſerviços, como pela authoridade do cargo, que lhe queria dar, elle o naõ quiz aceitar, dizendo que era pobre para Titulo, e delRey D. Sebaſtiaõ naõ teve, nem aceitou mercè alguma, dizendo; *Que em quanto o tiveſſem ſeu poder naõ pediria, nem aceitaria couſa alguma, porque ſenaõ atribuiſſe mais avalia, que a merecimento proprio.* E cahio enfermo no principio do governo delRey ſem mais deſpachos que á Alcaidaria mòr de Arronches, que ſe lhe deu em ſatisfaçaõ da Comenda da Redinha, que ſe tirou a ſeu filho por hum Breve, que entaõ veyo do Papa, em que ordenava, que as Comendas dos pays, ſenaõ podeſſem dar aos filhos.

Tomou ElRey D. Sebaſtiaõ á ſua conta todas as obrigaçoens de ſeu Ayo, para deſpachar ſeus filhos com Titulos, e lugares, tanto que cazaſſe, mas como faltou ſua vida, e cazamento, aſſim ficáraõ por galardoar ſeus grandes ſerviços. No primeiro dia, em que lhe entregàraõ a ElRey D. Sebaſtiaõ apeando-ſe de noite á ſua porta lhe deu hum pagem hum papel, e acabando de cear com ſua mulher, o abrio, e vio, que tinha huma cota, que dizia aſſim: *Se Voſſa merce quizer ver, e ſaber a vida, e eſpantoſos ſucceſſos deſte Principe, que hoje lhe entregàraõ, leya eſſe papel.* Tanto que acabou de ler iſto, o queimou, e eſtranhandolho ſua mulher, lhe reſpondeo: *Que ElRey D. Joaõ lhe entregàra a Princeza, ſua filha, que morréra de muy pouca idade, de que ſempre tivera grande diſgoſto, e que Deos o livràra de outro mayor,*

que houvèra de ter, ſe lhe morrèra em ſeu poder o Principe D. Joaõ, e que agora ſem agouros, e livre de temores, e ſobre ſaltos queria criar aquelle Principe, que Deos diſpozeſſe delle, o que mais ſervido foſſe.

Caſou D. Aleixo duas vezes, a primeira com Dona Joãna Manoel, ſua ſobrinha, filha de D. Henrique de Noronha, irmaõ de D. Pedro, Marquez de Villa-Real, e de Dona Maria Manoel, irmãa do meſmo D. Aleixo, do qual cazamento houve a Dona Luiza de Menezes, que cazou com D. Pedro de Menezes, Senhor de Cantanhede, para ajuntar á caza de ſeu pay, e avós, a fazenda, que tinha, e porque eſta Senhora morreo de parto, e ſem filhos, quiz D. Aleixo cazar D. Pedro, com huma ſobrinha ſua, filha de Dona Joãna de Menezes, ſua irmãa; mas porque D. Pedro tinha olho á Caza de Alconchel, cazou em Caſtella com ſua prima Dona Ignez de Zuniga, filha de D. Fadrique de Zuniga, Senhor de Miravel; pela qual razaõ, D. Aleixo ſendo de ſetenta annos de idade ſe cazou por ordem delRey, com Dona Luiza de Noronha, filha de D. Alvaro de Noronha, da qual Senhora houve a Dona Luiza de Menezes, e a D. Alvaro, a D. Pedro, a Dona Mecia, mulher de D. Luis Coutinho. Conde de Redondo, e a Dona Beatris, que morreo menina, D. Luis havendo oyto mezes, que era cazado com Dona Luiza de Menezes, filha de D. Fernando de Menezes, e de Dona Felippa de Mendonça, e tendo vinte e tres annos morreo na batalha de Alcacere ſem filhos, cazou depois eſta Senhora com D. Conſtantino de Bragança, primo com irmaõ, de ſua mãy, filho do Marquez de Ferreyra.

D. Alvaro de Menezes, filho ſegundo de D. Aleixo, foy Pagem da Campanha delRey D. Sebaſtiaõ, o qual cargo teve de dez annos. Foy particular favorecido delRey veſtindo-o, e deſpindo-o, depois de recolhidos os Sumilheres, que eraõ cazados, ficando com ElRey, todas as ſéſtas, que os Sumilheres ſemaneiros vinhaõ, dada a huma, e D. Alvaro ſahia a comer, e para iſſo tinha caza no Paço, e lhe tinha ElRey prometido grandes mercés, que desbaratou a jornada de Africa, na qual cahio D. Alvaro muito ferido, junto a ElRey, onde ficou por morto. e depois de ſer cativo, lhe deu ElRey D. Henrique os bens da Coroa, que haviaõ ſido de ſeu irmaõ: ElRey o cazou com Dona Violante, filha de D. Vaſco da Gama, Conde da Vidigueira, fazendolhe mercè, em ſete vidas de tudo o que poſſuhia da Coroa, ſendo deſcendentes da dita Dona Violante, da qual houve a D. Aleixo de Menezes, q̃ ſe meteo Frade de S. Franciſco, e a Dona Luiza de Menezes, que cazou por amores com Lourenço de Souza, Apozentador mór, e a Dona Maria de Noronha, que tambem

bem cazou por amores no Moſteiro da Caſtanheira, onde ſe criava com D. Pedro Manoel, ſeu tio irmaõ do Conde de Atalaya.

D. Pedro de Menezes, filho de D. Aleixo, ſe criou no Paço, com ſeus irmãos, e ElRey D. Sebaſtião o mandou eſtudar a Coimbra com muitas mercés, e favores, e dando lhe no Paço, hum quarto, em que viveſſe, e ſendo de quinze annos, tomou o Habito de Eremita de Sãto Agoſtinho, e mudando o nome ſe chamou Frey Aleixo, e ſendo Prior de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa, foy a Madrid a negocios de ſua Ordem, onde a primeira vez, que falou a ElRey lhe mandou dizer, que o havia de occupar em ſerviço de Deos, e ſeu, e pela tençaõ, que tinha o nomeou por Arcebiſpo de Goa, Primaz da India, ſendo de trinta e ſinco annos, que elle aceitou com grande repugnancia, e naquellas partes fez o que he notorio, ao mundo, aſſim no eſpiritual, como no temporal, as vezes, que Governou, nas vagantes de Viſo-Rey, e nos tres annos, e hum mez, que depois o foy: no eſpiritual, deſterrando os peccados, e abuzos da licença Militar, que a converſaçaõ dos infieis tinha introduzido naquellas partes, e reduzindo ao Gremio da Igreja Catholica, os antigos Chriſtãos de S. Thomè, que tantos annos havia eſtavaõ ciſmaticos, apartados do caminho de ſua ſalvaçaõ, e outras obras verdadeiramente Apoſtolicas, e vindo da India, o fizeraõ Arcebiſpo de Braga, e depois hindo a Madrid ſobre negocios do Arcebiſpado o fizeraõ Prezidente do Concelho de Caſtella, onde falleceo.

CAPITULO XXIV.

Do que o Emperador Carlos V. diſſe em abono de D. Aleixo de Menezes quando ſoube ſer eleyto para Ayo delRey D Sebaſtiaõ. E de como a Infanta Dona Maria ſe vio com a Rainha, ſua Mãy em Badajòs.

ENfadada já a Rainha Dona Leonor, terceira mulher delRey D. Manoel de Portugal, e ſegunda de Franciſco de França, de ſolicitar cazamentos para a Infanta Dona Maria, ſua filha, vendo-os todos eſtorvados por ElRey D. Joaõ o III. ſeu entiado, e irmaõ da Infanta, por reſpeitos, que lhe pareciaõ ſer aſſim conveniente, tratou por ultimo, no fim do anno de mil, e quinhentos e ſincoenta e ſeis, de que ella foſſe para ſua companhia, valendo-ſe do Emperador Carlos V. ſeu irmaõ, e da Rainha Dona Maria de Ungria, irmãa de ambos, para que ElRey o naõ impediſſe. Mas elle que lhe pareceo peyor eſta ſaida da Infanta, que as que antes ſe tinhaõ pertendido, mo-

veo novos tratos de cazamentos, para que, ou a Infanta sahisse para Estado mais honrado, ou ficasse permanecendo neste Reyno, onde viviria mais honrada, que fóra delle, sem estado, como desterrada, posto que na companhia de sua mãy. Para cujo effeito mandou Lourenço Pires de Tavora a Castella tratar isto com o Emperador, que neste tempo tinha renunciado o Imperio em seu irmaõ D. Fernando, e os Reynos de Castella em seu filho D. Felippe, para se recolher ao Mosteiro de S. Justo, como logo fez. Partio Lourenço Pires no principio do mez de Janeiro do anno seguinte de mil e quinhentos e sincoenta e sete, e tratando com o Emperador o negocio a que hia, entre outras cousas, lhe deu conta da eleiçaõ, que ElRey fazia de D. Aleixo de Menezes para Ayo do Principe D. Sebastiaõ, seu neto; ao que o Emperador respondeo, approvando o acerto, com humas taõ notaveis palavras, que por taes, e por suas, e por ser hum grave testemunho em seu abono as quero pòr aqui assim como as refere o dito Enviado em huma carta, que de Valhadolid, Corte entaõ de Castella, escreveo ao dito Rey, que no que toca a este particular diz assim.

Communiquey com o Emperador o pensamento de Vossa Alteza sobre o escolher por Ayo do Principe D. Sebastiaõ a D. Aleixo de Menezes, e lhe nomeey os mais, que se apontavaõ, dandolhe as razões, que havia em cada hum para ser nomeado, e quando lhe quiz dar as que concorriaõ em D. Aleixo, me atalhou com estas formaes palavras: *Para Don Alexo no es menester mas, sino que es Don Alexo, y si como yo le escogi para Padrino de un solo nieto, y heredero, que Dios me ha dado, pudiera escogerle para su Ayo, no pusiera yo esta eleccion en concejo, ni le diera en España competidor al Officio; lo que pude hize, y ansi lo haga ElRey my hermano, pues Dios le ha hecho merced que teniendo nieto le pueda dar tal Ayo.* Fiz memoria das palavras, e cuido que naõ accrescento, nem deminuo nellas: está de parecer, que ou se naõ dilate, ou se naõ trate mais em concelhos esta materia; porque ou se naõ dé materia aos nomeados de se recentirem, vendo-se excluidos, ou de pouco gosto a D. Aleixo, sabendo que se disputa de sua sufficiencia entre competidores. Até aqui o Capitulo da carta de Lourenço Pires de Tavora para ElRey.

Sobre o negocio da Infanta, a que era mandado se disputou largamente de parte a parte em varias conferencias, que tiveraõ naõ desistindo a Rainha Dona Leonor da pretençaõ de que a filha fosse para sua companhia, nem os irmãos de a favorecer, e ajudar neste intento; porque se a Infanta houvesse de cazar (diziaõ elles) de sua caza o podia muy bem fazer, com que por evitar mayores desgostos, veyo ElRey

Rey D. Joaõ a permitir, bem contra ſua vontade, que a irmãa foſſe para caza de ſua mãy, que tendo voltado de França, aſſiſtia neſte tempo em Caſtella. Os Cazamentos, que ElRey agora apontava para a Infanta eraõ parte dos que antes tinha impedido, a ſaber D. Fernando Emperador, homem veuvo já idoſo, e ſeu filho III. Archiduque de Auſtria, e o Duque de Saboya, cujos tratados queria, que ſe moveſſem de novo, e cometeſſẽ, aos appontados; mas nenhum teve effeyto; porque a Infanta já neſte tempo cuidava mais em ſervir a Deos em eſtado virginal, que em cazar, e aſſim corria fama, que ella queria hir ver ſua mãy, e depois meterſe Freira lá em Caſtella, no que ElRey naõ convinha: porque ſe houveſſe de ſer Freira, melhor lhe eſtava ſello cà em Portugal. Veyo ElRey a falecer (como eſtá dito) antes da partida da Infanta, pelo que ſe tornou a embaraçar por via da Rainha Dona Catharina, Regente do Reyno, e do Cardeal Infante D. Henrique; mas as ditas Rainhas, ſuas mãy, e tia tanto trabalháraõ, e apertáraõ com o ſeu requerimento pedindo já ſómente a vezita, e viſta de alguns dias em Badajós, que importunados o vieraõ a conceder, prometendo a Infanta com juramento de que voltaria para o Reyno depois de feita a vizita a ſua mãy; e aſſim o cumprio, porque indo a Badajòs com grande aparato, porque ſe tratava com muita grandeſa, poſto que ainda duraſſe o luto por ElRey D. Joaõ, depois de vinte dias, que alli eſtiveraõ juntas, voltou para eſte Reyno, onde foy recebida com o Cãtico de *Benedictus*, em applauſo de taõ generoſa acçaõ, com grande credito, e louvor ſeu, deſmintindo a oppiniaõ, que havia de q̃ ella ſe hia com a dita Rainha, ſua mãy, a qual, como outro velho Semiaõ, tendo conſeguido o que tanto tinha dezejado, morreo dahi a poucos dias, como ſe contará adiante, e a Infanta ainda depois ſe lhe offerecia cazar com ElRey D. Felippe de Caſtella, veuvo ſegunda vez por morte de Dona Maria, Rainha de Inglaterra; mas naõ teve effeito, achando o dito Rey ſerlhe mais conveniente cazar em França, e aſſim permaneceo a Infanta Dona Maria em perpetua caſtidade, vivendo ſempre muito virtuoſamente applicada ás Letras, e aos bons Livros com as ſuas Dónas, e Donzellas, de que ſe dará mayor noticia na ſegunda parte no anno de ſua morte tratando-ſe della.

CA-

CAPITULO XXV.

Em que se contem o parecer, que D. Aleixo de Menezes deu sobre quem se havia de dar por Mestre a ElRey D. Sebastiaõ.

TRatando-se em Concelho de dar Mestre a ElRey, entre os mais pareceres, que houve foy este o de D. Aleixo: Que a elle pelo que conhecia da condiçaõ e natural delRey, em quem se imprimia com facilidade tudo aquillo, que com capa de virtude se lhe representava, lhe parecia que o Mestre delRey naõ fosse Religioso nem secular, mas que se buscasse hum Sacerdote, douto, e virtuoso, que juntamente fosse Fidalgo de nobres, e honrados costumes, que sem os dizer de palavra, os mostrasse por obra, e que lhes naõ parecesse acerto o de haverem de eleger Religioso; porque como entre elles o mundo, e a obediencia era em gráo extremo, e fóra da mediana politica, com que os Reys mandaõ e os Vassallos obedecem, e nelles por ser obrigada com votos, era tudo com excesso, mandando, ou obedecendo; porque apoderãdo-se da doutrina delRey tiraria hum Principe imperioso, e intoleravel em mandar, e por outra parte na execuçaõ das cousas sugeito, e cativo ao gosto, e conselho de seus Vassallos privados; porque naõ podiaõ acertar nestas duas cousas aquelles, que mandando, ou obedecendo chegavaõ sempre ao extremo, que como ElRey tinha o animo taõ facil em se lhe imprimir tudo aquillo que com capa de Religiaõ se lhe persuadia, nenhuma cousa quereriaõ assim do governo publico, como do particular da pessoa delRey, que a naõ conseguissem por esta via, e que assim como seria perigoso na inclinaçaõ delRey haver quem lhe distraisse o animo, e o inclinasse á incontinencia, assim tambem poderia haver perjuiso em ter quem com demazia lhe tirasse o brio juvenil; e inclinado ao que dentro dos limites da nobreza, e christandade se permetia aos Principes; porque da inclinaçaõ delRey entendia que se a madureza de quem o guiasse, naõ soubesse ter meyo, elle sempre se inclinaria a hum dos extremos, pela efficacia, com que aprendia as cousas.

Lembrou mais que convinha entre aquellas primeiras letras hirlhe lembrando exemplos de guerra, e de governo tirado dos successos dos Livros, e Historias, que se lessem: para nenhuma das quais cousas, lhe parecia acommodado Religioso; porque o modo da sua criaçaõ hia fundado em huns termos taõ differentes do que importava para huma Republica, a que nunca seu voto podia ser muy importante

portante ao Estado do Reyno; e nas cousas de guerra como taõ alheyas de sua profiçaõ, ou as ignoravaõ de todo, ou lhe conheciaõ só os effeitos de vencer, ou ser vencido, sem medirem as causas, e meyos, por onde se vinha a estes fins, e tinha a experiẽcia mostrado de poucos annos a esta parte no Reyno de Ungria, e na Transilvania como o tratarem dous Religiosos das cousas de guerra, e aconselharem os Reys nellas, meteraõ aquelle Reyno na sogeiçaõ do Turco; porque guiados de hum bom zello da exaltaçaõ da Fé, e por ventura cuidando, que sò esta piedade basta; medem mal os meyos humanos, e a força, e o estado do Principe, a quem aconselhaõ.

Advertia que dado huma vez Mestre, e começando a ter conhecimento da natureza delRey, seria impossivel, apoderado huma vez do seu animo, apartarem-no delle por mais deligencia, que se fizesse; porque em amar, e aborrecer naõ sabia ter meyo, e q̃ sendo hum Fidalgo de virtudes, letras, madurèsa, e conhecimẽto das cousas do mundo, tinha tudo o q̃ hum Rey havia de mister para seu Mestre, e cessavaõ as cousas, que faltavaõ no Religioso, e que as satisfações deste cargo, quando muito paravaõ em hum Bispado, o que esta pessoa já por suas letras, e qualidade merecia, sem esta occupaçaõ, o que tambem militava no Religioso, mas que trasia comsigo de mais, a mais as continuas pretençoens para a sua Ordem, que podiaõ vir a ser de grande concideraçaõ no estado, e fazenda de taõ piqueno Reyno, e concluhia, que qualquer que o Mestre fosse se tivesse advertencia em naõ ter maõ com ElRey em mais que nas cousas tocantes a seu cargo; porque algumas vezes ouvira dizer ao Emperador Carlos V. que: *Os Principes instruidos nas Artes do Governo, e guerra, tinhaõ sciencia bastante em sabendo resar por humas Horas.*

Houve neste voto, e nos mais altercações de varios dias, e como o Cardeal negoceava em publico, e em secreto, veyo a persuadir a Rainha que se escolhesse dos Padres da Companhia, e assim mandou a Rainha a Roma pelo Padre Luis Gonçalves da Camera, a quem foy entregue a pessoa delRey para o doutrinar na lingua Latina, e mais Artes necessarias á indole, e boa criaçaõ de hum Principe, como fica dito acima no Capitulo 20. tratando-se da sua criaçaõ, e das pessoas, que lhe assináraõ para o doutrinarem.

CA-

CAPITULO XXVI.

De como a Rainha Dona Catharina mandou visitar o Emperador, e a Rainha de Ungria pela morte de sua irmãa a Rainha Dona Leonor.

ACabadas as vistas referidas no Capitulo 24. dahi a poucos dias em 25. de Fevereiro do
1558 anno de 1558. Faleceo a Rainha Dona Leonor, irmãa do Emperador Carlos V. e da Rainha Dona Catharina de Portugal, em Talaveruela de Badajós, e foy sepultrada no Mosteiro de S. Lourenço do Escurial. Foy filha de Felippe I. Rey de Castella, Archiduque de Austria, e da Rainha Dona Joanna, sua mulher; casou com ElRey D. Manoel de Portugal, sendo sua terceira mulher, de quem teve o Infante D. Carlos, que morreo menino, e a Infanta Dona Maria, em quem já se falou algumas vezes, e se hà de tratar adiante em Capitulo particular com largueza na II. Parte. Por morte delRey, seu marido ficou a Rainha Dona Leonor muito moça, e sendo muito fermosa, e virtuosa Senhora, naõ queriaõ os povos que ella voltasse para Castella, antes tinhaõ grande gosto, e desejo que ElRey D. Joaõ III. seu primo, e enteado, que de novo principiava a Reinar, cazasse com ella, e a Camera de Lisboa se atreveo a incitallo a isso, com hum papel de muito boas, e ajustadas razoens, às quaes attendendo o Pontifice naõ duvidaria (diziaõ elles) em conceder a dispensaçaõ. Mas ElRey considerando ser cousa vergonhosa tomar por mulher aquella, que tratava por mãy, naõ consentio, e casou depois com a Infanta Dona Catharina, irmãa mais moça da dita Rainha Dona Leonor; e succedendo neste tempo a Batalha de Pavia, e prisaõ de Francisco I. Rey de França, pelo dito Emperador, por bem de pazes, tratando-se dellas, achando-se o Francez veuvo, pedio por mulher a dita Rainha ao Emperador, seu irmaõ, e se fez o cazamento; pelo que partio a Rainha para Castella, por ordem do Emperador, seu irmaõ, com grande pezar dos Portuguezes, e dahi foy para França onde viveo com seu marido vinte annos, e viuvando sem filhos voltou para a companhia do Emperador seu irmaõ, e com elle andou em Alemanha, e vindo depois para Castella, viveo muy pouco tempo, sempre suspirando pela vista da Infanta Dona Maria, sua filha, atè que a conseguio, mas, logrou pouco tempo este gosto.

Sabendo a Rainha Dona Catharina de Portugal da sua morte, por aviso, que della lhe mandou sua irmãa a Rainha Dona Maria, veuva de Luis, Rey de Ungria,

que

que lhe assistio na morte, mandou logo vizitar a dita Rainha, e o Emperador, seu irmaõ, por Bernardino de Tavora, dandolhe os pezames da falta da defunta, e a summa do que mandava dizer, ao Emperador, era: Que do falecimento da Rainha de França, sua irmãa, tivera ella, e tinha aquelle grande sentimento; que era razaõ, e que requeria taõ grande amor, e taõ chegado parentesco; mas que no que nosso Senhor ordenava naõ havia contrariar, senaõ tomar tudo como da sua mão, que o que faz he o melhor, e o que mais nos convem, de quem se póde esperar consolaçaõ verdadeira, em tal cazo, e que a consolava muito saber que a dita defunta acabára taõ catholicamente, e taõ conforme com a võtade Divina naquella hora, como sempre vivera em toda a sua vida, pelo que, e por todas as suas obras, e grande virtude, esperava em nosso Senhor mediante a sua Misericordia, lhe daria a sua gloria, pelo que ainda que a lembrança desta perda lhe fosse a ella muy continua e muito para lhe doer, e sentir, toda via lhe dava muito grande cuidado entender que a havia sua Magestade sentir com aquelle grande excesso de amor, que ella sabia q̃ lhe tinha, pelo que lhe pedia que com sua muy grande prudencia o quizesse moderar, e dissimular o melhor que pudesse, lembrandose de quanto dãno podia fazer á sua disposiçaõ, e quanto importava sua vida ao serviço de Deos, e ao bem de toda a Christandade, e que se a ella fora possivel o hiria servir com muy boa vontade naquelle proprio lugar da Rainha, sua irmãa, mas que em comprir com a sua obrigaçaõ, que tinha de governar estes Reynos de seu neto, tambem entendia fazerlhe serviço, pedindolhe muito a avizasse de sua disposiçaõ.

Depois falavalhe nas cousas da Infanta Dona Maria, a quem a defunta Rainha, sua mãy deixou os seus bens, como a unica filha, herdeira sua, sobre o que se achava confuza pela pouca declaraçaõ, que a Rainha de Ungria mandára á Infanta, e assim lhe pedia conselho de como obraria, principalmente nas deixas de França, porque pelo muito amor, e obrigaçaõ, que tinha á dita Infanta, como de mãy, que na verdade lho era, pois a criára em sua Caza, devia cuidar muito nos seus particulares; o que elle tambem devia fazer, e obrar á cerca das cousas da dita Infanta, como seu proprio pay, pois ella com tanta razaõ o tinha por tal, e esta conta fazia delle sempre, e que dezejava muito seu parecer á cerca do modo, com que procederia com ElRey de França nos negocios da dita Infanta, e se mandaria a isso, alguma pessoa, e de que qualidade seria, e que mandaria dizer, e pedir. E á cerca do mais, que a defunta deixava á dita Infanta, sua filha, naõ tinha que encomendar a

ſua Mageſtade, tendo por certo q̃ elle havia de obrar aſſim, como lho merecia a Infanta, e que aquella meſma confiança era raſaõ que ella, e a dita Infanta tiveſſem de ſeu filho ElRey D. Felippe de Caſtella, aſſim no que tocava a França, como em tudo o mais, no que ſenaõ alargava mais em quanto naõ viſſe o Contrato do cazamento da dita Rainha com ElRey de França, e os mais papeis tocantes a eſta materia, que a Infanta mandava pedir.

E á Rainha de Ungria dava os meſmos pezames, pedindolhe muito quizeſſe moderar a ſua pena, e ſaudade, q̃ pela falta de taõ virtuoſa, e amiga irmãa, padecia, conformando-ſe com a vontade de Deos, que aſſim o diſpos, e conſolando-ſe de a ver acabar taõ catholicamente, como vivera, e naõ quizeſſe prejudicar com o ſeu demaziado ſentimento, a ſaude, de q̃ tanto neceſſitava, para acompanhar, e tratar do Emperador, ſeu irmaõ, dandolhe tambem os agradecimentos das mercès, que fazia á Infanta Dona Maria, ſua ſobrinha, as quaes lhe affirmava empregallas bem nos ſeus merecimentos, e no muito, que a dita Infanta lho ſabia agradecer, e eſtimar, e que deſejava muito ter mayor inteireſa de ſuas couſas, para cuidar nellas, como era razaõ, e aſſim eſperava ver as clareſas, que a dita Infanta lhe mandava pedir, pois nos ſeus particulares eſtava obrigada a obrar como propria mãy, e naõ ſó como tal, mas ainda lhe devia correſponder como proprio pay, pois noſſo Senhor fora ſervido levar para ſi a ElRey, ſeu ſenhor e marido, e deixalla a ella em ſeu lugar.

Com eſte recado da Rainha partio Bernardino de Tavora de Lisboa para Caſtella em ſeis de Março do dito anno, e levava por inſtrucçaõ, que por vias ſecretas procuraſſe ſaber do eſtado das couſas da Infanta, em que termos, e em poder de quem ficou a ſua fazenda, de que quantidade, e qualidade ſe dizia que era, e o que ſe fizera, e tratara com os criados, e criadas, que ficáraõ da Rainha, e onde eſtavaõ.

Eſcreveo tambem a Infanta Dona Maria aos ditos Emperador, e Rainha, ſeus tios, dandolhe os pezames da morte da Rainha ſua mãy, que muito ſentia, como pediaõ raſoens taõ principaes, e conjuntas, dava os agradecimentos á dita Rainha de Ungria do aviſo, que lhe mandára do que a dita ſua mãy deixava ordenado ácerca della, e porque pelo traslado do Teſtamento ſenaõ inteirava bem no conhecimento, que devia ter daquellas materias, pedialhe a Eſcritura do Contrato do cazamento da Rainha, ſua mãy com ElRey de França, e os mais documentos, que houveſſe, para tratar de ſua juſtiça com ElRey de França, e no mais como convieſſe.

Tambem a Rainha Dona Catharina

tharina mandava dar parte ao Emperador, ſeu irmaõ do eſtado das couſas de Africa, alteraçoens daquella Provincia, entrada dos Turcos nella, morte do Xarife, e de ſeu filho Rey de Fés, no que ſe devia cuidar muito, porque deſtas alteraçoens, e novidades ſe podia ſeguir grande prejuiſo a Heſpanha, como já ſe experimentára nos tempos paſſados, o que ſe devia temer aſſim pela vezinhança deſtes Reynos, como pela muita força, e induſtria dos inimigos, naõ podendo deixar de eſtranhar o grande deſcuido, que em Caſtella havia ácerca de couſa de tanta importancia; encomendando muito a ſua Mageſtade que attendeſſe a iſto, para que ſe atalhaſſe com tempo taõ grande mal, e que ella no que tocava aos particulares, e parte deſtes Reynos, viſto quanto tambem niſſo lhe tocava, procuraria de trabalhar, e fazer tudo, o que pudeſſe, conforme ao que convinha, e era neceſſario ſe fizeſſe em tal cazo; de cuja materia tinha já mandado dar conta á Princeza, ſua filha, e ao ſeu Concelho. Governava neſte tempo os Reynos de Caſtella a Princeza Dona Joanna, por ſeu irmaõ D. Felippe, que eſtava auzente em Flandes, tendo o Emperador já renunciado nelle os ditos Reynos, e o Imperio em ſeu irmão D. Fernando.

CAPITULO XXVII.

De como Lourenço Pires de Tavora foy por Embayxador a Roma, e dos negocios de ſua Embayxada.

LOurenço Pires de Tavora, Fidalgo da Caza delRey D. Joaõ o III. e do Concelho delRey D. Sebaſtiaõ, ramo illuſtre do ſeu Appelido, e quarto Senhor daCaza de Caparica, foy o Vaſſallo, que por eſtes tempos fez os mayores ſerviços a eſta Coroa em todos os negocios politicos, e naõ o menor em alguns da guerra por ſua prudencia, ſaber, e diſcriçaõ. Primeiramente foy por Embayxador delRey D. Joaõ o III. a ElRey de Fés, Muley Hamete para o incitar a fazer guerra ao Xarife Muleima, que de homem particular, filho de hum Cacis, com pretexto de zelo da ſua Religiaõ ſe tinha feyto Rey de Sus, muito poderoſo entre os Mouros, e muito prejudicial ás noſſas Fronteiras de Africa, e por iſſo trattava ElRey D. Joaõ de o deſtruir, e naõ teve effeito. Voltado de Africa o mãdou o dito Rey por Capitaõ mòr de huma frota de ſeis náos á India, e chegando a Cóchim ſoube do terrivel cerco, em que eſtava poſta a noſſa Praça, chamada *Dio*, e partindo logo para lá aſſiſtio nella atè o fim delle, e ſe

achou com muito valor na Batalha, que o Viſo-Rey D. Joaõ de Caſtro deu aos Capitaens, e formidaveis exercitos delRey de Cambaya, em que os venceo. Depois foy por Embayxador ao Emperador Carlos V. em Alemanha, e dahi voltou conduſindo para eſte Reyno a Princeza Dona Joãna, como fica dito. Daqui o tornou ElRey a mandar por Embayxador à Rainha Maria de Inglaterra, a darlhe o parabem de ſua exaltaçaõ á Coroa, e tratar de cazar com ella o Infante D. Luis, ſeu irmaõ. Tornou por Enviado do meſmo Rey a Caſtella a diſſuadir a pretẽçaõ da hida da Infanta Dona Maria para ſua mãy.

Em todos eſtes negocios ſe houve com taõ bom deſempenho, que iſſo meſmo era a cauſa de ſenaõ poder eſcuſar de o meterem de novo em outros mayores, e aſſim o mãdou agora a Rainha por Embayxador a Roma, para dar obediencia em nome delRey D. Sebaſtiaõ, ſeu neto, ao Summo Pontifice Paulo IV. no qual naõ faltavaõ deſconfiãças de ſe lhe retardar com ella, e juntamente para ficar naquella Curia tratando dos negocios deſte Reyno, em lugar do Commendador mór da Ordem de Chriſto D. Affonſo de Lancaſtre. Partio de Lisboa pela poſta a vinte e dous de
1559. Abril do anno de de mil e quinhentos e ſincoenta e nove, e a nove de Junho fez a ſua entrada publica em Roma; mas achou o Papa jà taõ velho, e enfermo que entendendo viviria pouco tempo, reſervou o acto da obediencia para o ſeu ſucceſſor, e aſſim ſuccedeo, morrendo Paulo IV. em dezoito de Agoſto do dito anno, e ſendo homem, q̃ os Padres Thiatinos, Fundaçaõ ſua, e que delle tomaõ o Appelido, tem por Santo, lá teve naõ ſey que, por onde nunca agradou aos Romanos, e lhe houveraõ de arraſtar o corpo morto, como fizeraõ á ſua eſtatua, que pouco antes em adulaçaõ ſua tinhaõ poſto no Capitolio, ſe os Cardeaes naõ acudiraõ a ſepultalo antes do termo coſtumado; feito iſto ſe preſentou Lourenço Pires aos Cardeaes juntos em Congregaçaõ na Sancriſtia de S. Pedro, e lhe fez a offerta coſtumada em tal tẽpo, dizendolhe.

Illuſtriſſimos Senhores, ElRey de *Portugal, meu ſenhor me mandou, q̃ acontecendo falecer da vida preſente o Summo Pontifice, eu me apreſentaſſe a eſte venerãdo e Sacro Collegio, e em nome de S. A. offereceſſe para o ſerviço deſta Santa Sè Apoſtolica, todo o ſeu poder, credito, e fazenda com verdadeiro, e inteiro animo, muy preſtes, e apparelhado para em tudo, o que ſe offerecer, cumprir com a obrigaçaõ, que a eſta Santa Sé, e á Igreja de Deos todo o Catholico, e Chriſtianiſſimo Principe deve ter: Voſſas Senhorias Illuſtriſſimas poderãõ diſpor de tudo, e amim mãdar, porque pela commiſſaõ, que tenho delRey meu Senhor eſtou prõpto para ſervir em tudo como me for*

orde-

ordenado, e posto que esta offerta seja em summa, e em poucas palavras, tornar-se-hão em muy grandes obras, todas as vezes que vossas Senhorias Illustrissimas as experimentarem em serviço desta Santa Sè Apostolica. Respondeo o Cardeal Decano, tirando o barrete, palavras geraes de agradecimento em nome do Colegio. Entráraõ em Conclave, e quatro mezes gastáraõ sem se concordar, em quem havia de ser Põtifice, até que em vinte e sinco de Dezembro cõcordáraõ no Cardeal de Florença Joaõ Angelo de Medices, que se chamou Pio IV. O nosso Cardeal Infante D. Henrique, que por morte de Paulo III. chegou a ter dezacete ou dezanove votos para Papa, tornou agora a ter quinze sem negociaçaõ alguma, só por seus merecimentos, e fama, que havia de suas virtudes; porque foy muito bom Perlado.

Coroado o Pontifice lhe deu Lourenço Pires obediencia em nome delRey de Portugal, e entrando nos negocios desta Coroa lhe deu taõ bom principio, que os da Inquisiçaõ, requerimento taõ dezejado, e recomẽdado delRey por sua grãde necessidade como impedido dos Christãos novos com a viveza, com que elles sempre se oppuzeraõ aos desta qualidade, o alcançou do Papa no primeiro dia, em que lhe falou nelle, e foy a primeira expediçaõ, q̃ assinou depois de Coroado, submetendo-os ás Leys, exames, e castigos della nas materias de seus erros, e no mesmo Breve concedeo tambem a esta Inquisiçaõ de Portugal todas as graças, e privilegios, de que gozavaõ as de Italia, e Castella. Com o mesmo successo tratou os mais negocios, que teve a seu cargo, que foraõ muitos, e de grande qualidade. Alcançou para o Cardeal Infante D. Henrique a Legacia perpetua destes Reynos; que lhe tinha concedido o Papa Julio III. e Paulo IV. lha suspendeo no principio do seu Governo; negocio, o mais recomendado delRey, por evitar a vinda de Nuncios a este Reyno, cousa trabalhosa para elle, e foy esta graça muito estimada por sua utilidade, e por se alcançar em tẽpo, q̃ menos esperãça havia della.

Houve para ElRey hum subsidio de sincoenta mil cruzados cada anno nos bens Ecclesiasticos, pago por sinco annos, grangeado por sua industria, sem Commissaõ delRey. Tomou occasiaõ para este requerimento de outro semelhante, q̃ neste tẽpo tinha feito ElRey de Castella, e tentando ao Papa, e achãdo-o bem affecto, deu conta a ElRey, que estimou o alvitre, e lho agradeceo com muitas rasoens, que lhe escreveo em huma larga Carta, que conclue assim. *E sómente vos lembro quanto me haverey por bem servido de vôs, em me trazerdes esta graça concedida, e expedida, e a lẽbrança, que disso me ficará para que assim o procureis quanto em vôs for.* E o que nisto se passou se vê melhor pelo Capitulo seguinte de huma

ma Carta de Lourenço Pires.

No proceſſo deſtas praticas acabou Sua Santidade de ſe me declarar queria fazer a Voſſa Alteza graça dos ſincoenta mil cruzados, como lhe pedia, offerecendome eu por parte de Voſſa Alteza a ſervir a Sua Santidade e a eſta Sè Apoſtolica, e diſpẽder a fazenda, e vida em defenſaõ da Chriſtandade. Foy de taõ grande contentamento eſta offerta para Sua Santidade, e pareceolhe taõ importãte para exemplo do que ſe tratava cõ El Rey de Caſtella, que ſe deliberou fazer Conſiſtorio para deſpachar eſte negocio de Voſſa Alteza, antes que reſpondeſſe ao Conde Brocardo, e aſſim o fez, e juntos todos os Cardeaes propoz a obrigaçaõ, que os Pontifices, e eſta Sãta Sé Apoſtolica tem a Voſſa Alteza, e ſeus Anteceſſores pela grande, e perpetua obediencia, que tem, e elles tiveraõ a eſta Igreja, e pela continua guerra, que faz aos inimigos de noſſa Santa Fè, e que ſendo Voſſa Alteza o unico Rey Chriſtão, que procurava o augmento de noſſa Religiaõ, e que com tanta deſpeza de fazenda, e Vaſſallos combate, por ſeus Capitaens, com os Turcos, e delles tẽ havido muitas victorias, em tempo, em q̃ elles ſaõ ſuperiores no peleijar a todas as outras naçoens, ſeria raſaõ que eſta Sè Apoſtolica o ajudaſſe, e favoreceſſe em ſuas grandes empreſas, nas quaes Sua Santidade tinha informaçaõ ter Voſſa Alteza gaſtado muita parte do ſeu Patrimonio, e eſtar individado, e que pedindolhe eu agora ſoccorro para huma Armada contra os inimigos da Fé, e de que ſe ſeguiriaõ muitos bens, e offerecendo que a dita Armada viria ſervir eſta Sé Apoſtolica em huma expediçaõ geral, quando a chamaſſem, e que poſto que para iſſo eu pediſſe ajuda de cem mil cruzados nas Igrejas de Portugal lhe parecia devia de cõceder a Voſſa Alteza ſincoenta mil ſómente, com as condiçoens, que a El-Rey Felippe ſe fez a outra Conceſſaõ nos dias paſſados. Accumulou tambem por muy principal obrigaçaõ, que ſe tinha a Voſſa Alteza, a deligencia, com que mandàra os ſeus Prelados para o Concilio, primeiro que todos os Reys, e diſto, e do mais diſſe aſſaz palavras em louvor de Voſſa Alteza, e de ſeus Reynos; e perguntando aos Cardeaes pelo que do cazo lhe parecia? Reſpondèraõ todos differentemẽte do que coſtumaõ, quando naõ ouſaõ contrariar, dizendo ſômente Placet. *Mas começando Carpi, como Decano, cõ muitos louvores de Voſſa Alteza, e os mais Cardeaes por ordem, accreſcentando cada hum as melhores palavras, que podia para exaltar o nome, e obediencia, e grandes emprezas de Voſſa Alteza, trabalhavaõ por vencer hum ao outro: entre os quaes o Cardeal Amulio, que foy Embayxador de Veneza, e de quem o Papa tem muita confiança, diſſe: Que ſómente os Portuguezes eraõ os que neſte tempo, quer poucos, ou muitos, eſforçadamente combatiaõ com os Turcos, e delles haviaõ continuamente victorias. E deſta maneira concluhiraõ todos que a Conceſſaõ*

era

era muy justa, e necessaria, e neste commum contentamento, e muita satisfaçaõ da graça se acabou o Consistorio, com Sua Santidade tambem mostrar, por me honrar, era razaõ partir eu contente, accrescentando muitas palavras; a recompensa das quaes deve tambem com outras obrigaçoens tocar a V. A. pois a dita oppiniaõ dos Ministros redunda em serviço dos seus Principes, e tendo elles o proveito, devem pagar as dividas. Fuy ao outro dia beijar o pé a Sua Santidade pela Concessaõ, que tinha feita, e lhe affirmey ter muito mais obrigado a V. A. pelo modo, e pelas boas palavras, que pela mercè, inda que fosse grande, por ser a que se lhe pedia, e o confirmey na oppiniaõ, e confiança, que em V. A. tinha de o servir, e soccorrer a esta Sé Apostolica quando em huma commum necessidade contra infieis fosse chamado. Tornoume Sua Santidade, a referir tudo o que passára no Consistorio, mostrando muito contentamento pela conformidade dos Cardeaes na Concessaõ, gloriando-se de lhe sahir sua proposiçaõ conforme a sua vontade, sem ter primeiro prevenido os Cardeaes, como em outros negocios se costuma, e assim tambem de lhes dizer pedia eu cem mil cruzados para se contentarem dos sincoenta. Affirmo a V. A. que o vi neste acto com o mesmo parecer, e satisfaçaõ, que podia ter recebendo elle a graça, e nos agradecimentos, que eu por tudo lhe dey, me disse muitas vezes, que aquillo era pouco para o que elle faria, e dezejava fazer em beneficio de V. A. por seus merecimentos, e pela reverencia, e obediencia, que a esta Sé Apostolica tem.

Isto que a Lourenço Pires pareceo huma cousa muito grande, como na verdade era, e por tal foy estimada da Rainha, e dos Ministros do governo, e com que elle voltou de Roma muito ufano, causou muito grande escandalo, e desgosto em todo o Reyno, por ser pedido, contra Ley, e Direito sem urgente necessidade, e por isso se lhe oppoz o Estado dos prejudicados, provando com muitas razoens a nulidade da Concessaõ, como adiante se verá no anno, em que o Cardeal mandou executar a Bulla, sendo jà Regente do Reyno. Só nisto desacertou Lourenço Pires, e com tudo teve a fortuna de que ninguem o culpasse, naõ se presumindo que fosse invençaõ sua. Cuidou que com isto fazia hum grande serviço ao seu Principe, e enganousse; porque nũca com estas ajudas de custo se logrou o fim, que se pretendia, e o intento para que se pediraõ; como se verá adiante.

Além destas graças, que parecéraõ de mais difficuldade, alcançou tambem Breves para se dividirem as Commendas, e se lhe pórem pẽsoens; para os Bispos, e pessoas Ecclesiasticas, e Religiosas poderem entrar em todos os Concelhos, e votar em cazos crimes. Para se deputarem em cada Igreja Cathedral, as duas Conesias Douteraes, que

hoje

hoje vemos nellas. Tambem para o Cardeal Infante vizitar, e reformar todos os Mosteiros de Portugal de Frades, e Freiras de todas as Ordens, e isto antes de se lhe ter cõcedido a Legacia. E para que de cada Bispado fossem nomeadas por ElRey tres, ou quatro pessoas, que sómente servissem de Juizes Apostolicos nelles, e que destes senaõ dariaõ nunca ás partes os que pedissem. E esta graça, que a experiencia mostra quaõ util fora ao soccego de nossos naturaes usarse ainda hoje della, foy concedida a instancia sómente de Lourenço Pires, sem ter ordẽ delRey para a pedir. Em muitas das Concessoens, que ficaõ apõtadas excedeo a sua diligencia a esperança, e nesta até o dezejo.

Em fim de todos os negocios, q̃ levou deste Reyno, e dos que achou por negociar do tempo de seu antecessor, e dos que de novo se lhe encomendáraõ, naõ ficou algum, q̃ deixasse de negociar muito á vontade, e gosto delRey; álem de muitos de pessoas particulares, que solicitou com grande pontualidade. Largo fora trazer todas as cartas delRey, em que lhe agradece o muito bem que o servia, baste dizer que em nenhum despacho deixàraõ de lhe hir agradecimentos, mas sempre com mais palavras que mercès. O Doutor Antonio Pinheiro, Bispo que depois foy de Miranda, e Leiria, por cuja maõ passavaõ os negocios desta qualidade, em huma carta, que lhe escreveo lhe diz assim: *O enxame de Breves, que aqui voou, deu grande lustre ao cabo de vossa Legacia: os delRey vem bonissimamente expedidos, &c.* E o Secretario Pedro de Alcaçova: *Nos negocios vera vossa merce o que se offerece pelas cartas de sua Alteza, que fica com grandissimo contentamento do modo, com que todas estas expediçoens vieraõ, e com tanto conhecimento disso, que se isto póde dar alivio nos trabalhos, tem rasaõ de o receber.*

Naõ se enserrou, só em Portugal o fruto do muito que Lourenço Pires póde em Roma, que como o naõ converteo em si pode abranger a muitos. A ElRey D. Felippe de Castella servio bem em algumas occasioens, e particularmẽte em duas taõ importantes, como eraõ querer o Papa, quando mandou o Cardeal de Ferrára por Legado a França, mandar outro a Castella, e a segunda na Concessaõ do subsidio, que ElRey pretendia sobre as rẽdas das Igrejas, para sustentaçaõ de sincoẽta galés contra o Turco. Tinha Lourenço Pires adquerido a graça do Pontifice, que delle fazia muita conta, merecẽdo-o a sua qualidade, e grande discriçaõ, pela qual lhe dava conta de muitos, e graves negocios da Igreja, e dandolhe parte do intento, q̃ tinha àcerca dos Legados, dizendo: Que se resolvia a mandar outro a Castella, para que ElRey senaõ escandalizasse de elle só usar com França aquella particularidade. Lourenço Pires o advertio, que antes seria ao contrario,

e se

e ſe eſcandalizaria ElRey de lho mandar, porq̃ ſendo a cauſa de mãdar o outro á França julgar Sua Sãtidade aquelle Reyno por perdido no que tocava á Sé Apoſtolica, e q̃ importava uſar de todos os remedios para ver ſe aproveitava algum; e porq̃ o dito Cardeal era lá muito aceito poderia ſoldar a quebra, e conſervar a uniaõ da Igreja; mandando outro a Caſtella, entenderia ElRey Felippe que Sua Santidade julgava aquelle ſeu Reyno por taõ perdido, nas materias da Religiaõ como o de França, e que tinha a meſma neceſſidade de remedio. Cõ eſtas, e outras razoens, o perſuadio a mudar de parecer, e mandar ſe deſſe conta a ElRey de Caſtella da cauſa, porque o ordenava aſſim, para q̃ naõ cuidaſſe outra couſa. E por tudo iſto ſe moſtrou o dito Rey muito agradecido a Lourenço Pires. Até os Vaſſallos delRey de Caſtella ſe valiaõ de Lourenço Pires, cõ a meſma confiança, que os Portuguezes, para alcançarem por ſua via os deſpachos de ſeus requerimentos na Curia. He boa prova diſto as Cartas, que ſe conſervaõ dos mayores Senhores daquelle Reyno, e que entaõ occupavaõ os ſupremos lugares delle, em que lhe faziaõ eſtas recommendaçoens.

E chegando ao mais, que ſe póde dizer neſta materia, bem ſe póde affirmar que naõ foy a Santa Igreja Catholica quem menos ſerviço recebeo de Lourenço Pires de Tavora neſta Embayxada, porque com o credito, que alcançou com o Papa, naõ occorria negocio algum de importancia, por mayor, que foſſe, em que o naõ conſultaſſe, e pediſſe ſeu parecer, cõfeſſando que ninguẽ lhe falava mais lizamente, nem taõ puro, e livre de reſpeitos.

CAPITULO XXVIII.

Em que ſe proſegue a meſma materia da Embayxada de Lourenço Pires de Tavora em Roma.

TEve Lourenço Pires occaſiaõ de ſervir a Republica Chriſtãa em varios, e importantes negocios. Foy o mayor de todos, que ſe podiaõ offerecer o do Concilio Tridentino, que o Papa logo no principio de ſeu Pontificado publicou, q̃ queria continuar em proſeguimento dos Pontifices Paulo, e Julio Terceiros, (que ambos o abriraõ, e ſuſpenderaõ) parecendo eſte o unico remedio dos trabalhos, que a Chriſtandade padecia, e como tal era encontrado, com todas as forças e cautellas dos Hereges Luteranos, ajudados de alguns Catholicos de ponco zelo; e communicando o Papa eſta materia com Lourenço Pires deſde ſeu principio por todo o diſcurſo della, e as contradiçoens, q̃ teve, que foraõ grandes, e a puzeraõ algumas vezes a perigo de ſe desfazer, trabalhou Lourenço Pires de modo em o ſuſter no propoſito,

sito, e o persuadio a polo por obra com taõ vivas, e efficazes razoens, que se conseguio o bom effeito; do q̃ se vè claramente naõ ser Lourenço Pires o menor instrumento, q̃ Deos tomou na terra para effeituar huma cousa taõ grande, e taõ util á sua Igreja. Destas praticas trataõ muy largamente, e com muita particularidade as Cartas do dito Embayxador, que ainda que he Lenda gostoza, e o Leitor as estimaria, as deixo por abreviar.

Impedio tambem as Espectativas ou futuras Successoens dos Beneficios, por ser cousa escandalosa á Christandade, estando o Papa resoluto a concedellas, e obrigado da efficacia de suas razoens o deixou de fazer. Com taõ bom desempenho de sua obrigaçaõ, e com tanto fruto universal, acabou Lourenço Pires o termo de sua Embayxada; e vendo que para o trato de sua pessoa, conforme cõvinha á sua authoridade, e honra deste Reyno naõ chegavaõ os sinco mil cruzados, q̃ tinha de seu ordenado, tẽdo já a sua fazenda muito empenhada, pedio com instancia, que o mandassem vir, e sendolhe concedida licença duas vezes, outras duas lhe foy revogada; porque era muy conveniẽte a sua prudencia, e assistencia em Roma; e assim lhe foy ordenado por ElRey, que prolongasse a sua assistencia, ainda até o Outono seguinte daquelle anno de mil e quinhentos sessenta e hum, pedindo elle a licença em Março. Sintio Lourenço Pires muito esta resoluçaõ, mas obedeceo, como fiel Vassallo, e obrou, como bom Ministro. Chegado o termo da dilaçaõ, e alcãçada nova licença para voltar ao Reyno, e á sua caza, tendo já mandado adiante seu filho Christovaõ de Tavora, que o acompanhou nesta Embayxada, e adiante o veremos grande valido delRey, lhe chegou hum Correyo ás vinte, pelo qual se lhe mandava suspender a jornada outra vez; e a causa foy pelo pedir assim Sua Santidade; he cousa muito notavel, vesse melhor da Carta delRey, que por memoria, e honra de tal Varaõ, e do Reyno, que o mereceo ter por natural, a porey aqui, e he a seguinte. 1561.

Carta delRey, para Lourenço Pires de Tavora.

POr via de Andre Telles, meu Embayxador na Corte de Castella recebi as vossas Cartas de treze do passado, e por outras, que em companhia dellas vieraõ, mandou Sua Santidade ao Nuncio, que nesta Corte reside, q̃z de sua parte me dicesse o sentimento, q̃ tinha de eu vos mandar licença para vos virdes pela grande falta, que necessariamente vossa pessoa nessa Corte naõ poderia deixar de fazer em tal tempo, com que elle folgava de falar as cousas, que se offereciaõ do serviço de Nosso Senhor, e bem da Christandade,

por

por quaõ deſentereçadamente nellas lhe daveis voſſo parecer, e pelas partes, e qualidades, que em vós achava para ſe haver de ajudar delle em muitas occurrencias, pedindome pelo dito Nuncio, que ſuſpendeſſe voſſa vinda, e pelo menos a deferiſſe por hum anno, porque alem do contentamento, que Sua Sãtidade com iſſo receberá, naõ parecia que convinha a meu ſerviço, e á reputaçaõ da Coroa deſtes Reynos, mandar vir em tal tempo peſſoa, que tanta experiencia tinha, e que tanto poderia aproveitar nas couſas geraes, e particulares, que ſe houverem de tratar. E como eſtas razoens foſſem ante mim prezentes ſempre, e eu com muita dificuldade paſſaſſe por ellas pela inſtancia, q̃s me fazieis em voſſa vinda, e por cauſa de voſſas neceſſidades, pareceome que aſſim pelas ditas razoens, como pelo goſto, que Sua Santidade moſtra de rezidirdes neſſa Corte, e grande inſtancia, que acerca diſſo me manda fazer naõ podia deixar de vir no que Sua Santidade moſtra dezejar, do que eu recebo contentamento em ſe offerecer couſa, com que o poſſa comprazer, e vós naõ podeis deixar de receber de Sua Santidade favor, e honra neſte officio, q̃s mandou fazer, e inda que iſto naõ haja de ſer para folgardes de ficar; porque ſey que as honras, e mercés naõ pretendeis ſenaõ de mim, tenho por certo que vendo a vontade, com que vos mandava licença, e a cauſa, que ſe offerece para vola revogar, folgareis de me ficar ſervindo mais hum anno neſſa Corte: muito vos encomendo o façaes aſſim, e vos naõ venhaes, porque a eſſe reſpeito ſómente mandey deſpachar eſte Correyo, e que da minha parte digaes a Sua Santidade como vos mando ficar, pelo que de ſua parte me diſſe o ſeu Nuncio; porque naõ dezejo ſenaõ moſtrarlhe a vontade, que tenho para o ſervir. E para ajuda de voſſas neceſſidades vos faço mercè de dous mil cruzados, de q̃ com eſta vay letra, e de voſſos ſerviços, e merecimentos terey aquella lembrãça, que requere o conhecimento, que delles tenho; e ſendo cazo que eſta Carta vos ache já deſpedido de Sua Santidade, e fóra de Roma duas, ou tres jornadas, agradecervoshey muito tornardevos para Roma, e ſervirdeſme, como vos mando; tudo iſto, que vos eſcrevo diſſe aqui ao Nuncio de Sua Santidade para lho eſcrever, &c.

Com eſta Carta, que foy deſpachada de cá em vinte e hum de Setembro, e chegou a Roma em no-
1561. ve de Outubro, do dito anno de mil e quinhentos ſeſſenta e hum. Recebeo Lourenço Pires: *Grande ſobreſalto*, ſaõ palavras ſuas na repoſta a ElRey, *e confuſaõ taõ expreſſo mandamento houveo por duro, e em tudo quaſi impoſſivel a ſe guardar pela conjunçaõ de meu desbarato, &c.* Porque tinha mandado partir ſeu filho cõ a mayor parte da Familia em vinte e ſinco do dito mez de Setembro, e a caza já desbaratada, e elle mudado para a do Cardeal Mõte Puliciano; porque o reſto do fato era já tambem enviado por mar,

naõ ſe detendo elle mais que pelo reſiſto das Bullas do ſubſidio,e Legacia, que parece de propoſito ſe lhe dilatava. Deu conta a Sua Santidade,queixando-ſe amoroſamẽte de uzar com elle eſta traveſſura,tẽdo-lhe manifeſtado as razoens, que o forçavaõ a virſe. O Papa o ſoccegou com muito boas palavras,e lhe deu hum quarto do ſeu Palacio para apozento delle, e para o ter mais conjunto aſſi, preparado com todo o neccеſſario ; favor taõ extraordinario , que naõ ſey ſe ſe terà feito a outro algum Embayxador,prometendo-lhe juntamente,q̃ para a Primavéra ſeguinte ſe poderia vir ſem falta; porque entre tanto , eſperava em Deos,tomariaõ as couſas outros termos.

Obrigado Lourenço Pires da ordem delRey, e dos favores, e goſto do Pontifice ficou continuando em ſeu officio por mais aquelle Inverno mudado para o dito Palacio,ſervindo , e ajudando em tudo , o que podia , e foy de muita utilidade a ſua demora ao Embayxador,e Prelados , que deſte Reyno foraõ ao Concilio, como adiante ſe dirá tratando delles. Aberto o Concilio em Trento,e publicado o primeiro Decreto em vinte e oyto de Janeiro , de mil e quinhentos ſeſſenta e dous, ſendo eſſa a principal cauſa,q̃ ſe dava á detença de Lourenço Pires, e ſendo já entrada a Primavéra, termo para o qual o Papa ſe tinha penhorado que lhe daria licença, houve de concederlha, e deſpachalo para ſe poder partir. E entre os Breves, e deſpachos, que o Papa lhe deu para ElRey,foy hum delles o que ſe ſegue,em recommendaçaõ de ſua peſſoa , que por ſer notavel he bẽ q̃ fique em memoria,e abono de ſua qualidade, o qual traduzido de Latim diz. 1562.

Carta do Summo Pontifice para ElRey.

CHariſſimo, &c. Havendo entendido por Cartas do noſſo amado filho o Cardeal D. Henrique, voſſo tio, que dezejaveis aproveytarvos do ſerviço do amado filho nobre Varaõ Lourenço Pires, e dizendonos que he já partido ſeu ſucceſſor, naõ quizemos detelo mais tempo, principalmente podendo a detença ſerlhe occaſiaõ de entrar em taõ larga jornada com perigo de ſua ſaude, pelo que com noſſa bençaõ o deixamos hir , cuja memoria nos ſerà ſempre ſuave, e aprazivel em quanto vivermos: tal foy a fé, e amor,que nelle conhecemos para com Voſſa Mageſtade, e affeiçaõ,e devoçaõ a eſta Sè Apoſtolica; o zelo, finalmente, cuidado, e deſtreza, com que tratou os negocios; e aſſim eſtimamos que Voſſa Mageſtade ſe haja de valer do ſerviço de tal peſſoa, a quẽ ſeguramente ſe podem entregar todas as couſas,por graves, e difficultoſas,q̃ ſejaõ. Encomendaramolo muito a Voſſa Mageſtade,ſenaõ ſouberamos o perpetuo, e louvavel coſtume deſſa Corte,em remunerar,e accreſcentar os homẽs

inſignes,

insignes, e benemeritos. Elle declararà a Vossa Magestade o nosso paternal amor, e lhe dirà algumas cousas, que conforme a elle lhe mandamos dizer, nas quaes lhe mande Vossa Magestade dar credito. Deos guarde a Vossa Magestade. Dado em Roma em S. Pedro a onze de Abril, de mil e quinhentos sessenta e dous annos, terceiro do nosso Pontificado. 1562.

Naõ paráraõ aqui as estimações, que Lourenço Pires adquerio em Roma; o Senado daquella Cidade lhe tomou tanta affeiçaõ, por seu talento, e merecimentos, que o recebéraõ por seu Cidadaõ, e disso lhe deraõ Privilegio para si, e seus descendentes. Saõ notaveis os termos, com que nelle he tratado; naõ se poem aqui por abreviar. Porèm naõ passaraõ de Privilegios, e Indulgencias os proveitos, que Lourenço Pires tirou da Corte Romana, e de toda a benevolencia do Summo Pontifice, porque dos outros, que se costumaõ alcançar naquelle lugar, naõ teve algum para si, nem para seus filhos, tendo já entaõ trez. Em fim despedido do Papa sahio de Roma em quatorze de Abril, de mil e quinhentos sessenta e dous, acõpanhado de hum irmaõ do Cardeal de S. Jorge, sobrinho do Papa, com toda a sua Guarda de Cavallos ligeiros, cousa naõ costumada, senaõ com Principes. Nas primeiras duas pouzadas achou aparelhados banquetes do Papa em abundancia, e por todo o Estado da Igreja o mandou acõpanhar pelo seu Correyo mór, e paguarlhe os portes, e fazer toda a mais despeza do caminho, e nas entradas dos seus Lugares era recebido do Governador, e Officiaes delles com Praticas, e as mais solemnidades, que se uzaõ com as mayores pessoas. Sahido das terras do Pontifice, fez caminho por Urbino, onde o Duque daquella Cidade o estava esperãdo com seu filho mayor huma milha fora della, e o agazalhou, e banqueacou quatro dias em varios Palacios seus magnificamente, e da mesma maneira foy levado dalli até Veneza por conta do Duque; bem se pòde crer que em obsequio do Papa; de Veneza por Milaõ, e França entrou em Hespanha, e chegou a Madrid em dous de Junho: aqui se deteve alguns dias; porq̃ trazia Comissaõ do Papa, e Carta de maõ propria em crẽça sua, para tratar com ElRey D. Felippe, sem encarecimento, os mayores negocios, ou todos os que entaõ occorrèrão na Christandade, que a tanto chegou a confiança, que do seu talento se fez; a tudo o que deu cabal expedição, como consta de huma muito larga Carta, que daquella Corte lhe escreveo, que não ponho por brevidade. 1562.

Cõ isto deu Lourenço Pires fim áquella Embayxada, em que servio tres annos, naõ se contando os que depois delle vindo de Roma ficou obrando a sua memoria no serviço deste Reyno, como D. Alvaro de Castro,

Caſtro, que lhe ſuccedeo no cargo, dizia a ElRey, eſcrevendolhe: (com grande fidalguia, e pouco uzada) *Que achava o Papa, e os Senhores daquella Corte taõ inclinados a ſeu ſerviço pelo reſpeito, e boa induſtria de Lourenço Pires, que todos os ſerviços, que alli ſe lhe fizeſſem em muitos annos, devia por â ſua conta.* E bem ſe experimentou no requerimento, que ElRey fez do Padroado prepetuo dos Moſteiros deſte Reyno, que então andavão Encommendatarios Seculares, e ſe tinha por couſa de muita concideraçaõ. Mãdou ElRey a Lourenço Pires, eſtando para partir de Roma, q̃ pediſſe ao Papa com a mayor inſtancia, q̃ pudeſſe, lho concedeſſe em lugar do ſubſidio dos ſincoẽta mil cruzados, que lhe tinha alcançado, de q̃ deſiſtia para eſte effeito: boa proua de quanto ſe dezejava eſta Conceſſaõ. Deixou-o Lourenço Pires começado, e porque ſenaõ podia deter mais, naõ eſperou a repoſta, ou por lhe parecer q̃ ſeria qual dezejava, ainda depois delle vindo, como ſuccedeo; porque ſe fez a Graça a ElRey, como pedia. Mas com os Padroados tornou a requerer que lhe ficaſſe o ſubſidio, que por eſta Conceſſaõ ſe lhe mandava largar. Valeo-ſe de Lourenço Pires para o alcãçar, o que ſenaõ tinha por couſa pouco difficultoza; eſcreveo elle ao Papa, pedindolhe muito encarecidamente eſta graça para ElRey, e valeo tanto, que o Papa ſe moveo a concedello, e teve por bem que ElRey ficaſſe goſando de huma, e outra couſa. Provaſſe iſto das Cartas, que lhe eſcreveraõ o Papa, e ſeus ſobrinhos os Cardeaes de Sãta Flor, e S. Carlos Borromeo, ambos ſucceſſivamente Proctetores de Portugal; dandolhe conta deſta Graça. Naõ he neceſſario dizer mais para abono de taõ celebre varaõ, e há muito mais, que dizer delle, e de ſuas obras, e ſerá força continualas adiante no Governo do Cardeal.

CAPITULO XXIX.

Do modo, com que a ElRey ſe davaõ as Liçoens, e como hia a vizitar a Rainha, e aſſento, que ſe dava a D. Aleyxo de Menezes.

PUnha-ſe antes delRey tomar Liçaõ, hum bofete de páo preto, marchetado de marfim, e nelle tinteiro, pennas, e papel, e hũa palmatoria pequena de marfim, ſem diſciplinas, e hũ Relogio de areya, de huma parte huma cadeira de eſpladas, em que ElRey ſe aſſentava, e da outra parte huma raza para o Padre Luis Gonçalves da Camera, ſeu Meſtre, e a huma parte ſe aſſẽtava de giolhos o Padre Amador Rabello, ambos da Companhia de Jeſus, que dava a materia a ElRey, e o hia enſinando a tomar a penna, e formar a letra. A huma parte da caza, eſtava aſſentado D. Aleixo de

Hiſtorias paſſadas por tradiçaõ. Mas não dão noticia do nome, e principio dos ſeus Reys: entende-ſe que jà os tinhaõ em tempo da Rainha Sabà, que eraõ ſeus Vaſſallos, ou tributarios. Os que tratão com os noſſos ſe vão domeſticando, e uſaõ jà de veſtidos da India; muitos cingemſe com as peças de panno, que nos compraõ aſſim ſem mais feitio, os outros uſaõ ordinariamente de pelles de animaes. Na Mocranga conhecem que ha Deos ao qual chamão *Morungo Mocuto*, mas não o adoraõ, nem lhe offerecem ſacrificios: porque não o temem, nem eſperão delle couſa alguma neſta, ou na outra vida: naõ adoraõ idolos, e crem, que ha demonio, e que he máo, e chamaõ-lhe *Muzuco*: toda a ſua ſuperſtiçaõ conſiſte na veneraçaõ dos Muzimos, que ſaõ os ſeus defuntos, aquem reccorrem em ſuas neceſſidades, como nos fazemos aos Santos, em cujas figuras lhes apparecem os demonios em ſonhos, e lhes pedem varias couſas de comer, e beber, que elles offertaõ ás ſepulturas de ſeus antepaſſados. Donde ſe infere, que crem a immortalidade da alma, e a outra vida; mas tem a vontade taõ indurecida, e depravada, que nenhum caſo fazem do outro mundo. Adoraõ alguns huma enxada metida na terra com o gume virado para ſima, por ſer inſtrumento, com que fazem ás ſuas ſementeiras.

Saõ muy dados a feitiços, e ninguem caſtiga com mayor rigor aos feiticeiros. Governão-ſe por *Fumos*, que ſaõ como Governadores ſogeitos ao Rey: ou por Senadores que chamão *Mocûros*. Cada hum delles he Senhor de ſua Aldea, e todos juntos elegem hum Conſul, que preſide ao Senado na Metropoli, ou Mozinda. Tem ſeu General das Armas, a quem obedecem os Capitães das mais Cidades, e povos: ſaõ muy vingativos, mas ninguem póde queimar caza, ou derramar ſangue ſem licença dos *Fumos*, ou dos Mocûros. As cauſas, e demandas ſe concluem de pè a pé, por mais graves, e intrincadas, que ſejão: alegaõ as partes a ſua juſtiça, e dáſe logo a ſentença da qual ſe não póde appellar, nem dizer mais palavra. Quando hum affirma, e outro nega, e não ha prova baſtante à decizão da cauſa, appellaõ para o *Mavi*, bebida venenoſa, e quem a bebe, e vive, vence o pleito. Os que ſe não querem arriſcar a tão perigoſa prova, ſubſtituem em ſeu lugar huma galinha, e ſe ella eſcapa depois de beber o *Mavi*, triunfão, e ſe morre ſofrem o rigor da pena determinada ao crime, ou verdadeiro, ou impoſto. Porém ninguem he obrigado a eſtar por eſta experiencia, ſem ſer primeiro indiciado pelo feiticeiro. Todas as Cidades tem ſuas *Choangas*, iſto he, Procuradores na Corte, os quaes ſaõ obrigados a patrocinar, e fazer dar entrada no Paço aos pretendentes da ſua

Cidade ſaõ inclinados a criar gados, e cultivar os campos, e niſto conſiſtem todas as ſuas artes. E ſaõ tão brutos, que não ſabem domar os animaes, nem aproveitarſe delles para o ſerviço, e nem ainda depois de o verem fazer aos Portuguezes, couſa que tanto os admirou, ſe reſolvem a iſſo: aſſim fazem as ſuas ſementeiras cavando a terra, e não muito funda, e enterrão a ſemente fazendo covas pequenas. Saõ muito invejoſos huns dos outros; e aſſim ſe algum ſe avantaja em criar gado, cultivar a terra, recolher mais frutos, lhe tem tal inveja, que conjurandoſe contra elle, lhe tiraõ a vida, attribuindo-o não à ſua induſtria, ſenão a feitiçaria, e para os matarem baſta virlhe ao ſentido. Não ſabem que couſa he providencia, e aſſim naõ guardão de hum dia para outro, donde vem a padecer facilmente neceſſidades.

Compraõ as mulheres, com quem hão de cazar, e o mais rico tem mayor numero; e eſte he entre elles o mayor ſinal de grandeza o ter muitas, e o mais forte impedimento para receberem a Fé; mas muitos pobres ſe contentaõ com huma ſó. Eſtas ſervem ao marido de cultivar o campo, e de todo o ſerviço, como eſcravos; e quando ellas não tem filhos, as entregaõ a ſeus pays, e recebem delles o preço com ſeus frutos, a ſaber: a vaca com os ſeus bezerros, deſde o dia do cazamento até o do repudio: e aſſim elles, como ellas podẽ tornar a cazar com outro. Como nunca entre elles ſe introduſio ſeita alguma, ainda, que ſe entende lhe foy prégada a dos Mouros, de que tomáraõ o conhecimento, que alguns tem de Deos, e noticia do demonio, com tudo como della não conſervão mais que a circunciſaõ, ſaõ faceis em crerem as verdades Evãgelicas, e receberem a Fé de Chriſto; mas muito difficultoſos em largarem as mulheres, como aconteceo no Reyno do Congo. Se de pequenos ſaõ inſtruidos ſahem bõs Chriſtãos; porém nos grandes naõ ha perſeverança, e com a facilidade, com que recebem a Fé, alargaõ; quando ella lhe contradiz os ſeus depravados coſtumes. Facilmente entregaõ os filhos para ſerem bautizados; mas ha muita falta de Miniſtros, que lhes aſſiſtaõ, e inſtruão entendimentos taõ rudes, e obſtinadas vontades. O Emperador todos os annos renova o lume, e o divide, e manda por todo o ſeu Imperio, e o cuidado deſta diſtribuiçaõ encarrega aos Grandes, e a elles acodem os que o vem buſcar, e o que por deſprezo o não pede, he caſtigado, como por crime de leſa Mageſtade.

Eſtes ſaõ os coſtumes mais geraes, e uſados entre os Mocrangas, ou Mocarangas. Porèm em outros Reynos ſe obſervão outros differentes, e alguns muito mais beſtiaes, como ſaõ os Botongos; q̃ não tem crença alguma, nem noticia

ticia de Deos, nem ſabem que couſa ſaõ boas, ou màs obras, nem que tenhaõ premio, ou caſtigo na outra vida nem que a haja. Sò reverẽceiaõ muito a fortuna, a quem chamão *Mozibo*, e alguns *Naſibo*, quando lhes ſuccedem bem ſuas couſas dizem, que *Mozibo* lhes foy favoravel, e a ſeus antepaſſados e atribuemlhe o favor, que outrẽ lhe faz, e o bom deſpacho de ſeus negocios; e comercios. Quando algum em ſuas obras ſe conforma com a ſua propria vontade, então julga que obra bem. Saõ muy dados a agouros, feitiços, e encantamentos, e difficultoſamente ſe podem apartar deſtes vicios. Quando algum morre entre elles encobrem a ſua morte, e trataõ de o ſepultar com muito ſegredo antes q̃ outros o ſaibaõ; porque cuidaõ que os que acompanhão o defunto trazem a morte comſigo, do que procede deſampararem os proprios parentes huns aos outros, e eſtalarem à neceſſidade. Dizem q̃ qualquer homem pòde ſer cauſa da enfermidade, e morte dos outros, e para ſaber o q̃ o tem ſido conſultaõ aos feiticeiros, e daõlhes tanto credito, que aos que declaraõ por authores do mal, logo lhes tiraõ a vida. Aſſim o tinha feito ElRey de Tonga, quando chegou o Santo Padre Gonçalo; porque entendendo dos feiticeiros, que hum havia ſido cauſa da morte de hum ſeu filho, que pouco antes morrera o mandou atraveſſar com huma lança. Goſtão de Muſica, e de inſtrumentos. Saõ amigos de danças, e nellas imitão aos exercicios Militares, porque humas vezes imitaõ aos Soldados quãdo poem cerco a huma Cidade, outras aos Cidadãos cercados, outras aos meſmos Soldados quando ſe repartem em varias eſquadras para accometter ao exercito contrario, outras ao exercito, poſto em campanha aponto para dar batalha, e aſſim de outras mil maneiras. Para eſtas danças ſe veſtem a ſeu modo de varios generos de veſtidos, como de pelles de Leoens, de Tigres, e de outros animaes ferozes: àtão eſtas pelles ao corpo de tal maneira, que dando voltas ſobre hum pé com grande ligeireza ſe abrem em redondo com grande goſto dos q̃ eſtaõ vendo. Em acabando algũa ſua mudança antes q̃ ſe recolha ao ſeu lugar, levanta a areya com o pé taõ alta, q̃ ſe perde de viſta.

Quando querem jurar tomaõ huma pouca de terra, ou huma braza de lume na maõ, e ſoprando-a a deitão no chaõ, e logo afirmaõ, ou negaõ com juramento o que dizem. Ha outro modo de juramẽto mais ſolenne, e he: que o que hà de jurar ſe ajoelha diante do atambor delRey, o qual ſe ouve de quatro legoas de diſtancia, e tocando-o com a maõ direita o beja, e fala com elle, naõ ſó como ſe tivera entendimento; mas como ſe reconhecera nelle alguma divindade;

dade; e diz: *Juro de confeſſar ſe commeti eſte crime, e ſe eu ſou culpado vedeſme aqui, tirayme a vida: e ſe ſou innocente, naõ permitaes que eu padeça, ſem culpa, já que a naõ tenho.* E logo outra vez toca o atambor com a maõ, beja-o, e levanta-ſe. He taõ grande a oppiniaõ que tem deſta ceremonia, que todos crem, que ha de morrer logo o que naquella forma jurar falſo. Nenhuma couſa fazem que não ſeja por ſeu proveito, e cuidão que tudo ſe lhes deve, e que o que ſe lhe dá he ſeu, donde procede não haver entre elles memoria dos beneficios, que recebem huns dos outros. Se hum faz hum favor a outro pela manhãa, e átarde lhe pede alguma couſa em correſpondencia, não o póde alcançar, ainda que ſeja couſa de pouca conſideração, ſenão lha paga primeiro. Da Juſtiça, nem ainda ſabem o nome, ſendo ella a que dá ſer ao mundo. Tem por licito o que cada hum apetece: a vontade propria he a ley, e medida de ſuas obras; porque não temem a Deos, nem amão a virtude. Facilmente commettem furtos, mortes, adulterios, e outros peccados mayores; porque não temem aos que offendem, nem os pays caſtigaõ aos filhos, ainda que os vejão juntar com ſuas proprias mãys. Não póde haver gente mais bruta, nem mais ſem uſo de razão! Mas com tudo iſſo convertem-ſe facilmente na forma que aſima diſſe.

Hum ſó coſtume ha entre eſtes barbaros digno de admiração, e de muito louvor, que ſendo chriſtianiſſimo, he tratado entre nós como barbaro. E he q̃ na Moctanga chamão aos cegos, tolhidos, e aleijados: pobres delRey; porque com grande piedade lhe dá rendas, com que ſe ſuſtentem, e quando caminhaõ ſaõ obrigados os povos, por onde paſſaõ, a mantellos, e darlhes o de que tiverem neceſſidade, e guia para paſſarem de hum lugar a outro. No que ſe avantajão aos Catholicos, que nem ainda cõ os Sacerdotes, caidos em tal trabalho, uſaõ deſta piedade, deixando-os com laſtimoſa indecencia valerſe das portas das Igrejas, e das eſquinas das ruas.

Antes de concluir com eſtas noticias, que vou abreviando quãto me he poſſivel, porque ha livros inteiros, que tratão dellas, quero dar huma de certa ceremonia bẽ redicula, que ſe uſa com ElRey dos Moraviz. Dá eſte Rey publicas, e continuas audiencias aos ſeus povos, deſpachando com incrivel brevidade todas as cauſas civis, e criminaes, e ainda quando adoece, lhe he neceſſario aſſiſtir no tribunal; porque ſe falta dous, ou tres dias, ſe faz logo aviſo ao ſucceſſor, que não he o filho, ſe naõ hum certo Governador de outra Cidade, a quem pelo ſeu direito toca o Reyno. Deſce elle logo à Corte, e trata-ſe de dar garrote ao Rey enfermo, para que não tenha ferias

Justiça em quanto se dilata a enfermidade. Mas como a plebe tem para si, que não logrará boas novidades, se o Rey lhe naõ der a benção antes de morrer, e não he facil persuadirlhe esta ceremonia, ultima disposição para a sua morte, no mesmo tempo, em q̃ lhe armão o laço à garganta, lhe enchem as mãos de milho, principal mantimento da Cafraria; fazendo que o retenha nellas por força: e quando lhe vão apertando o baraço lhe soltaõ as mãos, o qual movendo-se a hum, e outro lado com as ansias da morte espalha o milho pela Camera: e applaudindo todos ao som de instrumentos esta benção, lança o triste o ultimo alento, o qual depois de morte se vinga muy bem do filial affecto, com que lhe tomáraõ a bençaõ.

Abre-se logo huma comprida, e larga cova, na qual entraõ muito a seu pezar todas as mulheres, e filhos delRey, todos os seus criados, e officiaes de sua caza: deitão-lhe dentro pannos para se vestir, e mantimentos para comer na outra vida, e tudo isto ao estrondo de varios instrumentos de sentoados, e por remate o corpo do defunto. Estão ja preparados tres, ou quatro mil Cafres com suas enxadas nas mãos, que em breve espaço os entulhão, e enterraõ a todos. Mais barbaros, que todos saõ os *Monmbos*; porque comem gente, de que tem açougue publico. Tem o Imperio de Monomotapa duzentas e sincoenta legoas de circuito, e toda a Cafraria mais de oyto centas, pode-se muy bem chamar a quinta parte do mundo; porque naõ pertence a alguma das outras partes em que elle está dividido, não está sinalada nas Taboas de Tolomeu, nem os Geografos, e Historiadores antigos tiveraõ noticia della, e tudo os valerosos Portuguezes descubriraõ, e patenteàraõ.

A occasiaõ da Missão apontada foy, que vindo a Moçambique hũ filho delRey de Inhambane, e Otengue, ou Tonga, que he o Reyno da Cafraria mais confinãte com aquella nossa Fortaleza, no anno de 1559. taõ bem lhe pareceraõ as cousas da nossa santa Fé, que se converteo, e instruido foy Bautizado, sendo seu Padrinho Sebastiaõ de Sà, Capitão da dita Fertaleza, que o tratou com muita honra, e o mandou a seu pay bem premiado, na companhia de algũs Portuguezes. Contou elle a ElRey e aos mais da Corte a merce, que Deos lhe fizera, e fazendo officio de Prégador lhes declarou a verdade da Fè Catholica, a Virtude do Santo Bautismo, e a honra, q̃ os Portuguezes lhe tinhaõ feito, e os persuadio a fazerẽ o mesmo. O irmaõ mayor quiz logo vir a Moçambique persuadido delle, para ser Bautizado, porém o pay o atalhou, mandando o novo christão a pedir ao dito Capitão, Ministros, q̃ lhes ensinassem a Doutrina Chris-

tãa,

tãa, e os Bautizaſſem a todos, e porque na Ilha naõ havia mais Sacerdote, que o Vigario da Fortaleza, eſcreveo o Capitão a Goa ao Viſo-Rey D. Côſtãtino, dandolhe conta da grande porta, que naquellas Regiões ſe abria ao Santo Evãgelho, e da extrema falta de Miniſtros Eccleſiaſticos, que entraſſem a prègar a Fé por aquellas vaſtiſſimas Provincias taõ deſamparadas como barbaras, e branqueaſſem as almas dos Cafres na ſagrada fonte do Bautiſmo.

Naõ ſe podia dar mais alegre nova ao piiſſimo Conſtantino, que a recebeo com tanto alvoroço, como, ſe lhe entraſſem por caſa todas as riquezas de Sofala, e mandando logo chamar ao Provincial da Cõpanhia de Jeſus Antonio de Quadros, lhe pedio q̃ mandaſſe alguns dos ſeus Religioſos a eſta empreza. Em quem menos ſe cuidava de mandar era no Padre Gonçalo da Sylveira, Provincial, que acabava de ſer, e eſſe foy o que pedio eſta commiſſaõ: porq̃ eſtava deſtinado para ella pelo Eſpirito Santo para nella receber a Coroa de Martyrio e ſantificar com ſeu ſangue aquella tão brutal terra. Naõ ſe lhe pode reſiſtir, e aſſim partio para ella com o Padre Andrè Fernandes, e o Irmão André da Coſta, Leigo. Mas antes de paſſar adiante demos alguma noticia de quem foy eſte grande varão, e depois continuaremos com os ſucceſſos da Miſſaõ.

CAPITULO XXXVIII.

Da vida, e Miſſaõ do Santo Padre Gonçalo da Sylveira, e dos trabalhos de ſeus Cõpanheiros.

NAſceo o Santo Padre Gonçalo da Sylveira no Reyno de Portugal, na Villa de Almeirim ſituada defronte de Santarem, da parte dalèm do Tejo no anno do Senhor de 1526. ſeu pay foy D. Luis da Sylveira, Conde da Sortelha, Alcaide mòr de Alamquer, e fideliſſimo Capitão da Guarda delRey D. Joaõ III. ſua mãy Dona Brites Coutinha filha do Marichal D. Fernando Coutinho, matrona em tudo igual a D. Luis, ſeu marido. Foy D. Gonçalo o decimo, e ultimo entre ſeus irmãos, de cujo parto a mãy morreo. Obſervouſe, que tres dias antes de naſcer chorou, talvez profetizando o trabalho, que havia de cauſar a ſua mãy, e a orfandade, em que logo havia de ficar faltando-lhe tambẽ pouco depois o pay. Sua irmãa Dona Filippa de Vilhena, mulher de Alvaro de Tavora, Senhor do Mogadouro, o criou, e doutrinou em ſua caza, e o mandou eſtudar, Latim, e virtudes no Convento de Santa Margarida da Ordem de Saõ Franciſco ſituado junto do Rio Douro, naõ muito diſtante do Mogadouro donde veyo proſeguir

guir os mais eſtudos na Univerſidade de Coimbra, ſendo de dezaſete annos, elevado do raro exemplo de Santidade, com que reſplandecião os primeiros Fundadores do Collegio da Companhia de Jeſus, ſe deliberou a entrar na dita Ordem, o que executou no anno de 1543.

No Noviciado ſe exercitou cõ ſummo deſvelo em todas as Virtudes religioſas, particularmente na penitencia, e humildade, e elle era o mais fervoroſo naquellas ſantas doudices de mortificaçoens publicas, que então ſe faziaõ pelas ruas, e praças da Cidade, e depois ſe eſtranharão. Fizeraõ os parentes grandes diligencias pelo apartar do ſeu ſanto propoſito; mas não lhe foy poſſivel. Acabados os ſeus eſtudos de Filoſofia, e Theologia cõ ſingular adiantamento nas letras, e ordenado ja de Sacerdote diſcorreo em Miſſaõ pedanea por todo Portugal, ſuſtentando-ſe do que pedia de eſmola pelas portas, confeſſando até não haver penitentes, prégando até enrouquecer, e perſeguindo-ſe aſi meſmo atè a morte. E eſte foy o teor de vida, que ſempre obſervou nas Miſſoens, como elle meſmo eſcreveo da Cidade do Porto ao ſeu Reitor de Coimbra.

Do que lhe ſuccedeo na Villa de Tomar, podemos bem inferir a utilidade eſpiritual, que redundava no reſtante do Reyno de ſuas prégaçoens, e de ſeu exemplo. Vendo os moradores daquella nobre Villa quanto importava á reforma de ſeus coſtumes reter nella por mais tempo hum Varaõ tão admiravel, de commum acordo mandàraõ à Corte hum Enviado, que por ordẽ Real o fez dilatar mais quatro mezes naquelle diſtrito. Reveloulhe Deos que havia de morrer martyr, e o modo do ſeu martyrio, e eſta revelaçaõ, que andava ja divulgada entre os ſeus, ſe publicou tambem entre os Seculares, quando dizendo Miſſa na Caza Profeſſa de S. Roque em Lisboa, lhe viraõ todos os prezentes as mãos enſanguentadas ao levantar o Caliz. A novidade fez inquirir o myſterio, e romperſe pela Cidade o ſegredo. Para poder conſeguir eſta Coroa, a que Deos o tinha predeſtinado, alcançou licença de ſeu Santiſſimo Patriarca Ignacio para navegar á India. Partio de Lisboa no anno de 1556. e chegando a Moçambique foy logo em Prociſſaõ com os mais navegantes a huma Ermida de N. Senhora do Baluarte, naqual depoſitou certas Reliquias das onze mil Virgens, que levava comſigo. Deteve-ſe alli alguns dias, e fazendo-ſe na volta de Goa, entrou no Collegio de S. Paulo hum Sabbado pela meya noite, e no dia ſeguinte prégou na Sè Primacial, com admiraçaõ de toda a Cidade. Logo que poz os pés em terra ſuccedeo no Provincialado ao Padre Antonio de Quadros, e pouco depois de acabar os tres annos do ſeu governo com notavel aproveita-

mento eſpiritual de toda a India, e edificaçaõ univerſal, partio para a Miſſaõ da Cafraria, e aportou a Moçambique em ſinco de Fevereiro de 1560. com o Padre André Fernandes, e o Irmão André da Coſta, Leigo, como já ſe diſſe no Capitulo paſſado. Os ſucceſſos da ſua viagem refere o Santo em huma dilatada Carta que eſcreveo a Goa ao Provincial, na qual diz de ſi, e dos companheiros eſtas palavras: *Creyo que na viagem, ſegũdo o apparelho do mar nos cõſervamos com edificaçaõ. Todos os dias pela manhãa tinhamos huma hora de Oração da vida de Chriſto, e de tarde outra de algum Myſterio da Virgem. Rezavamos todos tres as Ladainhas, encõmendando no fim dellas a Igreja, a Companhia, eſta Provincia de Voſſa Reverẽcia o Capitão Pantaleaõ de Sá, q̃ he muito noſſo, e nos tratou melhor, q̃ a ſi meſmo, a viagem, as almas do Purgatorio, a converſaõ dos infieis, os noſſos devotos, e a inviolavel obſervancia dos noſſos votos, e por cada huma deſtas neceſſidades rezavamos huma* Ave Maria. *Cada ſomana nos confeſſavamos duas vezes, e o Irmão fazia Doutrina cada dia, &c.* Além diſto todas as noites praticavaõ perante, todos os que queriaõ ouvir da vida do Santo daquelle dia, e a todos encomendavão rogaſſem a Deos pela converſaõ da Cafraria.

Favoreceos conhecidamente a Virgem Maria, e os livrou de perigos, e neceſſidades. Quando o Piloto clamou, que deſcobria a Ermida da Senhora do Baluarte, eſtava o Santo Padre rezando o Officio Divino, e recitãdo no Pſalmo 104. aquelle Verſo, que diz: *Expandit nubem in protectionem eorum, & ignem, ut luceret eis per noctem.* Em terra, convidado a jantar com o Capitão, pedia primeiro eſmola pelas portas, e punha na meza os pedaços de paõ, que lhe davaõ, á imitação do Padre S. Franciſco, quando era hoſpede de algum Cardeal. Aos doze de Fevereiro ſe meteo em hum pangayo com ſeus dous companheiros, e dous Seculares Portuguezes, e deu àvela para o porto de Inhambane, em quaſi 23. gràos Auſtraes junto ao cabo das correntes. Entre Inhambane, e a barra de Luabó corre o Reyno de Chicanga atè as ribeiras do Rio Sabia, e daqui por diante o Reyno de Sedanda, que vay confinar com as terras de Sofala, e aqui começa o Reyno do Quiteve, que fenece no Rio Tendanculo, e paſſado eſte Rio ſe vão eſtendẽdo as noſſas terras até a foz mais Auſtral do Zambeze. Quiteve, Sedanda, e Quicanga ſaõ nomes de tres filhos de hum Emperador de Monomotapa, que mandados por ſeu pay a governar eſtes Reynos, ſe levantaraõ com elles deſpedaçando a Monarquia por multiplicar as Coroas, como fizeraõ na India os Capitães do Emperador de Narſinga.

Aportou a Inhambane o Santo Padre

Padre Gonçalo da Sylveira, e logo o appalpou a terra com hum fluxo tão copioſo de humor à gargãta; e aos olhos: que lhe difficultava a reſpiração, e impedia a viſta. E aggravando-ſe cada dia mais a doença, ſe apparelhou para morrer, com eſtar certo do martyrio. Foy Deos ſervido, que o largaſſe a febre, e ſentindo-ſe com algum alento applicou o animo á ſua empreza, e mandou ao Padre André Fernandes com quatro Cafres à Corte de Otongue metida trinta legoas pelo Sertaõ, a dar parte a ElRey da ſua vinda. Eraõ eſtes Cafres para levarem ao Padre na manchira, ou rede portatoria; mas elle por dar exemplo de humildade quiz antes hir a pé, e chegando á Corte, foy bem recebido delRey, que encarando nelle, e vendo-o taõ cheyo de brãcas, ſe admirou muito de que ſendo tão velho podeſſe fazer a pé tão largo caminho, e com tanta brevidade. Deſpachou logo ElRey bom numero de gente, a conduſir o Padre Sylveira, e entre elles, para mais o honrar, alguns de ſeus parentes. Adoeceo entre tanto gravemente o Padre Andrè Fernandes, por ſer o clima da terra muito doentio, e ſem outro regalo para a cama ſenão huma eſteira, e humas papas de milho para a meza, padeceo por alguns dias exceſſiva moleſtia; mas ſabendo que vinha entrando pela Cidade o Padre Sylveira ainda enfermo, e o Irmão Andrè da Coſta com pouca ſaude, ſe levantou da cama como pode, e os ſahio a receber com tanto alvoroço, e alegria, que da conſolaçaõ do eſpirito lhe reſultou o alivio do corpo.

Tratouſe logo da inſtrucção delRey, e da ſua familia, e de outros muitos, aſſim da Nobreza, como da plebe, q̃ de boa vontade aſſiſtiraõ ao Catheciſmo, e depois de bem inſtruidos por alguns dias foraõ Bautizadas quinhentas peſſoas com a mayor ſolemnidade, e applauſo, a que podiaõ abranger as grandezas de Otongue. O Rey ſe chamou D. Conſtantino em obſequio do Viſo-Rey da India, a Rainha Dona Catharina, e huma ſua irmãa Dona Iſabel, em memoria da de Portugal, e da mulher do Infante D. Duarte: os filhos delRey, e outros Cafres principaes ſe hõraraõ cõ os nomes das mayores peſſoas de Portugal. Bautizado ja ElRey de Otongue eſcreveo logo ao Viſo-Rey, dandolhe as graças, como a Author, depois de Deos, daquella mercé, e beneficio q̃ por ſeu meyo havia recebido, cuja carta he a ſeguinte.

Carta delRey de Otongus ao Viſo-Rey da India.

EXcellentiſſimo Senhor, naõ quizera que V. Excellencia eſperàra outra repoſta a ſuas Cartas, que aque pode dar o que até gora eſteve taõ apartado do conhecimento do verdadeiro Deos, e do amor de Chriſto Jeſus. Oh quam errado tenho andado todo o tempo de minha vida paſſada, e quã apartado do caminho da verdade, procurando com tanto cuydado que meus Vaſſallos me obedeceſſem, ſem cuydar na obediencia, que eu devia a Deos Principe, e Rey dos Reys, não poſſo deyxar de admirarme da benevolencia, que V. Excellencia uſou comigo, eu de pura fome perecia miſeravelmente; porém V. Excellencia, como Principe excellentiſſimo, e principalmente o ſeu Rey, como taõ firme coluna da Religiaõ Catholica, me deraõ o paõ da Fé, e aquella água celeſtial, e me convidaõ, e tarzem por eſtes Miniſtros, ſem eu o merecer, ao Divino manjar, de que gozaõ os Chriſtãos. Seja Deos Louvado infinitamente que alumiou o meu entendimento com os rayos de ſua divina Luz, para que viſſe claramente quam levantado he o parenteſco, que havemos contraido por meyo do Santo Bautiſmo, e quanto me importa a amizade, que tenho com o muito poderoso Rey de Portugal, e com V. Excelencia, que em ſeu nome governa o Eſtado da India: como poderey eu declarar os grandes bens, e proveytos, que deſta Religiaõ ſe recreſſem amim, e a todo o meu Reyno, ou ſeja tratando dos bens temporaes, que tem breve fim, ou dos eternos, que haõ de durar para ſempre? He taõ grande a honra, que deſta união nos veyo, que não ſey que haja outra mayor: as rendas creſcem ſummamente o Reyno ſe aſegura, e o que he mais digno de mayor eſtimação, recebemos Meſtres, q̃ nos enſinaõ a bem viver; e como poderemos alcançar a verdadeira, e eterna felicidade. Pelas quaes cauſas, Viſo-Rey invictiſſimo, de muy boa vontade offereço a V. Excellencia, e ao ſeu Rey minha peſſoa, e meu Reyno, e tomo por teſtimunha a meſma Religiaõ, que recebi, que faço eſte offerecimento de verdadeiro coração, e com grande, e ſyncera vontade. Huma ſó couſa peſſo, e rogo com todo o encarecimento; que como pelos deſſe Reyno ſe nos moſtrou o caminho da ſalvação, pelos meſmos, mediante Deos, nos ajude para que nunca nos apartemos della, por mayores trabalhos, que padeçamos. Deos guarde a V. Excellencia, &c.

Sete ſomanas ſe deteve aqui o Beato Padre Sylveira diſcorrendo pelas Provincias viſinhas, e fazendo continuas converſoens, e Bautiſmos, e vendo a facilidade, com que aceitavão a Fé não teve por difficultoſa a empreza, e que ſegundo aquelles bons principios, pou-

poucos Miniſtros baſtavão para lançar fóra daquella terra ao cruel inimigo do genero humano, tratou de acodir á cabeça, como parte mais importante, dandolhe mayor cuidado a converſaõ do Emperador de Monomotapa, para onde o chamava a Coroa do martyrio: partio para là, voltãdo a Moçambique, e deixando a cultura daquella nova Chriſtandade ao zelo do Padre André Fernandes, e do Irmaõ Coſta, e de caminho fez varias cõverſoens em alguns Xeques das terras, por onde paſſava, eſpecialmente em hum Principe filho de hum poderoſo Rey daquella Regiaõ, que trouxe a Moçambique para alli o Bautizar com muita ſolemnidade. Aos 19. de Agoſto
1560. do meſmo anno de 1560. deu ávela para os Rios de Cuama em huma fuſta bem eſquipada, acompanhado de ſeis Portuguezes, hum dos quaes, que ſe chamava Antonio Dias, lhe havia de ſervir de interprete. Mas em quanto elles navegaõ com grandes perigos do mar, vejamos o que depois ſuccedeo aos companheiros, que não padeceraõ menores tormentas na terra, onde ficàraõ.

Com a auſencia do Santo Prelado ficáraõ os dous Padres como deſamparados em huma perpetua ſaudade, cujo ſentimento ſe lhe accreſcentou logo muito mais vendo a pouca obſervancia, e perſeveração, que os novos chriſtãos começàrão a ter na Fé; o Irmão Coſta voltou para Goa obrigado de hũa grave infermidade, e o Padre Fernandes metido ſó entre aquelles barbaros, ſẽ alivio de Cõpanheiro padeceo infinitas moleſtias no eſpirito, e no corpo. No eſpirito, vendo taõ mal empregados os ſeus trabalhos naquella barbara, e depravada gente. Prégava-lhes continuamente da immortalidade das almas das penas do inferno, da gloria do Parayzo: e praticandolhes hum dia ſobre eſtes pontos ſe levantou hum, que parecia o mais intelligente, e lhe diſſe: *Padre para que vos cançaes em nos dizer eſſas couſas? não ha outro Deos mais que o noſſo Gamba*, aſſim chamão ao ſeu Rey, *não ha gloria, não ha inferno, nem premio, ou caſtigo, ſenão viver, e morrer.* Os chriſtãos não ſe podião apartar de ſeus barbaros coſtumes, e antigas feitiçarias, e particularmente de terem muitas mulheres, e cazarem (como fazião os Judeos) com a mulher do irmão, que morria ſem filhos. Reprehendidos de ſuas barbarias eſtiveraõ muitas vezes para matar o Padre ás frechadas; mas Deos o livrou milagroſamente. Tinhão para ſi; que era hum finiſſimo feiticeiro por tres fundamentos. O primeiro, porque paſſando de cem annos, como elles inferião da brancura dos cabellos, era tão robuſto, e bem diſpoſto, que vencia a qualquer mancebo, nas forças do corpo, e ſofrimento dos trabalhos. O ſegundo, porque tinha o cabello

corredio

corredio como bogio, e não frizado como elles, e sabia o que passava pelo restante do mundo estando em Otongue : mas isto era por cartas. O terceiro, e com que todos lidavão mais, era o Breviario; porque como não tinhão uso algũ de caracteres, nem experiencia de Livros, e vião sempre o Padre applicado á correrlhe as folhas não podião entender de que pudesse aquillo servir senão de alguma grande feitiçaria. E por esta causa tinhão grande medo delle não só a gente vulgar; mas ainda os Sangas, ou Grandes do Reyno, que saõ os mayores feiticeiros.

No principio ouvião, e tratavão ao Padre com algum amor, e respeito; porèm depois que privou ao Rey da sua antiga divindade, todos o aborreceraõ de morte. Tem aquelles barbaros para si, e nisto concordaõ com os mais da Cafraria, que tem poder o seu Gamba de mover os temporaes, fazer soprarem os Ventos, imbruscarem-se os ares, chovérem as nuvens, trovejar, e cairem curiscos, melhorar o tempo, e fazer Sol, calma, ou frios, cada vez que querem: e por este respeito lhe obedecem com muita promptidão, e lhe fazem tantos obsequios, como se fora alguma cousa divina. E quando lhes quer meter medo não lhes pode fazer mais terrivel ameaça, que dizer que suspenderà as chuvas convenientes às suas lavouras. Ainda depois de Bautizado conservava o Gamba este fabulozo attributo com demasiada arrogancia, e por nenhum caso queria desistir de taõ util, e importante privilegio. Não podia levar isto em pasciencia o Apostolico Varão, e hum dia na sala Real, estando prezente o mais luzido da Corte, com grande afluencia de palavras, e mayor efficacia de espirito, o reprehendeo asperamente de tão desmarcada doudice, e com hum argumẽto tão claro, que todos lhe reconheceraõ força, e tão evidente que ninguem lhe soube responder, o reduzio a confessar publicamente que não tinha poder algum dos telhados asima. Foy o argumento. *Que se era tão poderoso como se fingia executasse alli àvista de todos alguma daquellas acçoens, para que ninguem duvidasse da sua potencia: que se de repente alli logo fizesse encobrir o Sol, chover, relampijar, &c, elle confessaria lograr elle Rey essa preheminencia.* Ficou o simples Rey delanganado; mas tão desabrido contra o Padre por lhe tirar a melhor parte da sua hõra, e authoridade, què dalli por diante lhe concebeo odio mortal, e a seu exemplo os mais Cafres. E lhe ordenou que não prégasse mais no seu Reyno a Ley de Christo, nem reprehendesse os antigos usos e costumes da terra, tão approvados nella.

Quanto às penalidades do corpo, padesceo o Padre Fernandes gravissimas fomes. Os Portugue-

zes

zes de Sofala, e Moçambique, ſe eſqueceraõ de o prover do neceſſario, e como não tinha pannos para trocar por mantimentos, que he a moeda, q̃ corre entre os noſſos, e os naturaes, ſuſtentouſe quatorze dias das folhas de huma ſarralha, que criava à ſua porta, não lhe tocando nos olhos, e cultivando-a para ſenão ſeccar, e como lhe não baſtaſſe eſta dieta, ſe metia pelos matos a comer frutas agreſtes, por não achar entre aquella cruel gente genero algum de piedade, ou mizericordia, nem achava creatura algũa, com quem ſe póde-ſe conſolar, ou aliviar de tantas penas. Por cujas cauſas contrahio huma febre lenta, que o conſumia, e lhe impedia o uſo dos mẽbros, e dos ſentidos, e vendo cada dia a morte diãte dos olhos, ſó temia ficar ſem ſepultura, e ſer nocivo depois de morto, aos que não podia melhorar eſtando vivo; porque os Cafres, ſegundo o que ſe diſſe no Capitulo paſſado, lha não haviaõ de dar, porque o não coſtumão. E para prevenir com tempo eſte inconveniente abrio como pode huma cova detraz de huma arca de madeira, que tinha no ſeu apoſento ſobre a qual dormia, para q̃ abrindo-a os Cafres depois de ſua morte por ſe aproveitarem do que ouveſſe dentro, ao levantar da tampa cahiſſe o cadaver na cova, e por eſte modo ficaſſe ſepultado. O Divino Sacrificio da Miſſa era a unica conſolaçaõ, que tinha eſte ſervo do Senhor apertado de tanras afflicçoens; mas até deſta o priváraõ furtandolhe o ferro das hoſtias. Finalmente vendo o pouco que aproveitava com a ſua aſſiſtencia naquella terra em coraçoens tão indurecidos nos antigos abuſos, ſe partio para Sofala, e dahi para Goa mais morto que vivo, onde informou ao Viſo-Rey, que jà era o Conde de Redondo, q̃ para a converſaõ da Cafraria ſe devia uſar de outros meyos, mais que de brandura. Eſte foy o ſucceſſo da Miſſaõ de Otongue, vejamos agora a de Monomotapa, que teve mais cruel fim, tendo ſemelhantes principios.

CAPITULO XXXIX.

Do que aconteceo ao Santo Padre Gonçalo da Sylveira em Monomotapa, e de como foy martyrizado.

NAvegando o Santo Padre Sylveira para o vaſto Imperio de Monomotapa, já perto da barra de Quilimane ſe levantou hum temporal tão forte, que poz em grande perigo a fuſta. Poſſe o Santo de joelhos, e levantando as mãos, e os olhos ao Ceo, repetio com grandes brados aquellas palavras do Apoſtolo em ſemelhante occaſiaõ: *Domine, Salva nos, perimus.* Logo abrandáraõ os ventos, e ſoccegáraõ os mares. Chegàraõ

à

à terra, e desembarcando em dia de São Jeronymo, trinta de setembro, celebrou o Santo Missa em hum Altar, que os companheiros lhe armàraõ na praya. Daqui navegou para Giloa Corte de hum Rey, que logo se quiz Bautizar, e deu licença para prègar a Ley de Christo a seus Vassallos. Depois cõtinuou para Sena; e pedindo aos cõpanheiros encomẽdassem muito a Deos a conversaõ daquelle Imperio, se apartou da sua cõmunicação em hum retiro, q̃ se lhe fez na fusta, onde por espaço de oito dias, que se gastàraõ até Sena se esteve preparando para a mesma empreza com Santos exercicios, e lição de sagrados Livros, comendo sómente cada dia hum punhado de grãos torrados, e bebendo huma pouca de agua.

De Sena mandou avizar ao Emperador da sua vinda, e pedirlhe licença para passar à sua Corte, e entre tanto se occupou em instruir, e doutrinar os Mercadores Portuguezes, que alli vivião com pouca differença dos barbaros, e catiquizar, e Bautizar os naturaes, saindo a certas horas ao campo a fazer oração, e colher fruta para se sustentar. Visitou algumas vezes a El-Rey de Inhamoy, e querendo-se este fazer Christão com oito filhos, o defferio para outro tempo, assim por não haver hum Sacerdote, a quem por então recomendasse a sua instrucçaõ, como por não aggravar ao Emperador, se lhe preferisse no Bautismo os Principes seus Vassallos. Passado algum tempo, chegou hum Enviado do Monomotapa para o conduzir a Simbaoé, e com este Enviado partio para a nossa povoação de Tete distante sessenta legoas, a pé com os Ornamentos às costas, como là no Japão S. Francisco Xavier. Em Tete exercitou o mesmo, que em Sena, e Bautizãdo hum Fumo com huma sua filha, proseguio a jornada para a Corte com muito trabalho em toda ella. Entrando em huma povoaçaõ chamada Mabate, a fez toda Christãa, e lançandolhe a benção, disse que nunca naquelle lugar faltaria quem seguisse a Ley de Christo: e assim se tem verificado conservando-se mais de quarenta annos, sem assistencia de Sacerdotes, constantes na Fé; e quando por alli passavão alguns Portuguezes lhes offereciaõ os filhos para que os Bautizassem. Em outra povoação chamada Bemba instruhio, e Bautizou a hum Cafre, pondo-lhe o nome de Luis, o qual estava para morrer, e com isto, e hum Evangelho, q̃ lhe rezou melhorou de repente. Aos 24. de Dezembro chegou á grande aldea de Quituquin, e alli celebrou as tres primeiras Missas do Sagrado Nascimento de Christo, que se entende vio Monomotapa, em cuja Corte entrou dia de Santo Estevão 26. do dito mez, ou segundo alguns no primeiro de Janeiro do anno do Senhor de 1561. 1561.

Tanto

Tanto que o Emperador ſoube da vinda do Padre Gonçalo da Sylveira, eſtando jà informado da ſua grande ſantidade, e nobreza, o mandou viſitar por Antonio Cayado, aquelle Portuguez Capitão das portas, que aſima diſſe era ſeu grande valido, mandando-lhe juntamente hum grande prezente de ouro, boys, e criados para o ſervir. O Santo Padre lhe rendeo as graças pela mercè, e lhe tornou a mãdar tudo, e dizer: *Que de Antonio Cayado podia ſua Alteza entender quaes foſſem as riquezas, que de taõ longe, e com tanto trabalho hia buſcar ao ſeu Reyno.* Ficou o barbaro admirado de tão extraordinario deſapego dos bens, tão dezejados de todos os outros homens, e por eſta razão o recebeo com tanto reſpeito, e reverencia, como ſe lhe entrára por caza o mayor homem do mundo. Mandou-o entrar calçado (contra o eſtylo geralmente obſervado) na propria camara aonde dormia, na qual não entraõ ſenão os Principes de ſangue Real: fello aſſentar ao ſeu lado em hum quite, ou tripeça igualmente comſigo, ficando da outra parte a Emperatriz ſua mãy, e á porta ficou Antonio Cayado, para ſervir de interprete. Feitos os cumprimentos lhe offereceo o Emperador quantas terras quizeſſe, e quantas vaccas, quantos criados, quantas mulheres, quanto marfim, e quanto ouro houveſſe miſter.

Reſpondeo o Santo Padre: *Que nenhuma outra couza dezejava mais que a ſalvação de ſua Alteza; porque bens, e riquezas da vida tinha elle renunciado para alcançar os que lhe vinha trazer, e anunciar. Não he poſſivel Antonio Cayado*, diſſe ElRey, *que homem, que deſpreza as couſas, que todos appetecem, e buſcão com tantas ancias, ſeja da meſma natureza dos outros. Eſte homem he muito differente delles.* E depois de praticarem largamẽte ſobre diverſas materias o deſpedio com muito amor, e cortezia offerecendo-lhe todo o favor neceſſario.

No apoſento, onde ſe recolheo lhe armáraõ hum Altar, onde poz huma Imagem da Virgem Maria noſſa Senhora, e celebrava Miſſa cada dia. Entrou hum Cafre principal a ver por curioſidade, e reparando na Senhora ricamente pintada, foy dizer ao Emperador que o Padre tinha em ſua caza huma muito fermoſa mulher. Elle dezejoſo de a ver lhe mandou dizer, *que lhe diſſerão, que trazia comſigo ſua mulher, que eſtimaria muito lha moſtraſſe, e levaſſe ao Paço.* Recebeo o Santo o recado como vindo do Ceo, pela porta, que lhe abria ao ſeu intento, e cobrindo a Imagẽ com hum veo de ſeda a levou ao Emperador; e fazendo-lhe primeiro huma pratica do Myſterio da Santiſſima Trindade, da Criaçaõ, e Redempçaõ do mundo, e principalmẽte da Encarnaçaõ do Verbo Divino, e parto da meſma

Senhora; posto de joelhos lha mostrou. Admirado elle de tal fermosura a adorou, e reverenciou, e pedio ao Padre; a deixasse ficar no Paço, porque lenão podia apartar de sua beleza, para o que o mesmo Emperador, e o Padre lhe armàraõ na mesma camara huma Capella, onde a collocáraõ.

Sinco vezes appareceo a Santissima Virgem na forma da pintura, toda resplandecente, e magestosa em sonhos ao Emperador, falandolhe em lingua, que elle naõ entendia. Admirado do succesſo mandou chamar o Padre, e lhe deu cõta da vizaõ. Disse elle, que aquella linguagem era do Ceo, e que só a podião entender os Christãos Bautizados, e obedientes ao filho daquella Santissima Rainha. Agradou-se o Emperador da reposta, e no dia seguinte o mandou chamar para que o Bautizasse, a elle, e a sua mãy. Ficou o Santo Padre cheyo de gozo, dando graças a Deos pelos bons principios, q̃ via para aquella Christandade, e os começou a instruhir na Doutrina Christãa, dandolhe duas liçoens cada dia, por espaço de mais de quinze, até que em dia da Conversaõ de São Paulo vendo-os já bem dispostos os Bautizou com grande apparato, e ostentação, pondo-lhe ao Emperador o nome de D. Sebastião, por respeito delRey de Portugal, e à Emperatriz, Dona Maria. A offerta Imperial, porque o Padre naõ aceitava ouro, foraõ cem bois, que elle logo mandou matar, e repartir pelos pobres, assombrando-se a Corte de taõ estupenda liberalidade, cousa nunca vista naquellas partes. Seguiraõ logo o exemplo do Emperador trezentos Grandes, que depois de bem doutrinados, recebéraõ o Santo Bautismo, e nunca se apartavaõ de seu Santo Mestre, trazendo-lhe manteiga, leite, ovos, cabritos, e outros mimos semelhantes, que o servo de Deos destribuhia aos pobres, contentando-se com milho cozido, ortaliça, e fruta do mato para seu sustento.

Já se abalava toda a Cidade a professar a Ley de Jesu Christo, quando receoso o demonio de lhe tirarem das mãos o Cetro da Cafraria, excitou nos animos dos Mouros, residentes naquella Corte, tanto fogo de odio, e inveja cõtra os progressos da Fé, e gloria dos Portuguezes, que os fez conjurar entre si, contra a vida innocente do Padre Gonçalo da Sylveira. Mingames, natural de Moçambique, Caciz mór da sua seita, e grande feiticeiro, convocou os outros a concelho, e tratou com elles o modo como induziriaõ ao Emperador para que o mandasse matar, e assentado, elegeraõ de entre

entre si quatro, os mais astutos, e sagazes, poderosos, e bem vistos na Corte, para lhe hirem falar, hum dos quaes foy o mesmo Mingames, os quaes armados de monstruosas fabulas, e horriveis patranhas, se foraõ ao Paço, e com tal arte persuadiraõ ao Emperador o perigo, em que estava de perder a vida, e o Reyno, ou à força de feitiços, ou ás mãos dos Portuguezes; porque aquelle seu Caciz não era outra cousa, que huma espia do Viso-Rey da India, que vinha ver, e examinar as forças, e entradas daquelle Reyno, para depois se vir apoderar delle, como tinhaõ feito nas mais partes de Asia, e Africa, e que para melhor encobrir estes designios, e o enganar a elle, usava daquelles feitiços da agua na cabeça, sal na boca, e saliva nas orelhas, e nariz, solicitando contra elle os animos de seus Vassallos com dadivas, e promessas, que a este fim ordenara a liberal repartição dos boys, não reparando agora em perder pouco para depois se apoderar de tudo: a este modo lhe differaõ outras muitas cousas, concluindo, que tudo se remediaria com a morte do tal Caciz.

Ficou o simples Monarca sobresaltado com o que lhe differaõ os perros, e crendo, que assim era tomando parecer com a Emperatriz, sua mãy, assentou com ella, e com elles de mandar tirar a vida ao Apostolico Varão Gonçalo da Sylveira. Não era ainda tempo de se romper o segredo, e já o Sãto por revelação divina sabia da traição, q̃ os Mouros lhe ordião, e da impia determinação do Emperador, e dando conta de tudo a seu amigo Antonio Cayado, lhe disse *Bem sey Antonio, que o Emperador anda traçando a minha morte, e que naõ tardarà muitos dias. Mas já estou preparado para a receber com alegria, e valor. Só me peza do miseravel Emperador, que deixando-se enganar dos Mouros, falta com a palavra aos homens, e a Deos com a Fè.* Rio-se Antonio Cayado tendo aquillo por sonho, e lhe disse: *Padre meu, quem lhe meteo tal em cabeça? Creame q̃ a ninguem estima mais o Emperador, que a Vossa Reverencia.* E partindo logo ao Paço para ver se descobria algum indicio do que dizia o Santo, começou a praticar com o Emperador á cerca delle, e logo do seu semblante conheceo que sua vontade estava trocada, e pondo toda sua industria, tratou de o informar melhor, e reduzilo a mais acertado parecer; rogoulhe muitas vezes, que não se arrojasse; e que considerasse bem quam grande pecado cometeria contra Deos, e quãto danno originaria contra si proprio, perdendo a amizade do Viso-Rey da India, e delRey de Portugal; quam pezada carga tomaria sobre seus hombros; porque nem os Bemaventurados no Ceo, nem os homens na terra sofreriaõ a

morte do innocentiſſimo Padre Gonçalo ſem caſtigo.

Não foraõ baſtantes, e poderoſas eſtas, e outras razoens, que Antonio Cayado lhe diſſe, para o fazer mudar de ſeu dãnado propoſito, em que já eſtava obſtinado. A tudo reſpondeo, que chamaria os Engangas, [aſſim chamão aos Mouros,] e trataria outra vez com elles deſta materia. Ouvindo Antonio Cayado ao Emperador, e eſtando certo, que de concelho, aonde entravão os Authores daquella maldade, não podia eſperarſe outra ſentença, que a que eſtava dada, voltou ao Padre Gonçalo, e lhe diſſe: *Padre Santo aparelhaivos, que voſſa morte eſta certiſſima, eu acho o Emperador tão determinado contra Voſſa Reverencia que não vejo modo para o apartar de ſeu perverſo intento.* Aos quinze de Março ſe fez o ſegundo concelho ſobre a morte do Santo Padre Sylveira, e ſe decretou, que foſſe executada logo na noite ſeguinte. Guardáraõ todos niſto tãto ſegredo, que ninguem no povo o pode ſaber. No meſmo dia voltou Antonio Cayado a falar ao Emperador ſobre a meſma materia, procurando com razoens, e ameaças reduzilo do ſeu malvado intento. Elle enſinado da malicia dos Mouros, fingio, que jà não tratava de matar ao Padre Gonçalo, ſenão q̃ ſahiſſe da Cidade; e o meſmo reſpõdeo a Emperatriz, ſua mãy a Antonio Cayado, falando-lhe ſobre iſto. Todas eſtas cautelas devião ſer ordenadas a q̃ lhes não fugiſſe a preza.

Trouxe o Cayado a nova da modificação da ſentença ao Sãto Padre Gonçalo; porèm elle como eſtava certo, não ſó da morte; mas tambem do dia, em que havia de dar a vida pela Prégação do Evangelho, lhe pedio encarecidamẽte mandaſſe buſcar dous, ou tres Portuguezes, que andavão na Corte, para os deſobrigar da Quareſma; porque depois o não poderiaõ fazer: e como eſtes não vieſſem até o meyo dia, diſſe Miſſa, e conſagrou duas, ou tres particulas para lhes dar a Communhaõ, ſe por ventura chegaſſem a tempo: deteve ſe na Miſſa quanto pode, e vendo que os Portuguezes não appareciaõ, conſumio as formulas conſagradas, e conſumou o Divino Sacrificio. Depois da Miſſa Bautizou cincoenta Cafres, que antes havia inſtruido, e por todos repartio pannos, Roſarios, e outras couſas, que tinha. Vieraõ os Portuguezes de tarde, ouvio-os de confiſſaõ, e armando-os de ſaudaveis documentos para ſe deſviarem da eſtrada da perdiçaõ, os mandou para ſuas cazas. E querendo elles deterſe mais algum tempo, o não conſentio, e lhes entregou os Ornamentos, e Livros para que os levaſſem a caza de Antonio Cayado, e tudo iſto com roſto taõ ſoccegado, e apraſivel, como ſenão ouveſſe couſa alguma, que temer.

Para

Para ſeu companheiro, e defenſor deixou ficar hum Santo Crucifixo ſobre o Altar, e vendo-ſe ſó com elle veſtio huma Sotana nova, e reveſtido de Sobreceliz, e Eſtola, ſe poz a paſſear pela caza, com tanta ſerenidade, e alegria, q̃ paſmou de o ver Antonio Cayado, quando voltou a falar com elle. E vendo-o o Santo Padre taõ cuidadoſo, e ſolicito, chegou-ſe a elle, e tocando-lhe com a mão no peito lhe diſſe: *Que he iſto Antonio? tende por certo, que eſtou com mayor animo para receber a morte, que meus inimigos para darma: perdo-o de todo o meu coraçaõ ao Emperador, e a ſua mãy, pois ſe deixaraõ enganar dos Mouros, elle como mancebo, e ella como mulher. Perdoo a todos os cumplices deſta morte, e peço a Deos noſſo Senhor, que os não caſtigue a elles por amor de mim, e que ma receba em ſatisfação das culpas deſta Cidade.* Com eſtas palavras, ainda que ditas com tanta paz, e animo ſoccegado, entrou Antonio Cayado em mayor cuidado, e ainda que ſenão podia acabar de perſuadir, que o Emperador commeteſſe tão grande maldade contra hum homem tão innocente, naõ queria, nem podia apartar-ſe delle; com tudo obrigado dos ſeus rogos o deixou, e foy-ſe para ſua caza, donde mandou dous criados para notarem o que ſuccedeſſe, e vendo algum perigo o foſſem chamar com muita preſſa. Achàraõ elles o Santo Padre eſcrevendo para a India, o qual entregandolhes as cartas os mandou voltar para caza do amo, e que não tornaſſem.

Andou o Santo Padre até alta noite paſſeando jũto da ſua choupana com os braços em Cruz, e os olhos poſtos no Ceo fazendo muitas deprecaçoens a Deos, e cançado jà de eſperar pelos matadores, que não tinhaõ coragem para o accommetterem de roſto, a roſto, entrou para dentro, e ſobre a eſteira, onde dormia, poz o Crucifixo entre duas velas acezas, e ajoelhando ſe diante delle orou largo tempo, e adormeceo. Tudo eſpreitavaõ os inimigos eſcondidos em lugar veſinho, e tanto que o viraõ cahido, entràraõ furioſamente oito Cafres, hum dos quaes chamado Mocrumes, homem principal, e que muitas vezes falava, e comia com o Santo Padre, ſe lançou ſobre o ſeu peito. Correraõ logo quatro, e tomando-o pelos pés, e braços, o ſuſpenderaõ no ar em quanto os outros tres lhe lançàraõ hum baraço ao peſcoço com ſeu nó corredio; e puxando de huma, e outra parte o afogàraõ; lançando o glorioſo Martyr grande copia de ſangue pela boca, e narizes, e voou a ſua bendita Alma para o Ceo.

Com eſte genero de morte, que muito antes tinha profetizado em Portugal, coroou o Padre Gonçalo da Sylveira ſuas immenſas fadigas aos 15. de Março de 1561. ſe 1561.

mor-

morreo antes da meya noyte, ou aos 16. ſe ſuccedeo depois della. Fizeraõ os Cafres em pedaços a Imagem do Santo Crucifixo, e quizeraõ deſpir o veneravel cadaver, levados de ſua natural rapacidade, mas Vendo-o apertado com cilicio de ferro, aſſentaraõ que o Padre devia ſer algum grande feiticeiro, e naõ ſe atrevendo a deſpojallo dos veſtidos, por ſenão contaminarẽ com algum feitiço, o foraõ arraſtando lançar no lago, donde naſcẽ os Rios Moſſengueze, e o Motete, q̃ alguns chamão mar, não advirtindo que eſte diſta dalli mais de cento e vinte legoas, e não o enterràraõ; porq̃ lhe tinhaõ metido na cabeça os authores da maldade, que a terra ſe havia de corromper, e o ar apèſtar com tão peçonhento cadaver. Daquelle lago ſahio o Santo corpo, paſſado algum tempo, e foy pelo Rio abaixo. Levado das correntes até hum lugar de brenhas, para onde o levàraõ huns Leoens, e Tigres, e o guardão, e defendem, aſſiſtindo-lhe com grandes cantos, e melodias, muitas, e fermoſas aves, como teſtimunhàraõ alguns Cafres, que viraõ de longe; e he tradicção que ſe conſerva incorruto, e tem-ſe viſto por vezes luzes naquelle lugar; o qual eſtà deſpovoado à roda por medo daquellas feras. Tudo iſto aconteceo para que ſe cumpriſſe o que o Santo Martyr tinha profetizado quando diſſe: *Que ſeus inimigos o haviaõ de afogar por amor de Chriſto, e ſeu corpo havia de ſer lançado donde nunca mais apparecèſſe*, e aſſim tem acontecido atè o prezente; porque nunca os Chriſtãos o podéraõ haver para o venerar.

Era o Santo Padre Gonçalo da Sylveira de trinta e ſeis annos de idade quando morreo; foy Doutor em Theologia, o primeiro Prepoſito da Caza Profeſſa de S. Roque de Lisboa. O ſexto Provincial da India na ordem dos tempos, e o ſegundo por Patente de Sãto Ignacio, que ſó a teve antes delle Saõ Franciſco Xavier. Em todos eſtes cargos ſe ouve como Varaõ Santo, que era, ſervindo mais a todos, do que mandando-os. Em Goa foraõ paſmoſos os exemplos, que deu com ſua Virtude, e exercicios de humildade, viſitava os Carceres, e os Hoſpitaes, conſolando, remediando, e animando a todos; doutrinava os rudes, catequizava, e Bautizava os Gentios, e Mouros; em ſeu tempo houve em Goa Bautiſmos géraes muy notaveis, e entre elles foy muito eſtrondoſo o de huma Princeza Moura, e para remedio das heregias ſolicitou o Tribunal do Santo Officio para aquelle Eſtado: fez outras muitas obras tão ſantas como foy a ſua vida, e depois de martyrizado muitos milagres; pelo que o não eſtar já Canonizado he por pouca vẽtura noſſa, e grande deſcuido dos ſeus Padres, que muito ſe poderaõ honrar com ter por Irmaõ taõ illuſtre

Mar-

Martyr; e muito mayor das illuſtres Cazas de Portugal, que o tem por parente tão propinquo.

Sintirão muyto os Chriſtãos a morte do Santo Padre; e os Mouros tiverão grande prazer com ella, e á feſtejàraõ muyto; mas a ſua alegria ſe lhe trocou brevemẽte em deſgraça; porque naõ tardou o Ceo em vingar o ſangue do juſto Abel. Veyo huma nuvem de gafanhotos, que encobria o Sol, e deſtruhio as ſearas, e tudo o que a terra produzia, ſeguindo-ſe daqui huma extraordinaria fome, e logo huma terrivel peſte, que fez laſtimoſo eſtrago, e nunca viſto na Cafraria. Dous annos durãraõ eſtes açoutes, e conheceo o Emperador, que Deos o caſtigava pela injuſta morte do Santo, e innocente Caciz, como lhe coſtumava chamar: converteo o furor contra ſua propria mãy, e mandou a matar; porque naõ impedira, antes apadrinhàra o requerimento dos Engangas; e deu a meſma ſentença contra os quatro procuradores, que o foraõ induzir a taõ abominavel trayçaõ, dos quaes dous foraõ logo juſtiçados, e os outros dous fugiraõ; hum dos quaes foy o preverſo Mingames, que com medo do Emperador, e dos Portuguezes, andou ſempre peregrinando eſcondido por diverſas terras, como outro Caim. Paſſados dous annos choveo tanta agua, que innundou toda aquella terra. Mayores caſtigos mandou depois executar ElRey Dom Sebaſtiaõ por Franciſco Barreto, que lá foy com hum exercito, como adiante ſe verà na ſegunda parte.

CAPITULO XL.

Finaliza D. Conſtantino o ſeu governo da India, e volta para o Reyno. Da-ſe noticia de como ſe houve cõ huma famoſa reliquia ſupersticioſa, e do mais, que lhe aconteceo.

ENtre os grandes deſpojos, que os Portuguezes fizerão na grande Cidade de Jafanapataõ, foy a de huma famoſa reliquia, que alli era tida em grande veneraçaõ pelos barbaros, e aprezentada ao Viſo Rey, lhe ſegurãraõ, que por ella haveria huma grande ſoma de ouro, pelo muito que era reſpeitada, e deſejada de todos aquelles Reys Orientaes, principalmente do de Pegù, que todos os annos mandava ſeus Embayxadores com ricos preſentes ao de Jafanapataõ em premio de lha deyxar imprimir como ſinete em preciozas maças de ambar, algalia, almiſcar, e outras confeiçoens aromaticas, que para iſſo levavaõ em cofres de ouro, para que jà que naõ podia lograr o original ſe conſolaſſe com a eſtampa. Eſta maldita reliquia era hum dente, que

ſe

se dizia de bogio encastoado em ouro, e pedras preciosas, sobre que hà alguma variedade à cerca de sua origem; dizendo huns, que fora de hum bogio, ou mono brãco, que por ser desta còr, e descobrir a mulher mais amada do Rey daquella terra, que se lhe tinha escondido, viera a lograr delles grãdes estimaçoens, e por sua morte idolatrar naquella pèssima reliquia sua, que pelo tempo adiante veyo a cobrar tão grande reputaçaõ, e respeito para com aquelles cegos gentios.

Dizem outros, e he oque se tem por mais certo, que aquelle dente he do seu Budu, ou Budaõ, antiquissimo Legislador daquelles barbaros, entre os quaes se fez famoso com suas feitiçarias, de quem contaõ muitas patranhas, que discorrendo por todas aquellas Regioens, fez a mayor residencia em Ceylaõ; por cuja cauza estando para morrer lhe quiz deixar em prendas de seu amor aquelle dente, que tirou da sua boca, e por ser de tal sogeito veyo a lograr tanta estimação. O Viso-Rey o trouxe para Goa, com geral sentimento dos gentios, o que sabendo ElRey de Pegú lhe mandou seus Embayxadores, offerecêdolhe por elle trezêtos mil cruzados; ou mais, tudo quanto quizesse, perpetuas pazes com o Estado, e prover a Praça de Malaca de mantimentos todas as vezes, que os ouvesse mister. Communicou o negocio com os Fidalgos, Capitães velhos da India, e todos foraõ de parecer se vendesse o dête a tão subido preço para os dispendios do Estado, que se achava muy empenhado. A esta resoluçaõ repugnavão as grandes letras, e authoridade do Arcebispo D. Gaspar, que assim nas praticas, como nos pulpitos dissuadia a entrega da infame reliquia; para que senão desse aos gêtios occasiaõ de idolatrarem nella. Era D. Cõstantino grande Catholico, temente a Deos, e muito obediente aos Prelados da Igreja, e como por ambas as partes o escrupulo, o apertava porq̃ seguindo a oppiniaõ do Arcebispo defraudava o Estado de hũa grãde soma de dinheiro, muito necessario para novas Conquistas em augmẽto da Fé, e da Coroa de Portugal, e se se inclinasse ao conselho dos Fidalgos, expunha aquelle detestavel ossо á publica adoraçaõ de toda a gentilidade do Oriente.

Quiz vintilar o ponto para obrar com a consciencia segura. Convocou huma junta, na qual entràraõ, com o Arcebispo todos os Prelados, e Theologos das Religioens, Fidalgos velhos, e Ministros da Coroa, e da fazenda Real. Porpostas as duvidas, e debatida a materia, se inclinou a piedade do Viso-Rey à oppiniaõ dos Theologos, que sem discrepancia resolveraõ q̃ senaõ podia entregar aquelle dente, ainda que se arriscasse o Estado, e o mundo todo. Assentada esta decisaõ, e feito

hum

hum termo, que todos assináraõ, mandou o Viso-Rey trazer o dente pelo Thisoureiro, e despojado do rico encaixe, o entregou ao Arcebispo, que em prezença de todos os da junta o lançou em hum almofariz, e com sua propria maõ o pizou, e desfez em poz, e os deitou em hum brazeiro, e as cinzas mandou lançar no meyo do rio, á vista de toda Goa. Confundirão-se os Mouros com este espectaculo, vendo quanto mais podia com os Portuguezes o odio da idolatria, que a cobiça do dinheiro. Choráraõ os Gentios a perda da mais prezada reliquia do Oriente. E alguns Christãos, assim na India como em Portugal, se escandalizáraõ do Viso-Rey por engeitar tanto ouro, que lhe davaõ, e o mais que se lhe offerecia, em occasiaõ de que tanto necessitava o Estado disto. Porque para os Gentios idolatrarem naõ lhes faltavaõ outros idolos, e que de qualquer pedaço de osso podiaõ fazer outro dente em memoria daquelle, aquem désem a mesma veneraçaõ, por onde mal se lhe podia ella evitar com a falta deste.

Mas viva D. Constantino, que com esta esclarecida acçaõ eternizou a fama da Christandade Portugueza por todas as Naçoens do mundo. Jà hoje estaria apagado o resplandor daquelle ouro, se por ventura entaõ lusisse: e ainda hoje se lé o glorioso nome de D. Constantino à luz do fogo, com que se abrazou taõ abominavel reliquia, e vendessemos o dente aos Gentios, naõ bastaria todo o ouro do Pegú para dourar a nossa cobiça na estimação dos bons Catholicos; e lançando-o nas brazas fizemos á nossa Fé hum dos mais applaudidos sacrificios. Era D. Constantino o melhor Portuguez, que passou à India, e foy esta a mayor proeza, que nella obraraõ os Portuguezes.

Foy zelosissimo da Fé: em seu tempo se estendeo, e propagou na India mais que nunca a Christandade obrigados dos seus favores, e ajudados do seu patrocinio os Missionarios. só os da Companhia de Jesus á sua parte bautizaraõ a vinte, e tantas mil almas; e os Franciscanos, e Dominicos, he sem duvida que naõ fariaõ menor fruto. Haviaõ os Governadores passados introduzido hum maldito costume de honrarem mais os Bramanes, e Nobreza Gentilica, que os Christãos, a quem occupavaõ em officios bayxos, e cargos despreziveis; por onde luziaõ muy pouco as Conversoens. D. Constantino trocou a sorte, a estes deulhes cargos honrados, fazendo delles toda a estimaçaõ, e servindo-se delles no Paço, abatendo totalmente os Gentios; por onde a conversaõ se veyo a multiplicar tanto. Prohibio-lhes os Pagodes, e todas as ceremonias, festas, casamentos, e mais regozijos, que usavaõ ainda publicamente em Goa.

Este zelo da Fè creava em D.

Conſtãtino aquelles eſpiritos Reais, e Catholicos, com que preferia os aumentos da Religião a todas as conveniencias temporaes. Hum dos que ſe prezavão de grandes Miniſtros, ſe atreveo a lhe dizer em certa occaſiaõ, que o theſouro do Eſtado ficaria mais exhauſto de dinheiro em ſeu tempo, do que no de ſeus anteceſſores; e que quando ſe ouveſſem de carregar as naos para voltarem a Portugal, não haveria, que mandar, ſenão huma liſta de convertidos, tantos em tal dia, e tantos em tal, boa materia para as cartas dos Padres da Companhia, e naõ para referirſe a ElRey. A eſta imprudente advertencia reſpondeo, que as mayores riquezas da India, na eſtimação dos Reys de Portugal, conſiſtião nos aumentos da Fé; e continuou nas ſantas obras do ſeu zelo.

Foy o primeiro que na India levantou Tẽplo ao primeiro Apoſtolo della S. Thomé, o que fez na Cidade de Goa, no que tinhá havido grande falta de deſcuido para com aquelle grande Protector da Chriſtandade Oriental; porq̃ tambem ha Santos no Ceo pouco venturoſos na terra. Com ſer ainda taõ moço, e de prezença airoſa, e galharda, nunca ſe lhe advertio acção eſcandaloſa em ſeus recatados, e honeſtos procedimẽtos, antes era taõ oppoſto ás deſordens da laſcivia, que com largos dotes, à cuſta de ſua fazenda, evitou em muitas dõzellas os eſtragos da mocidade.

Vendo o ſeu trianio quaſi acabado, e que ſedo lhe viria ſucceſſor, mandou fabricar huma náo na Ribeira de Goa, para nella voltar para o Reyno, a que poz nome *Chagas*, pela grande devoçaõ, que tinha às de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto, a qual fez à cuſta do que poupava do ſeu ordenado, ſem oppreſſaõ de pobres, e officiaes, nem ſe valer da fazenda Real: e quando as nãos aſſim ſe fabricão, tem certa nas ſuas viagens a felicidade, q̃ eſta teve; porque álem de trazer ao Reyno com proſpera fortuna a D. Conſtantino, levou depois à India quatro Viſo Reys. Paſſou dezaſſete vezes o Cabo da Boa Eſperança, e durou mais de vinte e ſinco annos, ſervindo por ultimo de Cabrea no Rio de Lisboa.

Chegado o ſucceſſor lhe entregou o governo do Eſtado proſpero, e partio para Cóchim no fim de Outubro deſte anno de 1561. e no mez de Janeiro ſeguinte partio para o Reyno, aonde chegou com taõ bom ſucceſſo, como experimẽtou indo para a India, ſem movimẽtos, nẽ alterações do mar, reſpeitando, ſem duvida, eſte indomito elemento o ſangue Real Portuguez, que lhe corria pelas veas. Não trouxe outras riquezas na ſua nãó; mais que por curioſidade a moſtras de todas as Naçõs da India, e officiaes de todas as Artes, e officios, e dez, ou doze mil cruzados em pedras finas, que naõ quiz trazer na ſua nãó, e as entregou ao 1561.

Meſtre

Meſtre de outra, para com ellas pagar ſuas dividas. E chegando a Lisboa foy mixiricado, que trazia grandes riquezas, e theſouros, e que deixava roubada a India. Pelo que lhe deraõ caça a náo, e levá-raõ a pedraria à Caza da India, onde vendo-ſe a pouquidade, e que enganàraõ a ElRey, mandàraõ, que pagaſſe os Direitos, e levaſſe a ſua pedraria. Ao que D. Conſtantino mandou reſponder; que viſto lhe pedirem Direitos de couſa taõ limitada, devia ElRey ſeu Senhor eſtar neceſſitado, que ſe aſſim era lhe offerecia aquella pedraria, fintindo não ſer mais para a empregar no ſerviço de ſua Alteza. Do que envergonhados os Miniſtros lha mandàraõ entregar. E como todos os bons procedimentos ſempre ſaõ caluniados; porque eſſa he a melhor prova de ſerem bons, naõ faltàraõ malevolos, que álem da calumnia referida lhe quizeraõ deſluſtrar as Acçoens do ſeu governo; mas o tempo moſtrou depois ſer elle o mais feliz, e mais fecundo de excellentes Capitães, que vio a India, e o proprio Rey D. Sebaſtião o confirmou, quando no anno de 1568. mandando por Viſo-Rey della a D. Luis de Ataide, lhe diſſe: *Que governaſſe tambem como D. Conſtantino.* E no anno de 1571. o quiz tornar a mãdar por Viſo-Rey, em quanto viveſſe, dãdolhe hũ grãde Titulo; mas elle ſe eſcuzou por não ter filhos, e eſtimar mais o ſeu repouſo, q̃ quãtas cõveniẽcias havia. Deraõlhe em premio dos ſeus ſerviços a Capitania de Cabo Verde, q̃ arrendou por ſeis centos mil reis cada anno; e porque era trabalho, pedio a ElRey lhe conſignaſſe aquelle rendimento na Villa de Eſtremoz, o que elle lhe concedeo, e nella ſe apozentou com ſua mulher Dona Maria, filha de D. Rodrigo de Mello, Marquez de Ferreira, e de ſua ſegunda mulher Dona Brites de Menezes. E porque não teve filhos della deixou os ſeus bens a D. Conſtantino, filho do Marquez de Ferreira, por ter o ſeu meſmo nome, e ſer ſeu ſobrinho, filho de hũa ſua irmãa. Era ja falecido quãdo ElRey paſſou a Africa a ſegunda vez, em q̃ ſe perdeo a batalha.

CAPITULO XLI.

De como governou a India D. Franciſco Coutinho, Conde do Redondo; e dos notaveis ſucceſſos de ſeu tempo.

POrque hey de reſumir os ſucceſſos da India do tempo do governo do Viſo-Rey D. Franciſco Coutinho, Conde de Redondo; a hum ſò Capitulo, ainda que muita parte delles tocão ao tempo do Regimento do Reyno do Cardeal Infante, o eſcrevo no da Rainha Dona Catharina, por ſer deſpachado por ella, e lhe toca o primeiro anno, de mais q̃ como tudo pertence a ElRey D. Sebaſtiaõ, e tudo vay encorporado na ſua Chronica, pouco

pouco importa, q̃ ſe ponha em hũ ou em outro governo, em q̃ ſenão tira o ſeu a ſeu dono, e parece mais juſto lançarſe neſte lugar.

Vendo a Rainha Dona Catharina, que o tempo do governo de D. Conſtantino ſe hia acabando tratou de lhe mandar ſucceſſor, e elegeo ao dito Conde de Redondo, Regedor, que então era da Caza da ſupplicação. Preparouſelhe huma Armada de ſinco nàos, de que foraõ por Capitães Gonçalo Correa, Manoel Jaques, Franciſco Figeira de Azevedo, e Pedralvres Vogado, e elle na principal, e deuſelhe taõ bom aviamento que partio de Lisboa aos 15. de Março de 1561. 1561. e com bons temporaes chegou a Goa em 7. de Setembro, onde foy bem recebido, e D. Conſtantino lhe entregou o governo do Eſtado. A primeira couſa, em que entendeo o novo Viſo-Rey foy em prender por ordem da Rainha a Gonçalo Falcão, Fidalgo ordinario, e mandalo a Lisboa em ferros para ſer caſtigado, por haver deſafiado atrevidamente a Franciſco Barreto, quando o vio ja ſem o governo; mas elle tendo diſto noticia ſe ſoube occultar, e voltando para o Reyno, nelle eſteve eſcondido atè alcançar perdão delRey D. Sebaſtiaõ, quando ja governava o Reyno. Tambem neſta occaſiaõ mandou a Rainha prender a Jorge de Souſa, por não querer abater a ſua Bandeira à nào de D. Conſtantino, vindo ambos para o Reyno; ſobre que ſe ouveraõ de deſcompor, ſenão cedera D. Jorge, e com tudo a Rainha o mandou deſembarcar em Caſcaes prezo, e levar ao Caſtello de Lisboa, para que ſenão perdeſſe o reſpeito aos Governadores, que tinhão feito as vezes, e repreſentado a peſſoa delRey.

Depois diſto deſpachou o Viſo-Rey alguns Capitães para varias Fortalezas, e para o Reyno ſinco nàos, e a D. Franciſco Maſcarenhas com huma Armada de vinte e tres, embarcaçoens contra o Pirata Cafar Turco, que não obraraõ mais que amparar as náos mercantis da Coſta do Malavar. No principio de Fevereiro de 1562. 1562. enviou o Viſo-Rey com outra Eſquadra a defender do meſmo Pirata ás náos, que vinhaõ de Ormuz a Jorge de Moura. Aviſtàraõ no mar de Caxem huma poderoſa nào de Mouros Achens, e enveſtindo-a Pedro Lopes Rebelo com o ſeu Galeaõ; a atracou pelejando-ſe de parte a parte furioſamente atè que pegando fogo no Galeão, e lançado muito pelos noſſos na do inimigo ſe queimaraõ ambas laſtimoſamente ſalvando-ſe a noſſa gente ſómente no Galeão de Antonio Cabral, que acodio. Partio eſte anno de Lisboa huma Armada de ſeis náos com tres mil homẽs de guerra, e por Capitaõ mór D. Jorge Manoel, e chegou a Goa em Setembro, a tempo que o Viſo-Rey pretendia partir para os ma-

res

res de Calecut, em cujo tempo chegou noticia de que hum famoſo Capitaõ de Cambaya Abexim, chamado Cide Mariaõ accõmetia a Praça de Damão com oito centos cavallos, e mil Infantes. Sahiolhe ao encontro o Governador della Garcia Rodrigues de Tavora com quinhentos de pé, e cento, e oitenta de cavallo, e prezentoulhe batalha. Ao accõmeter levantou hum Religioſo de Saõ Domingos hum Crucifixo, e foy logo morto com alguns dos noſſos. No mayor fervor da peleja acodio o Capitão contrario bradando pelo noſſo, e encontrando-ſe ambos taõ furioſamente que cahiraõ em terra. Eſteve o noſſo arriſcado a ſer degolado pelo contrario; mas ſendo atraveſſado com huma lança por hum Portuguez ficou o Tavora livre, que poſto a cavallo foy dando nos barbaros atè os derrotar, de todo, e pór em fugida, com perda de muitos mortos, e cativos com muitos deſpojos.

No principio de Dezẽbro partio o Viſo-Rey para Calecut com huma eſtrondoſa Armada de cẽto e quarenta navios com quatro mil homens os mais luzidos, e bem tratados, que vio a India, e com grande pompa firmou pazes com o Camorim, com quem ſe aviſtou, e deixou atemorizado, poſto que ſe achava com quarenta mil homens. Acabados os cumprimentos lhe enviou, o Viſo-Rey hum rico prezente, que he o que aquelles barbaros mais eſtimão, e voltou para Cóchim a deſpachar as náos para o Reyno. Os Soldados peſarozos de não lhe offerecer occaſiaõ de deſembainharem as eſpadas contra inimigos, as puxavaõ huns contra outros, e em varias pendencias morreraõ mais de ſincoenta.

A Ilha de Amboyno nas Malucas andava neſte tempo levantada contra Vaſco de Freitas, Capitão de huma Fortaleza, que alli tinha fundado, e uzando de rigoroſos procedimentos, com os naturaes, os provocou contra ſi, e as Armadas da Rainha de Japara em ſeu favor delles. Mataraõ a muitos Chriſtãos, novamente convertidos por S. Franciſco Xavier, e mais Padres da Companhia. Oppoſe-lhe hum, por nome Manoel, homem principal, e deteve a corrente inimiga, até que chegou alli o Capitão Henrique de Sà, q̃ com os ſeus e os noſſos parciaes da terra ſerenou tudo, e proſeguio-ſe a cultura Evangelica.

Em Columbo ſuccedia pior. Madune dezejoſo de deſpojar do Reyno a ſeu irmão Rey de Cota, mandou a Raju, ſeu filho com trinta mil homens ſobre a noſſa Fortaleza, e depois de o por em grande aperto, accommeteo a Cidade de Cota, diſtante quaſi duas legoas. Acudio o Capitão da Fortaleza, Balthazar Guédes de Souſa, e fezlhe brava reſiſtencia. Obráraõ os Portuguezes em huma, e outra parte proezas incriveis, e largamẽ-

te

te tratadas por Couto na ſua ſeptima Decada da India, Livro 10. Mas reduzidos ao ultimo extremo, chegàraõ de ſoccorro D. Diogo de Mello Coutinho, Capitaõ de Manar, e Antonio da Coſta Travaços de Tucotori, com muniçoens, e quatro centos homens, com cuja fama, ſó de que hiaõ, alentou os apertados, e fez retirar os inimigos, com perda de dous mil, e dos noſſos ſómente vinte, entrando tres Religioſos Franciſcanos, que eraõ o alento dos Chriſtãos com ſuas praticas, e oraçoens.

1563. Neſte anno de 1563. mandou para a India o Cardeal, Regente ja do Reyno, a D. Jorge de Souſa com quatro nàos, das quaes huma arribou, e outra ſe perdeo no porto de Goa. Daqui mandou o Viſo-Rey para a guerra de Cananor a D. Franciſco Maſcarenhas com quinze navios, e atrazando-ſe o de que era Capitaõ Jeronymo Dias de Azevedo, em que hiaõ ſòmente quarenta homens de peleja, deu viſta de tres navios de Mouros Malavares, e podendo muito bem deſviarſe delles o naõ quiz fazer, antes inveſtindo-os no primeiro encontro ſaltou dentro de hum delles com eſpada, e rodella Gaſpar Carvalho, Soldado ordinario de prezença horrivel, e carrancudo, e muito feyo; mas de forças, e animo prodigioſo, e eſpedaçando logo a dez barbaros, foy tangendo os mais às cutiladas atè que lhe acudiraõ mais companheiros, mas ſobrevindo contra o noſſo os outros dous navios, e pondo-o em aperto ſe recolheraõ os noſſos, e fizeraõ tão grãde eſtrago nos Mouros, que os deixàraõ atemorizados, e com morte de muitos foraõ navegando, ſem morrer algum dos noſſos; mas foraõ muitos feridos. Queixouſe o Viſo-Rey ao C,amorim, Rey de Calecut de andarem pelo mar alguns Vaſſallos ſeus à pilhagem, cõtra o ajuſte das pazes. Reſpondeo elle. *Que de tal naõ ſabia, que devião de ſer alguns ladrões formigueiros, que ſe os colheſſem, os caſtigaſſem, que elle faria o meſmo.* Naõ contentou ao Viſo-Rey a reposta, e tratou de buſcar occaſiaõ de lhe reſponder pelos meſmos termos. Naõ o vio executado, porque morreo neſte tempo aos 19. de Fevereiro de 1564. cõ dous annos e meyo de governo feliciſſimo, e foy ſepultado no Convento de S. Franciſco de Goa, e depois foraõ ſeus oſſos trasladados á Villa do Redõdo. 1564.

Nota.

Naõ eſtavão ocioſos por todo aquelle Eſtado da Luſitania Oriental em todo eſte tempo os Obreiros da Vinha do Senhor, que até gora eraõ ſós os Religioſos de Saõ Franciſco, Jeſuitas, e Dominicos, Os da Companhia eraõ os unicos Cultores do Japaõ, onde tinhaõ feito notavel fruto na Converſaõ daquella Gentilidade, bautizando, com varios Principes, e Senhores, aos Reys de Bungo, que ſe chamou D. Franciſco, por amor de S. Franciſco

ciſco Xavier, que lhe tinha dado a primeira noticia da Ley de Chriſto, e aquem tinha muita devoçaõ. De Omura D. Bartholomeu: de Arima D. Portaſio: de Toza D. Paulo, e o de Cavàchi; e todos foraõ muito bons Chriſtãos, e virtuoſos, eſpecialmente o de Bungo, que antes de ſer bautizado ja favorecia tanto a Chriſtandade, e os Miſſionarios Padre Coſme de Torres, e ſeus companheiros, que a Rainha Dona Catharina ſe deu por obrigada a eſcreverlhe em nome delRey, ſeu neto, em agradecimento diſto a carta ſeguinte.

Carta del-Rey de Portugal para ElRey de Bungo no Japaõ.

NObre, e honrado Duque de Bungo. Eu D. Sebaſtiaõ por graça de Deos Rey de Portugal, &c. vos faço ſaber, que por Cartas, que os Padres da Companhia de Jeſus, que andaõ neſſas terras do Japaõ, eſcrevem a eſte Reyno, ſoube da muita razão, que ha para eu folgar com voſſa amizade, pelo conſentimento que dais aos naturaes de voſſas terras para ſe fazerem Chriſtãos, e receberem noſſa Santa Fé, e pelo muito favor que ſempre deſtes àcerca diſto aos ditos Padres, e em tudo o que cumprio a ſuas peſſoas, e ſegurança delles nos perigos, trabalhos, e neceſſidades, que ſe lhes offereciaõ, ſoccorrendo-os ſempre com aviſos, conſelho, ajuda, e eſmolas, para ſeu remedio, e ſuſtentaçaõ; de que recebi, e recebo muy grande contentamento, eſpecialmente; porque eſpero, que apoz eſtas boas obras, que ſaõ judicio, e final de noſſo Senhor vos querer dar inteiro, e verdadeiro conhecimento da verdade, e pureza da Ley de Jeſu Chriſto Redemptor noſſo, vos fara merce de vos dar luz, e graça para a receberdes, e elle vos receber nella para ſalvaçaõ de voſſa alma, e de todos voſſos Vaſſallos, que ainda naõ chegaraõ ao conhecimento deſte bem: porque tenho oſperança, que recebendo-a vós, todos elles faraõ o meſmo, e aſſim como vos virem guardar a Fè, e lealdade ao Senhor, e Creador de todo o mundo, naõ dando as creaturas a honra, ſerviço, e veneraçaõ, que a elle, como a Deos de todos ſe deve, vos ſeraõ leaes, e fieis, e eu folgarey ſempre de fazer tudo o que para voſſa peſſoa, e para os voſſos com razaõ me requererdes, e de meus Reynos, e Senhorios vos cumprir. E porque tenho muy grande eſperança, que folgareis de tomar eſta Ley tão ſanta, e verdadeira, eſcrevo ao meu Capitaõ Geral, e Viſo-Rey nas partes da India, que tanto que o ſouber, ou tiver Carta voſſa, ou dos Padres da Companhia de Jeſus, que andaõ em voſſas terras, de como recebeſtes a agua do Santo Bautiſmo, e procuraes ſaber, e guardar o que he neceſſario para voſſa ſalvaçaõ, como de taõ honrada peſſoa eſpero, mo eſcreva, pelo contentamento, que receberey de taõ grande merce de noſſo Senhor, e bem de voſſa alma: e tambem elle tera cuidado de em meu nome fazer tudo, o que com razaõ lhe requererdes, e vos cumprir,

como ſabe que eu dezejo, que ſempre ſe faça a todos os que deixão os enganos, e falſidades gentilicas, por receber a verdade da noſſa Sãta Fè. Nobre, e honrado Duque, noſſo Senhor vos alumee com ſua graça, e com ella vos tenha ſempre em ſua guarda. Eſcrità em Lisboa a 11. de Março de 1562.

Com eſta Carta, que o zelo, e fervor daquelles ſantos Miſſionarios no ſerviço de Deos, e ſalvação das almas, lhe ſaberiaõ muito bem commentar, e com as incançaveis diligencias dos meſmos Padres, ſe reſolveo o dito Rey a bautizarſe, tendo-o jà conſentido a ſeu filho D. Sebaſtiaõ, e às mulheres de hũ, e outro, ſendo todos primeiro muy bem cathequizados por hum Irmaõ da Companhia Japonez, chamado Joaõ, cujos Bautiſmos celebrou o Padre Franciſco Cabral, e o delRey myſterioſamente aconteceo em dia de Santo Agoſtinho; porque aſſim como antigamente ſe teve por difficultoſa a converſaõ daquelle, que veyo a ſer lume da Igreja, aſſim a deſte Rey ſenão tinha por menos, (ainda que favorecia a Ley dos Chriſtãos) pelo ſeu grande entendimento, ſubtileza de juiſo, e ſciencia das ſeitas, e Idolatrias do Japaõ, tanto, que depois que o viraõ convertido, e bautizado, diziaõ os Bonzos, ter enlouquecido, evariado; porque de outra ſorte naõ era poſſivel fazer mudança de crença hum Rey taõ douto. Atribuio-ſe a ſua converſaõ á interceſſaõ do Apoſtolo daquelle Imperio o Santo Xavier, aquem o dito Rey chamava o ſeu grande amigo, e foy-o tanto, que lá à viſta de Deos, onde jà eſtava, lhe negociou o remedio da ſalvaçaõ, como piamente ſe cre. Porèm naõ poſſo entender a razaõ de ſe lhe negar neſta Carta o titulo de Rey, e darſelhe o de Duque, ſendo Monarca de ſinco Reynos, e meyo.

CAPITULO XLII.

Copia de duas Cartas delRey, e do Pontifice para o Arcebiſpo de Goa ſobre a Chriſtãdade da India.

AInda que todo o cuidado dos Reys de Portugal neſtas navegações do Oriente, deſcobrimentos, e Conquiſtas de novas terras, e Regioens barbaras, foy ſó com o deſignio de dilatar a Fè de Jeſu Chriſto, e accreſcentar a Chriſtandade, e dominio, ou obediencia da Igreja Catholica Romana, como eleitos para iſſo pelo meſmo Senhor no Campo de Ourique, com tudo atè mais que meyo reinado de D. João III. poſto que ſenão deſcuidavaõ, não ſe attendia tanto a iſſo, como a ſugeitar as terras, e as vontades, e a introduzir o Comercio, para depois ſe poder ſemear o graõ da Divina palavra com mayor eſperança de fruto, como ſuccedeo do anno de 1542. por diante por meyo dos Religioſos de S. Fran-

Francisco, que desde o principio trabalhavaõ jà nesta vinha do Senhor, como là os Obreiros do Evãgelho; que logo de manhãa foraõ para ella, e dos da Companhia, que no dito anno entraraõ nella, e dos Dominicos, que foraõ seis annos depois; porèm muito mais se applicou o cuidado a esta Sãta Conquista das almas para Deos em tẽpo do nosso Rey D. Sebastiaõ, pelo zelo, e grande piedade, e virtude da Rainha, sua avó, e do Cardeal, seu tio no tempo, que por elle ser menino governaraõ este Reyno; provas disto se tem visto, e se veraõ adiante, e outras muitas estaraõ ja perdidas da memoria das gentes, pelo discurso dos annos, q̃ saõ ja passados; porque a principal cousa, que recomendavão aos Governadores da India, era o cuidado das Conversoens, favor dos convertidos, e ajuda dos Ecclesiasticos, e Missionarios. Resultava destas diligencias numerosos Baptismos, principalmente em Goa, em tempo de Francisco Barreto, e D. Cõstantino de Bragança.

Succedeo que chegado de poucos dias áquella Cidade D. Gaspar, primeiro Arcebispo della, indo em 15. de Dezembro de 1660. ao Collegio de S. Paulo, da Companhia de Jesu, sagrar em Bispo de Nicea ao Padre Belchior Carneiro da mesma Companhia, jantando no mesmo Collegio com o dito Bispo, e os assistentes, que foraõ o Patriarca de Ethiopia, e o Bispo de Malaca, vio de tarde a grande solennidade, com que os Religiosos daquella Caza bautizaraõ na sua Igreja a quatro centas e nove pessoas, e entrou em ciumes, parecẽdolhe tocar aquillo á sua jurisdicçaõ, e q̃ os Padres lha usurpavaõ, e assim, lhes prohibio o uso della, e a administraçaõ de algumas Igrejas, que tinhaõ edificado pela Ilha para remedio da nova Christandade. Obedeceraõ como verdadeiros, humildes; mas como isto era contra o que ElRey ordenava, e redundava em notavel prejuizo, e diminuiçaõ da mesma Christandade; porque o Arcebispo com o seu Clero, não podia, nem punha tanto cuidado, e applicaçaõ a esta santa obra, como convinha, vendo os ditos Religiosos, que isto era obra do Demonio, e compadecidos da grande necessidade, recorreraõ a Roma, e a Portugal, donde emanaraõ as Cartas seguintes para o Arcebispo àcerca da mesma materia.

Carta del-Rey para o Arcebispo de Goa.

REverendo em Christo Padre Arcebispo amigo. Eu ElRey vos envio muito saudar, como aquelle de cujo accrescentamento muito me prazeria. ElRey, meu Senhor, e avó, que Santa gloria haja, vendo a obrigaçaõ, que tem a Coroa destes Reinos, e Senhorios a conversaõ dos in-

fieis deſſas terras da India, e pelo zelo, que Deos noſſo Senhor lhe deu do augmento, e dilataçaõ de noſſa Santa Fé Catholica, teve ſempre muito dezejo, e cuidado de que ella foſſe dilatada, e augmentada nas ditas partes, e para iſto haver effeito, o encomendou, e encarregou ſempre muito aos Viſo-Reys, e Governadores dellas, e alem das lembranças, que lhes dava, ordenou, e proveo para eſte intento algumas couſas particulares por cartas, e proviſoens ſuas, e em quanto ſenaõ executaõ inteiramente, e com toda a deligencia, e cuidado, que a obrigaçaõ, e importancia do negocio pedia, procedeo a converſaõ das ditas partes com muito menos fruto, do que Sua Alteza dezejava, e pretendia. Depois ſabendo eu que no tempo do Governador Franciſco Barreto ſe augmentou muito a Chriſtandade, por elle a favorecer, e fazer cumprir algumas couſas do que aſſim eſtava ordenado, e ordenar outras ao meſmo propoſito, e tendo eu informaçaõ das mais razoens particulares, e impedimentos, porque a gentilidade naõ recebia a noſſa Santa Fé, expecialmente neſſa Ilha de Goa, enas a ella adjacentes, e dezejando tirallas, e prover niſſo, o pratiquey com os do meu Concelho, e com o Viſo-Rey D. Conſtantino, quando o mandey à India, e lhe dey ſobre iſſo algumas lembranças, encomendandolhe muito que neſte negocio pozeſſe toda a força, que elle pedia, e prouve a noſſo Senhor que com a deligencia, e meyos, que o dito D. Conſtantino niſſo poz, receberaõ muitos noſſa Santa Fé, de que eu recebi, e recebo muy grande prazer, e contentamento, e eſpero, que ſe aſſim ſe continuar, em muy breve tempo ſejaõ convertidos muitos povos deſſas partes, que ſerà grande bem, e meyo para o ſoccego de minha conſciencia, e ſegurança, e paz de meus vaſſallos, e á Coroa deſte Reyno poder poſſuir eſſe Eſtado. E porque couſa taõ ſanta, e obrigatoria he muy neceſſaria, e dezejo eu muito que ſeja ſempre, e pro todas as vias favorecida, naõ me pareceo ſobejo fazervos eſta lembrança, e encomendarvolo muito; poſto q̄ confio q̄ da voſſa parte naõ ficarà nada por fazer, do que cumpre, para que eſte meu dezejo haja effeito. E porque eu eſcrevo largo ao Conde de Redondo, meu Viſo-Rey neſſas partes ſobre eſte negocio, e que pratique comvoſco, e com os Padres da Companhia de Jeſu, e outros Religioſos os meyos, q̄ ſe poderaõ tomar mais convenientes para eſta obra proceder com todo o fervor, e efficacia poſſivel naõ ſómente neſſa Ilha de Goa, enas a ella, adjacentes; mas em todas as outras partes deſſe Eſtado, vos encomendo muito que o trateis com elles, e façais ſempre ao dito Viſo-Rey as lembranças, que vos parecerem neceſſarias para o favor, e ajuda, que elle deve dar, para que ſe cumpra inteiramente com a obrigaçaõ, que a Coroa deſtes Reynos, e Senhorios a iſſo tem; e aſſim vos encomendo muito que tenhaes ſempre lembrança de aviſar os Biſpos, e Vigarios, e outras peſſoas, que vos parecer, que devem, e podem ajudar neſta obra, em quaeſquer partes, que eſtiverem, de todas as couſas, que virdes, que para bem

della he neccessario serem avizados, e animeis a todos os Religiosos, que na conversaõ se occupaõ, e empregaõ para que procedaõ sempre com mayor fervor, e devoçaõ neste taõ grande serviço de nosso Senhor, e que a mim mais melembra, e de que mais conta faço, que de todos os outros proveitos dessas partes, e procurareis que senaõ dé occasiaõ aos novamente convertidos, e aos que se espera, que se convertaõ, de enfraquecer, nem aos outros, que parece, que estaõ mais longe de receber nossa Santa Fé, de se confirmarem em seus erros; porque redundaria em grande discredito della, e seria muito de serviço de nosso Senhor, e meu. E receberey muito contentamento de ver cada anno por vossas Cartas, novas do augmento, que nosso Senhor da na conversaõ dessas partes. Escrita em Lisboa a 11. de Março de 1562.

REY.

Era o Arcebispo homẽ de mais que mediana virtude; e posto que o genio mais o levava ao soccego da Magdalena, q̃ aos empregos de Marta, vendo por esta Carta quanto importava o negocio da conversaõ ao bem do Estado, e à cõsciencia del-Rey, e quam decoroso era à sua dignidade patrocinar os Religiosos Missionarios mandou chamar os Padres do Collegio de Saõ Paulo, e confessando-se enganado por homens peitados por gentios, lhes concedeu amplissima faculdade para solennisarem os Bautismos, e com sua bençaõ se afervoraraõ de sorte os Padres, e Irmãos da Companhia de Jesu, que saindo a prégar pelas Aldeas do contorno, se recolheraõ depois de vinte dias com trezentos e vinte nove Catecumenos, que o mesmo Arcebispo bautisou na Igreja do dito Collegio, estando prezente o Viso-Rey, e toda a Nobreza Goanna, com as mesmas festas, e applausos do tempo de D. Constantino. E daqui por diante foy sempre em mayor augmento o numero dos convertidos, principalmente quando o Capitaõ da Cidade D. Lopo Vaz de Sequeira. e o Padre Francisco Rodrigues andáraõ por toda a Ilha de Goa, e pelas adjacentes, lendo aos povos huma Carta, que ElRey escreveo a todos os infieis vassallos da sua Coroa, naqual os convidava ao conhecimento do verdadeiro Deos, e a professarem a Santa Ley de Jesu Christo nosso Redemptor.

Confirmouse mais o Arcebispo D. Gaspar no favor, que dava aos Missionarios, quando no anno seguinte lhe entregàraõ huma Carta do Summo Pontifice Pio IV. que traduzida do Latim em Portuguez dizia assim.

Carta do Summo Pontifice para o Arcebiſpo de Goa.

VEneravel Irmaõ ſaude, e Apoſtolica bençaõ. Entendemos que he muy pequena a copia de Obreiros neſſas partes da India, a reſpeito da grãde abundancia de ſearas. Mas com tanto mayor caridade deveis abraçar, e tanto mais benignamente favorecer aquelles, que o Senhor vos deu por coadjuctores do voſſo officio, quanto mais naõ ſómente proveitoſo, mas ainda neccеſſario ſentis que vos he ſeu trabalho para cumprirdes com a obrigaçaõ do voſſo officio. Tendes varoens Religioſos, que trabalhaõ animoſa, e deligentemente na vinha do Senhor, aſſim de algumas outras Ordens, como tambem da Companhia de Jeſu, cuja induſtria, e deſvelo quam proveitoſo ſeja na Igreja de Deos, alem de o ſabermos pelo teſtemunho das obras, q̃ ahi fazem, cooperãdo a Divina Graça, o experimentamos tambem cada dia neſtas partes Occidentaes. Taõ excellente ſerviço nos faz a nòs, e à Sé Apoſtolica a meſma Companhia por ſua grande, e excellente devoçaõ, e pelo inſigne zelo da virtude, e ſalvaçaõ das Almas. Finalmente pedindo-o aſſim ſeus merecimentos, aſſim como nòs amamos, e queremos que ſeus privilegios concedidos por eſta Santa Sé em toda a parte retenhaõ ſua firmeſa, e inteireſa: aſſim tambem vos exhortamos, e ſe he neceſſario amoeſtamos, e mandamos, que vòs tambem ahi, onde eſtais, a abraſſeis com aquella caridade, que convem, e com voſſa portecçaõ a defendais, e de tal maneira guardeis, e façais guardar ſeus privilegios, que naõ nos chegue queixa de vós, que nos poſſa ſer moleſta. Por tanto de tal maneira day voſſa ajuda, ſocorro, e favor à meſma Companhia para converter muitos gentios, e conſervar na Fé os jà convertidos, que mereçais diante de Deos todo poderoſo ſer participante de taõ grandes merecimentos, e eu tenha motivo de vos dar as devidas graças pelos favores, que lhes fizerdes, conhecendo adevoçaõ, que tendes de propagar a Fé. Dada em Roma em Saõ Pedro de baixo do anel do Peſcador no primeiro de Dezembro de 1562. no terceiro anno do noſſo Pontificado.

Neſta meſma mõçaõ de 1563. chegou ao Conde Viſo-Rey outra Carta do Cardeal D. Henrique Regente, eſcrita em nome del Rey, como ſe fazia a todas as ordens Reays, em 21. de Março, naqual lhe ordenava prohibiſſe a entrada nas noſſas terras aos Judeos brãcos da Turquia, e da Perſia, aos Biſpos ciſmaticos o governo da Chriſtãdade de S. Thomè: deſterraſſe os Bramanes, q̃ naõ foſſẽ Lavradores: naõ cõſentiſſe Medicos gentios, porſerem prejudiciaes aos Portuguezes, e Chriſtãos da terra, que os Bautiſmos ſe celebraſſem como antes, ſe aſſim foſſe mais convenienre ao favor, e dilataçaõ da Fé; e que tudo iſto

iſto ſe fizeſſe por direcçaõ, e conſelho do Arcebiſpo Primás; o qual ſentido de o terem enganado, foy o mais empenhado na execuçaõ de todos eſtes Decretos.

Por eſte tempo foy martirizado hum Menino de Goa, de doze para treze annos, o qual navegando de Cambaya para a dita Cidade com ſeu pay foraõ cativos de Mouros Malavares, o Capitaõ mòr dos quaes o tomou para ſi, a feiçoado à ſua boa parecenſa, para o cazar com huma ſua filha da meſma idade; para o que o começou a hir acariciando para Mouro. O pay amargurado deſte ſucceſſo procurou occaſiaõ de falar ao filho, e o exhortou cõ grande força, e efficacia a perſeverar na Fé, e dar a vida por Jeſu Chriſto antes, que ſer Mouro, que ſenaõ vẽceſſe das caricias, nem dos favores, e regalos, que lhe promittia o barbaro, por mais hũ par de annos, que poderia viver; porq̃ eraõ muito mayores, ſẽ cõparaçaõ alguma, os goſtos, e felicidades da Bemaventurança, que logo hia lograr, ſe morreſe como bom chriſtaõ: o que era tanto pelo contrario obedecendo ao Mouro, que ſe condenava ſem duvida, ou remiſſaõ alguma, as terriveis penas do inferno para ſempre, &c. Com o que fortalecido o ſãto Menino reſiſtio cõ mayor fortaleſa, do q̃ ſeus annos, e forças pediaõ, a cerimonia da circunciſaõ, nem a propria eſpoſa, que era huma Mourinha bem parecida, o pode convencer, e abrandar, ou fazer mudar de parecer, ſendo os carinhos das mulheres as armas mais fortes, que póde haver para conquiſtar, e render os mais fortes peitos humanos; antes a lançou de ſi com deſpreſo. Tal era a Graça Divina, que em ſua alma eſtava! Do que eſcandaliſado, e enfuricido hum Mouro dos preſẽtes, arrancou da catana, e lhe levou de hum golpe huma perna. Cahio o ſanto Martyr em terra, onde o algoz conſegundo golpe lhe ſeparou a cabeça do corpo, e o mãdou para a Gloria a receber o premio da victoria; e ſeu corpo foy lançado no mar. Ficou ſeu pay naõ ſómente livre dos receyos de o ver Mouro; mas muito alegre de ſever com hum filho Martyr de Jeſu Chriſto, e voltando com os companheiros, depois de reſgatados, para Goa, contavaõ todos com grande goſto eſte ſucceſſo. Naõ ſe ſabe de certo o anno, mez, nem dia, em q̃ ſuccedeo, nẽ ainda o nome do ſanto Martyr, e de ſeu pay ficou em lembrança, por deſcuido dos que o tomaraõ em memoria, que ſó atenderaõ ao eſſenſial do ſucceſſo.

CAPITULO XLIII.

Em que ſe dá noticia dos ſucceſſos da Provincia de Santa Cruz, que vulgarmente ſe chama Braſil.

AS couſas da Provincia de Sãta Cruz, que vulgarmente ſe chama Braſil, nome impropriamẽ-

re

te posto por causa do pào vermelho, que aqui se cria, taõ cobiçado, e invejado de todas as Naçoens, estavaõ ainda neste tempo muy tenras. Tinha sido esta nova, e mayor Lusitana descuberta pelo segundo Descubridor da India Pedro Alvres Cabral no anno de 1500. Foy depois costeada, e descubertos os seus portos particularmente por Gonçalo Coelho, e Christovaõ Jaques no principio do Reinado del-Rey D. Joaõ III. o qual a deu a alguns de seus Vassallos para q̃ a povoassem, como fizeraõ com muito trabalho, pelos annos de 1535. mas porque a Bahia de todos os Santos era o principal porto deste novo Estado, e nelle naõ pòde tomar pé seguro o seu Povoador Francisco Pereira Coutinho, por causa da ferosidade dos naturaes da terra, que em fim passado algũ tempo o vieraõ a destruir de todo, a mandou ElRey D. Joaõ povoar, e fundar alli hũa Cidade por sua cõta no anno de 1549. pelo primeiro Governador deste Estado Thomé de Souza, e a constituhio cabeça delle para residencia dos Governadores, e Bispos do dito Estado. Mas no tempo, em que succedeo na Coroa de Portugal, ElRey D. Sebastiaõ ainda estava tudo muy tenro. Aspiravaõ muito os Frãcezes à posse desta nova terra, que lhe naõ pertencia por nenhuma via assim por ser Descubrimento, e Conquista propria nossa, como pela desistencia, que tinhaõ feito os seus Reys quando pelo Papa foraõ convidados para a repartiçaõ de novos Descubrimentos de terras; e assim foraõ algumas vezes contratar alli com os naturaes da terra, sendo sẽpre rechaçados, e expulsos pelos nossos; e ultimamente foraõ fazer assento na enseada do Rio de Janeiro, e a resoluçaõ de virẽ àquelle porto foy esta.

Tivèraõ noticia os Francezes em suas terras de como as gentes dos Tamoyos naturaes daquella paragẽ, muita em numero, e guerreira, depois de haver estado em amizade com os Portuguezes, guardãdo-lhes a fé promettida por algum tempo, vieraõ com tudo a quebralla, irritados de aggravos, que diziaõ ter recebido delles, e q̃ de amigos estavaõ feitos seus contrarios, por causa da ambiçaõ dos nossos, que em fim quanto ganhaõ por seu valor, vem a desacreditar, e perder por causa della: e como era o sitio do Rio taõ accomodado para tirar grandes proveitos das drogas principaes do Brasil, e especialmente do páo vermelho; porq̃ tanto suspiraõ os Estrãgeiros: vẽdo por outra parte a pouca, ou nenhuma resistencia, que podia haver na entrada, pois nem estava presidiada, nem nella havia Portuguez algum, que a deffendesse: cõ esta certeza se animou hum Niculao Villagailhon, nobre Francez Cavalleyro da Ordem Militar de Saõ Joaõ, a fabricar huma Armada de soldados, e vir occupar inopinada-

nadamẽte a dita enſiada; como em effeito fez, ſem haver alguem, que lhe reſiſtiſſe; e jà quando o noſſo Rey começou a reinar tinha aſſẽtado liga com os naturaes da terra, e com palavras brandas, e dadivas liberais, ſe tinha feito ſenhor de ſeus coraçoens, e eſtavaõ unidos em hum corpo cõtra os Portuguezes, e de maõ commua ſe haviaõ fortificado, dando bem cuidado com a ſua vizinhãça à noſſa Capitania de S. Vicente; mas em fim foraõ deſtrohidos os ſeus deſignios, como adiante ſe verà.

Os Padres da Companhia de Jeſus, q̃ tinhaõ paſſado à Conquiſta eſpiritual daquelle novo Mundo com o primeiro Governador delle, indo por ſuperior de todos o Padre Manoel da Nobrega Portuguez, andavaõ neſte tempo eſpalhados por todas as novas povoações acudindo ao remedio das almas de todos, aſſim naturaes da terra, como Portuguezes, catequizando, bautizando, e reduzindo aquelles a viver politicamente cõgregados em povoaçoens; porque habitavaõ nos matos como feras; e doutrinãdo a todos geralmẽte; porèm achavaõ-ſe agora muito deſgoſtados cõ o retrocedimẽto dos povos Temiminòs, aquem a cubiça de alguns Portuguezes fez deſertar outra vez para os ſeus antigos eſcoadrijos, mas ainda lá os naõ deſemparava a caridade daquelles Santos Religioſos.

Quando ElRey D. Joaõ falleceo era Governador deſta Provincia o ſegundo, q̃ ella teve, D. Duarte da Coſta, e dizem que deixou nomeado para terceiro a Mem de Sà, mas naõ tomou poſſe do governo ſenaõ paſſado hũ anno da Regẽcia da Rainha Dona Catharina, no anno de 1558. Era Mem de Sà homẽ de grãde coraçaõ, zelo, e prudẽcia, a cõpanhada de letras, e expiriencia em paz, e guerra. Levava por ſeu Regimento que procuraſſe em ſeu governo pòr todos os meyos poſſiveis trazer à Fé de Chriſto os Indios daquella Provincia: e porq̃ eſte intento tiveſſe melhor effeito ſendo manifeſto a ElRey o animo pio do Governador, que mandava, na Provizaõ de ſeu cargo lhe dava a entender que havia de governar muitos annos, dizendo nella, *que ſerviria alem dos tres annos ordinarios o mais tempo, que ElRey foſſe ſervido*; e deu taõ boa conta de ſi que governou quatorze annos.

A primeira couſa, que fez eſte bom Capitaõ tanto que deſembarcou, foy recolherſe em hum cubiculo dos Padres da Companhia, e tomar alli por oyto dias os Exercicios eſpirituaes de Santo Ignacio, por inſtrucçaõ do Padre Manoel da Nobrega, conſultando com Deos, e cõ o dito Padre os meyos mais ſuaves, com que poderia conſeguir o intento delRey, e o ſeu, q̃ era o mayor bem do Eſtado, e converſaõ daquella gentilidade; e para todas as acções, que depois obrou, ficou daqui animadiſſimo; começando

çando em primeiro lugar por ſua peſſoa, com vida exemplar, que uniformemente obſervou até ſua morte. Relava o Officio Divino todos os dias, e em todos infalivelmente ouvia Miſſa ante manhãa, confeſſava-ſe, e commungava todos os Sabbados, aſſiſtia aos Sermoens; e dava pias advertencias aos Prègadores; era affavel para todos, e taõ inclinado à virtude, que dezejava ſer hum dos Obreiros da Companhia de Jeſu, para ſe empregar todo na converſaõ da gentilidade; mas com os poderes do ſeu cargo obrou mais, que iſſo.

A primeira couſa a que attendeo, foy ao negocio dos Indios. Soubeſque eſtes tinhaõ no tempo de ſeus anteceſſores aſſentado pazes com os Portuguezes, e que naõ obſtante ellas, viviaõ ſem moderaçaõ nos ritos do ſeu Gentiliſmo, matando, e comendo ſeus contrarios; vivendo a modo de feras eſpalhados pelas brenhas, e fazendo guerra huns aos outros; ſeguindo o dictame de ſeu appetitte ſómente, com prejuizo grande dos que jà tinhaõ abraçado a Fé, e de toda a Republica. Conſultou os meyos do remedio, e reſolveo que era neceſſario pòr freyo àquellas demaſias com Leys efficazes; e mandou promulgar as ſeguintes; ſobgraves penas. *Primeira: que nenhum dos noſſos confederados ouſaſſe dalli em diante comer carne humana. Segunda; que naõ fizeſſem guerra, ſenaõ com cauſa juſta, approvada por elle, e os do ſeu Concelho. Terceira; que ſe ajuntaſſem empovoaçoens grandes, emfórma de Republicas levantaſſem nellas Igrejas, a que acudiſſem os que eraõ ja Chriſtãos a cumprir com as obrigaçoens do ſeu eſtado, e os Cathecumenos a Doutrina da Fè, fazendo cazas aos Padres da Companhia de Jeſu, para que reſidiſſem entre elles afim da inſtrucçaõ dos que quizeſſem converterſe.*

Promulgadas eſtas Leys, como o Demonio hia a perder tanto nellas moveo grandes murmuraçoens entre o vulgo; dizendo, que melhor era que ſe mataſſem, e comeſſem huns aos outros; porque aſſim ſe diminuhiaõ, e ſuas forças contra nòs; e que o contrario era conjuntarem-ſe empovoaçoens; e que obrigalos a fazer Igrejas, e cazas aos Padres era violẽtar a liberdade daquella gente; deſgoſtalla, e metellos em ira contra os noſſos, poucos, e mal ſeguros, ſendo elles tãtos; e todas eſtas queixas deſcarregavaõ ſobre o Padre Nobrega como Director das taes ordenaçoens. Acudio elle à defenſa, dizẽdo: *Que os Governadores paſſados tinhaõ feito muito em chegar os gentios ao eſtado prezente, e que ſendo agora confederados, e tributarios ao Rey de Portugal, era obrigaçaõ noſſa obrigallos a differençar ſe das feras, e viver conforme a Ley natural, para aſſim abrir caminho, e porta à Divina, que era o mayor empenho dos noſſos piiſſimos Reys; pois era mais que barbaridade eſtar hum homem*

comendo

comendo a outro homem; e que era genero de impiedade eſtar conſentindo, que por qualquer leve cauſa eſtiveſſem fazendo guerra aos noſſos confederados, que viviaõ confiados em noſſa protecçaõ, e que para os mais inconvenientes tinhamos hum Deos grande, que acudiria pelos ſeus, e por ſua cauſa, e que mais arriſcados ficavaõ ſempre os Padres, pois andavaõ entre elles, que quando ſuccedeſſe alguma couſa do que ſetemia, primeiro havia de deſcarregar a furia dos barbaros ſobre as ſuas cabeças.

O Governador, que era pio, e de grandes eſperanças em Deos, mandou executar as Leys; e com effeito ſe foraõ reduſindo os Gentios a quatro Povoaçoens chamadas *Saõ Paulo, Santiago, Saõ Joaõ, e Eſpirito Santo*; e começàraõ a viver com mais policia; acõmodando-ſe aos novos preceitos, fazendo Igrejas, e admittindo Padres. Havia com tudo hum mais principal entre elles, chamado Cururupebà, que naõ ſó, naõ quiz obedecer às Leys; mas com muita arrogancia dizia, *que havia de matar, e comer a quantos podeſſe, naõ izentando diſſo aos Portuguezes.* Soube o Governador diſto, e para atalhar eſte mao exemplo, e atemorizar a ouſadia dos mais, mandou ſecretamẽte huma noite ſoldados bem armados, que dando de ſubito ſobre as cabanas do ſoberbo, derrotàraõ, e puzeraõ em fugida aos ſeus, ſem poderem aproveitarſe, dos ſeus arcos, e frechas, (armas muy perigoza; de que uſaõ,) e o prendèraõ a elle trazendo-o ao Governador, q̃ o mandou encarcerar.

No meſmo tempo mandou em favor dos Indios; *que foſſem poſtos em ſua liberdade todos aquelles, que contra juſtiça eſtavaõ em ſervidaõ, feitos eſcravos dos Portuguezes*: e na execuçaõ deſta Ley moſtrou finezas em defençaõ dos Indios. Reſiſtio à eſte Decreto hũ poderoſo; pozlhe o Governador a caza em cerco; e ſenaõ deſcedera lha deſtruhia, e a elle. Viaõ os Indios iſto, e ſe confirmavaõ mais ná obediencia de Governador taõ reto, e igual. Succedeo que eſtando a peſcar tres Indios dos congregados nas Aldeas vieraõ outros dos montes, e os mataraõ, e comeraõ. Quizeraõ os Aldeanos vingarſe com as armas; mas o Governador os mandou accommodar, tomãdo o deſaggravo por ſua conta. Mandou aos contrarios que lhe remetteſſem os delinquentes; quizeraõ obedecer; mas elles amotinàraõ a todos de ſorte, que vieraõ arreſponder com arrogancia; *q̃ os foſſem os Portuguezes là buſcar.* Aqui ſe tornou a renovar a deſconfiança dos noſſos, em querellos o Governador meter em precipio com tanta, e taõ barbara gente, por huma taõ leve cauſa. Sẽ embargo deſtas murmuraçõeſ ſahio o animoſo Mem de Sá da Bahia, embarcou à gẽte, que lhe pareceo, deſembarcou nas prayas dos contrarios, convocou os aggravados,

buſcou os aggravantes, que ſe tinhaõ embrenhado dahi muito longe, depois de vinte e quatro horas de muito trabalhoſa marcha de brenhas muito fechadas por caminhos de montes, e vales àſperiſſimos, que hiaõ abrindo à força do ferro, chegàraõ aos barbaros, que eraõ infinitos, entrincheirados em huma grande ſerrania, fazendo medonha algaſarra. Accommetteraõ-nos os noſſos com grãde esforço; mas como eraõ tantos reſiſtiraõ largo tẽpo, atè que obrigados dos noſſos arcabuſes foraõ derrotados, e poſtos em fugida; aos quaes ſeguiraõ os aggravados, fazendo nelles cruel carniçaria. Teve o Governador noticia que hum dos que foraõ mortos no conflicto tinha menos hum braço, que diziaõ cortára para o comer hum dos noſſos confederados: mandou lançar prégaõ, que dentro em tantas horas ſobpena de morte foſſe reſtituido, e ſe cumprio, achando-ſe unido ao corpo. Entaõ gozou dos applauſos da victoria, que tinha mandado ſuſpender; aceitou os vivas, louvou o esforço dos ſoldados, mandou que deſcançaſſem, e tomaſſem refeiçõ.

Màs naõ parou aqui a victoria; quizeraõ acabar por huma vez com aquelles rebeldes, perturbadores da paz da Bahia: foraõ buſcando-os com o meſmo trabalho, dantes, rompendo as brenhas; e foraõ dar cõ hũa notavel multidaõ delles aggregados em hum altiſſimo monte, que parecia tocar nas nuvens, e rodeado de huma grande lagoa; vencida eſta primeira difficuldade, naõ foy menor a da ſubida; porque os montes eraõ alcantilados, e como cortados aprumo de induſtria. Fez o Capitaõ mór huma breve fala aos Portuguezes, e o Padre Antonio Rodrigues (grande lingua Braſilica) outra aos Indios da noſſa cõpanhia. Deu-ſe ſinal de accõmetter à ſombra da Santa Cruz, que levavaõ arvorada; ſubiraõ trepãdo como gatos, pegando-ſe às raizes, e ouvindo as algaſarras dos barbaros, que lhes lãçavaõ muitas pedras pelas ladeiras abaixo. A pezar de tudo foraõ chegãdo os noſſos poucos, aonde ſe travou a mais crua pendẽcia, q̃ naquellas partes vio o ſol: as ſettas o encubriaõ, e o eſtrondo da noſſa arcabuſaria atroava os ares, atè que vendo os inimigos o chaõ cuberto de mortos deſiſtiraõ da ſua teima, e valeraõ-ſe dos pès, e das brenhas; mas nem aſſim eſcapàraõ muitos, e foy a mortandade taõ grande, que naõ teve conto.

Voltou o Governador com os ſeus para a Cidade, e foy nella recebido como homem mandado do Ceo, para honra, deſaggravo, equietaçaõ daquelle Eſtado, e açoute do Gẽtio rebelde. Fizeraõ-ſe publicas acçoens de graças, e viraõ os que foraõ de voto cõtrario, que naõ era de balde a confiança do Governador, e Padre Nobrega, cuja prudencia, e zelo ficou daqui em

em mayor veneraçaõ, e com mais eſpanto quãdo depois de paſſados tres dias appareceo à viſta da Cidade huma embarcaçaõ de Paràguaçu, e fez ſinaes de paz. A Embayxada era, que traziaõ prezos os deliquentes, cauſa de todas aquellas revoltas, para que os caſtigaſſem como lhes pareceſſe, e cõcedeſſem pazes aos que reſtavaõ, que ſe obrigavaõ a guardar dalli em diante as Leys promulgadas, e todas as mais condiçoens, que lhes quiſeſſem impòr; que logo queriaõ unirſe em Aldeas, e admittir Padres, que lhes enſinaſſem a Fé, e fazerlhes Igrejas, e cazas. Dobrou eſte ſuceſſo a geral alegria de todos, particularmente do dito Padre.

Todos eſtes ſuceſſos aconteceraõ no anno de 1558. No anno ſe-
1559. guinte de 1559. chegou àquelle Eſtado hũa nova, e mayor colũna Eccleſiaſtica, muy neceſſaria para a Converſaõ daquella Gentilidade, era D. Pedro Leitaõ, ſegundo Biſpo do Braſil; deſembarcou na Bahia em 9. de Dezembro do dito anno. Eſte Prelado era Clerigo, e foy Sagrado em Lisboa, e enviado pela Rainha Regente, e Cardeal Coadjutor, áquelle Eſtado, para remedio eſpiritual delle. Deu elle boa conta do ſeu cargo, vizitou as Povoaçoens, ajudou a promulgar a Fè, e por ſuas mãos bautizava os convertidos, favorecia os Miſſionarios como ſeus Coadjutores, e fez outras muitas obras mais proprias de Hiſtoria Eccleſiaſtica. Na ſua companhia levou ſete Padres da Companhia de Jeſu, que fizeraõ quarenta, com os que lá eſtavaõ, e todos andavaõ repartidos, e occupados por todas as Aldeas, em Miſſaõ.

CAPITULO XLIV.

Em que ſe continua a meſma materia dos ſuceſſos da Provincia de Santa Cruz, governando-a Mem de Sà.

POr eſte tempo hiaõ dando bẽ que cuidar os Francezes do Rio de Janeiro, porque; ſe haviaõ apoſſado daquelle ſitio deſde o anno de 1556. e cada vez mais ſe apoderavaõ delle, das drogas da terra, e do Comercio dos Indios, os quaes àſſombra das armas de Frãça hiaõ creſcendo em ſuas inſolencias, e diſcorriaõ toda a coſta em danno dos noſſos da Capitania de S. Vicente. Hiaõ cercando, e intrincheirando todo o ſitio, entrandolhe cada dia novos ſoccorros; e eſtavaõ jà fabricando huma Fortaleza jũto da barra, com que ficavaõ inexpugnaveis. Porèm o que mais cuidado deu foy fugirem a Villagailhon, que era Catholico Romano, quatro ſoldados hereges Calveniſtas, por elle os querer caſtigar por ſeus delitos; e foraõ para a dita Capitania de Saõ Vicente, e hũ delles, homem douto, chamado Joaõ Bo-

lés, verſado na Eſcritura torſida ao modo de ſuà ſeita, ſemeou os ſeus erros entre os ſimplices Chriſtãos. Acudio o Padre Luiz da Gram, e naõ ſó o convenceo; mas fez que foſſe prezo por ordem do Biſpo para a Bahia, com dous cõpanheiros, convertendo-ſe o outro, que ficou alli vivendo com moſtras de Chriſtaõ atè morte; e o dito Bolès foy depois juſtiçado no Rio de Janeiro no anno de 1567. por mãdado do dito Governador, e teve a fortuna de morrer reconciliado com a Igreja Catholica por diligẽcia do Santo Padre Anchieta.

Ainda neſte tempo ſenaõ fazia tãto caſo das couſas do Braſil, como da India, de que ſe eſperavaõ mayores conveniencias, e por iſſo ainda que em Portugal ſe ſabia da reſidencia dos Francezes naquelle porto naõ dava iſſo muito cuidado, parecendo ſeria contrato, que ſe lhe poderia vir a prohibir com facilidade; mas creſcendo a noticia de quãnto ſe hiaõ apoderando, e firmando na terra com Fortalezas, creſcẽdo tãbem o poder, e numero dos Indios Tamoyos, ſeus confederados, e ſoccorros, que lhe hiaõ de França, e de como alli ſe aproveitavaõ, e enriqueciaõ das drogas, e do pào Braſil, e outras muitas, q̃ para elles eraõ de grande valor, e a nòs de danno: e que ſegundo os Tamoyos ſolicitavaõ as outras naçoens circunveſinhas, e crecia o numero dos ſoldados Francezes, ſe podia temer que accometeſſem mayores emprezas, movendo dalli guerra às mais parres da Coſta. As quaes razoens conſideradas no Cõcelho de Guerra, e communicadas à Rainha Regente, mãdou ao Braſil huma Armada ao Governador Mem de Sá para que com ella, e as mais forças do Eſtado os foſſe lãçar fóra do Rio de Janeiro deſafrontãdo o nome Portuguez.

Chegada a Armada no anno de 1560. ao Governador, que nenhũa outra couſa mais deſejava, do que era a liberdade do Eſtado, que lhe fora entregue, poz em Concelho a fórma da execuçaõ da ordem da Rainha, e naõ faltáraõ pareceres de q̃ não convinha com taõ pouco poder accometter inimigo tão fortificado: q̃ ſe devia dilatar o effeito até melhor occaſiaõ, em que houveſſe cabedal ſeguro: que menos mal era ſofrer o aggravo por algũ tempo mais, que a ignominia de ſer rebatidos, que era jà a potencia do Francez de conſideração, o ſitio quaſi inexpugnavel, os auxiliares quaſi infinitos: que as nàos, baſtimentos, e apreſtos de guerra entravaõ cada dia de França, e naõ ſe gaſtavaõ. Por outra parte, que as noſſas nàos para taõ grãde empreza eraõ poucas, e a ſoldadeſca de conta não podia ſer muita, nem demaſiados os apreſtos de guerra. Eſtas eraõ as razoens encontrario. 1560.

Porém o Governador prudẽte, e Chriſtão, depois de conſultar o caſo com Deos, e com o Padre Nobrega, de cuja virtude tinha

grande

grande conceito, que lhe perſuadia a empreza, e quaſi a ſegurava a victoria; e vendo que quanto mais ſe difficultava, engroſſando o tẽpo as forças, e a paciencia dos noſſos o animo aos inimigos, e que viriaõ depois não ſó a deffenderſe com mais facilidade; mas tãbem a offender aos diſcuidados, e ganhar outras Praças, com mayor ignominia do nome Portuguez: reſolveo-ſe a accometellos com o pouco poder, com que ſe achava; apreſtou a Armada, que conſtava de dez navios, duas nàos de guerra principaes, e oyto ordinarias, com algũs barcos da coſta, e nelles o numero, que pòde de ſoldados Portuguezes, e alguns Indios; com o que ſe fez na volta do Rio de Janeiro, levando conſigo o ſeu fiel Concelheiro Padre Nobrega, e chegando com bom ſuceſſo a embocar a barra de noite foraõ ſentidos das Centinellas Francezas, e obrigados a lançar ferro fóra. Os Francezes ſe preparàraõ, e deixãdo todos as ſuas nàos ſe recolhéraõ à Fortaleza, cõ mais oyto cento: Tamoyos frecheiros; porque aſſim com amultidaõ de gente, como das armas reſiſtiſſem melhor ao noſſo poder. Daqui partio o Padre Nobrega para São Vicẽte por cauſa de ſeus achaques, e lá ſolicitou hum bom ſoccorro de canoas, e hum fermoſo berganti de guerra.

Com eſte bom perſagio mãdou o Governador entrar, apeſar de toda a força, que reſiſtia, e metidas as embarcaçoens dẽtro da enſeada, ſe foy preparando para a commetter a Fortaleza principal da Ilha, q̃ chamaõ: *Villa gailhon*, nome, q̃ tomou do fundador, aqual parecia inexpugnavel; porq̃ tudo o q̃ he Ilha era Fortaleza, e tudo o q̃ era Fortaleza, Ilha, e toda (excepto hum pequeno porto depraya) era cercada de penedia braba, onde bate o mar, couſa de cẽ braças de comprido, e ſincoenta de largo, em cujas duas ultimas põtas levantou a natureza dous cabeços talhados ao mar, e no meyo de ambos hũ ſingular penedo, como de quatro braças em alto, e leis em contorno. Da circũferẽcia dos reciſes, e penedia delles tinhaõ feito de ſenſavel muralha: dos dous cabeços compouco artificio, duas juntamente naturaes, e artificiaes Fortalezas: e do penedo hũ pouco mais cavado ao picaõ, caixa de polvora ſegura, e conſtante contra toda a artelharia. Horror cauſou viſto de perto o que ao longe parecia mais facil.

Soube porèm o valor Portuguez, huma vez empenhado, diſſimular o medo. Accometteo a todo orriſco, e em breue conflicto ganhàraõ terra, primeiro de grão de victoria: e aſſeſtando nella groſſa artelharia, foraõ batendo fortemẽmente por dous dias, e noites continuas as principaes partes da força: porèm de balde; porque era viva rocha a penedia, accommodada ſómente por arte a poder de ferro, e nã o era poſſivel ſer rendida

por

por esta via. Descurçoados os nossos tratavaõ de retirar-se por estarẽ muitos feridos, e faltos de munições. Porèm o Ceo lhes inspirou hum novo artificio, favorecẽdo-os às claras; porque a força, que póde resistir ao pelouro Portuguez, não pòde resistir ao seu braço: levado este do brio natural, feitos em hum corpo, arremetteraõ ao cabeço principal, que olha para a barra, chamado das Palmeiras, e o entràraõ com morte de muitos inimigos. Com este bom sucesso animados accometèraõ ao penedo, que servia de almasem de polvora, com tal valor, que de semparado dos seus foy ganhado, e juntamente com elle perdido de todo o animo dos Francezes, e Indios, que fiados no segredo, e seguro da noite se foraõ despenhando pouco, a pouco das muralhas abaixo, e embarcados em bateis, e canoas, se acolhéraõ, parte às nãos, parte às suas brenhas, deixando nas mãos dos Portuguezes, com a Fortaleza, e apressos della de guerra, huma das insignes victorias daquelles tempos; pela defficuldade da empresa. No dia seguinte fez o Governador acçaõ de Graças a Deos nosso Senhor por taõ grande mercè, celebrando hum dos Padres da Companhia a primeira Missa, que vio aquella Ilha.

Consultouse se se devia conservar aquella força, e resolvendo-se q̃ naõ, por não dividir as do Estado, que eraõ ainda poucas para taõ grande màquina, conduziraõ às nãos a artelharia, que os Francezes de samparàraõ em grande quantidade, e os mais despojos da dita Fortaleza, e puzèraõ por terra tudo, o que era artificial, e podia servir de reparo. Sucedèraõ aqui cousas notaveis, q̃ deixo por abreviar. Adaõ Gonçalves, soldado antigo, morador em São Vicente foy hum dos mais esforçados Capitaens da empreza, e dos principaes authores da victoria; indo depois à Bahia procurar Certidoens dos seus serviços para requerer a ElRey o premio delles, o tocou Deos de sua graça, e trocando o requerimento, entrou na Companhia de Jesus, onde viveo, e morreo virtuosamente. O Capitaõ dos Indios, q̃ foraõ a esta guerra, que depois de bautizado se chamou Martim Affonso, obrou milagres de esforço; dizem que no mayor conflicto do penedo, elle fora o que lhe poz o fogo, e fizera desmayar os contrarios; por onde mereceo ser muito louvado, e favorecido pelo Governador, e premiado del-Rey com o Habito de Christo, e tença, que depois gozàraõ tambem alguns seus descendentes. Dalli partio o Governador com a Armada para S. Vicente a proverse de mantimento jà no fim de Março, e depois se recolheo à Bahia.

Por este tempo houve nas Capitanias dos Ilhéos, e Porto seguro grandes perturbaçoens nascidas de assaltos continuos da naçaõ Aymorè,

moré, que tudo à temorizava. He esta casta de Indios Aymorés a mais brutal, e deshumana de todo o Brasil: descende dos Tapuyas antigos: porèm por occasiaõ de guerras, que houve entre elles, succedeo que certos bandos menos poderosos, fugindo a seus inimigos se recolhèraõ ao interior do Sertaõ a lugares fragosos, e montanhas estereis, onde naõ podessem ser achados: e como alli viviaõ separados do comercio de toda a mais gẽte, por discurso de tempo vieraõ seus filhos, e netos a perder a noticia da linguagem propria, e formàraõ outra, que de nenhuma outra naçaõ era entendida, féa gutural, arrancada do peito. He gente agigantada, robusta, e forçosa: naõ tem cabello em todo o corpo, mais que o da cabeça; todos os mais arrancão.

Usaõ de arcos demasiadamente grandes: saõ taõ destros frecheiros, que nem huma mosca lhes escapa: ligeirissimos, grandes corredores: naõ vivem em cazas, ou Aldeas, nem alguem lhes achou jà mais morada: pelos matos, e campos andaõ à maneira de feras, de todo nùs, homens, e mulheres: dormem na terra, e escaçamente lhes servẽ algumas folhas de colchaõ. Acoutaõ-se das chuvas ao pé de qualquer arvore, ou ramo. Naõ trataõ de rossas (assim chamaõ là às fazendas, ou quintas,) ou sementeiras: sustentaõ-se de frutas agrestes, e caça de feras, e aves, que parecem obedecem aos seus arcos; e esta comem crua, ou quando muito mal assada, machos, e femeas andaõ tosquiados, e tẽ suas navalhas para este effeito, feitas de certa especia de cana, que quasi igualaõ as de aço. Igualmente andaõ à caça de feras, e da gente, e he para elles a carne desta o mais saboroso bocado. Accometem sempre à traiçaõ, nunca em descuberto, e por isso poucos em numero accomettem a muitos, porque naõ trataõ de defender o campo; mas naõ fazendo a sua logo fogem cada hum para seu cabo: sem lealdade, ou policia de huns para outros, nem ainda depays para filhos, ou estes para com aquelles. 1560.

Estes Aymorés pois salvagens, e agrestes, por estes tempos começàraõ a descer de suas terras, em que viviaõ havia tantos annos: e guiados das correntes dos rios, vinhão a poz elles sahir ao mar, e davaõ assaltos em tudo, o q̃ achavaõ, matando, e assolando os escravos, e fazendas dos moradores, e ainda muitos dos senhores nas Villas dos Ilhèos, e Porto seguro, com confusaõ geral, e muy especial das Aldéas dos Indios dos Padres da Cõpanhia, que nem podiaõ defẽdersse, nem ter o soccego necessario para tratar de sua conversaõ. Chegou à Bahia a queixa desta oppressaõ tão grande; compadeceo-se o Governador, e tomando conselho, especialmente com o seu Padre espiritual Nobrega. Resol-

veo-se

veo-se q̃ fosse o mesmo Governador em pessoa a castigar a insolẽcia daquelles barbaros por hõra de Deos, do nome das Armas de Portugal, e remedio daquelles pobres Fieis.

Ajuntou navios ligeiros; escolheo soldados de satisfaçaõ, e algũs Indios das Aldèas, e desembarcou embreve tẽpo no porto dos Ilhèos. Informouse dos moradores, e soube que os deliquentes estavaõ retirados da hi longe a huns lugares occultos muy fragosos, onde se davaõ por seguros, e donde vinhaõ fazer seus assaltos. Naõ houve demora, tomada guia poz-se a caminho o Governador com toda a sua gente, e vencidas grandes difficuldades, especialmente a de huma inacceſſivel lagoa, deu de subito sobre os barbaros, e os derrotou, e poz fogo às suas brenhas, que ardèraõ por espaço de muitas legoas, e tornàraõ a noite claro dia. Jà se vinhaõ retirando depois de tomado algum descanço, quando junto das prayas vem que os estavaõ esperando toda a multidaõ dos que escapàraõ, bramindo como Leões. Prevenio o Sá, como Capitaõ àstuto o remedio, deixou hũa emboscada a traz, e ordenou que os mais apressassem o passo fingindo que fugiaõ medrosos. Tanto que elles abalàraõ sobre os nossos, deulhe a emboscada nas costas, e os dediante voltàraõ caras a elles, e os jarretàraõ com os arcabuses, e espadas, ficandolhes sómente o refugio do mar, onde se afogaraõ muitos. Com estas victorias entrou o Capitaõ Sá na Villa dos Ilhèos, foy direito á Igreja de Nossa Senhora, onde fez publicas acçoens de Graças a Deos Nosso Senhor, e foy levado de todo o povo como em triunfo, por Libertador de suas terras, e vingador de seus aggravos.

Naõ tinhaõ passado muitos dias, estando tudo em paz, e a Villa occupada em representaçoens de alegria, quãdo vem as prayas coalhadas dos mesmos, e outros barbaros dos bosques, convocados por elles, todos em som de guerra, ferindo os ares com estrondo, apostados a matar, e comer a todos os nossos, e levarem o Governador prezo. Naõ se atemorisou elle com tanto poder dos barbaros, antes dizia, que vinhaõ alli entregar-se ao cutello juntas as reliquias daquelles, que com taõ excessivo trabalho naõ pudera alcançar; que queria o Ceo de hum golpe extinguir naçaõ taõ preversa, e aliviar de huma vez aquelle povo. Sahiolhes ao encontro com o Estandarte da Santa Cruz, como costumava, hindo no seu Cavallo armado. Ficàraõ os barbaros atonitos; porque nunca tinhaõ visto tal modo de pelejar, e atemorizados se começàraõ a desordenar, e a sentir o furor das nossas armas, usando elles das suas frechas muy bem em nosso danno, e fariaõ a victoria duvidosa senaõ acudira o nosso Capitaõ a animar fortemente os seus soldados, que encarniçados encheraõ as prayas

de

de corpos mortos, e tingiraõ o mar com sangue dos barbaros: fugiraõ, os que puderaõ escapar, e pouco depois pediraõ pazes, que se lhes concederaõ com as condiçoens das primeiras.

Primeira. Que naõ comeriaõ carne humana, nem fariaõ guerra algũa aos outros Brasis sem aprovaçaõ do Governador. Segunda Que se juntariaõ em Aldèas grandes, onde vivessem com modo politico, levantassem Igrejas, e cazas aos Padres da Companhia, que viviriaõ entre elles, e ensinariaõ a Doutrina da Fé aos que se quisessem converter. Os que naõ quizeraõ aceitar metèraõ-se pelo sertaõ dẽtro dahi mais de sessenta legoas. Com dobradas victorias, multiplicadas alegrias, e segurança daquelles povos voltou o Governador para a Bahia. Continuavaõ-se as povoaçoens, e augmentavasse cada vez mais o fruto da Cõversaõ dos Gentios por meyo dos Padres da Companhia.

CAPITULO XLV.

Discripçaõ desta Capitania, sua Costa, e sertaõ.

TEm seu principio esta Capitania dos Ilhèos da Ilha de Tinharê, onze, ou doze legos da Bahia para a parte do Sul, e vay correndo deste lugar ao mesmo rumo; sincoenta legoas por costa atè dar fim no porto do rio de Santa Cruz, tres legos da Villa de Porto seguro. He terra fertil, amena regadia, e de muita riqueza de canaviaes, de pàos preciosos, Brasis, jacarandàs saçafràs, e outros, e de todo o genero de mantimentos Brasilicos. He retalhada, de grandes, e caudelosos rios a saber: o rio do Camamù, distante seis legos de Tinharé em altura de quatorze gràos, que he hum dos mais principaes de povoaçoens, e comercios. A barra he facil, e espaçosa em fórma de duas, por causa da Ilha chamada Quiepè, entraõ por ella grandes naos. Da barra para dentro ha huma fermosa Bahia, onde se recolhem muitas ribeiras de agoa doçe. Corre muito do interior da terra, ainda que naõ he navegavel mais que até sete legoas por causa de huma cachoeira. Deste a seis legoas corre o rio das contas, com huma Ilheta na entrada, he capaz de nàos ordinarias, e navegavel até oyto legoas: está em quatorze gràos, e hum quarto.

Ha grandes, e fermosos arvoredos por junto destes rios, em cujo abonno he celebre aquelle espantoso Cedro, que descco por este a baixo, e saindo pela barra fora se achou lãçado na praya de taõ crecido trõco, e envelhecidos braços, q̃ deu só elle toda a madeira necessaria para a fabrica da Igreja da S. Misericordia, que fizeraõ os moradores da Villa dos Ilhèos, sem que algũ outro pào entrasse nella: naõ chegaõ aqui os Cedros, taõ celebrados do monte Libano, de q̃ se

aproveitou Salamaõ para a fabrica do Templo de Jeruſalèm! Deſte a ſeis legoas corre o rio de Taygpe muito caudeloſo, que tem ſeu naſcimento em huma fermoſa alagoa, em que ha duas Ilhas cheas de grande arvoredo: ſegueſſe o rio de Saõ Jorge, que faz a barra dos Ilhèos: a diante deſte ſe ſegue o de Curuigpe de menos conta, e deſte a doze legoas o de Pàtipe fecundiſſimo de matas do eſtimadiſſimo pào Braſil. Junto deſte em diſtancia duas legoas corre o rio grande em quinze gràos, e meyo de altura, tem bom ſurgidouro de navios pequenos, he navegavel por oyto legoas, de grandes peſcarias, e muitos arvoredos. Entraõ nelle pelo ſertaõ muitos rios, e lagoas, que fazẽ ſeu bojo dillatado: achaõ-ſe nelle mais de vinte Ilhas habitaveis; e eſte he aquelle rio, que guia a grãdes conveniencias, e Minas do ſertaõ; pelo qual abaixo deſcèraõ em canoas de caſcas de arvores muitos dos cõpanheiros de Antonio Dias Adorno, que ſubindo pelo rio das caravellas aſſima, deſentranhara eſtes ſertoens, e deſcubrira eſmeraldas, ſafiras, e outros Minerais.

Ha outros rios jà hoje muy conhecidos, eſpecialmente, o de Santo Antonio, doqual a Santa Cruz correm duas lagoas, e he o rio, em cujo porto entràraõ as náos da India de Pedro Alveres Cabral quãdo deſcubrio eſte novo Mundo, o qual eſtà em altura de dezaſeis gràos, e meyo. Deſta Capitania fez ElRey D. Joaõ III. merce a Jorge de Figueiredo Correa; Eſcrivaõ de ſua Fazenda; oqual a mandou em ſeu lugar povoar por Frãciſco Romeiro, Cavalleiro Caſtelhano, com huma Frota provida de apreſtos, e moradores, tudo à ſua cuſta; aqual dezembarcou no porto do Tinharè, e comeſſou a povoar o morro de Saõ Paulo, doqual deſcontentes ſe paſſáraõ para junto do rio dos Ilhèos, chamado aſſim por cauſa de tres Ilhetas, q̃ tem junto da barra, donde naõ ſó a Villa, mas toda a Capitania tomou o nome. Aqui ſe fortificàraõ, e aſſentàraõ a Villa, que intitulláraõ Saõ Jorge, e em liſonja do Senhor da terra, onde pelo tempo adiante ſuſtentàraõ grandes guerras contra o gentio ſalvagem Tupanaquì atè que por tempos fizeraõ pazes, e os trataraõ de ſorte, que elles meſmos lhe foraõ de grãde utillidade para que a Capitania foſſe em crecimento. Abrio o Capitaõ comercio com homens ricos de Portugal, e fabricou quantidade de engenhos de açucar, com que embreve tempo em nobreſceo a terra.

CAPITULO XLVI.

Proſegueſſe a materia dos meſmos ſuceſſos, particularmente dos da Capitania de S. Vicente.

POr eſte tempo andava a Capitania de Saõ Vicente muy revolta com os continuos aſſaltos, que

que faziaõ por todas aquellas terras os Tamoyos, inimigos dos Portuguezes desde o tempo da entrada dos Francezes no Rio de Janeiro. Andavaõ à caça da nossa gente, como das feras, para pasto da gula, e juntamẽte da vingança. Accommetiaõ repentinamente, ora das serras aos que viviaõ no sertaõ de Piràtininga, ora das canoas aos que viviaõ junto do mar; e naõ se dava alguem por livre dos seus arcos, e dentes. Entre tantas angustias o santo velho Nobrega era o alivio de todos por si, e por seus subditos, avizando-os ser aquillo castigo de culpas, e falta de observancia da Ley, que se arrependessem, e fizessem penitencia, estando sempre aparelhados com a consciencia limpa. Mas como Deos costuma sempre tirar dos grandes trabalhos dos homens algum fruto, tirou agora destes, dous muy dignos de memoria, por taõ exemplares. Dos que cativavaõ estes a larves naõ só se aproveitavão para comer; mas usavaõ das mulheres muy depravadamente com lascivia. Entre as que se temiaõ de ser cativas havia huma viuva mistiça de bom viver, aqual disse hum dia a suas amigas: *Os contrarios Tamoyos mehaõ de cativar; porèm eu naõ me hey de deixar levar viva; porque me naõ tenhaõ por mãceba como as de mais.* Com esta resolução se foy confessar, e commungar, e pouco depois succedeo o que tinha profetizado, e morreo às facadas por defensa da castidade.

Outra muito fermosa, tambem mistiça cazada, vindo hum Domingo de commungar disse: *Os Tamoyos me haõ de levar em suas canoas, e eu passarey bradando por tal parte,* (nomeando-a,) *e ninguem me acudirà.* Tudo assim aconteceo, e o que a cativou a deu a seu pay para sua mãceba; mas elle nunca a pode dobrar da sua constãcia, nem cõ carinhos, nem forças. Hia prehe, e depois de parir, tẽdo sofrido grãdes trabalhos, lhe matou o barbaro o filho, e o assou, e comeo à sua vista, e a ella fez o mesmo, morrẽdo despedaçada por guarda de sua limpeza, para exemplo, e confusaõ das que lá vivem hoje tão deshonestamente. Entre tantos assaltos dos contrarios fizerão tambem os nossos Indios hum contra elles, e tomàrão hum seu principal Capitaõ, que tinha morto, e comido a muitos dos nossos; os quaes por mayor vingança não só o espostejáraõ; mas tambem o comeraõ occultamente, de que foraõ muy reprehendidos dos Padres por aquella acção gentilica. Alèm destes trabalhos, sobrevierão outros de muy gravissimas doenças, que derão bem trabalho aos ditos Padres da Companhia.

Entrou o anno de 1562. e nelle continuàvão ainda as revoltas de S. Vicente, e hiaõ cada vez ameaçando mayor ruina; porque os Indios inimigos, com o exercicio se achavão mais dêstros, com as prezas da 1562.

carne humana mais encarniçados, e com a induſtria da gente Franceza, que ficàra no Rio de Janeiro, mais ſoberbos: não pretendiaõ jà aſſaltos ſómente; mas acabar, e conſumir de todo os Portuguezes, e lançallos por huma vez fóra de ſeus diſtrictos. Ajuntava-ſe a todos eſtes males o infeliz ſucceſſo, que de proximo tinhaõ havido os noſſos; porque accommetendo aos Tamoyos cõ o mayor poder, q̃ poſſuhiaõ, por juſtos juizos de Deos, ou caſtigo de culpas, forão delles vencidos, e desbaratados. E como nunca vem hum mal ſó ſucedeo tambem rebelarem-ſe contra nòs os Indios Tupìs do ſertaõ, e deraõ de ſubito ſobre a Villa de Piràtininga para a deſtruhirem; mas ſendo os noſſos avizados por hum delles, que Deos moveo a vir dizello occultamente em ſinco de Julho do dito anno. Ficàraõ todos a temoriſados pelo pouco poder, com que ſe achavão para reſiſtir ao taõ formidavel dos levantados; porèm animados por dez Padres da Companhia, que alli ſe achavão, convocando-ſe a todos os amigos das Aldeas veſinhas, a quem Deos movia os coraçoens em noſſo favor, poderão os noſſos muy bem reſiſtir aos inimigos.

Hum dos que obrou mayores finezas em noſſa ajuda foy aquelle famoſo Indio chamado Martim Affonſo, e antes Tebyreçâ, que era o mais principal de Piràtininga, oqual convocou a todos os ſeus ſubditos de tres Aldeas ſuas, e deſamparou as ſuas granjas, e em quãto os inimigos não chegàraõ não ceſſou de admoeſtar os ſeus, e animalos à peleja, e defenſaõ da Fé, e Doutrina Chriſtãa, e daquelles, que lha enſinarão. E ſuccedeo que veyo hum ſeu ſobrinho da parte contraria, Capitão muy esforçado, filho de ſeu irmaõ Araray g, a perſuadillo que deixaſſe a parte, que ſeguia pelo perigo, a que ſe expunha. Zombou diſſo o valeroſo Affonſo, reſpondeo, que confiava em Deos vencello, e matallo, por honra da Fé, e defenſaõ da Igreja Santa, cuja Bandeira arvorou logo, armando-ſe como coſtumava.

Eſtando as couſas neſtes termos, recolhidas as mulheres, e meninos dos Portuguezes, e Indios na Igreja por lugar mais forte, e para que alli rogaſſem a Deos pelo bom ſucceſſo do cõflicto, ao romper da manhãa de nove do dito mez daõ os inimigos de improviſo ſobre a dita Villa de Piràtininga, com taõ grande eſtrondo de gritos, e aſſovios, bater de pés, e arcos (como coſtumão) que parecia ſe vinha o Mundo a baixo, e ſe arruinavaõ os montes veſinhos. Todos elles pintados, e empennados, jactancioſos, prometendo-ſe a vitoria, deixando nas coſtas grande canalha de velhas, carregadas de panellas, e azados, em que diſiaõ haviaõ de cozer a carne dos cativos, ſegundo as leys de ſeus barbaros coſtumes. Porèm traçou o Ceo o negocio ao con-

contrario; porque os noſſos os ſahiraõ a receber com brio, e eſtorço, não menor, com Bandeiras da Igreja de Deos, pela qual pugnavão. Enveſtiraõ-ſe huns aos outros, e era couſa notavel ver aqui pelejar os pays contra os filhos, e eſtes contra aquelles, e todos os parentes huns contra os outros às frechadas.

Foraõ varios os ſuceſſos da batalha: atè que por fim cançados, e desbaratados ſe retiràrão os contrarios com morte de muitos, e muitos mais feridos, e foy couſa milagroſa não morrer, nem hum ſó dos noſſos, ainda que ficàraõ muitos frechados, aos quaes ſe acudio logo com curas. O que mais fez deſanimar aos inimigos foy a morte do ſobrinho de Martim Affonſo, que ſe chamava por ſua valentia *Jagoanharò*, que quer dizer *Caõ brabo*. Eſte com a ſua companhia, q̃ capitaniava, a commetteo a Igreja, cativo da rica preza das mulheres, que alli eſtavão; mas teve tal ventura que lhe ſahio ao encontro huma ſetta deſpedida de hum eſcravo, que o derrebou morto. Fugiraõ os ſeus, e deſanimaraõ-ſe todos os mais, e aſſim ao outro dia deixãdo todos os orredores pizados, e deſtruidos, ſe foraõ com a mà vẽtura, hindolhes os noſſos picãdo as coſtas. Celebrou-ſe eſta vitoria com acçaõ de graças a Deos noſſo Senhor, confirmaraõ-ſe os Indios na Fè, e muitos outros ſe convertèraõ por eſte meyo, tirando Deos mayores bens do que tinhaõ ſido os males, e trabalhos paſſados.

Porém eſtes grandes goſtos, e alegria geral de toda aquella Capitania agoou a morte do grande Martim Affonſo Tebyrecà, que ſuccedeo em dia de Natal do meſmo anno, aqual foy muy ſentida, de todos, e com razaõ; porque era grande Chriſtaõ, e columna forte daquella, ainda tenra Chriſtandade, e Capitaõ muy esforçado. Vendo-ſe doente conheceo ſua morte, mandou chamar hum dos Padres da Companhia de Jeſu, confeſſou-ſe com elle, e praticou largamente em couſas de Deos, moſtrando a viveſa da Fè Catholica, e amor do meſmo Senhor, que tinha em ſeu coraçaõ; fez ſeu Teſtamento, e em commendou muito a ſua mulher a perſeverança na Religiaõ Chriſtaã, e Doutrina dos Padres, e recebidos todos os Sacramẽtos daquella hora, com hum Crucifixo nas mãos, eſpirou com moſtras muito claras de ſua ſalvaçaõ; e acompanhado de todos foy levado a ſepultar à Igreja dos ditos Padres, a quẽ elle tinha feito grandes beneficios, admitindo-os em ſuas terras, ajudãdo a fundar Igreja, e cazas para ſua vivenda; fez com que foſſem obedecidos, e reſpeitados; deu traças ao ſeu ſuſtento corporal. Finalmente, Deos o tomou por inſtrumento da conſervaçaõ da Fè, e dos Portuguezes naquella parte; porque ſenaõ fora elle ſe perdia tudo.

No

No meſmo tempo, que as couſas hiaõ com eſte bom roſto no ſertaõ de Piràtininga com os Tupys, andava o maritimo em perpetua lida, com os Tamoyos: porque os da parte do Rio de Janeiro tinhaõ vindo em ſuas cànoas, e a ſalteado toda a praya de Boigaçû, Goabà, e varias outras partes, matando, e levando cativos quantidade de mulheres, e meninos; eſtes para tenro paſto do ſeu ventre, aquellas para o dalaſcivia: naõ havia remedio a tantos malles; porq̃ andavaõ em ligeiras canoàs de quinze, e vinte remeiros por banda, elles muito deſtros no remar, e naõ havia poder evitallas, nem darlhe alcanſe, nem força noſſa que as accobardaſſe.

Por eſte tempo, tendo chegado de Portugal Vaſco Fernãdes Coutinho, e vendo a ſua Capitania do Eſpirito Santo desbaratada das guerras do Gentio, dezejava tomar ſatisfaçaõ: porèm achava-ſe impoſſibillitado de gente, e apreſtos, do inimigo, por extremo ſoberbo com as vitorias paſſadas. Viveo cõ eſta magoa como afrontado alguns annos; atè que perſuadido de ſuas poucas forças, e queixas dos povos mandou pedir ſocorro à Bahia ao Governador Geral, que como Capitaõ cuidadoſo do bem de todo o Eſtado apreſtou huma Armada de embarcaçoens da coſta ligeiras, guarnecidas de gẽte, e armas, e por Capitaõ mòr ſeu filho Fernaõ de Saà, mancebo de grande coraçaõ, e digno herdeiro das partes, de ſeu pay; fez-ſe à vela, e veyo a embocar a foz do rio chamado *Quiricarê*, que eſtà em altura de dezanove gràos, couſa de trinta legoas da Villa do Eſpirito Santo.

Aqui ſe foy encorporar cõ elle a gẽte de guerra da Capitania: fizeraõ em terra ſeus valos, e reparos; e deraõ em breve ſobre o Gentio deſacautelado, q̃ facilmente desbaratàraõ com morte, e cativeiro de muitos; porèm a gloria deſte ſuceſſo ſe converteo logo empranto; porq̃ reunidos os barbaros, diſpoſtos em bandos numeroſos, e apoſtados a deſafrontarſe, quando ainda os noſſos cantavaõ a vitoria, rompendo os matos, enchendo os montes de alaridos, e os ares de frechas, deraõ com tanto impeto ſobre elles, que foy forçado mandar Fernaõ de Saà retirar ao mar; porèm com tal deſordem, e perturbaçaõ dos ſeus, que antes de poderem chegar às embarcaçoens, matàraõ às frechadas ao proprio Capitaõ com muita gẽte. Foy ſentidiſſimo o ſuceſſo, aſſim pela perda de hum mançebo taõ brioſo, empenhado na liberdade da terra, como da conſequencia dos barbaros, que dalli tiràraõ mayor eſtimaçaõ de ſeus arcos; poſto que naõ ficàraõ taõ folgados com o reſto, que ficou do ſocorro.

CA-

CAPITULO XLVII.

De como a Rainha intentou renunciar o governo do Reino, e naõ se lhe aceitou.

1560. NO fim do anno de 1560. intentou a Rainha Dona Catharina, Regente dos Reynos de Portugal por seu neto ElRey D. Sebastiaõ, largar o governo dos ditos Reinos, e a razaõ era, porque sevia apertada, e enfadada com os cuidados de tantos negocios, a que devia attender, como eraõ os particulares de Portugal, a dettensaõ dos Lugares, e Praças de Affrica, a Conquista, Navegaçaõ, e cõservaçaõ do Imperio da India, a povoaçaõ da Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, e de tantas Ilhas, e outros Comercios, e Senhorios de terras; vendo tambẽ muitas cousas desencaminhadas, e feitas naõ como era licito, nẽ como ella entendia, e ordenava, por culpa de Ministros descuidados, e pouco zelosos, que sempre em todos os tempos houve; como tambem alguns avisos, que tinha dado a Castella àcerca dos sucessos de Africa, a que via que se attendia muy pouco, importando muito; enfastiada destas lidas, e desejosa de repouso, e descanço, chamou o Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado, hum dia nas vesporas da festa do Natal de nosso Senhor Jesu Christo, e lhe deu conta de como intentava deixar o governo destes Reynos, e renunciallo nelle pois era razaõ que havendo ella de largallo, só a elle competia a sua Regencia.

O Cardeal lhe deu varias razoens, por onde o naõ devia deixar taõ cedo, nem innovar cousa alguma em quanto ElRey, seu neto, naõ chegava a idade de poder governar por si, e que o povo estava contente com aquella fórma de governo, e que deixando o ella se poderiaõ descontentar, ainda que elle da sua parte faria muito pelos ter contentes, e quietos. Mas a Rainha presistio na sua determinaçaõ, allegãdo o verse já falta de forças, e achacada para continuar com a carga de tantos cuidados, e dezejar ter algum descãço nesta vida, para tratar das cousas tocantes ao bem de sua alma, e de sua salvaçaõ, e assim outras razoens, pedindolhe a elle dito Cardeal tivesse por bem desencarregalla, e aceitar o dito governo, pois era varaõ, e mais apto para o exercitar.

O Cardeal movido de suas supplicas disse que aceitaria se os Estados do Reyno conviessem nisso, para o que seria necessario darlhe ella parte disso, fazendo-lho a saber por cartas, em que lhe manifestasse as razoens, que havia para deixar o governo, ou chamando-os a Cortes. Algũs tachaõ o Cardeal de ambicioso do governo, e de mãdar, pois sendo Principe Ecclesiastico naõ devia aceitar, nem introme-

trometerſſe com governos mundanos; porèm a neceſſidade do Reyno, e a reſoluçaõ, e petiçaõ da Rainha, e outras mais razoens o deſculpaõ da acçaõ preſente.

Tendo a Rainha o conſentimẽto do Cardeal, ſeu cunhado para a renuncia, que intentava fazer nelle do governo do Reyno, que elle aceitava, eſcreveo logo em vinte quatro de Dezembro do dito anno a todos os Prelados do Reyno, e a todos os Fidalgos, que ſe achavaõ auzentes da Corte, e aſſim a todas as Cidades, e Villas, cujas Camaras tem voto em Cortes, dãdo-lhes conta da ſua determinaçaõ, e pedindo-lhes que o houveſſe por bem por lhe darem goſto; naõ lhe parecendo preciſo abalar para iſto todo o Reyno a Cortes, em que ſe faz grande deſpeſa; e a copia da Carta, que a todos eſcreveo he a ſeguinte.

Carta da Rainha Dona Catharina aos Eſtados deſte Reyno.

NEu a Rainha vos envio muito ſaudar, como àquelle, que prezo. Quãdo Noſſo Senhor foy ſervido levar para ſi ElRey meu Senhor, que ſanta gloria haja pareceo, como logo entaõ foſtes ſabedor por cartas delRey meu neto, dever eu aceitar o governo deſtes ſeus Reynos, e Senhorios, aſſim por Sua Alteſa o deixar declarado antes alguns mezes de ſeu falecimento em huns Capitulos, que deixou feitos; como por me ſer pedido com muita inſtancia pelo Senhor Cardeal, meu irmaõ, e pelas mais peſſoas, que ſe ao tal tempo acharaõ prezentes; o que eu aceitei aſſim por obedecer ao que Sua Alteſa deixava ordenado, e declarado (cujà obediencia ſempre antepuz a tudo) como por me naõ negar em quãto pudeſſe à obrigaçaõ, que a eſtes Reynos tinha, querendo por elles (como ſempre quererey) antepór à vida, e ao deſcanſo o que a elles convem; e aſſim o fiz, e continuey atégora, que claramente vejo, e experimento de mim q̃ me faltaõ jà de todo a idade, a ſaude, e a diſpoſiçaõ para o poder mais fazer, lembrandome juntamẽte tanto, como he razaõ, que jà he tempo de neſta vida, que me reſta conhecer, e ſervir a Noſſo Senhor as grandes merces, que delle tenho recebidas, e conſiderando como a mim, jà por eſtas razoens, naõ he poſſivel tomar por mais tempo eſta carrega, que me ſempre foy muy peſada, pelo muito que dezejey fazer nella, e pelo muito, que ella requeria, que em mim naõ ha. Aſſentey com Deos, com minha conſciencia, e com minha obrigaçaõ deixala, e niſſo eſtou de todo determinada; e olhando, que em nenhuma outra peſſoa cabia milhor, nem a alguma outra era mais, proprio, e devido ſemilhante carrego, que ao Senhor Cardeal, meu irmaõ, aſſim por a elle pertencer por direito; ſegundo por Letrados, a que mandey ver, e eſtudar, foy determinado, e aſſentado, como por ſuas muy grandes virtudes; e por quem elle he, e pelas muitas, e grandes

quali-

calidades de ſua peſſoa, e longa experiencia nas couſas do Governo deſtes Reynos, lhe pedi o quizeſſe aceitar, e a mim deſobrigar de couſa, com aqual eu jà naõ podia, e para aqual me faltavaõ de todo a deſpoſiçaõ, e as forças, que ſe requiriaõ; e com quanto a elle pareceſſe o pezo taõ grande, e o receaſſe, e ponderaſſe com aquella grande prudencia, que Noſſo Senhor lhe deu, todavia movido por elle meſmo, q̃ ſabe minha tençaõ, e que ſabe quanto ſeu ſerviço, e bem deſtes Reynos ſerà ter elle o Governo delles, em quanto ElRey meu neto naõ he da idade, que convem para por ſi ſó Reger, e governar, ſe perſuadio ao ceitar, como com ſua conſciencia o podeſſe fazer, que em mim foy de muy grande conſolaçaõ, parecendome, que naquellas couſas, em que por minhas fraqueſas neſte tempo, que governey, naõ compri conforme a meus dezejos, ſatisfaſia agora em deixar no dito governo huma tal peſſoa, e que taõ inteiramente ha de comprir com as obrigaçoens delle. Pareceome devervos dàr conta do eſtado, em que eſtas couſas eſtaõ, aſſim para ſaberdes as cauſas, e razoens; porque me movo a deixar eſte Governo, como tambem para ſaberdes como o deixo ao Senhor Cardeal, a quem de direito pertence, e do qual tenho por muy certo, que haõ eſtes Reynos de ſer aſſim bem Regidos, e governados que ſe lhe ſiga a elle ante Deos muy grande merecimento, e dos naturaes muito louvor, e grande ſatisfaçaõ, e contentamento, de que amim, ſe neſta vida o poſſo ter de alguma couſa, me caberà muy grande parte por quanto ſempre procurey, e dezejey o bem, e deſcanço delles. Eſcrita em Liſboa a vinte quatro de Dezembro. Pantaliaõ Rabello a fez de 1560. E folgarey de logo me fazerdes ſaber por voſſa carta, que ſois diſto taõ contente, como he razaõ, e eu de vòs confio.

Recebida eſta carta, e entendida a reſoluçaõ da Rainha foy geral o ſentimento em todos de ver que ella ſe reſolvia reſolutamente alargar o governo do Reyno, entendendo elles, e dezejando, que ella o tiveſſe, e adminiſtraſſe atè a idade de vinte annos del-Rey, ſeu neto, como ſeu avò deixou ordenado, ou atè elle ter idade, e capacidade de poder governar por ſi o Reyno; e ainda que algumas faltas, e deſcuidos reconheciaõ, com tudo queriaõ antes que ella governaſſe, do que o Cardeal Infante, temendo-ſe da ſua condiçaõ frouxa, mais propria do ſeu eſtado Eccleſiaſtico, que do geral do Reyno, pelo que lhe eſcrevèraõ todos ſignificandolhe o grande deſgoſto, que lhe cauſára o ſeu intento; pedindolhe deſiſtiſſe delle, e continuaſſe o governo do Reyno de ſeu neto, com que elles eſtavaõ contentes, e naõ convinha haver mudança em tal tempo, nem darlhe a ſentir, e experimentar ao Reyno novos eſtilos de governo, alegando-lhe muitas razoens por onde o naõ devia largar; porque àlem de encar-

regar a ſua conſciencia, niſſo fazia o mayor ſerviço a Deos. Das quaes cartas, em repoſta, ſó porey neſte lugar a do Arcebiſpo de Braga D. Frey Bartholomeu dos Martyres, por ſer de peſſoa taõ qualificada; pois he de hum ſanto Varaõ, de cuja Beatificaçaõ ſe trata, merecendo eſtar jà canonizado; aſſim por abreviar, como porque baſta para prova deſta verdade; a qual he aſeguinte:

Carta do Arcebiſpo Primaz D. Frey Bartholomeu dos Martyres.

SEnhora. Graça, e fortaleza. A que recebi de voſſa Alteza ſobre o negocio de deixar o regimento do Reyno me deu muita deſconſolaçaõ, como dà a todos, os que dezejaõ paz, e quietaçaõ deſtes Reynos. E pois voſſa Alteza houve por bem fazerme merce de me dar conta deſte caſo; darmehà licença para eu dizer em poucas palavras o que entendo delle.

Digo Senhora, que quando a combaterem eſſes dezejos, ou tentaçoens de ſua quietaçaõ eſpiritual, e corporal lembreſſe de tres couſas, e vencelashà, como confio em noſſo Senhor.

A primeira a paz, e ſoccego, em que o Reyno eſtà tegora com o ſeu Regimento, e as torvaçoens, e calamidades, em que eſtaõ os outros Reynos, naõ he tempo de novidades, naõ he tempo de innovar, e alterar Regimentos de Reynos, que eſtaõ ſoccegados, naõ convem deixar o certo pelo duvidoſo.

A ſegunda, lembre-ſe voſſa Alteza do amor, reverencia, e credito, que o Reyno lhe tem, muito mais, que em vida del-Rey noſſo Senhor; iſto tenho naõ ſómente por obra de Deos, mas por milagre de Deos; tendo nòs Rey menino, e eſtando os homens neſtes tempos taõ cheyos de effeitos de ſeus intereſſes. Pois ſendo aſſim, naõ parece bom aggradecimento a noſſo Senhor deixar a Cruz em tal tempo.

A terceira, lembre ſe, que o Reyno enxerga nella agora dotes, e graças de Deos para Reger mais, q̃ nunca a ſaber inteireza, prudencia, e diligencia. Pois com que conſciencia eſconderá eſtes talentos em tal tempo, e ſepultaloſhà em noſſa Senhora da Eſperança. Affirmo-lhe diante do Senhor, que ſe tal faz, que he razaõ que deſcreça, e mingoe nella a eſperança de ſua ſalvaçaõ. Naõ me alegue voſſa Alteza indiſpoſiçoens corporaes; porque nunca eſteve taõ madura para governar, como agora: neſſa fraqueza corporal creſce o lume interior, e o zelo da honra de Deos, e bem do Reyno. E quanto à quietaçaõ de ſeu eſpirito, que tanto dezeja, confio em noſſo Senhor que depois, que entregar o Reyno a ſeu neto, para elle por ſi o Reger, lhe haõ de ficar annos para ſuas devaçoens. Por iſſo da parte de Deos lhe requeiro, que naõ expida eſta Cruz de ſeus hombros por peſada que ſeja, porque ſoltando-a em tal tempo, digo que ſe ariſca a fazer huma grande offenſa a noſſo Senhor

lembre-ſe

lembre-se tambem vossa Alteza do que me disia persuadindome a tomar esta braga muito mais pesada para mim, do que saõ todos seus Reynos para ella; dè exemplo conforme ao Conselho, e senão, tambem eu buscarey minha vida, e quietação, e tornarmehey para Bemfica, aprendendo de vossa Alteza.

O que mais diz vossa Alteza q̃ o Cardeal tomarà o Regimento, notoria cousa he, que de todo em todo seguindo vossa Alteza seu parecer, e dezejo, não hà outros hombros, em que se possa lançar a Cruz. Mas haja vossa Alteza dò delle; bastemlhe os negocios Ecclesiasticos; e os trabalhos da Coadjutoria no Regimento do Reyno Temo certo, q̃ se tudo vossa Alteza lhe lançar às costas, que cedo naõ tenhamos Cardeal, nem Governador. Melhor he levarem ambos o jugo do Senhor pois em dous corpos poz Deos huma alma, e huma vontade; o que he outro milagre de Deos, e por tal conhecido neste Reyno.

A conclusaõ he, que se meu voto tem valor, eu naõ consinto, que vossa Alteza deixe o Regimento. Mas se totalmente se detremina fazer sua vontade, justissimo, e necessarissimo he, que o Cardeal Infante succumba a carrega, e a leve, e Deos naõ nos desempare entre tantos perigos. Nosso Senhor encha a vossa Alteza de espirito de zelo da consolaçaõ da Republica, da qual (diz Saõ Lucas) encheo ao Santo Velho Semeaõ, qui expectabat consolationem Israel; *e esta he a môr prova, que tinha, que estava cheyo do Espirito Santo. De Braga aos sete de Janeiro de 1561.*

Capelaõ, e servo de vossa Alteza.

O Arcebispo Primaz.

Grande ponderaçaõ se podia fazer sobre a materia desta carta; que deixo por abbreviar, e só faço reparo, em que o santo Arcebispo falou nella com espirito profetico, e luz do futuro naquellas palavras: *E quanto à quietaçaõ de seu espirito, que tanto dezeja, confio em nosso Senhor que depois que entregar o Reyno a seu neto para elle por si reger, lhe haõ de ficar annos para suas devoçoens.* Pois ainda governando ella atè elle ser de vinte annos, como ElRey D. Joaõ ordenava, ainda lhe ficavaõ quatro annos de vida, para empregar nos exercicios de vida soccegada, a que tanto aspirava. E assim mais a resoluçaõ, e animo Apostolico, com que o santo varaõ fala à Rainha, e ameaço, de que senaõ desistisse do seu intẽto, tambem elle largaria a *braga*, que era a Mitra, que ella lhe fez aceitar por força, e elle a reputou sempre por duro cativeiro, dezejãdo verse livre delle, no descanço do seu Convento de S. Domingos de Bemfica, donde era Prior, quãdo por força o fizeraõ Arcebispo de Braga.

Movida a Rainha de tantos rogos dos preſentes, e abalada com eſta carta do ſanto Arcebiſpo, e com as dos mais Prelados, Cavalheiros, e Cameras do Reyno, ſendo algumas muy largas, muy doutas, e com razoens muy authorizadas, e ſcientes; e compadecida do ſentimento de todos elles deſiſtio do intento, e reſoluçaõ em que eſtava, e condeſcendeo, e aceitou o continuar, por mais algum tempo, com o tal governo, por lhes fazer a vontade, e dar goſto, e naõ ſe moſtrar ingrata ás finezas de taes Vaſſallos, taõ amoroſos, e dignos de eſtimaçaõ; dandolhe a certeza de que os naõ amava menos. E aſſim governou mais dous annos, como adiante ſe verá.

Sintiraõ os Portuguezes do tẽpo del-Rey D. Affonſo V. que ſua mãy a Rainha Dona Leonor, mulher del-Rey D. Duarte, os governaſſe em ſua menoridade; e os do tempo preſente ſe laſtimavaõ de q̃ eſtoutra Rainha os queira deſamparar, e os deixe de reger: tantas variedades fazem, e cauſaõ os diverſos tempos, as diverſas condiçõẽs, os diverſos genios, os talentos, e diſpoſiçoens dos ſogeitos! A Rainha Dona Catharina era Senhora de animo varonil, governava com prudencia, muita inteireza de juſtiça, por iſſo merecia que todos a veneraſſem, e eſtimaſſem, e folgavaõ todos de ſer regidos por ella.

CAPITULO XLVIII.

De como a Rainha Regente enviou Embayxadores ao Concilio de Trento, e eſcreveo a alguns Cardeaes em nome delRey.

O Concilio Tridentino (chamado aſſim por ſer celebrado na Cidade de Trento) foy convocado pelo Sũmo Pontifice Paulo III. por Bulla ſua do anno de 1542. para acudir, e dar remedio às heregias de Martim Luthero, e Joaõ Calvino, e ſeus diſcipulos, que ſe tinhaõ levantado neſte tempo em Alemanha, e hiaõ inficionando todo aquelle Imperio com ſeus deſatinados erros, e todos ſeus Reynos ſogeitos, e França, Inglaterra, Holanda, e todos os Paizes baixos; e aſſim mais para reformar alguns abuſos, e maos coſtumes, introduzidos entre os verdadeiros Catholicos. O qual Concilio foy o mais notavel de quantos ſe tinhaõ celebrado antes; e principiou em Dezẽbro do anno do Naſcimento de N. Senhor Jeſu Chriſto de 1545. ao qual concorreraõ todos os Prelados das Igrejas de todo o Catholiſmo, e os que naõ podiaõ ir por velhice, ou enfermidade, mandavaõ ſeus ſubſtitutos, homens, os mais doutos das ſuas Dioceſis; e os Reys, e Principes Embayxadores de muita authoridade, e prudencia

dencia, e Theologos os mais famosos de seus Dominios para ajudarem a definir, e determinar os Prelados as materias graves, de que se havia de tratar, e dispor.

Muitos foraõ de Portugal em tempo delRey D. Joaõ III. e de seu neto D. Sebastiaõ. Durou muitos annos; parou algumas vezes por morte dos Pontifices, que o principiàraõ, e continuàraõ, que foraõ Paulo III. Julio III. e ultimamẽte querendolhe dar fim Pio IV. convocou todos os Prelados para isso determinados. A Rainha Dona Catharina Regente de Portugal mandou novos Embayxadores, e Theologos em nome delRey D. Sebastiaõ, e escreveo a alguns Cardeaes, cujas cartas porey neste lugar para que se veja o zelo da Fè dos Principes deste nosso Reyno de Portugal, que Deos quiz sempre conservar puro nella em cumprimento da Promessa de nosso Senhor Jesu Christo, feita no Campo de Ourique ao nosso primeiro Rey o santo D. Affonso Henriques, que entre outras muitas cousas lhe disse, que Portugal: *Seria para sua Divina Magestade Reyno santificado, puro na Fè, e amado por sua piedade.* As cartas saõ as seguintes:

Carta delRey de Portugal para o Cardeal de Inglaterra sobre a celebraçaõ do Concilio Tridentino.

SEmpre louvey muito a Sua Santidade o fervoroso desejo, que mostrou do principio de seu Pontificado até o presente de celebrar solemnemente o Sacro Concilio, donde esperava remedio dos abusos, que se inventavaõ em todolos estados da Republica Christãa; más sobre tudo me poz admiraçaõ a prudencia, com que escolheo os que em taõ importante caso haviaõ de presidir em seu lugar, e representar seu officio, entre os quaes vos deve lembrar, pois entrastes em taõ divina eleiçaõ, que alèm da comnum obrigaçaõ, que tem todolos Cardeaes, como esteyos, e columnas da Igreja de ajudar obra taõ santa, com o espirito, exemplo, e diligencia necessaria a vòs, pelo que deveis ao Real sangue, com que tendes tanta participaçaõ, compete mais inteiramente procurar o bom successo, e proseguimento do Sagrado Concilio, ao qual mando meus Embayxadores, e espero que pois he notorio o meu zelo, e o que usaraõ os Reys meus antecessores para o accrescentamento de nossa Santa Fè, que os ouçais com toda humanidade; porque além de nisso fazerdes o que deveis, eu receberey grande contentamento, e que assim o sintais em todas as cousas quando me rogardes, &c.

Carta

Carta do meſmo Rey para o Cardeal de Trento, à cerca do dito Concilio.

POſto que dignamente eſcolheo Sua Santidade a Cidade de Trento para celebraçaõ do Sagrado Concilio, pelas conveniencias, e muitas commodidades, que nella havia para o effeito delle; toda via creyo, que naõ foy pequena parte de aſſim parecer bem a todos ſerdes vós o Prelado, e protector della, o que eu tive por muy acertado depois que por informaçaõ dos Padres, que lá enviey ſoube o zelo, fervor, e caridade, de que uſais em todalas couſas tocantes, e pertencentes ao Sacro Concilio; pelo que vos rogo, e encomendo muito, que pois Deos eſcolheo a voſſa Igreja para nella o Sacro Concilio ſe celebrar, e ordenar o que cumpre a reformaçaõ de toda a Chriſtandade, trabalheis niſſo de maneira, q̃ voſſa fama ſeja de cada vez mais accreſcentada, e exemplo, e eſtimulo para todolos Prelados; e além do ſubſtancial, e eterno premio, que por iſſo recebereis de Deos, a humanidade, e boa vontade, que moſtraes aos meus, e que eſpero que achem em vòs os meus Embayxadores, por ſaber a affeiçaõ, que tenho à Sè Apoſtolica, e Santa Madre Igreja, me obriga fazervos ſaber a boa affeiçaõ, e vontade, que tambem tenho de vos comprazer no que vos cumprir: de Santarem, &c.

Achavaſe neſte tempo em Rome por Embayxador de Portugal (como eſtà dito acima) Lourenço Pires de Tavora, muy aceito ao Pontifice, e a toda a Curia Romana, ao qual o meſmo Pontifice deu parte do animo, com que entrava a governar, de proſeguir, e acabar o Concilio, e das objecçoens oppoſtas contra elle por parte dos Hereges, e ainda do Emperador, e delRey de França; e Lourenço Pires o animou, e exhortou com taõ efficazes razoens, que elle naõ deſiſtio do intento, e o executou; e alèm diſto ajudou muito ao Embayxador, e Prelados, que deſte Revno foraõ ao dito Concilio, encaminhando-os em muitas couſas, em que ſua experiencia, e authoridade lhe davaõ lugar para o poder fazer: e ſendo muita para que o Papa os trataſſe com mayor eſtimaçaõ, que a outros muitos, e nas duvidas das precedencias, que ſe moveraõ no Concilio, primeiro entre o Arcebiſpo de Braga, e o de Najaos Italiano, e depois com o de Granada, em que ſe vintilou a queſtaõ da Primazia de Braga, foy de tanto proveito, como o confeſſou o ſanto Arcebiſpo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; e nas cartas de Lourenço Pires para ElRey ſe acha, que na primeira queſtaõ ordenava o Papa ao de Najaos que ſe deixaſſe preceder do de Braga, poſto que mais moderno na promoçaõ

moçaõ, o que depois naõ teve effeito com a chegada do de Granada, tambem mais antigo que o noſſo, pela grande oppoſiçaõ que a iſſo fizeraõ os Miniſtros de Caſtella em defenſaõ da Igreja de Toledo. Abrioſe o Concilio, e principiou a proſecuçaõ delle em 28. de Janeiro do anno de 1562. e ſe lhe deu fim, e acabou de celebrar no anno ſeguinte de 1563. no meſmo mez de Dezembro, em que tinha principiado havia dezoito annos, finalizandoſe ſendo Summo Pontifice o meſmo Pio IV.

CAPITULO XLIX.

Do cerco de Mazagaõ, e de ſuas primeiras gentes.

O Que aconteceo no terrivel, e apertadiſſimo cerco, e cõbates da noſſa Fortaleza de Mazagaõ em Africa contarey pela mais verdadeira relaçaõ, que me for poſſivel, como por informações, q̃ para eſte prepoſito tive; e tomando a Hiſtoria algum tanto de longe haſe de ſaber, que depois que os Arabes ſahiraõ de ſuas terras, ſogeitaraõ toda Africa, veyo por diſcurſo do tempo a Reinar Almançor, Emperador, e Pontifice na ſeita de Mafamede, e Senhor de toda Africa, e da mayor parte de Heſpanha. Eſte Almançor amou muito as Letras, Armas, e Juſtiça, e boa ordem, de modo que ſe acha ſer o primeiro, que entre os Arabes ordenou que todas as couſas ſe vendeſſem a pezo; e alèm de outras muito boas couſas, e Ordenaçõeſ, que a ſeus Povos deu, dividio todas as geraçoens dos Arabes pela terra de Africa, conforme ao que de huns, e outros tinha alcançado, e como homem de delgado juizo, eſcolheo para ſua Corte, e guerra as gentes da geraçaõ de Ethigi, que eraõ os mais esforçados, e nobres de toda Africa entre os Arabes, os quaes apoſentou junto à ſua cadeira, que naquelle tempo era a Cidade de Marrocos, que ſegundo ſe eſcreve tinha cem mil viſinhos; eſtas gentes da geraçaõ de Ethigi ſeriaõ cem mil homens de guerra, os cincoenta de cavallo, e os mais de pé, com os quaes o dito Almançor fez grandes guerras, como ſe moſtra nas Chronicas dos Arabes, e de Heſpanha.

Andando o tempo revolvendo os Eſtados do Mundo, vieraõ os Arabes a perder os bons coſtumes de ſeus antigos, e a mayor parte de Heſpanha, donde veyo dividirem-ſe em Cabildas, pela terra de Africa, principalmente por Berberia, Numidia, e grande parte da Libia, eſtendendoſe pelos campos, deſtruindo as fermoſas Cidades, e Fortalezas, que pelos antigos Africanos, Romanos, e Godos foraõ fundadas, e edificadas, fazendo mais caſo de viver iſentos, que de ſeguir a uniaõ de hum corpo, e Principado; o que foy cauſa de haver entre elles muitas Cabeças;

ſem

ſem embargo que ſempre tiveraõ Principes, que governavaõ em diverſos Reynos, que novamente em Africa fizeraõ.

Havia nos lugares maritimos de Berberia alguns armados de Corſarios Arabes, que com favor dos Arabes do Reyno de Granada faziaõ roubos nas Coſtas de Heſpanha, e por eſta cauſa ElRey D. Joaõ I. deſte nome, Rey de Portugal, e Principe belicoſo, e que naõ ſofria offenças, moleſtado deſtes infieis paſſou a Africa com quatro filhos, tres legitimos, e hum baſtardo; todos esforçados, e virtuoſos mancebos, e com o favor de Deos, e a valentia de taes filhos, tomou à força de armas a Cidade de Ceuta, no Eſtreito de Gibraltar; e depois paſſou duas vezes a Africa D. Affonſo V. neto do dito Rey, levando comſigo hum ſò filho, que tinha, [que depois foy ElRey D. Joaõ II.] e tomou outras tres Cidades na Berberia, a ſaber Alcacer ceguer, Arzila, e Tangere, donde os Portuguezes faziaõ tal guerra aos Arabes, que lhes foy forçado deſpejarem muitas terras por dentro do Sertaõ, e outras na Coſta do mar.

E Reynando o feliciſſimo Rey D. Manoel ſe tomaraõ outras na Provincia de Ducalla, que agora chamaõ Duquella, q̃ ſaõ Azamor, e C,afim, das quaes, e dos outros belicoſos lugares recebiaõ os Arabes grandes damnos das corridas, e entradas, que os Portuguezes faziaõ. E paſſados alguns annos Reynando o Sereniſſimo Rey D. Joaõ III. do nome, por alguns reſpeitos, que naõ digo, deixaraõ os Portuguezes Azamor, e C,afim, e outras terras, que pareciaõ eſcuſadas; porque para entrar em Africa pela Provincia, e Reyno de Fez, baſtava Ceuta, fermoſa, e famoſa Cidade; e tambem a Cidade de Tangere, e para entrar no Reyno de Marrocos, e terra de Duquella, contra os valentes Cavalleiros da geraçaõ de Ethegi, a Cidade de Mazagaõ era ſufficiente porto para deſembarcarem os Portuguezes, quando importaſſe fazerlhe guerra; aſſim que ElRey D. Joaõ III. quiz que ſó eſtas tres Fortalezas ſe conſervaſſem, e defendeſſem; as quaes mandou fortificar, eſpecialmente Mazagaõ, que eſtá duas legoas ao Occidente da Cidade de Azamor, e tem huma grande bahia, capaz de poder nella ancorar huma groſſa Armada, como os Reys de Portugal coſtumavaõ enviar contra os infieis.

CAPITULO L.

Do fundamento, que o Xarife Muley Abdelá teve para ir contra Mazagaõ.

REynando pois entre os Arabes Muley Abdelà Xarife de Marrocos, de Fez, de Suz, de Tafilem, e outras Provincias, ſendo

do muito moleſtado, e dandoſe por injuriado dos Portuguezes terem em ſeus Reynos, e Senhorios, Cidades, e Fortalezas determinou expugnar; e deitar fóra de ſeus Reynos, e terras; eſtas gentes, de que recebia mà viſinhança, tomandolhe os lugares, e Praças fortes, que em Africa tinhaõ, ao que dizem foy ſolicitado de algũs maos Chriſtãos, que ſobre eſte caſo lhe eſcreveraõ, e aſſim de certos Elches, que a elle ſe foraõ eſperando grandes merces; no que ſe enganaraõ; porque Mouros ſaõ pouco liberaes, e nada verdadeiros no q̃ promettem. Tinha o Xarife ſabido por ſuas informaçoens, que a Fortaleza de Mazagaõ eſtava ſem gente de cavallo, e poucos de pè, e mortos de fome, q̃ determinavaõ deixalla, para o qual jà tinhaõ o baluarte minado para o derrubarem; o que tudo correſpondia ao ſeu deſejo, por cuja cauſa veyo a determinarſe em acometer antes eſta Fortaleza, que alguma das outras; porque alèm das commodidades, que ſe lhe offereciaõ, tinha por ſem duvida, que no Inverno, que elle a queria vir cercar, naõ poderia ſer ſoccorrida de Lisboa, que eſtà cento e dez legoas à quem mar ao Norte, da dita Fortaleza, o qual vento no Inverno curſa poucas vezes; de modo, que confiado em ſua potencia, e tempos contrarios, ſe dava a entender, que à tomada da Fortaleza lhe ſeria faciliſſima.

CAPITULO LI.

Do que o Capitaõ môr Ruy de Souſa ſentio do ſegredo do Xarife, e o que fez.

ESTando o Xarife reſoluto no que determinava fazer havia quatro, ou cinco annos que para eſta guerra ajuntava artilharia, e muniçoens, ſem ninguem entender para que, poſto que havia ſuſpeita ſer contra Chriſtãos, e no anno de 1561. no mez de Novembro, 1561 chamou ſuas gentes, huns de Berberia, e outros de Numidia, e Libia, dando a entender que ſe temia de Turcos de Argel; e com eſta diſſimulaçaõ eſtavaõ os Portuguezes ſeguros da guerra, e ſem ſuſpeita alguma de ſe lhe fazer a elles; mas Ruy de Souſa, que entaõ era Capitaõ môr da Fortaleza, com algum receyo, que do cerco tinha, contratou com o Alcaide de Azamor, que lhe vendeſſe vinte mil ſàveis; o que o Alcaide fez como tinha de coſtume, ſem dar a entender que havia alguma novidade; e por mais ſegurar o Capitaõ môr Ruy de Souſa, lhe deu os ſàveis fiados ſobre dous arrefens.

CAPITULO LII.

Do que ſe fez em Mazagaõ ſobre hum aviſo, que ſe deu.

NEſte tempo veyo de Marrocos hum Arabe Chriſtaõ

Novo, chamado Nicolao da Cõceiçaõ, que fora fazer certos reſgates, o qual diſſe, e affirmou a Ruy de Souſa, que elle tinha entendido, que todo o apparato da guerra, que o Xarife fazia era contra os Chriſtãos, que devia aperceberſe com tanto cuidado, como que ſobre elle ſó vieſſe; naõ ſe dava muita fè, nem credito a eſtas palavras, pela contrataçaõ feita dos ſàveis, com tanta diſſimulaçaõ; mas ſem embargo deſta confiança, Ruy de Souſa praticou neſtas couſas, como homem prudente, e de recado, e aſſim mandou que ſe fortificaſſe a porta da Villa, e outros lugares; porque o Capitaõ Fernaõ de Craſto, ſoldado velho de experiencia, dando mais fè a Niculao da Conceiçaõ, com huma Companhia de duzentos ſoldados ſe poz em fortificar o ſeu Baluarte, que era o mais fraco, que na Fortaleza havia, por naõ eſtar acabado, e minado para o derrubarem, e aſſim o meſmo fizeraõ os outros Capitães dos outros Baluartes, de modo que de dia, e de noite o Capitaõ môr com toda a gente trabalhavaõ com muito contentamento, e cuidado, ſem embargo da fome, que padeciaõ havia muitos dias, naõ comendo paõ, porque o naõ tinhaõ; mas comiaõ os ſàveis ſalgados, que dos Mouros houveraõ comprados, que naquelle tempo foy miſericordia de Deos tirada das mãos dos inimigos.

CAPITULO LIII.

Da vinda de hum Caſſis a Mazagaõ diſſimuladamente.

NAõ ſatisfeito o Xarife das informaçoens, que tinha mandou hum Caſſis, negro, deſprezivel chamado Prefugas, para que fiandoſe delle os Chriſtãos, ſe informaſſe do Eſtado da Fortaleza, e tornaſſe com aviſo do que vira; naõ era mal acertado o que niſto o Xarife fazia; porque mais fé ſe havia de dar aos naturaes Vaſſallos, que aos eſtrangeiros profugos. O Caſſis ſe veyo à Fortaleza, dizendo querer ſer Chriſtaõ, e juntamente trazia, como por alvitre a vinda do Xarife ao cerco, e o que mais trazia à cargo era perſuadir ao Capitaõ môr mandaſſe desfazer a ponte, por onde os da Villa ſahiaõ ao campo, dizendo, que por a ponte havia o Xarife de commetter a primeira entrada, e que para o primeiro impeto ſe devia de aperceber, que eſtava certo, que ſe do primeiro acometimento naõ tomavaõ o lugar, gaſtariaõ atè as hervas, e logo ſe tornariaõ às ſuas caſas.

Tinha eſta eloquencia o Caſſis, e era taõ efficaz em ſuas razoens, que acabou o que pertendia, que era desfazer a ponte; e com ſua maligna audacia ſe fazia muito devoto, e deſejoſo de entender os Myſterios de noſſa Santa Fè, donde

de vinha a ſer muito continuo nà Igreja, e a aprender com muita diligencia mais o que lhe cumpria, que as oraçoens; ſem embargo que ſempre perguntava algumas couſas ao Cura, e a outras peſſoas continuando a Igreja, e os muros, hora deitando os olhos aos Baluartes, hora na artilharia, medindo com os olhos, e examinando a groſſura dos muros, e a altura dos Baluartes; tornando ſempre à Igreja, donde tomava ſeu fundamento. E viſto de hum Cavalheiro o cuidado, que o Mouro tinha de entrar, e ſahir da Igreja, pedio ao Capitaõ mór Ruy de Souſa lhe dèſſe aquelle devoto Mouro para o enſinar a rezar os Mandamentos, e os Artigos da Fè; o que logo lhe foy concedido; mas como o Mouro trazia outro intento, tanto ganhou à vontade a ſeu amo que ſe fiava delle como de amigo, do que depois bem ſe arrependeo. Alguns envejoſos diſſeraõ, que o Cavalleiro mais com cubiça, que devoçaõ pedio o Mouro; mas de qualquer ſorte que foſſe, nem por cubiça, nem por devoçaõ, ninguem ſe fie do inimigo, mais que atè certo limite; porque acontecem em ſemelhantes caſos grandes enganos, deſgoſtos, e perigos; e por eſte reſpeito dey taõ particular conta deſte Mouro.

CAPITULO LIV.

Do pregaõ, que o Xarife deitou contra Mazagaõ.

PAſſados alguns dias depois da vinda deſte Caſſis à Fortaleza mandou o Xarife apregoar guerra contra os Chriſtãos de Mazagaõ. Eſte pregaõ abalou toda a Mourama dàquem, e dàlem dos montes Athlantes, que quaſi ſe deſpovoaraõ as montanhas, e campos, entrando em Marrocos todas as gentes das Provincias ſogeitas ao Xarife, aſſim como quando hum grande rio ſahe da mãy, que alaga os campos razos, da meſma maneira ſe cubriraõ os campos de Mouros de gente de cavallo, de camellos, e gados, e aſſim de gente de toda a qualidade, que atè as velhas vinhaõ àquella ſanta jornada, com tanto goſto, e alvoroço, como ſe verdadeiramente conſiſtiſſe niſſo a ſalvaçaõ de ſuas almas; mandou logo o Xarife que a gente de guerra caminhaſſe com a artilharia; de toda a outra multidaõ ordenou que naõ foſſem mais que as peſſoas, que pudeſſem trabalhar.

CAPITULO LV.

Como hũ filho do Xarife foy eleito por Capitaõ mòr, e encomẽdado a ElRey de Dara.

MAndada a artelharia com a gente de guerra, ordenou o Xarife por Capitaõ General a hum seu filho, muito querido, mancebo de vinte annos, chamado Muley Hameth; este mancebo encomendou o Xarife a ElRey de Dara, seu tio, homem de muita discriçaõ, e conselho, o qual Rey havia de correr à posta a Marrocos com as informações do que passasse no cerco, e tornar com a determinaçaõ do que ao Xarife, e ao seu Conselho parecesse se devia fazer. Este Rey he Senhor de huma Provincia na Numidia chamada Dara, e porque naõ havia naquella jornada de entender em outra cousa senaõ no Conselho, naõ trouxe de seu Reyno mais que cem Cavalleiros, que o acompanhavaõ, deixando a mais gente promptа para quando cumprisse, ou importasse virem ao cerco.

CAPITULO LVI.

De como o filho do Xarife chegou a Mazagaõ, e o Mouro Cassis fugio para os seus.

CAminhando Muley Hameth por suas jornadas chegou a Mazagaõ a 4. de Março do anno de 1562. às oito horas da noite, e deu mostras de sua gente meya legoa da Fortaleza, aonde mandou assentar o Campo; mas por q̃ do Baluarte Santiago lhe atiravaõ com huma bombarda chamada Aguia, que sobrelevava por cima das tendas; ao outro dia seguinte mandou affastar as tendas muito atraz, e dalli atè Azamor assentou tres arrayaes, de maneira que dentro em duas legoas se alojaraõ passante de cento e cincoenta mil homens de guerra, com seus gados, e camellos, o que era huma fermosa vista, posto que aos cercados espantosa, e fea. 1562

Dahi a dous, ou tres dias da chegada de Muley Hameth, o Mouro Cassis, de que jà fiz mençaõ, tendo acabado tudo ao que fora enviado, vendo tempo conveniente, e occasiaõ disposta huma noite, que seu amo estava na vigia, lhe roubou a casa de vestidos, e dinheiro, e se foy ao muro, donde se deitou na cava chea de agua, e dalli, deixando huma capa se foy salvo, e livre aos seus. Os da vigia sentindo que se deitara algum homem na agua viraõ a capa, à qual atiraraõ muitas arcabuzadas; mas como amanheceo acharaõ o Mouro menos, e conheceraõ a astucia, e ardil, de que usou, do que o Capitaõ mór ficou muito confuso, e enganado por se fiar do inimigo, e muito descontente, vendo que ao Xarife era manifesta,

ta, a pouca gente, com que se achava, e a muita fome, que na Fortaleza havia.

CAPITULO LVII.

Do aviso, que o Capitão mòr mandou a Lisboa, e do que a Rainha Regente fez, e dos primeiros, que forão em soccorro.

TInha jà neste tempo o Capitaõ mór Ruy de Soula de Carvalho mandado a Portugal huma caravella, em que Bartholomeu Guerreiro vinha a pedir mantimẽtos, e polvora, porque receavaõ q̃ viria o Xarife cercar aquella Fortaleza, como se dizia; mas como agora na verdade se vio sitiado, despachou logo outro navio com a certeza, e nova da chegada à Rainha Regente Dona Catharina, e ao Cardeal, seu Coadjutor, pedindolhe soccorro de gente, mantimentos, polvora, e muniçoens, e o mais de q̃ na Villa havia falta. Os quaes entendida a grandissima necessidade, mandaraõ que se fizesse gente para o soccorro, e em quanto se fazia, mandou a Rainha chamar os Cavalleiros de Mazagaõ, que na Corte andavaõ requerendo satisfaçoens de seus serviços, a quem rogou quizessem soccorrer sua patria, que sem elles estava desamparada, e juntamente lhes fez a todos merces, com grandes esperanças de bons despachos quando tornassem. Estes Cavalleiros por entaõ foraõ sessenta, os quaes se embarcaraõ com muitos mantimentos, e muniçoens, e foraõ os segundos, que chegaraõ ao soccorro; porque de antes era chegado Bartholomeu Guerreiro, e todos foraõ recebidos com grande contentamento, como em tal tempo se esperava.

Tanto que o navio, que vinha de Mazagaõ chegou a Lagos, tocaraõ tambores por ElRey, e de improviso se ajuntaraõ sessenta soldados cõ o Capitaõ Francisco Portocarreiro, o qual se embarcou em hum navio com muitos mantimentos, e em dous dias chegou a Mazagaõ; apoz esta caravella partio Antonio de Sequeira, e seu irmaõ com quarenta homens à sua custa. Tambem partio Jorge Mendes de Faria, que à sua custa levou sessenta homens, e assim foraõ alguns Fidalgos do Algarve, com gente, e parentes, de modo que jà a Fortaleza tinha quem a defendesse, e mantimentos em abundancia. Os mareantes de Tavira, Lagos, e Faro, ajuntaraõ quarenta homens pagos à custa da sua Confraria, aonde entraõ os Irmãos com certo dinheiro, e de todas as pescarias, que fazem, e navios, em que navegaõ, daõ a parte de hum homem para a Confraria, donde procede terem huma bolsa de sete, ou oito mil cruzados, de que se ajudaõ em suas necessi-

dades,

dades, e acodem aos rebates de Africa, ſendo ſempre os primeiros; aſſim que eſtes honrados homens mandaraõ logo ſoccorro, debaixo da Capitania de hum mareante chamado Pedreanes de Tavira, e levaraõ huma Bandeira de Campo de ſeda de cores, com huma nao bordada de huma parte, e da outra as Armas Reays de Portugal, de que elles por merce delRey podem uſar na guerra.

CAPITULO LVIII.

Do recado, que o filho do Xarife mandou a Ruy de Souſa, e de ſua reposta.

TAnto que Muley Hameth aſſentou o Campo, mandou hum Alfaqueque a Ruy de Souſa com a ſeguinte Embaixada: *Que elle conſentira eſtar alli aquella Fortaleza atè o prezente; mas que agora queria que lha deſpejaſſe, que lhe daria lugar que levaſſem quanto na Villa havia, e tinha, menos a artilharia, e armas; e quando ſenaõ quizeſſem aproveitar de ſua manſidaõ, entaõ lhe tomaria por força a terra, que era ſua, que para iſſo trazia alli o poder, e authoridade do Xarife, ſeu pay, para que naõ querendo elle conſentir, e obedecer ao ſeu mandado, os reduzir a todos ao fio da eſpada.*

E juntamente lhe mandou dizer, como aconſelhando-o, que elle Capitaõ o podia muy bem fazer, viſto como o ſeu Rey era menino, e eſtava debaixo de tutoria, e oReyno governado por mulher, e era ſufficiente deſculpa para hum Capitaõ, que por razaõ de guerra eſtava taõ arriſcado, e devia aceitar partido taõ ſeguro, e eſcuſar mortes de homens.

Ouvidas eſtas ſoberbas palavras por Ruy de Souſa, que era toda a brandura, e cortezia do Mundo, lhe reſpondeo, que naõ era elle, nem os Cavalleiros, que com elle eſtavaõ, homens que temeſſem ſeu poder, e ameaſſos; mas que elles lhe faziaõ dura reſiſtencia, e defenderiaõ a Fortaleza delRey menino, ſeu Senhor, como bem veria; porque todos os que eſtavaõ no lugar eraõ Portuguezes, que profeſſaõ morrer, ou vencer, e quando morrem na guerra, he vencendo a ſeus inimigos.

CAPITULO LIX.

Do numero dos Mouros, que cercaraõ a Mazagaõ, e do que fizeraõ.

PAſſadas eſtas Embaixadas, mandou o Mouro q̃ ſe déſſe ordem na guerra, e ſe trataſſe da morte dos Chriſtãos, pois engeitavaõ a paz, que lhe offerecia, e as vidas, de que lhes fazia merce. Logo aquella noite principiaraõ huma trincheira da parte de Azamor

mor contra a Villa a mil e quinhentos paſſos dos muros donde deraõ principio a todas as obras, que depois fizeraõ.

Antes que paſſe a diante com a Hiſtoria, ſe deve ſaber que gente veyo ſobre Mazagaõ, e como cercaraõ toda a Villa de fortes trincheiras, e aſſim a fórma da Fortaleza, para que neſtas couſas ſenaõ falle mais no diſcurſo deſte cerco, que ſerà cauſa de eſcuſar confuſaõ; e quanto ao numero dos Mouros, houve muitas, e varias relaçoens; mas Miſcer Jeronymo, Catalaõ, que andava entre os Mouros, e ſe veyo à Fortaleza, diſſe que a gente de nome, e conta, que vieraõ ao cerco eraõ as ſeguintes.

O Alcaide Maſſa Magalhefu, ViſoRey, e Juſtiça mór de Marrocos, trouxe mil lanças, e trezentos Azuàres arcabuzeiros; o Alcaide Laſſeynaõ Buca, Capitaõ do Campo, e Secretario do Xarife, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Mahameth Mequinez, do Conſelho do Xarife, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Jaym Benala de Teza, trouxe duas mil lanças; o Alcaide de Bengara de Fez, Meſtre de Campo, trouxe duas mil lanças; o Alcaide Zacar, Comprador, e Védor do Campo, trouxe mil e quinhentas lanças; o Alcaide Barraixa, tio do Xarife, trouxe mil e oito centas lanças; Moley Mancor, tio do Xarife, trouxe mil e oito centas lanças; Moley Solimaõ trouxe mil e oito centas lanças; o Alcaide de Rebadem, Elche, que fazia a ſalva às iguarias do Xarife, trouxe mil lanças; o Alcaide de Mançor, Elche renegado Portuguez, Caçador mór do Xarife, trouxe oito centas lanças; o Alcaide Hudebaide, Elche Caſtelhano, Eſtribeiro mòr do Xarife, trouxe mil e duzentas lanças; o Alcaide Mamy, Elche Caſtelhano, que trazia o Guiaõ diante do Xarife, trouxe oito centas lanças; o Alcaide Muſtafá, Elche Caſtelhano, Vèdor de todas as muniçoens do Xarife, trouxe mil lanças; o Alcaide Icafá, Elche Caſtelhano, Capitaõ da Artilharia, trouxe mil lanças, e duzentos arcabuzeiros; o Alcaide Carracaõ, Elche Portuguez, trouxe quinhentas lanças; o Alcaide Muça de C,afim, trouxe quinhentas lanças; o Alcaide Cobus de Azamor, trouxe quinhentas lanças, e duzentos arcabuzeiros.

E vieraõ mais todos os mancebos nobres das Cidades, e Villas, como aventureiros por ſervir ao mancebo Capitaõ neſta primeira empreza, os quaes gaſtaraõ muito dinheiro em galantarias, gallas, e armas bem guarnecidas, como homens, que determinavaõ aſſinalarſe em todas as occaſioens arriſcadas; eſtes ſeriaõ quaſi tres mil Cavalleiros; vieraõ mais das mõtanhas, e Aldeas dos montes Athlantes oito Xeques com onze mil lanças, dos mais eſforçados

Arabes

Arabes, que ainda tem opiniaõ de ſerem da geraçaõ de Ethigi. A mayor parte deſta gente de cavallo, vinha muito bem armada de coletes, e ſayas de malha, e boas couraças em veludo, e borcado com capacetes dourados, que entre os capillares de cores, e brancas adargas luſtravaõ beliſſimamẽte. Muitos deſtes Cavalleiros eraõ arcabuzeiros, e béſteiros, que a cavallo peleijaõ eſcaramuçando, e atirando aos contrarios do modo que os Tartaros coſtumaõ.

Toda eſta Cavallaria fazia o numero de trinta e ſete mil e ſete centos Mouros; e dizia o dito Miſcer Jeronymo, que a gente de pè ſe naõ podia numerar; mas que a commum opiniaõ era, que paſſaria de cento e vinte mil homens. Mandou tambem o Xarife parte da ſua Mazagania, que he a guarda de ſua peſſoa, os quaes eraõ os ſeguintes, a ſaber o Alcaide de Canaà, Elche Grego, veyo com trezentos e ſeſſenta Turcos arcabuzeiros grandes atiradores; o Alcaide Azem Corito Aſturiano, trouxe trezentos e oitenta arcabuzeiros; o Alcaide Mançor, Elche Portuguez, trouxe quatro centos arcabuzeiros; o Alcaide Logronho, Elche Caſtelhano, trouxe quatrocentos arcabuzeiros, q̃ diziaõ ſer Andaluzes, ou ſeriaõ Granadinos; o Alcaide Jafẽ, Elche Caſtelhano, Canario, trouxe novecentos arcabuzeiros; o Alcaide Cara Burny, Elche Grego, que dizia ſer Lacedemonio, trouxe quatrocentos arcabuzeiros; os quaes ſomados fazem o numero de tres mil duzentos e cincoenta.

Os mais deſtes arcabuzeiros atiravaõ com moſquetes de muy groſſos pilouros. Vieraõ tambem os Caſſizes das Provincias, os quaes trouzeraõ à ſua cuſta muita gente de trabalho, aos quaes chamavaõ *Bodreiros*; o Caſſis de Marrocos trouxe quatro mil bodreiros; o Alcaide Caſſis de Fez, trouxe mil e quinhentos bodreiros; o Caſſis de Suz, trouxe mil bodreiros; o Caſſis de Teſa, trouxe tres mil bodreiros; o Caſſis de Tafilete, trouxe quatro mil bodreiros, e ſaõ treze mil e quinhentos, os quaes eraõ ajudados de toda a outra multidaõ, que todos trabalhavaõ por honra, ganho, e devoçaõ, por ſer apregoado entre elles jubileu, e abſolviçaõ de todos os peccados ficando puros, ſegundo elles criaõ, como o dia em que naſceraõ, vindo a eſta guerra. A artelharia, que trouxeraõ a eſte ſitio eraõ vinte e quatro peças, dez dellas eraõ de bater, muito groſſas; em que houve peça, que o ſeu pilouro tinha na circunferencia cinco palmos e meyo; aſſim havia outras como ſaõ camellos, pedreiros, e colibrinas, que atiravaõ pilouros de ferro coado. Eſta he a informaçaõ, que da gente de armas, e artelharia dos Mouros ſe ſoube.

CA-

CAPITULO LX.

Do ſitio de Mazagaõ.

AGora ſe dirà da Fortaleza, que eſtà edificada em forma quadrada com quatro Baluartes, correſpondentes às quatro partes do Ceo, a ſaber, hum ao Oriente, chamado Santiago, todo edificado dentro no mar; e o outro ao Occidente, chamado S. Pedro, fundado na terra; e o outro ao Septentriaõ, dito S. Sebaſtiaõ, que da banda Oriental fortifica a marè chea; e todo eſte lanço de muro, que vay ao Baluarte Santiago, com preyamar a mayor parte do anno ſe naõ póde rodear com bateis, por cauſa do eſcarceo do mar, que naquelle lanço do muro bate com grande impeto. O ultimo Baluarte ſe chama Santo Eſpirito, que eſtà de roſto ao Meridiano, e com a preyamar chega a agua junto do ſeu eſpigaõ, donde começa huma couraça de pedra lavrada, que corre ao longo do mar, e vay enteſtar com o Baluarte Santiago; entre eſta couraça, e o muro, fica huma cava de cento e cincoenta e ſeis palmos de largo, conforme toda a outra, a qual eſtá chea de agua, que por huma comporta lhe entra, e ſerrando eſta comporta, haverà na cava de altura duas braças de agua aonde ſe faz muita peſcaria, que para os ſoldados pobres he bom remedio.

Eſta agua ſe ſoſtem dentro, porque no Baluarte S. Sebaſtiaõ ſe atalha com huma couraça, de modo, que ſendo a marè vazia, e ſerrada a comporta, fica a Fortaleza toda rodeada de agua, aonde podem andar bateis, com artelharia, que naõ he pequeno favor para a Fortaleza, a qual eſtà fundada em pedra viva, e a cava picada na meſma rocha; no contorno dos muros haverà mil quatro centos e oitenta paſſos pouco mais, ou menos, e a largura tem cincoenta palmos; trinta e ſete no groſſo do muro, e treze na ameya, ou parapeito, que he da altura de hum homem. Os muros tem de altura pela banda de dentro quarenta palmos, e por fòra muito mais. Os cavalleiros ſobre os Baluartes, teraõ de alto atè trinta palmos, e toda a Fortaleza em torno tem ſeſſenta e nove bombardeiros, os mais delles com groſſa artelharia de bronze, e aſſim tem muitas ſeiteiras atraveſſadas por todo o parapeito do muro, que parecia impoſſivel poderem por ellas ferir os homens da Fortaleza, mas vioſe por experiencia que as deviaõ tapar com pedras, porque por ellas matavaõ os homens, que cuidavaõ eſtarem ſeguros à ſombra da alta ameya. Ao longo da cava nos Baluartes ao lume da agua eſtaõ bombardeiros para que ſe de improviſo nella entrarem os inimigos com eſcadas, ſejaõ caſtigados de travez com as bombar-

das. Tem esta Fortaleza tres portas, huma dellas, que está entre os Baluartes S. Pedro, e S. Sebastiaõ, serve de recolher o gado, quando os Mouros correm, e esta naõ tem ponte, mas passa o gago a nado para a cava; a outra porta está entre o Baluarte S. Pedro, e Santo Espirito, esta tem huma ponte de madeira, por onde os Cavalleiros sahem ao campo, e no recebimento da porta está huma grande abobeda, e sobre ella hum Baluarte razo com boa artelharia, que dos seus travezes ajuda, e defende os dous Baluartes S. Pedro, e Santo Espirito. A outra porta está junto ao Baluarte Santiago, por onde a Villa se serve do mar em tempo de cerco. Esta porta he bem fortificada, e taõ segura, que muito caro custaria a quem por força por ella quizesse entrar.

A sisterna da Fortaleza he muito grande, e de muito forte abobeda, fundada sobre grossas columnas, e tem de comprimento cento e sessenta palmos, e de largura cento e cincoenta e cinco; no tempo do cerco tinha cinco palmos e meyo de agua, que montaõ a mil tonelladas o palmo; e acabado o cerco, que durou dous mezes, e haveria na Villa passante de tres mil pessoas, faltou hum palmo de agua, o que se teve por grande maravilha, e milagre, porque se deu sempre agua liberalissimamente. Tambem tem a Fortaleza hum poço de agua, de que póde beber a gente com maré vazia, e vemlhe esta agua de fóra do campo por canos por debaixo da cava, e por esta causa com marè chea he salgada, porque pelos poros da terra entra agua do mar dentro no poço. Tem esta Villa dous rebelins, hum junto da cava, e outro mais longe, que dentro da sua Praça, se pòde dar huma batalha; nestes rebelins estaõ tranqueiras, que se fechaõ quando os Mouros tem muita ventagem. Todas as tranqueiras, e rebelins os inimigos romperaõ por muitas partes, fortificandose como com muros, a cuja sombra estavaõ bem seguros.

CAPITULO LXI.

De como os Mouros fizeraõ hum bastiaõ de terra.

MAs tornando à Historia: ha-se de saber, que tanto que os inimigos principiaraõ a trincheira, como jà disse, vieraõ com ella ganhando terra contra o Baluarte Santo Espirito, e como chegaraõ a quatro centos passos delle, formaraõ hum bastiaõ de tal grandeza, que nelle pudessem plantar a artelharia, que logo assentaraõ com suas mantas, donde batiaõ o Baluarte, e defendiaõ, ou faziaõ muito que os seus gastadores andassem seguros, o que lhe valia pouco; porque da Fortaleza

lhos

lhos matavaõ por andarem no principio trabalhando indiſcretamente, e ſem cautela, ou reparos, que os amparaſſe, e encubriſſe, e vendo que dos muros lhe matavaõ muita gente do trabalho, mudaraõ a ordem, e de noite com grandiſſima diligencia trabalhavaõ todos, aſſim os gaſtadores, como a cavallaria, e toda a multidaõ, dando os Cavalleiros, e ſoldados vinte caminhos cada hum, aſſim de terra, como de pedra, e as mulheres, e meninos enchiaõ os caminhos como formigueiros, e vinhaõ carregados de feixes de lenha, de modo, que com a grande multidaõ creſcia a obra eſtranhamente.

CAPITULO LXII.

Do que os Mouros fizeraõ com huma feiticeira para derribar Mazagaõ, e da morte de muitos, e do ſeu muito trabalhar.

ORdenou o Capitaõ mòr Ruy de Souſa, que contra o ardil dos Mouros ſe fizeſſem faroes no Baluarte, que muito claro os moſtravaõ, de ſorte que na realidade eraõ muitos em muito mayor numero, ſendo bem viſtos dos noſſos pela grande ventagem do ſitio, que os da Fortaleza lhe tinhaõ. E hũa noite deſampararaõ os Mouros a eſtancia, e artelharia, levando as Bandeiras, de modo que ao outro dia ſenaõ vio nenhum, e ficaraõ as bombardas no ſeu baſtiaõ. Iſto podia ſer manha, ou ardil, e por eſta cauſa naõ conſentio Ruy de Souſa que algum ſoldado ſahiſſe fóra, poſto que ſe offereceraõ muitos. Ao outro dia, que foraõ quinze de Março, tornaraõ os Mouros ao ſeu trabalho, trazendo diante de ſi huma feiticeira, a que elles chamavaõ ſanta, que com certas palavras magicas queria derribar os muros de Mazagaõ em terra, mas foylhe dada huma arcabuzada, que ella naõ havia adevinhado, com que feneceraõ ſeus enganos, e encantamentos. E os inimigos cobraraõ nova indignaçaõ, dando aquella noite huma brava bataria, em que perderaõ muitos dos ſeus, e no Baluarte nenhum homem perigou.

Affirmou com juramento Fernaõ de Craſto, Capitaõ do Baluarte, e outros homens dignos de fè, que mataraõ dos inimigos aquella noite, mais de quinhentos Mouros, porque com a grande claridade do luar, que entaõ fazia, viaõ cahir os trabalhadores a pares; e os que com caridade queriaõ levar os mortos, antes que chegaſſem a elles cahiaõ tambem, de maneira que era huma fermoſa viſta para os que a ſeu ſalvo faziaõ tal mortandade; e diſſe o dito Capitaõ, que aquella noite diſtribuira por ſua maõ hum quintal de polvora ſómente com os arcabuzeiros

zeiros, que no seu Baluarte pelejavaõ, no que naõ deve de haver duvida; porque outras noites aconteceo o mesmo.

Naõ deixaraõ os Mouros o seu continuo trabalho, posto que recebiaõ da Fortaleza tantas mortes, antes se mostravaõ mais desejosos de levar adiante a sua obra, a qual creseeo de modo, que em poucos dias chegaraõ defronte do Baluarte Santo Espirito, aonde se detiveraõ; porque queriaõ alevantar ahi hum bastiaõ de mayor altura, que o Baluarte, para sobjugarem toda a Fortaleza, tolhendo aos Christãos o uso della, e de se poderem defender; e tanto que levantaraõ huma boa altura, fizeraõ junto desta montanha de terra, outro bastiaõ aonde assentaraõ duas grossas peças de artelharia com suas mantas, donde batiaõ de muito perto o nosso Baluarte. E dalli por diante criaraõ ao longo da cava huma grossa trincheira, com que cercaraõ a Fortaleza de mar, a mar, a saber do Baluarte Santo Espirito, até o de S. Sebastiaõ, e na ponta deste junto ao mar, pozeraõ cinco bandeiras de gente de cavallo, e Turcos arcabuzeiros, para impedir que os Christãos sahissem fóra, pela porta do mar, que com a marè vazia tinhaõ livre, ao longo do muro, por onde com facilidade podiaõ dar nos Mouros, e por esta causa faziaõ naquelle lugar boa guarda; mas sem embargo da boa vigia dos inimigos se lhe fez huma grande offensa, como aqui se verà.

CAPITULO LXIII.

Do que sete Cavalleiros fizeraõ nos Mouros, que estavaõ sobre Mazagaõ.

DEsejava muito o Capitaõ ter alguma informaçaõ do estado dos Mouros, para a qual havia necessidade de lingua, ao que se offereceo Pedro Lourenço de Mello, esforçado Fidalgo com seis Cavalleiros da terra, cujos nomes eraõ os seguintes; porque he bem fiquem em memoria: Pedro Fernandes de Pontevel, Fernaõ Vieira, Pedro Rodrigues, Domingos Gonçalves, Luiz Fernandes, e Balthasar de Pomares; e naõ foraõ mais, porque na terra naõ havia mais cavallos. Estes sete sahiraõ pela porta do mar, junto ao muro por irem encubertos, e de improviso deraõ na guarda do Alcaide Cabué de Azamor, aonde os mais dos Mouros fugiraõ, ficando alguns arcabuzeiros, que se naõ puderaõ valer dos arcabuzes, por estarem desapercebidos de fogo, os quaes foraõ logo alanceados por seu mao recado, e passando os Cavalleiros adiante ficou Luiz Fernandes, sem outras armas, mais que hum arcabuz, e como o disparou nos inimigos, arremetteo a elle hum Mouro, e antes

tes que o levaſſe lhe deu Luiz Fernandes com ambas as mãos com o arcabuz na cabeça, com que lha quebrou, mas o Mouro o derribou do cavallo, e ambos juntos foraõ a pè, deitando maõ cada hum às ſuas armas; o Mouro vinha jà feito com huma agomia, com a qual ferio tres vezes a Luiz Fernandes, e a ultima lha deixou metida nos lombos, e elle ſe foy com a cabeça quebrada arraſtrandoſe pelo chaõ.

Neſta conjunçaõ os outros Cavalleiros andavaõ ſeguindo, e alanceando os Mouros, que fugiaõ, por cuja cauſa naõ viraõ ao companheiro derribado, e ferido ſenaõ ao recolher; porèm Fernaõ Vieira ſeguio hum valente Turco arcabuzeiro, o qual ſe meteo no mar, e encarou o arcabuz em Fernaõ Vieira, que fallandolhe em Arabio lhe diſſe, que ſe entregaſſe. Ao que o Turco reſpondeo, que naõ queria, e querendolhe atirar com o arcabuz, lhe deu Fernaõ Vieira huma lançada, e o tornou a requerer que ſe entregaſſe; mas o emperrado Turco diſſe ſempre que naõ ſe rendia, finalmente foy morto às lançadas dentro no mar, e de honrado ſe deitou ſobre o arcabuz, de modo que nunca Fernaõ Vieira lho pode tomar, tirandolhe o bedem preto, e huma jaqueta azul, que trazia veſtida.

Os outros Cavalleiros depois que fizeraõ fugir huma grande multidaõ de inimigos tornaraõ ao companheiro ferido, que nunca poderaõ pôr a cavallo, e aſſim o arremeſſaraõ em hum batel, que levavaõ de ſoccorro, e ſe tornaraõ à Fortaleza ſem receber outro dãno, deixando feito muito eſtrago nos inimigos.

CAPITULO LXIV.

De como chegou a Mazagaõ o General Alvaro de Carvalho, e do que entaõ ſuccedeo.

AOs vinte e quatro dias do mez de Março chegou Alvaro de Cavalho, esforçado Capitaõ em Africa, aonde quarenta e quatro vezes venceo os Mouros em batalhas, e eſcaramuças de cavallo, mas como nunca eſtivera em outro tal cerco, e defença da terra, parece que naquella maneira de guerra naõ tinha muita experiencia, do que alguns Fidalgos, que jà eſtiveraõ em outros cercos moſtravaõ deſgoſto, eſcrevendo a Portugal algumas couſas de deſcontentamento, e feria apaixonadamente; porque muitos homens ſaõ mais mimoſos do que convem. Eſte Capitaõ, que neſta guerra foy General chegou com ſua Armada, em que levou muitos Fidalgos, e criados delRey, e Cavalleiros de Mazagaõ, que em Portugal andavaõ requerendo ſeus deſ-

deſpachos, partio depois delle huma fuſta pequena do Algarve, em que andava por Capitaõ Manoel Rodrigues de Freixo, valente Cavalleiro, a qual fuſta paſſou tanta tormenta, que foy neceſſario deitar as muniçoens ao mar, e juntamente os mantimentos, que debaixo da cuberta hiaõ; e por naõ ficar laſtro ſe meteraõ os mais dos homens deitados debaixo da cuberta, mas a tormenta foy taõ impetuoſa, que muitas vezes ficava a pequena fuſta cuberta dos mares, de ſorte que vendoſe muitas vezes perdidos, milagroſamente os ſalvou Deos, e dous dias, e noites, que navegaraõ com tal tormenta, naõ comeraõ, nem beberaõ, por terem os mantimentos deitados ao mar.

Chegado pois que foy Alvaro de Carvalho, no ſegundo dia deſembarcou com alguma gente, e muito perigo, por cauſa do mar de levadio, que na baixamar andava, com que ſe alagavaõ os bateis ao deſembarcar acabellando a gente debaixo delles, mas ninguẽ perigou, nem dos tiros, que os inimigos atiravaõ do primeiro forte, aonde tinhaõ duas bombardas, com que puderaõ impedir a deſembarcaçaõ ſe Deos lhes naõ tirara eſte conſelho, como tirou outros muitos. Antes da chegada do General atiravaõ os Mouros com hum trabuco, a que chamavaõ *Maimona*, que o ſeu pelouro tinha na circunferencia cinco palmos e meyo. Deſtes pelouros cahiaõ alguns na ſiſterna ſem fazer damno, pela muita groſſura da abobeda.

Muito eſpanto cauſou o trabuco na Fortaleza, e ſe perſeveraraõ muitos dias os tiros, eſpecialmente de noite, ſeria muito o damno, que faria; mas naõ matou mais que dous homens, hum dos quaes ficou de tal ſorte amaſſado, que os oſſos, e carne foraõ feitos huma paſta disforme, e eſpantoſa. A defenſa, que os da Fortaleza tinhaõ para naõ perigarem com eſte trabuco era, que tanto que ſe ouvia o eſtrondo, que fazia quando atirava ſe appellidavaõ com huma voz: *Guarda trabuco*, e logo todos tomavaõ os portaes das portas, e janellas por valhacouto, e por eſte reſpeito naõ perigou mais gente. Eſte trabuco ceçou por alguns dias, donde veyo a entenderſe na Fortaleza que tinha arrebentado; mas ao depois atirou alguns tiros, com que derribou muita parte do Baluarte.

A noite em que chegou Alvaro de Carvalho lhe deraõ os Mouros huma ſalva de arcabuzeiros, que ſe julgou em mais de ſeis mil tiros, e parece que vieraõ alli de todo o campo com arcabuzes dobrados para fazer eſpanto, e terror aos Chriſtãos, que alguns ſe admiraraõ, e atemorizaraõ, ouvindo o que naõ tinhaõ de coſtume. No dia ſeguinte ſe poz maõ em entulhar pipas ſobre os reparos das eſtancias,

tancias, que o General assinou aos Fidalgos, que com elle foraõ. E quando os Mouros com sua trincheira chegaraõ defronte do Baluarte, acharaõ na cava alguns barcos do serviço da Villa, osquaes ataraõ ao seu bastiaõ; e vendo o General a mingoa que faziaõ, por serem muito necessarios para os desembarques dos bastimentos, que do Reyno hiaõ, e para o mais serviço da Fortaleza, mandou chamar hum soldado velho na terra de naçaõ Italiano, chamado Jeronymo Belo, homem esforçado, e de muito engenho, ao qual perguntou se haveria algum remedio para poderem haver os barcos à maõ; o qual respondeo, que elle faria o possivel para os trazer, e tirar donde estavaõ, e logo se determinou a ir buscallos, e huma noite o dependuraraõ do muro abaixo, e chegando à cava se foy a nado com huma faca na boca aos barcos, e lhe cortou as cordas, com que estavaõ atados, e os trouxe atè a porta do mar, sempre nadando diante delles, o que foy hum feito muito para estimar, e acçaõ, que se ajunta às mais famosas do Mundo, e de muito risco, e grandissimo perigo; porque se fora sentido dos Mouros sòmente Deos lhe podia valer.

CAPITULO LXV.

Do que succedeo no Baluarte Santo Espirito, e sua repartiçaõ.

TOrnando pois à Historia: no Baluarte Santo Espirito estava o Capitaõ Fernaõ de Crasto, homem valente, e muito esforçado, que tinha hũa companhia de duzentos soldados; porèm a mayor parte delles estavaõ feridos, por cuja causa o General lhe rogou, que recolhesse comsigo a D. Diogo Manoel, que logo no cavalleiro arvorou sua Bandeira, que favorecia, e guardava com muito perigo seu, e morte de seus criados, e se vio muitas vezes cuberto de terra das bombardas contrarias, de que cabia boa parte ao Capitaõ Fernaõ de Crasto, e aos soldados, e Cavalleiros, que com elle estavaõ; mas como D. Diogo chegou de refresco, e era mancebo desejoso de ganhar honra, se arriscava muito no cavalleiro, dõde veyo a appellidaremno de seu nome, o que Fernaõ de Crasto sofria, e tolerava com prudencia; porque todos estavaõ em serviço delRey, aonde por razaõ, em taes tempos naõ havia de haver lugares de distinçaõ, e preminencias; porque muitas vezes saõ causa de desordem.

Nesta occasiaõ quizeraõ Nuno Pereira, e outros Fidalgos arvo-

rar

rar ſuas Bandeiras com D. Diogo Manoel, eſtimulados da honra, que com grande perigo em tal lugar ſe ganhava, o que Fernaõ de Craſto naõ conſentio, nem a D. Diogo Manoel, do que houve entre elles algumas quebras, que o General ſoldou, repartindo o muro, e Baluartes em eſtancias pelos Capitães, e Fidalgos, que traziaõ gente, e podiaõ bem reparar, e guardar os taes lugares; deu a primeira eſtancia a D. Gonçalo de Caſtellobranco ao pé do cavalleiro, onde eſtava huma furioſa peça de artelharia, chamada Aguia, que havia de reparar, e defender com ſua gente, que entaõ eraõ oitenta homens. Eſta eſtancia eſtava à maõ eſquerda do cavalleiro caminhando ao Occidente, para onde vou contando as eſtancias até rodear a Fortaleza, e tornar ao meſmo Baluarte da parte do Oriente onde fenece. Tanto que D. Gonçalo ſe encarregou da eſtancia trabalhou muito por fazer arrebentar huma bombarda dos inimigos, que batia de roſto a ſua, a qual foy arrebentada com hum tiro da outra, que tinha na ſua eſtancia, pela qual acçaõ, e proeza deu ao condeſtavel, que fez o venturoſo tiro, vinte cruzados, e o meſmo fazia a todos os tiros, que eſte bombardeiro na ſua eſtancia diſparava, a quem dava alèm do dinheiro outras muitas peſſas, para o ter contente, e fazer deſprezar o riſco, para naõ perder o animo, à viſta de taõ grande perigo.

Neſte lugar foraõ alguns homens feridos; porque ordinariamente batiaõ os Mouros aquella bombardeira, de que recebiaõ muito damno, e D. Gonçalo corria riſco ao levantar da manta, por onde entravaõ muitos pilouros de arcabuzeiros; finalmente tantas vezes quebravaõ os Mouros a mãta, que naõ havendo jà madeira, para a reparar, ceſſou o perigo, e gaſto de D. Gonçalo, e tapandoſe a bombardeira deixou a eſtancia, dizendo, que aconſelhado de alguns amigos que lhe diziaõ, que jà que lha naõ davaõ no cavalleiro, naõ a devia aceitar no Baluarte; e aſſim ficou de ſobreſelente vigiando, e trabalhando, avantajandoſe a alguns q̃ cuidavaõ fazello muito bem. Alli aconteceo hum eſtranho caſo, que eſtando hum carpinteiro pregando a manta da bombardeira lhe deu hum pilouro de arcabuz no olho do camartello, ficando ametade no pao, e a outra no ferro. Outro pilouro deu nos peitos a hum homem deſarmado, que lhe fez hum grande polmaõ, ſem lhe fazer damno. Outro pilouro deu em hum braço de hum moço, que lhe naõ fez mais q̃ hũa pequena nodoa preta; eſte o tomava em boa occaſiaõ, porque lhe deu vindo elle ſahindo da Igreja de ſe confeſſar. Iſto foy publico, e bem manifeſto a todos.

Foy depois aquella eſtancia pedida deNunoFernandes de Magalhaens,

lhaens, onde elle, e seu irmaõ Afonso de Torres, com sua gente, e amigos, trabalhavaõ honradamente todo o tempo do cerco, do que muitos houveraõ inveja, por ser a estancia mais propinqua ao cavalleiro, que a outra alguma, e alli arvorou huma Bandeira de Campo de seda verde, aleonada, a qual em poucos dias foy taõ crivada dos arcabuzes contrarios, que se naõ podia sostter, pois lhe naõ ficaraõ mais que retalhos pegados na hastia; e no mesmo lugar arvorou hum Guiaõ de damasco pardo, com que perseverou até o fim do cerco.

A segunda estancia do Baluarte se deu a Vasco Fernandes Homem, aonde com sua gente, e amigos trabalhou, e vigiou honradamente, dormindo sempre no muro com suas armas prestes, e arvorou huma grande Bandeira de Campo de cores vermelha, azul, branca, e amarella, com huma Cruz da Ordem de Aviz no meyo, da qual Ordem era Cavalleiro. Esta Bandeira mandou despedaçada a Portugal, para que vissem como os inimigos os tratavaõ, e como eraõ certeiros, e seguros no ponto que faziaõ, que arvorando qualquer hastia, logo com os arcabuzes a derribavaõ, dando muy grandes gritos, e alaridos, com os que a seu parecer enfadavaõ os da Fortaleza.

A terceira estancia junto ao Baluarte no muro se deu a D. Antonio Lobo, que elle defendia com sua gente, amigos, e companheiros, dormindo nella com suas armas prestes todo o tempo, que o cerco durou. Pelo muro adiante se deu a quarta estancia a Luiz de Crasto, Mercador rico, que levou cem homens com seu tambor à sua custa, e com elles entulhou duas calas de bombardeiros em cima do muro, e sobre o entulho fez duas seiteiras atravessadas, abertas em grossas traves, e por reparo da gente levantou sobre a ameya do muro pipas de terra plenadas, postas de modo que nunca pelas seiteiras os inimigos puderaõ ferir nenhum homem, sendo dalli muito molestados com feridas, e mortes. Arvorou nesta estancia huma Bandeira de Campo de seda branca, e roxa, com que enfadou aos Mouros, que de noite blasfemavaõ de taes Bandeiras, dizendo, porque naõ punhaõ a delRey, como dantes estava.

Nisto mostravaõ quanta vigilancia tinhaõ sobre a gente de soccorro, na conta da qual nunca no numero errараõ cousa de cem homens; por onde se via quaõ espertos, e vigilantes eraõ, qua naõ taõ sómente tinhaõ conta com suas gentes, mas com as dos contrarios. Isto se sabia, porque de noite nas matracas, que de huma, e outra parte se davaõ, diziaõ os Mouros; *Vós outros ratinhos fallais muito, porque tendes agora tantos homens mais, e comeis muitas*

marmeladas, bebeis bom vinho brãco; porèm vòs pagareis, vòs pagareis tudo junto, que nem iſſo vos ha de valer. Ao que lhe reſpondiaõ de dentro: *Que por iſſo lhe deviaõ a elles muito, que foraõ cauſa de terem muitos regalos, mantimentos, e dinheiro, que lhes rogavaõ que ſe naõ foſſem do cerco, que em quanto alli eſtiveſſem, eſtariaõ ricos, e abaſtados, que havia alli Fidalgos que davaõ a cada ſoldado que derribava hum Mouro trinta, quarenta onças; e pelos que faltaõ de vòs outros podereis julgar quaõ ricos poderemos eſtar.*

Eſtas praticas de cima dos muros com os inimigos naõ ſaõ convenientes, antes muito prejudiciaes, e ſaõ dignas de caſtigo, porque muitas vezes por ignorancia, ou deſcuido ſe deſcobrem ſegredos, que jà em algum tempo cuſtaraõ caro aos cercados. Eſta foy huma grande deſordem, e naõ pouco prejudicial. A cauſa, porque os Mouros fallavaõ em marmeladas, era porque quando ſe perdeo o navio de Sebaſtiaõ de Brito, que deu à coſta, e a travez, foraõ todas as couſas perdidas a terra, aonde acharaõ os Mouros muitas caixas de marmelada, e barris de conſervas, e pipas de bom vinho branco, que elles naõ duvidavaõ tanto, como dos prezuntos, e pipas de carne; e aſſim acharaõ muita roupa, e calças recramadas dos ſoldados, e criados delRey, de cincoenta, e ſeſſenta cruzados de feitio, que para a tal jornada, e cerco pareciaõ bem eſcuſadas, mas naquelle tempo foy bom acharemſe, porque viſſem os inimigos com quanta largueza, e gaſtos os Portuguezes hiaõ ao ſoccorro, e guerras, e quantos mantimentos tinhaõ, em tempo, que elles padeciaõ tanta fome, que ſó por eſte reſpeito ſe partiaõ muitos para ſuas caſas.

Fallavaõ nas marmeladas, porque algumas vezes eſtando no cavalleiro, e Baluarte os noſſos comendo, lhe deitavaõ abaixo caixas de marmelada, e bolos de aſſucar, que elles com grande furia, e deſprezo tornavaõ a deitar acima, como ſe foſſem de roſalgar. Hum dos grandes favores, que entre outros muitos fez Deos aos cercados, foy vir aquelle navio a travez, e deitallo a tormenta junto da porta do mar; do qual ſe ſalvou a madeira, que para reparos foy muito conveniente, por ſer muito neceſſaria; porque naõ havia outra na Fortaleza, e eſtavaõ determinados a deſmanchar a Igreja, mas noſſo Senhor, que ſoccorre nas mayores neceſſidades, deu taõ grande remedio à cuſta de taõ pouca perda. Tornando às eſtancias contaremos dasque ſe ſeguem.

CAPITULO LXVI.

Repartiçaõ do mais muro de Mazagaõ.

PAssando à eſtancia de Luiz de Craſto eſtava a dos mareantes de Tavira, que eraõ os quarenta arcabuzeiros, que jà diſſe, os quaes por induſtria de Pedro Paulo, Cavalleiro esforçado, Capitaõ de huma galé, alevantaraõ junto da ameya do muro hum travez de pipas humas ſobre outras, cheas de terra, donde matavaõ os inimigos a tiros certos; paſſando a eſtancia deſtes honrados homens, eſtava o travez, ou Baluarte de ſobre a porta da Villa, aonde eſtava Antonio Carvalho, que tinha huma grande tenda feita de vèlas de navio, em que ſe recolhia muita gente ſua, e do Capitaõ mòr Ruy de Souſa de Carvalho, e aſſim do General, por ſer junto às ſuas caſas, alli tinha as trombetas, e Bandeiras de ſeda verde, e branca, com dous Eſtandartes em dous maſtros, a que os Mouros atiraraõ tantas bombardadas atè que derribaraõ hum delles. Tambem neſta eſtancia eſtava o Capitaõ Antonio Coelho com gente delRey; adiante eſtà o Baluarte S. Pedro, que o tinha o Capitaõ Domingos Alvares Leite, com huma companhia de ſoldados velhos, e huma Bandeira verde, e branca. a qui eſtava Luiz de Faria com ſua gente, e Bandeira de ſeda de cores. Paſſando eſte Baluarte corre o muro para o Septentriaõ contra o Baluarte S. Sebaſtiaõ, neſte muro tinha ſua gente Joaõ de Teive, e na eſtancia hum Guiaõ de damaſco vermelho, e branco com huma Aguia bordada de cada parte. Em todo eſte lanço de muro eſtava outra muita gente dos Capitães Domingos Alvares Leite, e Joaõ de Mendoça, com que bem ſe vigiava, e pelejava, com alguma artelharia, que no muro tinhaõ, donde faziaõ guerra ao Alcaide Cobus de Azamor, que alli eſtava com cinco Bandeiras de gente de pé, e de cavallo; adiante eſtava o Capitaõ Joaõ de Mendoça, esforçado Cavalleiro, que tinha o Baluarte S. Sebaſtiaõ, e nelle ſua Bandeira.

CAPITULO LXVII.

Da gente, que eſtava no Baluarte S. Sebaſtiaõ, e àvante.

NO Baluarte S. Sebaſtiaõ eſtava Joaõ de Mendoça por Capitaõ com ſua companhia de ſoldados muito deſtros na guerra, por haver muitos dias, que reſidiaõ em Mazagaõ, e juntamente eſtava Lourenço de Caceres, Sargento da guarda delRey, que tinha a companhia, que Jorge da Sylva mandou ao ſoccorro, que

era de oitenta ſoldados, gente boa, e eſcolhida, que tinhaõ huma tenda de vèlas em que ſe recolhiaõ; iſto fez eſte Fidalgo como virtuoſo que era, de que naõ tomaraõ exemplo outros mais ricos, que por ventura eſtavaõ em Liſboa dizendo ditos gracioſos ſobre as couſas de Mazagaõ. Tinha Lourenço de Caceres na ſua eſtancia ſeis Bandeiras de damaſco verde, e branco, com hum Leaõ das Armas de Jorge da Sylva, bordado de huma parte, e da outra a Cruz da Ordem de Chriſto. Do Baluarte do Norte ao de Santiago, caminhando ao Oriente, no tempo da marè vazia, havia boa guarda, a qual fazia Jorge Mendes de Faria, do Algarve, que tinha ſua eſtancia ſobre a porta do mar; que elle guardava com ſeſſenta homens, q̃ levou à ſua cuſta.

CAPITULO LXVIII.

Da gente, que eſtava no Baluarte Santiago, e por diante.

NO Baluarte Santiago eſtava o Capitaõ Jorge Fernandes de Granada, com huma companhia de ſoldados praticos, e valentes homens; adiante eſtava Franciſco da Cunha, Fidalgo do Algarve muito eſforçado, com ſua gente, com que bem vigiava ſua eſtancia, e as alheyas, rondando de noite os muros com muita diligencia. Tornando ao Baluarte Santiago para o de Santo Eſpirito, eſtava outra eſtancia de Pedro Zuzarte com gente, e Bandeiras das Armas Reaes, logo adiante tinha a eſtancia Fernaõ Cabral com cem homens, que levou à ſua cuſta, com tambor, e Bandeira de Campo de ſeda amarella, e branca; e paſſando adiante eſtava Joaõ Rodrigues de Torres, filho de Joaõ Affonſo de Torres, que era hum riquiſſimo Mercador, que levou cem homens à ſua cuſta, e quatro trombetas, com hum tambor, e tinha huma Bandeira de Campo de ſeda branca aleonada. Tambem mandou Antonio Gonçalves Mercador hum ſeu filho muito moço, o qual ſe chamava Damiaõ Gonçalves; e poſto que era de pouca idade, tinha eſpiritos de homem de grande eſforço, e gaſtou com ſua gente, e amigos muito largo, em eſpecial com os Cavalleiros pobres, e feridos.

Adiante da eſtancia de Joaõ Rodrigues de Torres era a eſtancia da gente do Algarve, que foy a ſoldo delRey com o Capitaõ Franciſco Portocarreiro, Cavalleiro de muito eſforço, e grande diligencia, o qual fez ſobre a ameya do muro hum travez de pipas terraplenadas, como o tinha Joaõ Rodrigues, donde ſe fazia notavel damno nos inimigos. Logo adiante tinha Pero de Goes huma furioſa peça de artelharia chamada *Salvagem*, que de perto do

Ba-

Baluarte Santo Eſpirito defendia muy bem ſeu eſpigaõ, e por cada tiro, que fazia bom emprego, dava o dito Pero de Goes mil reis ao bombardeiro; porque receavaõ muito os bombardeiros fazer hum tiro, por cauſa do grande perigo, que corriaõ, porque em levantando a manta da bombardeira para atirar huma peça, choviaõ os pelouros dos inimigos ſobre elles; mas o intereſſe do dinheiro que os Fidalgos lhe davaõ, lhe fazia darem alguns bons tiros, que faziaõ muito damno nos inimigos; os quaes negoceavaõ por eſte modo, por intereſſe tambem, o que lhe valeo muito neſte cerco, e os que eſcaparaõ vivos ficaraõ bem aproveitados. Eſta liberalidade dos Fidalgos ſe deve muito louvar, porque faziaõ aos homens eſpertos, e cuidadoſos em ſeus officios, e elles eraõ ſervidos como queriaõ.

Aqui importa dar noticia do que aconteceo a D. Antonio Lobo com o ſeu hoſpede, que era bombardeiro, ao qual prometteo trinta cruzados ſe arrenbentaſſe huma bombarda dos inimigos, ao que reſpondeo o bombardeiro: *Que jà lhe dava Gomes Freire cincoenta, que naõ quiz aceitar, e naõ tomaria menos de cem.* Niſto ſe vè quanto perigo corriaõ os bombardeiros, e quaõ liberaes eraõ os Fidalgos Portuguezes no ſerviço do ſeu Rey.

Adiante eſtà ſito o Baluarte Santo Eſpirito, donde comecey, o qual carecia de Praça, por naõ eſtar acabado; eſta Praça mandou fazer o General, ſobre maſtros, e vigas apontados, e ſobre ellas taboado cuberto de terra, que ſendo muito firme, ſervia como ſe fora abobeda, que foy grande remedio para os trabalhos, que houve no diſcurſo do tempo da guerra.

Todos eſtes Capitães, que ficaõ nomeados, que tiveraõ gente à ſua cuſta, e aſſim os mais todos trabalharaõ muito nas eſtancias, reparando-as, e fortificando-as com grandes obras, e tambem ajudaraõ nas do Baluarte; vigiando aos quartos no cavalleiro de dia, e de noite, onde ſofreraõ com esforço muitas bombardas, e lhes mataraõ, e feriaõ de ſuas companhias muitos ſoldados, e gaſtaraõ muito de ſua fazenda com grande liberalidade, e contentamento; finalmente obraraõ tanto, e taõ generoſamente, q̃ nenhuns homens no Mundo de naçaõ alguma ſe acha, que livre, e voluntariamente obraſſem taes finezas, expondoſe a tantos perigos por ſeu Rey, ou Republica, nem fizeſſem, ou façaõ taes couſas com tanto amor.

CAPITULO LXIX.

Do amor que ſe tinhaõ os Portuguezes no cerco de Mazagaõ.

DEclarada a ordem, que na Fortaleza por ſua defenſa ſe deu

deu, ſerà razaõ que diga o grande amor, com que os Portuguezes, aſſim Fidalgos, e Cavalleiros, como todo o outro povo, ſerviaõ a ſeu Rey em tempo de tal neceſſidade, que he muito para eſtimar, e remunerar com grandes merces. Os Portuguezes por natureza, ou dom de Deos concedido aos Reys de Portugal, alèm de ſerem muito leaes, e esforçados, de tal ſorte amaõ a ſeus Reys, que o menos que por ſeu ſerviço avcnturaõ, ſaõ os bens da fortuna, os quaes gaſtaõ liberalmente na paz, e na guerra em tanto extremo, q̃ em couſas do ſerviço delRey, como ſaõ feſtas, ou guerras, naõ ſòmente ſe empenhaõ, mas vendem os Patrimonios atè ficarem ſem couſa alguma; pois das vidas naõ ſaõ menos prodigos, que da fazenda, e daqui vem que poucos Portuguezes nas guerras de ſeu Rey fazem mayores façanhas em feitos de armas, do que faraõ milhares de homens eſtrangeiros aſſoldadados, poſto que ſejaõ esforçados, como claro ſe vio neſte cerco, para onde naõ ſómente corriaõ os homens de guerra, mas os meninos de quatorze, e quinze annos, morgados de grandes caſas, muito mimoſos de ſeus pays, e mãys. Iſto fazem os Portuguezes contra a opiniaõ de todas as Naçoens do Mundo, que trazem por adagio, *Que do cerco ſe deve fugir, e à Batalha ſe deve ir.*

Ao contrario faziaõ eſtes mouros, que fugiaõ de ſeus pays para o cerco, embarcandoſe em pequenos barcos, ſem temor das tormentas do golfo de val das Egoas, e ſem mantimento, e veſtidos, e quaſi mortos de fome, e ſede chegavaõ ao ſoccorro, e quanto mayores temores lhes repreſentavaõ das mortes de ſeus parentes, e amigos, tanto com mayor fervor, e animo ſe embarcavaõ, em tempo que em Caſtella ſenaõ achava ſoldado, que por esforçado que foſſe ſe quizeſſe aſſentar a ſoldo, para ſoccorrer aos Portuguezes, taõ amigos, e parentes; e dizem que quando o Embayxador de Portugal pedio a ElRey Felippe de Caſtella mandaſſe ſoccorrer a Mazagaõ, pedio o dito Rey como diſcreto, e homem de guerra, a traſſa da Fortaleza, e viſtos os baſtioens, e trincheiras; e conſiderando como os inimigos eſtavaõ pegados nos muros, e a multidaõ, que de combates havia, mandou chamar alguns Capitães, e Cavalleiros de experiencia em caſos de guerra, e moſtroulhe a traſſa, os quaes affirmaraõ que conſórme a traſſa, que tinhaõ preſente, que na Fortaleza naõ havia remedio; porque ou ſe haviaõ de render, ou morrer todos obſtinadamente; por onde lhe pareceo que era o ſoccorro eſcuſado, e aſſim naõ foy ſoccorrida a Fortaleza, ſenaõ de Lisboa, e Algarve, e do favor Divino, principal ſoccorro dos Chriſtãos.

Nem

Nem he de maravilhar dos moços Fidalgos irem ao ſoccorro, como fica dito; mas de velhos de oitenta annos, que tinhaõ experimentado trabalhos, e perigos, que nos cercos ſaõ muy certos. Hum deſtes foy Simaõ Sodré, que era hum Fidalgo criado na India, que ſe tinha achado em alguns cercos, aonde com fome ajudou a comer muitas correas, e adargas; eſte velho por coſtume, ou natureza, aſſim tinha o coraçaõ taõ honrado, e belicoſo, que poſto que lhe foy mandado da parte del Rey que ſe naõ embarcaſſe, o naõ deixou de fazer, e perdera antes toda ſua fazenda, que a jornada, o qual Fidalgo no cerco foy muito conveniente, porque ſem embargo de ſua muita idade, trabalhando mais do que ella permittia, foy occaſiaõ com eſte notavel exemplo para que alguns homens movidos da vergonha de tantas cans ſe deſpuzeſſem ao trabalho. Eſtando certos Fidalgos em huma pouſada debatendo em huma porfia jà vencidos da colera para fazerem algum mao feito, elle os reprehendeo com aſperas palavras, de que elles envergonhados ſe foraõ apartando, tendo mais reſpeito às ſuas cans, que à honra, que jà cada hum tinha poſta na balança para a aventurar a qualquer mao ſucceſſo, que vieſſe. Eſte, e outros velhos trabalhavaõ nas obras, e vigias com taõ vivos eſpiritos, que ſe lhe podia haver inveja, poſto que juntamente ficaſſem os invejoſos nas cans, e na idade iguaes a elles.

Aſſim ſe moſtrou tambem o grande amor, que os Cidadãos de Lisboa tinhaõ a ſeu Rey, porque de improviſo fizeraõ mil homens de guerra para o ſoccorro, que logo mandaraõ; e outros tantos fizeraõ os Officiaes Mecanicos da dita Cidade, os quaes davaõ dinheiro com muito goſto, e contentamento, dizendo: *Que deixariaõ ſuas caſas, officios, filhos, e mulheres para irem ao cerco ſervir, e pelejar contra os Mouros em defenſa da Fè, e de ſeu Rey que era menino; e que quanto dinheiro para iſſo lhe pediſſem dariaõ, e ſendo neceſſario venderiaõ os proprios filhos quando outra couſa naõ tiveſſem.* Deſta ſorte o fizeraõ os Moedeiros de Lisboa, gente por privilegios, e liberdades dos Reys antigos muita iſenta de fintas, os quaes aconſelhados do Lecenciado Antonio Dias ſeu Conſervador, voluntariamente ſe fintaraõ entre ſi, e mandaraõ ao dito cerco oitenta ſoldados pagos à ſua cuſta por dous mezes adiantados; e dariaõ muito mais ſe a guerra durara mais tempo do que durou.

Ditoſo, e feliz ſe póde chamar o Rey de taes Vaſſallos, como diſſe o Soldaõ de Cambaya a Martim Affonſo de Souſa, quando cõ elle andava na guerra contra os Mogores, proferindo eſtas palavras: *Se eu tivera alguns Cavalleiros*

leiros taes como vòs, posto que fossem poucos, eu castigara estes Mogores, com que nunca mais tornassem a esta terra. E muitas vezes repetia: *Que bemaventurado se podia chamar o Rey que taes Vassallos tinha, pois tantos milhares de legoas affastados delle lhe ganhavaõ tantos Reynos, e Senhorios.* Tambem as Damas do Paço em Lisboa como sentidas de naõ poderem obrar nesta occasiaõ alguma fineza, se despicavaõ no modo possivel, fechando as janellas aos galanes, dizendolhes, que naõ mereciaõ favores estando elles em Lisboa, e Mazagaõ sitiado.

Cousa maravilhosa era neste tempo ver os meninos de Lisboa de seis annos para cima, como ordenavaõ esquadroens com bandeiras, e tiros de polvora, e como pelejavaõ huns contra outros, de modo que puzeraõ fogo a huma tendeira, que vendia polvora, e queimaraõse quatro tendas, e nellas dous soldados, que a compravaõ, e huma mulher, e sete, ou oito meninos, que os menos escaparaõ com as vidas; e dia de S. Jorge, que foy vespera do primeiro assalto, que os Mouros deraõ à Fortaleza, appelidaraõ as regateiras, e meninos de Lisboa: *Vitoria, vitoria, que S. Jorge venceo os Mouros*; e como diga a Sagrada Escritura: *Que a voz do Povo he voz de Deos*, bem se cumprio, porque passado o dia de S. Jorge, que na Fortaleza fizeraõ huma solemne Procissaõ, o dia seguinte foraõ os Mouros vencidos, com muitos mortos, e queimados. E assim se disse tambem nas Igrejas de Lisboa ao Domingo seguinte, depois do segundo combate, que dia de Mayo (que foy na sesta feira antes) foraõ os inimigos segunda vez vencidos. Isto se naõ podia saber em dous dias, salvo se algum dos espiritos Angelicos, que entre nòs andaõ o divulgasse no Povo, como aconteceo a ElRey D. Affonso Henriques em Coimbra quando quiz tomar Santarem.

Visto o grande amor do Povo para com seu Rey, vejamos o mesmo Rey como trata o seu Povo. Os Reys de Portugal tem huma particularidade, que os obriga a amar a seus Vassallos, naõ como Principe, e Senhor delles, mas como pay; porque nenhum Fidalgo ha em seus Reynos, que delle naõ receba estipendio, ou moradia, de modo q̃ naõ sómente elles recebem do Rey estas merces, mas todos seus filhos; tanto que saõ de idade para irem ao Paço servir, logo tem parte da moradia de seus pays, e como passaõ de vinte annos saõ accrescentados a toda a quantia, que os pays tem, e sem embargo destas merces, recebem outros muitos favores, tomandolhe ElRey seus criados, dandolhes cargos, com que se fazem ricos; e por esta causa toda a mayor parte do Reyno se mantem das merces delRey; donde vem

que

que os Reys de Portugal saõ os mais perseguidos, e importunados de todo o Mundo, por respeito de muitos negocios de seus Fidalgos, e criados.

Pois por causa das Justiças tem outro immenso trabalho, porque está obrigado a ouvir, e despachar todos seus Vassallos, de modo que naõ ha pobre, ou rico do mais remoto lugar dos seus Reynos, q̃ naõ venha a ElRey, naõ sòmente com qualquer aggravo, mas a pedirlhe merces para si, e para seus filhos, o que ElRey tudo cumpre, e daqui vem que nos Reys de Portugal justamente cabe o titulo de *Pay da Patria*, porque nunca nenhum Pay foy assim taõ piedoso com seus muy amados filhos, como os Reys de Portugal o saõ com seus Vassallos, e assim senaõ pòde determinar qual tem mais obrigaçaõ, se os Povos a seus Reys, ou elles a seus Povos.

CAPITULO LXX.

Do que aconteceo em Mazagaõ no cerco a trinta de Março.

TOrnando aonde deixey a gente nas estancias, e proseguindo a Historia, digo que aos 30 do mez de Março batiaõ os inimigos com tanta pressa o Baluarte, e bombardeira de D. Gonçalo de Castellobranco, que em poucos dias foy cega, como fica dito, e dada logo a Nuno Fernandes de Magalhães, aonde se mostrou assaz diligente, porque com a gente que levou, e alguns amigos em poucos dias, e partes das noites entulhou huma parede que fez sobre o muro, com que o engrossou, ficando aquella parte muito fortificada. Nestes dias Vasco Fernandes Homem com sua gente, e amigos fez outro tal entulho, tendo jà dantes sobre a ameya do muro pipas levantadas, e cheas de terra, que lhe custou muito trabalho, e dinheiro.

E porque nesta estancia se trabalhou, e vigiou todo o tempo do cerco, quero neste Fidalgo fallar particularmente, o que posso affirmar, posto que com palavras naõ poderey encarecer com quanto contentamento neste cerco servio a ElRey, gastando sua fazenda taõ liberalmente, que quasi foy havido por prodigo, tanto que escrevendolhe a Rainha Dona Catharina, que ficasse em Mazagaõ depois dos Mouros hidos, lhe encomendava muito naõ gastasse tanto da sua fazenda, o que elle continuava dando mesa aos amigos que a elle se chegavaõ, Fidalgos, criados delRey, e aos Cavalleiros que na Fortaleza naõ tinhaõ gasalhado, nem que comer, aos quaes naõ só dava duas abundantes mesas cada dia, mas tudo o que elles pediaõ, e haviaõ mister se lhes dava de sua casa com liberalidade; e alèm do referido ves-

tia aos que tinhaõ neceſſidade, e empreſtava dinheiro aos Fidalgos, e criados delRey quando lho pediaõ, e aſſim a outros, poſto que bem conhecia que nunca lhe haviaõ de ſatisfazer. E ſobre tudo naõ eſperdiçou dinheiro jugando, nem em veſtidos de ſua peſſoa, mas com muita modeſtia andou no cerco, aonde fez tudo o que como a bom Fidalgo devia.

Eſta ordem teve D. Gonçalo de Caſtellobranco, que gaſtou mais que ninguem em dar meſa a muitos. Aſſim o fez Ambroſio de Aguiar, Luiz de Faria, Gomes Freire, e outros mais, que ſeria largo querellos todos nomear; e paſſando aos trabalhos ordinarios, que eraõ cavar, carretar terra, e pedra, levantar as eſtancias, derribar as caſas para lhe tirar as pedras, mudar a artelharia de huma parte para outra, fazer minas, e reparar o derribado, e juntamente acudir aos repiques, era tanto o trabalho, que quaſi naõ ſe ſabia aonde ſe pudeſſe acudir primeiro.

CAPITULO LXXI.

Do que aconteceo aos nove dias de Abril.

HUma quinta feira nove do mez de Abril diziaõ os inimigos, que havia de ſer o dia em que nos haviaõ de degolar, e cativar a todos, e cuido que jà entre elles teriaõ tomado ſinal da venda de alguns, como entre nôs faziaõ alguns homens ſoberbos, dizendo muitos ditos ſem ſabores, mais de homens fanfarroens, que de verdadeiros Portuguezes, e aſſim diziaõ, que deixaſſem chegar os Mouros, que pelejando maõ a maõ veriaõ os perros quem eraõ os Portuguezes; e pòde ſer que eſta foſſe a cauſa que os inimigos tiveraõ para chegarem tanto a ſeu ſalvo ao muro. Eſtes meſmos ſe viraõ depois em tal eſtado, que deraõ todas ſuas eſperanças por muito pouco dinheiro; naõ ſey porque os homens que tem alguma criaçaõ, e honra, em tal tempo ſoltaõ palavras, de que naõ ſómente ſaõ notados, mas qualquer pequena deſgraça, que lhe aconteça, he cauſa de grande zombaria. A eſtes taes caſtigavaõ os antigos Capitães de ſorte, que Scipiaõ o fez com dous Cavalleiros, que no cerco de Carthago deſpedaçaraõ entre as mãos hum bollo feito ao modo dos Carthaginezes, dizendo, que ſaqueavaõ Carthago, o que o celebre Scipiaõ caſtigou, deſpedindo de ſeu Campo os taes fanfarroens, porque os mais deſtes palanfradores cumprem cõ palavras as obras, que em tal tempo ſaõ neceſſarias.

Muitos dias havia que os Mouros entulhavaõ a cava, atè chegar ao Baluarte, e porque determinavaõ minallo para o derribarem, fizeraõ huma trincheira, ou reparo atraveſſado do rebelim pequeno,

que

que estava pegado com a cava, que elles tinhaõ fortificado da sua parte, donde atravessaraõ a trincheira que digo, atè o canto do nosso Baluarte. Este reparo levantaraõ em tanta altura, que sufficientemente amparava os que chegavaõ a picar o muro, e quando cavavaõ a mina, juntamente faziaõ huma subida para o Baluarte, porque se a mina naõ houvesse effeito, subissem acima a pelejar maõ a maõ, como valentes homens; e fizeraõ a estrada taõ larga, que cabiaõ por ella cento e vinte homens em fileira, e o reparo era taõ largo, e forte, que nenhuma bombarda das nossas o podia romper, e depois que perderaõ as esperanças da mina, levantaraõ o reparo, e estrada em tal maneira, e altura, que subiaõ por ella muito facilmente a combater o cavalleiro, como em seu lugar se dirà.

CAPITULO LXXII.

De huma grande bataria, que se deu a Mazagaõ.

A Sesta feira seguinte deraõ os inimigos huma brava bataria com toda sua artelharia, comq̃ derribaraõ grande parte do Baluarte, e huma guorita donde elles receberaõ muito damno, e puzeraõ aquella noite fogo à porta da Villa, a que se deu repique com muita pressa, aonde acudio muita gente com alguma desordem, e houve terrivel peleija de arcabuzadas, e bombardadas, que durou muita parte da noite, e por ser em tal tempo era mais espantoso, porque se sentiaõ os pilouros de arcabuzes, e bombardas passar zonindo, e assoviando junto aos homens, sem ousar ninguem tomar outro lugar, nem affastarse do perigo, q̃ em todas as partes era presente. Alguns disseraõ, que se devia ter a porta da Villa aberta para que vissem todos os Mouros muito bem quaõ pouco se nos dava de a queimarem, e ao meu juizo fora muito acertado, ao menos de dia, porque era hum muito grande desprezo seguro; mas o General mandou que dalli por diante estivessem de toda a sorte de gente, Fidalgos, Cavalleiros, e soldados de dia, e de noite vigiando aos quartos, o que se fazia com muito grande recado. Ao Sabbado seguinte atiraraõ com seus trabucos nove tiros, que naõ fizeraõ mais damno que derribarem huma casa; mas a seguinte segunda feira atiraraõ muitos mais em grande numero, que causou muito grande admiraçaõ ver hum pelouro, que cahio na pousada de Luiz de Faria, Fidalgo muito esforçado, que deu em hum tacho, que o seu cozinheiro tinha na maõ, e lho quebrou sem perigo do cozinheiro; outro pilouro cahio na pousada de Nuno Pereira, muito honrado, e esforçado Fidalgo, e dandolhe em hum braço lhe atormen-

mentou todo o corpo, de que dentro em poucos dias falleceo.

Este Fidalgo sendo muito bom Cavalleiro se ria dos que fugiaõ dos trabucos, e os tinha por covardes em grande maneira, mas nem por isso escapou da morte, sendo menos merecedor della que o cozinheiro; mas saõ juizos de Deos, em que se naõ póde dar outra sentença se naõ a do mesmo Deos, que disse por S. Lucas: *Que nem na morte dos Galileus, nem na cahida da Torre de Siloé foraõ mais culpados os mortos, que alli morreraõ, que os vivos, que estavaõ em Jerusalem.* Isto digo, porque na morte de Nuno Pereira se fallou com muita, e inconsiderada liberdade Portugueza, dizendo: *Que por sua culpa, ou soberba lhe dera o pilouro;* o que por dito, e sentença de nosso Redemptor se mostra falso, mas os que naõ saõ virtuosos Portuguezes, saõ taõ soltos em deitar juizos, e confirmar sentenças, que nem os mortos se podem livrar de suas desenfreadas linguas. De huma cousa se póde aqui louvar Nuno Pereira, que se era na vida muito esforçado Cavalleiro, na morte se mostrou muito Catholico.

CAPITULO LXXIII.

De algumas ccusas, que succederaõ no cerco de Mazagaõ.

A Terça feira seguinte atiraraõ os Mouros muitos tiros de trabucos, que fizeraõ golpes formidaveis, como foy hum que cahio na Sacristia da Igreja, que deu em huma arca, em que estavaõ as Vestimentas Sagradas com que se dizia Missa, e a fez em pedaços sem tocar nellas, nem em hum Santo Crucifixo, e hum Menino Jesus, que na dita arca estavaõ, sobre a qual estava dormindo hum moço que ajudava as Missas, que acordou à grande grita, com que a gente appelidou o grande estrondo do trabuco, e em se metendo debaixo do portal da Sacristia, que estava quatro, ou cinco passos da arca donde deu o pilouro, ficando o moço meyo passmado, e dizia que elle sentira o vento do pilouro levantarlhe os cabellos das cabeça. Este caso foy cousa milagrosa, e por tal julgada na Fortaleza. Outro pilouro cahio em huma pousada, aonde entaõ chegava Jorge Mendes de Faria, que estava assentado sobre huma arca, e della se levantou ao estrondo do trabuco, chamando pelo Nome de Jesus, e cahindo o pilouro lhe deu em huma rodella, que na maõ tinha, que-

bran-

brandolhe huma parte, e fazendo em pedaços a arca, em que eſtava aſſentado, levando a roupa que tinha dentro pelo ſobrado abaixo, e a cravou dous palmos pela terra de huma logea.

Eſte caſo fez o milagre da arca das Veſtimentas mais conhecido, porque as ſalvou Deos, e a roupa profana ſe perdeo, livrando noſſo Senhor o homem, que a elle ſe encomendou. Deraõ os trabucos tanto eſpanto na Fortaleza, que toda a peſſoa que em caſa eſtava, procurava meterſe debaixo de algum portal, aonde eſtiveſſe ſegura; a eſte taõ grande perigo deu bom remedio Izidoro de Almeida, levantando quatro meyos camellos a modo de trabuco, com que atirou taes tiros dentro no arrayal dos inimigos, que tiveraõ por bem de ceſſar com ſeus trabucos por muitos dias, e o meſmo ſe fez na Fortaleza, e houve tregoas de trabucos entre a Fortaleza, e elles; porque viraõ os inimigos com quanta ventagem lhe pagavamos os pilouros que na Fortaleza metiaõ, que eraõ da meſma grandeza dos noſſos, e muitas vezes ſe achavaõ os proprios que da Fortaleza lhe atiravaõ, com que elles nos tornavaõ a atirar; os quaes faziaõ aquella jornada alguns dias, huma, e duas vezes, excepto hum trabuco que elles tinhaõ, que chamavaõ *Maimona*, que deſpedia hum pilouro muy diſforme.

CAPITULO LXXIV.

De alguns Fidalgos, que vieraõ de ſoccoro a Mazagaõ, e do que mais ſuccedeo.

NEſtes dias chegou àquella Praça Antonio Moniz, que era hum eſforçado Fidalgo, e muito experimentado nas guerras da India, debaixo de cuja capitania ſe podia fiar a Fortaleza, e mayores caſos de guerra ſe os houveſſe. Tambem chegou Pedro de Goes, valente Cavalleiro, e em ſua companhia outros de muita experiencia, que a Rainha mandava porque entendeo o grande perigo, que no cerco havia. A quatorze de Abril chegou o Capitaõ Gaſpar de Magalhães muito eſforçado, e experimentado Cavalleiro, aſſim nas guerras de Italia, e França, como na de Africa, o qual levou huma companhia de duzentos e cincoenta ſoldados delRey; e porque o tempo eſtava muito contrario arribaraõ a Cadis as caravelas, em que levava a gente, mas elle com o ſeu navio trabalhou contra os tempos, e mares, de fazer viagem por chegar com ſoccorro taõ neceſſario; porque alèm da gente, que levava, embarcou vinte e quatro barris de polvora, de que na Fortaleza havia muita falta.

Eſte

Eſte primor tem os Portuguezes, que quando cumpre à ſua honra, contraſtaõ os Elementos, e por debaixo do mar navegaõ; póde-ſe dizer por debaixo do mar, porque quando hum navio Latino vay contra mar, e vento, quaſi vay por debaixo delle. Chegado eſte Capitaõ logo, deſembarcou com os ſeus Officiaes, e polvora com oitenta homens, e com ſua Bandeira, e tambor, ſe foy à Igreja aonde lhe diſſeraõ Miſſa, e benzeraõ a Bandeira, que era de ſeda azul, e amarella em barras, e atraveſſados por cima dellas dous baſtoens, que nos ferros tinhaõ eſta letra:

Aqui travail ne peut ſoufrir
Grand honneur ne peut venir.

O que nelle bem ſe cumprio; porque em chegando o que ſubio ao cavalleiro com a nova Bandeira lhe deraõ tantas bombardadas, que o cobriraõ de terra, e pedra, ferindolhe alguns homens. Logo o General partio o cavalleiro entre elle, e o Capitaõ Fernaõ de Craſto, que dantes alli eſtava; porém Gaſpar de Magalhaens poz maõ emfortificar ſua eſtancia com madeira atraveſſada, e pregada ſobre groſſas eſtacas, e entulhando tudo o que cumpria para ſua defenſa. Neſte trabalho lhe deraõ muitas pedradas, e duas pedras, que ſaltaraõ da muralha o pizaraõ de modo que ſenaõ podia bolir, nem manear dos braços, e por eſta cauſa andava todo empraſtado com grandes dores, com que bem juſtificou a letra de ſua Bandeira.

Achouſe em todos eſtes trabalhos junto delle Fernaõ Rodrigues, Feitor, que foy em S. Thomé, que era hum dos esforçados Cavalleiros deſte tempo, o qual nos trabalhos, vigia, e peleja ſe moſtrou homem de grande animo, pois andando o ſobredito Capitaõ occupado no reparo, e defenſa do Cavalleiro, entendeo que huma bombarda, que eſtava de roſto ao mar, naõ fazia alli couſa alguma, havendo outros lugares donde podia damnificar os inimigos, do que deu conta ao General, e logo fez com a ſua gente paſſar a bombarda a hum travez, que eſtava junto ao Baluarte Santo Eſpirito, donde defendia o ſeu eſpigaõ, e atirava ao baſtiaõ dos Mouros, fazendolhe grande damno. Eſta foy a bombarda, que ſe deu a Pedro de Goes, como fica dito.

Neſte tempo atiravaõ os inimigos ao cavalleiro tantas bombardadas, que os que eſtavaõ na defenſa o naõ podiaõ ſofrer; mas Gaſpar de Magalhães quiz arriſcar a vida por aſſegurar as dos companheiros, e ſubindo ſobre o parapeito, vio aonde eſtava a bombarda que tanto o moleſtava; foyſe logo à eſtancia de D. Antonio Lobo, e prometteo ao bombardeiro, que alli eſtava hum veſtido, ſe arrebentaſſe a bombarda dos inimigos, que de roſto tinha, que era a que fazia o damno. O bombar-

deiro

deiro cobiçoso do vestido, e de quinze cruzados, que D. Antonio Lobo já de antes por este mesmo caso lhe tinha promettido, se esmerou tanto no apontar, e atirar da bombarda, que meteo o pilouro dentro da bombardeira contraria, com que naõ sómente matou alguns Mouros, que andavaõ rodeando a bombarda, mas de tal sorte lha arrebentou, que nunca mais servio.

Nestes dias, ou alguns antes Pedro Paulo, esforçado, e venturoso Capitaõ de huma galé, ordenou huns arcos com humas settas de fogo para queimar a lenha dos inimigos, com a qual se reparavaõ para levantar com brevidade suas trincheiras; e ordenadas as settas elle as lançou nos reparos dos inimigos, que algumas vezes ardiaõ pouco, e hum dia, que ventava fresco Norte; Joaõ Riscado, Cavalleiro de muito valor, e elle deitando as settas, e panellas de polvora, prendeo o fogo de modo, que toda a lenha, que sobre as trincheiras tinhaõ ardeo, sem lhe poderem valer, e de tal maneira pegou por baixo, que nunca já mais se apagou, de que procedeo naõ se fiarem nunca mais os Mouros da montanha de terra, que trouxeraõ contra o nosso Baluarte, nem ousaraõ plantar sobre ella artelharia, temendo que se arruinaria; porque se queimava por baixo a lenha, que era a mayor parte do seu fundamento, e aconteceo que quatro Mouros determinados se deitaraõ por cima da sua trincheira, para a parte do nosso muro, sem nenhum temor dos nossos arcabuzeiros, e alli juntos trabalhavaõ por apagar o fogo; mas os seus proprios os cobriaõ com a terra, que deitavaõ para apagar a lavareda, e juntamente Luiz de Faria lhe fez atirar huma bombardada, com que os meteo feitos em pedaços dentro na sua trincheira, onde ficaraõ seus ossos encravados.

Tanto, que os Mouros principiavaõ sua trincheira, logo a guarneceraõ com muita gente, arcabuzeiros grandes atiradores, os quaes eraõ taõ certeiros, que por qualquer fresta, ou luzerna que os nossos queriaõ atirar, ou vigiar os matavaõ, e estavaõ tanto a ponto, que vendo que a luzerna, ou buraco se escurecia logo o que a tinha a seu cargo fazia seu tiro, que de ventura errava, principalmente na gente bisonha que do Reyno hia ao soccorro por se naõ saberem resguardar do perigo, de que naõ eraõ sabedores, e muitas vezes aconteceo a alguns traveços porem lhe chapeos nas frestas, ou buracos, e tanto que as viaõ escuras improviso eraõ passados dos pilouros, e hia isto em tanto crescimento, que naõ ousava pessoa alguma levantar a cabeça para ver o Campo, que logo o naõ derribassem pela testa, ou cabeça, e aconteceo, que indo ao soccorro alguma gente, a primeira pessoa

que

que chegou ao muro em deſembarcando foy hum Clerigo Fidalgo da Ilha da Madeira por nome Barthaſar de Mendoça, que jà eſtivera na terra por algumas vezes antes do cerco, e em chegando ao muro quiz ver o Campo, e tendas do arrayal dos Mouros, e em deſcobrindo a cabeça, em hum inſtante lhe deraõ huma arcabuzada pela teſta, que improviſo cahio ſobre o lugar em que tinha os pès, o que meteo em confuſaõ aos companheiros que com elle deſembarcaraõ por onde houve tanto cuidado em ſe reſguardarem, que jà naõ havia peſſoa que ouſaſſe a apparecer, donde veyo que os Elches nas matracas que de noite davaõ aos do muro dizerem: *Vós outros que fazeis, que naõ ouſais apparecer, muito grande cuidado pondes em guardar as cabeças, e parecevos que tendes os pès ſeguros.* Por onde ſe entendeo que os Mouros minavaõ o Baluarte.

CAPITULO LXXV.

De como os Portuguezes abriraõ a mina em Mazagaõ.

AOs quinze dias do mez de Abril abriraõ os Portuguezes ante manhãa a mina, que foy hum feito aſſinallado, de que ſe deve fazer mençaõ. Como os Mouros tinhaõ intentado derribar o Baluarte Santo Eſpirito para entrarem por elle a cavallo, como tinhaõ promettido a ſeu Rey, começaraõ a fazer a mina ao longo do chaõ, naõ entendida dos cercados, para com barris de polvora deitarem todo o edificio em terra; porque minavaõ de dia, que com o trafego da gente ſenaõ entendia, nem ouvia, e de noite eſtavaõ quietos, e ſenaõ fora o aviſo naõ eſperado corria a Fortaleza muito riſco, e tambem diſſeraõ, fora achado hum caparaõ de hum gaviaõ na Fortaleza, e dentro nelle ſe achara hum eſcrito, em que davaõ o proprio aviſo, e entendido o dito ardil, Iſidoro de Almeida com muita diligencia poz por cima do Baluarte certas vaſilhas com ovos dentro para ſaber porque parte vinhaõ os inimigos minando, e em chegando ſobre o lugar onde ſe picava o muro, pondo a vaſilha começou a tremer com as pancadas, que debaixo ſe davaõ, o q̃ deu a conhecer a parte por onde vinhaõ minando. Entendido iſto por Iſidoro de Almeida, e Joaõ da Sylva, fizeraõ com muita diligencia huma contra mina, que foy dar na dos Mouros, os quaes tinhaõ entrado dez palmos dentro no noſſo Baluarte, e porque a noſſa mina foy por cima da ſua cinco palmos, Joaõ Riſcado, o mais esforçado, e valeroſo Cavalleiro deſte tempo, e Pedro Lourenço de Mello trabalharaõ de a endireitar, o que naõ cuſtou pouco trabalho, e dinheiro, leva-

va

va cada hum dos cabouqueiros a mil reis por dia, e era pouco, ſegundo o trabalho, e perigo que nas taes minas ſe paſſa; pois como ſe vieraõ a encontrar as minas, e conheceraõ os Mouros, que eſtavaõ perto dos Chriſtãos, fingiraõ picar em outra parte para aſſegurarem o ſeu deſenho.

Iſto penetrou Joaõ Riſcado, que andava dentro na mina, e era dos vinte deputados para a romper, e como vio que os inimigos diſſimulavaõ, diſſe que logo ſe rompeſſe a mina, o que Diogo de Vaſconcellos começou a fazer, metendo huma alavanca, e cuidando que jà a tinha aberta diſparou pelo lugar da alavanca hum arcabuz, que naõ fez effeito, mas Joaõ Riſcado bradou, que logo ſe abriſſe a mina pois os Mouros tinhaõ entendido q̃ ſe queria abrir, e dando hum cabouqueiro hum grande golpe com alavanca abrio hum buraco, por onde Joaõ Riſcado fez meter o arcabuz a Pedro Lourenço de Mello, que o diſparou dentro na mina, com que matou alguns Mouros, o que ſe entendeo, porque os Mouros deraõ huma grande grita, e arremeteraõ ao Baluarte com lanças, e dardos, onde por razaõ de guerra houveraõ de trazer arcabuzes, e bombas de fogo; mas os Mouros em lugares taõ perigoſos tudo o que fazem he mais por comprimento, q̃ por obrigaçaõ, e honra; aſſim que como Joaõ Riſcado, que era hum dos primeiros, vio as lanças metidas pelo buraco, meteo elle por entre ellas o ſeu arcabuz, que entaõ naõ tomou fogo, pelo que Simaõ de Goes meteo huma eſpingarda, que deſparou nos inimigos, que perſeveravaõ na grita, e no buraco. Deraõ logo a Joaõ Riſcado outro arcabuz carregado com perdigotos, e neſte tempo por elle eſtar diante lhe tocavaõ os Mouros com as lanças em hum colete, que tinha veſtido ſobre huma coura danta, e meteo o arcabuz por cima das lanças, que tomou fogo, e eſpalhou os inimigos pela mina fòra; vieraõ mais outros arcabuzes, e outros muitos dardos à formiga, com que de todo os inimigos deixaraõ a mina, com mortes de muitos dos ſeus, que elles tiraraõ arraſtrando-os pelas pernas.

Com eſte bravo conflito ſe acabou de abrir a mina, e foraõ os Chriſtãos ao cabo, tomando a ferramenta dos Mouros, reparandoſe com colchoens molhados, naõ ceſſando de atirar com arcabuzes dados de maõ a maõ, porque na mina naõ cabiaõ mais que dous homens emparelhados de roſto aos inimigos. Vieraõ a eſte tempo os Mouros com muita lenha acceza, a qual puzeraõ na boca da mina para deitar dalli fóra os arcabuzeiros, que por entre o fogo faziaõ muitos, e bons tiros; e porèm Joaõ Riſcado, que foy ſempre diante, ſe firmou ſobre huma

rodella no colchaõ, ſobre que eſtava ſofrendo a tempeſtade do fumo, que entrava pela porta da mina, que naõ eſtava reparada, por onde de mais longe os noſſos arcabuzeiros atiravaõ aos inimigos. E verdadeiramente eſteve Joaõ Riſcado muitas vezes affogado da grande força do fumo dandoſe por morto, mas a honra o deteve em tanto perigo, atè que os Mouros entenderaõ, que com aquelle genero de ardil naõ deixavaõ os noſſos Portuguezes a mina, de que veyo tornaremſe à furia dos arcabuzes atirando de travez, porque de roſto naõ ouſavaõ, pois os matavaõ de dentro, e ſem embargo do tal perigo hum Turco muy principal veyo de roſto ao buraco, e encarando o arcabus, lhe deu Joaõ Riſcado, que eſtava preſtes, huma arcabuzada com que o deitou de pernas arriba dentro na cava; e dalli por diante eſtavaõ ſoldados aos quartos atirando de dia, e de noite arcabuzadas aos inimigos, e os inimigos a elles, ſem matarem ninguem, ferindo muitos das pedras, que quebravaõ dos muros aonde davaõ os pilouros.

Neſta vigia da mina eſtavaõ Fidalgos, e Cavalleiros, que de noite velavaõ aos quartos. Entre eſtes foy Gaſpar da Cunha, irmaõ de Chriſtovaõ da Cunha, que algumas noites vigiava ſeu quarto com ſeis homens ſeus, e eſtava diante delles metido na agua até os joelhos; e poſto que na frialdade da agua, muito mayor tormento lhe dava o grande ſuor, que do lugar affogadiço, e eſtreito lhe cauſava, que a frialdade; e aſſim que em hum meſmo tempo padeciaõ frio, e calma. Da meſma ſorte paſſavaõ todos os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que nas minas vigiavaõ; e verdadeiramente que algumas manhãas ſahiaõ os ſoldados velhos de Mazagaõ, taõ feridos no roſto, e tremendo de frio, que era muito para delles haver dò, e compaixaõ, porque ſe lhe ajuntava ao trabalho a pobreza, que he o mayor de todos os males.

Algumas vezes os levava Vaſco Fernandes Homem a ſua caſa, e os mandava curar, dandolhe dinheiro, e a hoſpedagem da meſa, em quanto durou o cerco, e muitos dias depois aos que a queriaõ receber, o que foy cauſa de ſer taõ bemquiſto, que todos os Cavalleiros pobres de Mazagaõ o tinhaõ por pay, e amparo em ſuas neceſſidades. Neſta mina pelejaraõ o primeiro dia Pedro Lourenço de Mello, Joaõ Riſcado, Simaõ de Goes, Diogo de Vaſconcellos, Fernaõ Vieira, Gaſpar de Mendoça, Joaõ Pires de Gavi, Duarte Luiz, Simaõ Pires, Domingos Gonçalves, todos Cavalleiros da terra, e outros muitos de que naõ ſoube os nomes, que eraõ dignos de muito grandes honras, e merces por ſeu taõ ſinalado valor.

CA-

CAPITULO LXXVI.

Do que a Rainha Dona Catharina determinou sobre o cerco de Mazagaõ mandando alguns Fidalgos.

NEste tempo pareceo à Rainha Dona Catharina Regente destes Reynos de Portugal, que em caso de tanta importancia, em que se aventurava a honra do Reyno, e a vida de tantos Fidalgos, devia mandar a Mazagaõ alguns Fidalgos experimentados na guerra, os quaes foraõ Vasco da Cunha, e Christovaõ da Cunha seu irmaõ; para que naõ sómente pelejassem, mas no negocio do conselho fossem iguaes ao Capitaõ General, o qual naõ determinasse cousa alguma sem tomar primeiro conselho com elles, e sobre este caso lhe escreveo huma carta, da qual o General tomou alguma desconfiança, o que se entendeo no discurso do tempo adiante; porque nos conselhos se naõ tomava nunca resoluçaõ, posto que se davaõ razoens evidentes, assim no modo da guerra, como nos reparos, e por esta causa aquelles, que entendiaõ da guerra, andavaõ taõ tristes, que muito bem se conhecia o desgosto.

Estes sobreditos Fidalgos eraõ Cavalleiros de muita experiencia, que Vasco da Cunha se criou, e envelheceo na guerra da India, que ao presente era a mais encarecida, e perigosa de todo o Mundo, onde teve experiencia de muitos annos de guerra, em que ganhou fama de bom Capitaõ, e esforçado Cavalleiro; e Christovaõ da Cunha era taõ antigo na guerra, que sendo moço esteve no cerco, e tomada de Rodes, criandose depois nas galès de Malta da Ordem de S. Joaõ Bautista, aonde pelejou muitas vezes no mar, e na terra valerosamente, e por esta causa o Graõ Mestre lhe encarregava os casos de muita importancia, e o punha nos mais honrados, e preminentes cargos, que na Ordem havia, e sendo estes que digo andavaõ na Fortaleza como soldados Extravagantes, trabalhando, e vigiando mais do que sua idade sofria.

Estes Fidalgos chegaraõ aos 16. dias de Abril, onde com sua vinda toda a gente da Fortaleza recebeo novos espiritos, assegurandose muito com a presença de taes Cavalleiros; porque na guerra muito mais animo daõ os poucos Cavalleiros de experiencia, que as muitas armas, e os muitos homens sem ella, e daqui veyo alegrarem-se os companheiros com a chegada de taõ experimentados velhos; os quaes subiraõ ao muro armados de fermosas armas, que juntas com as veneraveis cans, eraõ taõ vistosas, que levavaõ atraz de si os olhos de todos os que os viaõ; porque

Christovaõ da Cunha trazia sobre huma almilha affogueada, e dourada huma sobre vestia de setim carmezim, e nella huma grande Cruz de S. Joaõ de Malta, que lhe tomava todo o peito, e outra tal nas costas, que lustrava belissimamente, entre todas as armas, que na Fortaleza havia. Faley taõ largo nestes Fidalgos; porque nenhuma batalha pòde ser famosa, nem bem ordenada, salvo aquella que entre os robustos, e fortes mancebos tem esmaltados as veneraveis cans. E quando Quinto Curcio quiz mostrar a boa ordem, e beleza das batalhas de Alexandre, pintava nas primeiras fileiras hum Senado de valentes, e experimentados velhos.

Mandou tambem a Rainha para este effeito Antonio Moniz, e Pedro Vaz de Sequeira, Fidalgos velhos de muita experiencia, e valentia, os quaes na India fizeraõ assinalados feitos de armas. Estes Fidalgos, e os sobreditos entravaõ em conselho, de que nunca se via effeito, foy assim mesmo enviado nesta companhia hum Italiano, que diziaõ ser grande Artifice de engenhos, e invenções de guerra, que por ser Estrangeiro era muito estimado, e remunerado com grandes merces. Este Italiano era escusado aonde estavaõ os Cavalleiros sobreditos, e outros Portuguezes experimentados na guerra de Italia, e India, como eraõ Francilco da Sylva, Gaspar de Magalhaens, e Isidoro de Almeida, pessoas de gentil engenho, e de grandes ideas em cousas de guerra, pelas quaes, e pelo seu valor se fizeraõ muito conhecidos nas partes onde tinhaõ militado.

CAPITULO LXXVII.

De huma briga, que houve entre os nossos, e como se soube que os Mouros queriaõ combater outra vez a Fortaleza.

AOs vinte dias do mez da Abril subio hum Mouro sobre o Baluarte, a horas de meyo dia, e esteve olhando muito de vagar a gente que estava descansando nelle, e rindose o Mouro se deixou estar em quanto se naõ affirmavaõ ser Mouro; mas como foy conhecido arremeteraõ com elle os da guarda, e o Mouro se tornou à sua estancia, que era debaixo do muro, aonde tinhaõ cavado lugar em que cabiaõ muitos, que vigiavaõ de dia, e de noite; logo tocaraõ a repique onde acudio a gente com tanta pressa, que se houvera de abater a Praça feita sobre madeira, que logo se mandou apontoar com grossas traves, e estando muita gente em hum passo estreito, se revolveo huma perigosa briga entre huns mancebos da Villa, e outros dos que foraõ ao soccorro, e

foy

foy tal a contenda, que se teve por mais perigosa do que se fora com os inimigos, por ser em tempo, que se elles subiraõ se fizera huma mà jornada para os da Fortaleza; mas Vasco Fernandes Homem, e Gomes Freire com outros Fidalgos apaziguaraõ a briga, sem castigo dos authores della; e assim aconteceo em outro repique outra briga naõ menos perigosa que a passada.

Nestes dias se passou à Fortaleza Micer Jeronymo Catalaõ, que andava entre os Mouros, o qual disse, como queriaõ dar o combate à quinta feira seguinte, que era dia do *Joco*, que entre nòs he Feira, e que tinhaõ para este dia apregoado o assalto por todo o arrayal. Com esta nova se fizeraõ na Fortaleza prestes para o combate, reparando o cavalleiro, e fazendo na estancia de Vasco Fernandes Homem hum travez de pipas terraplenadas, para espingardeiros, que depois de Deos, foy a principal causa do desbarato dos inimigos. Deitaraõ os Mouros fama de combater à quinta feira, por nos desinquietar, porque naõ acometendo elles aquelle dia, cuidassemos que naõ veriaõ ao outro, e assim nos fossemos de dia em dia descuidando, para que elles de repente arremettessem, e levassem do primeiro impeto o Baluarte, e para mais nos assegurarem, mandaraõ de noite junto à boca da mina dizer aos nossos arcabuzeiros, q nos querião dar o assalto quinta feira com a maré vasia, porque havião de pelejar pela baixa mar, com escadas por muitos lugares. Isto disse hum Mouro algemado, fingindose Christão que desejava passarse a nòs com mais de duzentos Elches, e juntamente dizia, que a gente meuda dos Mouros morria de fome, e fugia para suas casas de vinte em vinte.

Estes palavras do falso Mouro fizerão toda a quinta feira a gente da Fortaleza estar todo o dia em armas, sem trabalhar nos reparos, que então erão muito necessarios, e os Mouros se ajuntaraõ nas suas trincheiras com as Bandeiras soltas, que era final de batalha; mas como naõ fizeraõ mais que os dias passados, assentaraõ na Fortaleza que os inimigos não ousavão acometer atè não terem muito do muro derribado, e assim passou aquelle dia; mas de noite trabalharão comgrande cuidado, e pressa; porque suspeitavão na Fortaleza os inimigos que se chegavão ao combate; e assim differão depois os Mouros que se vierão fazer Christãos, que a causa porque não combaterão à quinta feira, foy por certa desconfiança, que se tivera dos Elches, porque fora achada huma carta escrita da Fortaleza ao Alcaide Logrondo, de que se tivera mà suspeita; que foy industria de Christovão da Cunha, que como homem que da guerra tinha muita

expe-

experiencia, eſcreveo aquella carta, fingindo ter jà outras eſcritas, em que promettia grandes dadivas aos Elches, que ſe paſſaſſem à Fortaleza no tempo, que entre elles eſtava concertado. Eſta carta deitou Chriſtovaõ da Cunha na eſtancia do Alcaide Logrondo, como que entre elles andava o concerto de muitos dias antes, o que foy cauſa de ſe deixarem aquietar; porque à feſta era a dos Mouros, como depois ſe vio.

CAPITULO LXXVIII.

Das devoçoens, que ſe fizeraõ por Mazagaõ em todo Portugal.

PArece que neſte lugar taõ propinquo ao do combate ſe deve fazer mençaõ das devoções, que ſe faziaõ em Portugal pelos da Fortaleza; porque ellas foraõ cauſa da ſalvaçaõ dos homens da guerra, e da vitoria havida dos inimigos da noſſa Santa Fè. Aſſim que antes que chegaſſe a nova do primeiro aſſalto, ſe faziaõ em todos os Moſteiros de Frades, e Freiras, muitas, e devotas Prociſſoens, e nas Igrejas ſe encomendavaõ nos Pulpitos, em Portugal, e Caſtella, aonde a Rainha, e a Sereniſſima Infanta Dona Maria, mandavaõ muitas eſmolas aos Moſteiros, em eſpecial a Guadalupe, para que os Religioſos com ſuas oraçoens ajudaſſem os Cavalleiros, que em Mazagaõ pelejavaõ pela honra de Deos; e depois que veyo a nova do primeiro combate do aſſalto, em toda a Cidade de Lisboa ſenaõ entendia em outra couſa, ſenaõ em Romarias, Miſſas, e devoçoens acompanhadas de muitas lagrimas, com que regavaõ as Igrejas, e a muy devota Rainha, ſahindo do Conſelho muito tarde, ſe recolhia ao ſeu Oratorio, aonde perſeverava a mayor parte da noite com lagrimas de devoçaõ, e andava taõ deſconçolada, que claramente em ſua Real peſſoa ſe via a grande afflição que ſeu animo padecia, e juntamente mandava com grande diligencia fazer gente em Lisboa, e outras partes, e aſſim proviſoens de mantimentos, navios de vinho, e agua da Ilha da Madeira, que cuſtava cada hum dous, tres mil cruzados, além diſto mandou mais duas boticas copioſiſſimas de todas as couſas neceſſarias para os doentes, e feridos, e muitas muniçoens, e apreſtos de guerra, em tanta abundancia, que no cerco ſe naõ experimentou falta de couſa alguma.

CAPITULO LXXIX.

Do primeiro aſſalto q̃ os Mouros deraõ à Fortaleza.

SEſta feira 24. de Abril rompendo a alva, os Fidalgos, Cavalleiros, e ſoldados ſubidos no muro

muro ſe puzeraõ em ordem para a peleja, cada hum em ſua eſtancia eſperando os Mouros atè o meyo dia, e os que ſe achavaõ ao pè do cavalleiro na eſtancia de Nuno Fernandes de Magalhaens, e Vaſco Fernandes Homem, onde ſe eſperava o aſſalto, eſtiveraõ de joelhos com as lanças baixas, ſobre o parapeito, que era de ceiroens cheyos de terra, e tanto que apparecia alguma lança, logo era cortada dos arcabuzes contrarios. Os Mouros começaraõ a atirar com ſua artelharia, com mayor furia do que antes atiravaõ, derribando muita parte do cavalleiro, e Baluarte, matando, e ferindo muitos homens; e como o General vio, que a marè ſeria quaſi cheya, e naõ vinhaõ os Mouros no termo que prometteraõ, diſſe à gente, que os que naõ tinhaõ comido foſſem jantar, e tornaſſem logo, que os inimigos jà por aquelle dia naõ acometeriaõ, o que alguns fizeraõ por ſer tarde, e fazer grande calma, e os que ficaraõ na guarda, eſtavaõ ſeguros pelas razoens ſobreditas.

Mas como os Mouros viraõ, que na Fortaleza afrouxavaõ de atirar, entenderaõ que haveria deſcuido, diſpararaõ toda a artelharia junta, e de repente arremeteraõ com quatro Bandeiras de cores, com pomos dourados nas haſteas, e hum guiaõ branco, que todos juntos puzeraõ na parte que do cavalleiro tinhaõ, que era quaſi todo; porque da noſſa havia huma pequena Praça, a mayor parte feita no ar, fundada ſobre madeira, que o Capitaõ Gaſpar de Magalhaens ordenou para alargar ſua eſtancia, pois era taõ pequena, que nella ſe naõ podia pelejar. Eſta fortificou com pipas terraplenadas, que defendiaõ as coſtas aos ſoldados da arcabuzaria do inimigo.

Neſte tempo eſtava junta toda a cavallaria dos Mouros com as Bandeiras deſpregadas para entrar quando cumpriſſe, e juntamente ſahio huma banda de arcabuzeiros da parte do Norte com outras cinco Bandeiras, humas brancas, e outras de cores, e chegando junto do mar, cravaraõ huma das Bandeiras na praya, adonde lhe mataraõ hum Alferes, e ſete Turcos, ficandolhe a Bandeira cravada na area atè o fim da Batalha; e porque tinhaõ dito, que ſe haviaõ de deitar na Fortaleza trezentos Elches, por eſſe reſpeito naõ mataraõ muitos mais; porque naõ ſe determinaraõ os da Fortaleza ſenaõ tarde, que davaõ a entender eſtes Turcos, que commetteriaõ, cuidando que elles eraõ os que ſe vinhaõ para a Fortaleza.

Eſtes Turcos davaõ a entender que acometeriaõ o Baluarte S. Sebaſtiaõ do Norte; mas a verdade era, que o temor que tinhaõ de que por aquella parte ſahirião os Chriſtãos a darlhe em cima, os obrigou com tão conhecido perigo

go a fazer hum feito temerario, que lhe houvera de cuſtar as vidas a todos, mas elles ſe arrimaraõ à couraça, que no fim da cava ſe ajunta ao Baluarte; aonde eſtando ſeguros dos noſſos arcabuzeiros, houveraõ de ſer afogados com a marè, que como encheo lhe dava a agua pela barba; aſſim eſtiveraõ atè à noite, que com ſua ſombra ſalvaraõ as vidas. Subidos pois os inimigos ao cavalleiro deraõ huma muy terrivel grita com taõ grandes alaridos que parecia vir alli o inferno todo junto, deitando dentro na Praça do Baluarte huma grande tempeſtade de fogo, que prendeo em humas bombas, que eſtavaõ arrimadas, e a huma rodella, que eſtava chea de alcanzias de polvora, com que ſe queimaraõ alguns homens, tocando logo o ſino a rebate com grande preſſa, aonde acudio a gente, que deſarmada eſtava nas caſas jantando, que de diverſas partes corriaõ ao Baluarte, huns veſtindo as armas, e outros com lanças, e rodellas em calças, e em couras como os tomou o ſom de repique.

Mas quem contará os caſos dezaſtrados, que no cavalleiro aconteceraõ, e verdadeiramente huma grande eloquencia ficarà muda, ſe houvera de pintar o fogo, as mortes, os feridos, e ſobre tudo aquelle infernal eſtrondo da artelharia, e arcabuzaria, que de ambas as partes juntamente ſe diſparava, e aſſim a terrivel, e barbara grita dos homens, pedindo huns alcanzias de polvora, e outros bombas de fogo, pedras, e lanças; e juntamente ſe ouviaõ outros brados taõ confuſos, que ſe naõ entendiaõ, e o eſpeſſo fumo, e fogo faziaõ tal eſpanto, que verdadeiramente repreſentava hum dia do Juizo, e quererem-ſe os Elementos confundir huns com os outros, repugnando cada hum a ſeu contrario; finalmente foy tal o eſtrondo da artelharia, e arcabuzaria daquelle dia, que nenhuma ave, nem animal parou na terra, e mar dahi tres legoas, que naõ deixaſſe ſuas antigas moradas, e coſtumados poſtos, fugindo ſem apparecerem por muitos dias depois dos Mouros idos.

Neſte taõ grande conflito eſtavaõ no cavalleiro tres Capitães, a ſaber, Ruy de Seuſa de Carvalho Capitaõ mòr da Fortaleza, Fernaõ de Craſto Capitaõ do Baluarte, Gaſpar de Magalhães; e Bartholomeu Guerreiro Alferes, com ſeu filho Chriſtovaõ Guerreiro, e o eſforçado Joaõ de Mello Fidalgo do Algarve, que pelejou valeroſamente, e tambem Ambroſio de Aguiar, Franciſco da Cunha, Pedro Lourenço de Mello, Joaõ Riſcado, Bernardino Ribeiro, e outros Fidalgos, Cavalleiros, criados delRey, e alguma gente meuda, que naõ lho impedindo, ſubiraõ ao cavalleiro; os quaes eſtavaõ taõ apertados, que naõ podia cahir pedra, dardo, lança, ou pi-

lou-

louro, que naõ mataſſe, ou ferilſe homens.

Eſta foy huma das deſordens deſte dia, e a principal cauſa de outras muitas; porque aonde havia tanta, e deſordenada gente, houve homens, que naõ podendo ſofrer taõ eſpantoſo fogo, ſaltaraõ abaixo pela eſcada feita de ralos paos, por onde ficavaõ metidos pelas pernas feitos ponte aos que deſciaõ. Entre eſtes houve alguns valentes homens, que forçados do impeto dos que ſe retrahiaõ, cahiraõ do cavalleiro, outros empuxavaõ os que achavaõ diante, e todos juntamente cahiaõ abaixo, quebrando as pernas, e as armas. Eſtava neſta terrivel cõtenda o intrepido Capitaõ, e esforçado Ruy de Souſa jà todo queimado do primeiro fogo das bombas, o qual dizia: *Ah Cavalleiros de Jeſu Chriſto ſoccorrey o Baluarte del Rey noſſo Senhor, naõ digais, que naõ morre diante de vòs o voſſo Capitaõ.* Palavras eraõ eſtas para que todo o homem, que ſem temor da morte em tal tempo as ouviſſe, ſe arremeçaſſe dentro nos inimigos, como logo fez Pedro Paulo, e outros muitos, que lançandoſe com grande furia ſobre o parapeito, donde naõ poderiaõ eſcapar ſe os que preſentes eſtavaõ os naõ tiraſſem. Tomou logo o esforçado Capitaõ Gaſpar de Magalhaens duas lanças de fogo, e eſtando pelejando com ellas, lhe deraõ huma pedrada na cabeça, que elle entaõ naõ ſentio; mas correndolhe o ſangue pelo roſto abaixo, tomou mancheas de terra, e levantando a ſellada, com a terra tapou, e ſecou a ferida, tornando logo a pelejar com as bombas, e vendo arder huma rodella, e alcanzias de polvora, a levantou no ar para a deitar nos inimigos; mas veyolhe ao encontro huma panella de polvora dos contrarios, e dandolhe no roſto cahio ſobre ella, com que ſe lhe queimou o roſto, e as mãos, de que lhe ficou a direita aleijada, e o roſto abraſado, e cheyo de coſturas; mas o muito esforçado Capitão ſe levantou com grande acordo, chamando a gente, que eſtava na Praça do Baluarte.

Neſte inſtante prendeo o fogo em hum barril de polvora, que eſtava debaixo do cavalleiro, e verdadeiramente pareceo como huma eſpantoſa boca do inferno, e aſſim de tal ſorte queimou eſte Capitão, que as canellas das pernas lhe ficarão deſpidas, e nuas de carne, das quaes nunca jà mais foy ſaõ; eſte fogo o levantou no ar, e cahio abaixo como morto, onde lhe acudirão Gaſpar da Cunha, e Luiz Cayado, com outros Fidalgos, para o levantar, mas tornando em ſi, perguntou: *Se o cavalleiro eſtava por El Rey?* Ao que reſpondeo Luiz Cayado: *Que eſtava, e eſtaria.* A iſto diſſe o Capitão: *Agora morra eu quando Deos for ſervido.* E com eſtas pa-

palavras ſe aliviou de ſorte que o poderaõ levar por ſeu pè à pouſada, onde o deixaraõ por morto. Foy tal o impeto deſte fogo, que o ar delle arrebatou a Affonſo de Torres, que eſtava na eſtancia de ſeu irmaõ Nuno Fernandes de Magalhães, e dalli o levou ao fim da Praça da madeira, donde cahira abaixo ſe ſenaõ pegara fortemente na propria madeira; porèm ficou muito queimado no roſto, maõ, e perna direita, de que eſteve muitos dias em cura.

Antes deſte fogo chegou deſarmado Martim Vaz de Souſa, eſforçado mancebo, q̃ pelejava com huma chuça taõ deſcuberto, que Gaſpar de Magalhães o aviſava q̃ ſe cobriſſe, porque o naõ mataſſem; mas como neſte Fidalgo fervia o ſangue, por mancebo, por eſforço, e honra, quanto mais temor lhe moſtrava, e metia o Capitaõ, com tanta mais furia pelejava, levantandoſe ſobre o parapeito, onde lhe deraõ huma arcabuzada de moſquete na cabeça, com que cahio morto, ſem ſe mover, nem dar hum pequeno ſuſpiro; porque o pilouro ſeria do tamanho de huma noz, e lhe abrio hum muito grande buraco, por onde lhe ſaltaraõ os miollos fòra ſobre as armas, e roſto dos que eſtavaõ junto, e affaſtados delle. Tambem veyo deſarmado ao Baluarte Jorge Nunes de Leaõ, Fidalgo experimentado nas guerras da India, o qual ſubido no cavalleiro pelejava ſobre hum feixe de piques, e dalli arremeſſando dardos, e lanças nos inimigos moſtrava ſeu muito esforço, ahi foy ferido na ilharga direita de huma arcabuzada, e na cabeça de huma zagunchada, de que em ſua pouſada morreo, e poſto que eſtava taõ mal ferido, naõ ſe ſahia da peleja, mas porque ſe deſſangrava muito, perdida a viſta dos olhos, o levaraõ muito contra ſua vontade, porque dizia: *Que o deixaſſem morrer contente em ſerviço de Deos noſſo Senhor, e delRey*: o que não conſentirão os piedoſos companheiros. E aſſim jà meyo morto o deixarão em ſua pouſada, onde faleceo.

Na verdade que muitos lhe tiveraõ inveja da morte; porque foy de todos bem julgado, que junta com a opiniaõ que de ſua virtude ſe tinha, deu cauſa ao cõmum ſentimento; e que tão virtuoſo Cavalleiro eſtaria gozando a Bemaventurança. Eſtava no cavalleiro D. Diogo Manoel, e ſeu cunhado Pedro Vaz da Veiga, muito eſforçado Fidalgo, que em todos os trabalhos, e perigos ſe achou preſente, aſſinalandoſe em tudo eſtremadamente, que com os outros defendião o cavalleiro. Neſte tempo ſubio hum Mouro negro deſpido, com huma grande grenha eſpantoſa, e fea, que de tres tiros que atirou com hum arcabuz, matou logo tres Fidalgos, hum delles foy aquelle valeroſiſſimo Pedro Lourenço de Mello,

que

que seu grandissimo esforço o matou; porque este esforçado Fidalgo quiz emprender hum feito temerario, que foy lançar maõ de huma Bandeira dos inimigos, a tempo que o Mouro negro atirava com o arcabuz, que nelle primeiro disparou, e cahio sobre o lugar em que tinha os pés, e por espaço de hũ Credo esteve abrindo, e serrando a maõ direita, digna de ser guardada, e estimada como huma muy rica joya; e posto que nos combates morreraõ alguns esforçados Fidalgos, e valentes Cavalleiros, este sò foy mais sentido que todos; porque verdadeiramente era muito esforçado, muito chaõ, humilde, e de branda conversaçaõ. Tambem este Mouro matou a Francisco de Carvalho, e Jorge de Macedo, Fidalgos de grandes prendas, os quaes pelejavão com lanças.

Este Mouro, e outro que o cobria com huma adarga, foraõ derribados do travez pelo Capitão Francisco Portocarreiro, que os descubria pela parte do mar. Durando este conflito ardeo o dito barril que jà disse, e assim queimou mais hum Fidalgo, chamado Lourenço de Sà, que todo seu corpo foy feito em carvão, de que padeceo terriveis dores em todo o tempo que viveo, o que se pòde piamente crer he, que teve nesta vida o seu purgatorio. Tambem se queimou Bernardino Ribeiro no rosto, e pernas, de que esteve muito no ultimo fim da vida, ficandolhe o rosto abrazado, e cheyo de costuras. Alvaro Dias Rebelo estando pelejando com lanças de fogo, foy tão queimado, que era cousa horrorosa, de que lhe ficou o rosto abrazado, e a mão direita aleijada, e a esquerda, e huma perna muito maltratada.

Tambem foy queimado Simaõ Viegas, Gaspar Valente Alferes da Bandeira Real, e Affonso Barreto, Bartholomeu Guerreiro, Christovão Guerreiro, Domingos de Almeida, e Gaspar de Medeiros, que além de ser queimado, lhe derão huma arcabuzada na cabeça. A Domingos Gonçalves lhe deraõ outra, que lhe atravessou ambas as queixadas, e foy queimado no rosto, e Joaõ Gonçalves de Alcobaça foy tão queimado, que a sua vista causava terror, e espanto; assim foy Vicente Alvares Ribeiro, e Joaõ Pires de Gavi; e Francisco Barriga foy ferido de huma arcabuzada na garganta, e Francisco da Gama foy ferido de hum pilouro de bombarda, que jà tinha dado no reparo, e morto hum homem, e dandolhe a elle na garganta lhe troceo a boca à orelha.

Tambem forão queimados Balthasar de Pomares, e Bartholomeu Carvalho, velho de setenta annos, Cavalleiro valerosissimo, a quem acontecerão grandes transes de guerra com os Mouros, que

ſe naõ podem crer, por ſerem eſtranhos, e de admiraçaõ. A Domingos Vieira, velho de ſetenta annos, deraõ huma arcabuzada pela boca, que lhe paſſou a queixada, e peito eſquerdo, ſahindo-lhe o pilouro pela eſpadua, e pelejando ainda aſſim ferido, lhe deraõ outra na cabeça, com que por força o levaraõ à ſua caſa, das quaes feridas convaleceo; Antonio Ribeiro pelejando com huma lança, lhe quebraraõ hum olho; e Antonio Mouraõ foy muito ferido de zagunchadas, de que eſteve muito mal; mataraõ Joaõ Vaz, e Balthaſar Affonſo, Pedro Fernandes de Pontevel, Gaſpar da Coſta, Pedro Rodriguez, Gaſpar Fernandes, e Gaſpar Rodrigues. Eſtes todos eraõ Cavalleiros de muita valentia, e experiencia, e alèm deſtes mataraõ alguns ſoldados, de que ſe naõ faz menção, por ſerem de menos conta, poſto que naõ de menor valor.

Paſſando adiante com a relaçaõ do combate, haſe de ſaber, que no principio delle, Fernaõ de Craſto Capitaõ do Baluarte, tanto que vio o primeiro fogo ſe apartou delle para a eſcada, e viſta a deſordem dos homens, os começou de envergonhar, dizendo: *Arriba ſoldados, arriba Cavalleiros, que vergonha he eſta?* E elle meſmo ſe foy com huma lança, e adarga contra os Mouros, e vendo hum delles veſtido de eſcarlata, que com muito grande atrevimento ſe levantava ſobre o parapeito para cortar as lanças dos Chriſtãos, lhe deu huma lançada, com que paſſado pela barriga o derribou do cavalleiro dentro na cava, e dalli por diante pelejou atè o queimarem no roſto, que ſe foy curar. Eſtando pois a batalha neſta taõ eſpantoſa preça, e perigo, pareceo a Iſidoro de Almeida, que era tempo de dar fogo à mina, que tinha feito por debaixo da eſtrada, por onde os Mouros ſubiaõ ao cavalleiro, que como fica dito, cabiaõ por ella ao largo cento e vinte homens em parelha, mão a mão.

Eſta mina foy muy defficultoſa de fazer, por ſer por baixo de area ſolta, pedras, e rama; e aſſim porque ainda ardia o fogo por baixo da lenha, o que remediavão com alguns colchoens molhados para poderem ſeguramente fazer a obra, e andar com polvora, em lugar de tanto perigo. E ſem embargo deſte tão grande inconveniente Iſidoro de Almeida, e Franciſco da Sylva com boa induſtria, e perigo levarão à mina dentro no entulho dos Mouros dez palmos, em que meterão dez barris de polvora, dos quaes arderão ſete, ſumindo para dentro os Turcos, e Elches arcabuzeiros, que em cima eſtavaõ; e outros voarão pelos ares, outros ficarão cravados por baixo dos braços, que com muita força de homens os não podião deſencravar ſem ficarem

rem desconjuntados de modo que ainda que a mina não matou muitos, ficarão com tudo os vivos muito espantados, e atemorizados.

Arrebentou a mina por muitos lugares, que foy causa de dar grande baixa à trincheira dos Mouros, de modo que a nossa artelharia dos travezes jogava desembaraçadamente, dando nos inimigos tão crueis mortes, que estavão atonitos, e confusos. Neste comenos descião de cima do Baluarte para os Mouros hum delles queimado, que levava a camiza ardendo, e passando por onde os Elches arcabuzeiros estavão tomando polvora, prendeo o fogo nelles, com que se queimarão passante de trezentos, dos quaes a mayor parte morrerão, e os outros forão queimados de sorte, que nos combates não poderão mais pelejar. Differão os Mouros, que aquelle fogo viera do Ceo em favor dos Christãos, a qual opinião ficou entre elles atè o presente.

CAPITULO LXXX.

Em que se prosegue a noticia do terrivel combate de Mazagão.

TOrnando ao cavalleiro, que todo ardia em fogo, assim dos nossos, como dos contrarios, hase de saber, que foy tão grande, e espantosa a confusaõ dos inimigos, que se naõ souberaõ determinar, e esta foy a causa porque naõ foy entrado dos Mouros, parecendolhe, que sendo tanto o fogo do cavalleiro, estaria minado, ou nelle estaria feito algum ardil dos Christãos para os queimarem depois de entrados; e os nossos cuidavaõ dos Mouros o mesmo, porque como tinhaõ sabido, que da nossa parte naõ havia naquelle lugar mina, imaginavaõ, vendo tanto fogo, que os inimigos o tinhaõ minado; e por esta causa no primeiro impeto huns, e outros se apartaraõ, ou abateraõ abaixo, ficando alguns Fidalgos, e Cavalleiros defendendo os reparos, com mortes, e perigo grandissimo.

Todos estes homens se enganaraõ, por naõ terem experiencia; porque nem os Mouros haviaõ de pôr fogo à mina estando sobre ella, nem os Christãos o deviaõ de fazer pela mesma causa; mas tanto q̃ foy entendido como o fogo era da nossa desordem, começaraõ os Christãos de subir com muita pressa, e determinaçaõ. Hum dos que ficaraõ dentro foy Ambrosio de Aguiar, Fidalgo esforçado, que defendia muito bem o seu lugar com huma chuça encontrando os inimigos, que queriaõ entrar. Este Fidalgo alèm da sua valentia se mostrou ser de grande animo, e para muito, assim nos continuos trabalhos que tomava, como nas vigias que fazia, e neste combate foy

foy bem conhecido dos Mouros, os quaes arremeçavaõ lanças, e dardos sobre elle, e sobre os que presentes estavaõ pelejando, e assim pedradas, com que matavaõ, e derribavaõ os homens, e nesta maneira pelejava. Tinhaõ os Mouros grande ventagem aos Christãos; porque atiravaõ tantas pedradas, e com tanta força, que a poucos homens davaõ que os naõ derribassem, e houve Mouros, que com os alfanges cortavaõ as lanças, e feriaõ os soldados, como foy hum ferreiro de Mazagaõ, ao qual deraõ huma cutilada taõ grande sobre a cabeça, que lha fenderaõ, porèm escapou milagrosamente, e viveo com o final que della lhe ficou; e ainda que naõ houvera cutiladas, nem lançadas, naõ era caso de ser por isso a peleja menos perigosa, como alguns ociosos differaõ, desculpando a sua covardia, por lá naõ irem; porque muito mayor he a guerra de fogo, que as lançadas, e mais valentia he esperar a morte a pè quedo, sem poder passar adiante, ou tornar atraz, que andar escaramuçando, ou pelejar às lançadas, e cutiladas, cousa que os da Fortaleza tanto desejavaõ; e assim o confessavaõ os Cavalleiros de Mazagaõ, que se tinhaõ achado em muitas escaramuças de cavallo no campo de muito grande risco: mas que aquelle modo de pelejar era o mais perigoso, e temerario que jà mais viraõ; pois lhe naõ deixavaõ mostrar o valor, e esforço de seus braços; e se naõ fora processo infinito relatar as particularidades, e successos desta batalha, mostrara o arrojo, e valentia que se vio nestes homens, assim Fidalgos, como Cavalleiros; mas basta o que està dito, que he muito menos do que se experimentou.

Ficou tambem dentro Nuno de Brito, o qual foy muitas vezes arrebatado no ar com a violencia do fogo, e derribado das pedradas se tornava a levantar, pondo a lança nos Mouros, que queriaõ acometer a entrada. Tambem estava no cavalleiro Francisco da Cunha, Fidalgo de grande valor, e outros de cujos nomes naõ tive noticia, e dos que subiraõ foy o primeiro Christovaõ da Cunha, aonde lhe deraõ tantas pedradas, que o derribaraõ; mas elle com grande valor se levantava, e punha sua lança nos inimigos, e dizia aos companheiros como haviaõ de pelejar, e offender aos Mouros, sem ficarem offendidos; alli lhe deraõ huma zagunchada pela boca, que lha passou de parte a parte, cortandolhe o buço, como se fosse com huma thisoura.

Louvo neste conflito levantaremse os homens quando dasgrandes pedradas cahiaõ, e com muita razaõ; porque o lugar era muito estreito, e cheyo de muito sangue que se tinha derramado, e desatinados das furiosas pedradas, e tiros, que nelles choviaõ; alèm de

eſtarem carregados de armas, que era maravilha fazeremno taõ depreſſa, e com tanto acordo. Tambem pelejou esforçadamente Triſtaõ Vaz da Veiga, a quem deraõ na garganta huma arcabuzada, de que por milagre eſcapou; a Gaſpar da Veiga ſeu irmaõ deraõ outra na barriga, de que ſenaõ teve eſperança de vida, e convaleceo muito tarde. Subio a eſta contenda Lopo de Siqueira, esforçado Fidalgo, Manoel de Meſquita, Joaõ Lopes ſeu irmaõ, Vaſco Fernandes Coutinho, Jeronymo Peſtana, Manoel Rodrigues de Freixo, Miguel de Arnil, Pedro Zuzarte, Gonçalo Ribeiro, Franciſco de Zoure, Joaõ de Barros, Gaſpar Leite, Miguel Peſtana, Duarte Luiz, Luiz Nicolao, Franciſco Niculao, Alvaro Rebello, Luiz Cayado, Manoel Landim, Antonio Velho, Bartholomeu de Vaſconcellos, que no Brazil tomou a Fortaleza do Rio de Janeiro aos Francezes, e aſſim pelejou muito valeroſamente D. Diogo de Caſtellobranco, que querendo dar huma lançada em hum Mouro, lhe lançaraõ maõ da lança, forcejando os Mouros de fòra, e elle de dentro largo tempo, puxando por ella para huma, e outra parte; finalmente D. Diogo livrou a lança da maõ dos inimigos, eſtando jà deſeſperado de a cobrar, e determinado a ſe deitar com ella entre os Mouros pela naõ perder ſenaõ com a vida. Tambem pelejaraõ com grande valor D. Gonçalo de Caſtellobranco, D. Diogo Manoel, Pedro da Fonſeca, Sancho de Toar, Manoel Correa, Franciſco Ferreira, e D. Antonio Lobo, que paſſando, lhe diſſe o General: *Muitos faltaõ no cavalleiro que moſtravaõ ſer para muito.* Ao que reſpondeo D. Antonio: *Se dizeis iſſo por mim, tu vos prometto de naõ deſcer do cavalleiro ſenaõ morto, ou com vitoria.* E logo ſubio, onde o fez com tal deſempenho de ſua palavra, como deſte Fidalgo ſe eſperava.

CAPITULO LXXXI.

Do mais que ſuccedeo no cavalleiro em o aſſalto de Mazagaõ.

ESTava neſte tempo o cavalleiro com as Bandeiras rotas, e queimadas, e naõ ſoavaõ as trombetas, nem os tambores; o que Franciſco da Cunha naõ pode ſofrer, bradando que ſe remediaſſe logo muito depreſſa eſta grande falta, mas naõ era facil pela muita que tinha de gente; porèm acodindo a iſſo o General, que eſtava junto do canto do Baluarte, ordenou a Luiz de Craſto, que logo com grande diligencia, e cuidado levaſſe ſua Bandeira, com alguns homens ao cavalleiro, o que elle logo executou breviſſimamente, deixando a ſua eſtancia, e ſubindo

ao Baluarte lhe derribaraõ o Alferes de huma arcabuzada, que deu com elle em terra de tal modo, que o levaraõ dalli quaſi morto. E Gaſpar Gato, que no roſto eſtava muito mal ferido, tomou á Bandeira, e a teve hum pouco, e deſgoſtandoſe de eſtar occupado com ella, ſem trabalhar na peleja, a deu a Pedro Antonio, homem preto, que a teve junto ao parapeito, como valente, e esforçado ſoldado, e dalli com a eſpada nua atirava grandes golpes aos Mouros quando appareciaõ, de que ficavaõ taõ eſpantados, que huns com os outros ſe confundiaõ; e elle lhe dizia com muito animo: *Ah perros infames, viva ElRey D. Sebaſtiaõ.* Deſte muito esforçado, e valente Preto, ſe diſſeraõ muitas couſas, e grandes aventuras, as quaes eraõ dignas de muito grande louvor; mas eſta foy muito para eſtimar, e acçaõ de grande valor. A eſta hora deiraõ os Mouros outra tempeſtade de fogo, com que queimaraõ a Gaſpar Gato, Gonçalo de Siqueira, Nicolao Rodriguez, e outros muitos, que naõ nomeyo por lhe ignorar os nomes. Neſte tempo ſubio Antonio Muniz Barreto, onde achou Luiz de Craſto mandando, que tiraſſem debaixo dos pès hum ſoldado, que ainda conſervava algum alento, que depois com boa cura viveo.

Aqui diſſe Antonio Moniz: *Ah ſenhor Luiz de Craſto, pareceos que ſaõ boas hortas eſtas de Alvalade?* Ao que reſpondeo Luiz de Craſto: *Que para o tempo taõ boas eraõ aquellas, como as de Alvalade.* De modo que eſtando taõ rodeados de mortos, e eſperando elles o meſmo, ou em occaſiaõ quaſi certa de lhe vir a ſuccceder o meſmo, diziaõ ditos, e graças, como ſe eſtiveſſem divertindoſe nas hortas de que fallavaõ. Neſte tempo ſubio ao cavalleiro Gomes Freire, Fidalgo de muito esforço, a quem verdadeiramente ſe podia encomendar qualquer importante negocio de guerra, por ſeu grande cuidado, vigia, e boa diligencia. No tempo do repique chegou D. Antonio de Almeida, filho de D. Duarte de Almeida. Eſte mancebo vinha apreſſado, e corrido por naõ ſe achar no cavalleiro; e porque entaõ a gente ſe retrahia, ou apartava do fogo, quiz elle fazer força aos muitos, que vinhaõ recuando empurrados dos primeiros; mas foy derribado do muro abaixo altura de trinta palmos, e como eſtava armado, e cahio de coſtas, teveſe por couſa milagroſa naõ arrebentar, como ſuccedeo a hum Cavalleiro que cahio ſobre elle.

Mas o esforçado mancebo ſe deſembaraçou debaixo do morto, e com o impeto que levava lançou maõ da eſpada, e a rodela embraçada, ſubio por outro lugar ao cavalleiro, onde do fogo foy algumas vezes levantado no ar, e lhe

deraõ

deraõ muitas pedradas, e zagunchadas, de que noſſo Senhor o guardou, como da quèda já ſe diſſe em outra parte, que levantaremſe os homens que cahiaõ de pedradas, ou como eſte Fidalgo cahio, e aſſim qualquer outro accidente deſta qualidade, era de grande animo, e esforço; e os antigos Capitães quando venciaõ ſeus contrarios notavaõ nos vicios ſemelhantes couſas, e nos mortos o modo como eſtavaõ feridos, ſe era nos peitos, ou coſtas, e daqui tomavaõ conhecimento, e aviſo, com que gente pelejavaõ, e como ſe haviaõ de haver com elles. Niſto teve Pirro grande primor, e aſſim todos os aſſinalados Capitães daquelles antigos tempos, e por eſte reſpeito faço grande caſo deſte, que naõ parece pequeno.

CAPITULO LXXXII.

De como os noſſos pelejaraõ eſforçadamente no cavalleiro, vendo hum Crucifixo arvorado no muro.

EM toda a diſtancia de tempo, que durou o combate, que foraõ quatro horas, doùs Frades de S. Franciſco eſtiveraõ no muro com hum Crucifixo levantado contra os Mouros, que dava muito animo, e esforço aos Chriſtãos para pelejarem ſem nenhum temor, e muita confiança; e em quanto aconteciaõ eſtas couſas no cavalleiro, eſtavaõ nas eſtancias de Nuno Fernandes de Magalhães, e Vaſco Fernandes Homem, alguns Fidalgos, criados delRey, e Cavalleiros de Mazagaõ poſtos de joelhos, eſperando quando por alli entrariaõ os Mouros, por ſer lugar mais aberto, e aparelhado para entrar, que outro nenhum; mas como na eſtancia de Vaſco Fernandes Homem eſtavaõ os arcabuzeiros de Joaõ de Mendoça, deſtros, e valentes homens, atiravaõ com tanta preſſa, e ordem que nunca os inimigos ouſaraõ entrar por lugar taõ chaõ, e aberto.

Aqui eſteve Vaſco da Cunha, Antonio Carvalho, Vaſco Fernandes Homem, Ruy Dias de Soutomayor, Joaõ de Souſa, Joaõ de Teive, e outros muitos, onde Fernaõ Vieira diſparava as bombas, e lanças de fogo nos Mouros, com que os aflaſtava, e elles o ſerviaõ com muitas pedradas, e arcabuzadas, com que mataraõ dous arcabuzeiros noſſos, e todos os Fidalgos que alli eſtavaõ ſe tinhaõ por mortos, por terem ſuſpeita de que aquelle lanço do Baluarte eſtava minado, porque os dias antes picaraõ os Mouros por baixo, e metiaõ ſelhas dentro, que ſe podia preſumir ſerem de polvora.

Aqui aconteceo entre outros hum caſo eſtranho, que eſtando Vaſco Fernandes Homem com huma maõ ſobre huma pipa, lhe

meteraõ hum pilouro de arcabuz por entre a manga da camiza, e a carne até o ſangradouro ſem lhe fazer mais que hum pequeno vergaõ, que todos viraõ, e ſe maravilharaõ. Tambem aqui deraõ huma arcabuzada a Ruy Dias de Graſto, de que eſteve propinquo à morte; tambem deu hum pilouro de bombarda no cavalleiro, e cahio ſobre Nuno Fernandes de Magalhães ſem perigar. Aſſim como Deos guardou a eſtes, o fez a outros muitos, que eſtavaõ no cavalleiro; porque eſtando no muro duas bombardas aſſeſtadas ao cavalleiro carregadas com dardos, e pilouros, para que ſe acaſo ſuccedeſſe, que os inimigos entraſſem, logo diſparaſſem as bombardas para os matarem; veyo hum homem deſatinado muito depreſſa pôr fogo às bombardas, e ſenaõ fora Vicente Carvalho, que eſtava preſente, e lhe tomou o murraõ, o deſaſtre ſe effeituava, onde ao menos poderaõ morrer cem Fidalgos, e Cavalleiros.

Tornando pois ao combate, no principio delle Joaõ Riſcado grande Cavalleiro, que do principio do acometimento ſervio na peleja, e defença, entendendo que detraz do parapeito junto da eſtancia de Nuno Fernandes de Magalhaens eſtavaõ alguns Mouros eſcondidos; porque muitas vezes via daquella parte levantar braços, e arremeçar dardos, e pedras; e como entendeo o que ſuſpeitava, lançou com grande perigo a cabeça fóra, e vio eſtar juntos alguns inimigos. Logo pedio huma panella de polvora, e acaſo lhe deraõ huma grande jarra della, a qual quebrou, e accezos os murroens a deitou nos Mouros, que os queimou de tal modo, que nunca mais alli tornaraõ; mas em recompenſa lhe deraõ huma arcabuzada na cabeça, que ao ſuslayo lhe fez huma perigoſa ferida, e outra de zaguncho, e pedradas taõ furioſas na cabeça, e garganta, que o fizeraõ tornar atraz, e torcer o roſto ſobre as coſtas, o que poucos homens poderiaõ ſofrer.

Mas como Joaõ Riſcado era dos homens valeroſos, com força, e coraçaõ eſperava taes pedradas, e aſſim pelejou atè ſenaõ poder ter nos pès, pelo que lhe foy forçado irſe curar, e em ſeu lugar ſubio Pedro Carvalho, que logo foy queimado nas mãos, e roſto que naõ via couſa alguma; que diremos de Pedro de Goes, o qual eſtava na ſua eſtancia dando ordens; e mandando tirar a ſua bombarda, a qual deixou com a furia, com que hum nobre coraçaõ arrebenta nas injurias recebidas. Com eſta arremeteo ao cavalleiro, onde do fogo, e pedradas foy algumas vezes derribado, e dandolhe huma pedrada na face cahio ſaltandolhe a ſellada fóra da cabeça, que elle tomou, e levantandoſe com grande preſteza, pelejou com gran-

grande valentia, e esforço notavel.

Logo lhe deraõ outra pedrada, na cabeça cõ q̃ o derribaraõ, e desta perdido o sentido andava pelo chaõ entre as lanças quebradas, e os pès enlameados da muita agua, que tinhaõ deitada para contra o fogo, misturada com o sangue, que se derramava; desta senaõ pode elle levantar, e se o naõ ergueraõ muito depressa, alli acabara seus dias pizado da multidaõ da gente, que no Baluarte estava. Neste tempo Sebastiaõ de Brito estava na porta do mar, que lhe era encomendada por ser homem esperto, de que se podia fiar tal cargo, como era o que tinha, que era muito importante; pois estando este Fidalgo recolhendo os mantimentos, e muniçoens, que dos navios vinhaõ, vieraõ a elle correndo alguns homens muito espantados, dizendo, que o cavalleiro fora dos inimigos minado, e eraõ queimados quantos nelle estavaõ, e que jà estava tomado dos Mouros.

Mas Sebastiaõ de Brito muito indignado contra tal nova, serrou a porta; porque aquelles temerosos, e outros taes naõ fizessem impeto, e desordem, aos quaes envergonhou com palavras dignas de quem elles eraõ; e logo se foy com muita pressa ao cavalleiro, aonde subio, e se encarregou das alcanzias de polvora, que foy causa de naõ haver alli mais nenhuma desordem, e chegado ao espigaõ, ante o parapeito, tomava as alcanzias, e quebrandoas as dava a Nuno da Cunha, e a Fernaõ Rodrigues, os quaes as arremessavaõ nos Alferes das Bandeiras dos inimigos, com que se queimavaõ, do que procedia reformaremse muitas vezes; e assim foy muito ferido Nuno da Cunha, e queimado Fernaõ Rodrigues.

Estando pois ainda a batalha em pezo pelejando huns, e outros com grande pertinacia, pedio Pedro de Goes que viessem arcabuzeiros, os quaes assentou aonde lhe pareceo, fazendolhes grandes promessas; e começaraõ a derribar os Alferes inimigos com tanta pressa, que naõ podendo já sofrer as muitas mortes que recebiaõ, desampararaõ a Praça, e apressadamente se desceraõ vencidos, e tristes; e tanto que foraõ nas suas trincheiras dispararaõ toda a sua artelharia, com a qual mataraõ hum só homem, que esforçadissimamente tinha pelejado aquelle dia, ao qual levou hum pilouro a cabeça fóra dos hombros muito longe, ficando o corpo em pé por hum pequeno espaço. Acabado o combate ficaraõ huns, e outros taõ surdos, e quebrantados, que bem se mostrou o damno recebido; e a causa que havia para chorar os mortos; e posto que a victoria foy dos Portuguezes, perdemos alguns esforçados Fidalgos, e valentes Cavalleiros dignos de eter-

eterna memoria para a posteridade, que se deviaõ muito sentir, o que naõ poderey deixar de fazer neste lugar.

CAPITULO LXXXIII.

De como a Rainha mandava consolar aos que perdiaõ seus filhos, e parentes.

A Rainha Dona Catharina sabendo dos muitos mortos, que em Mazagaõ morreraõ, mandava consolar os seus progenitores, assim como a Lourenço de Sousa, que mandando-o a Rainha consolar, e a sua mulher, responderaõ, que elles estavaõ muito satisfeitos, porque Martim Vaz seu filho morrera no serviço de Deos, e delRey, e que o filho herdeiro, que lhe ficava, estava prestes para ir servir a Sua Alteza em Mazagaõ, ou qualquer parte que ElRey fosse servido. O mesmo aconteceo a Sebastiaõ de Macedo, Fidalgo virtuoso, e discreto, que tomou com muita paciencia a morte de seu filho herdeiro Jorge de Macedo, Cavalleiro de muito preço, e valentia; assim succedeo à muito honrada, e virtuosa Isabel do Avelar, a quem no animo nenhuma Lacedemonia lhe fez ventagem, quando a Rainha a mandou visitar, e consolar da morte de seu filho Jorge Nunes de Leaõ, a qual respondeo: *Que jà lhe tinhaõ nas guerras da India, morto quatro filhos, que muito a quebrantaraõ, e muito mais este, que grandemente amava; mas que ainda lhe ficava outro, que era sua ultima, e unica consolaçaõ, ao qual ao presente estava fazendo prestes para o mandar a Mazagaõ em serviço de Deos, e delRey.*

Isto naõ consentio a Rainha, mandandolhe dizer quanto lhe agradecia o seu taõ honrado offerecimento, o qual lhe satisfaria com assinaladas merces, como logo mostrou; porque prescrevendo humas principaes Casas, por morte de Jorge Nunes, e pedindo-as hum Fidalgo muito privado, lhas negou, dizendo: *Que Jorge Nunes naõ era ainda morto, nem o seria jà mais diante dos Reys de Portugal para delles receber merces*; cujo irmaõ que unicamente lhe ficou, foy depois o Desembargador Duarte Nunes de Leaõ, bem conhecido neste Reyno, e fóra delle por seus escritos.

Mas voltando a Mazagaõ, he de saber, que no fim da batalha, e jà quasi noite, armou o General Cavalleiros a todos aquelles, que o quizeraõ ser, em memoria de taõ famosa resistencia, que alli fizeraõ, contra taõ grande poder de barbaros taõ valentes, e obstinados, e da vitoria que delles alcançaraõ. Aqui aconteceo hum caso gracioso, e digno de memoria para escarmento de outros, o qual he o seguinte.

CA-

CAPITULO LXXXIV.

De alguns casos gracioſos, que ſuccederaõ acabado o primeiro combate.

HUm mancebo bem diſpoſto, e melhor armado, que em couſas de gaſtos ſe aventajava aos outros homens, por ſer muito rico, foy logo no fim do combate armado Cavalleiro, e tanto que amanheceo determinou embarcar ſe, ou por amores, e ſaudades de ſua mulher, com quem era caſado de pouco, que he honeſta deſculpa, ou por temor de outro tal dia, como o paſſado; finalmente ſe foy à porta do mar, onde entaõ fazia a guarda Sebaſtiaõ de Brito, o qual como vio o mancebo querer-ſe embarcar lhe diſſe: *Que naõ podia irſe com armas, que deixaſſe a ſellada*, a qual era guarnecida de ſeda, e ouro. O mancebo ſe deſculpou, dizendo: *Que chegava ao navio para trazer dinheiro, que logo tornaria.* O que lhe naõ valeo com Sebaſtiaõ de Brito; por que homem, que ſe naõ engana de ligeiro, tarde he enganado; e aſſim vendo que o naõ deixava ir deu a ſellada; e querendoſe partir lhe foy pedida a eſpada dourada, que elle tambem deu, e o que he mais de notar, que hum ſoldado, que eſtava preſente, fingio que lhe devia certa quantia de dinheiro, de que o mancebo ſe eſconjurava, affirmando que tal dinheiro lhe naõ devia; mas em fim como o navio eſtava para partir, por naõ ficar emterra, lhe foy forçado pagar o que naõ devia, e dera muito mais por ſe ver fòra do perigo, que já tinha experimentado; e naõ ſe pòde crer que nenhum homem obre couſa taõ vergonhoſa ſenaõ por amores, os quaes ſogeitaõ tudo a ſi, e he verdade que houve outro homem taõ ſaudoſo, e namorado de ſua Dama, que ſe lhe fora poſſivel paſſar a nado para a ir ver o fizera; taõ varios ſaõ os ſeus effeitos, que huns perdem as vidas em muito grandes perigos por ſuas Damas, e outros por ellas as poupaõ.

O que pelo contrario aconteceo a D. Diogo Manoel, q̃ quando lhe davaõ as bombardadas no cavalleiro, onde eſtava, depois q̃ ſe alimpava da terra, e pedra, q̃ ſobre elle com grande perigo cahia, dizia: *Que por amores de ſua Dama ſofreria muito mayores trabalhos.* Conſiderando iſto a diſcreta Rainha Dona Iſabel a Catholica de Caſtella, quando ElRey D. Fernando V. ſeu marido foy cercar a Cidade de Granada, foy ella ao cerco, levando todas ſuas Damas, por cujos reſpeitos os Fidalgos fizeraõ grandes feitos de armas contra os Mouros, trazendo às ſuas Damas as cabeças, e deſpojos dos que venciaõ; o que ſe conta por couſa muito virtuoſa.

HUm Eccleſiaſtico mancebo gran-

grande valente, e muito namorado, por cuja cauſa fazia em ſua terra grandes valentias, que os covardes com algum favor em ſua patria fazem; chegou a Mazagaõ a matar Mouros, e andando pela Villa dando moſtras de ſua peſſoa muito fogoſo, olhando para todas as partes, veſtido em huma coura com hum montante debaixo do braço, parecendo mais ſoldado, do que ſeu eſtado requeria, de modo que cuidavaõ todos os que o conheciaõ, que ſe o General o naõ detiveſſe, o Xarife corria riſco; mas elle o entendeo de outra maneira, e ſe houve muito ao contrario do que ſe eſperava, porque tanto que ouvio o tom das continuas bombardas, e os pilouros, que pela Fortaleza paſſavaõ a huma, e a outra parte ſe atemorizou de ſorte, que na meſma noite do dia que chegou, ſe embarcou no navio em que foy, ſem ſahir mais em terra, até partirſe para a ſua.

Deſtes taes valentes ha muitos nos grandes Povos, que por culpa dos Magiſtrados ſaõ authores de mortes, e ferimentos de homens, que debaixo de boa fé vivem deſcuidados; e aſſim tem lugar o adagio, que diz: *Naõ vive mais o leal, que em quanto quer o traidor.*

De outro Eccleſiaſtico farey menção, porq̃ ſe guardẽ os Sacerdotes de outros ſemelhantes acontecimentos. Hum Clerigo de reverenda peſſoa, e obras pouco virtuoſas foy morto na Fortaleza, o qual o mais do tempo reſidia em Mazagaõ, gaſtando largo em banquetes, jogos, touros, canas, e valentias. Eſtas couſas com grande deſpeza fazia em Mazagaõ por ſua intençaõ, de que naõ pude ſaber a origem, o que eraõ obras mais de homem mundano, e diſſoluto, q̃ de honeſto Sacerdote. Eſte homem era no jogo grande taful, e deſta habilidade ſe aproveitava na Ilha da Madeira, e em outras partes onde aſſiſtio, e todo o dinheiro que ganhava, vinha gaſtar a Mazagaõ.

Andando pois hum dia à formiga tirando terra das minas, que elle pudera eſcuſar, e eſtando dizendo muitas palavras gracioſas, de que era bom official, chegoulhe a occaſiaõ de acabar ſeus dias, e naõ havia huma hora que jogara quanto dinheiro tinha, e com eſte enfadamento deixou o trabalho, e ſe foy a huma guarita para ver o que faziaõ os Mouros no campo, e naõ foy bem chegado quando por hum pequeno buraco lhe deraõ huma arcabuzada por huma queixada, ficandolhe o pilouro metido no cerebro, de que ficou morto; e aquelle que no meſmo inſtante eſtava rindo, e zombando dos Mouros, que naõ eſtavaõ na Quareſma confeſſados, logo tornou para o meſmo lugar ſem rir, nem zombar, mas morto, mofando delle os que o conheciaõ. Aſſim, que eſte Clerigo, que houvera de ir à guerra a curar as almas,

almas, e corpos dos irmãos, como faziaõ os Padres da Companhia de Jesus, por onde mereceraõ diante de Deos, e do Mundo louvores, e premios; foy a jogar, e triunfar em banquetes, e festas, morrendo taõ desastradamente.

Outro exemplo quero aqui escrever de hum soldado, q̃ chegou a Mazagaõ, o qual dizia, que todo o soldo de dous mezes gastara em gulodices de comer, de que já naõ tinha nada, e como entrou na pousada arrimou o arcabuz a huma parede, sem que nunca mais se atrevesse a pegar nelle, e sendo calumniado de fraco, e ameaçado com roca, dizia que se o embarcassem de noite com roca na finta, como tinhaõ feito a outros, elle se iria para Lisboa muito contente, sem vergonha; e depois que ouvio tal tormenta de bombardadas, disse que já se embarcaria de dia se lhe dessem licença; e o que se ha de notar neste homem he, que em quanto os Mouros estiveraõ no cerco, sempre esteve deitado gemendo dos dentes, e partidos os Mouros se levantou como hum touro, e cada dia tinha brigas, e arrancava a espada a cada canto. Estas cousas disse aqui para advertirem os Capitães sobre seus soldados, e para que se veja que taes se mostraraõ postos na guerra muitos fanfarroens que na Corte se andaõ ostentando.

Outro mancebo, que se prezava de gentilhomem andou na Fortaleza muito custoso de roupas bem feitas, e taõ justo de botas picadas, e limpo de vestidos, que era muito para ver, o qual nunca subio ao muro, nem se empoou, mas todos os dia dava huma vista pela porta do General, e se recolhia à sua madrilheira, sem ser mais visto. Eu supponho, que este mancebo devia ser da natureza dos martas, ou arminhos.

CAPITULO LXXXV.

Das folias, que se fizeraõ na Fortaleza pela vitoria do combate, e do mais em que logo se cuidou.

DEpois que se acabou o combate sobreveyo a noite muito triste, escura, surda, e sem folias, nem trombetas, como quer que de antes todas as noites se fazia ao contrario, o que considerando hum alentado soldado, que estava na vigia, cujo nome era digno de ficar em memoria, lhe pareceo que em tal tempo se devia mostrar mayor alegria, que as noites passadas para entristecer aos inimigos, que tambem estavaõ surdos, e ao tempo de mudar as guardas naõ tocaraõ seus tambores, como costumavaõ, e deixando a vigia encomendada aos que estavaõ alli, foy ter com Luiz de Crasto, que estava na sua estancia dormindo armado, e quebrantado

do, ao qual diſſe, que porque naõ cuidaſſem os Mouros, que eſtavamos mais vencidos que vencedores, devia logo mandar chamar a ſua folia, para feſtejarem a vitoria ſobre o muro, para que viſſem os inimigos, que eſtavamos vitoriosos, e os deſprezavamos; o que logo ſe poz por obra, o que tudo ſe feſtejou no quarto da madorna, e a parte da alva, e no fim ſe recolheraõ a dormir.

O meſmo fez com Joaõ Rodrigues de Torres, que eſtava na ſua eſtancia tambem dormindo armado, que logo ſe levantou, e mandou os ſeus trombetas ao Baluarte, aonde tangeraõ alegremente, e aſſim foraõ por todo o muro tangendo, o que fizeraõ atè que a manhãa veyo rompendo, que os trombetas do General começaraõ a tanger como tinhaõ de coſtume. Tanto que amanheceo tornaraõ os da Fortaleza a porſe em armas, eſperando o ſegundo combate, e aſſalto, que logo cuidavaõ que ſe déſſe, e como viraõ que os Mouros trabalhavaõ na ſua trincheira, que a noſſa mina abaixou, tambem elles trabalharaõ com grande diligencia, reparando o cavalleiro, do que cumpria. Eſtas diligencias faziaõ os homens Fidalgos, e Cavalleiros; os quaes Fidalgos Portuguezes naõ ſòmente pelejaõ nas guerras, mas ſervem de gaſtadores, e trabalhadores, como os mais robuſtos homens de trabalho ſe achaõ. Eſta he huma das finezas, que os Portuguezes nobres tem muito para eſtimar, e blaſonar com grandes louvores.

CAPITULO LXXXVI.

Do conſelho, que ſe teve ſe ſahiriaõ a dar nos Mouros, e como naõ teve effeito.

AOs vinte e ſeis do mez de Abril ſe teve conſelho ſobre ſe ſahiriaõ fóra a dar nos Mouros, que com grande pertinacia, e deſprezo batiaõ o muro, e eſtavaõ picando debaixo da eſtancia de Nuno Fernandes de Magalhães, o que muitos naõ ſofriaõ, tomando cada dia por ſua eſta injuria, aſſim que juntos emconſelho houve muitos votos, que ſahiſſem pelo lugar por onde os Mouros ſubiaõ, e que dandolhe em cima de improviſo a horas de meyo dia, ſe faria huma boa jornada, e ſe lograria huma boa occaſiaõ, e poderia ſuccéder, que ganhaſſem a trincheira, e artelharia, e quando aſſim naõ ſuccedeſſe, ao menos reconheceriaõ ſe os inimigos minavaõ; porque havia ſuſpeita, que todo o Baluarte eſtava picado. Iſto ſe entendeo, porque huma noite hum Elche deitou hum caparaõ de aſſor dentro na Fortaleza, e outra noite perguntou: *Se viraõ o caparáõ*, e foylhe dito, *que ſim*, e elle diſſe: *Que olhaſſem pelos pés*

do

do assor, que a cabeça estava segura. E por esta causa, e methafora no conselho se affirmava, que deviaõ sahir fóra; porèm que fosse pela baixamar, e de noite pela parte do Norte, huma encamizada de quinhentos homens, e tanto que estes chegassem defronte do lugar do combate, sahiriaõ outros quinhentos arcabuzeiros pela porta do mar, contra o bastiaõ dos Mouros, e assim todos juntos com grande estrondo de trombetas se fariaõ senhores do bastiaõ, e trincheiras, e poderiaõ encravar a artelharia, ou derriballa na cava.

Este conselho estava posto em razaõ, julgando a cousa de dentro da Fortaleza; mas a verdade era que se sahissem, por qualquer via, todos se perderiaõ; porque se tomassem a trincheira, e o bastiaõ que estava junto da cava, ficavaõlhe dentro outras trincheiras muito altas, e fortes, com artelharia, que estava assestada ao muro, com que podia matar a gente, que estivesse no bastiaõ; e se quizessem passar estas primeiras trincheiras, todos se perderiaõ nas muitas cavas, valados, e travezes, que os Mouros tinhaõ nestas estancias; e porque Deos foy servido desviar este conselho, e naõ quiz que tivesse effeito, nem houvesse outro senaõ o de sua misericordia, como fez com ElRey Ezequias, quando lhe mandou dizer por Isaias Profeta: *Que naõ temesse a multidaõ dos Assyrios, que sobre Jerusalem estavaõ; porque pelo caminho por onde vieraõ, por elle tornariaõ, e que elle guardava a Cidade por amor de si, e de David seu servo.* O que se cumprio em Mazagaõ, que guardou Deos a Fortaleza por honra sua, e de sua Fè, e das muitas oraçoens de seus Fieis; e aconteceo que pelo caminho, por onde os Mouros vieraõ com grande soberba, pelo mesmo tornaraõ vencidos, e quebrantados.

Esta noite do conselho sahio Isidoro de Almeida pela mina alta do Baluarte, e vio o que os Mouros da guarda faziaõ, e fallandolhe em Castelhano, lhe disse: *Ah Cavalleros, pareceos que estais seguros?* E logo se recolheo. Outra noite sahio pela mina debaixo Cleofas Gil, esforçado Cavalleiro, e vio o que faziaõ os Mouros da guarda, os quaes dormiaõ de modo, que pudera matar alguns delles, mas muito caladamente subio pela sua estrada no nosso Baluarte, o que deu tal sobresalto aos que vigiavaõ, que appellidaraõ: *Arma arma*, e houve repique à meya noite, a que acodio toda a gente da Fortaleza, a qual o General mandou pôr no canto do Baluarte, por senaõ abater a Praça de madeira. Assim se cumprio; porque D. Diogo de Menezes, e Sebastiaõ de Brito, com o comedimento de bons Cavalleiros, e Fidalgos, naõ quizeraõ passar adiante, o que servio de grande exemplo para que toda a

outra gente o naõ fizeſſe; e viſto o que era ſe tornaraõ às ſuas eſtancias, e pudera aquelle atrevido Cavalleiro ſer alli morto por engano dos que o viraõ ſubir cuidando que era Mouro.

CAPITULO LXXXVII.

De como os noſſos ſahiraõ outras vezes de noite a ver o arrayal do inimigo.

A Outra noite ſeguinte ſe offereceo Gaſpar de Medeiros, mancebo animoſo, e determinado Cavalleiro de Mazagaõ, o qual diſſe ao General, que elle ſahiria fóra a ver todas as obras, que os Mouros faziaõ, do que o General ficou muito ſatisfeito, parecendolhe que faria o que dizia, e ſahindo pela mina fóra, vio largamente o que queria, e tornando logo com a informaçaõ ao General, o qual naõ ficando inteirado do quanto deſejava o mandou outra vez fóra, o que o valente mancebo naõ duvidou, e ſahindo pela meſma parte tomou hum feixe de lenha dos inimigos, com que cobrio a cabeça, em que trazia huma arcabuzada do combate paſſado; e ſubindo pela trincheira dos Mouros vio o que faziaõ, e o em que fallavaõ, com que logo ſe tornou ao General, que ſe deu por muito bem ſervido.

Havia neſte tempo na Fortaleza grande trabalho em levantar os reparos, que ſobrelevaſſem os dos inimigos, para que ſenhoreando ſuas obras ficaſſem os noſſos ſuperiores, e com ventagem; e por eſta cauſa cada hum imaginava algum ardil. Neſta inveſtigaçaõ de novos ardis era Chriſtovaõ da Cunha muito cuidadoſo, e hum dia paſſando pela pouſada de Antonio Coelho Capitaõ de huma companhia, lhe diſſe, que foſſem ver ſe achavaõ modo de damnificar os inimigos, e chegando ſobre a porta da Villa, ſe ſubio ſobre humas pedras, eſtando-o Antonio Coelho ſoſtendo que naõ cahiſſe; neſte tempo diſpararaõ os Mouros huma bombarda, e deraõ na muralha, que toda cahio ſobre o dito Chriſtovaõ da Cunha, e Antonio Coelho, que logo morreo, e Chriſtovaõ da Cunha, que ficou enterrado debaixo de muita pedra, foy deſenterrado meyo morto, e levado em braços à ſua pouſada, do que depois eſteve muito tempo enfermo, de ſorte que ſe naõ movia de hum lugar, e para o moverem de huma parte para a outra, era com grande reſguardo; porque todo ſeu corpo ficou moido, e pizado.

Havia dous dias antes, que ſe tomara com elle, e com hum Italiano concluſaõ em fazer hum travez de madeira ſobre a Praça do Baluarte, o qual ſe deixava de fazer por ſua auſencia. Iſto ſabido por Chriſtovaõ da Cunha ſe fez levar ao muro em huma cadeira,

e fez

e fez dar principio à obra, que era muito neceſſaria. Outro dia parecendolhe que eſtava ſaõ, ſe foy ao Baluarte Santiago a ordenar algum modo para damnificar os inimigos, e paſſando por entre humas pipas, lhe deraõ huma arcabuzada na cabeça, que lhe paſſou o chapeo, e o barrete dobrado na teſta, rapandolhe o cabello junto ao caſco, da qual cahio no chaõ, onde acodio ſeu irmaõ Vaſco da Cunha, que lhe tinha dito, que naõ paſſaſſe por alli, o qual diſſe: *Mataraõno, mataraõno*, ao que elle levantandoſe reſpondeo: *Naõ mataraõ, naõ mataraõ*, e ſe foy a pouſada, onde do ar que recebeo da pizadura, tornou a recahir, de que eſteve alguns mezes tolhido.

CAPITULO LXXXVIII.

Do que ſe fez em Mazagaõ, e de como ſe tomou hum lingua.

AO outro dia, que foraõ 28. de Abril, Pedro Paulo, Capitaõ de huma galè, homem de grande esforço, e bem afortunado em todos os ſucceſſos, que emprendeo contra os Mouros, pedio licença ao General para ir tomar lingua, que entaõ era muito conveniente, e neceſſaria, o qual lha concedeo; e metendoſe em hum batel, levou comſigo Domingos Gonçalves, Pedro Fernandes, Gaſpar Pires, Antonio Ferreira, Manoel Real, Joaõ Domingues, Domingos Fernandes, Belchior Gonçalves, Franciſco Martins homem pardo, todos muito valeroſos, com os quaes ſe partio ante manhãa, e ſe foy contra Titte Cidade deſerta, e meteo o batel em huma calheta, e com os ſobreditos Cavalleiros, ſe poz de ſalto junto das tendas do Alcaide C,afim, e em amanhecendo veyo por aquella parte hum Mouro de cavallo, e chegando ao mar para ſe lavar, poz os olhos no Ceo contemplando as Eſtrellas, e manhãa, no qual tempo arremeteraõ a elle, e o abarcaraõ ſobre o cavallo, encarandolhe hum arcabuz aos peitos ſe fallaſſe, pelo que naõ diſſe palavra alguma, e logo o tiraraõ da ſela ſem rumor, e o meteraõ no batel, ao que acodiraõ alguns Mouros, a tempo que o batel já eſtava de largo, donde atiraraõ huma arcabuzada ao cavallo, que dando hum pequeno gemido, cahio morto.

Chegando Pedro Paulo com eſta preza à Fortaleza, toda a gente concorreo a vello, do que o Mouro muito ſe eſpantava; porque em lugar taõ eſtreito os homens armados pareciaõ huma grande multidaõ. Eſte Mouro foy perguntado por muitas vezes, e ſempre fallou por huma boca, dizendo huma meſma couſa, e era que ainda os Mouros dariaõ outro combate, e que ſenaõ tomaſſem a Fortaleza, naõ torna-

riaõ mais, porque ſe retirava a gente huns às ſuas ſearas, e outros fugindo do perigo, e fome, que entre a gente meuda fazia terrivel guerra.

Eſta meſma noite correo huma exalaçaõ, ou reſulgente Cometa de ſobre a Fortaleza contra Azamor, o qual era muito largo, e eſpantoſo. Eſte Cometa viraõ os Cavalleiros, e outros muitos, cuja viſta lhes cauſou grande admiraçaõ. Neſte tempo ſe fazia o noſſo travez de madeira ſobre a Praça do Baluarte; porque os inimigos levantaraõ tanto a ſua obra, que nos foy forçado igualar com elles. Jà de antes Iſidoro de Almeida, e Domingos Pereira com muito grande perigo tinhaõ levantado ſobre a ameya do muro hum reparo de faxina, e terra, que cuſtou a vida de hum homem; mas ſem embargo do perigo ſe levantou para reparo dos arcabuzeiros, que dalli fizeraõ guerra no ſegundo combate, como o fizeraõ no primeiro, do travez de pipas, como fica dito.

Eſte meſmo dia deraõ os Mouros huma grande bataria de bombardas no cavalleiro, e Baluarte, com que derribaraõ muita parte da muralha. Eſtava entaõ na guarda Franciſco da Cunha, Pedro Zuzarte, e ſeu irmaõ com outra gente, e aſſim meſmo Lourenço Marques, que com muito perigo andava reparando com ſacos de terra hum portal, que com a artelharia ſe abrio, e levando elle, e hum forçado ſacos de terra, hum pilouro de bombarda matou o forçado, que Lourenço Marques tirou pelos pès, e o cobrio com hum ceiraõ, e tomando elle ſó o ſaco de terra o arrimou ao portal, que naquella ſezaõ era alvo dos arcabuzeiros Turcos. Achouſe neſta briga Joaõ Picoto, valente Cavalleiro, que naõ trazia outras armas, ſenaõ hum ceſto, com que acarretava a terra, e pelejando com alcanzias, deu huma bombarda no reparo, que matou hum homem, e dandolhe o impeto da terra, e madeira nos peitos, cahio como morto; logo Ambroſio de Aguiar o cobrio com hum ceiraõ, e tornou a reparar o damno, que fez a bombarda, pondo elle, e outros os pés ſobre Joaõ Picoto, que tornou em ſi levantandoſe com muita furia, como homem deſatinado, perguntando, porque o cobriaõ com ceiraõ como a morto; e injuriado de eſtar tanto tempo como eſmorecido, tornou com colera a deitar alcanzias de polvora nos inimigos em vingança da bombardada, de que Deos o guardou.

Eſte Cavalleiro era notado na Fortaleza de muito confiado, e temerario, porque ſe arremeſſava aos mayores perigos deſarmado ſem nenhum medo, de modo que muitas vezes lhe cuſtava caro. Neſta conjunçaõ eſtava na mina de cima Miguel Peſtana, que ficou

cou enterrado dentro na mina, e dizia, que naõ ſoubera quem o tirara debaixo da pedra, donde ſahio muito pizado. Tambem ſe achou neſta bataria Duarte Luiz, esforçado Cavalleiro, que andava deſarmado, e por rodela trazia huma cortiça, que com ſeu bom coraçaõ lhe ſervia de arnez dobrado. Eſte Cavalleiro he digno de grande louvor por ſuas obras, e esforço; porque foy homem, que em todos os lugares mais perigoſos o achavaõ, ou enterrado debaixo das pedras, ou pelejando com alcanzias de polvora. Tambem andava deſarmado com hum ceſto na cabeça Simaõ Pires, que em todos os perigos, e combates ſe moſtrou homem muito valente, e esforçado.

CAPITULO LXXXIX.

De hum enxame de abelhas, e de huma carta de hum Elche, que ſe deitou em Mazagaõ.

HUm deſtes dias vieraõ ao cavalleiro tanto numero de abelhas, que cauſaraõ admiraçaõ. Iſto foy notado daquelles, que entaõ tinhaõ a guarda daquelle dia, que o contavaõ por grande maravilha. Eſtas abelhas ſe levantaraõ todas, e foraõ contra Azamor, e ſendo o vento muito, e contrario, ſeguiraõ o caminho, que levavaõ ſem torcer a nenhuma parte. Neſte meſmo tempo eſcreveo hum Elche Caſtelhano huma carta, e a deitou na Fortaleza preza em huma paſta de chumbo, e a ſubſtancia della era: *Que os Mouros queriaõ dar o aſſalto à ſeſta feira, primeiro de Mayo, que pelejaſſemos como Leoens, pois o eramos, e que fizeſſemos como no primeiro combate, que bem entendiamos, que os inimigos eſtavaõ temeroſos.*

Iſto tinhaõ aſſentado os Mouros; mas como viraõ que nos chegava novo ſoccoro, determinaraõ executallo à quinta feira antes, por naõ pelejarem com a gente, que vinha em ſeis, ou ſete navios, que entaõ chegavaõ à Fortaleza, em que Franciſco Henriques levava duzentos e cincoenta ſoldados, e Fidalgos, q̃ a Rainha mandou de ſoccorro, por cuja cauſa trataraõ os Mouros de ſegundar o aſſalto, antes q̃ aquella gente entraſſe na Praça, com cujo reforço entendiaõ, que lhe ſeria mais duro o combate; aſſim que amanheceo o ultimo dia de Abril, ſe puzeraõ todos em ordem de peleja para eſperar, e reſiſtir ao combate, como tinhaõ feito nos dias antecedentes, e no cavalleiro ſe teve melhor ordem, que no combate paſſado; porque naõ ſubiraõ ſenaõ certos homens, e alguns arcabuzeiros, de que no primeiro aſſalto houve grande falta; e eſtando eſperando quando os inimigos ſubiriaõ, paſſando de

onze

onze horas deu final hum trombeta, que estava no Baluarte S. Pedro, que a cada Mouro que subia, fazia hum final, e a estas horas fez muitos, porque subiaõ muitos, e metiaõse debaixo do muro, aonde tinhaõ cavado lugar, em que cabiaõ alguns homens; pelo que, e tambem porque os Mouros foraõ vistos estar juntos com as Bandeiras despregadas, e com humas escadas, como que as queriaõ arrimar ao muro, teveſe por certo o assalto, que logo se deu na fórma seguinte.

CAPITULO XC.

Do segundo combate, e assalto, que se deu a Mazagaõ.

TInha este dia a guarda do cavalleiro Luiz de Faria, Fidalgo de grande esforço, o qual sempre desprezou os mayores perigos, em que neste cerco se achou, tornando sempre ao Baluarte S. Pedro, que era a sua estancia, donde por sua grande diligencia receberaõ os inimigos notavel damno, que lhe naõ custou pouco dinheiro, o que com os bombardeiros dispendeo. Estava este Fidalgo na guarda do cavalleiro com a sua companhia, e Sebastiaõ de Brito, Manoel Rodrigues de Freixo, Gaspar Leite, Artur de Brito, e outros, que todos seriaõ vinte e oito, pareceolhe que jà os Mouros naõ viriaõ combater por ser tarde, e a marè chea, que era o final mais certo, que podia ter dos inimigos naõ pelejarem, e por esta causa todos se queriaõ recolher a jantar, por ser tempo de mudar as guardas; mas Manoel Rodrigues de Freixo, Cavalleiro de grande experiencia, olhando por entre humas pipas vio junto ao bastiaõ dos Mouros estar toda a sua cavallaria junta, ouvindo alguma falla, ou sermaõ, que os Cassizes na guerra costumaõ fazer.

Isto entendido disse Gaspar Leite, que viſsem como os inimigos estavaõ promptos, e calados, que senaõ fossem jantar, atè ver em que parava aquelle silencio; e estando ainda praticando deraõ os Mouros huma grande grita no fim da falla do Cassiz, e logo dispararaõ a sua grande peça Maimona, que rompendo o parapeito abrio hum portal de dez, ou doze palmos de largo, aonde matou tres soldados, e a Sebastiaõ da Sylveira. Tanto que os inimigos fizeraõ este final, subiraõ ao cavalleiro com tres Bandeiras de cores, huma dellas amarela muito comprida, e com grande alarido deitaraõ dentro nelle muito mais fogo, que no combate passado; porque tinhaõ entendido, que aquellas eraõ as armas, com que faziaõ mais crua, e terrivel guerra. De modo que deitaraõ panellas de polvora, levadeiras, camizas, e çapatos cheyos della, com que abrazaraõ toda a Praça do cavalleiro

valleiro, e aos que eſtavaõ dentro nella; e naõ ſómente uſaraõ deſta manha, ou traça, mas ainda lançavaõ muita polvora ſolta para alimento do fogo.

Vinha cõ eſte ardil hum Mouro com hum ſaco de polvora, rolando pela eſtrada acima, para que dalli a deitaſſem ás mancheas no cavalleiro, o que foy viſto de Duarte Barreto Cabo de Eſquadra do Capitaõ Fernaõ de Craſto, que logo á toda a preſſa poz fogo a huma bomba, e com ella pelo portal do parapeito enveſtio o Mouro, que taõ arriſcadamente trazia a vida, com a morte diante de ſi, e aſſim ardeo o ſaco de polvora, e o Mouro que o trazia com outros mais, ao que os Chriſtãos deraõ huma grita, e os Mouros outra, e logo tornaraõ a deitar quantidade de polvora, do qual incendio a mayor parte da gente ſe retirou, e os arcabuzeiros que eſtavaõ em lugar ſeguro, ſe deitaraõ abaixo com a violencia do fogo, quebrando as pernas, e as cronhas dos arcabuzes, couſa muito vergonhoſa para ſe ver, e muito mais para quem o ler, ſe lhe naõ der alguma deſculpa. Neſte tempo tocaraõ a repique com muita preſſa, e os tambores, e trombetas, tocavaõ, e tangiaõ com grande arrogancia, ſem ceſſar, de modo que iſto junto com o eſtrondo da artelharia, fazia tal horror, q̃ houve homens que ficaraõ ſurdos, e por muitos dias não ouvirão couſa alguma.

Antes de ſe começar o combate eſtava o vento Sul, e havia dias que curſava. Eſte vento era contra a Fortaleza, ao tempo que toda a artelharia, e batalha havia de ſer fogo, pois toda a ſua lavareda, e fumo ſe eſpalhava pelos Portuguezes, com que os cegava, e o fogo pudera queimar a faxina, de que eſtavaõ feitos os reparos no Baluarte, a qual eſtava ſeca com o calor do Sol, que muito facilmente atearia nella o fogo, desbaratando os arcabuzeiros do ultimo travez, que todo eſtava cercado de lenha. Mas noſſo Senhor, que favorece aos ſeus, mudou o vento em breve tempo, que ſe voltou contra os inimigos, de ſorte que todo o damno, que os Chriſtãos houveraõ de receber, cahio ſobre os Mouros; e verdadeiramente foy eſte hum grande milagre á viſta de todos da Fortaleza, que bem incredulo ſerá aquelle que o negar; porque ao tempo da Batalha o fogo deſatinou os Mouros de ſorte, que naõ viraõ o portal feito no cavalleiro, e os poucos que o defendiaõ.

Já a noſſa gente tornava a ſubir, huns envergonhados, e outros reſolutos, e os primeiros que o fizeraõ foraõ Diogo de Vaſconcellos, Domingos Pereira, Manoel Rodrigues de Freixo, que tinhaõ cahido abaixo com a furia, e impeto da polvora, e da meſma maneira Gaſpar Leite, Joaõ de Souſa, Diogo Muniz, e Simaõ Alvares da

Cu-

Cunha, que foy muito queimado, e logo ſubiraõ outros muitos, aonde deraõ ao Sargento de Joaõ de Mendonça huma pedrada, com que lhe lançaraõ os miolos pelos ouvidos fóra, à qual naõ valeo a ſellada, que em vaõ lhe guardava a cabeça.

O meſmo Joaõ de Mendonça pelejou valentemente; e à ſua imitaçaõ o fez Fernaõ Hortiz, Gaſpar Leite, Franciſco de Bairros, Vaſco Fernandes Homem, Franciſco Ferreira, Antonio Soares, Franciſco de Moura, Antonio Botelho, Ruy Dias de Soutomayor, e Jeronymo Botelho Capitaõ da Armada, que foy ferido, e queimado; o meſmo ſuccedeo a Luiz Peſtana, e a Martim Fernandes, homem pardo valente ſoldado feriraõ muito mal, e queimaraõ Jorge Prégo, e a Duarte Luiz feriraõ de zagunchadas, e lhe deraõ duas arcabuzadas, das quaes eſtandoſe curando em hũa caſa, lhe deraõ outra pela janella em huma perna; e tambem feriraõ outros, que naõ vieraõ à minha noticia.

CAPITULO XCI.

Dos Fidalgos, que foraõ queimados, e feridos neſte combate.

PElejaraõ neſte combate os Fidalgos, e Cavalleiros, que no primeiro aſſalto deraõ grande prova de ſeu valor; o primeiro foy Sebaſtiaõ de Brito, que com grande acordo, e eſforço tornou a ſeu coſtumado jogo das alcanzias, donde lhe queimaraõ o roſto, e mãos. Tambem foy queimado no roſto, e mãos o Adail Franciſco de Figueiredo, eſforçado Cavalleiro, que ſe poz no portal que a bombarda abrio, e alli defendia, o que naõ via com os olhos que os tinha cegos, e queimados, e eſtando em tal lugar lhe deraõ huma forte pedrada, com que o derribaraõ, e andava debaixo dos pés taõ pizado que o puderaõ matar, ſenaõ bradara, dizendo que ainda eſtava vivo, que o naõ acabaſſem de matar, e dalli o levaraõ pela maõ à ſua pouſada, e depois melhorou, aſſim da viſta, como do mais.

Tambem foy queimado D. Pedro de Menezes, que neſte combate dava alcanzias quebradas, e algumas vezes as deitava nos inimigos. Deſte modo pelejou eſforçadamente Gomes Freire junto ao parapeito, de que foy queimado; e o meſmo fez ſegunda vez Miguel Peſtana, que com bombas, e lanças de fogo pelejava, adonde o queimaraõ juntamente com Fernaõ de Roboredo. Aconteceo neſte combate hum grande deſaſtre a Joaõ de Melo, valeroſo Fidalgo do Algarve, o qual ſahindo ferido, e queimado no fim delle, ſe recolheo a huma tenda de Joaõ Rodrigues de Torres, e eſtando

tando deſcançado ſobre hum catre lhe cahio hum pilouro de trabuco ſobre os pés, e lhe deſpedaçou hum delles, e ao outro cortou ambas as ſolas da bota, como ſe fora com alguma navalha, e a ter os pés recolhidos quatro dedos tivera que contar do perigo, ſalva a vida; deſte deſaſtre faleceo paſſados alguns dias, de que foy martyrizado; porque na primeira cura lhe cortaraõ os dedos ſobre hũ almotariz com grandes golpes, de que o esforçado Cavalleiro naõ fallou palavra. Tambem foy queimado Ambroſio de Aguiar, e Nuno de Brito, e outros de que aqui naõ faço mençaõ.

CAPITULO XCII.

De como deraõ fogo à mina em Mazagaõ.

DUrando ainda o combate entendeo Iſidoro de Almeida, que era tempo de dar fogo á mina, que para o ſegundo aſſalto tinha feito, e vendo aos Mouros, que eſtavaõ juntos, e apertados na eſtrada, por onde ſubiaõ, mandou logo dar fogo à mina, a qual fez mayor effeito do que a paſſada; porque tinha deſanove barris de polvora, e por iſſo arrebentou por muitas partes, deſpedindo pelos ares os inimigos, e ſomergindo para baixo outros; o que cauſou grande eſpanto aos Mouros, que eſtavaõ a cavallo olhando para o combate, que voltando com muita preſſa os cavallos ſe retiraraõ atraz cuidando que os alcançaria a mina; com eſte ſuſto ceſſarão de ſubir, o que fazião com temor da morte, que lhe davaõ os ſeus Alcaides matando com traçados os que o não querião fazer.

Arrebentada a mina, abaixou a trincheira, que os Mouros tinhão feito para reparo da ſua eſtrada, e tanto a rebateo, que houve lugar por onde a noſſa artelharia chegaſſe; era couſa eſpantoſa ver o eſtrago que fazia nos Mouros os furioſos tiros cheyos de dardos, e cadeas de ferro, que ſe não via mais que ruas de corpos mortos, e deſpedaçados; couſa terrivel para ſe imaginar! Porque hião voando pelo ar braços, pernas, e meyos corpos de homens, bedens, e adargas, que arremeçava a furia da polvora muito longe, de que os inimigos ficarão atonitos, e confuſos, de modo que ſe não bulião de hum lugar, e ſe algum muito atrevido queria ſoccorrer os ſeus Alferes, que eſtavão em grande trabalho, erão derribados dos arcabuzeiros, e artelharia dos travezes, que deſembaraçadamente diſparavão.

Eſtando o combate neſtes termos Pedro Paulo foy com muita diligencia à porta do mar para ir aos navios, q̃ então chegavão com ſoccorro; e porque a porta eſtava fechada, e Sebaſtião de Brito tinha a chave, e eſtava no cavallei-

ro todo queimado, foy forçado que assim como estava fosse abrir a porta, do que se admiravaõ os que o viaõ, por ir taõ disforme, que espantava. Finalmente a porta foy aberta, e Pedro Paulo fez logo que todos os bateis, que estavaõ no porto fossem a bordo desem, barcar os soldados, de modo que o Capitaõ Francisco Henriques juntamente desembarcou com toda a sua gente a tempo que seria meyo combate passado, e quando chegou ao muro foy recebido com os olhos, e vontades, que a tal soccorro, e em tal tempo se podia imaginar, e verdadeiramente se pareceo a humas grandes aventuras, que nos livros fabulosos se contaõ; e porèm sendo esta taõ verdadeira a executou com muita mais ousadia, da que nos taes livros se pintaõ os Cavalleiros andantes, ou aventureiros.

Subido Francisco Henriques ao Cavalleiro com sua Bandeira levantada, donde feriraõ, e mataraõ alguns homens, e perseverou atè o fim da batalha, a que aconteceo huma valentia a Hippolyto Zuzarte, Alferes desta companhia, que assim como vinha desarmado em calças, e em coura se poz com a Bandeira no portal, que no cavalleiro estava aberto, onde foy muito queimado, e se teve por milagre naõ o matarem de arcabuzadas, que em lugar taõ aberto davaõ.

CAPITULO XCIII.

Do terror, que os Mouros tinhaõ do valor dos Christãos, e como elles appellidaraõ vitoria.

MUito se espantavaõ, e temiaõ os Mouros quando viaõ ao mesmo tempo pelejar os Christãos, e que por huma, e outra parte lhe entrava tal socorro. Isto lhes fez perder o animo, de sorte que já pelejavaõ mais por cumprimento, que por vontade. Neste meyo tempo hum bombardeiro, que estava no travez de Pedro de Goes, fez hum bem afortunado, e acertado tiro na ponta do espigaõ do Baluarte, onde estavaõ as Bandeiras dos Mouros, levando huma com o seu Alferes feito em pedaços; e no mesmo tempo derribaraõ os nossos arcabuzeiros os que tinhaõ as outras Bandeiras, do que alegres os nossos, vendo-as todas prostradas por terra, applaudindo o successo, gritaraõ: *Vitoria, vitoria.* O qual appellido foy taõ gostoso, e alegre nos ouvidos dos Portuguezes, como triste, e lastimoso nos dos Mouros, que posto que logo as levantaraõ; naõ podendo já sofrer o combate, e mortes dos seus, se desceraõ abaixo a toda a pressa, arrastrando alguns pedaços dellas, que nas hastias lhe ficaraõ. Viose

logo

logo a grande perda, que os Mouros receberaõ; porque toda a cavallaria, que eſtava á mira do cõbate, ſe foy taõ triſte, e lurda, como acontece aos que ſemelhante perda, e deshonra recebem. Logo diſpararaõ toda a ſua artelharia, que nenhum damno fez, ſenaõ na muralha, com o que por entaõ os Mouros ſe contentaraõ.

CAPITULO XCIV.

Como os Religioſos de S. Franciſco eſtiveraõ ſempre com hum Crucifixo no muro, e as mulheres eraõ companheiras nos trabalhos

NEſte combate eſtiveraõ dous Religioſos de S. Francilco, com hum Crucifixo levantado ſobre o muro, como tinha ſuccedido no primeiro aſſalto, e junto a elles o General, em parte que todos os Cavalleiros podiaõ ver a Imagem de Chriſto Senhor noſſo, com que muitos ſe animavaõ para pelejar esforçadamente, como fizeraõ, o que naõ he muito para admirar, quando as mulheres o faziaõ; porque em todo o tempo dos combates andaraõ as velhas, e moças, e algumas das nobres embuçadas ſervindo com agua, e pedras aos homens que pelejavaõ, e outras deixavaõ as quartas nas mãos dos que bebiaõ, e arremeçavaõ pedras nos inimigos.

Iſto naõ he novo nas mulheres Portuguezas; porque muitas vezes ſe acha pelejarem varonilmente, e huma mulher de Mazagaõ, por nome Paulina Fernandes, tomou huma chuça, com a qual ſe poz na eſcada do muro, e com ella defendia, que ninguem deſceſſe a baixo, e animava a pelejar aos que ſubiaõ com brandas, e amoroſas palavras. O meſmo fez o eſforçado Ruy de Souſa de Carvalho, que eſtando na cama muito queimado ſe levantou, e poſto na eſcada do muro com huma eſpada na maõ, fazia voltar alguns homens, que ſe queriaõ retirar para ſuas caſas.

Tambem ſe levantou Joaõ Riſcado da cama, e foylhe mandado pelo General, que tornaſſe para caſa, o q̃ elle naõ fez; mas chegouſe a hum barril de polvora, dando aos arcabuzeiros a que haviaõ miſter, o que lhe cuſtou abrirſelhe, e aggravarſelhe a ferida, do que eſteve inchado, e meyo morto. Aſſim o fizeraõ outros Cavalleiros, que eſtavaõ feridos, e queimados, que ſe levantavaõ a pelejar, naõ como doentes, mas como bons, e esforçados Portuguezes.

No fim do combate vieraõ as mulheres a bailar no terreiro, aonde cantaraõ muitas cantigas alegres, com que deraõ a todos muito contentamento; e acabando as mulheres vieraõ os homens, com violas, e pandeiros, e cantaraõ chiſtes, e vilancetes, dançando

muchachins, atè que chegaraõ as fulias, e depois as trombetas, que toda a noite se tocaraõ, com muita festa, e alegria, dando louvores a Deos, que lhes deu taõ prodigiosa vitoria de seus inimigos.

CAPITULO XCV.

De como os Mouros tornaraõ a proseguir a obra, e os Christãos a prepararse para outro combate.

AO outro dia tanto que amanheceo tornaraõ os inimigos ao trabalho; e os Christãos a fazeremse prestes para quantos combates lhe quizessem dar; porque com a experiencia, que jà os homens novos na guerra tinhaõ do primeiro, e segundo combate, estavaõ jà afloitos, que em nada estimavaõ, nem temiaõ os perigos, nem os inimigos. Tinha já de antes Isidoro de Almeida, e Francisco da Sylva feita outra mina, tanto dentro nos muros, que se elles tornavaõ a dar outro assalto lhe fariaõ grande damno; nisto, e em outras cousas se conheceo o quanto estes Cavalleiros foraõ proveitosos no cerco; e quanto serviço fizeraõ a seu Rey. Ao outro dia os Mouros cavaraõ, e desenterraraõ os mortos, que a mina soverteo, e dalli por diante sempre trabalharaõ para nos dar a entender, que ainda tornariaõ ao combate. O mesmo faziaõ na Fortaleza; e porque Isidoro de Almeida receou, que os Mouros buscariaõ a nossa mina, avisados dos soldados bisonhos, que do muro diziaõ, que tornassem os perros a combater, que elles cahiriaõ em outra peyor que as passadas; e por este respeito ordenou quando meteo a polvora na mina, de deixar em cada barril hum cordel, que chegava à Fortaleza, aonde ordinariamente estavaõ os homens vigiando aos quartos com os cordeis na maõ, para que tanto que sentissem tocar nos barris da polvora, dessem fogo à mina, para queimarem ao menos os que andassem descravando os barris.

Mas os inimigos naõ tiveraõ tal cuidado, e só trataraõ de desenterrar os seus mortos, e trazerem infinidade de lenha, com que cubriaõ suas trincheiras; porque estando determinados de se partir, e retirar dalli, visto naõ poderem conseguir o intento que trouxeraõ de escalar aquella Praça, queriaõ pôr fogo à lenha para que à sombra do fumo passassem sem perigo, como depois fizeraõ. Passado este ultimo combate, estiveraõ os Mouros no campo oito dias, trabalhando, e desenterrando os mortos, e armas que ficaraõ debaixo da mina, e juntamente atirando muitas arcabuzadas, com que feriaõ, e matavaõ alguns homens na Fortaleza, onde os trabalhos naõ cessavaõ de dia, e de noite; porque esperavaõ outro combate,

bate, por quanto os Mouros de novo com tanta lenha coroavaõ todos seus reparos.

CAPITULO XCVI.

De como os Mouros se partiraõ de Mazagaõ, pondo fogo às suas estancias.

QUinta feira, dia da Ascenlaõ de nosso Senhor Jesu Christo pozeraõ os Mouros fogo à sua lenha, que foy notavel cousa de ver, de cujas lavaredas sahiraõ taõ grandes nuvens de fumo, que todo o campo era cuberto, e se o vento fora contrario à Fortaleza, certamente causaria nella grande temor, e receyo, cuidando que os inimigos viriaõ encubertos com aquelle fumo a investilla por todas as partes, o que era facil de fazer; mas os Mouros, que de antes tinhaõ levado toda a sua artelharia, partiraõ cubertos com este fumo, e naõ foraõ vistos ir, senaõ no fim das suas trincheiras, contra Azamor, os quaes levavaõ as Bandeiras levantadas, e despregadas, tremolando ao vento, humas brancas, e outras vermelhas, em barras atravessadas, de modo que indo vencidos, se davaõ a entender vencedores.

Tanto que na Fortaleza viraõ que os Mouros se retiravão, lhe derão grandes gritas, e apupadas, e dispararão do Baluarte Santiago huma furiosa bombarda, que deu dentro em hum esquadrão, com que o rompeo; mas logo os Mouros se ajuntarão, levando os feridos, e mortos entre si, e caminhando em ordem levarão o caminho de Azamor, que era o que trouxerão. A gente de cavallo andou com muita diligencia buscando, e revolvendo todas suas estancias, por lhe não ficar algum Elche escondido, e por fim de tudo se retirarão sem serem vistos por causa do fumo.

Aconteceo nesta partida hum desastre, que foy ferirem Cleofas Gil, aquelle muito esforçado Cavalleiro, que sahio pela mina fòra a ver as obras dos Mouros, que em todo o tempo do cerco andou desarmado, e na partida dos Mouros quiz observar a sua marcha, onde lhe derão huma arcabuzada no peito, que foy a ultima, que os inimigos atirarão, da qual faleceo, causando com sua morte muito grande tristeza, e sentimento aos Fidalgos, e Cavalleiros da Fortaleza.

CAPITULO XCVII.

Dos que morreraõ no cerco de Mazagaõ.

MOrreraõ em todo o discurso do tempo, que durou este cerco, vinte e cinco mil e tantos inimigos, segundo a conta, que deraõ os Mouros que se converteraõ, e fizeraõ Christãos; e segundo

do outras informaçoens, dizem que foraõ muitos mais; e dos Chriſtãos faleceraõ pelejando noventa e oito, e outros morreraõ de deſaſtres, e doenças, que todos fizeraõ o numero de cento e dezaſete; e os feridos, e queimados foraõ duzentos e ſetenta, couſa digna certamente de grande admiraçaõ ſer taõ pouca a perda em taõ porfiada guerra; mas aſſiſtionos conhecidamente o favor Divino com os ſeus fortes auxilios. Partidos os Mouros ſe fez huma ſolemne Prociſſaõ por toda a Villa, acompanhada do General, Fidalgos, e Cavalleiros, e de quatorze Sacerdotes cantando o *Te Deum laudamus*, e o Cantico, que principia: *Cantemus Domino gloriosè enim magnificatus eſt; equum, & aſcenſſorem dejecit in mare, &c.*

Acabada a Prociſſaõ ſe recolheraõ todos a ſuas pouſadas, dando muitas graças a noſſo Senhor pelas merces, que lhe fizera em lhe dar a vitoria naõ eſperada do esforço, e valentia de ſuas peſſoas, ſenaõ da grande miſericordia do proprio Senhor, a quem naõ ceſſavaõ de dar graças, e louvores, levantando as mãos ao Ceo, dizendo, bemdito, e louvado ſeja Senhor o voſſo Santiſſimo Nome, que foſtes ſervido por voſſa grandiſſima miſericordia, e piedade darnos vitoria contra tanta multidaõ de inimigos de voſſa Santa Fé. Eſtas, e outras exclamaçoens faziaõ ao Senhor, pedindolhe ſe quizeſſe lembrar das almas dos amigos, e parentes, que naquella guerra pereceraõ, atribuindo tudo às grandiſſimas merces, que o Senhor foy ſervido fazerlhe em tempo de tanta neceſſidade.

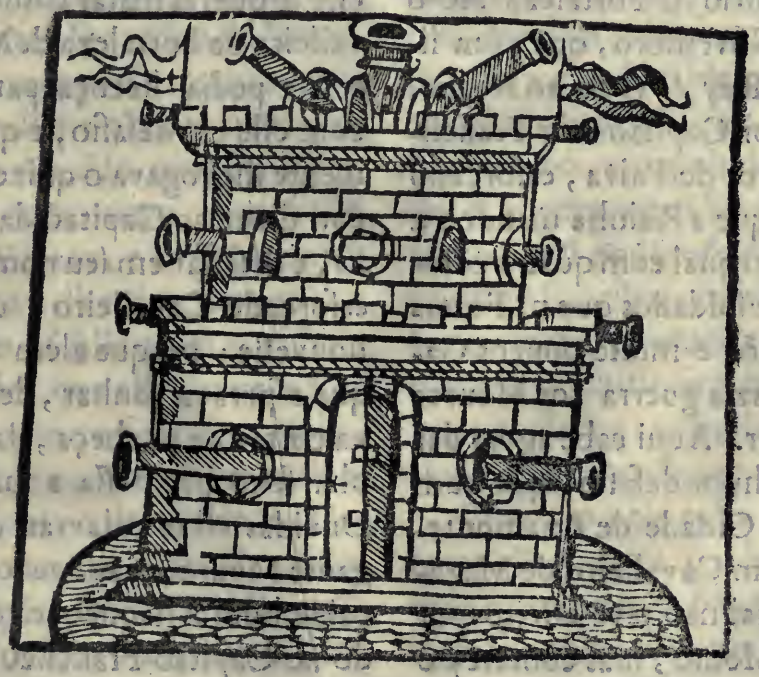
CAPITULO XCVIII.

Do ſummario, e fim do cerco de Mazagaõ.

ALgumas couſas me pareceraõ ſe deviaõ notar neſte cerco para ſe emendarem em outro, quando ſucceda havello; e a primeira he, que naõ houve homens de trabalho, que foy muito grande falta, donde veyo que os Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que haviaõ de ſer poupados para a peleja, andavaõ ſervindo nos trabalhos de dia, e de noite, e vigiavaõ ſeus quartos como lhe cabiaõ por ordem. Tambem foy deſordem naõ ſe trazer no mar hum Capitaõ, para mandar deſembarcar o que os homens do ſoccorro levavaõ, de maneira que cuſtava mais o deſembarque das couſas do que valia, e por eſte reſpeito ficavaõ nos navios, e ſe perdiaõ. Tambem foy deſordem naõ haver em cada Baluarte hum Capitaõ da artelharia, eſperto, porq̃ muitos tiros ſe diſparavaõ ſem neceſſidade, e por iſſo ſe gaſtou muita polvora ſuperflua. Outros caſos notaveis aconteraõ, que ainda que ſaõ de admiraçaõ, e parecem impoſſiveis os referi-

ferirey pelas muitas teſtemunhas que foraõ preſentes: hum delles he de Pedro de Goes, Fidalgo valeroſo, e polido em todas ſuas acçoens. Querendo eſte Fidalgo reprehender os homens mimoſos, que por reſpeito das moſcas engeitavaõ os comeres, elle as comia às mancheas diante daquelles melindroſos, e aſſim os gafanhotos, e baratas vivas, o que julgo por huma grande, e ſoldadeſca façanha, pelo vencimento da repugnancia interior. Outro caſo notavel he de Gaſpar Fernandes, criado delRey, que com a teſta quebrava as amendoas durazes, e cocos da India, e fendia as portas; e aſſim fazia outras couſas de grande admiraçaõ, e quando quebrava alguma couſa lhe ficava a teſta taõ branca como de antes a tinha. Tambem havia homens de grandes forças, como D. Pedro de Almeida, mancebo de dezoito annos, que com a mão levantava pezo de dez, ou onze arrobas Portuguezas. Deſtes eſforçados Heroes, era D. Gaſpar Coutinho, o Capitaõ Agoſtinho Ferraz, Franciſco Ferreira, Joaõ Riſcado, e outros q̃ deixo de nomear. Eſte foy o fim, e ſucceſſo do apertado cerco, e porfiada guerra da noſſa Praça de Mazagaõ, para a qual ſe abalou todo o Imperio Mauritano, ſem fruto ſeu, o q̃ ſervio de grande credito à naçaõ Portugueza, e reputação de ſuas armas; cuja reſiſtencia ſe julgou por impoſſivel em toda Europa, e ſua vitoria foy applaudida em toda ella, e o valor dos Portuguezes louvado em todo o Mundo.

E para ſatisfazer aos curioſos que não virão eſta Fortaleza a offereço aqui eſtampada.



CAPI-

CAPITULO XCIX.

Do desafio, que hum Mouro de Azamor fez a hum Cavalleiro de Mazagaõ, e se dá noticia de outros successos do General.

PAssados alguns dias depois do cerco vendo os da Fortaleza, que os Mouros estavaõ jà quietos, e partidos para as suas Provincias, e terras, determinou Alvaro de Carvalho Capitaõ General com os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que ao soccorro foraõ, virem ao Reyno descançar em suas casas dos trabalhos passados, ficando por Capitaõ môr da Fortaleza Ruy de Sousa de Carvalho muy esforçado Cavalleiro em Africa, que no cerco foy muito queimado, e assistio na Fortaleza atè o mez de Novembro, que com licença delRey se veyo ao Reyno, ficando por Capitaõ môr Francisco de Barros de Paiva, esforçado Fidalgo, que a Rainha mandou a Mazagaõ, o qual com quatro companhias de soldados que na Fortaleza ficaraõ, e muito poucos Cavalleiros fazia guerra aos Mouros de Azamor. Aqui cabe agora dar conta de hum desafio, que hum Mouro da Cidade de Azamor teve com hum Cavalleiro de Mazagaõ, o qual naõ teve effeito por culpa do Mouro, mas contarey o successo, que he muito para notar.

Havia naquelles dias na Cidade de Azamor huma Moura muito nobre, bem aparentada, e de bom parecer, à qual namorava hum Mouro esforçado Cavalleiro, e como andando o tempo, proseguindo o Mouro seus amores, e a Moura lhe naõ correspondesse, determinou contratar com ella, que se casasse com elle, lhe promettia a cabeça do mais esforçado Cavalleiro, que houvesse na Fortaleza de Mazagaõ; ao que a Moura deu por resposta, que sendo caso que elle tal fizesse, e lhe levasse a cabeça do Cavalleiro, que em sua promessa dizia, sendo morto pelo esforço, e braço de sua pessoa, lhe promettia, e dava sua palavra de se casar com elle; o qual ouvindo a reposta de sua Dama, se foy com grandissimo alvoroço ao Alcaide, e lhe disse, que elle se queria matar com hum Cavalleiro da Fortaleza deMazagaõ, e lhe pedia licença para entrar com elle em desafio, e que juntamente lhe rogava o quizesse mandar dizer ao Capitaõ da Fortaleza, e desafiar em seu nome o mais esforçado Cavalleiro, que nella houvesse; porque alèm da honra que esperava ganhar, determinava cortarlhe a cabeça, da qual tinha feito promessa a sua Dama. Ouvidas estas palavras do arrogante Mouro, mandou logo o Alcaide hum Alfaqueque com recado ao Capitaõ Francisco de Barros,

ros, em que lhe fazia saber, que tinha hum Cavalleiro, que se queria matar com outro da Fortaleza, que se nella houvesse algum, que se quizesse aventurar, e sahir ao desafio, levaria muito gosto, e que do referido lhe pedia mandasse logo reposta. Chegado pois o Alsaqueque ao sitio onde os taes se costumaõ pôr quando vem com recados, e contratos, que se trataõ entre os Alcaides de Azamor, e Capitães da Mazagaõ, e dando sua embaixada, se achou presente Domingos Gonçalves, esforçado mancebo, que no cerco lhe passaraõ as queixadas com hum pilouro de arcabuz, como na historia precedente se fez menção, o qual logo aceitou o desafio pedindo ao Capitaõ fosse servido darlhe licença para se matar com aquelle soberbo Mouro, que esperava em Deos lhe daria vitoria contra aquelle inimigo da sua Santa Fè.

O Capitaõ Francisco de Barros naõ ficou menos alvoroçado com o seu Cavalleiro aceitar o desafio, do que o Alcaide quando o seu Mouro o commetteo; e confiado no favor Divino, e esforço do seu Cavalleiro, lhe deu licença, e respondeo ao Alfaqueque, disse se ao Alcaide, que esses poucos Cavalleiros que na Fortaleza tinha, eraõ taes, que cada hum per si queria aceitar o desafio do seu Cavalleiro, mas que para esse effeito estava prestes Domingos Gonçalves, que os seus Cavalleiros bem conheciaõ, e que para isso elle podia assinalar o sitio, e lugar com as mais condiçoens, que entre os desafiados havia de haver. Ido pois o Mouro com a reposta se effeituou logo entre o Alcaide, e Capitaõ o dia, e sitio em que o desafio havia de ser, e foy desta maneira o contrato, que os desafiados se haviaõ de matar na praya junto à Fortaleza, onde os Alsaqueques costumaõ porse, que será hum tiro de arcabuz do mesmo lugar, e sitio onde o Capitaõ havia de estar com sua gente, que com a maré vasia espraya o mar mais de quinhentos passos ficando a area taõ dura, que escaçamente se vem as ferraduras dos cavallos quando por ella correm, e alli se haviaõ de fazer dous riscos em distancia de cincoenta passos, dentro dos quaes se haviaõ de matar os desafiados, e naõ levariaõ mais armas offensivas, nem defensivas, que irem em cima de seus cavallos com suas lanças, e espadas; e o Alcaide poderia vir com sua gente, e porse à vista do dito desafio, e depois dos desafiados se encontrarem hum contra o outro, naõ poderiaõ sahirse cada hum de seu risco, retirandose de seu contrario, porque em tal caso o que fóra sahisse ficaria vencido, e cativo de seu contrario sem contradiçaõ, nem embaraço de porfia.

Chegado pois o dia assinalado entre elles, veyo o Alcaide com toda a sua gente de pé, e de cavallo, e se poz no sitio que lhe era limitado

mitado, donde mandou recado ao esforçado Capitaõ Franciſco de Barros, que logo ſe fez preſtes, e ſahindo fóra com toda a ſua gente mandou ao condeſtavel tiveſſe toda a artelharia aſſeſtada, e apontada, e eſtiveſſe com muito grande vigilancia, pondoſe pegado ao Baluarte Santo Eſpirito com ſua gente poſta em ordem; e o Cavalleiro armado com as armas de Chriſtaõ, que para tal tempo convinha, ſe deſpedio do Capitaõ, e mais Cavalleiros, parentes, e amigos taõ contente, e riſonho, como ſe verdadeiramente foſſe entrar em algumas feſtas, ou torneyos ſe foy de ſeus padrinhos acompanhado pór em ſeu riſco, e logo o Mouro deſpedindoſe com muita brevidade do Alcaide, e da mais gente acompanhado de ſeus padrinhos ſe foy pòr em ſeu lugar, e poſtos os Cavalleiros ambos em ſuas eſtancias, ſahiraõ os padrinhos Mouros a ver o noſſo Cavalleiro que armas tinha, o qual acharaõ que naõ tinha mais veſtidos, nem armas, que a camiza, e calçoens com os braços regaçados, e ſua eſpada de tiracolo à maõ direita, e a lança na propria maõ, couſa que ao Mouro poz em muito grande confuſaõ verlhe as armas ambas poſtas a hum lado, e a cauſa era, porque o Cavalleiro jogava de ambas as mãos, e em ſemelhantes occaſioens ſe ajudava deſte ardil, por ſer de ſua natureza eſquerdo, que foy cauſa por onde o Mouro o temeo muito; e alèm diſſo eſtava em camiza, para dar a entender ao Mouro a pouca conta que delle fazia, e quaõ pouco o temia, pois viſto o noſſo Cavalleiro dos ſeus padrinhos, ficando poſto em ſeu lugar ſe partiraõ, e em ſua companhia os padrinhos do Cavalleiro Chriſtaõ, chegando ao Cavalleiro Mouro, que em ſeu lugar eſtava poſto, e buſcando-o ſe tinha algumas armas defenſivas lhe acharaõ em cada ilharga hum Tilli, que he à maneira de nomina do tamanho de hum Livro Miſſal, em que trazem eſcrito o Alcoraõ do ſeu Mafamede, que elles tem em grande veneraçaõ, e por grande reliquia, os quaes ſaõ taõ fortes, que bem teraõ maõ huma lançada, o que viſto pelos padrinhos Chriſtãos lhe diſſeraõ, que devia de tirar ós Tillis, pois via muito bem que o ſeu Cavalleiro naõ tinha ſobre ſi couſa alguma, ao que o Mouro reſpondeo, que os naõ tiraria, porque aquillo naõ eraõ armas, mas eraõ reliquias, que elle muito eſtimava, e replicandolhe os ſeus proprios padrinhos os tiraſſe, que era grande ventagem que tinha ao Chriſtão, e quando os naõ tiraſſem, o deſafio naõ teria effeito; ao que o Mouro reſpondeo, que por neuhum caſo os tiraria, que eraõ reliquias ſantas, que tirando-as as ficava deſprezando, o que ſeria cauſa de ficar vencido do Cavalleiro Chriſtaõ.

Vendo

Vendo a repoſta do Mouro, os padrinhos Chriſtãos ſe tornaraõ a dar conta do que paſſava ao Capitaõ, o qual logo mandou dizer ao Alcaide, que mandaſſe a o ſeu Cavalleiro tiraſſe os Tillis, que naõ vinha conſórme ao contrato do deſafio. Ouvido pelo Alcaide o recado, mandou aos padrinhos Mouros, que fizeſſem tirar os Tillis ao Cavalleiro Mouro, e que naõ os querendo tirar, que pelo meſmo caſo naõ entraſſe com o Chriſtão em deſafio; dito a Melehude (que aſſim ſe chamava o Mouro) o mandado do ſeu Alcaide, diſſe que por via alguma os naõ tiraria, nem entraria ſem elles em deſafio; mas a verdade era, que tanto q̃ o Mouro vio o Chriſtão em camiza com os braços regaçados, q̃ ſeria mancebo de trinta annos, de boa eſtatura, robuſto, cor morena, cabello negro, e creſpo, e além diſſo a eſpada, e lança à maõ direita, o ficou temendo de ſorte, que me parece, que ainda que no deſafio o mandaſſem entrar com os Tillis o naõ fizera, buſcando outra qualquer eſcuſa por donde naõ houveſſe effeito. E viſto pelo Cavalleiro Chriſtaõ, que em ſua eſtancia eſtava, a dilaçaõ, e recados que havia de parte a parte, informado do que paſſava, diſſe que naõ foſſe a eſcuſa dos Tillis parte para o deſafio naõ ter effeito, que elle era contente de pelejar com o Mouro com aquella ventagem dos Tillis, e ſe aquelles lhe naõ baſtaſſem pozeſſe outros dous; o que ſabido pelo Alcaide, mandou dizer, que elle naõ era contente, ainda que o Chriſtaõ quizeſſe que o ſeu Mouro entraſſe com os taes Tillis no deſafio, e ſe logo os naõ tiraſſe, naõ houveſſe effeito, ficando com o Cavalleiro Chriſtaõ a palma da vitoria; mas nem iſſo foy baſtante para o emperrado Mouro tirar os Tillis; mas antes cuido ſe acharia por bem afortunado em levar comſigo eſcuſa taõ ſufficiente para naõ haver effeito o deſafio, que elle de commetter taõ arrependido eſtava; o que viſto pelo Alcaide, mandou, que o Mouro foſſe apeado do cavallo, e aſſim a pé foſſe diante de toda a gente até Azamor, que eſtá duas legoas da Fortaleza, os quaes ſe partiraõ muy triſtes, e injuriados, levando o Mouro a pé com muitos empuxoens, e pancadas, dizendolhe palavras afrontoſas, o que foy viſto pelo Capitaõ Franciſco de Barros, o qual mandou logo tocar ſuas trombetas, e tambores com as Bandeiras arvoradas tremolando ao vento, dando grandes baterias de arcabuzeiros, e logo diſparando toda a artelharia da Fortaleza, deitando ſeus pilouros, que aſſobiando hiaõ por cima do eſquadraõ dos Mouros, e ſobre tudo os Cavalleiros da Fortaleza eſcaramuçando pela praya com grandes feſtas, e os moços com outra gente, que de cima do muro eſtava à mira do deſ-

afio, que lhe davaõ muito grandes gritas, e apupadas, de que foraõ afrontados, e abatidos, e taõ triſtes, que verdadeiramente parecia que os ſeus proprios cavallos hiaõ ſentindo a falta do ſeu Cavalleiro. Chegados pois a Azamor foy o Mouro Melehude metido em huma prizaõ, e dahi foy deſterrado para nunca mais tornar àquella Cidade, que era ſua Patria, poſto que alguns Cavalleiros de Mazagaõ dahi a alguns annos ſe encontraraõ com elle em algumas pelejas, e eſcaramuças, aonde lhe viraõ fazer couſas de muito eſforço.

Agora julguem os affeiçoados a ſuas Damas as injurias que eſte Mouro padeceria, indo na ſua Patria, pelas ruas, e portas de ſeus parentes, e amigos, e o que mais he, pela de ſua Dama, taõ afrontado, e aniquilado, ſe lhe ſeria melhor arriſcar antes a vida com aquelle Cavalleiro, contra o qual o pudera favorecer a fortuna, do que chegar a ſua convardia a taõ miſeravel eſtado. Ponderem pois os eſforçados Fidalgos, e Cavalleiros, o premio que merecia eſte valeroſo Africano; o qual foy logo remunerado por ElRey D. Sebaſtiaõ, dandolhe o Habito de Chriſto com boa tença; fazendo em todo o diſcurſo do tempo que viveo acçoens dignas de eterna memoria, e ultimamente foy morto no campo de Mazagaõ de hum pilouro de arcabuz.

Naõ ſerá razaõ, que de hum Capitaõ taõ celebre, e vitorioſo como foy o General Alvaro de Carvalho ſenaõ contem algumas vitorias notaveis, que contra os Mouros emprendeo, e em mais de trinta annos, que foy Capitaõ, antes em muitas batalhas, e eſcaramuças que teve, ſempre ficou vencedor, desbaratando-os por muitas vezes com aſſinaladas vitorias, que noſſo Senhor foy ſervido darlhe contra eſtes infieis, ficando ſempre o campo por elle, e ſeus Cavalleiros. Era eſte Capitaõ homem de meãa eſtatura, barba rala, olhos grandes, e quando tomava alguma paixaõ ſe lhe formavaõ nas alvas algumas veas ſanguineas, que o faziaõ temeroſo. Gaſtava muita parte do dia, e noite em paſſear, tomando ſó comſigo conſelho nas occaſioens de guerra; e huma tarde ſuccedeo, que mandando chamar o Almocadem para mandar Eſcutas fóra, andando paſſeando na ſua antecamera, chegou a huma porta, e levantando hum pano de raz, vio na ſala hum menino de idade de quatro annos paſſeando a propoſito, e fallando ſó; o que por entaõ diſſimulou, e ſe deixou eſtar para ver a determinaçaõ do menino, e eſcutando-o lhe ouvio dizer com muita reſoluçaõ, como ſe fora homem de cincoenta annos: *Eu naõ hey de mandar hoje Eſcutas fóra, porque eſtaõ os Mouros no campo, e tomarmashaõ.* As palavras deſte me-

menino o meteraõ em tal confuſaõ, que determinou por aquelle dia naõ mandar Eſcutas fóra. Neſta conjunçaõ chegou o Almocadem, que elle tinha mandado chamar, ao qual diſſe, que ſe tornaſſe, que quizera mandar Eſcutas para ao outro dia tomar campo, mas que tivera outro conſelho, que já por aquelle dia o naõ tomaria. Ao outro dia pela manhãa mandou ao Adail, que naõ tomaſſe mais campo, que ao redor dos valos, para o gado poder paſtar, e ſahindo as atalayas a deſcobrir os poſtos que o Adail lhe tinha mandado, ſeguraraõ o campo, e tendo-o ſeguro a horas de meyo dia, ſahiraõ de hum poſto que chamaõ o Palmarinho quatro centos Mouros de cavallo, e porque eſte era hum dos poſtos que o Capitaõ determinava mandar deſcobrir, e vendo que os Mouros ſahiaõ da cilada, lembrandolhe o dito, e conſideraçaõ de huma criança de taõ tenra idade, teve o caſo por milagroſo, e com toda a inſtancia mandou ſaber daquelle menino, e trazendolho lhe fez muitas perguntas a ſeu modo, a que o menino reſpondia como homem de muita idade, donde veyo tomarlhe tal affeiçaõ, que todos os dias o mandava buſcar a horas de comer, e levantadas as meſas, ſe punha a praticar com elle, preguntandolhe, que poſtos mandaremos tomar à manhãa, reſpondendolhe eſte menino tanto a propoſito, como ſe fora homem de muito entendimento; baſta dizerſe, que todos os ſucceſſos de guerra, que emprendia eſte Capitaõ, eraõ guiados por ordem Divina.

Era eſte General, ſogeito de grandiſſimo conſelho; muitas vezes tomava pareceres de alguns Cavalleiros, mas ſempre ſe guiava pela ſua opiniaõ, como neſte cerco claramente ſe vio, que ſe aſſentou que ſahiſſem fóra a dar aſſalto nos Mouros, mas guardando para ſi ſeu parecer naõ referia ao que em conſelho ſe determinava, porque ſem duvida ſe perdiaõ todos, como atraz fica dito; era muito temido dos Mouros, tinha muita brandura com os Cavalleiros, e ſoldados, eſtimava-os muito, tanto que naõ conſentia, que nenhum Fidalgo lhe diſſeſſe, que havia na India ſoldados muito esforçados, q̃ elle logo naõ replicaſſe, que o ſeriaõ, mas que mais que os ſeus os naõ havia no Mundo; e eſtando hum dia com ſeu irmaõ Ruy de Souſa de Carvalho, em grandes differenças ſobre os ſoldados de Mazagaõ, e os das galés, lhe diſſe ſeu irmaõ: *Saõ, Senhor, os ſoldados das galès taõ esforçados, que pelejando a pè quedo, ſe lhe mataõ o companheiro, com os pès ſobre elle pelejaõ;* ao que reſpondeo: *Que era verdade, mas que os de Mazagaõ eraõ mais que ſoldados, porque eraõ filhos que pelejavaõ com*

ſeu

ſeu pay; ao que Ruy de Souſa de Carvalho naõ replicou palavra alguma.

Aſſiſtindo pois o General neſta Fortaleza, q̃ era ſua por merce delRey, e fazendo guerra aos Mouros de Azamor, e da terra da Duquella, ſuccedeo, que hum dia da Bemaventurada Santa Luzia pela manhãa, fez muito grande nevoa, por cujo reſpeito a gente da Fortaleza naõ ſahio ao campo, e ao meyo dia aclarando o tempo, mandou o Adail a hum Cavalleiro, chamado Franciſco Affonſo das Neves, foſſe deſcobrir hum poſto, a que chamaõ Pedralvinho; e indo o Cavalleiro deſcobrindo, lhe ſahiraõ de huma cilada duzentos Mouros de cavallo, que eſtavaõ com o arrayal a favorecer o ſeu Cavalleiro, donde ſe travou huma grande eſcaramuça, e atirando huma peſſa de artelharia do Baluarte Santiago derribou hum Cavalleiro, chamado Joaõ Gonçalves de Azamor, e dando os Mouros volta para o tomar, os Chriſtãos, que ſeriaõ vinte e cinco, vendo os Mouros ſobre elle, acodiraõ para lho tirar, como tiraraõ. Neſte tempo chegou Ruy de Souſa de Carvalho, que ſeria mancebo de vinte e cinco annos, com outros vinte e cinco de cavallo, que por todos ſeriaõ cincoenta, e dando Santiago nos Mouros, acodio o Capitaõ nas ſuas coſtas a favorecellos com a mais gente de cavallo, que por todos eraõ cento e cincoenta, e vendo os Mouros, que ſe hia o Capitaõ chegando, ſe puzeraõ em fugida. O Alcaide ſentindo fraqueza nos ſeus, arrebentou da cilada donde eſtava com ſuas Bandeiras, e trezentos de cavallo mais, que por todos ſeriaõ quinhentos, vendo o Capitaõ, que ſe embaraçavaõ com a ſua gente, acudio com muito grande preſſa.

A noſſa dianteira, vendo o ſeu Capitaõ comſigo, apertaraõ com os Mouros de tal ſorte, que naõ podendo o Alcaide aguardar o grande impeto dos Chriſtãos, ſe poz tambem em fugida. E ſeguindolhe o alcance hum Cavalleiro, por nome Domingos Fernandes Ribeiro, chegou ao Alcaide, e lhe deu duas lançadas, e outra no cavallo, com que o derribou; e vendo os Mouros o ſeu Alcaide, deraõ volta com grande preſſa, embaraçandoſe com os noſſos de feiçaõ, que hum filho ſeu, por nome Bady, ſe apeou, e deu o cavallo a ſeu pay, em que ſe ſalvou, e tomando o de outro Mouro, em que cuidou ſalvarſe, carregaraõ ſobre elle quatro Cavalleiros, cujos nomes eraõ Fernaõ Vieira, Affonſo Rombo, Duarte Luiz, Alvaro Vaz o Adibe, e naõ ſó tomaraõ Bady filho do Alcaide, mas mataraõlhe dous cunhados, e cativaraõ hum, e dalli foraõ ſeguindo o ſeu alcance, matando, e ferindo muitos, até chegarem às portas de Azamor, onde ſe recolhe-

lheraõ com muito grande perda dos ſeus. Chegado o Capitaõ, que hia favorecendo os ſeus Cavalleiros, ſe poz em hum outeiro, chamado o Outro de Mazagaõ, que diſtará da Cidade de Azamor hum tiro de bombarda. A eſte tempo chegava tambem a ſoldadeſca que na ſua eſteira hia ſeguindo o Capitaõ; e chegando com as ſuas Bandeiras, aonde eſtava, e o noſſo Guiaõ, foraõ viſtos dos Mouros, que na Cidade eſtavaõ, os quaes com muita preſſa quizeraõ paſſar o rio, que hia de monte a monte, que foy cauſa de ſeaffogarem muitos dos ſeus, mulheres, e meninos; e vendo o Capitaõ como os Mouros ſe diſpunhaõ a deſpejar a Cidade, mandou que ſe ajuntaſſe todo o gado que pelo campo andava, e alguns Mouros, e Mouras, que ficaraõ de fóra, o que ſe fez com muita brevidade, onde ſe acharaõ perto de tres mil cabeças de gado vacum; e do meudo, ovelhas, carneiros, e cabras, paſſaraõ de oito mil, e porque ſe vinha chegando a noite com muita abundancia de agua, foy neceſſario viremſe recolhendo logo à Fortaleza, com determinaçaõ de irem no dia ſeguinte tomar a Cidade, e para eſſe effeito determinavaõ levar eſcadas, e peſſas de artelharia, para entrarem na Cidade, e iſto por parecer de muitos; mas o Capitaõ determinou muito ao contrario, porque o ſeu parecer, com o de alguns Cavalleiros antigos que na terra havia, reſolveraõ, que indo acometer a Cidade, podia ſucceder acodir muita gente dos Aduares, que eſtavaõ ſete legoas diſtante della, da parte da Xauhia, como da terra da Duquella, e fazerſe huma má jornada, por onde acharaõ que naõ era bom conſelho, pois Deos lhe tinha dado taõ grande vitoria, e por eſte reſpeito ſe deixou de fazer, e vindoſe recolhendo, chegaraõ à Fortaleza com eſta preza, às dez horas da noite; e dando graças a noſſo Senhor por lhe dar taõ aſſinalada vitoria, por interceſſaõ da Bemaventurada Santa Luzia; e porque na Fortaleza naõ cabia todo o gado ficou de fóra nos rebelins, fugindo aquella noite muito do meudo, que os Mouros ao outro dia ajuntaraõ, e do mais ſe naõ foy nenhum, por cauſa das tranqueiras com que ſe fechaõ os rebelins. Eſta foy huma das mais ricas prezas, que ſe tomaraõ nos lugares de Africa, e a mais feſtejada, porque deſte dia até o preſente ſempre ſe guardou o deſta glorioſa Santa, fazendoſe por cima de todo o muro huma ſolemne Prociſſaõ, levando nella quatro Bandeiras, que aquelle dia tomaraõ a Abdala Belcoche, que aſſim ſe chamava o Alcaide.

CA-

CAPITULO C.

De outras vitorias, que em Mazagaõ ſe conſeguiraõ.

PAſſado algũ tempo deu Deos outra vitoria a eſte Capitaõ, que contarey conforme me forem lembrando os ſucceſſos della. Coſtumava ElRey de Marrocos mandar todos os annos a Mazagaõ cortar os pães, e derribar os valos, para cujo effeito mandava alguns Alcaides de dentro de Marrocos, que diſta vinte e quatro legoas da Fortaleza, com muita gente, e toda a Alarvia que reſide na Serra Verde, doze legoas diſtante de Mazagaõ, e muita da Xauhia, a que os Mouros chamaõ Algarves, e de toda a terra da Duquella; eſta gente tinha por coſtume trazer todos ſeus gados aos campos de Mazagaõ a paſtar, donde ſe ajuntavaõ mais de dez mil homens de cavallo, e trinta mil de pé, os quaes aſſiſtiaõ naquelle campo todo o mez de Abril atè a entrada de Mayo. Em dia do Bemaventurado S. Jorge, eſtando toda eſta gente eſpalhada pelos campos de Mazagaõ, determinaraõ de abalroar com o Capitaõ, e toda a ſua gente, até as portas da Fortaleza; porq̃ naõ obſtante ſer grande a multidaõ de infieis que no campo eſtava, nunca o Capitaõ deixava de ſahir fóra com ſua gente de pé, e de cavallo. Traziaõ os Mouros mais de dous mil eſcopeteiros de pè, e tres mil bèſteiros, e a mais gente de pé vinha com dardos, e zagayas, de ſorte que cobriaõ todo aquelle campo, que moſtrava huma formidavel perſpectiva. Eſtando pois o Capitaõ fóra com ſua gente, começou de ſe travar a noſſa arcabuzaria com a ſua, e andando os noſſos ſoldados neſta preſſa, arrebentou a ſua cavallaria por todas as partes, de modo que foy neceſſario à noſſa, que era muito pouca, acodir, e favorecer os noſſos ſoldados, que andavaõ deſmandados, donde foy forçado travaremſe de huma, e outra parte toda a gente de pé, e parecendolhe aos Mouros, que toda a noſſa gente de pè, e de cavallo lhe ficava de fóra, deraõ huma terrivel grita, apertando com grande impeto os noſſos, que entre elles pareciaõ hum pequeno garfo, mas o Bemaventurado S. Jorge quiz moſtrar alli o ſeu poder; pois diziaõ os Mouros, que o viraõ andar em hum cavallo branco com huma eſpada na maõ em favor dos Chriſtãos, e foy a contenda de ſorte, que ſe matou muita quantidade de Mouros, e cavallos; porque houve ſoldado que tomou a lança das mãos a hum Mouro de cavallo, que indo para o alancear lhe deitou maõ da lança, e levando da eſpada, foy o Mouro forçado a largar a lança; baſta dizerſe, que foy tal a mortandade, que hum homem princi-

cipal, chamado Bernardo Azedo, achandoſe aquelle dia a pé, dentro no rebelim matou hum Mouro cruelmente às eſtocadas; foy eſta huma das grandes vitorias, que Deos deu em toda Africa, porque além de nos defender da multidaõ de infieis, ficaraõ os noſſos ſenhores do campo, deitando os inimigos fóra com muita perda dos ſeus, naõ havendo nos noſſos mais damno que a morte de Gonçalo de Craſto, Sargento de hu. ma companhia, dous homens feridos, e cinco cavallos. Outras muitas vitorias alcançou eſte Capitaõ, as quaes naõ refiro, por naõ parecer extenſo; mas ſó contarey huma q̃ teve com o Alcaide Muçá, que depois de alguns annos paſſãdos veyo a eſte Reyno com ſua mulher, e filhos.

Eſte Alcaide Muçá, era em Berberia grande Senhor, Alcaide, e Juſtiça môr de Marrocos, e muito querido do Rey, e temido do Povo; ſuccedeo que gabandolhe os Cavalleiros de Mazagaõ, ſe diſpoz a querellos experimentar, e para eſſe effeito ajuntou mil Mouros de cavallo, e quinhentos eſpingardeiros, e caminhando ſuas jornadas, chegou à Cidade de Azamor, onde lhe fizeraõ grandes feſtas, e como os Cavalleiros de Mazagaõ ſouberaõ, que elle era chegado, ficaraõ muito alvoroçados com a ſua vinda, naõ ſabendo já quando havia de ſer o dia que ſe haviaõ de encontrar com elle, e porque havia dias que tinha chegado, e naõ corria, andavaõ os Cavalleiros da Fortaleza muito enfadados, porque aſſim o tem de coſtume todas as vezes que os Mouros fazem tardança em virem correr o campo, pois todo o ſeu paſſatempo conſiſte em jogarem as lançadas, e parece que era dom que Deos tinha promettido a eſte Capitaõ, que com quantos mais Mouros pelejava, mayor vitoria alcançava, pois eſtando eſte Alcaide deſcançando do trabalho do caminho, determinou vir armar ao campo de Mazagaõ, e ſe meteo em huma cilada, que eſtà pegada aos valos, que chamaõ a cova do Picouto, dia de S. Vicente, e ſahindo o Adail fóra depois de Miſſa, mandou deſcobrir eſte poſto por hum Cavalleiro chamado Gonçalo Fernandes da Roſa, e indo deſcobrir lhe derrubaraõ os eſpingardeiros de pè o cavallo, o qual ſe naõ pode ſalvar que o naõ cativaſſem, porque acodindo a ſua cavallaria, que eſtava muito perto o tomaraõ às mãos ſem os companheiros lhe poderem valer, por ſerem mais de mil e quinhentos os Mouros de cavallo, a q̃ logo deraõ rebate na Fortaleza, e acodindo a noſſa gente a tempo que os Mouros jà vinhaõ de volta com o noſſo Adail pelas ruas dos valos dentro onde ſe travou huma gran. de eſcaramuça, que durou paſſante de huma hora de rologio ſem de nenhuma das partes ſe conhe-

cer ventagem alguma; os noſſos naõ ſofrendo andarem tanta diſtancia de tempo na peleja ſem moſtrarem o esforço de ſuas peſſoas aos novos hoſpedes, apertaraõ com elles de modo qne com perda de alguns Mouros os deitaraõ fóra do lugar; a eſte tempo vinha chegando a noſſa arcabuzaria em favor dos Cavalleiros, e enveſtindo fortemente com os inimigos, acodio a ſua arcabuzaria, que detraz de hum valo eſtava, e paſſavaõ de mil eſcopeteiros, por ſe ajuntar à arcabuzaria de Azamor com os quinhentos que comſigo trouxe de Marrocos, entre os quaes, e os noſſos ſoldados que ſeriaõ duzentos e cincoenta, ſe travou huma tal peleja, que toda aquella parte do campo em que a briga ſe fazia com a mais parte onde a cavallaria pelejava ſenaõ via couſa alguma com a grande fumaça, que de huma, e outra parte ſe levantava, tanto que foy forçado apartaremſe as cavallarias de ambas as partes, e poremſe à mira, vendo os ſeus ſoldados com quanto esforço, e impeto acometiaõ huns aos outros, mas como os noſſos eraõ ſoldados velhos de muitos annos de Africa, que os mais delles ſe tinhaõ achado neſte cerco, apertaraõ com os Mouros de tal ſorte que a tiros certos matavaõ, e feriaõ os Mouros contrarios, e foy tal o impeto deſtes bons Portuguezes, que naõ podendo os inimigos aguardar, largaraõ o lugar levando comſigo os mortos, e feridos. Quando a noſſa cavallaria vio ir os ſeus eſcopeteiros desbaratados, e poſtos em fugida, naõ apertaraõ menos com os ſeus de cavallo, de modo que dando com elles fóra, lhe foy forçado tomarem os ſeus de pé nas ancas dos cavallos, recolhendoſe com toda a preſſa, ficando os noſſos no campo vitorioſes, fazendo ponte de prata ao inimigo, que ſe hia retirando; baſta que os trataraõ de maneira, que ſe tornou eſte Alcaide pelo caminho por donde veyo à Cidade de Marrocos, muy triſte, e deſconſolado, arrenegando de *Alboreja*, que aſſim lhe chamaõ à Fortaleza na ſua Arabia, e nunca mais tornou ao lugar aonde tambem o receberaõ. Eſte Cide Muçá ſe veyo depois de alguns annos caminho deſte Reyno com ſua mulher, e filhos, fogindo delRey de Marrocos, que lhe quizera cortar a cabeça, e tomarlhe a fazenda pelo ver muito poderoſo, e rico, que eſte he o galardaõ, e paga que elles daõ a quem tambem os ſerve, e eſtando apoſentado na Cidade de Lisboa, mandou matar huma Moura de ſua caſa, q̃ ſe quizera fazer Chriſtãa, pelo qual reſpeito o deſterrou ElRey D. Sebaſtiaõ para a Cidade de Evora, aonde morreo, ficando ſeus filhos neſte Reyno, atè que com licença, que ſe lhe deu, foraõ para Berberia.

Aos ſete dias do mez de Setembro

bro, vespera de nossa Senhora da Luz, fogiraõ os Cavalleiros que estavaõ cativos em Azamor, e como vinhaõ carregados de ferros, naõ podiaõ caminhar, e adiantandose hum, que abrio os ferros, chegou à Fortaleza meya hora ante manhãa ao dia de nossa Senhora, e abrindolhe as portas, disse ao Capitaõ, que eraõ fogidos todos os cativos que estavaõ em Azamor, os quaes naõ puderaõ abrir os ferros, pelo qual respeito naõ podiaõ caminhar, que devia de mandar soccorrellos. O Capitaõ Alvaro de Carvalho ouvindo a nova dos cativos fogidos com grande alvoroço mandou alguns Cavalleiros a soccorrellos, ao que sahiraõ alguns parentes, e amigos, em quanto o Capitaõ com a mais gente se ficavaõ aviando para irem nas suas costas, e foy taõ grande a pressa destes leaes amigos, que os mais delles foraõ desarmados, parecendolhe que se tardassem hum instante, corria perigo tornaremnos a cativar, por serem já horas de os poderem ter achado menos, e tambem por lhe parecer que estariaõ jà perto, e que logo os achariaõ; mas os cativos como vinhaõ algemados, e com grandes cadeas, naõ caminharaõ aquella noite mais que huma legoa, e distavaõ outra da Fortaleza. Tanto que o Alcaide soube que os seus cativos eraõ fogidos, despedio logo a toda a pressa trezentos Mouros de cavallo, que fossem atè as portas de Mazagaõ em busca delles. Os nossos Cavalleiros tendo caminhado meya legoa, naõ acharaõ os cativos, e só avistaraõ os trezentos Mouros; pararaõ, esperando pelo Capitaõ, com determinaçaõ de que se os Mouros achassem os cativos, morrerem todos sobre elles; a este tempo vinha já chegando o Capitaõ com cem de cavallo a hum posto a que chamaõ as Palmeiras da Cooceparo, e o Alcaide dando costas aos seus trezentos Mouros, que vinhaõ na dianteira, trazendo comsigo setecentos de cavallo, e oitocentos de pè, avistando a nossa gente parou, mandando dizer à sua dianteira, que em elle abalando, se passassem da parte da Villa, para que a nossa gente lhe ficasse no meyo; e com suas Bandeiras arvoradas apresentou batalha ao nosso Capitaõ. Neste tempo sahiraõ da nossa dianteira doze Cavalleiros, e da parte dos Mouros cincoenta, a escaramuçar, e travandose huns com os outros, lhe feriraõ os nossos, cinco dos seus; e porque ao Capitaõ lhe pareceo, que aquella gente era muito mais que seiscentos de cavallo, que Azamor tinha de Ordenança, mandou chamar o cativo, e fazendolhe pergunta se vinha alli alguma gente nova, lhe respondeo, que o dia de antes era chegado hum Alcaide, chamado Alelix, neto de hum Elche com duzentos atiradores de espingardas, e

bèstas, e que da parte da Xauhia devia de vir tambem gente, e como a força era muito grande, e com muito fogo, determinou o Capitão naõ lhe dar batalha, por estar muito affastado dos valos, e abalandose a nossa gente para tomar a praya, arremeteo muito depressa a sua dianteira com muito grande impeto, e pondose da parte da Villa, acodio Pedro Alvares de Carvalho com setenta homens de cavallo, e arremetendo com grande furia com a frente à Fortaleza contra os Mouros, que daquella parte estavaõ, deu nelles com taõ grande impeto, que do primeiro encontro lhe derribaraõ muitos Mouros, e cavallos, e naquella volta nos feriraõ hum homem, e mataraõ dous cavallos; a esta pressa acodio o Alcaide com sua gente feita em duas batalhas a encontrarse com o Capitaõ, onde se travou huma tal escaramuça, q̃ em pouco tempo se encheo o campo, de Mouros, e cavallos mortos, e chegando hum Mouro ao Capitaõ, lhe atirou huma lançada, e elle desprezandose de dar no Mouro com o ferro, traçou a lança, e lhe deu taõ grande pancada, que o fez dar de focinhos no pescosso do cavallo. A este tempo acodiraõ trezentos soldados nossos, que a tiros certos derribavaõ os Mouros. Pedro Alvares de Carvalho, filho morgado do Capitaõ, mancebo esforçado, andando entre os Mouros como hum Leaõ, fez tanto da sua parte com os seus setenta Cavalleiros, que poz os Mouros em grande aperto; e o Capitaõ com a sua gente trataraõ o Alcaide taõ mal, que lhe fizeraõ largar o campo com grande perda dos seus; e foy tal a vitoria deste dia, que mostrando a Senhora da Luz, cujo dia era, seus santos milagres, davaõ os pilouros nos homens, e recuavaõ atraz sem fazer damno algum; o que se naõ duvide, porque assim passou na verdade, pois foy taõ grande o accmetimento, e força dos Christãos este dia, que cuido verdadeiramente, que se os Mouros fossem muitos mais, naõ deixariaõ os nossos de os desbaratar, pois andavaõ neste conflito muito denodados, e destemidos. Finalmente deixaraõ os Mouros o campo, e se retiraraõ taõ quebrantados, e tristes, que ficandolhe os cativos no caminho, os naõ buscaraõ, que sem falta os achariaõ, por estarem embrenhados taõ perto do caminho, que lhe ouviraõ ir chorando os mortos; e recolhidos os inimigos, se tornaraõ os nossos à Fortaleza com a liberdade dos seus cativos; e aquelles infieis se foraõ com perda de mais de duzentos mortos, e feridos, ficando o campo semeado de cavallos mortos; dos nossos feriraõ tres homens, e mataraõ hum, com mais quatro cavallos, e cinco feridos; esta foy a perda que os nossos houveraõ aquelle dia; durou a peleja das nove horas até

até a huma depois do meyo dia.

Eſtas, e outras vitorias teve eſte Capitaõ em dias aſſinalados, e as mais dellas ſe tinhaõ por milagroſas, porque parecia impoſſivel desbaratarem taõ poucos Chriſtãos tanta quantidade de Mouros; mais tinha eſte Capitaõ, que por grandes vitorias que alcançaſſe, ſentia tanto a morte de hum Chriſtão, que naõ feſtejava a vitoria como tinha de obrigaçaõ, e quaſi que ſe naõ tinha por vitorioſo, ſentindo muito a falta de hum Cavalleiro, ou ſoldado, e dizia que mas queria a vida de hum delles, que a morte de duzentos Mouros, que tanto os amava, e queria. Eſte Capitaõ adoeceo gravemente, e aſſim enfermo venceo ainda algumas vezes os Mouros, e por mal que eſtiveſſe naõ queria eſtar na cama, e falleceo ſentado em huma cadeira, conhecendo ſua morte ſe deſpedio de todos, e foy muito ſentido de todos os ſeus Cavalleiros, e ſoldados.

CAPITULO CI.

Do que aconteceo nas Ilhas de S. Jorge, e do Pico, com a noticia de algumas particularidades deſta ſegunda.

TAmbem quero dar noticia de alguns caſos notaveis, que neſte tempo aconteceraõ nas Ilhas dos Aſſores. A 29. de Agoſto de 1562. que era Domingo, duas horas depois de anoitecer, tremeo a terra na Ilha de S. Jorge muy fortemente, e deu tres abalos taõ grandes, que foraõ ſentidos por toda a Ilha de tal ſorte, que cuidou a gente que todos morriaõ ſumergidos com a Ilha debaixo do mar, e foy tal o temor, que logo aquella noite fizerão muitas Prociſſoens de Preces, pedindo miſericordia a Deos. Quarta feira 24. de Setembro, depois de veſperas, choveo na meſma Ilha de S. Jorge pedra aſſim como polvora, e durou por eſpaço de meya hora muita quantidade da dita pedra. No Sabbado ſeguinte choveo na meſma Ilha area como terra, e toda vinha ſem agua, e muita quantidade, de modo que ſe deſpovoou a terra, e chorava a gente que era couſa laſtimoſa, e cauſou grande temor. A 27. de noite tornou a tremer a terra com muito grande abalo, e ſe atemorizou toda a gente, acodindo a fazer Prociſſoens de dia, e de noite.

Na Ilha do Pico tremeo a terra todos os dias até 17. de Setembro do dito anno de 1562. e em huma quarta feira tremeo vinte e quatro vezes. E ao Domingo, que foraõ 22. do dito mez, eſtando a gente à Miſſa, tremeo taõ fortemente, que todos ficaraõ atemorizados, e cuidaraõ ſer ſumergidos. E logo na ſegunda feira ſeguinte pela meya noite, começaraõ a cahir por toda a Ilha muitos

rayos

rayos, com grandes trovoens, relampagos, e tremor da terra, e eſtando niſto viraõ correr tres ribeiras de fogo, as quaes naſciaõ de hum alto monte, a que chamaõ o Pico do Cavalleiro, e vinhaõ correndo ao mar para a banda da Serra Ventoſa, e no cume deſte Pico ſe abrio huma lagoa de fogo, que o fez arrebentar, e lançar muitas pedras para o ar, tamanhas como caſas, e eſtas pedras corriaõ para o mar aſſim ardendo, e faziaõ nelle grande ruido, e eſtrondo, e entravaõ aſſim ardendo pelo mar dentro hum bom eſpaço, que era mais de tiro de béſta, e eſtas pedras, que ſe ajuntavaõ aſſim no mar, faziaõ rocha nelle, que entre humas, e outras ribeiras ſe faziaõ bahias, e portos onde podiaõ invernar navios, pelo creſcimento das pedras, que hiaõ correndo para o mar, e ſahiaõ ardendo do dito cabeço, ou Pico. Quarta feira 25. de Setembro choveo na dita Ilha pedra como nozes.

Em quinta feira 26. do dito mez arrebentaraõ outras ribeiras de fogo muito eſpantoſas, que hiaõ dar no mar com grande rugido, cauſando grande pavor. No Sabbado ſeguinte à noite ſe abriraõ duas linguas de fogo na meſma Serra, taõ grandes que parecia tocarem nas nuvens. Da dita Serra ſahiaõ duas ribeiras de fogo muito temoroſas, que corriaõ ao mar com grande violencia; por cuja cauſa ſe deſpovoou a Ilha, fugindo toda a gente della, acolhendoſe às Ilhas de S. Jorge, Fayal, e Terceira, pelo grande riſco em que ſe achavaõ. Eſte elevado monte, chamado Pico, que he o meſmo que *Bico*, arde com grande verocidade, e impeto, lançando de ſi outras muitas ribeiras de fogo, que em oito, ou nove mezes foraõ mais de quarenta, continuando aſſim dous annos, e depois foraõ aplacando, vendoſe eſte fogo das outras Ilhas com grande temor.

Eſta Ilha do Pico he huma das nove dos Aſſores, a ſaber a Ilha de Santa Maria, a de S. Miguel, a de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, chamada commummente a Ilha Terceira, (em cuja Cidade de Angra reſide o Biſpo dellas) a de S. Jorge, a do Pico, a do Fayal, a Gracioſa, a das Flores, e a do Corvo. A Ilha do Pico eſtá ao Sul da Ilha Terceira vinte e tantas legoas, e eſtá entre a de S. Jorge, que lhe fica ao Norte, e a do Fayal, que eſtá ao Sul della, e de humas às outras ſeraõ o mais longe ſeis legoas, que em partes ha huma ſó legoa de huma a outra. Tem eſta Ilha de comprimento deſaſeis legoas, e quatro de largo; corre o comprido della de Naſcente a Poente, e para a banda do Naſcente tem hum levantado monte, ou cabeço, chamado *Pico*, de que a Ilha toma o nome, e he taõ alto, que poucas vezes ſobem as nuvens tanto, que cheguem

guem a cobrirlhe o cume do Pico; chamaõlhe a coroa do Pico, por ser mais agudo, e porque as nuvens ò naõ cobrem muitas vezes; e assim os mareantes, como os Povos das outras Ilhas naõ vem mais que esta coroa do Pico, e o mais parece Ceo por andarem as nuvens mais baixas. No mais alto cume deste Pico ha huma planicia, cousa de hum quarto de legoa em circuito, e no meyo tem huma concavidade taõ profunda, que se estende ao centro da terra, ou ao mar, donde muitas vezes vem os mareantes, e a gente das outras Ilhas sahir linguas de fogo, e fumo continuamente.

No Veraõ os moradores da terra, e alguns curiosos, que vaõ deste Reyno, sobem arriba a esta coroa com muito trabalho, e vaõ a tempo que possaõ tornar a dormir abaixo às casuas dos vaqueiros, por ser taõ grande a frialdade, que se naõ póde sofrer de noite. Ao Norte deste Pico nas suas margens está outro mais pequeno, que se chama do *Cavalleiro*, e he donde agora rebentou o fogo, como acima fica dito. Nas margens deste cabeço ha varias creaçoens de gado; aproveitase muy pouca terra desta Ilha para a sementeira, por ser muy fragosa de pedras, e alcantilada de rochas; com tudo ha nella muita fruta de espinho, mais, e melhor, que nas outras Ilhas; os moradores della trazem pantufos de pelles de porco cruas com cabello, por ser a terra muito aspera; ha nella tres Villas pequenas, e sete, ou oito Lugares.

CAPITULO CII.

Convoca a Rainha a Cortes, e renuncia o governo do Reyno.

ACabado felizmente o notavel cerco, e prodigiosa defensa da Praça de Mazagaõ, com outros feitos famosos no Estado da India, e mais Conquistas deste Reyno, tendo-o governado com summa prudencia, e valor de seu animo a Serenissima Senhora, e muito virtuosa Rainha Dona Catharina, por espaço de cinco annos, e quatro mezes, vendose já cançada com tantos negocios do governo do Reyno, a mayor parte delles encaminhados muito ao contrario do que ella desejava, resolveose segunda vez com determinada resoluçaõ a deixallos, enfastiada já dos tumultos da Corte; e tambem porque appetecia o repouso de sua alma, e dar a Deos com quietaçaõ os ultimos dias de sua vida, pois se achava com larga idade, e queria empregar a que lhe restava em seu serviço; para o que convocou a Cortes os tres Estados do Reyno, Ecclesiastico, Nobreza, e Povo no principio do mez Outubro deste anno de 1562. e juntos os Procuradores, e os mais que nellas haviaõ de assistir

sistir na sala destinada para isso, lhe mandou a Rainha propor pelo Doutor Antonio Pinheiro o seguinte: *Que ElRey seu Senhor, e marido, que Deos tinha, a nomeara, e declarara, muitos dias antes do seu fallecimento, por tutora, e curadora do Senhor Rey seu neto, e por Regedora, e Governadora de todos seus Reynos, e Senhorios; e que depois do seu fallecimento fora esta sua vontade, e determinaçaõ approvada, e ratificada pelo Senhor Cardeal seu irmaõ, e pelos Grandes dos ditos Reynos, conforme a escritura, que disso fora feita nesse tempo; do que ella com muito justas causas se pudera escusar de taõ grande trabalho, vendo, e conhecendo, que nenhuma cousa lhe era mais propria, que sentir taõ grande perda, e pedir a nosso Senhor nella consolaçaõ, e conformidade com sua Divina vontade, que a grandeza da dor requeria, e que aquelle de quem recebia espiritos, e forças em todas as cousas, fora Deos servido, por seus grandes peccados, q̃ lhe faltasse; todavia lembrandose mais da obrigaçaõ q̃ lhe tinha, q̃ do q̃ se lhe representava em cousa taõ grande, para a qual nunca as partes, q̃ para ella se requeriaõ podiaõ ser iguaes aos desejos, que ella tinha de o fazer com bom acerto; aceitou o servir nisso a Deos nosso Senhor, e obedecer a ElRey seu Senhor, e fazer alguma obra de amor ao Senhor Rey seu neto, a quem o tinha muy grande, e que assim procedera no trabalho, até que conhecendose sem forças para o continuar, determinara de o deixar, e o declarara assim ao Senhor Cardeal seu irmaõ, e a todo o Reyno; e por elle, e por todo o Reyno lhe fora pedido com a instancia, que se sabia, que o naõ quizesse deixar; appresentandolhe muitas razoens para isso, e que ella pelo comprazer, e tambem por senaõ mostrar ingrata a taes Vassallos tanto para estimar, quiz tirar forças donde as naõ havia, e mostrarlhe que naõ era menos o amor com que isto queria tornar a fazer por elles, que aquelle, com que elles lhe pediaõ que ella o fizesse.*

Porém que agora considerando os annos que havia que governava, e regia estes Reynos, e como verdadeiramente sua disposiçaõ por causa dos muitos, e grandes trabalhos, que nisso tinha passado, e principalmente por sua grande desconsolaçaõ, naõ era a que convinha para poder mais com taõ grande pezo, como era o governo de taõ grandes Reynos, e Senhorios; pelo que declarava às ditas Cortes, onde Sua Alteza estava presente, e os tres Estados do seu Reyno estavaõ juntos, que lhe naõ era possivel, nem se atrevia a continuar mais com o dito governo, e daquelle dia em diante o renunciava, e nelle naõ entenderia mais que sómente ainda dez dias, para que dentro nelles se declarasse que governasse o Senhor Cardeal, seu irmaõ, ao qual por tantas razoens

zoens, e por tantas, e taõ grandes qualidades, como em ſua peſſoa concorriaõ era devido, e muy proprio o governo deſtes Reynos; e a ella, e a ſua conſciencia gaſtar a vida, que lhe reſtava na ſalvaçaõ de ſua alma; o que havia muitos dias, que tivera já feito ſenaõ eſperara ſer mais proprio fazello no dito lugar de Cortes, q̃ achava ſer muy conveniente pàra declarar eſta ſua determinaçaõ, e q̃ pedia a Sua Alteza que ſe na parte de ſua tutora, e curadora deixara por alguma maneira de cumprir com o que devia à obrigaçaõ de taõ grande cargo, ſe lembraſſe que naõ podia iſto ſer ſenaõ por razaõ da fraqueza, e miſeria de que todos os mortaes ſomos compoſtos, attendendo que em tudo o que fizera em ſua criaçaõ, e em ſeu ſerviço fora ſempre deſejando de o poder fazer melhor, e na pàrte q̃ tocava ao governo dos ſeus Reynos, e Senhorios, pedia tambem a todos, os que eraõ preſentes, e aſſim aos auſentes, naõ reparaſſem em ſuas fraquezas, e deſcuidos, que niſſo teria; mas que attendeſſem ao grande deſejo, que ſempre tivera de os governar em juſtiça, e paz, e concordia de todos, e que lhe quizeſſem aſſeitar aquella ſua vontade, e grande zelo, que ſempre nella houvera de todo o ſeu bem, e accreſcentamento particular de cada hũ, e univerſal de todos; e que eſperava em Deos noſſo Senhor, que do ſenhor Cardeal, ſeu irmaõ ſeriaõ tambem, e com tanta juſtiça, e paz governados, e regidos, que do ſeu bom governo, e da grande obediencia, e fidelidade de todos elles eſperava ella ſe ſeguiſſe grande honra para Deos, e grande ſerviço do ſenhor Rey ſeu neto, e grande beneficio de todos ſeus Reynos, e Senhorios. Iſto deu a Rainha por eſcrito ao dito Doutor Antonio Pinheiro aſſinado de ſua maõ em 8. de Outubro do dito anno de 1562.

Grande foy a deſconſolaçaõ, com que foy ouvida eſta propoſta, e reſoluçaõ da Rainha, e contrariada de todos mandando-lhe pedir que os naõ quizeſſe deſgoſtar, nem deſamparar em tempo de tanta neceſſidade; mas ella reſolutamente ſe deſencarregou, e naõ quiz convir na ſupplica dos que lho contrariavaõ com grande ſentimento, porque deſejavaõ que ella continuaſſe com o governo até ſeu neto ter idade para o tomar, e governar por ſi pelo bem, que ella o fazia. E ſe nos tempos paſſados ſentio o Reyno que o governaſſe a Rainha Dona Leonor, mãy delRey Dom Affonſo V. e mulher delRey Dom Duarte, por ſer Eſtrangeira, e por haver no Reyno Infantes, homens de muita prudencia, e capacidade para o governo que em fim lho vieraõ a tirar, e entregar ao Infante Dom Pedro; agora ſuccedendo ao contrario; ſentiaõ amargamente que eſtoutra o largaſſe; tal era a ſua bondade! tal o aceito do ſeu go-

verno! Em seu tempo se continuou a reforma das Religioens, que ElRey seu marido fazia, e se fizeraõ de novo muitos Mosteiros, e Igrejas com a sua ajuda. A' sua instancia fez o Summo Pontifice Paulo IV. a Igreja de Goa, Cabeça do Imperio da India, Metropolitana Arcebispal, e creou de novo os Bispados de Cóchim, e Malaca, e foraõ para primeiros Bispos destas duas Cidades dous Religiosos da Ordem de S. Domingos, sogeitos de muitas letras, prudencia, e virtude, a saber, D. Fr. Jorge Temudo para Cochim, e D. Fr. Jorge de Santa Luzia para Malaca, e para a Cidade de Braga neste Reyno de Portugal, nomeou para Arcebispo no mesmo tempo hum grande santo Varaõ da mesma Ordem, que foy D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, natural de Lisboa da Freguezia do seu appelido, de cuja Beatificaçaõ se trata, que aceitou obrigado da obediencia do seu Provincial. Por industria desta Serenissima Rainha, e do Cardeal Infante seu cunhado, passou em seu tempo à India o Supremo Tribunal do Santo Officio da Inquisiçaõ. Tambem à sua instancia se alcançou do Papa Pio IV. a approvaçaõ, por authoridade Apostolica, dos cultos do glorioso S. Gonçalo de Amarante, prodigioso Portuguez, no anno de 1561.

Outras muitas obras fez dignas de grande louvor, q̃ naõ particularizo por abbreviar. Mas tornando ao que hiamos tratando, que era a renunciaçaõ do governo do Reyno, proseguiose o acto das Cortes, e para a boa direcçaõ dellas, deu Lourenço Pires de Tavora, Fidalgo bem affamado, e conhecido, que era hum dos trinta eleitos, que costumaõ representar nellas todo o Estado da Nobreza, as advertencias, ou documentos seguintes, tirados da sua grande prudencia.

Parece necessario haver hum Secretario; ver se se fard dos da companhia, ou se se chamará de fóra, e proceder nas determinações, que se tomarem por termos, e autos. Que naõ se ajuntem os vinte e quatro sem os seis. Que os seis chamem aos vinte e quatro todas as vezes que tiverem entendido alguma novidade. E que os vinte e quatro chamem aos seis quando parecer os devem advertir de alguma cousa, ou para lhe dar nova commissaõ: ordenar de huns, e dos outros quem faça os chamamentos: ordenar quem proponha nas congregaçoens: haja mesa, bancos, e escrivaninha, e o provimento disso toque ao Senhor Duque de Aveiro. E parece que quando os seis chamarem, deve propor o Senhor Conde da Castanheira; e quando os vinte e quatro, proponha o Senhor Duque de Aveiro. Ver se as determinaçoens das proposiçoens se se tomarão por mais votos, ou por eleiçaõ de alguns Deputados para isso;

se

ſe quem propuzer mandarà calar, ou tornar a repetir o que diſſe; devem os trinta communicarſe com os outros dous Eſtados; ver onde, e como eleger neſta primeira congregaçaõ quem trate iſſo com elles; ordenar o que ſe lhes diga; em tudo ſe deve fugir moſtras de ſuperioridade, e competencias nas preſidencias; porque ſaõ cauſa de perturbaçaõ, e enleyo. Deveſe conſiderar, viſta a importancia, na brevidade, e reſoluçaõ nos negocios, que ſe haõ de tratar neſtas Cortes, e de todos os que por ellas eſtaõ ſuſpenſos ſe ſe poderá eſcuſar pedir eſte Eſtado dilaçaõ alguma ao termo que a Rainha noſſa Senhora poz para o acto, e de quantos dias ſerà, ou ſe contentandoſe por agora com o que os outros Eſtados em tanto tempo tem apontado, em ſeus capitulos para o bom provimento das neceſſidades do Reyno, remeterſe a elles, declarando, que procedendo as Cortes, iraõ vindo os ditos capitulos, e provando os que forem de mais importancia, e aſſim ajuntando outros, ſe parecerem neceſſarios. Deveſe tambem conſiderar, ſe concedendo Suas Altezas, que nos capitulos dos outros Eſtados ſe communicará todo o procedimento delles com eſta congregaçaõ da Nobreza, ſerá juſto aceitar o termo, que a Rainha ordena ao acto, pois com a dita conceſſaõ, e certeza nella ſe alcança o effeito, que ſe póde pertender, e ſe eſcuſa a dilaçaõ, que já vay ſendo muy prejudicial a outros muitos effeitos. Se ſe deve entender, o parecer, e determinaçaõ dos outros Eſtados, ſobre o ponto de quando ſerá o acto, para que ſe eſtiverem diliberados em ſer ſegunda feira, como Sua Alteza ordena, prover eſta congregaçaõ a naõ ſer na primeira determinaçaõ contraria ao conſentimento dos mais, viſto como da uniaõ, e conformidade nos pareceres ſe ganha muita força, para as propoſiçoens, e do contrario naſcem ſuſpeitas, e deſconfianças entre amigos.

Deveſe tambem conſiderar ſe entendendo que o Eſtado dos Povos inſiſta em mais dilaçaõ no acto das Cortes, ſe baſta eſta para a Nobreza prover neſtes dias ao menos em ſumma ao mais neceſſario o reſponder à Rainha noſſa Senhora, que o dito Eſtado da Nobreza com a mayor diligencia, e mayor cuidado que lhe for poſſivel ſe diſporá para o termo que as Cidades lhe pedem, pois ſem elle naõ ſe poderá fazer o dito acto. Ajuntar toda a Nobreza, como eſtá propoſto parece à primeira viſta negocio fermoſo, neceſſario, e conveniente; mas conſiderado pela parte contraria os inconvenientes parece muito prejudicial; porque ſe debilita a authoridade deſta congregaçaõ, e ſe diminue do poder, que pelo primeiro ajuntamento, e por aquelle ſolemne acto lhe eſtava tacitamente concedido, ſe ſe lhe pedir na junta que agora ſe pertende conſentimento no feito, e por fazer arrogaſſe o ſummo Im-

perio huma muy numerosa companhia de muy differentes pareceres, e pertençoens, quererão ser consultados em todos os procedimentos, será este hum modo de proceder, em que naõ haverá fim, nem resoluçaõ, padecem os negocios, padecem os Povos no sustentamento de seus Procuradores com taes invençoens de dilaçaõ. Se tambem se ha de ajuntar todo o Estado, como se aponta, e naõ lhe ha de dizer a congregaçaõ outra cousa mais que advertillos, para darem os capitulos, que lhes bem parecer ao Escrivaõ, para a qual pratica bastaõ quatro palavras; e feito taõ grande concerto, e solemne chamamento, pela Rainha nossa Senhora para effeito, do que huns, e outros podiamos dizer, creyo que os chamados se recentiraõ muito, e se haveraõ por offendidos, e que naõ faltara na tal junta quem aponte cousas indecentes desse acto, e achará quem o siga, ou dos escandalizados, por ficarem de fóra, ou dos zelosos, segundo seu parecer: pelas quaes razoens o ajuntamento será damnoso, e cheyo de inconvenientes, com novos acidentes, e será fomento de muitas dilações, muito prejudiciaes ao fim, que se pretende. Ter cumprimento com o Estado Ecclesiastico se dilatou mais do necessario, devem ir duas pessoas, ou as mesmas que foraõ ao das Cidades, e dizerlhes que suas Senhorias teraõ entendido o que o Estado da Nobreza, por commissaõ da Rainha nossa Senhora, teve na eleiçaõ dos vinte e quatro Diffinidores, e seis Eleitos para com os outros dous Estados servirem nestas Cortes, conforme ao que Sua Alteza com suas Senhorias tem tratado, e para o bom effeito deste negocio he muy necessaria a uniaõ, e conformidade de todos os tres Estados, faz saber a suas Senhorias esta congregaçaõ que elles estaõ presentes, e desejosos de communicar com elles, para que conferindo os pareceres de huns, e outros se conformem no que for mais serviço de Deos, e delRey nosso Senhor, e bem destes Reynos: e que o modo de como isto será devem de praticar: e que as Cidades tiveraõ, e tem o mesmo cumprimento com esta congregaçaõ, e para este effeito estaõ conformes.

No proseguimento destas Cortes houve dilaçaõ na conformidade dos votos, e pareceres, e assim se foraõ demorando por espaço de tres mezes, naõ tendo effeito a renuncia da regencia do Reyno, que a Rainha fazia, no termo por ella determinado, dilatandose a rogo dos mesmos Cortezãos, por assim ser precisamente necessario; e como ElRey D. Sebastiaõ seu neto, era ainda menino de muy pouca idade para tomar o Sceptro, que tinha pouco mais de oito annos, e a Rainha se resolveo a largallo; trataraõ as Cortes de eleger ao dito Cardeal por Governador, assim pela obrigaçaõ, que nelle havia de ajudar os Reynos de Portugal, e assim por amor

del-

delRey D. Sebaſtiaõ ſeu ſobrinho, como por naõ haver outro Principe no Reyno de mais authoridade, e experiencia; e ainda que houve duvidas em alguns dos Grandes, porque ſe achavaõ melhor com o governo da Rainha, finalmente ſe vieraõ a conformar, e elegeraõ ao dito Cardeal, e lhe pediraõ aceitaſſe, e o meſmo lhe pedio tambem a Rainha; e elle naõ deſprezando a offerta, compadecido da neceſſidade dos Povos, e deſejoſo de fazer eſte ſerviço ao menino Rey, como grande zelador do bem cõmum, e dotado de muita virtude aceitou, e aſſim lhe foy entregue a Regencia dos Reynos, e Senhorios de Portugal em 23. de Dezembro do dito anno de 1562. ficando a Rainha ſempre correndo com a criaçaõ delRey como dantes.

CAPITULO CIII.

De huns apontamentos, que os Povos propozeraõ, e pediraõ neſtas Cortes.

QUe ElRey noſſo Senhor, tanto que for de nove annos ſe tire dantre mulheres, e ſe entregue aos homens. Que D. Aleixo ſe apoſente porſer muito velho, e para iſſo. Que o Conſelho eſcolha Camareiro môr, e que naõ ſeja do Eſtado Real. Que ſe eſcolha para Fiſico môr hum Letrado Chriſtaõ Velho. Que ElRey ſe mude dos Paços da Ribeira, por ſerem humidos, e muito devaços. Que caſe ElRey, poſto que naõ tenha idade, e ſeja em França, e a mulher ſe traga, e ſe crie neſte Reyno. Que eſcolhaõ doze para o Conſelho Portuguezes, e naõ Eſtrangeiros, e algum que entenda de guerra, e que ſejaõ eleitos nas Cortes, e que entrem os Duques, e o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Antonio, e q̃ no Conſelho naõ haja precedencias no votar, nem nos aſſentos. Que os do Conſelho naõ recebaõ por ſi, nem por outrem, mulher, nem filhos, nenhum ſerviço, nem empreſtado, e aſſim o jurem. Que ſe faça Ley que os do Conſelho naõ peſſaõ merces por ſi, nem por outrem atè Voſſa Alteza naõ ſer de idade para governar. Que os do Conſelho votem juntamente, e naõ apartados, nem por eſcritos, e com o parecer de todos juntos deſpachem as merces, tenças, e comendas, e as Proviſoens levaraõ viſta dos do Conſelho. Que o aſſentamento do Reyno ſeja viſto pelos do Conſelho. Que os filhamentos ſe façaõ pelos do Conſelho, e naõ paſſe dos Grandes até Voſſa Alteza naõ ſer de idade, e os que tomar ſeja com caſamento e moradia. Que por encurtar deſpezas haja moderaçaõ, e comece na ſua Capella, e tire dos Capellães, e naõ tome moços da Capella ſobejos, e faça numero de cada

hum

hum. Que dos Fificos, e Cirurgiães ſobejos faça numero de cada hum. Que os Embaixadores, que manda aos Reynos Eſtrangeiros naõ eſtem perpetuos, e ſe venhaõ tanto que acabarem ſuas Embaixadas por encurtar deſpezas. Que ſe faça Ley que ſe naõ dê officio de ſua Caſa a Eſtrangeiros, nem Prelazias. Que pelas neceſſidades do Reyno mande que ſe tirem, e ceſſem as obras, e ſe façaõ ſomente as Fortalezas do mar atè Voſſa Alteza ſer de idade, e governar. Que ſe naõ larguem os lugares de Africa, nem Mazagaõ, e aſſim o pedem, e requerem. Que no Algarve ſe façaõ Fortalezas, onde parecerem neceſſarias. Que Voſſa Alteza naõ conſinta fazeremſe mais Moſteiros no Reyno pelos muitos que ha, por ſerem perjudiciaes, e enfadonhos tantos peditorios. Que ſenaõ dè dote a nenhuma Freira ſenaõ de couſa, que renda, e por ſua morte fique a ſeus herdeiros. Que os da Ordem da Companhia, que hora he muito differente do que moſtrou no principio pelo muito que pedem, e tem, que vivaõ de eſmolas, como todos os outros fóra de Portugal, e que naõ tenhaõ proprio, ou ſe deſfaça de todo, e que ſe lhe tome a renda; os quaes começaraõ a enſinar Latinidade neſta Cidade de graça, e agora levaõ mil cruzados, e por todo tem dezaſeis mil cruzados, ou naõ haja mais que doze em cada Caſa. Que Voſſa Alteza haja do Santo Padre q̃ nenhum Moſteiro herde. Que os Eſtudos de Coimbra ſe deſfaçaõ por ſerem prejudiciaes ao Reyno, e a renda ſe applique para a guerra, e quem quizer aprender vá a Salamanca, ou a Pariz, e naõ haverà tanto Letrado ſobejo, nem tantas demandas. Que os Prelados naõ venhaõ à Corte ſenaõ chamados, ou por licença, e que reſidaõ em ſuas Prelazias, e naõ lhes encarreguem officios. Que Voſſa Alteza tome dous dias na ſemana, hum para aſſinar, e outro para ouvir partes. Que façaõ Ley que nenhuma filha poſſa herdar caſando fóra do Reyno. Que naõ haja mais Deſembargadores do Paço do que antigamente ſohia haver. Que naõ haja tantos Deſembargadores na Caſa da Supricaçaõ, e do Civel, eſcolha os neceſſarios, e os outros apoſenteos, e aos que ficarem accreſcente os ordenados; porque ſenaõ podem manter com o que tem ao preſente. Que na Fazenda naõ haja mais q̃ tres Deſembargadores, e o Juiz della. Que os officios de Regedor, e Governador, e Deſembargadores, e os mais Officiaes da Juſtiça ſe naõ dem a filhos como herança. Que os Officiaes da Meſa da Conſciencia naõ tomem conhecimento do que lhe naõ pertence, como fazem tomando a juriſdiçaõ de Voſſa Alteza, e quanto às Ordens, que haja Juiz dellas, como ſempre foy. Que haja por eſcuſa-

da

da a Caſa da Relaçaõ do Hoſpital, onde ſe deſpacha em Meſa, como cada huma das outras, e aſſim os da Miſericordia. Que os Corregedores ſejaõ por Almoxarifados como em tempo delRey D. Manoel. Que naõ haja Juizes de Fóra, e que o ſejaõ os homens honrados, por ſe eſcuſarem gaſtos. Que as reſidencias ſe tomem por peſſoas leigas, e de boa conſciencia, e naõ por Letrados. Que eſtem fóra do lugar aquelles a que ſe tomar a reſidencia. Que naõ haja Juiz das Cizas, e o ſejaõ os Juizes Ordinarios. Que nos lugares grandes onde ſe naõ eſcuſa Juiz de Fóra que ſe proveja dos Deſembargadores, que ſe deſpejarem das Caſas, donde tambem ſe eſcolheràõ Corregedores, e ſe lhe accreſcente o mantimento, e a alçada. Pareceo bem a Voſſa Alteza por encurtar deſpezas, e gaſtos que as appellaçoens vieſſem à Caſa do Civel, onde ſe tirava ſentença, e dalli tornava à Caſa da Supricaçaõ com muita deſpeza das partes, e muita dilaçaõ, e porque ſenaõ uſe, e tornem como dantes; e porque tem muitos feitos crimes, e civeis a Caſa da Supricaçaõ de caſos leves pedem haja por bem, que naõ paſſando de mil reis em ferimento, onde naõ houver disformidade, nem parte, e aſſim de reſiſtencias de porteiros, e outras ſemelhantes ſe livrem em Camara. Que os Alvarás, que eſtaõ concedidos aos Officiaes de Voſſa Alteza para arrecadarem ſuas rendas ſenaõ concedaõ a Prelados, nem outras peſſoas. Que os Corregedores naõ vaõ ao Paço ſenaõ chamados. Que os parentes naõ ſejaõ Officiaes, e ſe guarde a Ordenaçaõ. Que o Official de Voſſa Alteza, que houver de fazer pagamentos, e os naõ fizer ſeja demandado perante o Juiz da terra. Que naõ devaſſem ſobre quem trouxer mercadorias de Caſtella a eſte Reyno. Que as ſuſpeiçoens dos Julgadores naõ paſſem de vinte dias. Que os rendeiros ſe naõ chamem ao engano. Que naõ ſeja Juiz quem naõ ſouber ler, nem eſcrever. Que os Juizes dos Orfãos dem a reſidencia cada tres mezes. Que nenhum Official ſirva por outro. Que como algum for julgado a degredo, ou a açoutes ſe faça logo execuçaõ. Que quando algum inſtrumento de aggravo ſe pedir declarem para que caſo ſe pede. Que tirem ao Meirinho da Corte, dos homens que traz; baſta trazer doze. Que ſenaõ recebaõ nenhuns Capitulos, ſe os naõ accuſar quem os der. Que quem teve juro a doze por milheiro ſe lhe reduſa a rezaõ de deſaſeis, e ſenaõ deſcontados os rendimentos lhe tornaràõ o proprio. Que em todo o caſo ſe deſempenhem a Voſſa Alteza muitas couſas, que ſaõ vendidas por pouco, e valem muito. Que ſe tome a dizima do peſcado para as galès, para que os mareantes a deraõ. Que os re-

guengos, campos, e leziras, que foraõ dados para os lugares de Africa se lhe tornem. Que os da Coroa do Reyno se naõ desmembrem atè Vossa Alteza naõ governar. Que os Desembargadores do Paço, Casa da Supricaçaõ, e do Civel, que se aposentaraõ sem idade, e levaõ o mantimento, que se lhe naõ dê. Que os Officiaes da Fazenda, e de fóra, que entraraõ com pouco nos officios, e tem muito dem conta como o houveraõ. O que foy tomado para El-Rey, e posto em proprio que se venda. Que mande cumprir o Regimento da sua Casa, e que naõ tenha moradia, quem tem mantimento do officio. Que naõ haja Arrendador mór, e que os Provedores, ou Corregedores das Comarcas arrendem as rendas, e tomem as fianças. Que se escusem Almoxarifes, e que os Contadores mandem o dinheiro, que os Recebedores das Tavolas arrecadarem. Que nenhum criado de Vedor da Fazenda tenha officio nella, nem o receba. Que naõ haja ahi tantos Escrivães na Alfandega, e Casa da India. Que o Provedor mór da Alfandega, q̃ vive nas casas de Vossa Alteza, as despeje, e deixe, e o Provedor seja Fidalgo. Que os Officiaes da Alfandega naõ sejaõ Christãos Novos. Que o Porteiro da Alfandega seja homem honrado. Que se ponhaõ pençoens nos Bispados, para as despezas da Santa Inquisiçaõ. Que as Terças, que se gastaõ, nas Fortalezas se tome conta dellas. Que se arrendem as Alfandegas, por se escusarem tantos gastos de Officiaes. Que se façaõ em Capitulo geral das Ordens de Christo, Santiago, e Aviz, Estatutos, que se naõ possaõ quebrar, senaõ em outro Capitulo. Que as Comendas da Mesa Mestral senaõ dem, e fiquem para Vossa Alteza como foraõ, e saõ ordenadas. Que das Comendas, que vagarem, se tire a terça parte para a guerra, e com esta condiçaõ se dem. Que as Comendas Dalpalhaõ, e Portalegre, e outras das Ordens se dem para as galés. Que Vossa Alteza naõ dè licença para irem servir Comendas, senaõ a homens de vinte annos para cima. Que os cincoenta mil cruzados, que o Santo Padre concedeo dos Prelados para as guerras, haja de sua Santidade que sejaõ para sempre. Que todos os Bispos, e Beneficios dem ajuda, e pençaõ para a guerra de Africa. Que os Christãos Novos mercadores do Reyno sustentem duas galés, e os mais da marçanaria ajudem para huma. Que sendo caso que senaõ faça despeza na Torre de S. Giaõ, o que se nella gasta seja para as galés. Que o Capitaõ môr, que for das galés, as naõ proveja senaõ outro por mandado de Vossa Alteza, porque saõ mal providas de tudo, por lhes ficar em casa o que para isso lhe daõ. Que haja por

bem

bem tomar informaçaõ de como os Capitães das galés o fazem, e saberſeha no Algarve. Que mande que as caravellas, e navios tragaõ chapas de ferro, e lugares aparelhados para lhe porem artelharia quando for neceſſario. Que nenhum Mouriſco viva na coſta do Algarve, por naõ darem aviſos, como ſe preſume. Que os filhos dos que ſervem de Juizes, e Vereadores que ſervirem nas galés dous annos, Voſſa Alteza os filhe, e haja por ſeus. Que mande pór em Tangere mil lanças de cavallo, e com ellas peſſoa de Eſtado, e muita calidade. Que mande que ſe exercitem nas armas para quando for neceſſario, e que duas legoas do mar todos tenhaõ eſpingardas, lanças, e bèſtas. Que os Duques, e Senhores ajudem para a guerra de Africa, conforme a ſeus eſtados, e rendas. Que em todo genero de peſcado haja Almotaçaria. Que nas Alfandegas do mar, ſenaõ levem direitos de preſuntos, gallinhas, e outras couſas deſta qualidade. Que ascoimas dos poderoſos ſe arrecadem para as Cameras. Que aos Fidalgos ſe naõ tomem caſas, nem camas. Que receitem os Medicos em lingoagem. Que nenhum Corregedor, nem Juſtiça, tome carneiros, e gallinhas, nem outros mantimentos. Que encomendem aos Prelados que caſtiguem aos ſeus culpados nas devaças em peſcar, e caçar. Que tire o eſcrever dos gados, e o que o tiver ſabido ſe poſſa tomar delle conta de dous em dous annos. Que naõ haja cartas de viſinhança. Que nos Biſpados haja quem ajude para penitentes, e convertidas. Que tire as Cizas, e naõ querendo proteſtaõ de naõ cahir em poſſe, e querendo-as; aos lugares, que as aceitarem ſeja pelo que eſtavaõ ha dez annos; e arrendandoas, naõ ponha novas condiçoens, de que reſultaõ grandes damnos, e que os recebedores ſejaõ perpetuos. Que mande aos Contadores que façaõ conta das ordinarias, e as avenças ſejaõ a dinheiro ſómente, e que nenhum Cizeiro poſſa deixar na alma da parte por ſe evitarem perjuros. Que arrendando as Cizas naõ haja mais rendeiros no ramo, que dous, e ſe for de quinhentos viſinhos para baixo hum ſó. Que as partes que forem citadas ſeja para Audiencia certa. Que naõ ſe querendo concertar com os carniceiros que os Vereadores lha poſſaõ taixar, e ſenaõ que elles Cizeiros cortem a carne. Que naõ ſejaõ obrigados os mercadores a fazer ſaber as mercadorias das entradas. Que ſendo Officiaes de Senhores, e dos direitos Reaes, naõ poſſaõ ſer do Conſelho. Que naõ poſſaõ uſar de privilegios de Cizeiro, naõ correndo a renda. Que havendo Juizes das Cizas façaõ Audiencias nas caſas pubricas. Que haja por ſeu ſerviço, que das couſas meudas de

comer ſenaõ pague Ciza. Que revogue as Proviſoens paſſadas, para que quem naõ vier à Tabula pague o dobro. Que das demandas que naõ vencerem os Cizeiros paguem as cuſtas, e haja por bem já que leva a Ciza contra razaõ, e vontade dos Povos, naõ haja dobro nellas. Que ſe naõ guarde o das tecedeiras, que tirar a tea do tear, e ſe eſcrever. Que ſe naõ pague Ciza de egoas infantis, aſſim como ſenaõ paga dos cavallos. Que os que paſſarem a paſtar com ſeus gados, o naõ façaõ a ſaber de hum termo a outro. Que ſe eſcuſe os Provedores. Que os rendeiros do verde o naõ poſſaõ tornar a ſer ſenaõ paſſando tres annos. Que a mulher que naõ paſſar de quarenta annos, naõ viva em caſa por ſi. Que os eſpingardeiros, e béſteiros pois naõ ſervem, que os tirem, ou deixem ſó os que ſenaõ podem eſcuſar. Que mande aos Corregedores das Comarcas, que achando Official que faz má letra, que ſe naõ lea bem, que o faça aprender, ou venda o officio. Que os Eſcudeiros ſendo continuos em armas, e cavallos, gozem privilegios de Cavalleiros. Que naõ venhaõ Siganos ao Reyno. Que os officios das dadivas das Cameras ſe tornem a ellas. Que mandem ao Braſil gente ocioſa para o povoarem. Que haja de Sua Santidade, que todos os prazos ſe façaõ fateozim, e paguem para a guerra de Africa de doze reis hum. Que mande pôr preço certo aos paſtos. Que nenhuma peſſoa que for a feira poſſa vender junto. Que mande que nas terras maninhas, ou eſteriles ſe ſemeem pinhoens. Que neſtas Cortes mande que os lugares comarcãos paguem para as deſpezas dos que vem a ellas. Que mande imprimir as Chronicas dos Reys paſſados. Que mande que aos lavradores naõ comprem a novidade antes de a recolherem. Que lembre de pagar aos criados de ſeu avo. Que em todo o Reyno ſeja a medida de razoura. Que a farinha ſe calque huma vez, e os farellos duas. Que naõ paſſe licença para comprarem paõ para vender. Mande q̃ haja egoas, e cavallos caſtiços. Que o preço do paõ ſeja conforme a medida. Que os Alcaides móres, que naõ reſidirem em ſuas Fortalezas, que tenhaõ nellas Procuradores, e Feitores, parà requererem em ſeu nome. Que os Officiaes dos direitos Reaes naõ entrem nos officios da Camera. Que o cofre dos orfãos naõ eſteja mais de hum anno na maõ do depoſitario. Que os marchantes, que tem privilegio para paſtar naõ paſtem, ſenaõ onde podem paſtar os viſinhos. Que os Mampoſteiros ſejaõ poſtos pelas Cameras. Que ſe façaõ minutas para ſe fazerem as eſcrituras. Que onde houver rendas do Conſelho ſe façaõ celleiros de paõ para os tempos de neceſſidade. Que mandem aprender Medicina

dicina moços Christãos Velhos. Que os moleiros tomem por pezo, e assim tornem a entregar. Que tenha grande pena quem for testemunha de casamento Clandestino, naõ sendo o pay contente. Que se faça Ley que nenhum Castelhano seja Pastor neste Reyno. Que o Procurador do Conselho naõ seja constrangido a servir outro officio mais baixo. Que a pessoa que tiver cincoenta mil reis tenha egoa, e naõ de trinta, como era. Que se enxertem os azambujeiros. Que se faça Ley, que naõ levem prata para a India, nem para outras partes, e para serviço de cada hum se taixe. Que se faça taixa de paõ no que está agora. Que se faça cada anno taixa nos officiaes mecanicos, com grandes penas. Que à taixa das carnes esteja como está agora. Que naõ devassem sobre as Alfandegas. Que as pessoas a quem derem officio, o naõ vendaõ dentro em tres annos. Que o estanho seja todo hum, e marcado. Que quebre os coutos para escusar muitas cousas. Que no Algarve possaõ trazer seda, e gozar das liberdades, que gozaõ em Africa. Que o rendeiro de paõ, e azeite, ou que o tiver para vender naõ possa ser Vereador. Que o Escrivaõ da Camera perpetuo naõ tenha gado. Que devassem sobre os officiaes se daõ à execuçaõ à Ley da seda. Que saiba como os Vedores da Fazenda servem, e achando que o naõ fazem como devem, tire os culpados, e fiquem dous sómente, que bastaõ. Que as cousas de Africa, e despachos della tire, e passe aos do Conselho. Que naõ haja calças Imperiaes.

CAPITULO CIV.

De como o Cardeal Infante governou o Reyno.

ENtregue o Cardeal do governo do Reyno, se applicou com todo o cuidado aos negocios publicos, e particulares delle, e de suas Conquistas, e navegações das Armadas, com tanta promptidaõ em todos os negocios da Republica, e taõ continuo nos despachos, com hum animo sofredor de todos os trabalhos, que naõ perdendo ponto de acodir a todas as cousas necessarias do governo do Reyno, juntamente governava o Arcebispado de Evora, onde era Prelado, e attendia com muita diligencia à Justiça, e graças da Legacia, que a elle como Legado, eraõ encarregadas. Naõ faltava ao essencial da quietaçaõ destes Reynos, como Inquisidor mór, ajuntando a isso os negocios da Abbadia de Alcobaça, que tambem tinha, e com estes cargos occupado em extinguir do Espiritual ás cizanias do Judaismo, heregias, e maos costumes, com

grande zelo da Fé Catholica. A couſa em que mais ſe empregava com fervoroſo deſvelo era no provimento dos Religioſos, e Prègadores, que enviava às Indias Orientaes a ſemear a doutrina Euangelica, entre as barbaras naçoens dos Gentios, onde o Nome de Chriſto foſſe conhecido.

Neſtes exercicios continuava o Cardeal Regente, que nenhum outro cuidado tinha, nem recreaçaõ buſcava ſenaõ no ſerviço de Deos, que entendia naſcer de ſeu governo. Mas porque em tudo pudeſſe acertar, alèm de elle ſer hum retrato de todas as virtudes, conſultava com Deos as duvidas de arduos negocios; e para que com mais ajuda o pudeſſe obrigar, naõ chegava a ſi ſenaõ homens de que tinha muita confiança, e provada experiencia de virtudes; entre os quaes teve muita authoridade diante delle aquelle celebre Varaõ Fr. Luiz de Granada, da Ordem dos Prègadores, a quem era muito inclinado por ſua grande virtude, prudencia, e letras. Em particular era muito affecto aos Padres da Companhia de Jeſus, pelo incanſavel zelo da ſalvaçaõ das almas em que floreciaõ, com exemplo aſſaz digno de grandes louvores; mas poſto que geralmente a todos os deſta Religiaõ tiveſſe reſpeito, por em tudo ſe inclinar a ſeus conſelhos, era o primeiro nas veneraçoens o Padre Leaõ Henriques, a quem com mais particular devoçaõ ſe communicava, o qual era Fidalgo por geraçaõ, e muito pequenino de corpo, mas nas letras, e virtudes muito grande, adornado de huma pureza de eſpirito, a qual Deos quiz preſervar de toda a cizania de más inclinaçoens, que a natureza corrupta coſtuma brotar nos coraçoens humanos. E para que o Cardeal ſe applicaſſe melhor aos particulares do governo do Reyno, vagando pouco depois o Arcebiſpado de Lisboa, por morte do Arcebiſpo D. Fernando de Vaſconcellos de Menezes, o tomou para ſi, largando o de Evora, que proveo em D. Joaõ de Mello Biſpo do Algarve, por lhe ficar tudo na Corte, e poder mais facilmente acudir a todas ſuas obrigações, como fazia com muita pontualidade.

CAPITULO CV.

Da inſtituiçaõ do Conſelho de Eſtado, e dos aviſos que Lourenço Pires de Tavora deu ao Cardeal no principio do governo.

TAnto que o Cardeal Infante D. Henrique tomou poſſe do governo do Reyno, que lhe foy dado pelos tres Eſtados delle juntos em Cortes, pela renuncia que delle fez a Rainha, como fica dito, inſtituhio logo o Conſelho

ſelho, que dalli em diante ſe chamou de Eſtado, e dizem que o primeiro dos Miniſtros, que eſcolheo para elle, fora Lourenço Pires de Tavora, pela ſua grande prudencia, e dom de conſelho, que parece havia nelle, de que o Cardeal ſe quiz aproveitar, pela experiencia, que diſſo tinha, e ainda affirmaõ alguns, que o dito Lourenço Pires foy o que introduzio o tal Conſelho. Com zelo, e liberdade parece que começou a exercitar a occupaçaõ; porque deu logo neſte tempo hum papel ao Cardeal, a quem era muito obrigado, e havido por parcial ſeu na competencia, que havia entre elle, e a Rainha; e por eſta razaõ menos bem viſto della, o qual continha advertencias, e aviſos para o bom regimento do Reyno, e dizia aſſim.

Sendo Voſſa Alteza Governador, e novo no governo, limitado por poucos annos, he neceſſaria muita induſtria para ſer acatado, e temido, e para as Leys ſerem guardadas; pelo qual deve em tudo proceder com muito rigor, e antes parecendo cruel, que piedoſo; porque a piedade neſte ſeu eſtado he muito damnoſa à ſua reputaçaõ, e ao ſerviço del Rey, e uſando de rigor com conſideraçaõ, e boa informaçaõ, naõ cahirá em muitos inconvenientes, que já tem experimentado por ſua miſericordia, e brandura.

Poſto que Voſſa Alteza naõ ſe póde fazer amar de todos, naõ ſendo o tempo para os contentar com merces, deveſe acoſtar à parte de naõ ſer odiado, e iſto ſe alcança guardando juſtiça, e naõ tomando o alheyo, nem fazendo Leys prejudiciaes aos pequenos.

Naõ deve Voſſa Alteza por nenhum modo deſenganar os Grandes do Reyno, e Fidalgos grados de lhes naõ poder fazer merces no tempo do ſeu governo; porque deſeſperando-os, dará cauſa a grandes deſgoſtos, e a ſer mal ſervido; e por tanto entreter os requerimentos he mais ſeguro.

Naõ ſe offuſque, nem confunda Voſſa Alteza, vendo que em todas ſuas propoſiçoens lhe offerecem inconvenientes, e duvidas para o effeito; e tenha por certo, que em toda a deliberaçaõ ha inconvenientes em contrario; mas conſiderados huns, e outros, eſcolha por bom o que for menos mao; porque de outra maneira naõ ſe poderá reſolver em couſa alguma; e a noſſo Eſtado cumpre mudar a ordem, ou fórma deſviada do que ao preſente ſe pratica.

Conſidere Voſſa Alteza, que nem todos os do Reyno foraõ de acordo no contentamento de ſe lhe dar o governo, e que os que o ſerviraõ niſſo, e folgaõ de Voſſa Alteza governar, foy por cauſa do deſcontentamento do governo paſſado, cuidando que Voſſa Alteza emendaria as deſordens, e daria outra fórma no procedimento dos negocios; e naõ vendo elles agora o que eſperavaõ,

ravaõ, naõ podem deixar de ſer muito deſcontentes, e por ventura arrependidos, e juntos aſſim com os mais, que refutaraõ o novo governo, ſe póde entender eſtar todo o Reyno, e todo o Eſtado deſcontente. E por tanto com animo deliberado ſe deve Voſſa Alteza diſpor à execuçaõ das couſas, como por muitas lembranças lhe eſtá apontado, e de outra maneira deixa muito trabalho a ElRey noſſo Senhor, e Voſſa Alteza perde muita da opiniaõ, e credito, com que eſtava recebido ante todos.

Todas as cartas, que receber dos Embaixadores, ou de Capitães de Africa, ou do Governador da India, e Capitães de Fortalezas, deve mandar ler em Conſelho, para que os que alli eſtaõ ſejaõ inſtructos em todas as materias, que correm no mundo, e conſórme à boa intelligencia, que tiverem, ſaberem melhor votar, e deſſa maneira com mais conſideraçaõ ſe poderá prover em todos os negocios.

Eſcuſaria o immenſo trabalho, que agora tem occupandoſe em todas as meudezas dos negocios, com repartir delles com os do ſeu Conſelho, mandando ajuntar alguns, ou todos em huma caſa no Paço, deputandolhes dias, e horas para ſe ajuntarem, e verem todas as couſas, que tocaõ a Eſtado, e Guerra, que vem de fóra, para eſcolherem os negocios a que ſe deve acudir, e conſultarem o como, e o que ſe ha de reſponder, e prover, e ſobre iſſo tomarem as informaçoens, e darem depois conta a Voſſa Alteza em ſoma para a execuçaõ.

Deve Voſſa Alteza guardarſe dos Miniſtros, e Conſelheiros, que attenderem muito ao proveito, intereſſe, e authoridade propria; porque os deſta natureza naõ ſe deſvelaõ no que toca a ſeu ſerviço, nem ao delRey; mas nas mais das ſuas operaçoens, ſeraõ prejudiciaes à Fazenda, reputaçaõ, e credito de Voſſa Alteza, e dos que o ſervirem ſem particulares reſpeitos, deve Voſſa Alteza ter cuidado de os honrar, e gratificar.

He tanto neceſſaria a conſtancia no Principe, que governa, que ſendo variavel em ſuas deliberaçoens, cahirá em grande deſcredito, e perderá toda a reputaçaõ, e dará ouſadia aos que andarem derredor delle de tentarem muitas vezes fazello mudar, conſórme ao reſpeito, e intereſſe de cada hum. Por tanto devia Voſſa Alteza propor no ſeu Conſelho todos os negocios ordinarios, que houver de fazer tocantes ao governo de toda a Cidade, e aſſim quaeſquer accidentes, que ſobrevierem, e praticando-as naquella congregaçaõ, ouvindo os pareceres, e mandando tomar mais informaçõe, ſe forem neceſſarias, e deſcutidas as materias, poderá eleger a parte, que julgar por melhor, e depois de determinada conſigo ſó, dalla à execuçaõ, ſem ſobre iſſo mais ouvir ninguem, nem receber outros inconvenientes, ſenaõ foſſem

alguns

alguns, que sobrevieſſem de novo, e em que todos viſſem ſer mudança neceſſaria, pela novidade, e naõ pela inconſtancia; e ſe depois diſto alguem quizeſſe confutar o que deſta maneira ſe aſſentaſſe, Voſſa Alteza o naõ devia de ouvir, mas antes dar moſtras de lhe deſprazer aquella ouſadia. He eſta fórma taõ importante em toda a deliberaçaõ, que ſem duvida ouſo a dizer, que quem o naõ ſeguir, naõ taõ ſòmente naõ ſerá temido, nem acatado dos ſeus ſubditos, mas ainda ſerá pouco eſtimado de ſeus viſinhos, e daqui naſcerá tambem naõ poder nunca o tal Principe ſer ledo, nem contente, nem terá ſaude; pois a natureza naõ ſofre os deſaſocegos das mudanças do animo.

Começa Voſſa Alteza a cahir em ſuſpeita, e ſer notado de fazer tudo com Foaõ; farſeha por eſſa maneira odioſo, e terá a mais da gente em continuo eſcandalo pelos inconvenientes, que da eſtreita converſaçaõ arreceaõ: deve eſcuſar em tudo, o que o ſofrer, os ſolilloquios, e ſe elle ha que eſte pòde ſer prejudicial com tanto credito, e reputaçaõ, como lhe dá, e com claramente dar a entender, que ſe naõ póde viver ſem elle, guardeſe naõ ſeja tudo o que agora faz para ſeu deſgoſto no provir: veja, e conſidere bem ſe ſeria de muito ſerviço de Deos, e delRey reſtaurar o officio de Eſcrivaõ da Puridade, ou dar outra alguma ordem, com que eſte homem tiveſſe igual.

Parece que naõ guarda a authoridade, e reputaçaõ, que devia procurar ao ſeu Conſelho, determinando, diſpondo, ou publicando alguma couſa, das que naõ ſaõ commuas, e correntes, ſem primeiro conſultar com o dito Conſelho, e deve ſabellas primeiro deVoſſa Alteza, que das Regateiras.

Parece que naõ deve recear mudar a fórma às couſas, em que notavelmente ha certeza da md ordem, e por eſta razaõ nas de Juſtiça ſe ſe ella naõ guarda; e por conſequencia nas da Fazenda, e deve conſiderar, que deixando as couſas como agora eſtaõ, naõ ſe deſculpa do erro, que nellas atèqui houve; mas parecerá que elle as ordenou aſſim, inda que outrem governaſſe; e para excluir os que lhe contradizem a mudança, naõ deve propor, que a quer fazer em geral; mas comece por partes, perguntando particularmente o que ſe deve fazer em cada huma, e vendoſe os erros, naõ poderaõ negar ſer neceſſario o remedio, pois he de muito mais importancia, que os inconvenientes, que para iſſo ſe podem apontar.

Queixandoſe da Juſtiça doReyno em geral, deve mandar tirar inquiriçoens dos que a governaõ, e caſtigar os culpados, e ordenar como os Corregedores ſejão triennaes; e aſſim os Juizes, e ver ſe ſeria bom ſeguir niſſo o aſſentò, que ſe tomou nas Cortes para o pedirem a Sua Alteza.

He

He obrigado por bom governo, e por consciencia prover na devacidaõ, que ha nos jogos de toda a sorte. Da criaçaõ delRey deve tratar em Conselho para entender que pessoas lhe poraõ, e em que cargos. Deve advertir o que depois de deixado o governo pòde succeder, e a facilidade, que ha para poderem nascer desgostos entre elle, e Vossa Alteza. Deve assentar em suas lembranças o estado, em que tomou o governo. As dividas, que havia. As tenças, que eraõ dadas por comendas. O contrato da India, e mao exito delle. O modo na Justiça. A fòrma na Fazenda. O apercebimento nos Almazens. O estado dos Lugares de Africa. Os navios, q̃ havia no Reyno para Armadas. O estado da India. Deve assentar em outra folha tudo o que em cada huma destas partidas remediar no tempo de sua governança. Deve querer entender o que rende a India. O que gasta, e despende em Armadas, e Officiaes. O que importa a carga, e o que fica liquido para ElRey. Deve ter a folha do rendimento do Reyno. Deve mandar tirar ao Feitor da Casa da India o registo de todos os officios, que se provem na India, e de quantos, e de quaes pessoas saõ providos. Deve ter em seu Escritorio hum rol de todos, os q̃ pedem comendas por serviço em Africa, com as ancianidades, e meritos em soma de cada hum: e assim outro rol dos que as pedem por tenças, que tenhaõ com essa condiçaõ, com a soma da tença, que cada hum tiver: e assim outro rol dos que pedem merces por Embaixadas, e idas fóra, e desta maneira poderà muy facilmente, vagando qualquer comenda, provella comsigo sò, vendo pelos ditos roes a valia das comendas, e o merito das pessoas, e ou tirando tenças, ou pagando serviços de fòra do Reyno, ou dandoas aos que as serviraõ em Africa poderà fazer o despacho sem trabalho.

Deve melhorar em comendas, que vagarem alguns homens de merecimentos se ellas forem grandes, e as que elles deixarem dar a outros, e assim provendo de humas em outras poderà fazer o despacho mayor, e contentar mais requerentes.

Naõ se deve desanimar Vossa Alteza para procurar o remedio aos trabalhos deste Reyno ver as difficuldades, que nisso se lhe offerecem; graõ gloria, e fama serà a sua achando modo, e restauraçaõ de tanta perdiçaõ. As impossiblidades, para isso saõ mais imaginarias, que verdadeiras, ponha ante seus olhos muitos Principes, e Varoens illustres, que limitados Reynos, e Republicas levantaraõ a grandes Imperios, e livraraõ Povos de duros cativeiros; nas taes operaçoens se mostra a virtude, o valor, e o espirito: naõ eraõ estes mais que homens, e alguns naõ eraõ Christãos. Repartio Deos com Vossa Alteza muitas das suas merces, communicoulhe muitas virtudes; naõ quer elle sem nòs as mais das vezes fa-

zer

zer tudo por nos naõ tirar o livre arbitrio, e parte da honra, que nos pòde caber; quer que trabalhemos, que nos desvelemos, e que se aproveite Vossa Alteza do grande juizo, e bom entendimento, que lhe deu: quanto mais difficultoso parece o negocio, tanto mais honroso será qualquer remedio, que se lhe der, reformaçaõ he necessaria em tudo, novas Leys, novas ordenanças, ninguem as pòde instituir melhor, que o novo Governador, e sendo ellas justas, e proveitosas, quem as refuzará, recebellasha todo o Reyno com animo contente, pois serão para seu bem; naõ devem ser ouvidos os particularmente intereçados, nem se pòde fazer mayor serviço a ElRey nosso Senhor, será muy grande o que se fizer a Deos. A disposiçaõ para o effeito he grande, e sendo assim naõ póde haver grande difficuldade. Farseha Vossa Alteza dessa maneira no Ceo immortal por gloria; na terra por fama, e para tal fim, qualserà o animo, que senaõ esforce, e qual será o inconveniente, que enfraqueça, e estorve a determinaçaõ, que nisso se deve tomar.

Se a despeza ordinaria, que se faz na Fortificaçaõ de Saõ Giaõ se ha de converter a outra parte, entenda Vossa Alteza, que levantandose agora a maõ daquella obra, naõ se tornarà mais a ella, e fica perdida a que esta feita, e sendo aquella Fortaleza de muita importancia para a defenfaõ do porto, e de authoridade desta Cidade, naõ devia de todo deixar o que esta feito, mas proceder nisso como poder, ainda que com menos gasto, ou ao menos a devia de cerrar com faxina, e terra, que ao menos poderá durar sete, ou oito annos, atè vir melhor commodidade; e no tal reducto poderà seguramente estar a artelharia, e quem aguarde para o effeito, que se pertende, em quanto naõ ha receyo de groço exercito, que desembarque em outra parte.

Deve determinar o que se ha de fazer no negocio da Mina, se será serviço delRey mudar a fórma costumada atèqui, e occupar desde Axem atè Caraõ todos os portos, onde se pòde resgatar ouro; dizem haver nesta costa pimenta, e poderse fazer nesta Mina cada hum anno quinhentos quintaes.

Deixar de cobrir Tumbocutu, e favorecer quem quizer tomar essa empreza.

Deve pôr em Conselho o que se farà de Mazagaõ, e deliberarse em o suster, ou soltar antes que venha o Inverno, para em qualquer das partes, em que se resolver, poder ter tempo para se prover; e em cada huma dellas (havendo em ambas mutos inconvenientes de disputa) assentar por commum consentimento, naõ tomando sobre si sò a eleiçaõ de suster, ou deixar pelo perigo dos acontecimentos, que em cada hum ha de haver.

Alargar a taxa do trigo, para

poder vir muito de todas as partes.

Mandar tirar devaça dos culpados no terreiro, por pessoas que naõ sejaõ Officiaes da Cidade, nem menos das Justiças dos Corregedores; mas pessoas particulares criadas para isso.

Arrendar a Alfandega, ou naõ tomar depositos; naõ trazem nada a ella Mercadores grossos pelas avexaçoens.

Tomar conta ao Thesoureiro da Alfandega de tres, em tres mezes; porque esse he o tempo, a que elles recebem, e pedem duas vezes o dinheiro. Se tudo isto observar governará com acerto; e agradará a Deos; servirá bem a ElRey, e satisfará geralmente aos Povos deste Reyno.

Muitos destes conselhos, como taõ laudaveis, tomou, e executou o Cardeal Regente, como se vè da conta, que deu a ElRey, quando lhe entregou o governo do Reyno, referida no capitulo primeiro da Segunda Parte.

CAPITULO CVI.

Dos grandes trabalhos, que a conteceraõ na Ilha de S. Miguel, e de hum deluvio de fogo, e agua, q̃ nella houve.

A Ilha de Saõ Miguel estende-se da parte do Nascente ao Poente: tem desoito legoas de comprimento, e tres de largo de mar á mar, e para a parte do Nascente tem oito legoas de comprido, que principiaõ da parte do Norte da Villa da Ribeira Grande atè a Villa do Nordeste, que he o fim da Ilha, e da parte do Sul de Villa Franca atè a dita Villa do Nordeste correm as mesmas oito legoas, e neste espaço ha grãdes serras, e cabeços muito altos cobertos de grandes matos, e arvores sylvestres, onde se criaõ muitos gados, e nas margens destes montes ha planicies, e terras de paõ, e nove Povoaçoens de Freguesias: e desde que se descobrio a dita Ilha atègora sempre nestas serras houve fogos em muitas partes dellas, que prendem em Minas de enxofre, principalmente humas grandes furnas, que estaõ no meyo da serra, junto das quaes nasce huma grande ribeira de agua quente, que em parte se naõ póde sofrer, e serà da hi ao mar cousa de legoa e meya. E por sima da Villa da Ribeira Grande estaõ humas caldeiras de agua fervendo, e lançaõ de si muito enxofre, e fumo, e tambem està hum cabeço, qne se chama o *Pico que arde* que continuamente lança de si fumo, e da mesma sorte o faz a serra por muitas partes, que sahe de lameiroens de agua, donde bem se colhe haver fogo debaixo delles, e de toda esta serra, que arde sempre, e todos os annos treme duas, tres, e quatro vezes, e dura oito, nove dias o tremor, e entre dia, e noite quatro, e cinco vezes.

No

1563 No anno de 1563. huma quinta feira dia de Saõ Joaõ Bautiſta começou a tremer eſta Ilha atè veſpora de Saõ Pedro, e foy o tremor taõ grande, e continuado, que toda a gente della andava atemorizada, e fogia para os campos, aonde dormia com temor da ruina dos edificios, gaſtando a mayor parte do dia, e da noite em Prociſſoens com muitas penitencias, e da meſma ſórte os meninos faziaõ ſuas deprecaçoens a Deos para que aplacaſſe a ſua ira, e uſaſſe com elles da ſua Divina miſericordia, temendo ſerem todos alli mortos, e ſumergidos debaixo da terra com os grandes tremores della, com os quaes cahiraõ a mayor parte das Villas da Ribeira Grande, Alagoa, e Agua de paõ, e outros Lugares da Ilha.

A cauſa deſte tremor foy que eſtava hum Pico, ou Cabeço muito grande, e alto, que ſe chama o *Pico da Lagoinha*; tomando eſte nome de huma pequena lagoa que tem no cume, e na margem eſtà outra lagoa taõ grande que occupa terra que levarà quatro moyos de trigo de ſemeadura, e eſte Pico eſtà entre Villa Franca, e a Villa da Ribeira Grande, que eſtaõ ambas Norte, e Sul a ſaber: Villa Franca ao Sul, e a Ribeira Grande ao Norte. Tinha mais eſte Pico da parte do Sul huma ribeira, que corria por Villa Franca, na qual ribeira tinha o Capitaõ Manoel da Camera moendas, que lhe rendiaõ mil cruzados, e defronte deſta ribeira naſcia outra para a parte do Norte, que corria pelo meyo da Villa da Ribeira Grande, na qual o dito Capitaõ tinha moendas, que lhe rendiaõ dous mil cruzados, as quaes moendas ſe perderaõ, como a diante direy. Tinha mais eſte Pico da parte do Naſcente huns lameiros pequenos, os quaes continuamente lançavaõ fumo, e ſe achava nelles enxofre. E na fralda delle tinha mais em roda legoa, e meya, ſegundo o parecer de todos, por onde eſtava eſte lameiro, que lançava o fumo, arrebentou o fogo de tal fórma no centro deſte Pico, que ſe preſume que deſte lameiro ſe aſcendeo; porque em todas as Ilhas, onde ha eſtes fogos todos eſtaõ em lameiros de agua, e com a grande violencia do fogo fazia tremer a terra, pelo fogo naõ poder ſahir debaixo do Pico, de que ſe pòde tomar exemplo de hum Caſtello minado, a que ſe poem o fogo.

Tremendo aſſim a terra do dia de Saõ Joaõ por diante, como acima diſſe; à ſegunda feira veſpora de Saõ Pedro huma hora antes do Sol poſto, havendo grandes tremores em toda a Ilha, mayores, e mais a meudo, que dantes, eſtando todo o Povo fóra das Povoaçoens nos campos com grandes temores, e receyos, foy viſto no ar ſobre toda a Ilha tudo coberto de fogo em grandes nuvens muito

negras, que deſpediaõ grandes faiſcas de fogo, que deſcia ſobre a Cidade, Villas, e Lugares da Ilha, iſto com grandes trovoadas, gemidos, eſtrondos, e grandes terramotos; o que tudo ſahia do dito Pico da Lagoinha, que arrebentava com a força do fogo; e foy eſte fogo taõ alto, e eſtes eſtrondos taõ grandes, que na propria hora foy viſto na Ilha Terceira, que eſtà trinta legoas ao Poente deſta Ilha, e aſſim foy viſto nas Ilhas de Saõ Jorge, do Pico, Gracioſa, e do Fayal, que ſaõ ſeſſenta legoas da dita Ilha de Saõ Miguel, e tiveraõ eſte fogo, e trovoens taõ preſentes, que lhes parecia ſer nas ſuas proprias Ilhas; e todo o Povo deſtas Ilhas oito dias naõ entraraõ nas caſas, e gaſtavaõ o tempo de dia, e de noite em Prociſſoens, pedindo a Deos os livraſſe do aſſombramento daquelle fogo, e temor, com que ſe viaõ ameaçados.

Eſtando aſſim atemorizados com o fogo ſobre as ditas Povoaçoens, e com taõ grande trabalho, huma hora depois de anoitecer, foy Deos ſervido por ſua grande miſericordia ſe levantaſſe hum vento Sul do mar, que lançou eſtas nuvens de fogo para a parte do Naſcente, aonde eſtaõ as ſerras altas, que acima diſſe, que ſaõ oito legoas de comprido, e tres de largo de mar a mar, e deſtas nuvens começou a chover pedra pomes, que he huma pedra, que o fogo coze, e fica muito alva, que parece pedra ume cozida, he muito leve, a qual cahio, e choveo ſobre nove Freguеſias, que eſtaõ dentro neſtas oito legoas do longo do mar, a ſaber da parte do Norte: *Porto Fermoſa*, *a Maya*, *os Reys Magos*, *a Achada*, *Achadinha*, *Saõ Pedro*, *Avila do Nordeſte*. E da banda do Sul as terras de *Villa Franca*, *a Povoaçaõ Velha*, *o Fayal*; e chovia eſta pedra cahindo muito baſta, e muito pò, que parecia farinha, que ſe peneirava, e taõ baſto, que encobria tudo, e as pedras eraõ muitas do tamanho de bolas de jogar, e da hi para baixo, e muitas pedras ſe acharaõ do tamanho de cantos de caſas, e durou eſta terrivel chuva atè o Sabbado ſeguinte depois do dia de Saõ Pedro, fazendo tamanha eſcuridaõ, que ſempre era noite, e taõ eſcura que na rua naõ viaõ os homens as mãos, e durava huma hora de relogio, e fazendo algũa claridade depois da hora do eſcuro, naõ aturava mais, que hum quarto de hora, e eſta claridade era, e parecia luar quanto ſe podiaõ ver huns aos outros. Neſte tempo continuamente relampejava com grandes fuzilamentos de fachas de fogo, e havia grandes gemidos da terra, que punhaõ grande eſpanto. Na Cidade, e na Villa da Ribeira Grande, e Villa Franca naõ chovia eſta pedra ſenaõ alguma cinza, porèm padeciaõ grandes tremores da terra,

que

que duraraõ todo este tempo.

Nestes dias os Povos destas Freguesias, onde chovia esta terra, e pedra, se acolhiaõ às Igrejas, chorando, e gritando pela misericordia Divina, esmorecendo, e desmayando muitas mulheres, e gente moça, e ainda algũs homens, trespassados do grande temor, e ancia da morte. A grita dos meninos era cousa lastimosa, sem as afflictas mãys lhe poderem valer, e assim com esta confusaõ naõ podiaõ os Parocos fazer o seu officio, nem Procissoens; nem consolallos, e animallos em taõ grande trabalho com alguma Pratica espiritual; naõ cessando em confessar, e darlhe os Santos Sacramentos, como quem via claramente a morte diante dos olhos cada hora, e cada instante, de noite, e de dia, e diziaõ Missa à meya noite para administrar os Santos Sacramentos, e houve Vigario, que disse Missa às Ave Marias, para fazer Sacramento, e administrallo aos penitentes. Em vinte e quatro horas confessou hum Cura, que se achava só, duzentas pessoas, e entre tanto mandou algumas vezes pôr todos de joelhos para lhe fazer a absolviçaõ geral, pelo grande temor, e risco da morte em que se viaõ.

Estando assim com este grande trabalho desde a vespora de Saõ Pedro atè o Sabbado seguinte 3. de Julho pela menhãa, que se poderaõ acolher, padecia a gente muita fome, e sede por naõ haver aguas, que todas estavaõ cobertas de cinza, e por naõ haver mulher, que podesse, nem tivesse, com que amassar, e cozer paõ, estando tambem as casas arruinadas, e alagadas de pedra, e cinza. No breve tempo que a escuridaõ permittia alguma claridade corriaõ alguns homens às rochas a buscar agua nas fontes, e là os tomava o escuro, naõ tendo outro remedio, mais que deitarem se no chaõ, atè tornar algum claro, levantando-se cobertos de cinza, e assim achavaõ a agua, e a que levavaõ, era coada, para se poder beber, e a repartiaõ com muita regra, e naõ comiaõ, pelo naõ haver, e se alguma cousa de comer se achava o temor da morte lhe impedia a vontade de o comer.

Neste tempo os gados que andavaõ no campo, e nas serras, assim grosso, como meudo, vendo que as pedras lhe davaõ, e que tudo era escuro, e que naõ achavaõ que comer, nem que beber, por estar tudo coberto de pedra, e cinza; acodio todo à grita das gentes, e se metia nas Igrejas, e davaõ gemidos, e balados, olhando para a gente, como que pediaõ remedio para a sua grande necessidade; cousa certamente muito lastimosa, e digna de compaixaõ! As aves do ar pasmavaõ pelos campos, e vinhaõ como tontas meterse nas casas, e Igrejas consentindo que as tomassem.

Neste

Neſte tempo naõ ſabiaõ eſtas Freguesias o que ſe paſſava na Cidade Ponta Delgada, nem nas mais Villas por naõ poderem paſſar pelos caminhos, por eſtarem entupidos, e as ribeiras virem muito grandes, e com muito lodo, que levaraõ muitos gados ao mar, que hiaõ para beber, e eraõ arrebatados das furias de ſuas correntes. Foy tanta eſta pedra, e cinza que choveo nas terras ſobre os trigos, que eſtavaõ ſemeados, que ficou altura de ſete, ou oito palmos, e nas ſerras choveo mais; porque todas as ribeiras grandes de altura de huma lança de vinte e cinco palmos, e mais, ficaraõ razas, e os matos encravados, ou enterrados, que naõ appareceo pâo, nem arvore alguma.

CAPITULO CVII.

Em que ſe proſegue a meſma materia dos trabalhos da Ilha de Saõ Miguel.

NO Sabbado ſeguinte deu mais lugar a pedra, e ſe vio o Sol, e começou a gente a caminhar para a Cidade, que eſtà ſita ao Poente, levando diante de ſi o gado para lhe fazer os caminhos, e pizar a cinza, e pò que corria, e tambem para mantimento da gente, entendendo, que toda a Ilha aſſim eſtava, e faziaõ conta de ſe hirem aſſim ſuſtentando com elles até virem navios, em que ſe ſalvaſſem, e foſſem viver em outras terras. Hindo aſſim o povo de ſeis Freguesias, que as outras naõ podiaõ vir por eſtarem mais na ponta da Ilha: tendo andado ja duas legoas, ſe levantou por diante hum grande borborinho, ou força de vento, que moveo o pò, e fez eſcurecer o ar, de ſorte que cuidavaõ todos acabar alli a vida enterrados, e pegados huns nos outros andaraõ huma legoa fóra do pó onde paſſaraõ huma ribeira, a qual à ſua chegada por chover muito na ſerra, vinha taõ grande fóra da mãy, que era eſpanto; a qual ribeira vinha chea de lodo, e muitas pedras; e porque o gado apertado da grande ſede, acodio a beber foy muita parte delle arrebatado da corrente, levado ao mar, e a gente eſcapou, e eſperaraõ que paſſaſſe o mayor impeto da chea, e entaõ paſſaraõ, e andaraõ outra legoa com muito trabalho dos meninos, que hiaõ à pè de tres, e quatro annos, que ſegundo o trabalho, que levavaõ, e podello tolerar, bem he de crer que os Anjos compadecidos de ſua innocencia, os levavaõ pelas mãos.

Andando aſſim huma legoa chegaraõ à Villa da Ribeira Grãde, onde cuidavaõ que achaſſem algum remedio, e acharaõ a Villa toda arruinada, que cahio com o tremor da terra, e a ribeira, que pelo meyo della paſſava vinha taõ grande, que paſſava por cima das

pontas;

pontes; por cuja cauſa eſperaraõ que abaixaſſe a ribeira, e foraõ mais a diante outra legoa a hum Lugar q̃ ſe chama *Rabo de Peixe*, onde acharaõ toda a gente da dita Villa, e alli foraõ todos agaſalhados, e acharaõ agua de poços, e favas ſecas, ſe aproveitaraõ das carnes do gado, que levavaõ, que comiaõ ſem paõ, pelo naõ haver, nem quem moeſſe, nem fornos para cozer, que tudo eſtava no chaõ, e nos campos ſe accommodavaõ todos. A gente, que aſſim hia perſeguida deſtes trabalhos ſeriaõ duas mil peſſoas, e a da Villa da Ribeira Grande ſeriaõ outras tantas, e todos ſe acommodaraõ neſte Lugar.

Eſte Pico da Lagoinha, que aſſim arrebentou, e lançou eſta pedra, e cinza ſobre eſtas oito legoas de terra fez huma concavidade, que na boca em redondo tinha legoa e meya de circuito, e de altura, ou profundeza ao centro ſeria hum quarto de legoa, e là no profundo ficou ardendo hũ grande fogo no meyo, que occuparia ſemeadura de dous alqueires, o qual fogo lançava muitas pedras para o ar tamanhas como pipas, muito altas com taõ grandes eſtrondos, que ſe ouviaõ dahi a doze legoas, e tornavaõ a cahir no meſmo fogo; e iſto pela fraqueza, em que hia conſumindo o fogo, e altura da terra, por ſe hir pondo no centro da terra, e eſtar já muito fundo, e por hum lado deſte fogo lançava huma furna muito pò negro de groſſura de huma caſa, muito alto, e tornava a cahir na furna. A Lagoa grande, que acima diſſe, que eſtava ao pè deſte Pico, e as fontes das Ribeiras de Villa Franca, e Ribeira Grande todas ficaraõ ſumidas neſta concavidade, e as ribeiras ſecas.

Em os dous dias do mez de Julho do dito anno de 1563. dia de noſſa Senhora da Viſitaçaõ no meyo deſte trabalho, que fica referido aconteceo que entre a Villa da Ribeira Grande, e a Villa da Lagoa em huma encruzilhada de caminhos, que eſtà meya legoa da dita Villa Ribeira Grande, e huma legoa da dita Lagoa, arrebentou huma formidavel lingoa de fogo no caminho, que vay para à Cidade, o qual fogo começou a ſubir para hum Pico muito alto, que ſe chama o *Pico do C,apateiro*, o qual eſtà no principio deſtas ſerras de oito legoas, que acima ſe diſſe para a parte do Poente, e ſe aſſentou eſte fogo no cume do monte, ou Pico, e da hi começou a lançar de ſi muitas pedras ardendo, as quaes cahiraõ ao redor do Pico dous tiros de béſta. Iſto com grandes eſtouros, e bramidos do fogo, e com grande fumaça muito negra, e quando veyo ao Domingo ſeguinte, que eraõ quatro do dito mez, eſtava jà o Pico meyo gaſtado do fogo, e partido pelo meyo de alto abaixo, e

neſte

neſte meyo eſtava a mayor força do fogo o qual fazia taõ grandes eſtrondos, que na Ilha Terceira que eſtá diſtante vinte legoas, os ouviaõ; e quando veyo a terça feira, que foraõ cinco do dito mez arrebentaraõ rios de fogo, que corriaõ para o mar, que eſtá dahi meya legoa, e traziaõ eſtes rios muita pedra, que vinha ardendo, e fazendo muitos terramotos. O primeiro rio veyo por huma ribeira de agua abaixo, e levou hum Lugar, que ſe chamava *a Ribeira Seca*, que he arrebalde da Villa Ribeira Grande, levando as caſas ao mar com a ſua Igreja: a largura deſte rio ſeria de trinta braças. E o ſegundo rio começou á ſeſta feira, que foraõ nove do mez, e tomou outro caminho, correndo ao mar pela outra parte, e levou hũs caſaes ao mar, e aſſim ſahiraõ outros rios, que cauſàraõ muitos trabalhos aos Ilheos.

A pedra pomes, que corria pelas ribeiras a baixo neſtes Lugares, e Villas, que a terra cobrio, ſe ajuntou no mar, e fez Ilheos de huma legoa de comprido, e de terço de largo, pouco mais, ou menos. Eſtes Ilheos eraõ muitos, aſſim da banda do Sul, como da do Norte, e foy achada eſta pedra pomes ſeſſenta legoas ao mar para a parte do Naſcente, que he o caminho para eſte Reyno de Portugal, e andava taõ baſta por cima da agua do mar, que os navios faziaõ caminho por ella deſcobrindo a agua, que a pedra trazia coberta. Continuouſe eſte grande trabalho por todo o mez de Julho, e a vinte e oito delle houve outra grande ſerraçaõ, e tormenta que durou todo o dia ſobre toda a Ilha de muitos trovoens, e relampagos, muito medonhos, que puzeraõ grande temor, e applacandoſe, voltaraõ os Povos a reedificar ſuas caſas, e fazendas, em que receberaõ grande perda. Perdeo ElRey muito, e Manoel da Camera Capitaõ da dita Ilha, que todas ſuas moendas ficaraõ deſtruidas, e D. Gil Eanes, e Dona Catharina Ferreira, e o Corregedor Manoel Alvres, e outros Fidalgos, e moradores da terra, e foraõ perdas muito groſſas. Era neſte tempo Biſpo deſtas Ilhas D. Manoel de Almada.

CAPITULO CVIII.

Do Subſidio Eccleſiaſtico, que o Papa concedeo a ElRey, e para que effeito.

NO capitulo 27. deſta Chronica fica dito como Lourenço Pires de Tavora, eſtando em Roma por Embayxador deſte Reyno alcançou do Papa Pio IV. para ElRey D. Sebaſtiaõ hum ſubſidio, ou contribuiçaõ Eccleſiaſtica

ſiaſtica de duzentos, e cincoenta mil cruzados, por tempo de cinco annos a ſaber cincoenta mil em cada hum anno, para a juda deformar huma Armada de navios, e galés, para defenſa das Coſtas deſtes Reynos de Portugal, e Algarve, infeſtadas de piratas Mouros, e para guarda do Eſtreito do mar, e ſoccorro das noſſas Praças de Africa, que por ſe executar neſte tempo o reſervey de propoſito para eſte lugar, a qual Armada ſempre de antes a houve, com mais, ou menos navios, e entaõ allegava o dito Embaixador diante do Summo Pontifice, que ſe naõ podia aparelhar ſem a dita ajuda de cuſto. Fez eſta ſupplica ſem commiçaõ delRey para ella, tomando occaſiaõ do que entaõ ſe concedeo para o meſmo effeito a ElRey de Caſtella, e dando parte a ElRey do intento, elle (ou os que governavaõ por elle) eſtimou muito o alvitre, e lhe eſcreveo muitos agradecimentos, recõmendandolhe muito o pediſſe com grande empenho a Sua Santidade, naõ deſiſtindo do requerimento até naõ conſeguir apretençaõ. Fez Lourenço Pires a diligencia, e com exemplo freſco do outro concedido a Caſtella, e com o emprego continuo de noſſas Fronteiras, e bons ſucceſſos de noſſas competencias com os infieis, foy facil alcançar o que pedia, como fica tratado no dito capitulo.

Pedia Lourenço Pires em nome delRey quinhentos mil cruzados, que contribuiſſe o Eſtado Eccleſiaſtico, e Clero deſtes Reynos para o dito effeito, e o Papa conferindo aqualidade da petiçaõ com os Cardeaes, e as offertas, que lhe fazia de ſervir com eſta Armada a Sua Santidade, ſe della tiveſſe neceſſidade em alguma occaſiaõ dentro no termo apontado, e informado da verdade, lhe concedeo ſómente ametade, limitãdo agraça como he uſo da Curia que vem aſer os duzentos, e cincoenta mil cruzados, que por tempo de cinco annos houveſſe do Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal, dos quaes ſe apparelhaſſe huma Armada, que ſe chamaſſe Eccleſiaſtica. Mas eſtribado o Notario nas liberaes offertas, que em nome delRey fazia Lourenço Pires ao Papa, poz na Bulla taes clauſulas, e condiçoens, que mais era carga para o Reyno, e prejuizo delRey, que alivio, e ajuda; porque trazia as condiçoens ſeguintes.

Que eſta Armada ſeria mantida com eſte dinheiro, e alèm della que havia ElRey ter outra Armada a ſaber: a que entaõ tinha, paga à ſua cuſta, e deſpeza. Que eſta Armada Eccleſiaſtica havia tambem de ſervir contra os infieis, Hereges Sciſmaticos; e contra quaeſquer peſſoas, que o Papa quizeſſe que ella ſerviſſe em ſua ajuda, e favor. Que as Bandeiras deſta Armada haviaõ de ter as Armas Reaes delRey de huma parte, e as do Papa,

Papa, e Sé Appostolica da outra igualmente. Que este dinheiro havia de haver tres lançadores, hum que Sua Alteza escolhesse, outro o Cardeal Infante, e outro a Clerezia. Que estes tres haviaõ de ordenar hum Recebedor, ou huma arca, ou lugar seguro, onde estivesse este dinheiro para se dispender nestes usos sómente. Que se de hum anno sobrasse alguma cousa se guardasse para a Armada do anno seguinte. Que estes lançadores, e thezoureiros, e mais arrecadadores seriaõ obrigados cada anno á dar conta a huma pessoa, que Sua Santidade, e a Sè Apostolica mandariaõ estar nesta Corte para lha tomar. Que esta péssoa, que havia de tomar estas contas, teria jurisdiçaõ para constranger aos tres, e aos mais para fazerem aquillo, que elle ordenasse naquelle negocio. Que todas as vezes que o Santo Padre, ou seus Successores, pedissem, ou quizessem pedir a ElRey que lhe mandasse esta Armada para defensaõ dos Estados da Igreja Romana, ou para contra infieis, ou Scismaticos, seria Sua Alteza obrigado a mandarlha de graça livremẽte, sem q̃ Sua Santidade despendesse com ella cousa alguma. Que alem desta Armada Ecclesiastica fosse ElRey obrigado a mandarlhe com ella outra semelhãte em conserva para ld servirem ambas á sua custa, e delRey, e do Reyno.

Estas eraõ as condiçoens, que trazia a Bulla, que naõ podiaõ ser mais pezadas para os Portuguezes livres, e isentos de sugeiçaõ alguma; de sorte que se o Pontifice por suas particulares paixoens, quizesse contender com alguem havia a Armada Portugueza ir ajudallo, desamparando as necessidades para que se ordenou. E quando ElRey se queixava, que naõ podia fazer huma, e pedia ajuda para ella, pela necessidade de a haver mister em resguardo do seu Reyno, e mal poderia fazer duas Armadas, quem confessava naõ poder por entaõ preparar huma? Nem ElRey podia ter tal obrigaçaõ, e só o podia fazer em occasiaõ de grave necessidade da Igreja Catholica, se quizesse livremente. Naõ sey que mais se pudesse pedir por parte do Pontifice se elle tivera concedido o dito subsidio nas suas mesmas terras? E sendo isto huma cousa intoleravel, e contra razaõ, e direito nenhuma repugnancia lhe fez o dito Embaixador, porque elle mesmo se tinha offerecido em nome delRey a servir a Igreja em alguma necessidade publica, e parecendolhe, q̃ em tal tempo naõ se offereceria occasiaõ disso, ou que no ministerio, em que se empregava em serviço desta Coroa, o naõ fazia menor à mesma Igreja Catholica, como assim era, ou commentando o a seu modo, com sua subtileza, entenderia, que licitamente se poderia faltar a alguma das condiçoens, por outro qualquer respeito,

reſpeito, ou que era mayor gloria das Armas Portuguezas acharemſe em huma tal funçaõ em defenſa da Igreja Romana, e de ſeu Paſtor: e como tinha alcançado iſto extraordinariamente por ſua induſtria, naõ quereria deſgoſtar o Papa com repugnancias, de quem eſtava muy aceito, e facilitaria tudo a ElRey, por onde ſenaõ faria reparo nas condiçoens ou poderà ſer q̃ por amor dellas ſe pediria depois em lugar deſte ſubſidio para ElRey o Padroado dos Moſteiros, que andavaõ em Commendatarios, ainda que a odiante com o dito Padroado ſe pedio a retençaõ do ſubſidio, que ſe dimittia, como fica dito no capitulo 27. que o dito Lourenço Pires devia forjar, e de qualquer ſorte, que foſſe, naõ andou niſto muito acertado em pedir ao Papa os frutos dos bens Eccleſiaſticos, dedicados a Deos em ſuas Igrejas pela piedade, e votos dos antigos Fieis, para os empregar em outros affectos, ſem urgente neceſſidade, ſeguindoſe daqui muitos eſcandalos extorçoens dos Parrocos feitas em ſeus freguezes, e parecendolhe que com iſto fazia hum grande ſerviço ao ſeu Principe, ſe enganou; porque de ſemelhantes ajudas de cuſto nunca ſe vio bom fim no que ſe pertendia. Sem embargo de tudo eſtimoule a Bulla, e o Cardeal a mandou executar no ſegundo anno do ſeu governo do
1564 Reyno, que foi neſte de 1564. publicandoa, e intimando-a a todos os Cabbidos do Reyno (tal vez ſem tençaõ de ſe dar cumprimento às condiçoens que trazia) o que deu grande cuidado a todos, e conſultãdoſe huns aos outros ſobre o que faziaõ, ſe ajuntàraõ Procuradores de todos elles na Cidade de Lisboa, onde ordenàraõ hum grande, grave, e douto Arrezoado feito pelo Doutor Chriſtovaõ de Mattos, Beneficiado, e Procurador da Sé da dita Cidade, no qual moſtràraõ a Sua Alteza, como naõ eraõ, nem podiaõ ſer obrigados a pagar tal ſubſidio; mas conſiderada a neceſſidade do tempo e altercaçoens, que houve de parte a parte, ſe vieraõ a concordar com Sua Alteza em lhe darem ſómente por tempo de dous annos cento e vinte cinco mil cruzados, de que ſe fez contrato. E ſobre eſta Bulla, e ſuas condições houve varias conſultas, e pareceres de homens doutos julgando todos ſer muito prejudicial a eſte Reyno, e ha diſcurſos bem fundados, q̃ ſe fizeraõ ſobre iſſo, q̃ por abreviar, e parecerem eſcuzados naõ ponho aqui.

CAPITULO CIX.

Da queixa que ElRey fez a alguns Principes de Europa, e do que reſultou della.

NO anno de 1565. ſe queixou o Cardeal Governador deſ- 1565
te

te Reyno em nome delRey D. Sebaſtiaõ ao Emperador Maximiliano II. de que alguns vaſſallos ſeus, com ouſado atrevimento batiaõ moeda nas terras dos ſeus Dominios com a marca, e cunhos de Portugal, e a introduziaõ neſtes Reynos em grave prejuizo da ſua Real Fazenda, e de todos os Portuguezes, por ſer de metaes inferiores, de mais liga, menos quilates, e pezo das Portuguezas, pedindolhe que acodiſſe a eſte damno, e caſtigaſſe eſtes atrevidos, e Ladroens falſificadores do dinheiro ſangue do corpo da Republica; do que movido o Emperador baixou hum Decreto, em que o prohibe com graves penas, cujo theor he o ſeguinte.

Decreto do Emperador Maximiliano II.

MAximiliano Segundo pela graça de Deos eleyto Emperador dos Romanos, ſempre Auguſto Rey de Germania, e de Hungria, e de Bohemia, e de Dalmacia, e de Croacia, e de Eſclavonia, e Archiduque de Auſtria, Duque de Borgonha, e de Iſtria, e de Corintia, e de Carriola, e de Vintemberga, e Conde de Haspurſgo, e de Tirol. A todos e quaeſquer Eleytores, e outros Principes Eccleſiaſticos, e Seculares, Arcebispos, Biſpos, e Prelados, Duques, Marquezes, Condes, Baroens, e Cavalheyros, Nobres, e Senhores, Respublicas, Magiſtrados, e Prezidentes, Corregedores, Capitaens, e Governadores de Cidades, terras, e Lugares, e ſeus Lugar Tenentes, e Officiaes, Burgo Meſtres, e Conciliarios, Juizes, Communidades, e Burguezes, Viſinhos, e quaeſquer outras peſſoas noſſas ſogeitas, e fieis do Sacro Imperio, e dos outros noſſos Reynos, e Provincias, e Senhorios noſſos hereditarios de qualquer Eſtado, e ordem, e condiçaõ, que forem, aos quaes eſtas noſſas prezentes Letras, ou ſeu treslado autentico forem moſtradas ſaude, e graça noſſa Imperial, e todo bem. Fazemos ſaber por eſte noſſo publico Edicto a voſſas devoçoens, e dileçoens, e aquaeſquer outras peſſoas de como o Sereniſſimo Principe, o Senhor D. Sebaſtiaõ, Rey de Portugal, noſſo amigo, e irmão, e conſanguineo, muy amado, por hum Enviado, e Procurador de Sua Serenidade, nos fez entender amigavelmente como algumas peſſoas de alguns annos a eſta parte ouſaraõ bater, e eſtampar alguns dinheiros, ou peças de cobre ſemelhantes àquelles, dos quaes uzaõ em ſeu Reyno de Portugal, e outroſi dinheiros, e peças de ouro ſemelhantes aos que valem dez cruzados de Portugal, com o cunho, e eſtampa, e final da moeda de Portugal, os quaes naõ ſò naõ correſpondem, nem ſaõ iguaes em pezo, valor, nem preço à moeda de Portugal antes ſaõ de muito menor preço, e valor, e que levaõ, e enviaõ ao Reyno de Portugal em grande quantidade os ditos dinheiros aſſim forjados,

dos, e ſemelhantes à moeda de Portugal deſtribuindo-os por boa, e leal moeda de Portugal, pelo qual forjar deſta mà moeda ſe faz muy grande deſacato, e afronta ao dito Sereniſſimo Rey de Portugal, e outroſi muito damno ao dito Reyno de Portugal, e ſogeitos delle, e porque nos foy amigavel, e irmanavelmente pedido, que oportunamente quiſeſſemos prover, e acudir aos fraudes, e enganos deſtes falſarios, e impedir, e refrear a ſua temeraria ouſadia, e inſolencia para que para o tempo vindouro ſe naõ atrevaõ a ouſar, ou tentar de fazer ſemelhante, pela qual cauſa ſendo nós inclinados à muy juſta, e muy racionavel petiçaõ do dito Sereniſſimo Rey de Portugal noſſo irmão, e amigo, econſanguineo muy amado, e entendendo pertencer ao noſſo cargo Imperial impedir, e refrear o dito forjar, e eſtampar, e deſtribuir eſtas falſas moedas, prohibidas pelas Leys antigas, e vedadas por Conſtituiçoens, e Ordenaçoens noſſas, e do Sacro Imperio, e ſob graves penas contra os autores, e obreiros dellas. Ordenamos, e mandamos avoſſas devoçoens, e dileçoens, quaeſquer outras peſſoas, por noſſa authoridade Imperial ſobre graviſſima indignaçaõ noſſa, e do Sacro Imperio, e ſob as penas conſtituidas, e ordenadas pelas ſacras Leys dos antigos Emperadores; pelas Conſtituiçoens, e Ordenaçoens noſſas, e do Sacro Imperio contra os eſtampadores, e autores de moeda falſa, q̃ desde agora em diãte nenhuma peſſoa preſuma de contrafazer, nem imaginar de cõtrafazer alguma moeda de ouro nem prata, nem de cobre de qualquer valor, ou preço ſemelhante à eſtampa, ou cunho, ou ſinal do dito Sereniſſimo Rey de Portugal; nem taõ pouco eſtampar, nem forjar, nem enviar a Portugal alguma moeda com o cunho, ou ſinal, ou eſtampa do dito Sereniſſimo Rey de Portugal de qualquer preço, ou valor, que ſeja, nem taõ pouco alli deſtribuir, deſpender, nem descambar com outra moeda, antes que diſſo inteiramente ſe hajaõ de guardar, e abſter; e primeiramente mandamos, e ordenamos a quaesquer Magiſtrados os quaes de noſſa parte tem alguma juriſdicçaõ, para que com toda a diligencia busquem os ditos eſtampadores, e officiaes de moedas falſas, e ſe acharem alguns, que niſto ſejaõ culpados que contra elles guardem, e executem as Leys, e Conſtituiçoens, e Ordenaçoens noſſas, e do Sacro Imperio, e que rompaõ, e cortem em pedaços as moedas, que aſſim forem eſtampadas, e feitas, ou forjadas, ou vaſadas, ou de outra qualquer ſorte contra feitas à maneira de outra moeda, e que façaõ proclamar, e publicar, que ninguem as poſſa gaſtar, nem receber ſob grandes penas, para iſſo ordenadas; e que em tudo, e por tudo hajaõ de obedecer, e guardar eſtreitamente, e muy ſinaladamente eſte noſſo mandamento; e que naõ faſſaõ, nem preſumaõ de fazer couſa alguma em contrario, para que naõ encorraõ em noſſa indignaçaõ, e do Sacro Imperio, por ſer aſſim noſſa vontade, e em teſtemunho de verdade firmamos eſtas Letras de noſſa maõ: as quaes vaõ ſellas

las

ladas do noſſo proprio ſello. Dadas na noſſa Cidade de Viena em Auſtria a 29. dias do mez de Agoſto no anno de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto de 1565. e dos noſſos Reynos dos Romanos o terceiro, e de Hungria o ſegundo, e de Bohemia o deza ſete. Foy firmado por Sua Mageſtade do Emperador Maximiliano, com o ſello de Sua Imperial Mageſtade em cera vermelha alli abaixo imprimido, e mais abaixo firmado, e eſcrito o que ſe ſegue. Por mandado proprio de Sua Mageſtade Imperial. Taller regiſtada Braum.

Tambem a Inglaterra ſe mandou ElRey queixar do meſmo; onde mais atrevidamente ſe batiaõ em caſas publicas eſtas moedas, que mandavaõ a Portugal, principalmente cobre, em grave prejuizo noſſo, e porque naõ quizeraõ obedecer, reſultou diſſo o que ſe verá na Segũda Parte deſta Chronica no cap. 3.

CAPITULO CX.

De como Lourenço Pires de Tavora foy por mandado do Cardeal governar a Praça de Tangere, e dos ſucceſſos de ſua viagem, e governo.

TEndo o Cardeal D. Henrique, Regente deſte Reyno, noticia pelos avizos, que lhe vinhaõ de Africa, que o Xarife Muley Abdalà Rey de Marrocos, intentava vir cercar a noſſa Cidade de Tangere com hum grande exercito, para tomar vingança nella da grande a fronta, que tinha recebido dos Portuguezes, ſendo rechaçado por elles tantas vezes naquelle celebre cerco, que mandou pôr á Praça de Mazagaõ, de que acima ſe tratou largamente, dandolhe iſto muito cuidado ao Cardeal por eſtar aquella Cidade pouco defenſivel, tratou de afortificar e nomeou para Capitaõ môr della a Lourenço Pires de Tavora, parecendolhe naõ poderia achar outro mais ſufficiente, em valor, e prudencia para a defender em tal tempo de tal guerra. Eſcuſavaſe elle por eſtar já velho, e moleſtado de muitos trabalhos, padecidos em ſerviço deſte Reyno, e requerer mais deſcanço delles, que entrar em novos cuidados, accreſcentando a ſuſpeita de que o queriaõ a partar da Corte pela liberdade, com que dava o ſeu parecer, e votava no Concelho, ſem attender a reſpeitos alguns; mas deſenganado deſta ſuſpeita, e perſuadido do Cardeal, e de alguns amigos, que lhe deitou, ſe deu por convencido para aceitar, fazendoſelhe alguma pequena merce, e promeſſas de outras mayores; (ſendo iſto couſa mais facil) ſem embargo de ter jà em outro tempo regeitado o meſmo governo, dandolhe ElRey D. Joaõ em premio dos

ſerviços

serviços de Alemanha, o q̃ tambem allegava para naõ aceitar agora.

Tendo Lourenço Pires aceitado a Capitania de Tangere, tratou logo o Cardeal de que se lhe dessem as cousas necessarias para a defensa della, e aparelhado elle, partio da barra de Lisboa em 15. de Abril deste anno de 1564. com huma pequena Armada, que constava de hum forte galiaõ para sua pessoa, e outros navios de guarda, que levavaõ gente, cavallos, mantimentos, e munições. Acompanharaõ a Lourenço Pires grande numero de Fidalgos de todo o Reyno, huns por ordem do Cardeal para o ajudarem na guerra, de que tinhaõ experiencia, e outros por aventureiros, movidos da fome do cerco, para se acharem nelle, e ganharem honra, e gloria á custa do seu sangue, e do esforço do seu braço em serviço de Deos, de seu Rey, e sua Patria. Importa fazer memoria daquelles, de quem soubemos os nomes, pezandonos de os naõ sabermos a todos para delles a fazermos, e saõ os seguintes.

Christovaõ de Tavora filho do dito Capitaõ mòr, Alvaro Pires de Tavora, seu cunhado, filho de Ruy Lourenço de Tavora, Francisco de Tavora, filho de Bernardim de Tavora, Reposteiro mòr; Vasco da Sylveira, D. Luis de Menezes, Alferes mòr, D. Gastaõ Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, D. Francisco de Moura, filho de D. Luis de Moura, D. Julianes da Costa, filho de D. Giliães da Costa, Vèdor da Fazenda, Manoel Telles, filho de Andre Telles Embaixador em Castella, Ruy Nunes Barreto, filho de Francisco Barreto General das galès, Jorge de Mello, filho de Alvaro da Cunha, Antonio de Mello de Taveira, filho de Balthazar de Mello, Manoel de Mello, filho de Francisco de Mello, D. Rodrigo de Mello, filho de D. Gomes de Mello, Fernaõ Annes de Lima, filho de Jorge de Lima, Fernaõ de Lima de Abreu, Nuno Furtado de Mendonça, filho de Jorge Furtado, Diogo de Mendonça, filho de Joaõ Arraes de Mendonça, D. Jorge de Faro, filho de D. Francisco de Faro, D. Diogo de Castellobranco, filho de D. Francisco de Castellobranco, Camareiro mòr, D. Luis de Almeyda, filho de D. Lopo de Almeida, D. Francisco de Almeida, D. Antonio de Almeida, D. Joaõ de Azevedo, Almeirante, Mem de Brito, filho de Leonel de Brito, Gonçalo Mendes de Brito, filho de Manoel de Brito, Nuno de Brito, D. Luis Coutinho filho de D. Frãcisco Coutinho, D. Luis de Sande, filho de D. Joaõ de Sande, Ruy Gil Magro, Joaõ Rodriguez de Torres, filho de Antonio de Torres, Antonio de Torres, filho de Nuno Fernandes de Magalhaens, Escrivaõ da Camera, Simaõ da Veiga, filho de Manoel Cabral, Gonçalo Figueira, filho de Manoel Figueyra,

ra, Luis de Caſtilho, filho de Joaõ de Caſtilho, Antonio Jaques, filho de Henrique Jaques, D. Diogo de Avelhaneda Caſtelhano, Balthaſar Leitaõ o do Rocio, Joaõ de Barros, Franciſco Teixeira, filho de Antonio Teixeira, Pedro Homem, filho de Vaſco Fernandes Homem, Fernaõ Cabral, Luis da Caſtanheda, Manoel Pereira, ſobrinho de Manoel Quareſma, Gaſpar Pereira, ſeu cunhado, Simaõ de Goes, filho de Sebaſtiaõ de Goes, Franciſco Giraldes, filho de Lucas Giraldes, Andre Callema, filho de Diogo Callema, Andre Gonçalves de Ribafria filho de Gaſpar Gonçalves Ribafria, e outros cujo nome ſe naõ ſabe.

Chegando a Roma a noticia de q̃ Lourenço Pires eſtava feito Capitaõ mòr de Tangere eſcreveo o Summo Pontifice Pio IV. a ElRey a carta ſeguinte digna de memoria pela lembrança, que naõ perdia do que tratàra taõ famaliarmente, dizia aſſim.

Carta do Summo Pontifice Pio IV. para ElRey D. Sebaſtiaõ.

CHariſſimo, &c. Ouvimos dizer que tendes mandado a Africa ao amado filho Lourenço Pires para Governador da voſſa Cidade de Tangere, a qual eleyçaõ naõ podemos deixar de aprovar muito, porque como quem bem o conhece naõ duvidamos que com ſua fidelidade, eſforço, prudencia, e vigilancia ha dedar grande ſatisfaçaõ a Voſſa Mageſtade na defenſaõ daquella Cidade. Pelo que tocandonos tanto o cuidado de voſſas couſas, e de toda a Republica Chriſtãa, eſtimamos que para melhor defenſa de huma Cidade apartada da de Heſpanha por taõ pequeno eſpaço, e taõ infeſtada dos inimigos de noſſa Religiaõ, ſeja encomendada a tal peſſoa a guarda della. E porque da boa vontade, que lhe cobràmos, ſendo voſſo Embaixador em noſſa Corte, naõ deminuimos couſa alguma, e a conſervamos da meſma maneira, e a conſervaremos ſempre, nos alegraimos tambem (além do reſpeito do que vòs ganhaes em o ter alli) de o honrardes deſta maneira, porque ſabemos que ſe naõ encomendaõ taes cargos ſenaõ aos homens aſſinalados, e que ſe tem em muita conta; o que nos pareceo dizer a Voſſa Mageſtade, para que entenda quanto nos agradou a eſtimaçaõ, que delle fez, e quanto contentamento receberemos com todas as moſtras, que lhe der de ſua graça. Dada em Roma em S. Marcos a 26. de Junho de 1564. anno quinto do noſſo Pontificado.

E ao meſmo Lourenço Pires eſcreveo outra carta chea de affectuoſas afeiçoens, e lembranças, de favor, e amizade, dandolhe o parabem do novo cargo, moſtrando receber com elle ſummo goſto, e ani-

animando o a dar cumprimento á obrigaçaõ, em que eſtava poſto, e á confiança, que delle fazia ElRey e para mais o esforçar, e dar mayor valor aos ſeus lhe concedeo a elle, e atodos os Fronteiros, e ſoldados da quella Praça, Indulgencia plenaria, e remiſſaõ de todos os ſeus peccados, todas as vezes que pelejaſſem em defenſaõ della, ou dentro de ſeus muros, ou fora delles no campo com os inimigos daFè, eſtando contritos, e arrependidos de ſeus peccados, confeſſados, ou com animo de o fazerem em podẽdo commodamente. Grande honra para os ſeus deſcendentes, e naõ pequena para o Reyno, que produz Varoes q ſabem merecer tanta eſtimaçaõ.

Chegado Lourenço Pires a Tangere creſceo a fama da gente, e Armada, que levava, e juntamente o cuidado nos Mouros de ſe prevenirem, e de offenderem aos noſſos. Era neſte tempo Alcaide mór de Arzilla Cide Roho Bentuda, o qual entaõ ſe achava em Fèz chamado do Xarife, Rey de Marrocos; e voltando de lá, logo quiz fazer experiencia do valor do novo Capitaõ, como era coſtume da quelles barbaros fronteiros das noſſas Praças. Foy eſte Mouro bem nomeado, em Africa intitulava-ſe Senhor de Arzilla, Larache, e Alcacere Quibir, prezavaſe muito de ſoldado, valeroſo, trazia configo dous filhos muito bons cavalleiros com eſte viſinhou, e contendeo Lourenço Pires em quanto governou Tangere com muito pouco deſcanço, como elle largamente relata nas ſuas cartas a ElRey.

Quaſi todos os dias logo de pois de ſua chegada, que foy em Mayo ſeguinte, vinha Bentuda dar rebates a Tangere, correndo com muita gente ſeus campos, e Atalayas até os muros, como fazendo negaça ao novo Capitaõ deſenquietando o, ſem eſperar q̃ ſahiſſe, nem levar preza alguma pela vigilancia, que o dito Capitaõ mandava ter em ſe recolher tudo com tempo; atè que hum dia, já no principio de Junho, veyo com mais de dous mil, a tempo que o Capitaõ tinha poſto Atalayas largas, e mandado gente a recolher lenha, de que havia muita falta na Praça, e juntamente dar paſto ao gado, e ſendo os Mouros deſcobertos onde eſtavaõ emboſcados, que era em hum palmar, e em outro ſitio chamado *a Comba do Adail*, deraõ as Atalayas final tocouſe a rebate, e recolheo ſe tudo a bom tempo, vindolhe os Mouros no alcançe, e chegaraõſe tanto às tranqueiras, que foy preciſo chocar a noſſa gente com elles, e matarlhe muitos dos ſeus, naõ morrendo dos noſſos mais, que hum homem chamado Rodrigo Rebello de huma arcabuzada que lhe deraõ pelos peitos no dia ſeguinte ſahindolhe às coſtas, e ficou ferido Jorge de Mendonça de huma lançada a baixo do coadril, e

o ſeu cavallo de que veyo morrer à Cidade. Os Mouros receberaõ muito damno da noſſa arcabuzaria, e artelharia da Praça, morrendo muitos, e levando muitos mais feridos, e ſem cativarem couſa alguma ſe foraõ a correr a Ceuta, onde eſtava por Capitaõ D. Pedro da Cunha, a quem Lourenço Pires deſpachou logo avizo por mar do q̃ paſſava, para q̃ ſe acautelaſſe, e houvera de ſer muito mayor aperda dos Mouros ſe na porta naõ ſuccedera tal enleyo, e embaraço de cahidos pela preſſa, q̃ naõ deixava ſahir a gente para fóra.

Todo aquelle Veraõ, e parte do Inverno ſe eſteve com receyo do cerco, continuando às novas das grandes, e extraordinarias preparaçoens, que o Xarife fazia em Fez onde eſtava, que ſe tinha por certo ſer contra Tangere. Eſtava ainda entaõ aquella Praça muito mal ſegura, e a fortificaçaõ muito no principio: aparelhou-ſe Lourenço Pires tudo quanto o tempo dava lugar com grande trabalho corporal, mas muito ſoccego no animo. Porèm o cerco naõ teve effeito desfazendo o Xarife os aprecebimentos; e recolhendoſe a Marrocos, ficouſe continuando, com a fortificaçaõ da Cidade em que ſe poz taõ boa diligencia, que em menos tempo, do que ſe cuidava, ſe acabou della mais do que ſe queria de Lourenço Pires, quãdo o mandàraõ, e ficou em eſtado que dizia elle q̃ lhe podia o Xarife perder as eſperanças; mas iſto tanto à ſua cuſta, pelo mal que do Reyno era provido das couſas neceſſarias para a obra, e pela continuaçaõ dos rebates dos Mouros, ſendo quaſi ſempre neceſſario trabalhar, e pelejar juntamente, que affirmava tambem, que em tudo o em que ſervira em ſua vida naõ trabalhàra tanto.

Tendoſe o Alcaide de Bentuda aproveitado deſta occaſiaõ quanto pode, e corrido em mais de hum anno, que havia que Lourenço Pires alli eſtava, por muitas vezes com grandes preſumpçoens, ſem poder levar a melhor de nenhuma dellas, como que ſe houvera com gente mais deſcançada, porque em todo eſte tempo ſe naõ havia perdido, outra peſſoa mais que huma Atalaya, e ſendolhe iſto máo de ſofrer pela ſua arrogãcia, e preſumpçaõ, q̃ ſeria parte natural, e parte adquerido com alguns bons ſucceſſos, q̃ haveria tido em noſſas Fronteiras, tentou hum modo, com que lhe pareceo q̃ poderia ficar ſuperior ao menos na opiniaõ entre os ſeus, e foy de mandar deſafiar a Lourenço Pires para huma batalha de tantos por tantos cavalleiros, fiado pòde ſer como vizinho de taõ perto, na noſſa obediencia, que ſe naõ atreveria a meterſe em tal negocio ſem licença delRey; porque aſſim o moſtrou ofim; e aſſim he de crer, que naõ quereriaõ os Mouros encontrarſe em numero igual com os Portuguezes, de quem tantas ve-

zes

zes foraõ desbaratados com muito inferior partido; mas nem este discurso lhe sahio ao Mouro como cuidava, porque Lourenço Pires naõ sómente lhe aceitou o desafio, mas passou nelle muito adiante, como se verà no capitulo seguinte.

CAPITULO CXI.

De hum desafio, que o Alcaide de Arzila fez ao Capitaõ de Tangere; e de como naõ teve effeito por causa do mesmo Mouro.

ESte desafio lhe mandou fazer o Alcaide por dous Judeos de Alcacere Quibir conhecidos dos Portuguezes; e por serem taes os mensageiros duvidou muito o Capitaõ mór Lourenço Pires da lealdade do recado, e para cautela lho pedio por escrito, assinado por elles, e lho deraõ na fórma seguinte.

Dizemos nòs Salamaõ Alcarouche, e Abrahaõ Guibre criados do Senhor Alcaide Cide Roho Bentuda, que Deos guarde, que he verdade, que o dito Senhor Alcaide nos mandou, que da sua parte dissessemos ao Senhor Capitaõ de Tangere Lourenço Pires de Tavora que o desafiava com a quantidade de gẽte, que elle Senhor Capitaõ quizesse, para com outros tantos elle Senhor Alcaide pelejar com elle, e que para segurança disto vir a effeito sedariaõ de ambas as partes os refens, que fossem necessarios, e que elle tinha jurado pela cabeça del Rey, seu Senhor de o cumprir assim; e q̃ se elle Senhor Capitaõ naõ quizesse aceitar o dito desafio, que elle prometia de o escrever a El Rey de Portugal pela via de Mazagaõ; e porque he verdade q̃ o Senhor Alcaide nos mandou que dissessemos as palavras, que neste nosso assinado se contém lhas dissemos da sua parte ao Senhor Capitaõ, e por verdade disto nos assinàmos a qui ambos nove de Mayo de 1565. Salamaõ Alcarouche Abrahaõ Guibre.

Respondeo o Capitaõ em huma carta muito larga ao Alcaide, que sendo assim como os Judeos disseraõ aceitava o desafio para quando, e como quisesse, e em alviçaras lhe mandou hum cativo de estimaçaõ Mouro de sua casa, e premiou os Judeos, e com elles mandou hum Cavalleiro chamado Pedro Veloso, homem prudente, e discreto, em quem o Capitaõ achou capacidade para tratar, e ajustar este negocio com o Mouro. Foy, e voltou com dous Mouros, que traziaõ a reposta ao Capitaõ na qual lhe certificava o Alcaide de ser seu o recado dos Judeos; porque elle os mandára em seu nome, e que estimava que elle aceitasse o desafio, e que se com isso ficára alegre que muito mayor prazer recebia elle, *e qual quer de nòs* (palavras proprias,) q̃ *naõ cumprir, e se arrepender a vergonha se-*

rà ſua, naõ lhe ficarà palavra. E q̃ para ajuſtar com elle a fórma lhe mandava aquelles dous ſeus criados, que ouviria, e deſpacharia com brevidade. Lida a carta perguntou o Capitaõ aos Mouros q̃ mais commiçaõ traziaõ para tratar a quelle negocio, e reſpondèraõ que ſó vinhaõ a entregar aquella carta; de que o Capitaõ mór ficou agaſtado, e mandando os agazalhar, ao outro dia lhe fez a meſma pergunta, e entaõ reſponderaõ, que ſim traziaõ commiçaõ do Alcaide ſeu Senhor para tratar cõ elle Capitaõ o dito negocio.

Vendo o Capitaõ tal variedade, e inconſtancia começou a entender que era tramoya, e que em Mouros havia pouco que fiar, e com aquelles naõ quiz tratar couſa alguma, viſto haver nelles tanta falta de palavra, e o deſpedio cõ huma larga carta para o Alcaide, em que ſe queixava deſtes termos, pedindolhe peſſoa de capacidade para tratar a materia, ſe he que dezejava ver a concluſaõ della, que o mais era gaſtar tempo de balde. Envioulhe entaõ o Alcaide hum Mouro chamado Abedaramaõ Alhauſi, Fidalgo, ſeu parente, homem de aſſento, e muito ſer, e propoſito com huma carta, em reſpoſta, e amplos poderes para ajuſtar com o Capitaõ o numero da gente, com que haviaõ de ſahir a campo, e o ſitio, onde haviaõ de dar batalha, e o mais, que foſſe neceſſario tratar; e o que com elle ſe paſſou, e como iſto ſe veyo a deſvanecer ſe verá melhor por huma carta que Nuno Furtado de Mendonça eſcreveo a Dona Brites de Lucena ſua mulher a qual he a ſeguinte.

Carta de Nuno Furtado de Mendonça, para ſua mulher Dona Brites de Lucena.

EU vos eſcrevi os dias paſſados por hum criado de Simaõ da Veyga, creyo que vos ſeria dada, em que vos dava conta do que ſe tinha paſſado a cerca do deſafio, e pelas particularidades, q̃ eu ſabia do Capitaõ me pareceo ſempre que naõ havia de vir a effeito, e ſe havia de desfazer pela parte dos Mouros, que do Capitaõ por certo que ninguem ſabe iſto melhor que eu, que elle ganhou niſto tanta honra, como de taõ valeroso Capitaõ ſe eſperava, e no negocio ſe vera como naõ ficou por elle nada, porque à fè que ninguem eſtava taõ determinado a morrer, como elle, ou a alcançar huma taõ valeroſa vitoria; porque como digo fallava elle muitas couſas deſtas comigo, que naõ dizia a ſua mulher; naõ quiz Deos que vieſſe o negocio a effeito por noſſos peccados; porque eu juro por voſſa vida, que mais prezava acharme nelle que darem-me hum conto de renda: todos aquelles dias me queria mal Dona Catharina, e me rogava cem pragas, e ao Adail; porque

dizia

dizia que nòs metiamos ſeu marido naquillo; porque nos via fechados, e cuidava q̃ nòs tinhamos a culpa, e ſeu marido andava niſto mais alvoroſado, que nòs. Agora he grande minha amiga. O caſo paſſou deſta maneira.

Aqui tornou avir hum Mouro, homem Fidalgo parente de Bentuda com huma carta de crença, em que o Alcaide dizia, que tudo o que aquelle Mouro fizeſſe, e aſſentaſſe, e diſſeſſe acerca da quelle caſo, que elle o havia de cumprir. Quando o Capitaõ vio iſto mandou chamar à ſua ſalla grande todos os Fidalgos, e Cavalleiros, moradores, e ſoldados da Cidade, e lhes fez huma muito boa falla, em que lhe deu conta como era vindo aquelle Mouro com aquella carta de crença para ſe fazer aquelle deſafio; e por quanto elle naõ queria fazer couſa, que tanto importava ao ſerviço de Deos, e del Rey ſem nos dar a todos conta, pela vontade, que em nòs via de pormos as vidas por ſerviço de Deos, e de noſſo Rey, dizendo que elle naõ podia dar a todos conta diſto, por ſerem muitos, e porque neſte negocio cumpria terem ſegredo em algumas couſas: por iſſo que elegeſſem ſeis Cavalleiros, e dous Fidalgos para com elles tomar conſelho, e determinar eſte negocio, como ſe poderia fazer, e q̃ poſto que elle os podeſſe tomar que naõ queria, ſe naõ que elles os elegeſſem por mais vozes; e que elle com o Contador, que alli eſtava queria tomar os votos. Tomou papel, e tinta: fomos logo os Fidalgos a votar, pondo primeiro as mãos ſobre os Santos Evangelhos jurando de o fazer lizamente, e omeſmo fez todo o Povo; e eſtiveraõ em votar deſde depois de jantar atè as oito horas da noite. Sahiraõ ſeis Cavalleiros muito honrados, e eſforçados, de que por certo ſe podia fiar negocio taõ grave, como eſte era, e dos Fidalgos ſahimos D. Luis de Almeida, e eu.

Iſto aſſim feito, fomos chamados os eleitos, e nos deu a todos o juramento de guardarmos ſegredo, e em tudo fazermos como entendeſſemos que era ſerviço de Deos, e del Rey. Depois de ſobre iſſo nos fazer outra pratica perante todo o Povo, e nòs eſtavamos aſſentados todos os eleitos ſem fallarmos palavra. Depois diſto ſer aſſim feito, nos fechámos todos oito com o Capitaõ em huma caſa, e depois de haver muitos debates, e porfias mandàmos chamar o Mouro, e dous Judeos, criados do Alcaide, hum por nome Salamaõ Guibre, e outro Tobi, e o Capitaõ eſtava com febre, e grande dor na cabeça, diſſeme que diſſeſſe ao Mouro, e aos Judeos o que era aſſentado herguime em pè, e diſſe; que o Senhor Capitaõ, e aquelles Cavalleiros, e Fidalgos em nome de Deos, e de ſua Santa Fé, e por ſerviço de noſſo Rey lhe tinhamos dito que queriamos, e àceitavamos o deſafio pelo Alcaide de Arzila, commettido, como jà ſobre iſto lhe tinha eſcrito o Senhor Capitaõ, e que elle era vindo com aquella carta do Alcaide de crença para ſe aſſentar; por iſſo que diſſeſſe onde queria o Alcaide, que ſe deſſe eſta batalha, e as ſeguranças que para iſſo ſe requeriaõ.

Diſſe

Disse que o Alcaide de Arzila em nome de Deos, e de sua fé, e por serviço do seu Rey estava muito alvoroçado para aquelle negocio, e se queria matar com nosco cento por cento, e que elle daria arrefens, que fossem em Beleta, ou na Ponte de Gosma, que saõ de Tangere cinco legoas. Respondemos que para aquelle negocio ser là, que eraõ necessarios muy grandes arrefens, que sem darnos filhos de Rey em arrefens naõ poderiamos ir là seguros, pela muita gente, que elle Alcaide tinha; e porém que nós lhe nomeavamos seis Lugares de mar amar, e que qualquer destes, que tomassem, que lhe pediriamos muy pequenos arrefens, e q̄ muito melhor se podia concluir o negocio. Disse q̄ lhos nomeassemos, nomeamos estes Lugares, q̄ saõ muito perto de nossas tranqueiras, os quaes saõ: os Pomares, ou Tranqueiras do mato, ou o campo da fonte da Bodea, ou o campo da volta de D. Pedro, ou onde foy o desbarato de Cidade Amete, que desbaratou Bernaldim de Carvalho, ou a Barra de Tangere o velho, do rio para a Cidade; qualquer destes que quizessem, conforme a elle lhe pederiamos os arrefens. Respondeo que elle naõ podia aceitar aquelles campos sem fallar com o Alcaide.

Quando vimos isto, que elle naõ queria responder, sem fallar com o Alcaide, pareceo-nos bem, para mais abastança, darmos-lhe licença para isso, e assim se foy levando estes Lugares por escrito, e huma carta do Capitaõ, em que lhe dizia, que pois elle o mandava desafiar, que elle podéra tomar o campo, mas que alli lhe mandava seis Lugares, que escolhesse qual quizesse; e que assim como escolhesse lhe pediria a segurança do campo, pois era Senhor delle. Tardou là dous dias dentro nos quaes nos aparelhavamos assim de armas, como das consciencias, e adornos. Naõ vos digo as que eu tinha determinado de levar; porque vos naõ pareça mão galante. Tornou em muy desviado proposito do que foy; porque verdadeiramente estes Mouros nos queriaõ armar traiçaõ, e matarnos atodos, e disse, que o Alcaide dizia, que de qualquer destes Lugares era contente, e que em nòs o deixava. Tornàmos outra vez atomar conselho com os eleitos, e foy determinado que fosse na Tranqueira do mato, ou no campo dos Pomares, mandàmos outra vez chamar o Mouro, e Judeos: disselhe o Capitaõ (que jà a este tempo estava bem disposto) que na quellas duas partes na que melhor lhe parecesse fosse, e respondeo que na Tranqueira do mato, disselhe, que eramos muito contentes, e que quanto ás armas, cada hum levasse as que quizesse, com tanto que naõ houvesse acubertados, nem atiradores de bésta, nem de fogo por nenhuma invençaõ, que fosse, sòmente lança, e espada. A tudo isto disse que sim.

Disselhe entaõ o Capitaõ que elle havia de ter Atalayas no outeiro, e em Bogimar, e na Forcadinha, e em Bonamaqueda, e em Tangere o velho, e que

para

para dentro deſtas Atalayas não havia de entrar alguem, nem de pè, nem de cavallo; e que para eſtas Atalayas là hirem ſeguras, havia elle Alcaide dar outros tantos homens, para que nos naõ tomaſſem os noſſos, e q̃ ſòmente haviaõ de vir os cem cavalleiros, que com noſco ſe haviaõ de combater, e que iſto eſtava muito bem. Quando elle ouvio iſto ficou morto, e reſpondeo, que tal naõ podia ſer, que baſtava hum ſeguro do ſeu Rey, e que haviaõ de vir quantos Mouros de pè, e de cavallo quizeſſem ver o combate, e dizendolhe o Capitaõ que naõ havia de conſentir q̃ das Atalayas para dentro entraſſe alguem, mais que os contendores, reſpondeo, que dava tudo por desfeito, e ſe queria ir, e confeſſou a hum Judeo que ElRey manddra dizer ao Alcaide, que tal naõ fizeſſe, que lhe cortaria a cabeça, e eſcreveolhe entaõ huma carta, a ſuſtancia da qual era, a quem bem a entendeo, q̃ elle naõ fizera aquillo ſe naõ para armar alguma manha, e traiçaõ aos Portuguezes; e o Capitaõ que aſſim a entendia lhe mandou dizer que naõ mãdaſſe mais ſobre aquelle negocio peſſoa alguma; de maneira que tudo ficou desfeito.

Iſto he o que ſe paſſou realmente. Naõ fomos nós taõ ditozos que iſto vieſſe a effeito, aldemenos eu o eſtimára em muito; porque com a ajuda de Deos eſperava de ſahir como filho de meu pay; mas naõ faltará hum dia que Deos nos queira fazer mercè, que juntamente nos paguem tudo. Perdoaime eſcrevervos iſto; porque naõ quero que digaes que vos naõ eſcrevo novas. De pois diſto paſſado chegou huma carta delRey, cujo treslado com eſta vay. Mais novas naõ há nenhumas, que vos eſcreva, ſenaõ que deſde entaõ para cá nos tem mortos, e cativos nove homens do campo. Eu eſtou bem à feitura deſta, Deos louvado, e os que comigo tenho. Bejovos Senhora as mãos, e de minha mãy, e irmãa. De Tangere 9. de Junho de 1565. annos. Os nomes dos Judeos ſaõ os que a qui vão neſte treslado da carta delRey. Pareceme bem mandarvos a qui as mais cartas, que ſobre eſte negocio ſe eſcreveraõ do Alcaide para o Capitaõ, e as que o Capitaõ lhe eſcreveo a elle; ſão boas para paſſar huma hora da calma.

Carta delRey D. Sebaſtião ao Capitão de Tangere a cerca deſte deſafio.

LOurenço Pires de Tavora amigo, eu ElRey vos envio muito ſaudar. Por via de Nicolao Botelho recebi as voſſas cartas de 6. e 16. do preſente, em que me dais conta do recado que o Alcaide de Arzila vos enviou por Abrahão Guibre, e Salamão Alcarouche Judeos, e como vos parecera devido ao ſerviço de Deos, e meu, e à voſſa honrá, e reputação reſponderdes ao dito Alcaide na fòrma, em que o fizeſtes, ſegundo particularmente vi pela copia da carta, que por Pedro Veloſo voſſo criado, eſ-

creveſtes

creveſtes ao dito Alcaide, que me enviaſtes juntamente com o treslado da reposta, que o dito Alcaide vos mandou, e da que lhe fizeſtes, e as cauſas, e razoens, que vos moveraõ a aceitardes eſte deſafio antes de mo fazerdes a ſaber, e os termos, em que eſte negocio ficavà, e ſendo elle de tal qualidade, que naõ ſómente conſiſte nelle honra, e reputaçaõ, mas ainda ſe aventuraõ os principaes Cavalleiros que neſſa Cidade me ſervem, que ſaõ a principal força, e defenſaõ della, por muy certo tenho, que fareis em toda eſta materia as conſideraçoens que ella requer; pelo que naõ tenho niſſo que dizer, ſenaõ que eſpero em Deos noſſo Senhor, que aſſim como o principal reſpeito, que dizeis que a iſſo vos moveo, foy por ſer ſeu ſerviço, o ſeja de vos deixar ſahir deſta empreza com aquella honra, e vitoria que eu deſejo, e além da muita confiança que tenho em noſſo Senhor, ſerà ſervido diſto ſer aſſim; tambem me dà diſſo certa eſperança entender por voſſa carta o bom animo, e prompta vontade, que em todos os Fronteiros, Cavalleiros, e moradores deſſa Cidade conheceis para eſte deſafio ſe effeituar, e nelle ſervirem a Deos, e amim, o que eu de todos, e de cada hum delles tenho por muy certo; e porque todos naõ poderaõ entrar no dito deſafio, em caſo que ſe haja de effeituar, aos que nelle entrarem fazey certo da minha parte do conhecimento, e lembrança, que ſempre terey deſte ſerviço, e aos que naõ couber nelle entrar, direis que lhe agradeço ſuas boas vontades, e que elles ſe devem de contentar com eu entender, e ter por muy certo quanta força a ſi meſmos fazem em ſofrerem o naõ entrarem no dito deſafio, e quam iguaes huns, e outros eſtaõ nas vontades, e nos deſejos de me ſervirem, e de offerecerem ſuas peſſoas, e vidas por meu ſerviço, de que eu terey ſempre a lembrança, que he razaõ, e que naõ faltàraõ outras muitas occaſioens, em que poſſaõ moſtrar o eſforço de ſuas peſſoas; e o que neſta materia mais ſe paſſar, e fizer me eſcrevereis com aquella diligencia, que ella requer. Eſcrita em Lisboa a 30. de Mayo de 1565.

CAPITULO CXII.

Em que ſe proſeguem, e finalizaõ os ſucceſſos de Lourenço Pires de Tavora no ſeu governo de Tangere.

DEſfeito o deſafio converteo Bentuda a furia, que moſtrava para elle, em ajuntar a màis gente, que pode, mandando vir de Fez muitos arcabuzeiros de pè para vir buſcar Lourenço Pires, e pelejar com elle, ſegundo publicava, e em 14. de Junho ſeis dias depois de desfeito o deſafio correo a Tangere, e metendo na ſerra de Saõ Joaõ duzentos de cavallo, que mandou correr primeiro dalli, ſahio elle em ouvindo as bombardadas, que ſe deraõ ao rebate com toda

toda a mais gente da ſilada, que chamaõ de Vicente Fernandes, e ſendo o Adail Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta aparelhado para ſe poder receber muito damno na gente, q̃ andava fora por Atalayas dos Lumares, com deſcuido, e culpa ſua de naõ tomar o rebate como devia, com tudo naõ ſe perdèraõ mais q̃ dous meninos, que deſmandados tinhaõ hido eſcondidos á ſerra, e huma Atalaya extraordinaria, e ſahindo Lourenço Pires ao rebate, e ordenando a ſua gente nos Lumares em fórma de batalha para eſperar os Mouros, e mandando alguns de cavallo a eſcaramuçar com elles naõ quiz o Alcaide a cõmettello, nem eſperar mais tempo, e eſpalhando a gente por diverſas partes do campo ſe fatisfez com mandar de noite talhar as hortas, e os paens, e ao outro dia ſe recolheo a Arzila.

Deſta ſorte ſe ficou continuando no meſmo modo de guerrear de parte a parte; porq̃ tambem os ſeus campos de Arzila padeçiaõ os meſmos trabalhos da noſſa gente, que humas vezes lhos queimavaõ, e outras com entradas lhe faziaõ muito damno, e eſtrago, até que em 27. de Setembro de 1565. fez Bentuda outra corrida com hum groſſo pè de gente, com que chegou a pelejar com a noſſa. O caſo paſſou aſſim.

A chavaſe a Cidade falta de mantimentos, e de lenha, e o Capitaõ mór naõ ouſava dar campo por ſe achar tambem com muita falta de cavallos; em fim no dito dia obrigado da neceſſidade mandou ſahir a gente ao campo remediando as Atalayas o melhor que pode, mandando a diante Eſcutas pelo receyo que havia de inimigos, e perigo que podia ſobrevir pelo defeito de cavallos. Sahio certo o receyo; porque ſe achavaõ em boſcados os dous filhos de Bentuda com quatro centos de cavallo pouco diſtantes das noſſas Atalayas, para que vendo occaſiaõ acommetteſſem os noſſos, e vendo a agora tanto á ſua vontade ſe deſcobriraõ ſobre a tarde. Deuſe rebate a tempo q̃ jà o Capitaõ mór por huma parte, e o Adail por outra vinhaõ recolhendo a gente cõ as carradas, e cargas de lenha, e feno, e achandoſe o Capitaõ com muy poucos de cavallo apreſſou tudo, e ſe veyo chegando à ſombra das tranqueiras, e ao favor dos ſoldados, que a ellas tinha mandado concorrer, e no ſitio do Palmeirim ſe deteve para ſe armar, e eſperar pelo Adail, que vinha a toda a preſſa recolhendo a outra gente, e detendo os Mouros com muito eſforço, e boa ordem, os quaes tanto que viraõ o Capitaõ mór paràraõ. Deu elle entaõ ordem ao Adail, que com quarenta de cavallo, com que ſe achava, foſſe lançar os Mouros de hum pequeno outeiro, que tinhaõ occupado, e nelle eſperaſſe por ſegunda ordem ſua.

Fez o Adail o que se lhe ordenava, e partindo com este proposito, foy tanto o fervor nos q̃ o acompanhavaõ, q̃ antes de chegarem ao dito sitio, remeteraõ aos Mouros sem o Adail os poder reprimir, e dando todos com impeto nelles acudiraõ os outros, e assim foy forçado ao Adail pelejar com elles, governando os seus quarenta com muito boa ordem, e esforço, e a peleja foy de ambas as partes muy crua, levando os nossos, sendo taõ poucos, por quatro vezes a taõ grande multidaõ de barbaros, e elles sobrevindo outras quatro, sobre os nossos, e hindo jà o Capitaõ mór para soccorrer, e ajudar o Adail, notouse, que por outra parte se vinha levantando huma grande poeira de gente Moura, que vinha correndo, e soubese logo por hum lingoa, que eraõ outros quatro centos, e juntandose todos; mandou o Capitaõ mór ao Adail que se juntasse a elle, e o mesmo ordenou a todos os mais Fronteiros, e gente, e que lhe fossem buscar a Bandeira Real à Cidade para acommerter, e dar batalha aos Mouros, que estavaõ em som, e ordem de a receberem, e ainda de serem elles os que acommettessem; mas indo já os nossos marchando contra elles, e desafiando-os, se puseraõ em retirada, como vencidos, sendo tantos, deixando os nossos senhores do campo, e pezarosos de naõ executarem nos Mouros a sua colera.

Mas tornando ao Adail, e a seus companheiros, foy huma das mais famosas proezas dos Portuguezes, e que parece incrivel pelejarem só quarenta Cavalleiros contra quatrocentos, e naõ só pelejar, mas vencellos; pois os fizeraõ voltar costas quatro vezes, ficando sem animo de seguir os nossos, quando os viraõ retirar para o Capitaõ mór, podendo-o muy bem fazer. Sahio o Adail ferido em huma perna, e o seu cavallo por muitas partes do pescoço. Sinalaraõse muito na sua companhia. Nuno Furtado de Mendonça, Francisco de Tavora, D. Francisco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Manoel de Mello, Simaõ da Veiga, Gonçallo Figueira, Gaspar Antunes, Luiz de Castilho, e todos os mais pelejaraõ com grande esforço, e fizeraõ muito notavel estrago nos Mouros.

Nuno Furtado foy o de menos paciencia, e o primeiro, que os acommeteo, e correo mayor perigo, e houvera de ser logo morto se lhe naõ acudiraõ. Francisco de Tavora esteve quasi perdido entre os Mouros, donde sahio crivado de lanças, e o cavallo muito ferido. Manoel de Mello correo tambem muito perigo entre os Mouros. D. Francisco de Moura foy o que fez mayores cousas, entrou pelos inimigos, e atravessando hũ com alança, a naõ pode tirar, e lançando maõ á espada, fez campo largo, e rua por onde sahio de entre

tre elles; mas ferido com huma lançada na cara, e em huma maõ. Simaõ da Veiga sahio tambem ferido nas costas, e o seu cavallo por muitas partes. D. Rodrigo de Mello naõ obrou menos. Gonçalo Figueira pelejando esforçadamente foy encontrado de hum Mouro, e cahindo do cavallo em terra entre elles correo mayor perigo; mas valeraõlhe os companheiros que o tiraraõ vivo, e saõ, porèm o seu cavallo ficou muito ferido. Tambem Ayres Quinteiros sahio perigosamente ferido cõ duas lançadas, e o mesmo succedeo ao seu cavallo. Finalmente de todos hà muito que dizer; mas baste o referido para vir facilmẽte no conhecimento do mais, que aqui se obrou. Naõ morreo algum dos nossos, ainda que sahiraõ alguns mal feridos.

Tambem he digna de memoria huma generosidade, que Lourenço Pires usou com o dito Alcaide, e foy o caso, que succedẽdo fugirem tres mercadores Christãos novos moradores em Tangere, que por ordem do Santo Officio da Inquisiçaõ estavaõ prezos na torre do Castello novo da quella Cidade donde sahiraõ de noite de pendurandose por huma corda de huma alta fresta, que da torre fica para a parte do mar, e achandose neste tempo em Tangere huma cafila de importancia do Alcaide Bentuda, fez Lourenço Pires reprezalia nella sem embargo de ter vindo com seguro seu, dando a entender, que presumia, que na cafila viera seguro do Alcaide para os mercadores se poderem acolher a elle, e fez isto por ver se podia obrigallo a tornarlhe os fugidos por salvar a sua cafila.

Mas insistindo o Alcaide em os naõ entregar, fazendo honra de naõ faltar aos que hiaõ buscar o seu amparo, e impedir a restituiçaõ da cafila, ou que lhe mostrassem as culpas, que havia por onde devia ser perdida, exagerando muito a quebra do seguro, se meteo algum tempo em meyo, em que Lourenço Pires o teve de avizar a ElRey; cuja reposta foy louvarlhe o que havia feito em reter a cafila, e querendo que se naõ restituisse sem entrega dos prezos, accrescentando porèm, se disso naõ nascessem mayores inconvenientes a seu serviço. Mas Lourenço Pires depois q̃ por apertados exames lhe naõ pode constar q̃ na cafila houvera culpa na fugida dos Christãos novos, a tropelando o interesse na occasiaõ, em q̃ concorriaõ tantas razoens para a poder vender por licito, a deixou ir livremente sem lhe fazer algum damno, fazendo lhe mayor força o cumprimento de sua verdade, q̃ os proveitos, que pudera esperar da tomadia da cafila, em que havia grandes riquezas.

Passado o primeiro anno, e os temores do cerco, que se esperava em Tangere, começou Lou-

renço Pires a requerer licença para voltar a ſua caſa, e ElRey lha foy dilatando, até que em Setembro do anno de 1565. apertou por ella com mayor inſtancia, do que obrigado ElRey lhe ordenou que ſe detiveſſe ainda atè Março ſeguinte, pela neceſſidade, que diſſo havia, e que entaõ ſem falta o mandaria vir, e iſto que para Lourenço Pires foy de pouco goſto ſervio depois de lhe augmentar a gloria com o feliciſſimo ſucceſſo, que ſe ſegue.

Havendo naquella Cidade muita falta de lenha foy forçado em 3. de Fevereiro deſte anno de 1566 dar huma guarda com Atalayas de melhora, e depois de ſerem na ſerra de S. Joaõ, e pelo campo toda a gente de ſobras, e grande parte de ſoldados, e aſſim a gente de cavallo para ſe aproveitarem do beneficio de taõ largas Atalayas, ſendo Domingo aconteceo eſtarem no campo os filhos de Bẽtuda com toda a gente de ſeu pay, os quaes havia onze dias que por commiçaõ do dito Alcaide eſperavaõ aquellas Atalayas, e aſſim haviaõ de aguardar vinte dias para com aquella largueza poderem fazer o damno, que muitas vezes ſe fez em taes occaſioens; correo eſta gente pela parte de Magoga, que reſponde ao campo de Tangere o velho: achouſe o Capitaõ na Atalaya do Palmar com os Fronteiros, e alguns moradores, que por todos naõ chegavaõ a quarenta de cavallo, eſtava alli para guarnecer a guarda da ſerra, e os que ſe recolheſſem do campo, e eſperou naquelle lugar para eſſe effeito todo o tempo, que baſtou para que os Mouros lhe naõ tomaſſem a dianteira ao entrar do vallo Real, que eſtà em o rio dos Indios; entrou pelo portal, q̃ alli eſtá para acudir aos da ſerra, que naõ tinhaõ acabado de ſahir, e aſſim foy ſubindo para os Lumares, ajuntandoſe a elle alguns de cavallo de todas as partes, e deſta ſòrte foy caminhando com o Guiaõ devagar, ficando o Adail hum pouco atraz com alguns poucos Cavalleiros, e logo entràraõ os Mouros pelo meſmo portal do vallo, por onde o Capitaõ entrou, e começaraõ a travarſe com o Adail.

O campo he muito largo, e de muitos còrregos, e quebrados com pedras, e aſſim chegou o Capitaõ ao facho dos Lumares, que he fòra das tranqueiras, que alli eſtaõ por hum bom eſpaço, e deixando na quelle alto o Guiaõ com ſeu filho Chriſtovaõ de Tavora Fronteiros, e moradores que eraõ jà recolhidos a elle, tornou logo ſó a recolher o Adail, e fazello andar, para que ajuntandoſe todos em hum corpo podeſſem reſiſtir melhor aos inimigos, e ſalvar huma parte de gente, q̃ ainda vinha do rio dos Indios para cima, e cincoenta ſoldados, dos que tambem vinhaõ de traz, os

quaes

quaes o Capitaõ mór tinha mandado á ſerra para defenderem naõ aſaltaſſem Mouros de pè os noſſos carros, e chegando o Adail lhe diſſe que lhe parecia tempo de voltar; o Capitaõ lhe reſpondeo, que queria trazer aquelles Mouros mais acima para que a volta foſſe melhor; e aſſim recolhendo a gente andou para cima para eſſe effeito, e os Mouros, ou entenderaõ, ou receáraõ o que poderia ſer, e detiveraõſe hum pouco; e entendendo o Capitaõ que ſe os deixava alli cortariaõ a gente da guarda, e ſoldados, que ainda vinhaõ no dito ſitio; e ſendo obrigaçaõ dos Capitães aventurarem tudo por ſalvar, e defender a ſua guarda, lhe foy forçado pedir volta, e chamar *Santiago* antes de chegar ao ſeu Guiaõ, que jà eſtava perto, e aſſim acometeo os Mouros com o Adail, e a gente que o acompanhava, e dando ſobre elles, que eraõ muitos, pois como ſe ſoube depois paſſavaõ de mil, cuſtaraõ muito a romper: mas acudindo os do Guiaõ: Chriſtovaõ de Tavora, Alvaro Pires de Tavora, Franciſco de Tavora, D. Franciſco de Moura, e os mais Fronteiros os acabaraõ de lançar do campo; e desbaratando-os os pozeraõ em fugida com muitos mortos, e feridos, e taõ timidos, q̃ paſſando por muitos carros, q̃ os noſſos deixáraõ na ſerra com a preſſa, naõ os offenderaõ, ſendo q̃ ſabiaõ muito bem fazernos niſſo hum grande damno pela falta que haviaõ de fazer à Cidade.

O Adail Sebaſtiaõ Gonçalves Pitta foy o primeiro q̃ voltou ao brado do Capitaõ; e naõ o acompanhando mais que até quarenta de cavallo fez com elles maravilhas; parou defronte do portal bem abaixo do vallo, por onde os Mouros tinhaõ entrado, e dalli bradou á gente que ſe detiveſſe; mas hiaõ alguns Fronteiros taõ cevados nos Mouros por aquella parte, e pela donde hia o Capitaõ, q̃ naõ ouviraõ a grita, e chegáraõ até o dito portal, e naõ cabendo os Mouros por aquelle lugar, ſe lançáraõ de muitas partes por cima do vallo, ſem ficar algum dentro, e naõ contentes os noſſos, que alli eſtavaõ, com iſſo, naõ ſendo mais q̃ atè quinze, eſperáraõ os Mouros, q̃ tornaſſem a voltar alli, e com as lanças varadas, por hum bom eſpaço defenderaõ o aperto da gẽte, q̃ naõ entraſſem, onde de ambas as partes, ſe recebeo muito damno de lanças, de arremeço, e bèſtas, cõ morte, e ferimẽto de muitos dos noſſos. Os mortos foraõ nove, q̃ os Mouros deixaraõ ſem cabeças: contaſe entre elles Manoel de Mello, Antonio Jaques, D. Diogo de Avelhaneda, Antonio de Mello de Tavilla, Fernaõ de Lima, o qual tendo acabado de ſervir ſua Comenda havia dous mezes ſe detinha ſervindo a ElRey atè a volta do Capitaõ Joaõ Calado, Franciſco Barroſo, Alvaro Rabello, e outros de menos nome.

Os

Os feridos foraõ D. Gil Annes, D. Diogo de Caſtelobranco, Gaſpar Antunes, e outros; D. Diogo deCaſtellobranco achandoſe com o cavallo muito ferido ſe foy retirando para a companhia de Franciſco de Tavora, e Chriſtovaõ de Tavora, q ſe acháraõ embaixo, e otrouxeraõ no meyo atè o cavallo lhe cahir; e naõ podendo tomar ancas veyo a pè, atè que hum Atalaya lhe deu o ſeu cavallo, e por iſſo foy logo cativo. Todos fizeraõ raras proezas. Do Adail ſe conta que matou mais de trinta Mouros; finalàraõſe tambem muito Nuno Furtado, D. Franciſco de Moura, D. Rodrigo de Mello, Gaſpar Pereira derribou dous, e com hum delles ſe juntou, e indo o Mouro para o ferir, lançoulhe a maõ aos cabellos, e o derribou, e os companheiros o matáraõ, paſſando elle no alcance dos mais. Gonçallo Mendes de Brito ſe atracou com outro, cahindo ambos em terra, e fugindolhe o cavallo, tomou o do Mouro. D. Joaõ de Azevedo, Gonçallo Pereira, Diogo de Mendonça, Luiz de Caſtilho Joaõ de Barros, Balthazar Leitaõ, Alvaro Pires de Tavora, todos fizeraõ maravilhas, parecendo rayos devoradores. Foy grande o eſtrago dos Mouros, aſſim de mortos, como de feridos. Da noſſa parte naõ ſe perdeo couſa alguma, mais que onze homens. Com eſte glorioſo ſucceſſo coroou, e rematou Lourenço Pires de Tavora felizmente o tempo do ſeu governo, e voltando para Portugal, continuou o cargo de Concelheiro de Eſtado. Succedeolhe no de Capitaõ de Tangere D. Joaõ de Menezes.

CAPITULO CXIII.

De huma pratica que D. Aleixo de Menezes fez á Rainha Dona Catharina, e ao Cardeal Infante ſobre a creaçaõ delRey, quando ſe lhe deu por Confeſſor o Padre Luiz Gonçalves da Camera ſeu Meſtre.

TEndo o Padre Luiz Gonçalves da Camera da Companhia de Jeſus o cargo de Meſtre delRey, e o Padre Fr. Luiz de Montoya da Ordem dos Hermitães de Santo Agoſtinho o de ſeu Confeſſor, eſcuſandoſe eſte do cargo por ſua humildade, que era homem de ſanta vida, e por ſer jà velho canſado, e naõ poder, ou naõ querer ſeguir a Corte; trabalhou o Meſtre, e ſahio com o ſeu intento de ficar por Confeſſor contra o parecer de muitos, e como D. Aleixo de Menezes, Ayo delRey conhecia o ſeu genio, e antevia em que o negocio havia de vir a parar, aguardando occaſiaõ, em q̃ o Cardeal veyo viſitar a Rainha lhe fallou namaneira ſeguinte.

Deſde

Deſde o tempo que por nomeaçaõ delRey noſſo Senhor, que Deos tem em ſua gloria, e approvaçaõ de Voſſas Altezas, me foy encommendada a creaçaõ delRey noſſo Senhor, tratey ſempre de correſponder da minha parte à grande confiança deſte cargo, e do tempo, e conjunçaõ, em que me foy entregue, atalhando quanto em mim foy poſſivel às occaſioens de trabalhos, e perturbaçoens taõ temidas, e choradas nos Reynos, em que os Principes ficaõ de taõ pouca idade, e ſem buſcar exemplos em Reynos eſtranhos, alcançey q̃ nos de Caſtella, e Portugal foraõ entre outras menores, ſete cauſas as principaes, com que os Ayos, e guardas dos Principes os deſencaminharaõ a elles, e perturbàraõ a paz, e quietaçaõ do Povo, e cauſàraõ diſcordias, e mortes, entre a Nobreza; a todas as quaes procurey o remedio em mim proprio, cortando pelo poder, e authoridade, licitos a meu cargo, tudo o que podia de algum modo inclinar a eſtes taes extremos.

A primeira cauſa de males publicos, e fundamento de valias, e privanças particulares, foy criarem os Principes em deſamor, e pouca obediencia de ſeus parentes, perſuadindo-os que o verdadeiro modo de reynar conſiſtia em naõ reconhecer ſogeiçaõ a peſſoa alguma; e que o reſpeito de mãys, tias, e avòs, e mais peſſoas de ſangue he hum certo modo; de cativeiro, e indigno da grandeza, e liberdade Real; porque em quanto com eſta arte alienaõ a vontade delRey, da quelles, que por razaõ da ſua grandeza o pòdem cõ authoridade aconſelhar nas couſas, o trazem com mais afrontoſo cativeiro ſogeito aos ſeus intentos, e proveitos particulares.

Deſte extremo taõ perigoſo eſtá ElRey noſſo Senhor taõ fòra como a experiencia tem moſtrado a Voſſas Altezas a cuja obediencia, e concelho o criey, ſempre taõ ſogeito que nunca me ouvio tratar das grandezas de ſeu Eſtado, ſem que juntamente entendeſſe que as naõ tinha abſolutas; mas ſubordinadas ao parecer, e diſpoſiçaõ de Voſſas Altezas; e ſendo aſſim que he authoridade deſte cargo, que ſirvo, e alargueza das cõmiçoens, que ſe me tem dado, ſe eſtendem a prohibir, e conceder a ElRey muitas couſas de ſeu goſto, jà mais lhas concedi, ou neguey, ſem moſtrar que conſultava primeiro á Rainha noſſa Senhora; porque alegrandoſe com a licença, e liberdade tiveſſe conhecimento, agradecimento, e amor a quem lha dava, e atalhandoſe os exceſſos de ſeu appetite, reconheceſſe, e veneraſſe quem o podia mandar.

A ſegunda cauſa, que deſterrou ſempre a paz dos Reynos, e alterou a Nobreza delles, foy quererem-ſe os Ayos ſuſtentar no favor, e graça, dos Principes apartando de ſua communicaçaõ as peſſoas de Eſtado, valor, e concelho occupando os lugares principaes de ſeu ſerviço com ſeus parentes, e amigos que attentos

a louvar o governo, e felicidade de quem os accreſcenta, e vituperar os de quem ſe receaõ, ſervem de humas eſpias ordinarias das acçoens, penſamentos, e palavras do Principe, e dos que fallaõ com elle atalhando os caminhos todos, por onde lhe pode chegar a verdade, e deſengano do Eſtado, em que vive.

Neſte caſo, como taõ perigoſo me portey, e houve de modo, que nunca pedi cargo, nem officio para parente meu, poſto que a muitos delles por capazes, e benemeritos ſe puderaõ dar alguns, que ſolicitey para eſtranhos: e ſe alguns por eleiçaõ de Voſſas Altezas entraraõ na guarda, e ſerviço delRey, naõ foy por negociaçaõ, nem induſtria minha. Nem eu (podendo bem fazello) os avantajey nunca aos mais da guarda, communicaçaõ, e ſerviço delRey noſſo Senhor; mas com huma igualdade cõmua a todos, aſſiſtiaõ ſempre ao que lhes tocava, evitando com iſto o penſamento; que podiaõ ter de valerem mais por minha via, e a queixa dos outros Fidalgos quando pela meſma ſe viſſem menos favorecidos. E a ElRey perſuado ſempre, que à imitaçaõ de Deos ſeja no amor, e favores igual, e indiferente a todos os ſeus: e que ſò tenhaõ melhoria ante elle os que ſe avantajaſem em virtudes, e merecimentos proprios.

O terceiro fundamento de diſcordias foy a cobiça, e grande ambiçaõ dos que tem os Principes em ſeu poder, q̃ uſando mal da conjunçaõ do tempo, e daquella vontade ſogeita pela criaçaõ, e pouca experiencia a tudo o que pedem, e lhe aconcelhaõ coſtumaõ accreſcentar ſuas caſas, e peſſoas com Eſtados, e titulos, e rendas, que as mais das vezes, ou ſe tiraõ aquem melhor as tem merecido, ou ao Patrimonio Real, que concideraõ pobre para merecimẽtos alheyos, e muy rico para os ſeus proprios.

De meu procedimento neſte particular dá bom teſtemunho o eſtado da minha fazenda, a que depois, que entrey neſte cargo, ſenaõ accreſcentou couſa alguma, e me acho no fim do ſerviço, e idade taõ pobre, como entrey nelle, naõ que deſconheça cõ iſto a vontade que em ElRey noſſo Senhor, e Voſſas Altezas achey muitas vezes para o meu accreſcẽtamento, e de meus filhos; mas quiz guardar eſtas mercès para tempo, que entregue ElRey noſſo Senhor do governo dos ſeus Eſtados, e livre de minha guarda, e adminiſtraçaõ ſe veja que naſcem todas, mais do ſeu animo, e vontade, que de minha cobiça, e nogociaçaõ.

O quarto fundamento, q̃ muitos tomáraõ para accreſcentar a ſua eſtimaçaõ, e valia foy apartarem os Principes da afabalidade, e cõmunicação dos ſeus Vaſſallos, em particular dos Nobres, perſuadindolhes que a verdadeira grandeza conſiſtia em dar pouca parte de ſi ao Povo, e accreſcentar com ſeveridade o reſpeito, e veneração propria, da Mageſtade Real, que nunca he bẽ reſpeitada, ſem ſer em alguma ma-

neira temida ; attendendo niſto a converter em ſi agraça , e favor popular , que tiraõ ao Principe, em quanto (como entre Nuncios) daõ repoſtas , e diſpenſaõ merces , que os Reys houveraõ de fazer por ſi meſmos.

Deſte mal taõ nocivo , e perjudicial para quem hà de ſenhorear animos Portuguezes, em que pòdem mais os favores dos Principes , que todos os intereſſes da vida , trabalhey por apartar a Sua Alteza tanto com mayor cuidado , quanto mais conheci ſempre em ſeu animo huma grandeza, e penſamentos altivos , moſtrandolhe com vivas razões , que a propriedade, e forças dos ſeus Reynos , e conſervaçaõ de ſua Coroa , conſiſtia no bom tratamento dos Nobres de Portugal.

O quinto defeito de Ayos , que com evidencia ſe deixa conhecer nas peſſoas dos Principes, he em tudo contrapoſto ao inconveniente paſſado, em quanto com affabillidade, ou familiaridade ; e continua converſaçaõ dos Reys, com as licenças da ſua pouca idade , deſcuidandoſe nas ceremonias , e tratamento da Mageſtade Real em fórma que deſcuidados, quando mayores, da gravidade , e termos neceſſarios à ſua grandeza , ou faltaõ nellas em occaſiões, e tempos devidos, ou as uſaõ impropriamente , e como empreſtados ; erros que coſtumaõ cauſar deſeſtimaçaõ , e pouco reſpeito do Principe no animo de ſeus Vaſſallos. Sobre o que me deſveley de maneira que antes del Rey noſſo Senhor chegar ao perfeito uſo da razaõ, e depois velando, e dormindo ſò, e acompanhado , o tratey, e venerey, ſempre com as ſalvas , e ceremonias, q̃ fizéra a El Rey ſeu avo, ſe fora vivo, attendendo naõ ſò a criar hum Principe de coſtumes correſpondentes ao ſeu Eſtado, mas a enſinar com meu exemplo aos Fidalgos da ſua criaçaõ , que naõ viraõ a Mageſtade dos Reys paſſados , a ſubmiſſaõ, e reſpeito , com q̃ ſempre foraõ venerados os Reys Portuguezes.

A ſexta cauſa de males publicos conſiſte em inclinarem aos Principes com demaſia a exercicios de guerras , e caça , jogos , feſtas, e outros , que em mediania ſaõ virtudes , e nos extremos vicios ; porque em quanto os Reys occupados em qualquer daquelles , a que ſeu natural mais os inclina ſe deſcuidaõ do Eſtado, e governo publico, para que poſſaõ os que aſſim os tem em ſeu poder , meter mão com mayor liberdade no regimento do Reyno , e adevocar a ſi tudo aquillo , que os Principes deſamparaõ, como a experiencia me tem moſtrado na grande vehemencia, com que El-Rey noſſo Senhor aprehende qualquer couſa a que o inclinaõ : e como em tudo aquillo, q̃ começa buſca logo os extremos, trabalhey naõ ſò de o apartar de vicios, que em ſua natureza os naõ hà ; mas de temperar , e dar modo em ſeu animo às virtudes ; porque poſtas no extremo naõ venhão a perder ſua natureza,

e compornos hum Rey vicioso por excesso de virtude: que erros na inclinação del Rey nunca acharaõ lugar, senão com pretextos de bons intentos, que excedão a mediania, e igualdade necessaria a quem hà de Reynar.

De inclinar o animo real, ou inclinado naturalmente, lhe premittir costumes viciosos, que he a setima, e mais propinqua causa de sua perdição, por onde alguns abrirão illicito caminho à sua privança, não trato; porq̃ nem o sogeito, e Real natureza deste Principe he capaz delle, nem justo, que eu pertenda louvor dos erros, que não commetti, quando attenta a obrigação de minha pessoa, e cargo, ainda pelas virtudes se me não devem graças: assim que mediante o bom natural, que Deos foy servido dar a Sua Alteza, e alguma pouca industria, que puz para o apartar dos inconvenientes referidos, tem Portugal té o presente hum Principe de claro, e maravilhoso entendimento, temeroso de Deos, e por extremo zeloso da exaltação da Fe Catholica, de animo liberal, inclinado á misericordia, desejoso de fama, e nome honroso, e de tão grandes pensamentos, que medidos com seu Estado, parecem nascidos para mayores Imperios: e finalmente tal, que se estas prefeições não subirem a grande extremo, ou novas communicaçoens o não mudarem pelo discurso do tempo, do estado em que o temos agora, gozarà Portugal do mais excellente Principe, que teve de muitos annos a esta parte.

Tudo o qual me pareceo justo conferir com Vossas Altezas, naõ por querer agradecimentos, ou satisfaçaõ de cumprir com o que devia, nem por imaginar que alguma cousa destas lhe seja occulta, mas como com as liçoens, e novos exercicios de Estado ha de ter ElRey nosso Senhor mais communicaçaõ que a minha, de que se lhe póde seguir affeiçaõ que o guie por differente caminho, do que lhe eu tenho mostrado, quiz fazer a Vossas Altezas esta lembrança, e pedirlhe, que attendaõ ao estado, em que de presente temos a ElRey, para se medir com o do tempo ao diante, que naõ duvido ser taõ melhorado em tudo, quanto a capacidade, e mayor conhecimento das cousas são avantajadas em Sua Alteza, do qual assim como não he justo que usurpe eu a gloria, sendo o fruto de trabalho, e industria alheya, assim não queria que se me roubasse a que mereci com tanta vigilancia, e trabalho do pensamento, q̃ não he tão pequena honra, por igual a qualquer das q̃ herdey de meus antepassados; e como minha muita idade acompanhada de algumas indisposiçoens, não dão lugar a tão continua assistencia, como atégora fiz com a pessoa del Rey nosso Senhor, he justo, que Vossas Altezas supraõ com o seu cuidado onde naõ abranger o meu, e ajudem a sustentar a Portugal hum Principe ornado de partes taõ merecedoras de

Imperio;

Imperio ; porque ſe naõ perca em poucos dias o trabalho de muitos annos , e chorem os ſeus Vaſſallos para ſempre a mudança de taõ excellente natural , onde os mayores vicios tememos , que venhaõ a ſer os exceſſos de virtude.

Com differentes effeitos foy ouvida eſta pratica, porque a Rainha a recebeo com algumas lagrimas , naſcidas por ventura do que colligio do pezo , e ſentido das palavras , e do receyo , e ſuſpeita, com que foraõ ditas , ſabendo que ſenaõ movera a eſta demonſtraçaõ huma peſſoa taõ grave , e conſiderada , como D. Aleixo , ſem grande fundamento : e o Cardeal , como Author principal da eleiçaõ do Meſtre , vendo que em alguma maneira ſe punha duvida ao acerto della , ficou ſuſpenſo , e carregado , aguardando q̃ a Rainha reſpondeſſe , a qual enxugando as lagrimas , diſſe a D. Aleixo, que de ſua fidelidade , e vigilancia , em crear , e doutrinar a ElRey ſeu neto , lhe naõ dava graças , porque todas ſeriaõ menos das que ſe lhe deviaõ ; porèm que a tudo aquillo , e a mais era obrigado fazer , tanto pelo reſpeito de ſeu ſangue , e peſſoa , quanto pela grande confiança que ElRey, que Deos tinha em ſua gloria , fizera delle para o deixar nomeado por Ayo , e guarda de ſeu neto , antepondo-o a todas as mais peſſoas que havia no Reyno ; e q̃ na meſma divida lhe eſtava a ella , e ao Cardeal ſeu irmaõ , que com a propria vontade approvaraõ a nomeaçaõ delRey ſeu Senhor , crendo que quando ElRey ſeu neto ſahiſſe ſemelhante a ſeus coſtumes, ſeria qual elles deſejavaõ, e o Reyno havia miſter; e que com o Meſtre que novamente ſe dava a ElRey , naõ era ſeu intento alterar no poder de ſeu cargo couſa alguma , nem eſcuſarlhe o cuidado , e vigilancia ordinaria , pois aſſim o tempo , e modo das liçoens , a communicaçaõ , praticas , e doutrinas do Meſtre com ElRey , tudo queria que foſſe regulado , e medido por ſeu parecer ; pelo que lhe pedia , e mandava , que ſe até entaõ trabalhara muito na criaçaõ , e doutrina delRey , dalli em diante o fizeſſe tanto com mayor cuidado , quanto a idade , e mayor conhecimento que hia tendo das couſas , requeriaõ mais particular aſſiſtencia , em que ella lhe promettia tomar ſua parte , e que pediria ao Cardeal ſeu irmaõ o tomaſſe tambem à ſua , como quem tinha taõ grande parte no bem , ou mal deſte Reyno.

Com iſto ſe calou a Rainha , e o Cardeal em poucas palavras diſſe a D. Aleixo , q̃ conhecia quanto ao juſto correſpondera ſempre à ſua obrigaçaõ em todas as couſas , e muy particularmente na creaçaõ , e doutrina delRey ſeu Senhor , e que aſſim eſperava que correſpondeſſe ao diante em companhia do Meſtre que ſe lhe dava,

que como peſſoa de vida taõ religioſa, eſperava que ſobre os bons fundamentos, que elle lhe tinha lançado, fundaſſe, ou formaſſe hum Rey taõ Chriſtaõ, e ornado de virtudes, como o Reyno eſperava, e havia miſter, para o que naõ perdoaria a trabalho de ſua peſſoa.

Dito iſto ſe deſpedio o Cardeal da Rainha com a meſma melancolia com que reſpondera, e ouvira a pratica a D. Aleixo, o qual querendoſe tambem deſpedir da Rainha, lhe diſſe ella, que lhe agradecia muito o que lhe diſſera, e o tempo, e occaſiaõ que buſcara para lho dizer, e que naõ eraõ menores os temores que ella tinha, dos que colligira de ſuas razoens; porèm que a guarda, e tratamento do corpo delRey ſeu neto, deſde entaõ lha encomendava de novo, e entregava com mayor authoridade, ſe mayor podia ſer. Ao que lhe reſpondeo D. Aleixo, que pouco importava a guarda do corpo, ſe entraſſem, e voltaſſem a ElRey por via da alma, e com pretexto de conſciencia, e virtude o levaſſem a extremos, e ſingularidades. *Façamos o que eſtà em noſſa maõ*, (lhe reſpondeo a Rainha) *e deixemos a Deos a ſua parte, pois he quem diſpoem, e governa os coraçoens dos Reys, e quando elle permitta que pela via menos imaginada venha taõ grande calamidade ao Reyno, naõ ſeremos participantes da culpa, ainda que oſejamos no ſentimento.*

CAPITULO CXIV.

De como governou a India Joaõ de Mendoça, e do que em ſeu tempo ſuccedeo.

FAlecido o Conde ViſoRey D. Franciſco Coutinho, trataraõ logo os Cavalleiros, e Senhores, que ſe achavaõ na Cidade de Goa de lhe dar ſucceſſor, que governaſſe o Eſtado da India; e eſtando ainda o corpo defunto preſente na Igreja de S. Franciſco, onde ſe depoſitou, juntos os Eccleſiaſticos, e Seculares de mayor authoridade, Miniſtros, e Officiaes, como he uſo, abrioſe a primeira ſucceſſaõ, e ſe achou nomeado nella D. Antaõ de Noronha, que tinha voltado para o Reyno; abrioſe a ſegunda, e ſahio Joaõ de Mendoça que eſtava preſente, tendo vindo do governo de Malaca, a quem o Secretario Manoel Leitaõ leo a ſucceſſaõ, e elle a aceitou, de que ſe fez hum termo, em que ſe aſſignou, e logo alli na Capella mòr deu a homenagem do Eſtado nas mãos do Capitaõ da Cidade Lopo Vaz de Sequeira; e depois poſto de joelhos diante de hum Altar, que para iſſo ſe armou, pondo as mãos ſobre o Miſſal, onde eſtava tambem hum Crucifixo, jurou de guardar, e manter juſtiça ás partes, conſórme o eſtylo da terra.

Feito

Feito isto enterrouse o corpo do Conde, e o novo Governador se recolheo para as casas em que pousava, que estavaõ a nossa Senhora do Rosario, donde senaõ quiz mudar para a Fortaleza, onde estaõ os Paços dos Governadores; porque no Setembro seguinte esperava por ViloRey, e por seis mezes naõ quiz fazer mudança de casa.

Principiava a dar expediçaõ ás cousas do governo, enviando Capitães para algumas Praças, quando chegaraõ a Goa Embaixadores do C,amorim de Calecut a visitar o Governador, e a fazerlhe queixa dos grandes estragos, que nas suas embarcaçoens que navegavaõ com Seguros, tinha feito Domingos de Mesquita, contra o capitulado nas pazes celebradas de parte a parte: e para que melhor se entenda o caso, he de saber, que persentido o Conde ViloRey passado daquella reposta do dito C,amorim, quando elle lhe mandou fazer queixa de semelhantes roubos, como consta do capitulo 41. determinou vingarse para poder dar em satisfaçaõ a mesma reposta, ou desculpa, para o que se lhe offereceo boa occasiaõ, sabendo que passavaõ aCambaya mais de oitenta fustas Malavares, as quaes navegavaõ com Seguros dos nossos Capitães de Chale, e Cananor, determinou destruillas, e para isso mandou ao dito Domingos de Mesquita, Cavalleiro de muito valor, e pouco escrupulo, proprio para aceitar esta acçaõ naõ pouco escrupulosa. Partio a executalla com cento e vinte homens em tres navios, sem declarar a alguem aquella jornada, nem se saber para onde era.

Chegado elle ao rio de Carapataõ, mandou surgir defronte delle duas legoas ao mar; porque nem por huma, nem por outra parte passasse embarcaçaõ alguma, que elle naõ visse, e alli se deteve de meado de Fevereiro atè o fim de Março, tempo em que os Malavares voltavaõ de Cambaya, e assim tanto que appareciaõ a dous, e a trez, e a quatro os hiaõ pilhando, e levados os tristes a bordo das nossas embarcaçoens a hum, e hum lhe cortavaõ as cabeças, e lançavaõ ao mar, e outros botavaõ vivos, cozidos nas suas proprias velas, e dando furo nos navios os metiaõ no fundo, e desta sorte destruhio mais de vinte, e matou mais de dous mil Mouros, em que entravaõ alguns de Cananor, que foy causa de se renovar a guerra passada, que estava quieta, como adiante se verà. E foy taõ grande a perda, que abrangeo a todos os portos do Malavar, e foy em todos elles muy sentida, e chorada geralmente, e muitos quebraraõ de todo, pelos cabedaes que alli traziaõ, e estando o Mesquita nesta acçaõ, morreo o dito ViloRey, e succedeo a eleiçaõ do successor, e a vinda

vinda dos queixoſos à Cidade de Goa.

Moſtrouſe Joaõ de Mendoça muy ſentido, e diſſe aos Embaixadores o que lhe tinha guardado, e lhe houvera de reſponder o Conde ViſoRey, ſe fora ainda vivo: *Que aquelle Capitão devia ſer algum Portuguez levantado, que o caſtigaſſem por lá ſe o pudeſſem colher, que elle faria o meſmo, ſe por cà appareceſſe.* E eſtando os Naires para ſe voltarem com eſta bem merecida ſatisfaçaõ, e outras mais apparentes, que verdadeiras. Chegou á Barra de Goa o fingido levantado Domingos de Meſquita, e o Governador o mandou deſembarcar prezo á viſta dos Embaixadores para melhor diſſimular, os quaes ſe partiraõ logo mais ſatisfeitos do caſo, e o dito Meſquita foy ſolto, e muito honrado pelo Governador com agradecimentos, e merces, pela boa execuçaõ que dera ao que ſe lhe ordenou.

Huma Moura de eſpirito varonil, e de grande eſtimaçaõ entre a ſua gente por ſuas boas qualidades, mulher de hum dos mortos pelo Meſquita, que era hum dos principaes da terra, diſcorrendo pela Cidade de Cananor com grandes prantos, e fortes razoens, inſitou a Mouriſma á vingança daquelle feito. Convocaraõſe todos contra a noſſa Fortaleza, de que era Capitaõ D. Payo de Noronha, jurando de naõ largarem as armas atè naõ lançarem os Portuguezes fóra de ſua terra. Deu ElRey principio a eſta ira com abrazar arrebatadamente mais de trinta navios, que ſe abrigavaõ com aquelles muros. Deſpachou logo o Governador a Andrè de Souſa com ſeis navios em ſoccorro daquella Praça, aonde já achou poderoſo a Ade Rajão. Aſſim ſe abrio a guerra no Malavar, e proſeguia lentamente.

Chegaraõ neſte tempo, que era principio deSetembro de 1564 as naos do Reyno, em que hia por ViſoRey D. Antaõ de Noronha, a quem Joaõ de Mendoça ſem alteraçaõ entregou aquelle governo, com que ſe achava, mais em depoſito, que em poſſe, naõ deſmerecendo a ſua qualidade, e boa correſpondencia com o virtuoſo, e humano, tello dilatado tempo. Sahio pobre da India, havendo tido poſtos grandes nella; que o ſahir da India pobre quem nella teve alguma maõ, he a execuçaõ da verdadeira bondade, e grandeza de animo. De Malaca ſahio com pouco, e do governo do Eſtado com menos, pelo pouco tempo que o teve, e pelo ſeu grande deſapego, e liberalidade. Partio para o Reyno no Janeiro ſeguinte de 1565. e achando temporaes contrarios, naõ querendo ir a Moçambique, arribou a Ormuz, e dahi ſeguio ſua viagem para Liſboa, aonde chegou a ſalvamento.

CA-

CAPITULO CXV.

Do ViſoRey D. Antaõ de Noronha, e dos ſucceſſos da India em ſeu tempo.

NA monçaõ de Março do anno de 1564. partio para a India D. Antaõ de Noronha, mandado pelo Cardeal Infante D. Henrique, Regente deſte Reyno, por ViſoRey daquelle Eſtado para ſucceder ao Conde do Redondo. Eſte Cavalheiro era o primeiro nomeado nas vias que a Rainha Dona Catharina dera ao meſmo Conde, e por ter vindo para o Reyno lhe naõ ſuccedera, como no capitulo paſſado ſe diſſe. Com mayor authoridade voltava agora ao Eſtado, onde era já bem conhecido por ſeu valor, e eſforço, e pela prudencia, e limpeza de mãos, com que tinha governado a Praça de Ormuz. Levou na ſua conſerva quatro naos, e chegando a Goa foy bem recebido com grande aplauſo, pelo que conheciaõ delle, e pelo que elle conhecia de tudo; a primeira couſa em que entendeo, foy em ſoccorrer com huma grande Armada a Praça de Cananor, que eſtava cercada por cauſa do que ſe diſſe no capitulo precedente. Foy por Capitaõ mòr do ſoccorro D. Antonio de Noronha, que havia de attender à guerra por terra, e á do mar Gonçallo Pereira Marramaque. Partio tambem logo Pedro da Sylva e Menezes com ſete navios, para aſſegurar as cafilas dos mantimentos, que vinhaõ para Goa, onde hiaõ faltando. Deſcompollos o mar para a parte do rio Canaroto, e deſgarrandoſe tres, ſe encontraraõ com outros tantos dos Malavares, com quem pelejaraõ, e os prenderaõ, e já vitorioſos ſe vieraõ encorporar na Elquadra, junto de Mangalor. Dalli voltando todos, entraraõ entre os Ilheos, e a terra firme o Corſario Murimuja, Mouro eſforçado com dezaſete paráos, com os quaes pelejaraõ furioſamente. Ao principio ſe nos moſtrava a fortuna pouco favoravel; mas por fim foraõ os Mouros vencidos, com morte do pirata, e quinhentos dos ſeus; e dos noſſos ſómente trez; afundaraõlhe dous paráos, e tomaraõ cinco; aos mais ſeguiraõ o alcance atè o rio de Pudepataõ, aonde foraõ ſoccorridos por outros muitos, facudindo muy bem a todos a noſſa artelharia, da ſua foraõ ganhados vinte canhoens de bronze.

Cuidadoſo o ViſoRey da guerra de Cananor, deſpachou a D. Paulo de Lima Pereira com quatro galés de ſoccorro, o qual havia feito grandes eſtragos nos Malavares. Chegando a Betecalà aviſtou o pirata Canatale, Malavar, com ſete paráos carregados de prezas da Coſta do Norte. Bem conheceo D. Paulo a ventagem

do

do contrario; mas por ſe naõ moſtrar temeroſo, partio velozmente a enveſtillo. Pelejouſe com terrivel porfia; o Capitaõ contrario com mais tres dos ſeus abordaraõ ao noſſo, e os outros aos mais. Fugiraõ logo vergonhoſamente duas das noſſas embarcaçoens. Bento Caldeira de Almada perſeverou conſtante atè q̃ abrazado com os ſeus ſe foy ao fundo. Ficou ſò entre os inimigos o valeroſo D. Paulo, onde fez couſas incriveis atè fazer retirar o pirata, deſenganado de o poder render, com grande eſtrago nos ſeus navios, e mais de duzentos homens mortos, e dos de D. Paulo trinta, e outros muitos feridos, e elle mortalmente em quatro partes, e com eſta grande proeza voltou para Goa, naõ podendo jà ir a Cananor.

Aqui eraõ apertados os noſſos da grande multidaõ dos barbaros, que tinhaõ a ſeu arbitrio a campanha. Reſiſtiolhe valeroſamente Andrè de Souſa atè que o mataraõ. Succedeolhe D. Antonio de Noronha com o ſoccorro, que levou, e fez taes eſtragos nos inimigos em varios recontros, matandolhe atè dous mil, e deſtruindolhes os Palmares, fruto de que principalmente ſe ſuſtentaõ, que irritou de tal ſorte a Cidade, e com ella todo o Malavar, donde concorreraõ contra a Fortaleza noventa mil combatentes. Aviſou deſtes apparatos a D. Payo de Noronha hum Naire, chamado *Nicorigoaripo*, leal amigo dos Portuguezes, aconſelhando-o recolheſſe na Fortaleza a gente, e tudo o que houveſſe na Povoaçaõ; porque era impoſſivel poderſe eſta defender. Executouſe o conſelho, porèm D. Antonio diſſe, que naõ deſiſtiria por nenhum caſo da defenſa daquelles muros, ou taipas com os ſeus ſoldados em quanto lhe duraſſe a vida, para o que ſe fortificaraõ todos com os Santos Sacramentos, adminiſtrados pelos Religioſos de S. Franciſco, que em todos os perigos lhe aſſiſtiaõ, animando os. Paſſaraõ a noite com as armas na maõ.

Ao romper da manhãa chegou Ade Rajao com aquella grande multidaõ, e logo enveſtio as fortificaçoens com grande gritaria, que atroava a terra, arrimando as maquinas ao muro, e montando o mais de dous mil homens, muitos entraraõ na Povoaçaõ. Sahiolhe ao encontro Manoel Travaços com trinta ſoldados, o qual com rija diſputa degollou a muitos. D. Antonio de Noronha andava intrepido diſcorrendo as eſtancias, animando a ſua gente, achando em todas as partes mais que admirar, do que advertir. Hia cortando corpos barbaros, e vendo os cortar pelos ſeus. Foy notavel o eſtrago, que ſe fez nelles nas eſtancias de Thomè de Souſa Coutinho, de Gaſpar de Brito, e dos dous Betancores: as balas deſpedidas contra taõ baſta multidaõ ne-

nenhuma ſe perdia. Já retrocediaõ temeroſos de taõ brava reſiſtencia, quando acodiraõ dous Caſſizes a animallos, e os fizeraõ proſeguir. Eſtavaõ os Religioſos entre tanto em oraçaõ na Fortaleza, e as mulheres com os filhinhos ao colo diſcorriaõ choroſas de humas partes para outras, naõ ſe dando por ſeguras em alguma, e concorrendo á Igreja pediaõ favor, e miſericordia ao Senhor dos Exercitos.

Neſte tempo entrando dous Religioſos com hum Crucifixo nas mãos cada hum, pelos ſitios mais arriſcados, tal foy o esforço que communicaraõ com aquelles Sagrados Eſtandartes nos noſſos ſoldados, que com perda de mais de cinco mil barbaros os fizeraõ retirar, e dos noſſos morreraõ taõ poucos, que delles ſe naõ fez conta. Teveſe o ſucceſſo por milagroſo, e todos concorreraõ á dar graças ao Senhor pela vitoria que lhes dera. As mulheres, trocando as lagrimas de temor em alegria, abraçavaõ com grande contentamento aos defenſores vitoriosos. Chegou Gonçallo Pereira com a ſua Armada, com que ficaraõ mais alentados, e pouco depois Alvaro Paes de Soutomayor, para ſucceder a D. Payo. Ambos proſeguiraõ a guerra, e aſſollaraõ a ferro, e fogo a Cidade de Ade Rajão, talhandolhe hum grande boſque de palmas, tudo a pezar de brava reſiſtencia, com muita mortandade inimiga, ſem perda de hum ſó Portuguez; e niſto veyo a parar a guerra de Cananor, que tanto aſſombrou ao principio.

Naõ era menor o trabalho, que ſe experimentava em Ceilaõ; porque o tyranno Raju ſempre implacavel, deſejando fazerſe ſenhor de toda a Ilha, convocando hum poderoſo Exercito, dando moſtras que marchava a Cota, acometeo arrebatadamente huma noite a Columbo, e ſubiraõ as muralhas mais de dous mil. Acudio á defenſa o Capitaõ Diogo de Ataide com D. Martinho de Caſtellobranco, e outros Cavalheiros, e os rebateraõ com eſtranho valor, huma, e muitas vezes, atè que pela manhãa ſe retiraraõ com perda de mais de quinhentos. Aſſentou o inimigo de render por ſitio huma, e outra Praça. Quiz cegar o foço de Cota, e ſahiraõ contra os gaſtadores cincoenta dos noſſos, que amparados de huma nuvem, que os encobria (ſucceſſo, que ſenaõ foy favor Divino, naõ pareceo ordinario) fizeraõ grande eſtrago nos contrarios, ſem ſerem offendidos, com que os fizeraõ deſiſtir. Foy teſtemunha da maravilha Fr. Simaõ de Nazareth, Religioſo Franciſcano, que os acompanhava. Porèm Cota chegou a extrema neceſſidade, e querendo remediar a fome com algum Elefante dos inimigos, fizeraõ huma ſahida de pouco pro-

veito; deſeſperados muitos ſoldados, quizeraõ fugir para os contrarios; reduzio-os o Ataide com favores, e deſpezas, que fez de ſua fazenda.

Sabendo Jorge de Mello, Capitaõ da Ilha de Manar o perigo de Cota, perſuadio a ElRey de Candea, inimigo de Raju, entraſſe por ſuas terras agora que eſtava auſente; e o intento era para o divertir de Cota. Executouſe na companhia de alguns Portuguezes, deſtruindo tudo, e pondolhe por terra a grande Cidade de Chilao; porèm eſtava taõ obſtinado, que naõ quiz deſiſtir do principiado; antes ſe preparou para dar hum bravo aſſalto de noite. Foy o Capitaõ aviſado por huma mulher, que ſe entendeo ſer o Anjo da Guarda; porque foy o total reparo, e unico remedio daquelle grande perigo. Aviſou Pedro de Ataide ao de Columbo, pedindolhe, que tanto que de noite ouviſſe a artelharia, ſahiſſe a dar nas coſtas ao inimigo empenhado no aſſalto. Acometeo Raju bravamente, mas naõ achou os noſſos deſcuidados como preſumia, nem com deſalento de esfomeados. Era incrivel o eſtrondo, e confuſa vozearia em toda a parte, e chegaraõ a entrar na fortificaçaõ por duas partes. Acudio a huma o Ataide com ElRey, e á outra Eſtevaõ Gonçalves, Capitaõ dos Inhames, e executaraõ taes bravozidades, que os fizeraõ largar o ganhado. Neſte tempo chegou de Columbo o Capitaõ Diogo de Ataide com Jorge de Mello, que tinha chegado de Manar com cem homens de ſoccorro, e por cauſa da eſcuridade naõ puderaõ obrar mais que abrazar os Reaes do inimigo, recolhendoſe a Columbo; porque ſahindo elle vencedor, era certo acometer logo aquella Fortaleza. Empenhou finalmente Raju o reſto do ſeu poder, acometendo em peſſoa o Baluarte de Preacota, aonde achou cincoenta ſoldados, que lhe pareceraõ outros tantos rayos; taes foraõ os eſtragos que obraraõ, e naõ menores nos mais ſitios. Vinda a manhãa, e conhecendo Raju quaõ debalde porfiava, ſe retirou eſcorrendo ſangue a Ceitavaca, com perda de mais de dous mil mortos, ſem faltar hum ſó dos noſſos.

Quem duvidarà de ſer prodigioſa eſta vitoria, e de nos aſſiſtir na batalha conhecidamente o favor Divino, mayormente naõ ſendo os defenſores mais de trezentos, e muitos delles velhos, e enfermos, e todos mortos de fome, durando o ſitio quatro mezes; porque a gente delRey ſe paſſou toda ao inimigo, accreſcentandolhe demaſiadamente o campo? Os meſmos barbaros affirmaraõ, que huma belliſſima mulher no ar, acompanhada de hum veneravel velho veſtida de roxo, recolhia, e cobria com hum manto, que tinha

nha azul, aos Portuguezes, e apparando nelle as balas, e ſettas, as fazia voltar contra os atiradores, e os matavaõ. Os quaes ninguem duvidou ſerem a Virgem Maria noſſa Senhora, e ſeu glorioſo Eſpoſo S. Joſeph. Saõ dignos de eterna memoria taõ fortes defenſores; fallaremos daquelles, de quem permanecem os nomes, merecendo-o todos perpetuo.

Gaſpar Pereira de Lacerda, que eſteve à entrada da Cidade com trinta ſoldados. Antonio Cardoſo Sueiro, defronte da Ilheta dos deſafiios; no paſſo dos moſquitos Manoel Lourenço; no dos Pachas Ayres Ferreira; Joaõ de Mello de Ataide no de Andrè Fernandes; Henrique Moniz Barreto em Preacota, de que era Capitaõ Franciſco Gomes Leitaõ; Joaõ Correa de Brito aos Mainatos; o Capitaõ mór Pedro de Ataide, ElRey, e outros Cavalleiros ſoltos para acuditem aonde os chamaſſe o mayor perigo; D. Franciſco de Noronha, Rodrigo Furtado, e Franciſco de Macedo, que recolhendoſe depois a S. Franciſco, naõ foy menos Religioſo, do que tinha ſido ſoldado.

Receoſo o Capitaõ mór, de que voltaſſe o inimigo a continuar o ſitio, mandou ſalgar quatrocentos dos mortos mais gordos para ſuſtento dos noſſos, por naõ haver outro, de que foy reprehendido por Fr. Simaõ da Nazareth; deſculpouſe o Capitaõ com a grande neceſſidade; mas naõ foy neceſſario eſte horrivel mantimento, porque logo acudio outro de Columbo, e o Raju naõ foy em eſtado de poder voltar logo. Porèm vendo a difficuldade, que havia em ſuſtentar com ſoccego a Cota, a deſmantelaraõ, paſſando ElRey a Columbo, onde naõ encontrou menor guerra depois nos animos ambicioſos dos Portuguezes, chegando a eſtado de o mandar ſoccorrer ElRey D. Sebaſtiaõ.

Neſte meſmo tempo vieraõ ſobre Damaõ tres mil cavallos Mogores. Aviſou o Capitaõ mór Joaõ de Souſa a Goa, e aos outros mais viſinhos. Acodio Triſtaõ de Mendoça de Chaul com duzentos homens, e o ViſoRey deſpedio quatro navios de ſoccorro. Tanto que ſe ajuntaraõ procuraraõ o inimigo, que ſó com a viſta fizeraõ fugir, deixando a bagagem no campo, de que os noſſos gozaraõ.

Os Miniſtros do Graõ Turco deſejoſos de communicar com Ormuz, tinhaõ propoſto pazes. Foy o motor deſtas praticas o Baxá de Baçorà, governando a India o Conde do Redondo. Pareceraõlhe grandes para ſerem tratadas ſem o meſmo Turco, ainda que o ſeu Miniſtro era authorizado, e mandou a Antonio Teixeira por Embaixador a Conſtantinopla, o qual era Cavalleiro de partes, e luzimentos para ſemelhantes actos. Entrou no anno de 1565. por aquelle barbarizado Palacio,

q̃ pouco antes fora christaõ; achou o Emperador no seu estrado fazendo coifas, que por adulaçaõ lhe compravaõ os Grandes de sua Corte por taõ alto preço, que só disto o sustentavaõ. Naõ he a occupaçaõ de mãos, e a applicaçaõ dos sentidos a cousas honestas acçaõ impropria nos Principes, antes louvada como virtude. Disselhe o Embaixador: *Que aquelle seu Baxà pedia pazes ao VisoRey da India, e a utilidade dellas para o Imperio Turco.* Respondeolhe o Emperador, sem deixar a occupaçaõ que tinha: *Eu a ninguem peço pazes, se ElRey de Portugal as quer, mande-me hum Grande de sua Corte, e ouvillohemos.* Com esta arrogante reposta lhe pareceo virse a Portugal, onde assentaraõ de lhe naõ responder.

CAPITULO CXVI.

Em que se prosegue a mesma materia.

1566 ENtrou o anno de 1566. com alguns successos varios, bem pouco favoraveis os primeiros, como foy sahindo duas Esquadras a dar caça á Frota que partia dos portos de Aquem para Meca huma nao da primeira, de que era Capitaõ Pedro Lopes Rebello encontrou huma das esperadas, e pelejaraõ ambas atè se abrazarem huma, e outra, salvandose o dito Rebello com alguns Mouros em huma galeota, que o seguia, sobre cuja repartiçaõ houve depois grandes desgostos. A outra Esquadra navegou com o mesmo intento até o Estreito, e voltando jà sem fruto, foy destruida de huma tormenta de cinco dias: sorveo o mar dous galeoens, e morreraõ quatrocentas pessoas.

ElRey de Cananor cançado jà da prolixa guerra, e das grandes perdas que por terra, e mar lhe tinhamos causado, sem elle poder tomar vingança, arrependido de a ter movido, pedio pazes, que se lhe concederaõ muito a nosso salvo. As ultimas acçoens deste argumento foraõ prezas de varios navios pela Costa do Malavar, cursada de Gonçallo Pereira Marramaque: morte de muitos Mouros, que acodiraõ a defender a aguada, que em Monte Deliz fazia Manoel de Brito, navegando de escolta com as cafilas, que vinhaõ nadando de Malaca, China, Maluco, Pegú, Bengala, e de toda a Costa de Coromandel para os portos Indicos: varios recontros, em que houve boas fortunas de nossa parte, menos em hum, que custou a vida a D. Lopo de Moura, deixando-o com opiniaõ de animoso; porque voltando aos hombros de hum escravo, por levar as pernas feridas de modo, que senaõ podia sustentar nellas, e renovandose o conflito, voltou como pode a elle, onde o mataraõ. Succedeo aqui hum feito memo-

ravel.

ravel. Caliſto de Sequeira, eſcopeteiro deſtriſſimo, abrio ſecretamente no campo huma cova, donde com ſua eſpingarda naõ perdia tiro; viaõ os barbaros o damno, e naõ deſcubriaõ quem o cauſava. Veyo hum a conhecer donde procedia, e fazendolhe tiro ao meſmo tempo que o noſſo apontava a elles, cahiraõ ambos mortos.

O grande Bramá do Pegú incitado de alguns Magicos, q̃ em ſeu naſcimento lhe prognoſticaraõ haver de caſar com huma filha delRey deColumbo, a mandou agora pedir: elle q̃ a naõ tinha, por naõ perder taõ boa occaſiaõ de ſe aproveitar da potencia daquelle Principe contra os Portuguezes, de quem vivia eſcandalizado, aconſelhado pelo ſeu Camareiro mór, introduzio por ſua huma filha do tal valido, fermoſa, e eſtimada do meſmo Rey, e a entregou aos Embaixadores, e para mais o obrigar, fingio hum dente, parecido ao que em Goa foy moido, e abrazado em tempo do ViſoRey D. Conſtantino, e lho mandou como em dote da eſpoſa, affirmando ſer o proprio, que pelo fundo do almofariz ſe ſumira, e fora ter milagroſamente a ſeu poder.

Como eſta maldita reliquia era ſummamente appetecida, creraõ os Embaixadores que era a propria, e aviſando ao ſeu Rey, lhe cauſou iſto tanto goſto, e alegria, que as recebeo com o mayor apparato que foy viſto. A galè da noiva era toda forrada de laminas de ouro, e os remeiros fermoſiſſimas donzelas. Envejoſo ElRey de Candea deſta fortuna, informou ao Bramá deſtes enganos, offerecendolhe com huma verdadeira filha, outro dente, affirmando ſer o verdadeiro, que dantes eſtava em Jafanapataõ, e falſos aſſim o de Goa, como o de Columbo. Porèm elle vendo o mao remedio, que aquillo jà tinha, por ſenaõ confeſſar enganado, pareceolhe mais prudencia diſſimulando naõ ſe dar por entendido; mas ſervio de conveniencia aos Portuguezes, porque ſenaõ moveo contra elles, como pertendia o fingido ſogro. Aqui ſe deve advertir, que naõ obſtou a deſtruiçaõ que em Goa ſe fez daquella ineſtimavel reliquia entre aquelles barbaros, para que naõ reſuſcitaſſem eſtas duas, como entaõ ſe ponderava; e porque ſe naõ entregou entaõ a quem com tanto empenho a pertendia, ſe multiplicou agora para damno do Eſtado, o qual ficou perdendo aquella grande ſomma de ouro, que por ella dava o meſmo Pegú.

Neſte anno ſe começaraõ a ſentir grandes diminuiçoens nos intereſſes da India com a deſtruiçaõ do grande Reyno de Biſnagà, donde ella ſe provia de muitas couſas, de que elle he abundante. Foy acometido pelos Reys de Dacaõ, Nizamaluco, Idalxà, e Gutubixa, conjurados contra ſua grandeza, trazendo cincoenta mil cavallos,

e tre-

e trezentos mil infantes. Sahiolhes ao encontro o de Bisnagá com dobrado numero, e talvez mais que dobrada idade; porque tinha noventa e seis annos. Teve-os quasi vencidos; mas voltandose a fortuna, sempre varia contra elle, foy vencido, e morto. Chegaraõ tarde á Cidade, Corte delRey, e por isso a acharaõ já saqueada pelos proprios naturaes, que em tres dias haviaõ tirado mil quinhentos e cincoenta Elefantes carregados de joyas, e dinheiro, que importaraõ em mais de cem milhoens de ouro, e a cadeira Real das festas, que naõ admittia preço. Com tudo ainda o Idalxá achou entre o desprezado hum diamante do tamanho de hum ovo de gallinha, que servia de base á plumagem do cavallo do Rey vencido, e outro menor, mas extravagantissimo, e muitas outras joyas de excessiva estimaçaõ. Dividiose aquella Monarquia pelos filhos, e sobrinhos do morto.

CAPITULO CXVII.

Proseguemse os feitos da India sendo ViſoRey della D. Antaõ de Noronha.

NO fim do anno passado, e principio do presente de
1567 de 1567. fez o ViſoRey varias expediçoens para differentes Praças. O Marramaque para Amboino a amparar aquella Christandade perseguida com mil homens em doze navios. Para Banda a D. Manoel de Noronha, que na viagem foy morto ás punhaladas pelo Escrivaõ da sua galé, pelo ter affrontado, dandolhe com huma cana; liçaõ para que os grandes aprendaõ a tratar com mais decoro aos humildes, de quem na verdade saõ irmãos, nos quaes naõ ha menos pundonor, e de entre os quaes se se naõ levantaraõ algum dia por meyo de alguma honrosa façanha, he vanissima a sua grandeza. Alvaro Paes de Sottomayor desoccupado de Cananor, navegou para a Costa do Malavar com vinte navios. Para Ceilaõ Lizarte de Aragaõ com hum; D. Leoniz Pereira para Malaca com seis; e D. Joaõ Coutinho com outras tantas embarcaçoens. Jorge de Moura para o Norte. E a D. Francisco Mascarenhas com vinte e sete entre pequenos, e grandes, a reprimir o orgulho da Rainha de Olala, que pertendia eximirse de tributaria de Portugal. Para o mesmo effeito determinou o ViſoRey fundar em Mangalor huma Fortaleza, e partio a executallo com huma Armada de sete galès, dous galeoens, e cincoenta fustas. E chegando ao sitio premiditado, desembarcou, e acampouse em terra em 4. de Janeiro de 1568. Dentro da Cidade se achava a Rainha, q̃ se chamava Bucadevi Chantar, com treze mil homens de guarniçaõ, e bastante

arte-

artelharia. Chegando a noite pozeraõſe os noſſos a cear com tanto deſcanço, e deſcuido, como ſe eſtiveraõ em Goa, entregandoſe depois a varios jogos, e divertimentos, ſem fazer caſo do inimigo, q̃ tinhaõ taõ viſinho, o qual aproveitandoſe da occaſiaõ, q̃ lhe dava eſta confiança deu de ſubito ſobre elles com dous mil fazendo grande eſtrago, mais com a confuſaõ q̃ cauſaraõ nos noſſos, que ſe matavaõ huns a outros ſem ſe conhecerem com a eſcuridaõ, que com as armas. Enfurecidos os noſſos com o deſejo de vingança, deraõ ao outro dia na Cidade, e a entraraõ á eſcala, abrazando a por varias partes, com morte de muitos barbaros, pondo em fugida a Rainha; morreraõ dos noſſos até quarenta.

Reſervouſe a fundaçaõ da Fortaleza para dia de S. Sebaſtiaõ, dedicandoſe a eſte glorioſo Martyr em obſequio delRey de Portugal. Acabada a obra, entregou o ViſoRey o governo della a ſeu cunhado Antonio Pereira com trezentos homens de guarniçaõ, e muniçoens para ſeis mezes, e ſe recolheo a Goa. Depois governando jà D. Luiz de Ataide, pedio pazes a Rainha jà deſenganada, e aceitou-as compradas com tributo accreſcentado, e huma grande ſomma de dinheiro, que deu por huma vez.

O Achem impaciente, naõ podendo ſoportar que os Portugue-zes poſſuiſſem a illuſtriſſima Praça de Malaca que foy ſua, a fazia continuo alvo de ſeus intentos, pertendendo reſtituirſe della; mas ſempre com mao ſucceſſo. Agora acariando as vontades de quaſi todos os Principes do Oriente, concorrendo tambem o Turco, deſejoſo de meter o pè na India para a levar na maõ. Embarcouſe em peſſoa com ſuas mulheres, e filhos, porque entendia, fiado na copia que levava, ir mais a apoſentarſe, que a combaterſe com Malaca. Appareceo inopinadamente à viſta della, cobrindo aquelle rio com quaſi trezentos navios mayores, e menores, a artelharia infinita, e a gente de peleja mais de vinte mil. Celebrava D. Leoniz Pereira com hum jogo de canas na area os annos delRey D. Sebaſtiaõ, e ſentindo confuſos aos companheiros com a viſta da repentina Armada, proſeguio a feſta com igual ſemblante, chegando-a mais hum pouco á agua, para que os Achens naõ imaginaſſem que lhe podiaõ perturbar o animo, e aguar o goſto.

Achavaſe o Capitaõ com mil e quinhentos homens, e delles ſómente duzentos eraõ Portuguezes. O Achem deu principio a ſeus intentos com hum pobre preſente, que enviou ao Capitaõ, a fim de ſaber por eſta via o eſtado da Cidade, e depois de varias diligencias aſtucioſas deſembarcou a gente, e a artelharia, cercou a

Pra-

Praça, fortificouſe com plataformas, e finalmente arrimando mais de duzentas eſcadas aos muros ao ſom de terriveis gritas, inſtrumentos, e artelharia acometeo por todos os lados. Por todos elles tinha o Capitaõ deſtribuida a ſua gente. Os Sacerdotes conhecendo o grande riſco, offereceraõſe para defender hum poſto; mas apenas provaraõ o furor adverſo, quando deraõ a conhecer a ſua impericia para o exercicio das armas, recolhendoſe à Igreja, onde cheyos de pavor pelejavaõ melhor com rogativas a Deos.

Enfureceraõſe as armas de parte a parte; alguns dos noſſos ouſaraõ enveſtir nas trincheiras inimigas hum troſſo que degollaraõ, matando juntamente o Principe, que ſe intitulava Rey de Arù, e recolheraõſe com hum canhaõ, carregados de armas, e de cabeças barbaras com perda de hum ſó Portuguez, e ſeis Malayos. Porèm já neſte tempo tinhaõ ſubido ſobre as fortificaçoens muitos inimigos. Animava-os, e ſoccorria-os ElRey poſto ſobre huma eminencia, donde a cavallo eſtava vendo o combate. Era mayor o concurſo ao Baluarte Santiago: receberaõnos com golpes, e com chammas innumeraveis. Soccorre-o o Capitaõ com Eſtevaõ Leite, que nelle achou envolto a Manoel Henriques com mais de mil barbaros; e executando ambos fermoſas valentias, os lançaraõ a todos abaixo com horrivel eſtrondo, deſtroſſo, e confuſaõ.

O Baluarte de S. Domingos experimentou o proprio riſco com morte de alguns Portuguezes; e ſoccorrido por Franciſco Paes, e Franciſco de Moura, que pelejaraõ admiravelmente, conſeguiraõ o meſmo triunfo. ElRey incitado da raiva, batia com o corpo em terra deſcompunhaſe, e arrojando as toucas, blasfemava do ſeu meſmo Profeta. Vendo já que tres dias de furor de tantos peitos, de tantas maquinas, de tanto fogo, como cingia aquella Cidade, naõ a rendia em alguma parte, perdeo as eſperanças de a conſeguir, e recolhendo com extremado ſilencio quanto tinha em terra, deixando nella quaſi quatro mil homens eſpalhados, huns mortos, outros eſpirando, foyſe fugindo, deixando accezas quantas embarcaçoens lhe ficavaõ ocioſas por cauſa da gente morta. Tres Portuguezes ſòmente cuſtou eſta prodigioſa defenſa: Simaõ de Sampayo, Belchior de Carvalhaes, e Franciſco Dias, cujos nomes he bem que fiquem em memoria, pois acabaraõ em taõ honroſa empreza.

Deſaſſombrados os vencedores começaraõ a abraçarſe, e a applaudirſe, e a alimentarſe. Mereceraõ todos muito: mais que todos os Apoſtolicos Varoens D. Belchior Carneiro, Jeſuita, Biſpo de Nicea, e D. Fr. Jorge de Santa

Santa Luzia, Dominico, Biſpo de Malaca, ambos peſſoas de muita virtude, e Santidade, que inceſſantemente andaraõ deſde a Igreja às muralhas fazendo oraçaõ a Deos, e ſervindo aos homens. O Capitaõ agradecido, e liberal para todos, por todos repartia ao meſmo tempo louvores, agradecimentos, joyas, e dinheiro, naõ ſe contentando de comprar aquella gloria com ſeu valor ſómente, ſenaõ tambem com a ſua fazenda. Quinze mil cruzados lhe cuſtou eſta compra, ou fundaçaõ de Morgado, mais illuſtre, e firme; porque durarà em quanto durar a memoria dos viventes. O ViſoRey tanto que teve noticia do perigoſo eſtado deſta Praça, expedio a toda a preſſa a Joaõ da Sylva Pereira com ſete galés de ſoccorro com gente, e muniçoens. Chegou quando jà ſe celebrava a vitoria. E pouco depois tambem ElRey de Viantana, noſſo viſinho, e amigo com ſeſſenta, o qual recebido com Real pompa viſitou ao Capitaõ mór na Fortaleza, alegrandoſe da vitoria, pezandolhe ſó de naõ chegar a tempo que pudeſſe ter parte nella.

Naõ faltavaõ ao ViſoRey cuidados á porta com a Idolatria em todo eſte tempo. Achandoſe gravemente moleſtado das inſolencias, que os habitantes da Ilha de Salſete uſavaõ em deſacato de noſſa Religiaõ, perſeguindo aos Chriſtãos, que nella felizmente ſe produziaõ: compoz huma boa Armada para ſeu caſtigo, diſſimulando muito o intento. Quando os Salſetanos o imaginavaõ menos, viraõ entrar por ſuas portas as noſſas armas com tanto furor, que ſem parar foraõ derribados atè duzentos Templos dos ſeus Idolos. Ha neſta Ilha huma couſa digna de memoria, e vem a ſer huma montanha muito levantada, em que ha tres mil cellas deſtribuidas a modo de caracol, cada huma com ſua ciſterna, tudo aberto ao picaõ em rocha viva. Corre por dentro do meſmo monte huma gruta, ou caminho encuberto, feito da meſma ſorte com ſemelhantes cellas ás ilhargas, e ſe eſtende tanto, que dizem chega atè Cambaya; com que de neceſſidade paſſa eſta notavel fabrica por baixo daquelle mar.

O Padre Fr. Antonio do Porto, Religioſo de S. Franciſco, reſoluto em inquirir eſte ſegredo, ſe prevenio de gente, mantimentos, velas de cera, e barbante; e deixando a ponta preza na entrada da gruta, caminhou por ella dentro por eſpaço de ſete dias, e vendo que naõ achava fim, e que teria andado cincoenta legoas, e que hia já faltando o provimento, voltou guiado do fio, admirado, mas naõ ſatisfeito. Eſte foy em mais duvidoſo, e prolixo labyrintho o verdadeiro Theſeo. Pouco fingio a eſtranha fabula, que naõ

executaſſe a ouſadia Portugueza! Tem os naturaes da terra para ſi, que eſta maquina a mandara fabricar *Bimilamanſa*, que ha mais de mil e quatrocentos annos foy Rey de toda a terra deſde Bengala até o Mogor. Outros entendem ſer eſta obra, e outras ſemelhantes do pay do Principe S. Joſafat, convertido por S. Barlaõ, que foy Rey na India.

As couſas de Maluco procediaõ neſte tempo pouco favoraveis por culpa de alguns Portuguezes, ſendo as q̃ na India mais felizmente principiaraõ. Gonçallo Pereira Marramaque, que acima ſe diſſe partira para Amboino, chegou agora à Ilha de Cebú, acompanhado dos Reys de Bachaõ, e de Tidore, onde ſe tinhaõ introduzido os Caſtelhanos, governados por Miguel Lopes de Lagaſpa, Biſcainho, com quem ſe deſcompoz, e ſahio dalli deſcontente, pela perda de mais de trezentos homens, mortos quaſi todos de enfermidade, natural da terra. Paſſou a Amboino, ou Ito, que ambos eſtes nomes tem aquella Ilha, mayor que todas as daquelle Archipelago, com trinta legoas de circunferencia: delicioſa por boſques ameniſſimos, por hortas frutiferas, por muitas ribeiras de clariſſimas aguas, e ſoccegadas correntes, que vaõ regando, ou guarnecendo os valles com engraçadas voltas. He abundante de carnes, peſcado, e frutos de toda ſorte, e de excellente goſto. Habitaõ nella duas caſtas de gente, os Ulimas, que ſaõ Mouros naturaes, e poſſuem tres Povoaçoens; e os Ulenſivas, Gentios, que poſſuem quatro, e nunca ſe uniraõ bem.

Chegou o noſſo Capitaõ, e achou-os levantados contra os Portuguezes, e ſoccorridos de ſeiscentos Jàos, que ſe achavaõ bem fortificados, e animoſos. Acomete-os, e com grande trabalho, e riſco os derrotou, e venceo, e finalmente lançou da Ilha. A cauſa das diſcordias, que tinhaõ com os noſſos, tendo elles recolhido com muita affabilidade aos meſmos Portuguezes, aceitado a noſſa amizade, Religiaõ, e ſangue por meyo dos caſamentos de ſuas filhas, e irmãas, foy que os habitadores da Ilha de Curon, tomando motivo de queixa contra os Itenſes, por razaõ deſta meſma amizade que tinhaõ comnoſco, intentaraõ lançar a huns, e outros fòra da tal Ilha. Acometeraõ de improviſo; mas foraõ rechaçados por maõ dos Potuguezes em huma bem diſputada batalha, em que foraõ vencidos.

Quizeraõ os defendidos moſtrarſe gratos aos defenſores, e entre outras demonſtraçoens lhe deraõ hum explendido banquete, que melhor fora nunca tal terem intentado, por ſer cauſa de hum grave eſcandalo, e mal, que delle ſe ſeguio a huns, e outros. Quizeraõ

zeraõ as mulheres dos banqueteadores ver homens taõ esforçados, e sahiraõ de suas casas. Oh quanto arruinaõ as sahidas, e as vistas das mulheres! Quanto melhor lhe està o recato, e recolhimento! Juntaraõse a vellos naquellas mesas, para que com a sua vista, e mostras de benevolencia lhe significassem tambem o seu agradecimento. Hum dos banqueteados embebido na rara fermosura de huma donzela, e movido de furiosa lascivia, saltou da mesa, e se foy a abraçalla, com o que escandalizou tanto aos circunstantes, que houveraõ de ser alli degollados todos os Portuguezes, por causa da torpeza daquelle emborrachado, se lhe naõ valera a prudencia de Genulio, Cidadaõ dos principaes de mayor authoridade.

Deraõse por taõ affrontados daquella offensa publica, que naõ podiaõ soccegar sem tomarem vingança de taõ immodestos hospedes, nem Genulio os podia applacar com menos, que com a expulsaõ delles fóra da terra, que elle naõ desejava menos, e de commum acordo lhes fallou: *Ponderando o mal que correspondiaõ aos favores recebidos, o mal que observavaõ a Ley que ensinavaõ, que amoestando huma cousa, obravaõ outra muito differente, que jactandose de ensinar policia, obravaõ barbaridades insolentes; que prégando a Deos, que do Ceo està vendo tudo para premios, e castigos, ou naõ executavão o que criaõ, ou não crião o que diziaõ, que como querião persuadir ao que ensinavão por santo, e bom, sem o executarem como professores? Que prégavaõ a Christo Crucificado, e crucificavão a quem os recolhia ainda pelo proprio Christo; que querião fazer Christãos sem o parecerem; que erão huns tyrannos para com os seus amigos, apontando exemplos de varios Reys, e Principes do Oriente; e finalmente, que sendo dignissimos de morte por aquella insolente acçaõ, que hum delles executara nos seus olhos, e os mais naõ estranharaõ, nem reprehenderaõ, no que se mostraraõ cumplices, lhe concediaõ a vida com condiçaõ, de que logo despejassem a terra.* Todos mostraraõ nos semblantes, que desejavaõ mais exemplar castigo, e que o executariaõ se logo naõ aceitassem a condiçaõ.

Os Portuguezes, que unidos com os Itenses foraõ poderosos para resistirem aos Curoens, sòs naõ poderiaõ defenderse destes irados, tomaraõ por mais seguro partido acolherse às naos, e o fizeraõ bem envergonhados; para que se veja o fruto de huma bebedice. Tanto que elles deraõ á vela, logo os aggravados Itenses pozeraõ aos Atives, e Tavires os mesmos preceitos, que a elles pouco antes punhaõ os Curoens, que era ameaçallos com guerra se nos consentissem mais em seus portos. Responderaõ elles: *Que erão*

Chriſtãos, e que como taes haviaõ de conſentir, e favorecer em ſeus portos, e em ſuas caſas aos Portuguezes expulſos de Ito, ainda que empenhaſſem para iſſo as proprias vidas. Eſcandalizados os Itenſes com eſta repoſta, deraõ de repente ſobre aquellas duas Povoações, e as deſtruiraõ com morte de quaſi todos. Logo foraõ reduzindo à ſua obediencia todos os Lugares, que eſtavaõ á de Portugal, martyrizando com grande crueldade a todos os que ſe confeſſavaõ Chriſtãos. Entre todos foy notavel a que uſaraõ com o Regulo de Ulate, que atado a hum tronco lhe hiaõ cortando a carne, e aſſando-a á ſua viſta a comiaõ, e lha davaõ a comer tambem, o que elle ſofreo com incrivel valor, atè dar a vida por Chriſto, profetizandolhes o caſtigo, que jà lhes vinha pelo caminho, como logo experimentaraõ.

ChegouGonçalloPereira Marramaque, que vinha vitorioſo dos Jaos ſeus defenſores, e offereceo-lhes o ſoccego da paz, e o perdaõ da culpa ſe ſe rendeſſem. Eſtavaõ elles ſoberbos com a protecçaõ da Rainha de Japara, e com a ſua gente, e armas, e de lugares viſinhos, abraçaraõ antes a guerra. Saltou entre elles o noſſo Capitaõ, e ſuppoſto hia pelejando valeroſamente, eſteve quaſi perdido. Vio notavel deſordem aonde hia a Bandeira de Chriſto, e correndo a diante com ſua eſpada, e rodella, diſſe: *Santiago*, huma, e mais vezes. Fez em fim, e obrou taes proezas, que os Japaros com a morte de Palatima, ſeu Capitaõ, foraõ humilhados aquelle dia. Aſſim tambem logo os Itenſes, por mais que deſde humas ſerras, em que ſe acaſtellaraõ, fizeraõ muito com armas, e mais com as aſtucias. Cuſtou eſta acçaõ cinco Portuguezes, e deixou o Pereira a D. Duarte de Menezes por Capitaõ de Ito com preſidio em humaFortaleza, que alli fundou.

Em Ternate foy morto ElRey Aeyro dentro na Fortaleza ás punhaladas, por ordem do Capitaõ della Diogo Lopes de Meſquita. A cauſa diz Diogo de Couto, (e outros que o ſeguem) mal informado por hum ſequaz do meſmo Rey, que foy por pura tyrannia do dito Capitaõ com deſejo de o esbulhar, ſendo elle hum fiel Vaſſallo delRey de Portugal, e fino amigo dos Portuguezes. Naõ ha duvida, que os Capitães deſtas Ilhas foraõ ſempre muito livres, e pouco obſervadores das ordens, e Regimentos delRey, e das ſuas obrigaçoens, uſando de algumas tyrannias por ſuas conveniencias, temendoſe pouco de caſtigos, por eſtarem muito diſtantes doGovernador da India; e que quando foſſem capitulados, era facil desfazer a prova em Goa, por naõ haver quem là a ſuſtentaſſe; de ſorte, que recebendo ellas os Portuguezes com muito amor, e abraçando

çando a Fè Catholica com mayor facilidade, que outro algum Povo do Oriente, foraõ os mais mal succedidos com os Capitães que governaraõ, excepto com Antonio Galvaõ no reynado de D. Joaõ III. porque naõ viraõ tempo mais feliz, nem governo mais bem aventurado.

Com tudo naõ eſtava eſte Rey taõ innocente, que deixaſſe de merecer a morte; poſto que lha naõ devia mandar dar o dito Capitaõ, por ſer acçaõ ſuperior ao ſeu poder; porque como affirmaõ as Relaçoens dos Miſſionarios, que lá andavaõ prègando, Miniſtros de Deos, e Varoens Santos, a quem ſe deve dar todo o credito, e nenhum à Relaçaõ do apaixonado, era eſte Rey hum fino tyranno contra toda aquella Chriſtandade, falſo à Coroa de Portugal, e inimigo encuberto dos Portuguezes, contra os quaes naõ ceſſava de mover os animos dos outros Ilheos, com diſſimulaçaõ, e cautela, por cuja cauſa ſuccediaõ là tantas revoluçoens.

CAPITULO CXVIII.

De duas cartas notaveis, que de Portugal, e Roma ſe eſcreveraõ ao ViſoRey da India, e finaliza o ſeu governo.

O Referido no capitulo precedente ſe prova em parte de huma carta do Cardeal Infante D. Henrique, Regente deſte Reyno, eſcrita para o ViſoRey da India, em Almeirim a 14. de Março do anno de 1565. e enviada pelas naos que aquelle anno foraõ do Reyno, a qual he a ſeguinte.

Carta delRey para o ViſoRey da India.

VIſoRey amigo. Eu ElRey vos envio muito ſaudar. Poſto q̃ confio, q̃ de todas as couſas univerſaes, e particulares, que tocarem ao ſerviço de noſſo Senhor, e meu, e bem das partes, tereis o cuidado, diligencia, e vigilancia que convèm; todavia por eſta particularmente me pareceo lembrarvos, que as minhas Fortalezas, que mais diſtantes eſtaõ dos lugares de voſſa reſidencia, podem padecer mais detrimento, que as que menos diſtão; e aſſim convem haver àcerca dellas tanto cuidado, que os Capitães, Officiaes, e moradores das ditas Fortalezas não ſe poſſaõ deſcuidar, nem deixar de fazer o que cumpre á ſua obrigação, parecendolhes que naõ poderáõ ſer caſtigados, quando o merecerem. E porque fuy informado de algumas couſas particulares, que em Maluco tem neceſſidade de remedio, me pareceo eſcrevervolas, para que provejaes niſſo com toda a diligencia, e efficacia que for poſſivel, e ſaõ as abaixo declaradas.

Di-

Dizem, que os Regimentos, e Proviſoens, que os Capitães de Maluco tem minhas, e de meus Governadores, e ás que lhes apreſentão as partes, quaſi commummente anullão em tudo o que não faz a propoſito do ſeu intereſſe, e ás que podem ajudar para ſeus proveitos, interpretão, eſtendem, e amplificão como lhes parece, com perjuizo de meu ſerviço, e das partes. E que a guerra, e deſtruição, que ſe fez naquella terra, agora ha ſeis annos, com tantas mortes de Chriſtãos, e Mouros, procedeo da cobiça dos Capitães. E que a raiz, e cauſa de grandes males, he terem os Capitães trato com o Rey da terra, por ſi, ou por ſeus Feitores; porque pelo intereſſe que eſperão, o deixão perſeguir os Chriſtãos, e não lhe vão à mão a iſto.

E que traz ElRey de Ternate dous Capitães ſeus a queimar, roubar, e fazer quanto mal podem aos Chriſtãos de Amboino, e aos Portuguezes, que procurão defendellos: e haverá quatro, ou cinco annos que iſto dura: e os Capitães com tudo diſſimulão. E que o meſmo Rey de Ternate tem entranhavel odio aos Chriſtãos, e tem muitos em ſua caſa por cativos, que tomou na guerra: e ſendo que tomou alguns ſobre ſeguro, e não podia cativar, outros por outras razoens, os faz viver como Mouros: e os ditos meus Capitães o ſabem, e paſſaõ por iſſo.

E que mandando no anno de mil quinhentos ſeſſenta e dous o Conde ViſoRey, a quem Deos perdoe, fazer em Amboino huma Fortaleza por Antonio Paes, o meu Capitão que então era de Maluco, impedio fazerſe, por não deſcontentar a ElRey, ſendo a dita Fortaleza muy neceſſaria, e efficaz remedio contra os males que o meſmo Rey faz, e de que ſe podião ſeguir grandes, e manifeſtos bens. E cumpria que ſe mandaſſe fazer logo; porque com eſta Fortaleza ſe podia ſegurar a de Maluco, que dizem eſtar em grande perigo; porque o Rey ſe vay fazendo cada vez mais poderoſo: e como os moradores da dita Fortaleza não tem donde bem, e facilmente poſſaõ ſer providos de mantimentos, ſenão de Malaca, donde para lhes ſervirem he neceſſario perto de hum anno de tempo, podem os Mouros tolher que lhes não vão, e com iſto tomar a Fortaleza: e fazendoſe huma em Amboino, ſerão ſoccorridos de mantimentos todas as vezes que for neceſſario. E que ſerviria mais eſta Fortaleza de defender que os Jaos não foſſem pelo cravo a Amboino, donde levão mais de mil quintaes cada anno; e havendo alli Fortaleza, teria eu mais de dous mil, além da noz, e maſſa que a terra dà: e creſceria a Chriſtandade, que he grande meyo para ſegurar a terra, e creſcerem todos os proveitos della.

Dizem tambem, que os meus Capitães ſe fazem Senhores abſolutos, e ſe moſtrão por muitas maneiras inimigos dos Chriſtãos, e dos Miniſtros Eccleſiaſticos, e dos que entendem na Chriſtandade, e favor della, deshon-

ran-

rando-os, vexando-os, e abatendo-os publicamente, diante do Rey, Mouros, Christãos da terra, e Portuguezes: e daqui vem tomarem os infieis atrevimento contra os mesmos, e terem os Christãos pouco respeito à doutrina, e Ministros della, e assim todos perdem o que devem à Fé, e Ley de Deos, &c. Pelo que vos mando, e ordeno, que com todo o cuidado ponhaes cobro nisto, remedeando estas desordens na melhor fórma que for possivel.

Atèqui o Cardeal Regente em nome de seu sobrinho ElRey D. Sebastiaõ, do que se prova bem o mao procedimento, assim dos Capitães da nossa Fortaleza, como delRey Aeyro de Ternate; e que toda a innocencia deste consistio sómente em ser morto à traiçaõ dentro na Fortaleza, entrando nella em boa fé, e amizade a visitar o Capitaõ mór; pelo que se deve emendar nesta parte a Couto, e aos que o seguem, porque vaõ apartados da verdade. Por esta carta, e outras informaçoens mandava o ViſoRey prender o dito Rey por Gonçallo Pereira Marramaque; mas elle se houve com tal astucia, que vindo meterselhe nas mãos com toda a sua familia, desmentio a opiniaõ que lhe davaõ de traidor, com esta generosa confiança, e se livrou da prizaõ, para depois continuar em sua rebeldia, até vir a ser morto no anno de 1570. porque estes successos naõ foraõ juntos, mas muitos, e varios, e se continuaraõ por todos os annos de sessenta, e ainda no de setenta naõ pararaõ; porque morto o Rey, o mandou o Capitaõ com demasiada furia espostejar, e salgar, e metido em hum caixaõ o mandou lançar ao mar, à vista da mulher, e filhos, que com grande piedade o pediaõ para o sepultar, e divulgado este successo pela Ilha, se alvoraçaraõ os Ternatenses, e trataraõ da vingança; a diante se verá por causa disto, huma viva guerra, e o fim lastimoso, a que as nossas cousas alli chegaraõ.

Por fim já do seu governo ordenou o ViſoRey a D. Luiz de Almeida, que fosse a Malaca esperar a Primavera, para sahir a correr o mar de Surrate; e examinar a authoridade, com que navegavaõ as embarcaçoens daquelles portos, que necessitaõ da Portugueza para os cursar. Levou seis, de que eraõ Capitães Fernando Telles, que depois foy Governador da India, D. Lourenço de Almeida, Antonio de MelloCoutinho, Antonio de Faria, e Luiz Ferreira. Lá ajuntou mais quatorze navios. Renderaõ naquelles Canaes tres naos muy poderosas em grandeza, e riqueza de carga. Chegaraõ com duas a Damaõ, e com perda de hum navio que se afundou logo ao envestir a primeira. Esta foy a ultima ordem publica de D. Antaõ de Noronha

em

em seu visoreynado. Em seu tempo mandou o Cardeal Regente para aquelle Estado doze naos de Armada, divididas a quatro cada anno nas monçoens de Março. Nas primeiras, foy por Capitaõ mór Francisco de Sá: das segundas, Luiz Gomes da Cunha; e das terceiras, Joaõ Gomes da Sylva.

Assim em Roma, como em Goa, se tratava neste tempo com muito empenho do progresso das Christandades da India. Em Goa o Arcebispo Primaz D. Gaspar, convocando hum Concilio Provincial. Em Roma o Pontifice S. Pio V. Religioso que tinha sido da Ordem de S. Domingos, e agora governava a Igreja de Deos com grande acerto, escrevendo huma carta ao VisoRey, e a seu Conselho, para que favorecessem, e ajudassem aos Prelados, e Missionarios Religiosos a dilatar a Fè de Christo. Deu occasiaõ a esta carta, saber o Santo Pontifice, como havia na India pessoas de respeito, indignas do nome Christaõ, e Portuguez, que attendendo a seus proprios interesses, queriaõ antes os paizanos Gentios, q̃ Christãos; e com capa de zelo, e de Justiça, escreveraõ ao Cardeal Infante, que os Religiosos violentavaõ os Gentios ao Baptismo. A carta traduzida de Latim he a seguinte.

Carta do Summo Pontifice ao VisoRey da India.

AOs amados filhos, nobre Varão, VisoRey, e Conselheiros do Serenissimo Rey de Portugal, e dos Algarves nas partes da India Oriental. = *Amado filho, saude, e benção Apostolica. Não acabamos de dar graças ao Pay das misericordias, e Deos de toda a consolação, o qual entre os grandes, e varios cuidados que nos desvelão em razão do nosso cargo, ha por bem de nos alegrar, e consolar com as alegres novas, que vem das partes da India: porque ouvimos quanto nellas tem crescido a Igreja Catholica; e que grande numero de Gentios se converte todos os annos do culto dos Idolos à Fè de Christo: com os quaes augmentos da Igreja, e salvaçaõ de tantas almas, o nosso coraçaõ se exalta com tanta alegria, que a não podemos explicar facilmente. E todos os Povos, e Naçoens da Christandade sabem quanto louvor se deva por este respeito aos Serenissimos Reys de Portugal; porque com o seu cuidado, diligencia, e admiravel grandeza de animo, ajudando Deos seus piedosos trabalhos, e principios se conseguio, que o Sagrado Euangelho chegasse até os ultimos fins da terra, e os que andão em trevas começassem a ver a luz da verdadeira Religião, e conhecessem a seu Creador. Mas porque somos devedores, assim aos que estaõ longe, como aos que estaõ perto, e desejamos ardentissimamente, que o*

nego-

negocio da converſaõ dos Gentios, proceda com muito fervor, e que tantas almas, que ſe haviaõ de perder, ſe ganhem com dobrada diligencia, quizemos encomendar a voſſa devoçaõ tão ſanta, e tão piedoſa obra. Se na propagação da Fé ſe tratáſſe ſómente da honra de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, convinha a tão Catholicos Varoens derramar o ſangue por ella, como muitos da voſſa Naçaõ com grande gloria ſua derramarão; os quaes agora recebem o fruto de ſeus merecimentos. Mas além da honra de Deos, alèm da ſalvação das almas, trata-ſe tambem da gloria do cariſſimo noſſo filho, e voſſo Rey: trata-ſe da voſſa honra, e da voſſa inclinação; porque quantos mais Gentios receberem a Fé de Chriſto, tanto mais eſclarecido ſe fará, e glorioſo o nome do voſſo Rey: lucrarſehão mayores forças, para que com a Divina graça ſe conquiſtem as Naçoens barbaras, e ſe ajuntem ao Reyno de Portugal; e aſſim creſcerá o voſſo nome, e da voſſa Nação, e os voſſos merecimentos para com a Religiaõ Catholica. As quaes couſas conſideradas por vòs, convèm que com perfeitiſſimo animo deis toda a ajuda, e favor poſſivel aos Obreiros, que trabalhaõ na Vinha do Senhor, como ſaõ os Prelados, e outros Varoens Religioſos de quaeſquer ordens; e principalmente entendereis por voſſa prudencia, ſer neceſſario, q̃ os Gentios ſejaõ defendidos, e guardados diligentemente das injurias dos ſoldados; e que ſe tirem todos os impedimentos, e eſcandalos, com que ſua converſaõ por algum modo ſe poſſa impedir, e retardar. E ſe bem confiamos, que fazeis, e haveis de fazer eſtas couſas, com tudo, para que as façaes com mais fervor, e diligencia, vos admoeſtamos diante de Deos noſſo Salvador, e vos encarregamos eſte cuidado em remiſſaõ de voſſos peccados. Dada em Roma em S. Pedro debaixo do annel do Peſcador a 11. de Outubro de 1567. no ſegundo anno do noſſo Pontificado.

Eſpirava já o governo de D. Antaõ de Noronha quando chegou eſta carta a Goa, e aſſim ficou a execuçaõ della para o ſeu ſucceſſor D. Luiz de Ataide. Embarcouſe para o Reyno, e morreo na viagem. Achouſe em ſeu teſtamento, que lhe cortaſſem o braço direito, e o reſervaſſem para ſer levado à ſepultura de ſeu tio D. Nuno Alvres em Ceuta, e que o corpo ſe deitaſſe ao mar. Aſſim ſe executou, e naõ faltou quem obſervaſſe, que eſte golpe mandado dar em ſi meſmo, e neſte membro, foy execuçaõ de ſentença dada contra ſi proprio; porque firmando, obrigado de hum parente, certo papel injuſto, diſſe: *Maõ que tal firma, bem merece cortada.* Tanto póde hum reſpeito, que obriga hum homem a fazer aquillo meſmo, que elle proprio abomina. Era D. Antaõ de Noronha peſſoa de bom natural, entendimento, e zelo, e viloreynou

quatro annos. Devia ſer o intento de paſſarem de tres, querer o Cardeal Regente, que o governo, e mando delRey D. Sebaſtiaõ ſeu ſobrinho, principiaſſe em hum meſmo tempo em todo o Imperio Portuguez, o qual o eſtava exercitando por elle, e lho queria entregar em fazendo a idade de 14. annos, como ſe verà na ſegunda Parte.

CAPITULO CXIX.

Noticias do Patriarcha da Ethiopia, e de huma carta que eſcreveo a ElRey D. Sebaſtiaõ.

POr morte do Patriarcha D. Joaõ Nunes Barreto, q̃ morreo em Goa a 20. de Dezembro de 1561. ſuccedeo no Patriarchado da Ethiopia o Biſpo D. Andrè de Oviedo, que lá andava, como fica dito acima; mas tendoſe em Portugal noticia da pouca eſperança, que havia da reducçaõ dos Abexins, julgou o Cardeal Infante Regente, ſeria mayor ſerviço, e gloria de Deos noſſo Senhor, ſahir o Patriarcha dalli, e navegar a Japaõ, onde tanto ſe dilatava a Fè de Chriſto, por meyo dos Padres da Companhia, depois que lá prègou, e lhe abrio a porta o Apoſtolo S. Franciſco Xavier; e aſſim eſcreveo em nome delRey ao ſeu Embaixador na Curia Romana, alcançaſſe eſta mudança do Summo Pontifice, que entaõ era S. Pio V. o qual aos 2. de Fevereiro de 1566. expedio hum Breve, em que exhortava o Patriarcha a ſe partir para Japaõ, e para a China, com as meſmas faculdades, e indultos, que lhe haviaõ ſido concedidos pelos Romanos Pontifices, ſeus predeceſſores em Ethiopia, ſenaõ tiveſſe mayores eſperanças de poder reduzir os Abexins á Fè Catholica. Aos 15. de Junho do anno ſeguinte 1567. eſcreveo o dito Patriarcha D. Andrè ao Pontifice as razoens, que o moviaõ a naõ deſamparar o ſeu rebanho, proteſtando com tudo obedecerlhe na mais perigoſa empreza, ſe ouvidas as ſuas razoens, diſpuzeſſe o contrario. Na meſma occaſiaõ eſcreveo a ElRey D. Sebaſtiaõ a carta ſeguinte.

Carta do Patriarcha de Ethiopia para ElRey de Portugal.

DEos noſſo Senhor com ſua mão poderoſa, e clemente, proſpere a Voſſa Alteza em todo o bem muitos, e ditoſos annos, e lhe dè ſaber, e forças com a ſua graça para fazer em tudo a ſua ſanta vontade, e governar ſeus Povos, e Reynos com inteira juſtiça, paz, e caridade, conforme a ſeu Divino beneplacito. Amen. = Eſte anno de 1567. recebemos cartas da India com hum treslado de huma de Voſſa Alteza, para mim, e outras

letras

letras de Sua Santidade, nas quaes me mandava paſſar ao Japaõ, e à China, quando ſeguramente pudeſſe, e reſidir naquellas partes, ſenaõ tiveſſe mayor eſperança da reducçaõ deſtas Naçoens da Ethiopia à Igreja Catholica Romana. Por falta de navio me naõ pude embarcar atègora, nem baſtariaõ para iſto duas fuſtas, que o ViſoRey da India intentava mandarme, nem dez, nem vinte, em razaõ dos Turcos, e Mouros de Arquicò, e Maçuá, e de outros, que correm os mares: e ſenaõ virem algumas velas groſſas, naõ ſerá poſſivel levarem hum ſó homem de Ethiopia. Quanto mais, que ſe nòs ſahirmos, ſerá neceſſario levar comnoſco todos os Catholicos, para não ficarem perdidos entre Hereges, ſem remedio eſpiritual, nem temporal, e para iſto he neceſſaria Armada groſſa, como todos pedem, e eu ſupplico a Voſſa Alteza. = Seria mayor ſerviço de Deos mandar Voſſa Alteza a eſta terra quinhentos atè ſeiscentos homens; porque à ſombra deſte poder ſe daria certamente obediencia á Igreja Romana, e o Reyno ficaria concertado nas materias de Fè: e todos quantos aqui eſtão ſaõ de parecer, que por nenhum caſo ſe deve largar eſta empreza, por eſtar hoje a terra mais deſpejada de Turcos, e Mouros, e ſer jà morto o Rey, que nos perſeguia, e reynar hum ſeu filho, que ſe moſtra mais amigo dos Portuguezes, e ſe não ſegue a noſſa Fé, por lhe não parecer verdadeira, ao menos naõ a perſegue. O Reyno anda revolto, e perturbado com guerras, e nem todos obedecem ao Rey, antes ha muitos Senhores, que ſe reſolvem a receber os Portuguezes, ſe vierem, e entre elles o Bahar Nagays, Senhor do Reyno de Tigre, e hum primo irmão delRey Athanàs Segued, chamado Habitacun Joannes, muy inclinado à Naçaõ Portugueza, e à Fè Catholica, e que em certa alteração ſe declarou por Vaſſallo de Voſſa Alteza, a cuja honra, e gloria pertence levar ao cabo o que ElRey voſſo avô de glorioſa memoria, começou com grande zelo, e com muitas deſpezas. = Tambem diſpender Voſſa Alteza os bens, e rendas q̃ Deos lhe deu, neſte ſoccoro para tanto bem das almas, lhe poderá ſer mayor Coroa no Ceo, e reduzir eſtas Naçoens à uniaõ da Igreja Catholica, mayor vitoria, que os triunfos de Ceſar, alèm da mayor ſegurança do Eſtado da India; porque ſe os Turcos ſenhorearem eſtas terras, poderàõ fazer grande prejuizo à India, que não eſtá longe, em razão dos muitos apreſtos, que aqui ha de ferro, eſcravos, vitualhas, e outras couſas para fornecer galés. E pelo contrario juntos os Portuguezes com os Abexins, darião por eſtas Coſtas notavel detrimento ao Turco, e pelo Certão dentro grande gloria a Jeſu Chriſto, não ſó no remedio dos Catholicos, e reducção dos Sciſmaticos, que he grande bem; mas tambem na converſaõ dos Gentios, que não tem conto em Ethiopia, em diverſas, e grandes Regioens, e muitos delles ſe querem converter, mas o Rey dos Abexins os não deixa bautizar, por

lhe parecer, que depois de serem Christãos já os não pòde cativar, nem opprimir com tributos. Habitão estes Gentios as terras de Damur, onde nasce muito ouro, gengibre, cardamomo, e marfim, e ha grande abundancia de vitualhas, mantimentos, e vacaria, e he taõ grande terra, que segundo dizem, confina por huma parte com Sofala, onde tratão com os Portuguezes. Por tanto supplico a Vossa Alteza, que antes de levantar mão de Ethiopia, tome inteiro, e maduro conselho, e disponha o que lhe parecer mais acertado em Jesu Christo; porque eu da minha parte prompto estou pela graça de Deos para ficar em Ethiopia, ou ir a Japão, e aonde Vossa Alteza, ou Sua Santidade me mandarem. Nosso Senhor seja sempre com Vossa Alteza, e lhe deixe fazer em tudo sua Santissima vontade, enchendo-o de sua Divina graça, e amor. Amen. De Ethiopia aos 18. de Junho de 1567.

Naõ se conseguio desta carta o effeito pertendido; porque nunca acabou de chegar o soccorro de Portuguezes, taõ pedido, e suspirado pelos Padres, e Catholicos de Ethiopia, que se se tivera mayor cuidado de o mandar, pudera acometerse huma glorioſa empreza, e lograrse huma grande ventura. Porèm ElRey divertido na pretençaõ de Africa, começouse a descuidar algum tanto das cousas do Oriente, que em seu tempo começaraõ a descahir, e depois delle quasi de todo vieraõ a arruinarse; e o Patriarcha continuou com a diligencia de ver se podia reduzir aquelles Scismaticos atè o anno de 1577. em que morreo aos 9. de Julho, consumido de trabalhos, e de desgostos do pouco que aproveitava, e de penitencias, com grande opiniaõ de Santidade, e milagres.

CAPITULO CXX.

Succeſsos do Brasil, particularmente do Rio de Janeiro.

ANdavaõ por este tempo as cousas da Provincia de Santa Cruz muy varias, cujos succeſsos vou abreviando. Os Padres da Companhia naõ cessavaõ nas suas Missoens, fazendo muy grande fruto para a Igreja, em utilidade do Estado, e do Reyno de Portugal. O Padre Nobrega, e o grande Apostolo daquelle Estado Joseph de Anchieta, aventuraraõse a grandes trabalhos, entrando valerosamente pelo Certaõ de S. Vicente, onde padeceraõ grandes trabalhos, mas naõ fizeraõ menor fruto: reduziraõ a muitos daquelles barbaros Tamoyos ao gremio da Igreja, e a todos a assentar pazes com os nossos, que tinhaõ taõ molestados com os assaltos passados.

Suc-

Succedeo pouco depois alli huma geral fome, particularmente no diſtrito da Bahia, originada de huma peſtelencial doença q̃ houvé naquelle Eſtado: neſta penuria chegaraõ a tal miſeria, que ſe vendiaõ os pays aos filhos, e os maridos às mulheres. Houve tal Indio, que ſe vendeo a ſi proprio por huma ſó cuya de farinha para livrar a vida. Nas compras, que neſta occaſiaõ fizeraõ os Portuguezes houve depois grandes duvidas ſobre encargos de conſciencia. Conſultaraõ o Tribunal da Meſa da Conſciencia em Lisboa, e delle foy a reſoluçaõ ſeguinte: *Que o pay podia em direito vender o filho em caſo de apertada neceſſidade: e que qualquer ſe podia vender a ſi meſmo para gozar do preço.* Havida eſta reſoluçaõ, entraraõ em conſulta na Cidade da Bahia o Biſpo D. Pedro Leitaõ, com o Governador Mem de Sá, o Ouvidor geral Braz Fragoſo, e o Padre Provincial da Companhia Luiz da Grãa: e pareceo bem, que ſe publicaſſe ao Povo a reſoluçaõ da Meſa da Conſciencia; porq̃ com ella ficaſſem quietos os que compraraõ na fórma contheuda, e os que foraõ comprados fóra della ſe tiveſſem por livres; porèm como os moradores da Bahia, e de toda a Coſta eſtavaõ feitos Senhores de taõ grande quantidade de Indios, vendidos fóra do direito, por tios, irmãos, e parentes, que naõ tinhaõ dominio ſobre elles; determinouſe, que os taes eraõ livres.

Viſtas com tudo as grandes difficuldades, que ſe allegavaõ de ſe largarem todos eſtes Indios do ſerviço dos Portuguezes; e porque podiaõ outra vez meterſe entre os Gentios, com diſpendio de ſuas almas, e naõ ſem perigo da Republica, foy permittido que ficaſſem em caſa dos que os tinhaõ, com as condiçoens ſeguintes: *Que os ditos Indios aſſim mal havidos, foſſem aviſados de ſua liberdade; mas q̃ como livres ſerviſſem aquelles, que os reſgataraõ em ſuas vidas, por evitar os inconvenientes, que do contrario ſe podiaõ ſeguir, e que fugindo os taes Indios, os pudeſſem os amos mandar buſcar, e caſtigar; e com condição, q̃ os amos em reconhecimento lhes pagaſſem em cada anno por ſeu ſerviço aquillo, que juſtamente lhe foſſe taixado: com declaração, que continuando elles a fugir para o Gentio, ſendo depois da primeira vez, perdeſſem a ſoldada de hum anno em recompença do que os amos perderão em buſcallos: e outro ſim, que os poſſuhidores dos ditos Indios, os não poderião vender, nem dar, nem trocar, nem levar fóra do Braſil: e os que os não quizeſſem poſſuhir com as condiçoens apontadas os largaſſem logo.*

Porèm nem eſtas condiçoens ſe guardaraõ, nem a reſoluçaõ ſervio de mais, q̃ de cativarem mais Indios dalli por diante com capa de vendidos per ſi, ou por ſeus pays. No meſmo tempo ſe fez con-

conſulta ſobre outra deſordem mayor, e era que com capa de huma ſentença dada contra os Indios Caaetes, que dava a todos por eſcravos, pela morte que deraõ ao primeiro Biſpo do Eſtado D. Pedro Fernandes Sardinha, e naõ ſó a eſtes ſe haviaõ por cativos, mas tambem à volta delles a outros muitos, por cuja cauſa deſpovoavaõ as Aldeas, fugindo para o Certaõ: a eſta deſordem acudiraõ o Governador, e o Ouvidor, exceptuando os que ſe reduziſſem à Fé; porèm nem ainda iſto foy de muito fruto, pelo que acudiraõ os Reys ao ſeu remedio, dando a todos geralmente por livres, excepto aos que foſſem cativos em guerra juſta, e finalmente ſe vieraõ a dar por livres do dito cativeiro a todos os naturaes do Braſil por outro Decreto.

No anno de 1564. mandou o Cardeal Regente fundar para os Padres da Companhia hum Collegio na Bahia; e o dotou em nome delRey ſeu ſobrinho com huma congroa equivalente à ſuſtentaçaõ de ſeſſenta Religioſos, applicada na rediſima da dita Capitania, que pelo tempo a diante ſe reduzio a dinheiro por huma Proviſaõ Real, paſſada em Lisboa aos 7. de Novembro do dito anno.

No principio deſte meſmo anno preparou o Governador geral huma Frota, que enviou ao Rio de Janeiro; e o fundamento foy, que tendo dado conta á Rainha Regente do ſucceſſo da guerra, que fizera contra Villa Gailhon, na enceada do Rio de Janeiro, rendendo, e deſtruindo a Fortaleza da Ilheta, como acima ſe diſſe no anno de 1560. foy feſtejada a nova, como merecia, e approvado tudo o que alli ſe obrou; mas naõ pareceo juſto naõ deixar là preſidio de gente Portugueza; por cuja cauſa regendo já o Cardeal, e porque chegou nova noticia das pazes aſſentadas com os Tamoyos por meyo dos Padres da Companhia, mandou preparar dous fermoſos galeoens com apreſtos de guerra, e ſoldadeſca, e por General a Eſtacio de Sá, ſobrinho do dito Governador, e os remeteo com elles a ſeu tio, para que juntos ás mais forças do Eſtado, ſe foſſe fazer Senhor do meſmo deſtrito do Rio de Janeiro. Chegou Eſtacio de Sà, e viſtas as ordens delRey, em que lhe ordenava foſſe meter gente noſſa na dita enceada, ſenhoreando a terra, e lançaſſe de todo fóra aos Francezes, e começaſſe alli a fundar huma Povoaçaõ.

O Governador, que nenhuma outra couſa mais deſejava, vendoſe com aquelle ſoccorro, apreſtou huma boa Frota, e mandou-a com aquelle novo Capitaõ, dandolhe o Regimento ſeguinte: *Que foſſe demandar a Barra do Rio de Janeiro, e entraſſe nella a ſom de guerra, e obſervaſſe alli as diſpoſiçoens, e conſelhos do inimgo, e ſe achaſſe occa-*

occaſiaõ, que promettesſe eſperança de vitoria, procuraſſe tirar o inimigo ao mar alto, e ahi rompeſſe com elle, fazendo ſempre por conſervar as pazes com os Indios Tamoyos; e ordenandolhe por fim do Regimento, que podendo tomar conſelho com o Padre Nobrega, naõ obraſſe couſa de importancia ſem elle, pelo grande conceito, que tinha de ſua virtude, e prudencia experimentada.

Chegou Eſtacio de Sá à Barra do Rio de Janeiro no mez de Fevereiro, e mandou logo chamar o dito Padre; porèm achando os Tamoyos rebelados, e tendo noticia de que em S. Vicente havia novas revoltas, voltou àquella Capitania. Soubeſe na Bahia o retiro da Armada, e deu eſta noticia muy grande cuidado, por ſenaõ ſaber a cauſa; mas tudo foy para melhor ſucceſſo; porque compoſtas as couſas levou dalli grandes ſoccorros de mantimentos, e Indios amigos; e dous Padres da Companhia Gonçallo de Oliveira, e o ſanto Anchieta para remedio eſpiritual, e para conſelheiros, e directores de huma, e outra lingua, em que eraõ peritos; e tendo gaſto alli o reſto do anno, ſe tornaraõ a fazer à vela no Janeiro ſeguinte, e a 20. do dito mez, dia dedicado a S. Sebaſtiaõ, que por bom prognoſtico tomaraõ por Padroeiro da empreza, por ſer taõ grande Martyr; e por ſer nome do ſeu Rey.

Chegaraõ a occupar a Barra do Rio de Janeiro no primeiro do mez de Março: aqui lançaraõ ferro junto ás Ilhas que eſtaõ proximas a ella, eſperando pela nao capitania, que por ſua grandeza, e ventos contrarios vinha mais devagar. Unidas jà todas, entraraõ pela Barra dentro; ſaltou a infantaria em terra, e começouſe a fortificar com trincheiras, e foços no lugar aonde depois chamaraõ Villa Velha, junto a hum altiſſimo penedo, que pela fórma delle ſe chama *Paõ de açucar*, e outra penedia, que por outro lado a cercava, com que ficavaõ em parte defendidos. Huma ſó couſa deſcontentava o lugar, que era a falta de agua; mas Deos a deparou muito boa em hum poço que alli ſe abrio.

Deſte lugar haviaõ os noſſos de ſahir a conquiſtar, e haviaõ de ſer conquiſtados com deſigual poder; porque ſuppoſto que eraõ eſpantoſas aos Indios as noſſas armas de fogo, e noſſas naos poſſantes: era com tudo muito mais formidavel a grande multidaõ de canoas vollantes, e guerreiras a centos, e infinidade de Tamoyos armados, que cobriaõ os mares, e as prayas, todos ao ſom de guerra: elles, e ſeus lugares cercados, e vallados, inſollentes das vitorias paſſadas; e ſobre tudo ajudados, e animados com as naos de alto bordo dos Francezes. Eraõ eſtes Tamoyos entre todas as Naçoens do Braſil, ouſa-

ouſados no acometer, ſagazes nas cilladas, e no arco deſtriſſimos: deſpediaõ a ſetta com tal força, que paſſava o eſcudo, e muitas vezes ſuccedia traſpaſſar hum corpo, e ſahir ainda com tal vigor, que ſe hia penetrar em outro, ou em qualquer arvore. Com eſta caſta de gente era a noſſa contenda.

Animavaõ os Padres aos ſoldados com forçoſas palavras; e naõ menos o Capitaõ com huma valente pratica, adequada ao intento, e à occaſiaõ preſente, com que os ſoldados tomaraõ reſoluçaõ, e perderaõ algum terror, com que eſtavaõ. Pouco depois de alojados, aos 6. de Março fizeraõ os inimigos huma enveſtida aos noſſos como para prova da ſua diſpoſiçaõ, e valor: acharaõ porèm valor, e reſiſtencia, qual naõ cuidavaõ: pelejouſe de huma, e outra parte; mas foraõ vencidos dos noſſos, que mataraõ muitos, e puzeraõ os mais em fugida, fazendo preza nas canoas, em que vieraõ. Aos 12. do meſmo mez lhe tomaraõ os noſſos outras vinte e ſete canoas. Com eſtes bons principios tomaraõ os noſſos grande animo; e ſe foraõ continuando os ſucceſſos favoraveis pela noſſa parte. Vioſe aqui hum favor conhecido do Ceo, que fez paſmar aos meſmos inimigos; porque muitos pelouros dos Francezes davaõ nos peitos dos noſſos, como ſe deraõ em duro ferro, cahindo aos pès, ou tornando fruſtrados para traz, como aprovando a juſtiça da noſſa cauſa; e as feridas, que alguns recebiaõ, ainda que mortaes, com tal facilidade ſaravaõ, que era força atribuirſe ao favor Divino. Quiz a preſumpçaõ de Ambroſio Fernandes, Cirurgiaõ q̃ os curava, atribuir a cura á ſua graõ pericia; porèm quiz Deos moſtrar o contrario, ficando morto em hum conflito, e proſeguindo o meſmo favor da cura milagroſa, ainda em mortaes feridas. Huns atribuhiaõ o favor à Virgem Maria, e outros ao Martyr S. Sebaſtiaõ, que tinhaõ tomado por Padroeiro.

Foy mais notavel, e patente o ſucceſſo, que aconteceo no principio de Junho: appareceraõ à viſta do noſſo arrayal tres poderoſas naos de Francezes, bem artilhadas, e huma grande quantidade de canoas de guerra, que paſſavaõ de cento e trinta; preſentaraõ batalha aos noſſos, com as coſtumadas vozes, e alaridos, que atroavaõ os mares, e os montes. Naõ deſmayaraõ os noſſos, antes os receberaõ com forte animo diſparando ſobre elles quantidade de artelharia, e arcabuzaria, com taõ bom emprego, que fez deitar a capitania á coſta, entre huma penedia, donde mal ſe pode ſalvar; acometeraõ os inimigos em ordem de guerra: as tres naos Francezas ſe começaraõ a deſfazer em fogo de pelouros, bombas, e alcanzias. Os Tamoyos cobrindo os ares com nuvens de frechas, que ca-

cahiaõ ſobre os noſſos. Porèm ſervio de amparo a protecçaõ do inſigne Martyr S. Sebaſtiaõ, que com fé invocaraõ; porque paſſada a tromenta, correndo as eſtancias, ſenaõ achou morto algum, ſendo que da parte contraria o foraõ muitos, e os vivos poſtos em fugida pela noſſa artelharia. O Capitaõ Sà, naõ ſatisfeito de defenderſe dentro do arrayal, quiz moſtrar que tinha poder, e animo para buſcar o inimigo fóra delle. Acometeo as naos Francezas, e fez nellas cruel eſtrago com a artelharia da capitania. Deſpedio no meſmo tempo eſquadras contra as Aldeas, e contra as canoas de peſca, em que fizeraõ muitas prezas, e deixaraõ ao inimigo atemorizado.

Aos 15. de Outubro tiveraõ outra grande vitoria de ſeſſenta e quatro canoas inimigas, que tinhaõ cercado, e poſto em grande perigo a ſete noſſas, ás quaes acodindo outras ſete, depois de larga peleja as desbarataraõ, e ſe ſenhorearaõ de algumas. Fez o Capitaõ Sà tambem huma ſurtida contra huma grande Aldea; mas tendo noticia, que em outra muito affamada eſtavaõ os Indios juntos em huma feſta, deu ſobre elles, e os poz quaſi todos a ferro, e fogo; mas tambem foy á cuſta de muitas feridas dos noſſos, e morte de Antonio da Lagea, que por querer livrar huma miſtiça de S. Vicente, que alli eſtava cativa, ſahio taõ maltratado do meſmo fogo, que em breves dias morreo.

CAPITULO CXXI.

Proſegueſe a guerra do Rio de Janeiro, expulſaõ dos Francezes, e fundaçaõ daquella Cidade com o nome de S. Sebaſtiaõ.

FOraõ varios, e continuados os ſucceſſos da guerra por todo o anno de 1566. mas com o favor de S. Sebaſtiaõ, que tinhamos tomado por Padroeiro, ſempre ſucederaõ em favor noſſo. Em Julho ſuccedeo, que deſeſperados os Tamoyos com os ſeus maos ſucceſſos, aconſelhados dos Francezes, determinaraõ empenhar o reſto do ſeu poder, e com cento e oitenta canoas bem armadas, e governadas por muy deſtros Capitães ſeus, e Francezes, quizeraõ fazer huma ſurtida contra os noſſos: partiraõ em ſegredo até couſa de huma legoa do arrayal Portuguez, e alli ſe detiveraõ encubertos com huma ponta de terra, deſpedindo algumas poucas como a offerecer batalha aos noſſos, para que ſahindolhe, ſe foſſem retirando atè os irem meter na cillada. Tinha ſahido do noſſo arrayal huma canoa, em que hia Franciſco Velho, Mordomo do Santo Martyr, a buſcar madeira, para ſe lhe fundar huma Capella; e

foy dar com as canoas inimigas.

Sahio em ſeu ſoccorro o Capitaõ com mais quatro, puzeraõſe as contrarias em retirada manhoſa, e as foraõ meter na cillada; alli ſe viraõ em grande perigo, e certamente ſeriaõ deſtroçadas, ſegundo o grande numero, que lhe vinha cahindo em cima, ſe lhe naõ valera o meſmo Santo, que elles invocavaõ no conflito, permittindo que pegaſſe fogo na polvora da canoa ao diſparar de huma roqueira, cujo incendio, como couſa deſacoſtumada, meteo terror nos inimigos, e os fez fugir, por mais q̃ os Francezes quizeraõ ter maõ nelles. Ficaraõ os noſſos deſaſſombrados, atribuindo o caſo a favor de S. Sebaſtiaõ, e muito mais quando depois viraõ, que os Tamoyos perguntavaõ: *Quem era aquelle ſoldado taõ gentilhomem, que andava armado no tempo do conflito, e ſaltava intrepido em ſuas canoas, e lhe meteo tal terror, que foy a mayor cauſa de fugirem?* Deſembarcando os noſſos em terra, foraõ á Igreja, e fizeraõ acçaõ de graças por taõ evidente favor. E daqui ficou introduzida a feſta das canoas, que alli ſe celebra todos os annos em dia de S. Sebaſtiaõ.

Em Novembro deſte meſmo anno partia da Bahia o Governador Mem de Sà a fundar a Cidade do Rio de Janeiro, por ordem delRey, expulſando dalli os inimigos, cuja reſiſtencia o tinha já muito enfadado pela dilataçaõ da guerra: foy em ſua companhia o Biſpo D. Pedro Leitaõ, o Padre Ignacio de Azevedo, Viſitador da Companhia de Jeſus, que depois foy martyrizado no mar, como a diante veremos, o Padre Provincial Luiz da Grãa, o grande Anchieta, e outros, levando hum bom ſoccorro de embarcaçoens, e ſoldados valeroſos, e chegou áquella Barra em 18. de Janeiro do anno de 1567. e tomado por bom prognoſtico, quiz logo em dia de S. Sebaſtiaõ, que ſe fizeſſe huma enveſtida contra o inimigo, que eſtava fortificado em duas Aldeas de mayor conta, fortificadas de gente, foços, cavas, e artelharia, que pareciaõ inexpugnaveis, confiando no Santo que tanto ás claras os favorecia. Saltaraõ em terra depois de varios pareceres, lançou o Biſpo ſua bençaõ Paſtoral, encomendaraõ os Religioſos o negocio a Deos, com voto feitó ao Patraõ por concordancia de todos.

Ao romper da manhãa do dito dia, diſpoſtos dous batalhoens da flor da infantaria da Armada, e o arrayal a cargo do Capitaõ mór Eſtacio de Sá, feita primeiro huma breve falla em nome do Santo, acometeraõ igualmente a ferro, e fogo a fortificaçaõ principal, que era a de Uraçumiri, mais difficultoſa por ſitio, e preſidio mayor de Tamoyos, e ſoldados Francezes, e depois de varios ſucceſ-

ſos

ſos foy entrada, e vencida com laſtimoſo eſtrago dos Tamoyos, que morreraõ todos, e dos Francezes dous, e cinco tomados ás mãos foraõ pendurados em hum pao, para terrivel eſpectaculo dos mais. Cuſtou aos noſſos dez, ou doze mortos, ſendo o de mais conta o Capitaõ Gaſpar Barboſa, homem de muito eſforço, e virtude; porèm o que mais ſe ſentio foy ſahir muy mal ferido o Capitaõ mòr Eſtacio de Sá, de que morreo pouco depois.

Concluido eſte combate, acometeraõ a ſegunda Aldea, chamada Paranápucuy, que eſtava ſituada na Ilha do Gato, para o que foy neceſſario conduzir a artelharia, e baterlhe as cercas, que eraõ dobradas, e fortiſſimas: mas em breve tempo foraõ poſtas por terra, e mortos quantidade de barbaros. Fortificaraõſe alguns em huma caſa; mas obrigados de hum apertado cerco ſe vieraõ a entregar ſó a partido de vida; mas naõ da liberdade. Morreo da noſſa parte hum Portuguez, e alguns Indios. A' viſta deſtas vitorias deſmayaraõ os Tamoyos, perdendo a confiança, que tinhaõ nos Francezes, fugiraõ huns pelo Certaõ dentro, e os mais pediraõ pazes, que lhe foraõ concedidas. Fizeraõ os Portuguezes acçaõ de graças a Deos, e ao Martyr S. Sebaſtiaõ: tomaraõ poſſe da terra, abrazaraõ as forças contrarias, principiaraõ outras de novo mais perduraveis, e tambem lançaraõ os fundamentos á Cidade, que dedicaraõ a S. Sebaſtiaõ, em memoria de tantos beneficios delle recebidos, e tambem por reſpeito delRey, que era Sebaſtiaõ. Foy ſubſtituido em lugar do Capitaõ mór defunto, Salvador Correa de Sá, ſeu ſobrinho, e do Governador geral.

Agora que nos vemos ſenhores deſtes deſtritos, he bem ſe faça huma breve diſcripçaõ delles. Entre o Promontorio a que hoje chamamos Cabo frio, e aquella paragem da terra, que correſponde ao Tropico Auſtral, a que chamamos da Ilha grande, corre hum pedaço da America, dos mais notaveis, que fabricou a natureza, porque no meyo deſtes dous eſtremos, altura de vinte e tres graos e meyo, parece tomou à ſua conta a meſma natureza induſtrioſa ſahir com tal ſitio, que igualmente foſſe inexpugnavel a inimigos, ſeguro aos amigos, e proveitoſo a todos os viventes. Conſta eſta de huma bahia, e de hum grandioſo reconcavo na fòrma que logo diremos, e tem por nome *Rio de Janeiro*, nome que lhe foy poſto por ſer deſcuberto no primeiro de Janeiro do anno de 1532. pelo famoſo Heroe daquelles tempos Martim Affonſo de Souſa.

Foy eſte ſitio ſempre formidavel a todo o inimigo maritimo; porque na verdade he temeroſa, e horri-

horrivel aquella muralha natural, que vay cercando toda esta paragem junto ao mar, das mais estranhas penedias que já mais se viraõ. Assombro he das Armadas mais fortes, quando chegando de mar em fóra a ter vista da terra, em lugar de prayas que alegrem, começaõ a ver apparencias disformes de rochedos taõ altos, que sobem às nuvens, e espantaõ aos homens com as figuras que fazem, e conforme ellas, assim lhe poem os nomes: *O Frade*, *a Gavia*, *a Cella*, e outros semelhantes. Quando já vem chegando à Barra, se vèm levantados de hum, e outro lado, quaes dous Gigantes fortes, dous monstruosos corpos de solido penedo, a que chamaõ *Paens de açucar*, que dando com as cabeças nas nuvens, lavaõ os pès nas aguas. Vomita cada hum delles, quasi das suas entranhas fogo, e pelouro, quando entraõ em colera, de duas Fortalezas Reaes; naõ ha capitania inimiga, que ouse embocar; porque a Barra he de novecentas braças sómente; o encostar a hum, e outro penedo he naufragar; e o tomar o canal pelo meyo, he esperar a furia do canhaõ à maõ tente de huma, e outra parte das forças. E quando fosse possivel a entrada, naõ he possivel a sahida; porque de força ha de voltar com a marè, e obedecer aos pés de hum destes penedos, experimentando seus rigorosos tiros.

Pelo terreno vay rodeando toda a Bahia, e reconcavo do Rio de Janeiro aquella espantosa serrania, que já por vezes temos dito corre a Costa toda, e com a parte della mais aspera, chamada as *Montanhas dos Orgãos*; porque em fórma destes instrumentos vaõ levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazendo altura immensa, que excede as nuvens, e parece chega à segunda regiaõ do ar; representaõ aquelles grandes montes, muralhas, ou torres formidaveis, postas entre nós, e os Barbaros, que habitaõ a outra parte; porque alli fulmina a natureza em tempos tormentosos taes rayos, curiscos, e estrondos de disformes trovões, que assombraõ a terra; e chegaraõ a suspeitar as Naçoens agrestes, que estavaõ armados de proposito para defença dos Portuguezes. Saõ com tudo alegres em tempos de bonança aquelles picos inacessiveis, por sua fórma, altura, e fermosura, revestidos de arvoredo muy verde, e arrebentando em ribeiras de agua, que despenhadas dos altos cumes, vem a pagar tributo ao mar, e alegraõ os olhos dos moradores. He o alagamar da Barra para dentro huma estendida, e fermosa bahia, emula da de Todos os Santos, formada das enchentes do Occeano, que embocando pela Barra dentro, chegaõ quasi a lavar os pès daquelles montes, a que chamamos

Or-

Orgãos. Tem eſte alagamar, ou bahia como couſa de oito legoas de diametro, e vinte e quatro de circunferencia; eſtà entrexaçada de Ilhas, boqueiroens, e eſteiros: eſtes ornados da verdura dos mangues, e vermelho dos paſſaros, a que chamaõ *Goarazes*, fazem a viſta aprazivel: as Ilhas fazem numero de quarenta, entre mayores, e menores, com groſſas fazendas, e moradores. Deſembocaõ nella varios, e caudeloſos rios, huns do Certaõ, outros das ſerras circunviſinhas, que com o doce de ſuas aguas fazem continua guerra ás do mar, querendo prevalecer cada qual dellas.

He abundantiſſima de peſcado em tanta quantidade, que houve tempo, em que era neceſſario navegar com cautela em embarcaçoens razas, para evitar o perigo dos peixes, que ſaltando de huma a outra parte cahiaõ dentro: e ſuccedia ſer talvez com prejuizo do roſto, e olhos dos que navegavaõ. He faciliſſimo o meneyo, e ſerviço dos arredores; porque ſaõ muitas as embarcaçoens, mayores, e menores, que cortaõ eſtas aguas de dia, e de noite, fazendo alegre viſta, e ſuave o commercio. Todo o circuito deſta bahia eſtà hoje povoado de moradores de fazendas groſſas, entre as quaes avultaõ mais as dos engenhos de açucar, que paſſaõ de cem, ſuppoſto que com menos maquinas que as da Bahia.

Fundouſe a Cidade de S. Sebaſtiaõ do Rio de Janeiro, em hum lugar diſtante do arrayal huma legoa, e ſe fortificou com forças, e a Barra com duas de huma, e outra parte, fechandoſe a porta totalmente aos inimigos. No coraçaõ da Cidade deu o Governador Mem de Sà ſitio para ſe fundar hum Collegio aos Padres da Companhia de Jeſus, e lhe applicou dote de renda neceſſaria para ſuſtento de cincoenta Religioſos em nome delRey, que aſſim o ordenava o Cardeal Regente, cuja merce aceitou o Veneravel Padre Azevedo, Viſitador entaõ, e depois Martyr, cuja eſcritura do dote ſe paſſou em Lisboa, firmada já pela maõ delRey em 6. de Fevereiro do anno ſeguinte de 1568. e diz aſſim: *Por quanto nos conſta do fruto, e proveito, que a Republica Chriſtãa recebe no Collegio da Bahia, e que os Padres da Companhia de Jeſu trabalhão com a Divina graça, não ſó por afugentar as trevas da infidelidade com a luz Euangelica; mas tambem de promover os Chriſtãos com doutrina, e exemplo. E porque conſiderando nòs o Inſtituto deſta Religiaõ, e ſeu modo de viver; eſperamos que eſtes frutos da Divina gloria, e Republica Chriſtãa creſceràõ cada dia mais, augmentandoſe o numero dos ditos Religioſos, e edificandoſe mais Collegios como ſabemos que tinha intençaõ fazer El Rey meu avó, e Senhor, que Deos haja. Havemos por bem,*

que

que ſe faça outro Collegio na Capitania de S. Vicente, para cincoenta Religioſos da dita Companhia, e nas outras viſinhas a ella, aonde os Religioſos do Collegio da Bahia naõ podem abranger, ſe occupem em enſinar a doutrina Chriſtãa aos Fieis, e em converter os infieis à noſſa Santa Fé, para que ajundandoſe aſſim huns aos outros eſpalhem o ſom da prégaçaõ Euangelica por todos os termos da noſſa juriſdição no Braſil. E a cada hum dos ditos Religioſos ſe dará tanto de minhas rendas, para ſeu mantimento, e veſtido, quanto ſe da a cada hum dos que vivem no Collegio da Bahia. Acabada eſta glorioſa expediçaõ, e principiados os edificios da nova Cidade, partio o Governador Mem de Sá para a Bahia, deixando a ſeu ſobrinho Salvador Correa de Sà por Capitaõ Governador do Rio de Janeiro, e fez aviſo a Lisboa a ElRey do que havia obrado, onde foy recebida eſta nova com grande goſto, e alegria de todos.

CAPITULO CXXII.

De outros ſucceſſos de guerra notaveis.

ENtre os Indios noſſos confederados que nos ajudaraõ neſta guerra foy hum chamado no Bautiſmo Martim Afloníó deSouſa, nome que ſe lhe deu do Deſcubridor do Rio de Janeiro, o qual fez taes proezas contra os Tamoyos, que elles aggravados do muito que os afrontou, tiveraõ ſempre intento de ſe vingar delle. A eſte depois de acabadas as guerras, mandou o Governador que aſſiſtiſſe com ſua gente em hum ſitio viſinho à Cidade, que tem hoje por nome *S. Lourenço.* Aqui depois de aſſentada a ſua Aldea, intentaraõ os ditos Tamoyos, reliquias dos vencidos, que viviaõ no Cabo frio havello às mãos, e fazer delle hum banquete, e tiveraõ boa occaſiaõ; porque havendo de carregar em ſeu deſtrito de pao Braſil quatro navios Francezes, lhe pediraõ os ajudaſſem neſta empreza, e como os Francezes dependiaõ delles aceitaraõ, entrando em ſom de guerra pela Barra do rio dentro com oito lanchas, e grande numero de canoas.

Eſtavaõ ainda as Fortificações ſem forças, para lhe impedir o paſſo, e a Povoaçaõ ſem cerca, por cuja cauſa ſe teve por perigoſo o caſo; porque o inimigo chegou inopinadamente, ſeu poder era grande, e o noſſo muy limitado, e ſe acometeſſem, corriamos entaõ riſco. Tomaraõ os noſſos animo, e mandaraõ perguntar aos Francezes, com que intento entraraõ? Reſponderaõ que hiaõ entregar nas mãos dos Tamoyos a Martim Affonſo de Souſa. Ficaraõ os noſſos mais deſaſſombrados; mas ſempre com algum cuidado àcerca do Indio amigo, e do

mais

mais que poderia acontecer; pelo que mandou o Governador Salvador Correa de Sà aviſallo, e buſcar ſoccorro de canoas a toda a preſſa a S. Vicente.

Naõ deſmayou o Indio com o aviſo; mas tratou de ſe fortificar o melhor que pode, deſpejou a gente inutil para fóra, e eſperou com animo o inimigo. Deſembarcou eſte em terra, e conheceraõ entaõ ſer o ſeu poder formidavel, em comparaçaõ do com q̃ elle ſe achava; porque as quatro naos jogavaõ muita artelharia; as oito lanchas lançaraõ de ſi ſumma de Francezes com armas de fogo; as canoas taõ grande multidaõ de Tamoyos, que cobriaõ as prayas, taõ bem apercebidos, como para alguma guerra de mais porte.

Porèm traçava a qui o Ceo hum ſucceſſo de grande fama, e foy que os inimigos dando por certa a vitoria, aquelle dia que ſahiraõ em terra quizeraõ deſcançar ſem fazer operaçaõ alguma. Succedeo que aquella meſma noite entrou na Aldea hum pequeno ſoccorro, que o Governador mandou de Portuguezes capitaneados por Duarte Martins Mouraõ, homem de valor. Viſto eſte ſoccorro chorou de alegria o Capitaõ Souſa, e depois de exaggerar aos ſeus os grandes louvores da lealdade dos Portuguezes, que em taõ apertada occaſiaõ naõ ſe eſqueceraõ delles, e depois de lhes trazer à memoria as façanhas de ſeus antepaſſados, e as que elles tinhaõ obrado na contiuaçaõ daquellas guerra, taõ prolongadas, tomou huma reſoluçaõ digna de coraçaõ eſforçado; e confiado no valor dos ſeus, e no ſilencio, e eſcuro da noite, mandou romper as cercas, e appellidando o nome de Jeſu Chriſto, e do Martyr S. Sebaſtiaõ, acometeo ao inimigo de improviſo. Travouſe aqui huma bem ferida batalha; porque os noſſos, à voz, e exemplo de ſeu Capitaõ pareciaõ Leoens; e como deraõ em corpo deſconcertado, faziaõ no inimigo grande eſtrago. Por outra parte a meſma multidaõ fazia reſiſtencia, e pelejavaõ fortemente os mais eſforçados; mas como ſem ordem, e entre a confuſaõ da noite, houveraõ por fim de voltar as coſtas. Seguiraõ os noſſos o alcance, e com pouco damno fizeraõ huma grande matança.

Em quanto huns, e outros andavaõ na briga, as naos Francezas que eſtavaõ junto da praya, poſtas em ſeco com a vazante da marè, naõ puderaõ jogar da artelharia, o que advertindo alguns dos noſſos, aſſeſtaraõ contra ellas hum falcaõ pedreiro, que tinha hido com o ſoccorro, diſparando-o nos convezes virados para a terra á maõ tente nuvens de pedras; mataraõ muitos dos Francezes, e deſtroçaraõ a inxarcea miuda. Acabada eſta memoravel vitoria aclarou a manhãa, e viraõ

entaõ

entaõ os inimigos o ſeu grande eſtrago, e mal puderaõ as reliquias dos Francezes reduzirſe às ſuas naos, e as dos Tamoyos a algumas de ſuas canoas. E aſſim confuſos, e envergonhados voltaraõ todos pela Barra fóra, e chegando ao Cabo frio chorараõ os Tamoyos a ſua ruina, e os Francezes ſe partiraõ com bem pouca alegria para ſuas terras, deixando com eſta ultima vitoria o Rio de Janeiro deſaſſombrado.

Soube ElRey D. Sebaſtiaõ do caſo, louvou muito o eſforço do Indio, e o mandou premiar muy bem com peſſas, Habito de Chriſto, e hum veſtido do ſeu proprio corpo. Depois de alcançada a victoria chegou o ſoccorro, que ſe tinha mandado pedir a S. Vicente; e achando concluido o effeito para que vinhaõ, naõ quizeraõ voltar ſem alguma proeza memoravel, pelo que os mandou o Governador contra o Cabo frio, para onde os inimigos ſe tinhaõ retirado; onde acharaõ teremſe jà hido os Francezes; porèm acharaõ huma nova nao daquella Naçaõ bem artilhada, e carregada de mercadorias: voltaraõ com eſta noticia, e como eſtavaõ os do Rio vitorioſos, e os de S. Vicente deſejoſos de pelejar, convieraõ em ir com todas ſuas canoas render aquella nao.

Partio o meſmo Capitaõ Governador em peſſoa com gente de effeito, e chegando a ſerem aviſtados dos montes do Cabo frio, fizeraõ os Tamoyos aviſo aos Francezes, entre os quaes ſervio de rizo o poder de pequenas canoas contra huma nao artilhada de porte de mais de duzentas tonelladas. Porèm chorараõ o que riraõ; porque as canoas acometeraõ huma madrugada por huma, e outra parte, e ganharaõ de repente os coſtados, donde por mais que a nao eſtava preparada de artelharia, e guarnecida de ſoldados armados, e arteficios de fogo, a artelharia naõ fazia effeito; porque jogava pelo alto, e ficavaõlhe as canoas debaixo: e da meſma maneira todas as mais armas de fogo ficaraõ fruſtradas; porque as frechas varejavaõ os bordos de maneira que naõ era poſſivel chegarem os Francezes a elles, os quaes logo ſentiraõ bem a força das pequenas canoas, e julgaraõ à ſua cuſta ſer rizo o rizo que de antes tiveraõ.

Acometeraõ os noſſos a ſubida tres vezes; mas como ao entrar ficavaõ a peito deſcuberto, foraõ rebatidos com os piques, e com alcanzias de fogo; e neſtes tres acometimentos cahio ſempre o Governador ao mar, ſem ſaber nadar, e ſempre foy livre pelos noſſos Indios. Prolongavaſe a briga travada de parte a parte: o Capitaõ da nao veſtido de armas brancas, brigando com duas eſpadas, defendia, e animava aos ſeus com valor, diſcorrendo por todo o convès

vès: entenderaõ os noſſos, que neſte conſiſtia a dilataçaõ do ſucceſſo; mas como andava taõ bem armado naõ entravaõ com elle as ſettas. Entrou em brio hum frecheiro, perguntou ſe tinhaõ aquellas armas algum lugar por onde entraſſe huma frecha? Diſſeraõlhe que pela viſeira: baſtou o dito para o effeito, diſparando huma frecha, que pelo meſmo lugar penetrou o olho, e interior da cabeça ao Capitaõ contrario, e deu com elle no convès, á viſta do que deſmayaraõ os ſoldados; fugiraõ para debaixo depois de muy bem feridos: entraraõ os noſſos, e renderaõ a nao à viſta dos meſmos Tamoyos contrarios, que como eſcaldados naõ ſe atreveraõ a ajudar a ſeus amigos.

Mandou o Capitaõ Governador dar á vela, e entrou com a nao no Rio. Deu o ſaco aos ſoldados, que em breve tempo appareceraõ todos veſtidos dos melhores panos do Mundo. A artelharia applicou-a à defenſa da Cidade, e na Fortaleza de Santa Cruz na Barra ſe conſervaõ ainda hoje algumas deſtas peças. A nao mandou o dito Capitaõ mór a Mem de Sá ſeu tio com a relaçaõ deſte bom ſucceſſo, e ficou elle ſómente com a gloria delle, naõ tomando couſa alguma do deſpojo para ſi. Eſtes grandes feitos dos Portuguezes na America, enfrearaõ dalli em diante aos noſſos inimigos para nos terem mais reſpeito, e naõ ſe atreverem contra nós. Foyſe augmentando a Povoaçaõ da Cidade com utilidade dos Portuguezes, e muito mais que por eſta via ſe deſcobriraõ as Minas do ouro. De Pernambuco naõ temos noticia dos ſucceſſos particulares deſtes annos, ſó conſta que ſe hia augmentando a Povoaçaõ, e a utilidade dos engenhos de açucar, donde veyo ſempre o mais ſelleto, e de outras produçoens do paiz. De tabaco ſenaõ tratava ainda neſte tempo, nem ſe entendia ainda a ſua utilidade. O fruto eſpiritual era mais commum, e geral por toda eſta nova Luſitania.

CAPITULO CXXIII.

Do caſamento da Senhora Dona Maria, e de como foy para Parma.

O Infante D. Duarte filho del-Rey D. Manoel, foy caſado com a Senhora Dona Iſabel filha do Duque de Bragança D. Jayme, da qual teve, e deixou por ſua morte hum filho, chamado tambem D. Duarte, que faleceo ſolteiro na Cidade de Evora, adornado de muitas, e grandes virtudes, como diremos na ſegunda Parte. Teve mais duas filhas, a mais velha ſe chamava Dona Maria, que caſou com Alexandre Farneſio, Principe de Parma, e Placencia, para o que mandou ſeus Embayxadores a eſte Reyno

a pedilla por eſpoſa, e a ajuſtar o caſamento, e os contratos delle, e feito iſto veyo huma Armada em buſca della, muito bem guarnecida de muy luſtroſos ſoldados, e por General della vinha o Conde de Màsfelth, Cavalheiro Flamengo, que trazia comſigo ſua mulher com ſuas Damas, e tudo o mais neceſſario.

Chegando eſta Armada ao porto da Cidade de Lisboa, diſparou muita, e groſſa artelharia toda aquella tarde; e ElRey D. Sebaſtiaõ, o Cardeal Infante D. Henrique Regente do Reyno, a Rainha Dona Catharina, a Infanta Dona Maria, a Infanta Dona Iſabel mãy da noiva, e o Senhor D. Duarte ſeu irmaõ, eſtavaõ todos poſtos em huma varanda dos Paços, que chamaõ da Ribeira, por eſtarem fundados junto do mar da dita Cidade, e em ſuas prayas, ſentados em ſeu Throno Real, onde receberaõ o Conde, e ſua mulher, e mais Senhores Parmenſes, que vinhaõ em ſua companhia, dos quaes aceitaraõ muitos comprimentos, e cartas do ſeu Principe.

Houve naquella noite Seraõ Real, e outras muitas feſtas, e aviada a jornada da Princeza, partio eſta Senhora deſta Corte de Lisboa para a de Parma em 14. de Setembro, dia da Trasladaçaõ da Vera Cruz do anno de 1565. Deſpedioſe de ſua mãy, irmãa, e tias a Rainha, e Infanta Dona Maria com muitas lagrimas, e ſaudades departe aparte. Acompanhoua ElRey, e o Cardeal ſeu tio, e o Senhor D. Duarte ſeu irmaõ, e outros muitos Senhores Portuguezes, atè bordo da Urca, em que embarcou, e foy pela Barra fòra. Deu ElRey, e o Senhor D. Duarte ao Conde peſſas da India de muito valor, e o meſmo fizeraõ a Rainha, e Infantes á Condeça, e ſuas Damas, premiando-as com muitas joyas de grande valor.

Foy eſta Princeza adornada de muitas, e preclariſſimas virtudes, e acabou a vida com fama de grande ſantidade. Foy máy do Principe Raynuncio Farneſio, que foy hum dos oppoſitores a eſte Reyno por morte do Cardeal Rey, como em ſeu lugar diremos. A outra filha do Infante D. Duarte foy a Senhora Dona Catharina, a qual era mais moça, e caſou neſte Reyno com D. Joaõ primeiro do nome, Duque de Bragança, que pertendeo a meſma ſucceſſaõ do Reyno, como ſe dirà em ſeu lugar.

CAPITULO CXXIV.

Do eſtrago q̃ Gaſpar Caldeira, Portuguez, veyo fazer com Francezes na Ilha da Madeira, e da Armada q̃ foy contra elle.

GOvernando o Cardeal Infante o Reyno de Portugal, achou

achou, que os Reys paſſados tinhaõ ordenado, e prohibido aos homens que hiaõ à Mina, que naõ pudeſſem trazer ouro por ſua conta, pela qual razaõ lhe tomavaõ por ſua ordem todo o que traziaõ, doque aggravados muitos homens do mar, doutos, e entendidos na Arte da Nautica, ſe foraõ de Portugal, huns para França, e outros para varias partes do Norte: entre os quaes foy hum Gaſpar Caldeira, homem de grande experiencia, e Meſtre da Marinhagem; eſte muito ſentido, e agaſtado pelo que lhe foy tomado, ſe foy para França com animo de tomar vingança, como fez nos pobres innocentes, que lhe naõ tinhaõ culpa. Sabendo o Cardeal da retirada deſtes Marinheiros, mandou publicar Editaes, para que dentro de certo tempo determinado voltaſſem para eſte Reyno, promettendo de lhe perdoar ſe obedeceſſem. Ao que alguns obedeceraõ, porèm o Caldeira naõ quiz, o qual ficando lá, ſe concertou com alguns Francezes, e Arrochelezes, para que o acompanhaſſem a fazer hum roubo, e vingança de pouco cuſto, e muito proveito; e ſegurando-os diſſo, os induzio a aparelhar algumas naos de Armada, e os trouxe à Ilha da Madeira com a dita Armada, que para eſſe effeito fizeraõ, e a inveſtiraõ aos 3. do mez de Outubro do anno de 1566. com ſete naos, que comſigo traziaõ, e a ſaquearaõ, e roubaraõ, matando perto de duzentas peſſoas da Ilha, na qual eſtiveraõ quinze dias, eſtando toda a gente della pela ſerra fugida, e eſcondida, em quanto ahi eſtiveraõ os Francezes.

Foy avaliado o ſaco que levaraõ, e a perda que fizeraõ em milhaõ e meyo de ouro. Levaraõ da Fortaleza toda a artelharia meuda, e a groſſa ficou quebrada, e encravada. Forçaraõ muitas mulheres, e quebraraõ muitas Imagens de Santos; porque a mayor parte dos que alli vinhaõ, eraõ hereges Luteranos. Chegando a Lisboa aviſo deſte ſucceſſo, e de como eſtavão na Ilha eſtes ladroens deſcançados, ſe ordenou a toda a preſſa huma Armada para ir contra elles, e ſe fez com a mayor furia, e preſteza que ſe tinha viſto em outra alguma occaſião; e foy por Capitão mór della Sebaſtião de Sá filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide mór da Cidade do Porto; (que depois foy Camareiro mór do Cardeal, ſendo Rey) conſtava eſta Armada de dezoito velas, a ſaber, cinco galeoens, e huma nao, que o ſingular Varão Jorge da Sylva armou à ſua cuſta, e foy por Capitão della, com o que manifeſtou muita parte do ſeu valor, zelo da Fé, e piedade Chriſtãa, da qual neſte tempo reſplandecião muitas outras obras; e o meſmo fizerão neſte acontecimento os mais Fidalgos da Corte; os quaes em geral, e em

particular moſtraraõ a conſtancia, e fogo do nome, e peito Portuguez, e de ſuas nobrezas, e lealdades. Hia mais huma nao de Aventureiros, homens, que naõ eraõ obrigados, e o faziaõ movidos ſó do zelo Chriſtão, e de grangear fama, honra, e nome. Outra de Franciſco Henriques; outra de Pedro Peſſoa: outra de Manoel Caſtanho: outra de Jordaõ Tavares: outra nao Mercante que eſtava de partida para S. Thomé, e levava os ſoldados do Capitaõ Franciſco Diſouro, e quatro caravellas, e huma delRey, e hum pataixo da Cidade, com que o filho do Capitaõ mòr tinha partido a diante, com as quaes ſe acharaõ na Ilha vinte e duas velas da Armada; porèm quando chegaraõ a ella, já os ladorens Francezes ſe tinhaõ retirado, e os naõ puderaõ topar; pelo que ſe voltou a noſſa Armada para o Reyno. Eſta Armada ſe aparelhou em menos de oito dias, preſteza nunca tal viſta, embarcandoſe todos nella com taõ deſatinado impeto, que ſe atropelavaõ huns aos outros, e naõ havia podellos reprimir, nem ter maõ nelles; embarcandoſe tantos, que já naõ cabiaõ dentro nas embarcaçoens.

Vendo o Cardeal fruſtrada a diligencia, que ſe fez para caſtigar eſtes tyrannos, tratou de haver ás mãos o Caldeira, principal autor de taõ grande maldade; eſcreveo logo a França ao Embaixador de Portugal, dandolhe conta do que o dito Gaſpar Caldeira tinha obrado neſte Reyno, e Ilha da Madeira, mandandolhe, que em todos os modos fizeſſe muito pelo haver ás mãos. Chegado o aviſo ao Embaixador, ficou muito ſentido de o naõ ſaber mais cedo; porque havia poucos dias que o dito Caldeira alli tinha eſtado. Porèm na meſma cala do Embaixador ſe agaſalhava hum Marinheiro Portuguez, que naõ acodira aos Editos, e era muito amigo do dito Caldeira, com o qual ſe concertou o Embaixador, prometendolhe da parte delRey de Portugal perdaõ, e mais ainda hum bom premio ſe o eſpiaſſe, e dèſſe à prizaõ, o qual com effeito prometteo de o entregar, e aſſim o fez, vindolhe no alcance atè huma Fortaleza de Biſcaya, que chamaõ Fonte-Rabia, onde o levou enganado, e dentro nella o prenderaõ; o que ſabido em Portugal, foy logo mandado trazer a Lisboa com muitas guardas, e ſegurança, ſendo cauſa ſua prizaõ de ſe fazerem outras muitas.

E já quando eſte delinquente chegou a Lisboa tinha ElRey D. Sebaſtiaõ tomado o governo do Reyno, havendo poucos dias, que o Cardeal ſeu tio lho tinha entregado, como adiante ſe verà; e trazendo o, deſembarcou na Ribeira em 16. de Fevereiro do anno de 1568. onde concorreo todo o Povo da Cidade para o ver, e todos o que-

o queriaõ matar com grande paixaõ contra elle pela grande maldade que fez, ſe a Juſtiça o naõ defendeſſe, e dahi o levaraõ à caſa da Relaçaõ, onde lhe foraõ feitas perguntas, e depois o meteraõ na Cadea publica do Limoeiro, onde naõ eſteve mais q̃ dous dias, nos quaes ſe ſentenciou, e condenou a arraſtar, e enforcar, e ſahio da Cadea em 18. do dito mez pelas ſete horas da manhãa. A gente era infinita pelas janellas, e pelas ruas eſtava tanta, q̃ ſe naõ podia romper, fazendo a Juſtiça o caminho ás pancadas para o levarem; e foy do Limoeiro aos Cubertos, e dahi á Ribeira, onde lhe cortaraõ as mãos ao pè do Pelourinho, e quando ahi chegou eraõ jà duas horas da tarde; daqui foy levado ao caes da pedra, e ahi enforcado, e eſquartejado; a cabeça ſe pregou na forca, e os quartos foraõ poſtos pelas mais publicas portas da Cidade, onde eſtiveraõ tres dias, e depois tirados, e ſepultados pelos ſervos da Santa Caſa da Miſericordia.

Eſte homem morreo muy contrito, e arrependido do grande mal, e peccado que tinha feito contra Deos, contra ElRey, e ſua Patria, e naturaes, pedindo muitos perdões a Deos, e à gente, fazendo exclamaçoens tão internecidas, que concorrendo todos a vello com duro coração, e animo raivoſo, por cauſa de ſua grande tyrannia, e inſolencia que uſou, chorarão ao depois com pena, e laſtima delle, pedindo a Deos lhe perdoaſſe, e rezandolhe por ſua alma.

Tambem ſe prenderão no Reyno de Caſtella dous Pilotos, que andavão fugidos, hum chamado Antão Luiz, e outro o Conheiras, e forão trazidos a eſta Cidade, e ſentenceados morrerão enforcados no meſmo caes da pedra.

Mandou logo tambem fazer queixa deſtes inſultos a ElRey de França por Joaõ Pereira Dantas, pedindolhe ſatisfação, e caſtigo; mas elle ſe houve com taes termos na ſua propoſta áquelle Rey, uſando de exclamaçoens, e palavras como de quem pedia miſericordia, como de inferior, ſendo de hum Principe Soberano, e poderoſo em todas as quatro partes do Mundo, que pedia huma ſatisfaçaõ amigavel, por não quebrar a paz, que havia entre ambos, por huma culpa, que bem ſe entendia não fora delRey, e quando não ſe dèſſe por obrigado a caſtigar Vaſſallos tão mal procedidos, tinha poder para tomar vingança; e ainda que ElRey de França, e a Rainha ſua mãy moſtrarão muito ſentimento, e mandaraõ paſſar ordens para que os culpados foſſem prezos, e caſtigados, e a eſte Rey no veyo hum Gentilhomem de ſua Camera para o deſculpar, e ajuſtar a compoſição; o Conſelho de Portugal ſe deſgoſtou, e ElRey ſe deu por mal ſervido de

Joaõ

Joaõ Pereira ao meſmo tempo que a elle parecia tinha obrado maravilhas. E como os Reys ambos eraõ moços, tempo em q̃ os Vaſſallos tomão liberdades, e as leys ſaõ mal guardadas, foyſe metendo tempo em meyo, e diſſimulando de ſorte, que a ſatisfaçaõ de tão grandes inſultos foy eſquecendo, e nunca teve bom effeito.

CAPITULO CXXV.

Do que ElRey paſſou com D. Aleixo ſobre lhe naõ conſentir, que ſahiſſe fóra em hum cavallo mal domado.

TInhaõ vindo a ElRey huns cavallos frizoens, ou Irlandezes eſcolhidos por fermoſos, e como huma tarde diſſeſſe a ſeu Ayo D. Aleixo, que eſtava enfadado, e que queria ir fóra, elle lhe reſpondeo, que lhe parecia bem, e que viſſe Sua Alteza de que tinha mais goſto, e de que cavallo, para ſe lhe aparelhar. Reſpondeolhe ElRey, que lhe mandaſſe pôr em ordem hum dos frizoens, ao que o Ayo lhe reſpondeo, que naõ era poſſivel; porque naõ eſtavaõ ainda domados, e feitos como convinha, e que lhe poderia ſucceder algum deſaſtre em cavallos mal domados. Inſiſtio ElRey em demandas, e repoſtas, atè que o ſeu Ayo o deſenganou, que em nenhuma maneira havia de ir em frizoens.

ElRey como moço ſe recentia de modo, que ſahio para outra caſa, e pondo a maõ no pano, foy dizendo algumas palavras, em que moſtrava enfadarſe de tanta ſogeiçaõ, e obediencia; e ouvindolhas alguns Fidalgos, que eſtavaõ na caſa de fóra, hum delles ſe poz de joelhos, e lhe beijou a maõ, louvandolhe o tal penſamento, e animo livre, e o enfadamento da ſogeiçaõ, e governar taes Vaſſallos, accreſcentando: *Que aſſim havia de fazer quem havia de ſer Principe Soberano.*

Parou ElRey, e cahindo na adulaçaõ, e no tiro, que cuidavaõ fazer a ſeu Ayo por aquella via, ſe tornou a meter para dentro, onde deixara a D. Aleixo, a quem com muita brandura, e obediencia diſſe, que lhe mandaſſe ſellar tal cavallo, que era dos de ſua peſſoa, ou qual quizeſſe; porque já D. Fulano lhe beijara a maõ, porque lhe deſobedeceſſe. Entre lagrimas naſcidas de ver o bom natural delRey, e o ſeu entendimento lhe deu D. Aleixo as razoens, que o moviaõ a naõ condeſcender em tudo com ſeu goſto, temendo o perigo de ſua Real peſſoa, em que ſó eſtavaõ poſtos os olhos, e eſperanças do Reyno; e que como ſeu Ayo, e guarda de ſua peſſoa eſtava obrigado a evitarlhe qualquer perigo, e elle obedecerlhe por eſſe meſmo reſpeito, e tambem pelo livrar a elle dos rayos de tantos queixoſos.

CA-

CAPITULO CXXVI.

De outra pratica, que D. Aleixo de Menezes fez a ElRey no dia antes que se lhe entregasse o governo do Reyno.

CHegando ElRey a idade de quatorze annos, em q̃ houve de tomar o governo do Reyno; naõ obstante que na clausula do testamento delRey seu avó ficara ordenado, que a Rainha governasse atè elle ter vinte annos cumpridos, para mostras do qual cumprimento se pedio á Rainha, que juntamente com seu neto quizesse entender no governo; ao que ella deu consentimento, obrigada do grande amor, que lhe tinha; mas o tempo mostrou em breve como esta petiçaõ fora mais contemporizar, que querer cumprir, o que della se seguio.

E como D. Aleixo de Menezes seu Ayo entendesse, que com a entrega, e governo do Reyno se havia de seguir huma grande mudança, e que para a sua muita idade, respeito, e authoridade de sua pessoa convinha retirarse à sua casa, e naõ authorizar com suas cans as novidades que antevia.

A manhãa do dia antes que fizessem as ceremonias da entrega, acabando ElRey de ouvir Missa, lhe pedio que o ouvisse diante de alguns Fidalgos que alli estavaõ, que tiveraõ por novidade pedir audiencia o que a todo o tempo a tinha; e parando ElRey com o amor, e veneraçaõ que lhe tinha, lhe disse o seguinte.

Dez annos ha, que por fallecimento delRey D. Joaõ meu Senhor, que Deos tem em gloria, e por voto, e nomeação sua me foy entregue a criaçaõ, e guarda de Vossa Alteza em idade de quatro annos, e com ella os animos, e esperanças de todo este Reyno, que como a unico successor dos Reys, que tantos annos o governaraõ, e o alcançaraõ por meyos de oraçoens, e lagrimas vos ama, e venera com o mayor affecto, que a todos os mais. A vigilancia, e cuidado, com que assisti a este cargo, e procurey responder ao pezo delle, naõ encareço; porque por grande que fosse nunca podia igualar a grandeza do deposito, e da confiança, que de mim se fez, e pareceria arguir a Vossa Alteza de pouco lembrado, referindolhe serviços, de que Vossa Alteza he a mayor, e mais intima testemunha, das quaes, e do animo, com que os fiz me mostrou Deos o fruto, e satisfação, que desejava, vendo antes de minha morte a Vossa Alteza em idade de tomar o governo de seus Reynos, e ornado de entendimento, partes, e inclinações dignas naõ só deste Imperio, mas de outros muito mayores, a que Deos, a grandeza do animo de Vossa Alteza, e as occasioens abriraõ

cedo

cedo caminho; e porque os muitos annos, que tenho, e a nova fórma do governo naõ darão lugar ao diante a tão continuas, e particulares advertencias, como atégora sohia fazer a Vossa Alteza, me pareceo, que devia ao contentamento deste dia, e ao amor, e lealdade, com que criey, e servi a Vossa Alteza, fazerlhe algumas lembranças, que por serem feitas em tal tempo, com tal animo, e em tal idade, merecem ser bem ouvidas, e estimadas em lugar do ultimo, e mayor serviço, que em minha vida fiz a Vossa Alteza.

Entrais, Senhor, neste incomportavel trabalho de governar vossos Reynos em idade, que com o nome de liberdade, e supremo Senhorio, temo que vos persuadão, que atè não fugirdes da companhia, e conselho da Rainha vossa avò, e do Cardeal vosso tio naõ sois verdadeiro Rey, que he a traça, por onde os que se querem aproveitar de vossa liberdade, fião abrir caminho na sua privança; e como estes attendão só à sua grandeza, e proveito particular, procurão approvando por justo qualquer delicto dos Principes, não lhes contradizendo cousa licita, ou ilicita, que intentem mostrarlhes, que o tempo, que vivião sogeitos aos bons conselhos, de quem com elles procurava sua estimação, e accrescentamento, foy huma sogeição, e cativeiro indigno de sua dignidade, de donde se seguirà, que apartados de vós aquelles, que com verdadeiro amor vos podem desenganar das faltas, que ha no governo, e cercado de quem por se sustentar na privança, approva por justos os erros do vosso gosto, padeça o Reyno grandes trabalhos, e o animo de vossos Vassallos não seja para com Vossa Alteza o que sohia ser para com os Reys vossos antepassados.

E como Deos dotou a Vossa Alteza de hum animo generoso, inclinado a emprender cousas grandes, temo que usando deste bom fundamento vos inclinem a empreza (se bem menores que vosso coraçaõ) mayores do que permittem as forças de vossos Reynos. E como os que seguem este caminho, medem as cousas näo pelo que saõ, senão pelo que querem que ellas pareção aos Reys, encubrindovos a industria, trabalho, e meudeza, com que vossos antepassados sustentavão com limitada fazenda a reputação do seu Estado, vos engrandecerão as riquezas, e forças de vossos Reynos, donde se seguirà meteremvos em emprezas, de que ou sahireis com pouca honra, ou aventurareis vossos Estados, e vida, sem conhecerdes o engano, senão quando lhe falte o remedio.

E porque nem a piedade, e animo religioso dos Reys está seguro de inconvenientes, lembro a Vossa Alteza como quem desde taõ pouca idade conhece sua inclinação santa, e zelo da exaltação da Fé Catholica, que nunca temi faltas na pessoa de Vossa Alteza por costume, e

obras

obras viciosas, senão por algum excesso, ou demasia, que passasse os limites das virtudes. Porque muitas cousas ha, com que huma pessoa particular pòde ganhar gloria, que sirvão de condenação a hum Principe. Tanto vay na differença dos estados! E porque em materias semelhantes senão podem dizer mayores particularidades, torno a lembrar a Vossa Alteza, que no que se lhe persuadir com pretexto de Religião, e consciencia, tenha singular attenção; porq̃ (o q̃ Deos não permitta) a haver alguns trabalhos, e alteraçoens em sua pessoa, e Reynos, por este caminho haõ de ter entrada.

No tratamento de Vossa Real pessoa vos lembro que não percais hum ponto de Magestade com os que mais intimamente vos servirem, e seja sempre o favor, e privança dentro da veneração devida à vossa grandeza; porque os Reys vossos antepassados extenderão o seu Imperio pelas mais remotas partes do Oriente sendo pays ao Povo, e aos Nobres Principes clementes; porque como dos Grandes a El Rey ha menos differença, que do Rey ao Povo, convèm dar selhe o favor acompanhado da Magestade necessaria para os manter em respeito, o que não milita na gente popular, aonde o excesso da affabilidade não aventura a authoridade do Principe, antes cativa os animos daquelles, que o considerão tão clemente, e evita com isto hum erro, com que cahirão muitos Reys, que entregando suas pessoas, e authoridade nas mãos de seus validos, e guardando o fausto, grandeza, e trato altivo para seu Povo vierão a ser aborrecidos de huns, e desestimados de outros, que nestes extremos vem a dar os Principes, que desacertão os meyos da conservação, e authoridade.

Não vos direy eu, Senhor, que nesta idade em que estais, deixeis a companhia, e communicação dos Fidalgos da vossa criação, e de ter com elles os honestos passatempos, que requerem os vossos poucos annos, que isto fora violentar as condiçoens da natureza, só vos lembro que estes sirvão para as horas da conversação, jogos, caça, e passatempos. Porèm que nas materias de Estado, Fazenda, e governo deis em tudo a mão aos Fidalgos antigos, criados nas escolas dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ de gloriosa memoria, vossos avòs, com cuja experiencia, e conselho sustentareis vossos Reynos na paz, e prosperidade, em que elles vos los deixarão; porque assim como será improprio intrometeremse estes nos exercicios, e mocidades, que hoje vè o mundo; assim seria preverter a ordem delles, e expor vosso Estado a huma ruina manifesta, metendo cousas de tanta consideração em mãos de pessoas faltas de annos, e experiencia.

E porque com a nova intrancia no Reyno pertenderõ alguns de Vossa Alteza merces exorbitantes, medidas mais pela grandeza de seu animo, e condição, que pelo que pe-

de o eſtylo, e a poſſibilidade deſte Reyno, e por ventura o merecimento dos pertençores, remediara Voſſa Alteza os inconvenientes de taes pertençoens, remetendo tudo a ſeu Conſelho, e não deſpachando petiçoens por via extraordinaria; porque a liberalidade exceſſiva feita em principio de governo, como ſenaõ pòde extender a todos, contenta aos menos, e aggrava aos mais a que não chega, e ſerve iſto de hum continuo arrependimento aos Reys, depois que com o diſcurſo do tempo cahem no erro, que fizeraõ.

Nas couſas em que Voſſa Alteza ſe puder ſervir de Miniſtros ſeculares, naõ dé a maõ a Eccleſiaſticos, tirando-os de ſeu primeiro Inſtituto, com o ſuppoſto de que ſervem mais, e ſe lhe paga com menos; porque de mais de naõ ſe darem nunca bem couſas profanas, tratadas por mãos ſagradas, com qualquer das couſas, que o Eccleſiaſtico pertende para ſua Religiaõ, e com cada huma das merces, que Voſſa Alteza lhe faz para ella ſe poderaõ pagar os ſerviços de muitos Miniſtros ſeculares, porque he muito differente a pertençaõ de huma Communidade, em cujo reſpeito o muito parece pouco, do particular de huma peſſoa, aonde o pouco a ſatisfaz, e paga grandes ſerviços.

Se por ventura aconſelharem a Voſſa Alteza, que convem reformar em ſeu Reyno trajes, e coſtumes, pezos, e medidas, ou qualquer outra couſa uſada, e introduzida de tempo immemoriavel, ainda que o conſelho ſeja juſto, e a reformaçaõ neceſſaria, vos peço, e aconſelho, que o naõ façais nos primeiros annos de voſſo governo; porque tem tal aceitaçaõ no Povo os ſeus coſtumes antigos, que atè para melhoria ſua ſentem qualquer alteraçaõ, que ſe faça, e mais em conjunçaõ de novo governo, a cuja pouca experiencia atribuem antes a novidade, que a virtude: que ſó a eſſe fim a ordenaõ, donde ſe ſegue ſuſpirarem pelo tempo, e memoria dos Reys paſſados, e começarem a deſamar o preſente, e a tello por eſtranho.

Muito me alargo, e muito detenho a Voſſa Alteza, mas como eſte he o teſtamento de minha lealdade, e por ventura o ultimo atrevimento do meu amor, conceda Voſſa Alteza perdaõ à liberdade, e extenſaõ de meus conſelhos, pois o merecem eſtas lagrimas de contentamento, com que o zelo deſtas cans, que naſceraõ em ſerviço de voſſos avòs, e vaõ do voſſo à ſepultura, deixandovos em meu lugar tres filhos herdeiros de minha lealdade, em quem ficará meu o ſangue continuando a ſervidaõ, que jà naõ pode a peſſoa, e nelles podereis moſtrar ao Mundo a opiniaõ, em que tiveſtes os ſerviços de quem os gerou.

Como a peſſoa de D. Aleixo por ſuas qualidades, e por ter criado a ElRey deſde menino, era taõ reſpeitada, e amada delle, cujo amoroſo zelo, com que lhe deu eſtes conſelhos em fórma de quem

ſe

se despedia do serviço ordinario, e assistencia do Paço, e ElRey commovido dos annos, e amor, que lhe tinha o abraçou quasi com os olhos razos de agua, sem lhe consentir, que se puzesse de joelhos, como queria, para lhe beijar a mão, com breves palavras lhe disse, que os conselhos, e amor com que lhos dava, estimava, como merecia a importancia delles, e que huma das cousas, com que se alegrava por tomar o governo do Reyno, era para lhe mostrar nas merces, que lhe determinava fazer, a reputação, em que sempre tivera seus serviços, e que no que tocava a seus filhos, perdesse o cuidado, porque de mais da obrigação, em que lhe estava, pelo serem, elles por si mereciaõ os accrescentamentos, q̃ a seu tempo lhes faria; e que se de presente consentia por suas indisposiçoens, e muita idade, retirarse do serviço, e assistencia ordinaria do Paço, naõ era pelo escusar do seu serviço, e das advertencias, e conselhos, que sempre esperava da sua prudencia, e do muito amor, com que o criara. E accrescentando a estas, outras palavras acompanhadas de submissaõ, e amor, se recolheo ElRey, levando a D. Aleixo comsigo, e deixando aos presentes admirados do termo taõ affavel, e desusado em sua condiçaõ.

CAPITULO CXXVII.

Traducçaõ de huns versos Gregos, que a Rainha mandou a ElRey seu neto no dia antes, que tomasse o governo, com hum Memorial feito pela mão del Rey do que determinava observar no governo do Reyno.

NO monte Archivo da Ilha de Chipre na sepultura de hum Principe daquelle Reyno foraõ achados huns versos em Grego, que se enviaraõ a ElRey D. Joaõ III. e a Rainha pelos ouvir louvar muito, e ver o proveito, e utilidade que delles podia proceder; no dia antes que ElRey seu neto tomasse o governo do Reyno lhos deu, dizendo, que lhe pedia, e encomendava muito, que trabalhasse por deixar outro tal epitafio em sua sepultura; porque muitas vezes ouvira dizer a ElRey seu avô, que só aquillo envejava nesta vida; os quaes saõ os que se seguem.

O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.
O que pude alcançar por paz, nunca o tomey com guerra.
O que pude vencer com rogos, nunca o afugentey com ameaços.
O que pude remediar em segredo, nunca o castiguey em publico.

O

O que pude emendar com aviſos, nunca o caſtiguey com açoutes.

Nunca caſtiguey em publico, que primeiro naõ aviſaſſe.

Nunca conſenti à minha lingua, que diſſeſſe mentira, nem permitti a meus ouvidos, que ouviſſem liſonjas.

Refreey meu coraçaõ, para que naõ deſejaſſe com o ſeu pouco.

Veley por conſervar meus amigos, e deſveleime por naõ ter inimigos.

Naõ fuy prodigo em gaſtar, nem cobiçoſo em receber.

Do que caſtiguey tenho pezar, e do que perdoey alegria.

Naſci homem entre os homens, por tanto comem os bichos minhas carnes.

Ouvi virtuoſo, e vivi virtuoſo com os virtuoſos, por tanto deſcançará a minha alma com Deos.

Aceitou ElRey o papel com roſto alegre, e diſſe à Rainha, que o veria, e procuraria quanto em ſi foſſe de imitar ſeus conſelhos, e quando menos ſeria companheiro da inveja delRey ſeu avó.

Memorial, que ElRey fez por ſua maõ antes de receber o governo, do que determinava obſervar, e fazer quando governaſſe, do que ſe colhe ſeu pio, e ſanto zelo.

TErey a Deos por fim de todas as minhas couſas, e em todas ellas me lembrarey delle. Trabalharey por dilatar a Fè de Chriſto, para que ſe convertaõ todos os infieis. Favorecerey muito as couſas da Igreja. Armarey todo o Reyno, fortificallohey, e reformarey. Defenderey alfayas, e delicias. Fazer merces a bons, e caſtigar a maos. Naõ crer levemente, mas ouvir ſempre ambas as partes. Fazer juſtiça ao grande, e ao pequeno. Em me deitando, e alevantando, conta com elle muy particular. Cuidar à noite no que fiz, e falley naquelle dia. Tirar as onzenas. Conquiſtar, e povoar a India, Braſil, Angola, e Mina. Todo o que me fallar deshoneſtidades caſtigarey rigoroſamente. Quando houver de fazer alguma couſa communicalla primeiro com Deos. Tirar os peccados, mandando para iſſo homens Letrados, e que temaõ a Deos. Reformar coſtumes, começando primeiro por mim, no comer, e veſtir. E em o negocio ter primeiro conta com o bem commum, e depois com o particular. Tirar alguns tributos, e buſcar modo para que Lisboa ſeja abaſtada. As Leys, que fizer moſtrallas primeiro a homens de virtude, e letras, para que me apontem os inconvenientes que tiverem. Levar os ſubditos por amor em quanto puder. Ser inteiro aos Grandes, e humano aos pequenos. As Comendas ſirvaõſe em Africa. Devaçar dos Officiaes da Juſtiça, e da Fazenda cada anno. Eſcrever a todos os Prelados, que façaõ dizer Miſſas, e oraçoens por mim a Deos, para que me guie no acerto do governo, e pe-

dir Jubileu ao Papa. Naõ ter junto de mim ſenaõ homens tementes a Deos. Ter nos portos de mar homens de confiança, que vejaõ os que entraõ naõ ſejaõ ſuſpeitos na Fé. As couſas, que naõ entender bem, communicallas primeiro com quem poſſa dar parecer deſenganado. Naõ dar, nem prometter couſa alguma que ſeja injuſta, ou mal feita. Moſtrar bom roſto, e agaſalhado a todos. Prover os cargos, e officios em quem for para iſſo merecedor, e naõ por outros reſpeitos. Naõ deſmayar nas difficuldades, antes ter mayor fè, e confiança em Deos. Moſtrar ſempre animo muy liberal, e naõ acanhado. Gabar diante da gente os homens Cavalleiros, e moſtrar aborrecimento às couſas prejudiciaes à Republica. Naõ dizer palavras que eſcandalizem, eſpecialmente quando eſtiver agaſtado. Os meus Embaixadores haõ de ir ſempre veſtidos à Portugueza. Em todas as couſas que fizer terey ſempre primeiro conta com a honra de Deos. Sereypay dos pobres, e dos que naõ tem quem faça por elles.

Bem afortunado fora ElRey ſe aſſim como ſoube eſcrever, e diſpor eſtes documentos do que determinava obrar, os ſoubera guardar inteiramente, e ſe naõ eſquecera delles por maos concelhos. He grande deſgraça, que perdeſſem as liſonjas a hum Principe, que em annos taõ verdes ardia tanto no zelo da Religiaõ Catholica, e bem commum de ſeu Reyno, e ſabia ordenar taõ ſantas, e taõ prudentes direcçoens.

FIM.

PROTESTO.

POr quanto neſta Chronica ſe trata de alguns Servos de Deos, que floreceraõ em virtudes, e morreraõ com fama de Santidade, e ſe referem muitos milagres, e ſucceſſos, que excedem as forças humanas, conformandome em tudo com os Decretos Apoſtolicos, declaro, que nenhuma das ſobreditas peſſoas, e couſas tem mais authoridade, ou certeza, que a que lhe daõ os Authores que as eſcreveraõ; e em tudo me ſogeito às determinaçoens da Santa Igreja Romana.

MIGUEL LOPES FERREIRA.

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS, QUE se contém neſta Chronica.

A

Acçaõ barbara. De hum Portuguez na India, pagina 95. Premio q̃ por ella teve, pag. 96.

Acçaõ heroica. De hum Rey barbaro, pag. 96.

Acçaõ immodeſta. De hum Portuguez em Amboino. Occaſiona grãdes damnos, pag. 339.

Adaõ Gonçalves. Seu raro valor, e mudança de vida, pag. 166.

Ade-Rajao. Incita os barbaros contra a noſſa Fortaleza de Cananor, e vem ſobre ella com cem mil homens, e retiraſe vencido, pag. 97. e 98. Volta ſobre ella com outra multidaõ formidavel, e tornaſe a retirar vencido, pag. 328. e 329.

Aeyro. Rey de Ternate. Sua morte, e cauſa della, pag. 340. e 343.

D. Affonſo Henriques. Apparece a hũ Religioſo de Santa Cruz de Coimbra acompanhado de S. Theotonio, e S. Sebaſtiaõ, e lhe promette o naſcimento delRey D. Sebaſtiaõ, pag. 29. Promeſſa que lhe fez Chriſto, pag. 181.

D. Affonſo V. Rey de Portugal. Faz guerra aos Mouros de Africa, e lhe toma Alcacer-Ceguer, Arzila, e Tangere, pag. 184.

D. Affonſo. Rey Chriſtaõ. Deſpojado de Jafanapataõ. Vive em Goa, e porque. Trata o ViſoRey de o reſtituir, e naõ tem effeito, e porque, pag. 107. e 108.

Affonſo Barreto. Seus trabalhos no cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 227.

Affonſo Dias Pereira. Capitaõ de Balſar. Seu raro valor, e acçoens, pag. 103.

D. Affonſo de Lancaſtre. Quem foy, pag. 6.

Affonſo Rombo. Seu valor, e acções na guerra de Mazagaõ, pag. 267.

Affonſo de Torres. Suas acçoens, valor, e trabalhos nõ cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 226.

Agoſtinho Ferraz. Suas grandes forças exercitadas na Praça de Mazagaõ, pag. 255.

Aggravo. Feito ao Santiſſimo Sacramento, pag. 21.

Ayres Ferreira. Achaſe na prodigioſa defenſa de Cota, pag. 331.

Ayres Gomes da Sylva. Seu raro valor, pag. 100.

Ayres Quinteiros. Seu valor, e perigo em hum combate de Mouros em Tangere, pag. 315.

Aleixo. Hermitaõ. Que paſſa com ElRey D. Sebaſtiaõ, pag. 90.

D. Aleixo de Menezes. Quem foy. Dá-ſe larga noticia de ſua peſſoa, e de ſeus filhos, p. 63. atè 68. O que diſſe delle o Emperador Carlos V. ibi. Parecer que deu ſobre quem ſe havia de dar por Meſtre a ElRey. p 70. e 71. Aſſento que ſe lhe dava no Paço, p. 87. Falla que faz á Rainha, e ao Cardeal àcerca da creaçaõ delRey, pag. 318. e 319. Outra a ElRey, e o que com elle paſſa ácerca de hum cavallo, pag. 366. e 367.

Alexandre Farneſio. Principe de Parma. Caſa com a Senhora Dona Maria filha do Infante D. Duarte, pag. 361. 362.

Almançor. Emperador dos Mouros. Suas partes, e acçoens, pag. 183.

Alvaro de Carvalho. Vay por General da guerra de Mazagaõ com hum bom ſoccorro, pag. 197. Deſembarca com muito trabalho, pag. 198. Salva que lhe daõ os Mouros em chegando, ibi. Concorda alguns Cavalleiros, e reparte por elles as eſtancias do muro, pag. 200. Acabada a guerra de Mazagaõ volta a Lisboa, pag. 256. Outras acçoens ſuas, e vitorias notaveis governando eſta Praça, pag. 260. até 263. e pag. 264. até 269. Todas as ſuas vitorias foraõ milagroſas, ibi. Sua morte, ibi.

Alvaro Dias Rabello. Seu valor, e trabalho no cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 227.

Alvaro Gonçalves Pinto. Poſto por Governador da Ilha de Baſſar, pag. 94. He acometido, e ſahindo a campo a dar batalha aos inimigos he morto, e quaſi todos os ſeus obrando maravilhas de valor, pag. 102.

D. Alvaro de Menezes. Quem foy, pag. 66.

Alvaro Paes de Soutomayor. Vay governar Cananor, e acçoens ſuas, p. 329. Navega para a Coſta do Malavar, pag. 334.

Alvaro Pires de Tavora. Com que animo paſſa a Tangere, pag. 303. Seu valor, e acçoens, pag. 317.

Alvaro Rebello. Guerra de Mazagaõ, pag. 231. Paſſa a Tangere, pag. 303. Sua glorioſa morte pelejando contra Mouros, pag. 317.

D. Alvaro da Sylveira. De quem foy irmaõ, p. 99. Soccorre a Fortaleza de Baharem, ibi. He vencido, e morto pelos Turcos, pag. 100.

Alvaro Vaz Adibe. Seu valor, e acçoens em Mazagaõ, pag 262.

Ambiçaõ. Vicio, que delacredita o valor dos Portuguezes, pag. 158.

Amboino. Ilha. Seus ſucceſſos, pag. 149. Sua deſcripçaõ, e outros ſucceſſos notaveis, pag. 338. e 339.

Ambroſio de Aguiar. Acçoens ſuas em Mazagaõ, pag. 210. e 224. Seu raro valor, e louvor neſta guerra, pag. 229. e 244. He afogueado, pag. 249.

Ambroſio Fernandes. Cirurgiaõ. Atribue as curas milagroſas à peric ia da ſua Arte, pag. 352. Com ſua morte ſe conhece o ſeu engano, ibi.

Amor. Dos Portuguezes a ſeu Rey, pag. 206. e 207.

Padres Andrè Fernandes, e Andrè da Coſta da Companhia de Jeſus. Vaõ por Miſſionarios aos Reynos de Inhambane, e Otonge, e ſeus grandes trabalhos neſta Miſſaõ, p. 128. 130. 131. 133. até 135.

Andrè Fernandes. Achaſe na prodigioſa defenſa de Cota, p. 331.

D. Andrè de Oviedo, Biſpo. Seus trabalhos com pouco fruto na Regiaõ da Abbaſſia, pag. 99. Trata de ſe ſahir dalli, e he perſuadido pelos Portuguezes que os naõ deſampare, ibi. Succede neſte Patriarchado, e he mandado ſahir della,

della, e porque. Razoens por onde o naõ executa, pag. 346. Escreve a ElRey sobre isso, ibi. Sua glorioſa morte, pag. 348.

Andrè de Souſa. Sua morte glorioſa na guerra de Cananor, p. 328.

Animaes. Marinhos, e ſylveſtres da Regiaõ deMonomotapa. Suas qualidades, pag. 113. e 117. 118.

Anonymo. Mancebo. Acçaõ ſua vergonhoſa, e baixa, p. 237. Outros mais, e ſuas acçoens vergonhoſas, pag. 239. Outro, Regulo de Ulate. Seu glorioſo martyrio, p. 340. Outro, Soldado. Incita a feſtejar, e applaudir a vitoria do primeiro combate de Mazagaõ, pag. 239. e 240.

D. Antaõ de Noronha. Governador de Ormuz. Soccorre a Praça de Baharem, p. 99. Vem ſobre os inimigos, e os desbarata, p. 101. He feito ViſoRey da India, e ſucceſſos do ſeu governo, pag. 327. atê 345. Navega para aquelle Eſtado, p. 327. Soccore a Cananor cercada de guerra, ibi. Deſpacha varios Capitaens, p. 334. Parte a fundar a Fortaleza de Mangalor, ibi. He aſſaltado dos inimigos de noite cõ eſtrago dos noſſos, e porque, pag. 335. Acomete a Cidade à eſcala, e a deſtroe, ibi. Funda a Fortaleza com o nome de S. Sebaſtiaõ, ibi. Soccore a Malaca, e caſtiga os rebeldes de Salſete, e porque, p. 337. Dá outras ordens, pag. 343. Recebe cartas de Portugal, e Roma, e p. 343. Sua morte, e elogio, ibi.

Senhor D. Antonio. Quem ſoy, p. 43. Outras noticias ſuas, p. 46. 47. e 55.

D. Antonio de Almeida. Quem foy, e ſeu grande valor na defenſa de Mazagaõ, p. 232.

Antonio Botelho. Acçoens ſuas na defenſa de Mazagaõ, pag. 248.

Antonio Cayado. Portuguez. Foy grande valido do Emperador de Monomotapa, e ſervio o mayor cargo daquelle Imperio, pag. 120. Viſita por mandado do Emperador ao ſanto Padre Gonçalo da Sylveira, e ſervelhe de lingua, p. 137. O que mais paſſa com o dito ſanto Padre, e com o Emperador ácerca delle, pag. 139. até 141.

Antonio Cardoſo. Achaſe na prodigioſa defenſa de Cota, p. 331.

Antonio Carvalho. Acçoens ſuas no cerco de Mazagaõ, p. 203. e 233.

Antonio Coelho. Acçoens ſuas na defenſa de Mazagaõ, p. 203. Buſca meyos de damnificar os Mouros, e he morto laſtimoſamente, pag. 242.

Antonio da Coſta Travaços. Capitaõ de Tucotori. Soccorre a Cota, e faz retirar os inimigos, p. 150.

Antonio Jaques. Morre pelejando contra Mouros em Tangere, p. 317.

Antonio da Lagea. Seu valor, e glorioſa morte, p. 353.

D. Antonio Lobo. Sua eſtancia, e acçoens no cerco de Mazagaõ, pag. 201. 205. e 214. Outras acçoens ſuas muito notaveis, pag. 231.

Antonio Luiz. Seu raro valor, e acçoens na India, e ſua glorioſa morte, pag. 100.

Antonio de Mello de Tavilla. Morre pelejando contra Mouros em Tangere, p. 317.

Antonio Moniz Barreto. Sahe com quatro companheiros a reconhecer Damaõ, p. 93. Acomete o inimigo acampado em Parnel vencendo grandes difficuldades, e o derrota, e faz fugir duas vezes, p. 94. Soccorre a Mazagaõ, p. 213. Acçoens ſuas notaveis neſta guerra, p. 232.

Antonio Mouraõ. Seu valor, e trabalho no cerco, e guerra de Mazagaõ, p. 228.

D. Antonio de Noronha. Seu valor, p. 108. Soccorre aSurrate, e vẽce prodigioſamente a Chinguiſcaõ, p. 110. e 111. Vay por Capitaõ mór de huma Armada em ſoccorro de Cananor, p. 327. Padece tormenta, e

peleja, e vẽce hũa Armada de Mouros, ibi. Chega a Cananor, e obra açoens notaveis de valor, p. 328.
Antonio Pereira. Governa a Fortaleza de Mangalor, p. 335.
Doutor Antonio Pinheiro. Prègador famoso. Quem foy, p. 24. 31. 49. e 53. Queixaſe á Rainha Dona Catharina, e porque, p. 60. Propoem nas Cortes a reſoluçaõ da Rainha renunciar o governo do Reyno, p. 272.
Fr. Antonio do Porto. Seu animo, e reſoluçaõ notavel em examinar huma gruta, p. 337.
Padre Antonio de Quadros. Foy Provincial da Companhia de Jeſus na India, p. 128. e 129. Manda Miſſionarios a prégar a Fé aos Cafres de Monomotapa a rogo do Viſo-Rey da India, p. 128.
Antonio Ribeiro. Seu valor, acções, e trabalhos no cerco, e guerra de Mazagaõ, pag. 227.
Padre Antonio Rodriguez. Grande lingua Braſilica. Anima os Indios na guerra, p. 162.
Antonio de Siqueira. Do Algarve. Soccorre a Fortaleza de Mazagaõ, pag. 189.
Antonio Soares. Suas acçõesno cerco de Mazagaõ, p. 248.
Antonio Teixeira. Vay da India a Conſtantinopla por Embaixador ao Graõ Turco, e ſobre que, e volta a Portugal com a repoſta, p. 331. e 332.
Antonio Velho. Guerra de Mazagaõ, p. 231.
D. Antonio de Vilhena Manoel. Seu raro valor, p. 98.
Apparatos. O com que os Principes de Portugal foraõ recebidos na Cidade de Touro, p. 3. e 4. e em Almeirim, p. 4. 5. e em Lisboa, pag. 11. até 20.
Apontamentos. De couſas muito convenientes, q̃ os Povos propozeraõ, e pediraõ em Cortes, p. 277.
Arabes, ou Mouros. Sua noticia antiga, e ſuas guerras, p. 183. Fazem crua guerra a Mazagaõ, p. 184. Intentaõ deſtruir aquella Fortaleza por arte Magica, e ſuccedelhe ao contrario com grande eſtrago ſeu, p. 195. Sua vantagem, e valor neſta guerra, p. 230. Retiraõſe vencidos do primeiro combate, p. 235.
Armadas. Do Reyno para a India. Seu numero, e Capitaens, pag. 91. Na India, e ſeu effeito, p. 92. e 93. Outra na India, p. 92. e ſeu effeito, p. 96. Do Reyno outra, ſeu numero, e Capitães, p. 101. Outra, ſeu numero, Capitães, e ſucceſſos, p. 105. Outra, desbaratada na India, p. 110. Outra, em ſoccorro de Surrate, e ſeu effeito, ibi. Outras muitas, ſeu nemero, Capitães, e ſucceſſos, p. 148. até 150. Outra no Braſil, e ſeu effeito, p. 164. Outra do Reyno para Tangere, p. 303. Outra do Reyno para a India, e na India para Cananor, p. 327. e ſeus varios ſucceſſos, ibi. Armadas do Reyno para a India, e ſeus Capitães mores, p. 344. Armada de Parma para conduzir a Senhora Dona Maria, p. 362. Armada Franceza, que veyo deſtruir a Ilha da Madeira, p. 363. Outra de Portugal contra eſta, ibi.
Artur de Brito. Acçoens ſuas na defenſa de Mazagaõ, p. 246.
Arvore venenoſa. Que ha em Monomotapa, e ſeu contrario maravilhoſo, p. 116.
Arvoredo. Famoſo da Capitania dos Ilheos, do qual huma ſó emmadeirou toda huma Igreja, p. 169.
Aves. Da Regiaõ de Monomotapa. Suas qualidades, e grandeza, pag. 117.

B

Bady. Filho do Alcaide de Azamor. He cativo pelos Portuguezes de Mazagaõ, p. 272.

Baharem. He acometida, e cercada pelos Turcos. Varios ſucceſſos deſta guerra, p. 99. até 101.
Bahia de Todos os Santos. Sua fundaçaõ, e grandezas, e por quem, p. 158. Seus ſucceſſos, p. 160. até 163. e p. 349.
Balſar. Ilha. He acometida, e ſenhoreada dos Portuguezes, p. 94. E depois defendida valeroſamente, e por ultimo deſamparada, e porque, p. 102. e 103.
Balthaſar Affonſo. Sua morte glorioſa no cerco de Mazagaõ, pag. 228.
Balthaſar Guedes de Souſa. Vay por Governador a Ceilaõ, p. 109. Reſiſte com muito valor a Raju, que o acometeo com exceſſivo poder, p. 149.
Balthaſar Leitaõ. Suas acçoens em Tangere, p. 318.
Balthaſar de Mendoça. Fidalgo Sacerdote. Suas acçoens, e morte no cerco de Mazagaõ, p. 216. e 238.
Balthaſar de Pomares. Acçaõ ſua notavel na guerra de Mazagaõ, p. 196. e 197. Seu grande trabalho, p. 227.
Banquete. Dado aos Portuguezes em Amboino. Occaſiona grandes males, p. 338. e 339.
D. Bartholomeu. Rey de Omura. Sua converſaõ, e Bautiſmo, p. 151.
D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Arcebiſpo de Braga. Eſcreve á Rainha Dona Catharina, e ſobre que, p. 178. Sua eleiçaõ em Arcebiſpo, p. 274. Sua virtude, e ſantidade, ibi. Duvidas que teve no Concilio Tridentino, e ſobre que, p. 182.
Bartholomeu Carvalho. Seu valor, e trabalho no cerco, e guerra de Mazagaõ, p. 227.
Bartholomeu Guerreiro. Soccorre a Praça de Mazagaõ, pag. 189. Seu grande valor, p. 224. Seu grande trabalho, p. 227.
Bartholomeu de Vaſconcellos. Seu valor, e eſforço na guerra de Mazagaõ, p. 231.
Batalha naval. Na India, vencida pelos Portuguezes, p. 97.
Batalha. Em Baharem, perdida pelos Portuguezes por ſua culpa, p. 190. Batalha na Ilha de Primbalaõ, vencida pelos Portuguezes, p. 110. Em Surrate, vencida pelos Portuguezes, p. 111. Outra em Damaõ, p. 149. E no Braſil outras muitas, p. 162. 165. 168. 172. e 174.
Bautiſmo. Del Rey D. Sebaſtiaõ, pag. 32. O de hum Principe de Inhambane, p. 127. O del Rey ſeu pay, mãy, irmãos, e ſua Corte, p. 131. O do Emperador de Monomotapa, e ſua Corte, p. 138. O dos Reys, e Principes do Japaõ, pag. 151. Outros muitos, e muito ſolemnes em Goa, p. 153. e 155.
D. Belchior Carneiro. Da Companhia de Jeſus. Foy Biſpo de Nicea, p. 153. Obra maravilhas na defenſa de Malaca, p. 336. e 337.
Belchior de Carvalhaes. Sua glorioſa morte na defenſa de Malaca, p. 336.
Belèm. Moſteiro famoſo. Nelle ſe ſepultaõ os Reys, e Principes de Portugal, p. 16. 41. 46. e 47.
Bento Caldeira de Almada. Morre pelejando com muito eſforço contra Malavares na India, p. 328.
Fr. Bernardo de Caſtro. Padece laſtimoſo naufragio por naõ deſamparar a mais de duzentas peſſoas, que com elle morreraõ afogadas, p. 93.
Bernardino Ribeiro. Seu eſforço, e valor na Praça de Mazagaõ, pag. 224. Seu grande trabalho, p. 227.
Biſminaique. Senhor da Coſta da Peſcaria do Aljofar. Acomete a Punicale, e a deſtroe, e porque, p. 104.
Biſnagà. Reyno famoſiſſimo do Oriente. Sua grande riqueza, e deſtruiçaõ, p. 333.
Braço. De S. Sebaſtiaõ. Que eſtá em Liſ-

Lisboa, donde veyo, p. 31.
Bramà. Rey do Pegù. Seu notavel casamento, p. 333.
Braz Fragoso. Ouvidor geral do Brasil. Sua resoluçaõ ácerca dos escravos daquella Provincia, p. 349. e 350.
Brasil. Nome impropriamente posto á Provincia de Santa Cruz, e porque, p. 157. Noticia de varios successos desta Provincia, ibi, até p. 174. Quando foy descuberta, e por quem, p. 158. Sua Povoaçaõ, ibi. Outros varios successos desta Provincia, p. 348. até 61.

C

Caçadores. Dos Elefantes. Saõ conhecidos em Monomotapa, p. 117.
Cafar. Turco. Pirata famoso dos mares da India, p. 103.
Cafim. Cidade de Africa. Quando foy cercada, e quanto custou a defender antes que fosse largada aos Mouros, p. 39. E quando foy largada, p. 41.
Cafraria. Sua descripçaõ, e grandezas, p. 112. até 127.
Cafres. Quem saõ, e porque se chamaõ assim, p. 112. Seus barbaros costumes, p. 120 até 127.
Calisto de Siqueira. Seu raro valor, e acçoens, p. 103. Outras, e sua lastimosa morte, p. 333.
Camera de Lisboa. Sua grande authoridade se mostra em senaõ obrar cousa grande no Reyno sem o seu beneplacito, pag. 50 e 51. O que obra na entrega do governo á Rainha Dona Catharina, ibi. Concorre ao levantamento delRey D. Sebastiaõ, p. 52. Persuade a ElRey D. Joaõ III. que case com a Rainha sua madrasta, p. 72.
Cananor. He acometida, e guerreada fortemente pelos barbaros, p. 92. 93. e 96. até 98. Renovase esta guerra, e porque, p. 326. E successos notaveis della, p. 327. até 329.
Canatale. Pirata Malavar. He vencido pelos Portuguezes na India, p. 327 e 328.
Cardeaes. Como se houveraõ na morte do Papa Paulo IV. p. 76. E na eleiçaõ de Pio IV. p. 77. Sua benevolencia para com Portugal, p. 78. e p. 86. Quaes delles foraõ Protectores deste Reyno, ibi.
Cardeal Amulio. Louva os Portuguezes, e de que, p. 86.
Cardeal. De Portugal. Vid. *D. Henrique.*
Carlos V. Emperador de Alemanha, e Rey de Castella. Foy pay de D. Joanna Princeza de Portugal, p. 2. Ajustalhe o casamento, e dá commissaõ para ella ser entregue em Portugal, ibi, e p. 3. Manda visitar a ElRey D. Joaõ III. pela morte do Principe seu filho, e tratar a volta da Princeza para Castella, p. 34. e 35. Renuncia o Imperio, e Reynos de Castella, pag. 68. O que disse em abono de D. Aleixo de Menezes, ibi. Outra sentença sua, p. 71. He mandado visitar pela Rainha de Portugal sua irmãa, p. 73.
D. Carlos. Principe de Castella. De quem foy filho, e sua lastimosa morte, p. 28. e 40.
Cartas. DelRey de Portugal para Lourenço Pires de Tavora, p. 82. Do Summo Pontifice para ElRey de Portugal, p. 84. DelRey de Tonga ao VisoRey da India, pag. 132. DelRey de Portugal para o de Bungo, p. 151. Do mesmo para o Arcebispo de Goa, pag. 153. Do Summo Pontifice para o dito Arcebispo, p. 156. Da Rainha aos Estados do Reyno, p. 176. Do Arcebispo de Braga para a Rainha, p. 178. DelRey de Portugal ao Cardeal de Inglaterra, p. 181. Do mesmo ao Cardeal de Trento, p. 182. De hum Elche renegado aos cercados

cados em Mazagaõ, p. 245. Do Summo Pontifice a ElRey de Portugal ácerca de Lourenço Pires, p. 304. Huma muito notavel de Nuno Furtado de Mendoça para ſua mulher, p. 308. Outra delRey D. Sebaſtiaõ para o Capitaõ de Tangere, p. 311. Outras delRey, e do Ponrifice, e do Patriarcha de Ethiopia, p. 118. e 119. e pag. 341. 344. e 346.

Caſſis. Mouro. Diſſimulaçaõ com q̃ vem a Mazagaõ fazerſe Catholico, p. 186. Foge para ó campo dos Mouros, p. 188.

Dona Catharina. Rainha de Portugal. De quem foy filha, e com quem caſou, p. 1. Filhos que teve, ibi. Sofre com animo varonil a morte de tantos filhos, p. 2. Coopera no caſamento de ſeu filho o Principe D. Joaõ, p. 5. Diſſimula com animo esforçado a morte do dito Principe, e a encobre á Princeza, e porque, p. 16. Recebe o goſto do naſcimento do Principe ſeu neto, p. 30. He ſua madrinha, p. 32. Acompanha a Princeza na ſua deſpedida, p. 35. Aſſiſte á morte delRey com animo muy esforçado, p. 44. e 45. Entregaſelhe o governo do Reyno, e porque, p. 50. 51. e 59. Faz ſeu Procurador ao Infante Cardeal, e para que, p. 53. Elege ſogeitos capazes para aſſiſtirem á criaçaõ delRey, e Meſtres para o doutrinarem, p. 59. e 60. Manda viſitar o Emperador ſeu irmaõ, e á Rainha de Hungria, dandolhe os pezames da morte de ſua irmãa a Rainha Dona Leonor, e tratar outros negocios, p. 72. até 75. Manda Embaixador a Roma, p. 76. Deſpacha ViſoRey para a India, p. 91. Recebe da India huma prodigioſa pedra, p. 106. Eſcreve a ElRey de Bungo ao Japaõ, p. 151. Intenta renunciar a regencia do Reyno, e trata iſto com o Cardeal Infante, p. 175. Eſcreve a todos os Eſtados do Reyno, p. 176. Deſiſte do intento, e porque, p. 180. Manda Embaixadores, e Theologos ao Concilio Tridentino, e eſcreve a alguns Cardeaes, p. 181. Socorre a Mazagaõ apertada de guerra, p. 189. 213. e 219. Soccorros eſpirituaes, e Preces, com que lhe valeo, p. 222. Manda conſolar, e confortar os pays, e parentes dos q̃ morriaõ na guerra, p. 236. Palavras notaveis que diſſe por Jorge Nunes de Leaõ, ibi. Envia novos ſoccorros, pag. 245. Convoca a Cortes, e renuncia o governo do Reyno, e o que niſſo ſe paſſa, pag. 271. até 277. Sentimento q̃ cauſa a ſua reſoluçaõ, p. 273. Summa de ſuas acçoens, p. 274. Reſponde a huma propoſta de D. Aleixo de Menezes, p. 323. e 324. Como ſe portou no caſamento da Senhora Dona Maria com o Principe de Parma, pag. 362. Documentos, q̃ deu a ElRey ſeu neto antes de tomar o governo, p. 371.

Senhora Dona Catharina. De quem foy filha, e cõ quem caſou, p. 362.

Cavalleiros. Portuguezes cativos em Azamor. Fogem para Mazagaõ, e eſcapaõ do poder dos Mouros por merce de noſſa Senhora da Luz no ſeu dia, p. 267.

Caſamento. Do Principe D. Joaõ. Quando ſe começou a tratar, p. 2. Quando ſe ajuſtou, ibi, e pag. 3. Quando ſe effeituou, ibi, e p. 4. Quando ſe conſummou p. 18.

Caſamentos. Que ſe offereceraõ á Infanta Dona Maria ſem effeito, p. 69.

Caſo. Raro, e laſtimoſo, p. 21. Outro na India notavel, p. 97. Outro, engraçado, de huns animaes em Monomotapa, p. 114. Outros notaveis no cerco de Mazagaõ, p. 200. e 212. Outros gracioſos no meſmo cerco, p. 237. 238. e 239. Outro admiravel em Ceilaõ, p. 329. Outros notaveis na guerra do Rio de Janeiro, p. 352.

Cedemacaõ. Senhor de Surrate. Mata atraiçoadamente ao Madre Maluco, e porque, p. 109. He por isso apertado com guerra, e industria, com que se livra, ibi. He novamente acometido do contrario, e pede soccorro aos Portuguezes, offerecendolhe a Cidade, e sendo livre por elles, difficulta o cumprimento da palavra, e porque. Sua morte, p. 110. e 111.

Ceilaõ. Seus successos, p. 109. e 329.

Cerco. De Maluco. Quando foy, e quanto custou, p. 39.

Cerco. De Mazagaõ. Guerra viva, por quem foy posto, quando principiou, e acabou, p. 187. atè 255. Cerco notavel de Cota, p. 329. e 330.

Ceuta. Cidade de Africa. Por quem foy tomada aos Mouros, p. 184.

Chinguiscaõ. Vem contra Surrate, e se retira, e porque, p. 109. Volta com mayor poder, e odio, e he vencido pelos Portuguezes, pag. 110 e 111. Mata a Cedemacaõ, ibi.

Christandade. Da India. Seu augmento por diligencia dos Religiosos das Ordens da Companhia de Jesus, S. Francisco, e S. Domingos, p. 111.

Christo. Promete que o Reyno de Portugal será sempre puro na Fé, e delle amado, p. 181.

Christovaõ da Cunha. Seu valor, e acçoens no cerco de Mazagaõ, p. 218. Seu grande trabalho, e perigo, p. 230.

Christovaõ da Cunha. Outro. Vay por Conselheiro de Guerra a Mazagaõ. Noticia de sua pessoa, e acçoens, p. 219. Industria com que engana os Mouros, p. 221. e 222. Procura meyos de os damnificar, e sahe muito maltratado, e ferido mortalmente, p. 242. e 243.

Christovaõ Guerreiro. Seu valor na defensa de Mazagaõ, p. 224. Seu grande trabalho, p. 227.

Christovaõ Pereira Homem. Capitaõ de huma Esquadra. Navega para a Abbassia, e encontrandose com outra de Turcos peleja valerosamente, e he vencido, e morto com os companheiros, p. 103.

Christovaõ Jaques. Foy particular Descubridor do portos do Brasil, p. 158.

D. Christovaõ de Moura. Porque via chegou a ser Marquez de Castel-Rodrigo, p. 5.

Christovaõ de Tavora. De quem foy filho. Passa a Tangere, pag. 303. Seu valor, e acçoens, p. 316. atè 318.

Cide Botafà. Capitaõ de Damaõ. Desampara a Cidade obrigado dos Portuguezes, p. 92. e 93. He de novo acometido, e desbaratado, pag. 94. Volta sobre Balsar, e faz grande estrago nos Portuguezes, p. 102. Torna sobre ella, e a acha desamparada, e prosegue a guerra com varia fortuna até ser destruido pelos nossos, p. 103.

Cide Mariaõ. Acomete a nossa Praça de Damaõ, e he vencido, e morto, p. 149.

Cide Roho Bentuda. Arcaide de Arzila, fronteiro a Lourenço Pires de Tavora. Faz guerra a Tangere, e desafia ao dito Capitaõ para huma batalha, p. 305. até 318.

Cleofas Gil. Seu esforço, e acçaõ notavel na defensa de Mazagaõ, p. 241. Sua lastimosa morte, e porque, p. 253.

Clero. Do Reyno de Portugal. Repugna ao subsidio que se lhe impunha, e concertase com ElRey, p. 299.

Còchim. He sublimada a Cathedral, p. 102.

Collegios. Dos Padres da Companhia de Jesus na Bahia, e Rio de Janeiro. Sua fundaçaõ, p. 350. e 357.

Columbo. Noticia, e successos desta Ilha, p. 149. e 329.

Concelho de Estado. Sua instituiçaõ, p. 285.

Concilio Tridentino. Porque ſe chama aſſim, por quem, e porque foy celebrado, quando principiou, e ſe lhe deu fim, e ſua grandeza, p. 81. 180. e 183.

Conde de Masfelth. Conduz a Senhora Dona Maria para Parma, como foy recebido, e deſpedido de Portugal, p. 362.

D. Conſtantino de Bragança. Quem foy, p. 91. Suas acçoens, pag. 46. He eleito ViſoRey da India, e faz viagem para ella, p. 91. Capitães q̃ o acompanhaõ, e Armada que leva, ibi. Chega a Goa felizmente, e começa a governar, e executar acçoens generoſas, p. 92. Acomete a Cidade de Damaõ, e a ſenhorea, p. 93. Manda ſobre a Ilha de Balſar, e ſuccedelhe o meſmo, p. 94. Deſpacha huma Armada para o Eſtreito de Meca, ibi. Prende a Luiz de Mello, e o ſolta, e porque, p. 97. Manda ſoccorrello, p. 102. Manda deſamparar a Fortaleza de Balſar, e porque, pag. 103. Vay ſobre Jafanapataõ, e toma a Cidade com grande trabalho, pag. 107. e 108. E a deſampara com mayor riſco, ibi. Navega para a Ilha de Manar, e funda nella Fortaleza, p. 109. Outras acçõesſuas até 111. Fede ao Provincial da Companhia de Jeſus envie alguns Miſſionarios à Regiaõ de Cafraria, p. 118. Recebe huma carta delRey de Otonge, p. 132. Como ſe houve com huma famoſa reliquia ſuperſticioſa, p. 143. até 145. Seu elogio, ibi. Funda hum Templo ao Apoſtolo S. Thomé, pag. 146. Fabrica huma famoſa nao, e volta nella para o Reyno, ibi. O que lhe acontece em chegando, p. 147.

Converſaõ. Dos Gentios. Foy ſempre o intento principal dos Reys Portuguezes em ſuas Conquiſtas; quando teve mayor effeito, p. 152. e 153.

Cortes. Dos tres Eſtados de Portugal, convocadas pela Rainha Dona Catharina, e para que, pag. 271. Elegem o Cardeal Infante por Governador do Reyno, p. 276.

Coſme de Torres. Da Companhia de Jeſus, Miſſionario Superior no Japaõ, p. 151.

Cota. Seus ſucceſſos, e trabalhos notaveis, p. 149. 327. e 328.

Santa Cruz. Nome proprio, e principal da Provincia do Braſil. Seus ſucceſſos, e noticias, pag. 158. até 174. Cruz de Chriſto. Bandeira dos Portuguezes contra infieis, p. 162. e 168.

D

Damaõ. He acometida, e tomada dos Portuguezes, p. 93.

Damas. De Lisboa. Moſtraõſe eſquivas, a quem, e porque, p. 208.

Damiaõ Gonçalves. Quem foy. Suas acçoens, p. 204.

Decreto. Do Emperador contra os que em ſeus Eſtados batiaõ contrafeita à moeda de Portugal, pag. 300. Decretos dos Reys de Portugal em favor dos Indios Braſilicos, p. 350.

Deſcalças. De Madrid. Moſteiro fundado pela Princeza de Portugal, p. 37.

Deſpezas. Grandiſſimas que fez ElRey D. Joaõ III. p. 39.

Deſafio. Que o Alcaide de Azamor, manda fazer ao Capitaõ de Mazagaõ, p. 257. até 259. Outro, notavel, que o Alcaide de Arzila fez ao Capitaõ de Tangere, p. 307. e 308.

Diogo de Ataide. Governador de Columbo. Defende aquella Praça com incrivel valor, p. 329. Outras acçoens ſuas, ibi.

D. Diogo de Avelhaneda. Morre na guerra dos Mouros em Tangere, p. 318.

D. Diogo de Caſtellobranco. Acções ſuas

ſuas no cerco de Mazagaõ, p.231. E em Tangere, p. 318.
Diogo Lopes de Meſquita. Capitaõ de Ternate. Mata a ElRey Aeyro, e porque, p. 340.
D. Diogo Lopes Pacheco. Quem foy, p. 6. Duvidas que teve com Lourenço Pires, e ſobre que, pag. 7. até 10.
D. Diogo Manoel. Seu grande valor, e acçoens no cerco de Mazagaõ, p. 199. 200. 226. e 231. Palavras ſuas notaveis, 237.
D. Diogo de Mello Coutinho. Capitaõ de Manar. Soccorre a Cota, e faz retirar os inimigos, p. 150.
Diogo de Mendoça. Acçoens ſuas na guerra dos Mouros em Tangere, p. 318.
D. Diogo de Menezes. Seu eſforço na guerra de Mazagaõ. Evita huma grande deſordem, p. 241.
Diogo Moniz. Seu valor, e acçoens no cerco de Mazagaõ, p. 247.
D. Diogo de Noronha. Acçoens ſuas, p. 93. Fica por Governador de Damaõ, p. 95. Sahe contra os inimigos, e os vence em batalha, p. 103. Sua grande prudencia, e induſtria com que livra a Damaõ da invaſaõ dos inimigos, p. 109. Sua morte, p. 110.
Diogo de Vaſconcellos. Seu valor, e acções notaveis na defenſa de Mazagaõ, pag. 217. 218. e 247.
Documentos. Que deu Lourenço Pires de Tavora para as Cortes celebradas em Lisboa, p. 274.
Domingos de Almeida. Seu grande trabalho em Mazagaõ, p. 227.
Domingos Alvares Leite. Sua eſſancia em Mazagaõ, p. 203.
Domingos Fernandes Ribeiro. Seu raro valor, e acçoens, p. 262.
Domingos Gonçalves. Acçaõ ſua notavel, p. 196. 197. e 218. Seu grande trabalho, p. 227. Aceita o deſafio de hum Mouro de Azamor, p. 257. atê 259. Seu premio, e morte, p. 260.
Domingos de Meſquita. Mandado pelo ViſoRey da India deſtroça as embarcaçoens do Malavar, que navegavaõ com Seguro, e porque, p. 325. Honras com que foy tratado por eſta acçaõ, p. 326.
Domingos Pereira. Seu valor, e acçoens, p. 244. e 247.
Domingos Vieira. Seu grande valor, e trabalho no cerco de Mazagaõ, p. 228.
Infante D. Duarte. De quem foy filho, marido, e pay, pag. 45. 46. e 361.
D. Duarte. Filho natural delRey D. Joaõ III. Quem foy, p. 2.
Senhor D. Duarte. De quem foy filho, e noticias ſuas, p. 45. 46. 47. 54. e 361. Faz o caſamento da Senhora Dona Maria ſua irmãa, pag. 362.
Duarte Barreto. Seu valor, e acçoens, p. 247.
D. Duarte da Coſta. Segundo Governador do Braſil, p. 159.
Duarte Luiz. Seu valor, e acçoens, p. 218. 231. e 245. Seu trabalho, e riſco de vida, p. 248. e 262.
Duarte Martins Mouraõ. Seu valor, e acçoens notaveis, p. 359.
D. Duarte de Menezes. Suas proezas, p. 104. Governa a Praça de Ito, p. 340.
Duques. Eraõ os de Bragança, e Aveiro, p. 2. e 4. O de Aveiro, ſeu nome, e acçoens, pag. 5. 6. 10. 16. 46. e 54.
Duque de Bragança. Seu nome, p. 36. Acompanha o Principe D. Joaõ p. 10. E a ElRey, p. 11. e 16. Intenta matar hum Herege, e porque, p. 21. Retiraſe a Villa Viçoſa, e porque, p. 35. Acompanha, e faz a entrega da Princeza, p. 36. e 37. Sua grandeza de animo neſta occaſiaõ, ibi.
Duque de Urbino. Eſtimaçaõ que faz do Embaixador de Portugal, p. 85.
Duvidas. Que houve na entrega da Princeza, e porque, p. 7. até 9.

E

Ecclesiasticos. Acçoens improprias de alguns em Mazagaõ, p. 237. e 238.
Elefantes. Suas qualidades, e como se caçaõ, 117.
ElRey de Marrocos. Manda todos os annos destruir os campos, e searas de Mazagaõ, p. 264. E o que lhe succede hum anno, ibi.
Emperador de Monomotapa. Seus usos, e costumes, Corte, e numero de suas mulheres, e nomes das principaes, p. 119. Grandeza, com que se trata, ibi, até 122. Recebe com muita honra ao santo Padre Gonçallo da Sylveira, e he por elle instruido na Fê Catholica, e baptizado com o nome de D. Sebastiaõ, e sua mãy a Emperatriz com o de Dona Maria, e motivos, que para isso teve, p. 137. e 138. Trata de matar o santo Padre, e porque motivo, ibi. E o manda martyrizar, p. 141. Trabalhos, e castigos, que padeceo por esta sua maldade, p. 143.
Escritura. Do dote do Collegio do Rio de Janeiro, p. 357.
Estacio de Sà. He enviado pelo Cardeal Regente ao Brasil para se restaurar o Rio de Janeiro, pag. 350. Chega á Bahia, e formada alli a Armada parte a executar a empreza, ibi. Retira-se a S. Vicente, e porque, p. 351. Prosegue a viagem, desembarca, e toma por Padroeiro o Martyr S. Sebastiaõ, ibi. Anima os soldados, e vence duas vezes aos inimigos ajudado do favor Divino, p. 352. Alcança outras famosas vitorias, p. 353. Consegue outras muito prodigiosas, p. 354. e 355. Sua lastimosa morte, ibi.
Estados do Reyno. Demonstraçaõ que fazem, querendo a Rainha largar o governo delle, e a commovem a desistir do intento, p. 177. e 180.
Estevaõ Gonçalves. Suas acçoens, e raro valor, p. 330.
Estevaõ Leite. Seu valor, p. 336.
Estragos. Da Ilha da Madeira. Quem os causou, p. 363.
Estudos. DelRey, e quanto aproveitou nelles, p. 88.
Excellente Senhora. Quem foy, pag. 40.
Exequias. Do Principe D. Joaõ, p. 33. e 34.

F

Feiras. Que os Portuguezes tem em Monomotapa para resgate do ouro, p. 115.
Feiticeira. Mourisca. Intenta destruir a Praça de Mazagaõ por arte Magica, e he morta pelos Portuguezes, p. 195.
D. Filippe I. Rey de Castella. Foy pay da Rainha Dona Catharina de Portugal, p. 1.
D. Filippe II. De Castella. Com quem casou a primeira vez, pag. 1. e 40. Conclue o casamento da Princeza sua irmãa, e faz a entrega della ao Embaixador de Portugal, p. 3. e 4. Solicita a volta da dita Princeza para Castella, e porque, p. 35. Vem esperalla ao caminho, p. 37. Porque naõ soccorre Mazagaõ, p. 206.
D. Fernando de Almada. Quem foy, pag. 55.
Fernaõ Cabral. Soccorre a Praça de Mazagaõ, e obra outras acçoens, p. 204.
Fernaõ de Crasto. Capitaõ na defensa de Mazagaõ. Acçoens suas notaveis, e trabalhos nesta guerra, p. 195. 199. 200. 224. e 228.
Fernaõ Hortiz. Seu valor, e acções, p. 248.
Fernaõ de Lima. Morre pelejando com os Mouros em Tangere, pag. 317.

Fernaõ de Roboredo. Seu valor, e trabalhos na guerra de Mazagaõ, p. 248.
Fernaõ Rodrigues. Acções notaveis, p. 214.
Fernaõ de Sà. De quem foy filho. Sua morte fazendo guerra aos Gentios do Braſil, p. 174.
Fernaõ de Souſa de Caſtellobranco. Seu valor, p. 108.
D. Fernando de Vaſconcellos de Menezes. Arcebiſpo de Lisboa. Miniſtra as Benções aos Principes noivos, pag. 18, Miniſtra na exequias do Principe, pag. 34. E nas delRey D. Joaõ, p. 48. e 49. Faz por ſua alma hum Officio particular, ibi. Aſſiſte ao Auto da Acclamaçaõ delRey D. Sebaſtiaõ, e aceita os juramentos, p. 54. Jura por ſi, p. 55. Sua morte, p. 284.
Fernaõ Vieira. Seu valor, e acções, p. 196. 197. 218. 233. e 262.
Feſtas. Notaveis, com que a Cidade de Lisboa applaudio o caſamento dos Principes, p. 11. atè 20.
Fidalgos, Cavalleiros. Aſſinalados nas guerras da India, p. 100. Outros, que acompanharaõ a Lourenço Pires de Tavora em Tangere, e ſe ſingularizaraõ na guerra de Africa, p. 303. até 318.
Filhos. Quantos, e quaes foraõ os delRey D. Joaõ III. p. 1 e 2.
Fogo. O das Ilhas dos Aſlores foy eſpantoſo, p. 270. 291. 295. e 296.
Fomes. Em Portugal, p. 40. e 56. Na Bahia outra, p. 349.
Fontes, e aguadas. Extraordinarias do Portuguezes na India, p. 101.
Fòrma. Da entrega da Princeza Dona Joanna na Raya, p. 9. e 10.
Frades. De S. Franciſco. Em Mazagaõ animaõ os Chriſtãos com hum Crucifixo arvorado, a reſiſtir contra os Mouros, p. 233. e 251.
Francezes. Vaõ ao Braſil, pag. 158. Fortificaõſe, e armaõſe contra os Portuguezes, p. 159. Saõ expulſos por elles, pag. 164. até 166. Saqueaõ a Ilha da Madeira, p. 363.
Dona Franciſca Sardinha. Sua deſgraça, p. 105.
D. Franciſco. Rey de Bungo. Sua converſaõ, e Bautiſmo, p. 150. e 151. Favorece a Chriſtandade, ibi.
Franciſco Affonſo das Neves. Suas acçoens, p. 262.
D. Franciſco de Almeida. Soccorre a Cananor, p. 110.
Franciſco de Bairros. Seu esforço, em Mazagaõ p. 248. Governa eſta Praça, e p. 256. Aceita hum deſafio do Alcaide de Azamor, pag. 257. até 260.
Franciſco Barreto. Entrega o governo da India ao ſucceſſor, volta para o Reyno, e padece grandes trabalhos na viagem, p. 92. 93. 105. e 106. Pedra prodigioſa q̃ trouxe, ib.
Franciſco Barriga. Suas acçoens, e trabalhos, p. 227.
Franciſco Barroſo. Morre pelejando em Tangere, p. 317.
Franciſco Cabral. Da Companhia de Jeſus. Bautiza os Reys do Japaõ, p. 152.
Franciſco de Carvalho. Seu valor, e morte, p. 227.
D. Franciſco Coutinho. Conde do Redondo. Vay por ViſoRey á India, pag. 148. Parte para Calecut com huma Armada. p. 149. Soccorre Cananor, p. 150. Sua morte, ibi.
Franciſco da Cunha. Sua eſtancia, e valor na defenſa de Mazagaõ, pag. 204. 224. 230. 231. e 244.
Franciſco Dias. Sua morte, p. 336.
Franciſco Ferreira. Suas grandes forças, p. 255.
Franciſco de Figueiredo. Seu valor, p. 248.
Franciſco da Gama. Seus trabalhos, p. 227.
Franciſco Gomes Leitaõ. Achaſe na defenſa de Cota, p. 331.
Franciſco Henriques. Soccorre Mazagaõ, e moſtra ſeu valor, p. 245. e 250.

Franciſco de Macedo. Acçoens ſuas na India, p. 331.
D. Franciſco Maſcarenhas. Capitaõ mór de huma Armada, pag. 148. Soccorre a Cananor, p. 150. Vay contra a Rainha de Olala, p. 334.
D. Franciſco de Moura. Navega a Tangere, p. 303.
Franciſco de Moura. Suas acçoens, p. 248.
Franciſco Nicolao. Achaſe na defenſa de Mazagaõ, p. 231.
D. Franciſco de Noronha. Achaſe na defenſa de Cota, p. 331.
Franciſco Paes. Seu valor, p. 336.
Franciſco Portoçarrero. Capitaõ do ſoccorro que a Cidade de Lagos mandou a Mazagaõ, p. 189.
Franciſco Riſcado. Seu raro valor, p. 98.
Franciſco Romeiro. Primeiro Governador da Capitania dos Ilheos, p. 170.
Franciſco da Sylva. Faz grandes ſervicos a ElRey em Mazagaõ, p. 252.
Franciſco de Tavora. Seu valor em Tangere, p. 303. 314. 317. e 318.
S. Franciſco Xavier. Frutos de ſuas Miſſoens, p. 149. 151. e 152. Cõmove a bautizarſe ElRey de Bungo, ſeu grande amigo, ibi.
Franciſco Zoure. Capitaõ na defenſa de Mazagaõ, p. 231. Vay contra o Caldeira, p. 264.
Fulgencio Freire. Da Companhia de Jeſus. Seus grandes trabalhos, p. 103. e 104.
Fura. Monte de grandes Minas, e que tradiçaõ tem, p. 114.

G

DOm *Garcia.* Quando foy por ViſoRey á India, p. 39.
Garcia Rodrigues de Tavora. Governador de Damaõ. Reſiſte a Cide Mariaõ, e o vence, p. 149.
D. Gaſpar. Primeiro Arcebiſpo de Goa. Quem foy, p. 102. Convoca Concilio Provincial, p. 344.
Gaſpar Antunes. Seu valor, e acçõcs contra Mouros, p. 314.
Gaſpar Barboſa. Sua morte, p. 355.
Gaſpar de Brito. Seu eſforço na India, p. 328.
Gaſpar Caldeira. Sahe aggravado de Portugal, e porque, pag. 363. He prezo, e juſtiçado, p. 364. e 365.
Gaſpar Carvalho. Soldado valeroſo p. 150.
D. Fr. Gaſpar do Caſal. Quem foy, p. 44. e 45.
Gaſpar da Coſta. Sua morte, p. 228.
D. Gaſpar Coutinho. Suas grandes forças, p. 255.
Gaſpar da Cunha. Suas acçoens, p. 218. e 225.
Gaſpar Fernandes. Sua valentia, e morte, p. 228. e 255.
Gaſpar Gato. Seu valor, e trabalhos, p. 232.
Gaſpar Leite. Acçoens ſuas, p. 231. 246. 247. e 248.
Gaſpar Madeiros. Seus trabalhos na defenſa de Mazagaõ, p. 227.
Gaſpar de Magalhães. Soccorre Mazagaõ, p. 213.
Gaſpar de Mendonça. Suas acçoens, p. 218.
Gaſpar Pereira. Seu grande eſforço, p. 318.
Gaſpar Pereira de Lacerda. Achaſe na defenſa de Cota, p. 331.
Gaſpar Rodrigues. Sua morte, p. 228.
Gaſpar de Sarria. Quem foy, p. 53.
Gaſpar de Teive. Quem foy, p. 7.
Gaſpar Valente. Seus trabalhos, p. 227.
Gaſpar da Veiga. Suas acçoens, e trabalhos, p. 231.
Genulio. Cavalleiro Itente. Reprehende aos Portuguezes, p. 339.
D. Gil Annes. Sahe ferido de hum combate, p. 318.
Goa. Cidade. Cabeça do Eſtado da India. He ſublimada a Cathedral, p. 92. e 102.
Gomes Annes de Freitas. Seu animo, pag. 97.

Gomes . . acçoens, p. 205. 210. 221. e 232.
S. Gonçalo de Amarante. Sua Beatificaçaõ, p. 174.
D. Gonçalo de Caſtellobranco. Obra acçoens notaveis, p. 200. 210. 231.
Gonçalo Coelho. Deſcubridor dos Portos do Braſil, p. 158.
Gonçalo de Craſto. Sua glorioſa morte, p. 265.
Gonçalo Falcaõ. He criminado, occultaſe, e alcança perdaõ, p. 148.
Gonçalo Fernandes da Roſa. He cativo, p. 265.
Gonçalo Figueira. Navega a Tangere, p. 303.
Gonçalo Mendes de Brito. Seu valor, p. 318.
Gonçalo de Oliveira. Da Companhia de Jeſus, acompanha os Portuguezes na reſtauraçaõ do Rio de Janeiro, p. 351. e 352.
Gonçalo Pereira. Seu valor, p. 318.
Gonçalo Pereira Marramaque. Soccorre a Cananor. Seus ſucceſſos no mar, p. 327.
Gonçalo Ribeiro. Achaſe na defença de Mazagaõ, p. 231.
Gonçalo de Siqueira. Seu grande valor, p. 230.
O Padre Gonçalo da Sylveira. Seu eſpirito de profecia, p. 101. He martyrizado, p. 141.
Governo. Do Reyno. He entregue á Rainha, p. 51. Como foy dado ao Cardeal Infante, 277.

H

Dom Henrique. Infante Cardeal. Bautiza ao Principe D. Sebaſtiaõ, p. 32. He duas vezes propoſto para Papa, p. 77. Inſtitue o Concelho de Eſtado, p. 284. 285.
Henrique Moniz Barreto. Achaſe na guerra de Cota, p. 331.
Henrique de Sà. Soccorre Amboino, p. 149.
Herege. Inglez, q̃ ſe chamava Malaret. Comette hum grave ſacrilegio, pelo que foy queimado vivo, p. 21. até 23.
Hypolito Zuzarte. Seu raro valor, p. 250.

I

Afanapataõ. He acometida, e tomada dos Portuguezes, e deſamparada, e porque, p. 107. e 108.
Jeronymo Belo. Acçaõ ſua notavel, p. 199.
Jeronymo Botelho. Suas acçõesp. 248.
Jeronymo Dias de Azevedo. Capitaõ de hum navio, peleja com tres de Mouros, p. 150.
Jeronymo Peſtana. Seu valor, p. 231.
Padre Ignacio de Azevedo. Quem foy, p. 354. Aceita a fundaçaõ do Collegio do Rio de Janeiro, p. 357.
Ilhas. A da Madeira he ſaqueada, e deſtruida, p. 363. A de S. Miguel. Seus grandes tremores de terra, p. 290. até 296. A de S. Jorge, e do Pico. Padecem os meſmos terramotos, p. 269. e 270. Sua deſcripçaõ, ibi.
Ilheos. Succeſſos deſta Capitania, p. 167. e 168. Sua deſcripçaõ. p. 169. e 170.
Imagem. Da Virgem noſſa Senhora, que o Padre Gonçalo da Sylveira levou a Monomotapa. Fala ao Emperador, p. 138.
Indios. Braſilicos. Sua converſaõ, p. 160. Caſtigos que foraõ dados a alguns rebeldes, p. 161. e 162. Seu cativeiro, p. 349. Aymorés. Sua noticia. Sahem de ſuas brenhas cõtra os Portuguezes, e ſaõ por elles vencidos, p. 166. 167. e 168. Pedem paz, e aceitaõ Leys do Governador, p. 168. Tamoyos. Revelaõſe contra os Portuguezes, e lhe fazem guerra, p. 158. 164. até 172. Saõ vencidos pelos noſſos, p. 351. até 155. e 358. até 360. Tupis. Aſſaltaõ a Villa de Piratininga, e ſaõ rechaçados milagroſamen-

mente, p. 172. Caactes. Porque foraõ julgados por escravos, p. 350.
Inquisiçaõ. Na India, e seus primeiros Ministros, p. 105. e 274.
Instrucçaõ. Que ElRey D. Joaõ III. deu aos Conductores da Princeza sobre a fórma da entrega, p. 7.
Rainha Dona Joanna. De Castella. Foy mãy da Rainha Dona Catharina, p. 9.
Princeza Dona Joanna. Mãy delRey D. Sebastiaõ. Summario da sua vida, p. 37.
Dona Joanna Deça. Quem foy, pag. 32. 53. e 64.
D. Joaõ III. Sua morte, e circunstancias, p. 44. até 47. Manda povoar o Brasil. p. 158. e 170.
Principe D. Joaõ. De quem foy filho, p. 2. Sua morte, e sepultura, p. 25. e 26.
D. Joaõ I. Faz guerras aos Mouros, e lhe toma Ceuta, p. 184.
D. Joaõ. Duque de Bragança. Com quem casou, p. 362.
Joaõ Bolès. E outros Hereges Francezes saõ convencidos, e castigados, p. 163. e 164.
D. Joaõ de Lancastre. Quem foy, e que cargo teve, p. 5.
D. Joaõ de Mello. Arcebispo de Evora, p. 284.
Joaõ de Mendoça. Governa o Estado da India, p. 324.
D. Joaõ de Menezes. Governa a Praça de Tangere. p. 318.
D. Joaõ de Noronha. Soccorre a Praça de Baharem, p. 99.
D. Joaõ Nunes Barreto. Patriarcha da Ethiopia. Sua morte, p. 346.
Joaõ Pereira Dantas. Vay por Embaixador a França, p. 364.
Joaõ Riscado. Suas acçoens na defensa de Mazagaõ, p. 215. atê 218. 224. 234. 251. 255.
Joaõ da Sylva Pereira. Soccorre Malaca, p. 327.
D. Fr. Joaõ Soares. Sua Dignidade, e cargos, p. 5.
S. Jorge. Favorece os Portuguezes, em hum combate, p. 264.
Isidoro de Almeida. Obra milagres de valor, p. 213. 216. 228. 241. 244. 249. e 252.

L

Lourenço Pires de Tavora. Quem foy, e seus grandes serviços, p. 75. 3. 4. 6. 7. 68. 76 até 86. 274.
Infante D. Luiz. Acçoens suas, pag. 11. 16. 32. 35. 36. 41. e 43.
Luiz de Mello da Sylva. Suas acçoens, p. 92. 93. 96. atè 98. 102. 107. 110. e 111.
Santa Luzia. Favorece aos Portuguezes, p. 263.

M

Malaca. He sublimada a Cathedral, p. 102. He fortemente apertada com guerra por ElRey do Aquem, e defendida pelos Portuguezes, p. 335. e 336.
Maluco. Quando foy cercada, p. 39.
D. Manoel. Rey de Portugal. Cidades, que em seu tempo se tomaraõ aos Mouros, p. 184.
Manoel. Homem principal de Amboino. Detem o tumulto daquella Ilha, p. 149.
D. Manoel de Almada. Foy Bispo das Ilhas, p. 296.
D. Manoel de Noronha. Sua desastrada morte, p. 334.
Manoel Rodrigues Coutinho. Capitaõ de Punicale. Seu valor, p. 104. Governa a Ilha de Manar, p. 109.
Manoel Rodrigues de Freixo. Socorre Mazagaõ, p. 198.
Manoel de Vasconcellos. Capitaõ mór de Maluco. Suas acçoens, p. 111.
Dona Maria. Rainha de Hungria. Quem foy, p. 62. e 72.
Dona Maria. Infanta, irmãa delRey D. Joaõ III. Noticias suas, p. 15. 24. e 45. Visita a Rainha sua mãy em

Badajós, p. 69. Escreve ao Emperador, pag. 74. Como soccorria Mazagaõ, p. 222. Outras acções suas, p. 362.

Senhora Dona Maria. De quem foy filha, e com quem casou, p. 361.

Martim Affonso de Sousa. Tamoyo convertido. Seu raro valor, p. 258.

D. Martinho de Castellobranco. Defende valerosamente a Fortaleza de Columbo, p. 329.

Mazagaõ. Porque se conserva no dominio de Portugal, pag. 184. He fortemente acometida pelos Mouros, e valerosamente defendida pelos Portuguezes. Successos notaveis desta guerra, p. 188. atè 253. Sua descripçaõ, p. 193. e 194. Sua defensa foy julgada por impossivel pag. 206.

Mem de Sà. Terceiro Governador do Brasil. Seu grande talento, pag. 159. Suas acções, p. 160. 164. 166. 168. 169. 174. 349. 350. 354. 355. 357. e 358.

Memorial. Del Rey D. Sebastiaõ, 372.

Menino santo. De Goa, seu martyrio p. 157. Outro prodigioso em Mazagaõ, p. 260.

Minas. De ouro, e prata em Monomotapa, p. 114. e 115.

Ministros. Do Graõ Turco. Pedem paz ao ViseRey da India, p. 331.

Monomotapa. Sua descripçaõ, e particularidades, p. 112. até 118. 127.

Mulher. A que avisou o Capitaõ de Cota de hum grande perigo he reputada por Anjo, pag. 330. As de Mazagaõ como se portaraõ no cerco, p. 329.

N

Nao. De Aventureiros armados contra o Caldeira, p. 364. Nao Chagas. Sua grande felicidade, e porque, p. 146.

Nicolao Vilhagailhon. Cavalheiro Francez. Apoderase do Rio de Janeiro, p. 158. 159. 163. He vencido, e despojado da Fortaleza, 166.

Nossa Senhora da Luz. Favorece aos Portuguezes contra os Mouros, p. 268. Obra o mesmo favor em Cota, p. 331. E no Rio de Janeiro, p. 352.

Nuncio. Do Papa neste Reyno. Acõpanha os Principes á Sê, e lhe concede Indulgencias, p. 16. e 10.

Nuno Furtado de Menaoça. Escreve a sua mulher huma carta notavel, p. 308.

Nuno Pereira. Seu valor, p. 199. e 200. Sua lastimosa morte, p. 211.

O

Oraçoens, e Preces. Que se faziaõ a Deos pelo nascimento delRey D. Sebastiaõ, p. 28. e 29.

Ordem. Da Companhia de Jesus. Pedem os Povos, que naõ haja em cada Casa mais que doze Padres, pag. 278.

P

Papa. Paulo III. Convoca o Concilio de Trento, para reformaçaõ da Igreja Catholica, p. 180.

Papa. Paulo IV. Manda huma letta de S. Sebastiaõ a ElRey D. Sebastiay, p. 32. Sua morte, p. 76. Cria os Bispados de Cóchim, Malaca, e o Arcebispado de Goa, p. 102. 174.

Papa. Pio IV. Sua eleiçaõ, pag. 77. Sua benevolencia para com Portugal, ibi até 86. Estimaçaõ que faz do Embaixador deste Reyno, p. 82. até 86. Encarregalhe gravissimos negocios, pag. 85. Continùa, e dá fim ao Concilio de Trento, p. 181. e 183. Escreve a ElRey de Portugal, p. 84. E ao Arcebispo de Goa, p. 150. Beatifica a S. Gonçalo Portuguez, p. 274. Concede a ElRey D. Sebastiaõ hum subsidio, p. 297.

Escrevelhe ácerca de Lourenço Pires, e lhe concede Indulgencias, p. 304. e 305.
Papa. S. Pio V. Escreve ao Viso-Rey da India em favor da Religiaõ Christãa, e dos Missionarios, pag. 344. Ordena que o Patriarcha da Ethiopia vá para o Japaõ, p. 346.
D. Pedro Fernandes Sardinha. Primeiro Bispo do Brasil, p. 350.
D. Pedro Leitaõ. Segundo Bispo do Brasil. Suas partes, e virtudes, p. 163. Sua resoluçaõ, p. 349. Acompanha os Conquistadores do Rio de Janeiro, p. 354.
Portugal. Sua prosperidade, e declinaçaõ, p. 38. e 39.
Portuguezes. Suas heroicas acçoens na Abbassia, p. 99. 104. Em Baharem, p. 100. Em Jafanapataõ, pag. 107. 108. Em Surrate, p. 111. Em hum encontro maritimo, p. 150. No Brasil, p. 162. 165. 168. 173. e 352. 361. Em Mazagaõ, p. 223. até 268. Em Tangere, p. 306. 313. até 318. Em Cota, p. 330. Em Malaca, p. 336. Louvor que lhe deu o Soldaõ de Cambaya, p. 207.
Povos de Portugal. Soccorrem a ElRey com huma grande somma de dinheiro, p. 40.
Praticas. Do Doutor Antonio Pinheiro, pag. 53. De D. Aleixo de Menezes, p. 319. 367.
Pranto. Muito doloroso, por ElRey D. Joaõ III. p. 46.
Preste Joaõ. Ou Emperador da Abbassia. Acompanhado dos Portuguezes vence a seus inimigos, p. 99.
Privilegios. Que gozaõ os Portuguezes em Monomotapa, p. 115.
Procissoens De Preces, p. 23. até 25.

Q

Queixas. DelRey de Portugal ao Emperador, e a Inglaterra, p. 299. até 302. Outras, p. 150. 325. e 326.

R

Raynuncio Farnesio. Principe de Parma. De quem foy filho, e como pertendeo o Reyno de Portugal, p. 362.
Reys de Portugal. Favores com que correspondem ao amor dos Vassallos, p. 208. e 209.
Reliquias. De S. Sebastiaõ, que estaõ em Lisboa, p. 31. e 32.
Ruy de Sousa de Carvalho. Capitaõ mór de Mazagaõ. Como se houve para o cerco, que os Mouros lhe queriaõ pór, p. 185. 186. 189. Resposta que deu a hum recado do General dos Mouros, p. 190. Suas notaveis acçoens, p. 261. e 262.

S

Sabà. Rainha. Onde se diz que reynou, p. 114.
Salamaõ. Onde se diz que mandava buscar ouro para o Templo, p. 114.
Salvador Correa de Sà. He feito Capitaõ mór da Armada, e guerra do Rio de Janeiro, p. 355. Acçoens suas memoraveis, p. 358. 359. atè 361.
Rey D. Sebastiaõ. He seu nome escrito na Confraria de Jesus antes de nascer, p. 29. Seu nascimento, e Bautismo, p. 30. e 32. Acçaõ sua notavel sendo de dous annos, p. 43. He acclamado Rey, p. 52. até 56. O que passa com hum Ermitaõ, p. 90. Como se houve no casamento da Senhora Dona Maria, p. 362.
Senado Romano. Estimaçaõ que faz do Embaixador de Portugal, p. 85.
Sinaes. Que precederaõ ao nascimento delRey D. Sebastiaõ, p. 27. 29.
Solenidade. Com q̃ ElRey D. Pedro I. fez Conde a hum seu valido, p. 62.
Sumilhercs. Quem foraõ os delRey D. Sebastiaõ, p. 59.

T

Tangere. Cidade de Africa. Por quem foy conquiſtada, p. 184. Seus ſucceſſos notaveis governandoa Lourenço Pires de Tavora, p. 305. até 318.
D. Theodozio. Duque de Bragança, pag. 36.
S. Theotonio. Apparece a hum Religioſo no Convento de Santa Cruz de Coimbra, p. 29.
S. Thomè. Cidade. He acometida por ElRey de Biſnagá com formidavel poder, p. 95. Fundaſe o primeiro Templo ao primeiro Apoſtolo da India, p. 146.
Thomè de Souſa. Primeiro Governador da Provincia do Braſil, e fundador da Cidade da Bahia, p. 158.
Touro. Cidade do Reyno de Leaõ. Celebraſe aqui o caſamento dos Principes de Portugal, p. 3.
Tribunal. Da Meſa da Conſciencia. He conſultado ácerca dos eſcravos do Braſil, p. 349.
Triſtaõ de Mendoça. Soccorre a Damaõ, e faz retirar o inimigo, p. 331.
Triſtaõ Vaz da Veiga. Soccorre a Fortaleza de Balſar, p. 103. Seu valor, e aççoens, p. 231.

V

Valor. Notavel o dos Portuguezes, p. 100. 150. 165. 166. O de algumas mulheres que morreraõ pela Fé de Chriſto, 157. 171.
Vaſco da Cunha. Seu valor, e acçõcs p. 219. 233.
Vaſco Fernandes Coutinho. Senhor da Capitania do Eſpirito Santo. Pede ſoccorro ao Governador do Eſtado do Braſil, contra o Gentio, e que ſucceſſo teve, p. 174.
Vaſco Fernandes Homem. Suas notaveis acçoens, pag. 201. 209. 218. 224. 233.
Vaſco de Freitas. Seus rigoroſos procedimentos em Amboino cauſaõ muitas revoltas, e morte de muitos Chriſtãos Novos, p. 149.
D. Vaſco da Gama. Quem foy, p. 39.
Vereadores de Lisboa. Que pegaraõ na varas do Paleo quando os Principes foraõ á Sé. Quem foraõ, p. 17.
Verſos ſentencioſos. Que a Rainha Dona Catharina deu a ElRey ſeu neto, p. 371.
S. Vicente. Capitania do Braſil. Seus varios ſucceſſos, pag. 163. 170. e 174.
Vicente Alvres Ribeiro. Seu valor, pag. 227.
Vicente Carvalho. Seu valor, e acçoens, p. 203. He prezo em Goa, pag. 104. Achaſe em Mazagaõ, e evita hum grave deſaſtre, p. 234.
Viſaõ. Admiravel, que teve hum Religioſo em Santa Cruz de Coimbra p. 29. Outra do Eſpirito Santo em Cananor, p. 98. Outra da Virgem noſſa Senhora, e S. Joſeph em favor dos Portuguezes, p. 330. 331. Outras muito eſpantoſas, que teve a Princeza Dona Joanna, p. 27. 28.
Uſo. Ou ceremonia, que ſe obſervava no beijamaõ dos Duques a ElRey, e aos Principes, p. 7. e 36.

FINIS LAUS DEO.